Autora bestseller de *Solstício de Inverno*



ROSAMUNDE PILCHER

Seu cativante bestseller número um

Os Catadores de Conchas



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

“Os catadores de conchas” é o 13º livro de Rosamunde Pilcher e, sem a menor sombra de dúvidas, seu melhor romance.

Assim que foi lançado, em 1988, na Inglaterra, conquistou o público leitor e continua até hoje, com sucesso absoluto, na lista dos best sellers da revista americana Publishers Weekly e do The New York Times Book Review.

Penelope Keeling, personagem central do romance, é filha de um pintor vitoriano idoso e de uma jovem francesa, liberal e independente. “Os catadores de conchas” é o livro que conta a vida de Penelope: a história de uma mulher parecida com milhares de outras mulheres. E é exatamente a sua vida tão comum e igual à de qualquer mulher que torna este romance tão atraente.

Com altos e baixos, Penelope foi feliz por ter sido uma filha amada, e infeliz a por ter-se casado com o homem errado. Encontrou mais tarde o verdadeiro amor, mas as tragédias e problemas ocasionados a por esse encontro deixaram marcas profundas. Teve três filhos — Nancy, Olivia e Noel, cada um com seu mundo estruturado, intransponível, com suas desilusões e alegrias.

É nesse universo que o leitor vai penetrar, envolvendo-se com uma mulher vigorosa, firme e bela. Ao longo de 6OO páginas, O mundo de Penelope arrebatará o leitor de tal maneira, que será impossível não se envolver com o destino da família Keeling.

Como declarou a autora, "senti que me coloquei inteira no livro e que morri no instante em que acabei de escrevê-lo". A saudade de se despedir de Penelope ao final da leitura de “Os catadores de conchas”, inevitavelmente, todos os leitores irão sentir.

"Uma história profunda, escrita com amor e confiança”.

The New York Times Book Review

"Uma história linda, arrebatadora..."

Prima

"Seu talento é criar personagens que você realmente apreciará.”

Daily Express

"Uma saga sedutora... esplêndida."

The Mail on Sunday

ROSAMUNDE PILCHER nasceu em 1924 e foi encorajada a escrever desde pequena. Quando estourou a II Guerra Mundial, ela estava com 15 anos. Terminou os estudos, trabalhou durante um ano no Serviço Naval Real, onde serviu em Portsmouth e em Trincomalee. Durante esse tempo começou a escrever seriamente e, quando já estava com 18 anos, sua primeira história Woman and Nome foi publicada. No fim da guerra, encontrou Graham Pilcher, com quem se casou e mudou-se para a Escócia onde vive até hoje. Tiveram quatro filhos e oito netos.

Rosamunde Pilcher escreveu sem parar durante todos esses anos para revistas, e publicou 13 livros. Seu maior desejo sempre foi publicar um "grande livro". Finalmente, a oportunidade chegou e o resultado foi triunfante com “Os catadores de conchas”.

Da mesma autora

O Carrossel
Com Todo Amor
O Dia da Tempestade
Flores na Chuva
O Quarto Azul
O Regresso
Setembro
Sob o Signo de Gêmeos
O Tigre Adormecido
Victoria
Vozes no Verão

Rosamunde Pilcher

Os Catadores de Conchas

Tradução
Luísa Ibafiez

25ª Edição

BERTRAND BRASIL

Copyright (C) 1987 by Rosamunde Pilcher
Título original: The Shell Seekers
Capa: Felipe Taborda (sobre fundo criado por Leopoldo Blonder, Viena, 1900)

2001
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Pilcher. Rosamunde. 1924-
P686c "Os catadores de conchas" /Rosamunde Pilcher, tradução Luísa Ibañez
25ª ed. — 25ª ed. — Rio de Janeiro; Bertrand Brasil. 2001.
630p.
Tradução de: The she1l seekers

ISBN 85-286-0111-0

1. Romance escocês. I. Ibañez, Luísa. II. Título.
CDD — 828.99113
96-2059 CDU — 820(411)-3

Todos os direitos reservados pela:
BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A.
Av. Rio Branco, 99 — 20º andar — Centro
20040-004 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (021) 263-2O82 Fax: (021) 263-6112
Av. Paulista, 2073 — Conj. Nacional — Horsa I — Salas 1301/2
01311-300 — São Paulo — SP
Tel.: (011) 285-4941 e 251-2377 Fax: (011) 285-5409 e 287-6570

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios,
sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Agradecimentos pela permissão da citação de trechos de "Where or When", de Richard Rodgers e Lorenz Hart. Copyright (C) 1937 de Chappell & Co., Inc. Copyright renovado. Assegurado a International Copyright. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Agradecimentos pela permissão de citação de trechos de "You're the Top" e "I Get a Kick Out of You", de Cole Porter. Copyright (C) 1934 da Warner Bros. Inc. (renovado). Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Trechos de "Autumn Journal" de Luis MacNeice, reimpressos por permissão de Faber and Faber Ltd. extraídos de The Collecled Poems of Louis MacNeire.

Este livro é para meus filhos e os filhos deles.

Prólogo

O táxi, um antigo Rover recendendo a fumaça velha de cigarros, rodava pela solitária estrada rural, em marcha indolente. Era começo de tarde, já final de fevereiro, um mágico dia de inverno de céu pálido e sem nuvens, envolto em gélida e cortante friagem. O sol brilhava, produzindo sombras alongadas, apesar do pouco calor, e os campos arados pareciam duros como ferro. Das chaminés das casas de fazenda dispersas e dos pequenos chalés de pedra, a fumaça subia alto, em uma coluna reta no ar parado, enquanto bandos de ovelhas, pejadas de lã e em incipiente prenhez, reuniam-se ao redor de gamelas entulhadas de feno fresco.

Sentada no banco traseiro do táxi, Penelope Keeling olhava através do vidro empoeirado da janela, concluindo que a familiar paisagem rural jamais lhe parecera tão bela.

A estrada possuía curvas íngremes; mais adiante, uma placa indicava a estradinha que levava a Temple Pudley. O motorista diminuiu a marcha e, executando uma penosa manobra, entrou na curva, sacolejando colina abaixo, entre sebes altas e cerradas que ocultavam a visão da paisagem. Pouco depois, entravam na aldeia, com suas casas construídas com pedra dourada das Cotswolds, a loja de jornais e revistas, o açougue, o pub "The Sudeley Arms" e a igreja — recuada da rua, por trás de um vetusto cemitério e da escura folhagem de alguns teixos, adequadamente sombrios. Havia poucas pessoas por ali. As crianças estavam na escola, e a temperatura frígida mantinha o resto dos moradores dentro de casa. Apenas um velho, de luvas e cachecol, levava seu idoso cão para passear.

— Qual é a casa? -perguntou o motorista do táxi, olhando por sobre o ombro.

Ela se inclinou para a frente, ridiculamente excitada e ansiosa.

— Fica um pouquinho mais à frente. Depois da aldeia. São os portões brancos à direita. Estão abertos. Veja! Chegamos!

O motorista atravessou os portões e parou o carro nos fundos da casa.

Ela abriu a porta do carro e saltou, aconchegando contra o corpo a pelerine azul-escura, para proteger-se do frio. Abrindo a bolsa, encontrou a chave e foi abrir aporta. Às suas costas, o motorista do táxi abriu o porta-malas e retirou de lá uma pequena valise. Penelope se virou para apanhá-la, porém o homem continuou a segurá-la, preocupado.

— Não há ninguém aqui para recebê-la?

— Não. Ninguém. Vivo sozinha e todos acham que ainda estou no hospital.

— Está tudo bem com a senhora?

Ela sorriu para o rosto amistoso do motorista. Era um homem bastante jovem, de cabelos espessos e claros.

— E claro que sim.

Ele vacilou, não desejando parecer presunçoso.

— Se quiser, posso levar sua valise para dentro. Para o andar de cima, se for preciso.

— Oh, é muita gentileza sua, mas eu me arranjo.

— Não é trabalho algum — insistiu ele, seguindo-a à cozinha.

Penelope abriu uma porta e o guiou pelos estreitos degraus do chalé. Tudo estava clinicamente limpo. A Sra. Plackett, que Deus a abençoasse, não perdera tempo durante os poucos dias de ausência de Penelope. Ela até gostava quando Penelope se ausentava, por que podia entregar-se a tarefas como lavar a tinta branca dos corrimãos e balaústres da escada, ferver as flanelas e polir o que houvesse em prata e latão.

A porta de seu quarto estava aberta. Ela entrou, e o rapaz a seguiu, com a valise na mão.

— Há algo mais que eu possa fazer? — perguntou ele.

— Em absoluto. Muito bem, quanto lhe devo?

Ele lhe disse, parecendo constrangido, como se aquilo fosse vergonhoso. Ela pagou, mandando-o ficar com o troco. Ele agradeceu, e os dois desceram a escada.

Não obstante, ele continuou por ali, parecendo relutar em ir embora. Penelope disse para si mesma que talvez o rapaz tivesse alguma avó por quem sentisse a mesma espécie de responsabilidade.

— A senhora acha que estará bem, então?

— Eu lhe garanto que sim. Minha amiga, a Sra. Plackett, virá amanhã. Assim, não ficarei mais sozinha.

Por algum motivo, isto o tranqüilizou.

— Bem, vou indo.

— Adeus. E obrigada.

— Não tem de quê.

Assim que ele foi embora, Penelope tornou a entrar pelos fundos e fechou a porta. Estava só. Que alívio! Em casa. Em sua casa, entre seus bens, em sua cozinha. O aquecedor Aga, alimentado a óleo, fervilhou pacificamente para si mesmo e tudo ficou beatificamente cálido. Ela abriu os prendedores da pelerine

e a deixou cair no encosto de uma poltrona. Uma pilha de correspondência descansava sobre a mesa imaculadamente limpa, e Penelope a vistoriou — ali parecia nada haver de vital e interessante. Abandonando a correspondência, cruzou a cozinha e abriu a porta envidraçada que dava para a sua estufa. A idéia de suas preciosas plantas, talvez agonizando de frio ou de sede, a tinha preocupado um pouco durante os últimos dias, porém a Sra. Plackett cuidara delas, como cuidara do resto. A terra nos vasos estava úmida e argilosa, as folhas, viçosas e verdes. Um prematuro gerânio exibia uma coroa de pequeninos botões, e os jacintos haviam crescido pelo menos sete centímetros. Além dos vidros, ficava o seu jardim crestado pelo inverno, as árvores desfolhadas e negras compondo um rendilhado contra o céu pálido, porém havia anêmonas brotando através da turfa musgosa debaixo do castanheiro, e surgiam as primeiras pétalas dourado-amanteigadas dos acônitos.

Saindo da estufa, ela subiu para o andar superior, pensando desfazer a valise mas, em vez disto, entregou-se à pura alegria de estar novamente em casa. Vagou de um lado para outro, abrindo portas, inspecionando cada quarto, espiando de cada janela, tocando os móveis, ajeitando uma cortina. Nada havia fora do lugar. Nada mudara. Novamente no andar térreo e na cozinha, ela recolheu suas cartas, atravessou a sala de refeições e entrou na de estar. Ali estavam seus bens mais preciosos: sua secretária, suas flores, seus retratos. A lenha fora arrumada na lareira. Penelope acendeu um fósforo e ficou de joelhos, para alcançar o jornal. A chama tremulou. Os gravetos secos incendiaram-se e estalaram. Ela empilhou os troncos, e as chamas elevaram-se chaminé acima. Agora, a casa estava viva outra vez e, com esta pequena e agradável tarefa encerrada não havia mais qualquer justificativa impedindo que telefonasse para um de seus filhos e contasse o que havia feito.

Certo, mas qual deles? Sentada na poltrona, considerou as alternativas. Deveria ser Nancy, naturalmente, porque era a mais velha e a que gostava de imaginar-se inteiramente responsável pela mãe. Nancy, no entanto ficaria chocada, tomada de pânico. Não pouparia censuras. Penelope concluiu que ainda não se encontrava suficientemente forte para enfrentar Nancy.

Noel, então? Talvez. como o homem da família, ele tivesse o direito de ser informado em primeiro lugar. Entretanto, a idéia de esperar algum tipo prático de ajuda ou conselho da parte dele era tão hilariante, que Penelope se viu sorrindo. "Noel, eu me dei alta do hospital e voltei para casa.” A resposta dele a tal tipo de comunicação provavelmente seria: "É mesmo?"

Em vista disto Penelope fez aquilo que, o tempo todo sabia que acabaria fazendo. Estendeu a mão para o telefone e discou o número do escritório de Olivia, em Londres.

—Venus.

A telefonista parecia cantarolar o nome da revista.

— Pode me ligar com Olivia Keeling. por favor?

— Um momento.

Penelope aguardou.

— Secretária da Srta. Keeling.

Conseguir falar com Olivia era algo mais ou menos semelhante a ter uma conversinha com o Presidente dos Estados Unidos.

— Eu gostaria de falar com a Srta. Kelling, por favor.

— Sinto muito, mas a Srta. Kelling está em reunião.

— Isto significa que está sentada à mesa da diretoria ou em seu gabinete?

— Ela está em seu gabinete... — a voz da secretária soou desconcertada, mas acrescentou: porém em companhia de uma pessoa.

— Interrompa-a, por favor. Quem fala é a mãe dela, o que quero dizer à srta. Kelling é importante.

— Não... não pode esperar?

— Nem um minuto — declarou Penelope com firmeza. — De qualquer modo, não será demorado.

— Está bem.

Outra espera. Então, finalmente Olivia.

— Mamma?

— Desculpe se a incomodo.

— Mamma! Há algo errado?

— Não, não há nada errado.

— Oh, graças a Deus! Está ligando do hospital?

— Não. Estou ligando de casa.

— De casa? Quando foi que voltou para casa?

— Mais ou menos às duas e meia desta tarde.

—Ora, mas eu pensei que iam deixar você no hospital durante uma semana, pelo menos!

— Era o que eles pretendiam, mas fiquei terrivelmente entediada, absolutamente exausta. Não dormia um minuto à noite, na cama ao lado da minha havia uma velha que não parava de falar. Não, falar não é bem o termo. Ela esbravejava, pobre alma. Então disse ao médico que não suportava mais um minuto daquilo, arrumei a mala e vim embora.

— Você mesma se deu alta! — exclamou Olívia, parecendo resignada, mas nem um pouco surpresa.

— Exatamente. Nada há de errado comigo. Assim, tomei um ótimo táxi com um excelente motorista, e ele me trouxe para casa.

— E o médico protestou?

— Em alto e bom tom, mas não havia muito o que ele pudesse fazer a respeito.

— Oh, mamma! — Havia riso na voz de Olivia. — Você é mesmo travessa! Eu já me dispunha a reservar este fim de semana para uma visita hospitalar... Sabe como é, levar quilos de uvas para você e comê-las todas eu mesma...

— Poderá vir aqui — disse Penelope. no mesmo instante desejando não ter dito, para não dar impressão de melancólica e solitária. De qualquer modo, soou como se precisasse da companhia de Olivia.

— Bem... se você se sente mesmo em forma, adiarei um pouquinho a visita. No momento, estou com um fim de semana ocupadíssimo. Escute, mamma, já falou com Nancy?

— Não. Pensei em ligar para ela, mas acovardei-me. Sabe como é espalhafatosa, Ligarei amanhã de manhã, quando a Sra. Plackett estiver aqui. Então, nossa conversa terá que ser mais comedida.

— Como está se sentindo agora? Diga a verdade.

— Perfeitamente bem. Exceto que, como já falei, fiquei com o sono atrasado.

— Não está exagerando, está? Quero dizer, não foi direto ao jardim, começando a cavar trincheiras ou derrubando árvores?

— Não vou fazer nada disso. Prometo. De qualquer modo, o solo está duro como ferro. Não conseguiria enfiar uma pá na terra.

— Graças a Deus por pequeninas coisas! Escute, mamma, preciso desligar agora. Tenho um colega comigo, aqui no escritório...

— Eu sei. Sua secretária já me disse. Lamento ter incomodado, mas queria contar a você o que aconteceu.

— Fico satisfeita. Ligue de novo para mim, mamma, e alegre-se um pouquinho.

— Está bem. Adeus, minha querida.

— Adeus, mamma.

Penelope desligou, tornou a colocar o telefone sobre a mesa e recostou-se na poltrona.

Agora, nada mais havia a ser feito. Percebeu que estava muito cansada, porém era um cansaço suave, acalentado e confortado por tudo que a cercava, como se sua casa fosse uma pessoa carinhosa, que a abraçasse com ternura. Na sala aquecida, com a lareira acesa e a funda poltrona familiar, ela se percebeu surpresa, impregnada pelo tipo de felicidade irracional que há anos não sentia. Deve ser porque estou viva. Tenho sessenta e quatro anos e, se devo crer

naqueles médicos idiotas, sofri um ataque cardíaco. Ou qualquer coisa assim. Sobrevivi, agora isso ficou para trás, e não falarei mais a respeito, nunca mais. Nem pensarei. Porque estou viva. Posso tocar, ver, ouvir, cheirar, saborear; cuidar de mim mesma; deixar o hospital por vontade, pegar um táxi e voltar para casa. Há anêmonas brotando no jardim, e a primavera está a caminho. Eu a verei. Testemunharei o milagre anual, sentirei o sol começar a ficar mais quente à medida que as semanas passarem. E, porque estou viva verei tudo isto acontecer e serei parte do milagre.

Recordou a história do querido Maurice Chevalier. "Qual a sensação de estar com setenta anos?", perguntaram a ele. "Não é tão ruim", respondera Chevalier, "se a gente considerar a alternativa."

Para Penelope Keeling, no entanto, a sensação era mil vezes melhor do que apenas "não tão ruim". Agora, viver se tornara não a simples existência que a pessoa tinha como garantida, mas um prêmio, uma dádiva, com cada dia ainda por vir, transformado em uma experiência a ser saboreada. O tempo não duraria para sempre. Não desperdiçarei um só momento, prometeu a si mesma. Jamais se sentira tão forte, tão otimista. Era como se voltasse a ser jovem, desabrochando, e algo maravilhoso estivesse prestes a acontecer.

1. Nancy

Às vezes Nancy Chamberlain achava que a mais rotineira ou inocente ocupação estava condenada, inevitavelmente, a tornar-se carregada de tediosa complicação.

Como, por exemplo, naquela manhã. Um dia enfadonho, em meados de março. Tudo quanto ela estava fazendo... tudo quanto planejava fazer... era tomar o trem das 9:15 de Cheltenham para Londres, almoçar com sua irmã Olivia, talvez dar uma voltinha pelo Harrods e depois voltar para casa. Afinal de contas, nada havia de particularmente abominável em sua pretensão. Não iria se entregar a uma feroz orgia de compras e nem tampouco ter um encontro com um amante; aliás, muito pelo contrário, seria uma visita por dever, com responsabilidades a serem discutidas, e decisões a serem tomadas. Não obstante, mal seu plano se tornava conhecido em casa, as circunstâncias pareciam cerrar fileiras, ela se via enfrentando objeções ou, pior ainda, indiferença. Isto a deixava com uma sensação de que lutava pela própria vida.

Ao anoitecer da véspera, após ter marcado por telefone o encontro com Olívia, saíra à procura dos filhos. Encontrara-os na pequena sala de estar que, eufemisticamente, ela considerava a biblioteca, esparramados no sofá em frente à lareira, assistindo à televisão. Eles tinham uma sala de brinquedos e uma televisão própria, porém, como lá não havia lareira, o frio era de gelar os ossos, e a televisão, um antigo modelo em preto e branco. Portanto, não era de estranhar que eles passassem aqui a maior parte do tempo.

— Queridos, amanhã terei que ir a Londres, encontrar tia Olívia e conversar com ela sobre a vovô Pen...

— Se você for a Londres, quem vai levar Relâmpago ao ferreiro, para ser ferrado?

Melanie era quem havia falado. E, enquanto falava, mascava a extremidade de seu rabo-de-cavalo e mantinha um maléfico olho grudado no maníaco cantor de rock, cuja imagem ocupava toda a tela. Estava com quatorze anos e, como sua mãe vivia dizendo a si mesma, atravessando aquela idade difícil.

Nancy já esperava a pergunta e tinha a resposta pronta.

— Pedirei a Croftway que cuide disso. Ele conseguirá dar um jeito sozinho.

Croftway era o carrancudo jardineiro e faz-tudo, que vivia com a esposa

em um apartamento sobre o estábulo. Odiava cavalos e constantemente os deixava frenéticos, com sua voz roufenha e maneiras brutais, embora parte de seu trabalho fosse lidar com eles. Croftway cumpria essa obrigação a contragosto; com os beiços espumando, os pobres animais eram introduzidos à força no carro de transportar cavalos e, em seguida, conduzidos no desajeitado veículo através da zona rural, ao encontro de vários eventos em clubes eqüestres. Em tais ocasiões, Nancy referia-se a ele como "o cavalariço".

Rupert, com onze anos, agarrou-se ao tom do diálogo, a fim de oferecer sua própria objeção.

— Falei com Tommy Robson que iria tomar chá com ele amanhã. Ele tem algumas revistas de futebol e disse que me emprestaria. Como vou poder voltar para casa?

Era a primeira vez que Nancy ouvia falar naquele compromisso. Recusando-se a perder a calma, sabia que uma sugestão para mudar o dia da visita provocaria instantaneamente uma estridente inundação de argumentos e gemidos de "isso não é justo". Engolindo a irritação, respondeu, o mais educadamente possível, que talvez ele pudesse pegar o ônibus para casa.

— Oh, mas então vou ter que caminhar desde a aldeia.

— Bem, são apenas uns quinhentos metros — ela sorriu, procurando tirar o melhor partido da situação. — Só desta vez, não dará para matá-lo.

Esperava que ele sorrisse de volta, porém Rupert apenas chupou os dentes e tornou a concentrar-se na televisão. Nancy aguardou. O quê? Alguma demonstração de interesse, talvez, em uma situação da visível importância para toda a família? Até mesmo um esperançoso questionamento sobre que presentes ela pretendia trazer-lhes seria melhor do que nada. Entretanto, os dois já haviam esquecido sua presença; estavam inteiramente voltados para o que viam na televisão. Imediatamente, Nancy achou insuportável a barulheira do programa e saiu da sala, fechando a porta atrás de si. No saguão, um frio cortante a envolveu, subindo do piso lajeado para imiscuir-se, escada acima, até os gélidos vazios do patamar.

Aquele havia sido um penoso inverno. De quando em quando, Nancy dizia para si mesma, intrepidamente — ou para quem fosse impelido a ouvi-la — que não se incomodava com o frio. Era uma criatura de sangue quente, e isto não a perturbava. Além do mais, acrescentava, a gente nunca sentia realmente frio na própria casa. Sempre havia muita coisa a fazer.

Neste anoitecer, contudo, com os filhos se mostrando tão desagradáveis e mais a perspectiva de uma ida à cozinha, a fim de "ter uma palavrinha" com a rabugenta Sra. Croftway, ela tiritou e aconchegou apertadamente o grosso cardigã à volta do corpo, enquanto via o tapete surrado se erguer e estremecer,

movido pelas rajadas de vento que se insinuavam por baixo da mal-ajustada porta principal da casa.

Porque era uma casa velha aquela em que viviam, um antigo vicariato georgiano, em uma pequena e pitoresca aldeia, na região das montanhas Cotswold. Antigo Vicariato, Bamworth. Era um bom endereço, e ela sentia prazer em fornecê-lo às pessoas, nas lojas. Basta debitar em minha conta — Sra. George Chamberlain, Antigo Vicariato, Bamworth, Gloucestershire. Na casa Harrods, ela o fizera imprimir no alto de seu luxuoso papel azul para correspondência. Pequeninas coisas, como papel de cartas, tinham importância para Nancy. Causavam boa impressão.

Ela e George tinham-se mudado para ali, logo após estarem casados. Pouco antes deste evento, o anterior morador de Bamworth sentira subitamente o sangue subir-lhe à cabeça e se rebelara, informando aos superiores que homem algum... nem mesmo um desprendido homem da Igreja, seria capaz de, com seu magro estipêndio, viver e criar uma família em uma casa de tão monstruosos tamanho, inconveniência e frigidez. Após alguma deliberação, além de uma visita com pernoite do arquidiácono (que pegou um resfriado e quase morreu de pneumonia), a Diocese finalmente concordou em construir um novo vicariato. Foi devidamente erigido um bangalô de tijolos na extremidade oposta da aldeia, sendo o velho vicariato posto à venda.

George e Nancy o compraram. "Agarramos a oportunidade", contava ela às amigas, como se os dois houvessem ido diretamente ao alvo, com extrema sagacidade. De fato, tinham comprado a casa por uma ninharia, mas com o tempo, Nancy logo descobriu que havia sido somente porque ninguém mais pretendia adquiri-la.

— Claro que há muito a fazer por lá, porém é uma casa encantadora, de fins do período georgiano, com uma boa área de terreno... padoques e estábulos... além de ficar a somente meia hora de Cheltenham e do escritório de George. De fato, sob medida para nós.

Era perfeito. Para Nancy, criada em Londres, a casa simbolizava a concretização final de todos os seus sonhos de adolescente — fantasias alimentadas pelos romances que devorava, escritos por Barbara Cartland e Georgette Heyer. Viver no campo e ser a esposa de um proprietário rural, há muito, eram o auge de suas modestas ambições, naturalmente, após uma tradicional temporada londrina, um casamento de gala com damas de honra e sua fotografia em Tatler. Conseguiu tudo, exceto a temporada londrina, e, recém-casada, viu- se senhora de uma casa nas Cotswolds, com um cavalo no estábulo e um jardim para festividades da igreja. Com o tipo certo de amigos e a espécie certa de cães; com George presidindo os Conservadores do lugar e lendo o

trecho selecionado da Bíblia, nas manhãs de domingo.

A princípio, tudo correra perfeitamente. Até então, não havia falta de dinheiro: eles haviam posto em ordem a antiga propriedade e a casa, pintado as partes externas em branco, instalado aquecimento central, e Nancy arranjara o mobiliário vitoriano que George herdara dos pais, tendo decorado alegremente seu quarto com uma profusão de chintz. Entretanto, com o passar dos anos, a inflação expandiu-se, subindo com ela o preço do combustível para aquecimento e os salários, desta maneira cada vez se tornando mais difícil encontrar alguém que prestasse serviços na casa e no jardim. A carga financeira para simplesmente manterem a propriedade a cada ano pesava mais e, por vezes, eles achavam que tinham mordido além do que podiam mastigar.

Como se ainda não bastasse, já estavam enfrentando a terrível despesa de educar os filhos. Tanto Melanie como Rupert estavam matriculados nas escolas particulares locais, como alunos externos. Melanie provavelmente permaneceria na sua até terminar os níveis A, porém Rupert deveria ir para Charlesworth[{1}], a escola pública que seu pai cursara; George inscrevera lá o nome do filho, um dia após o nascimento de Rupert, tendo efetuado na mesma época um pequeno seguro educacional, porém a soma insignificante que então pagara, agora, em 1984, mal daria para cobrir a primeira viagem de trem.

Certa vez, passando uma noite em Londres com Olivia, Nancy confidenciara suas preocupações à irmã, na esperança de ouvir alguma orientação construtiva daquela determinada mulher voltada para a profissão. Olivia, entretanto, não se mostrou compreensiva. Achava que eles eram tolos.

— Seja como for, escolas públicas são um anacronismo — respondera a Nancy. — Matricule-o na escola integrada distrital, deixe-o ficar na companhia do resto do mundo. A longo prazo, será mais vantajoso para seu filho, do que todo aquele ambiente rarefeito de tradição antiquada.

Tal atitude, no entanto, era impensável. George e Nancy jamais haviam considerado a educação proporcionada pelo Estado como indicada para seu único filho. De fato, vez por outra Nancy se entregara a sonhos secretos sobre Rupert em Eton, entremeados com fantasias de si mesma no Quatro de Junho, enchapelada para uma festividade ao ar livre. Quanto a Charlesworth, sólida e prestigiada como era, constituía uma segunda melhor escolha. Entretanto, ela não admitiria isto para Olivia.

— Está inteiramente fora de questão — replicou, lacônica.

— Pois bem, então, deixe-o tentar uma bolsa de estudos. Que Rupert faça alguma coisa para ajudar a si mesmo. Não vejo qual o proveito em sacrificar-se tanto por um garotinho!

Rupert, entretanto, não era amigo dos livros. Tanto George como Nancy

sabiam que ele jamais conseguiria uma bolsa de estudos.

— Neste caso — disse Olivia, encerrando o assunto, porque começava a ficar maçante — acho que a única alternativa para vocês é vender o velho Vicariato, mudar-se para algo menor. Pense em todo o dinheiro que economizaria, não tendo que manter a velha propriedade em ordem!

A perspectiva de semelhante decisão, no entanto, deixou Nancy ainda mais horrorizada do que a menção de um colégio do Estado para seu filho. Era o mesmo que admitir a derrota e abdicar de tudo pelo que lutara. Além do mais, havia uma dolorosa suspeita de que ela, George e os filhos, morando em uma casinha acessível nos arredores de Cheltenham, sem os cavalos, sem o Instituto Feminino, o Comitê Conservador, as gincanas e festas da Igreja, sentir-se-iam rebaixados, perderiam o interesse dos amigos do condado e, como sombras moribundas, seriam relegados a uma família de esquecidas insignificâncias.

Tornando a tiritar, ela procurou compor-se, expulsou aquelas repulsivas idéias e caminhou firmemente pelo corredor lajeado, em direção à cozinha. Ali, o enorme aquecedor Aga, em incessante funcionamento, deixava tudo confortavelmente aquecido e aconchegante. Nancy às vezes pensava, especialmente naquela época do ano, que era uma pena todos eles não viverem na cozinha... que qualquer outra família, além da dela, provavelmente sucumbiria à tentação, passando ali o inverno inteiro. Entretanto, eles não eram uma família qualquer. A mãe de Nancy, Penelope Keeling, praticamente vivera na velha cozinha do porão, no casarão da Rua Oakley, cozinhando e servindo enormes refeições na grande mesa de tampo esfregado; ali ela escrevia cartas, criava os filhos, remendava roupas e até mesmo recebia seus intermináveis visitantes. E Nancy, que tanto se ressentia como ficava ligeiramente envergonhada da mãe, desde então reagira contra esta calorosa e informal maneira de viver. Quando eu me casar, havia jurado em criança, terei uma sala de visitas e uma sala de refeições, como todo mundo; hei de entrar na cozinha o menos que puder.

Por sorte, George tinha idéias similares. Alguns anos antes, após uma séria discussão, haviam concordado em que o lado prático de fazerem o desjejum na cozinha superava a ligeira descida de padrões. Mais do que isto, entretanto, nenhum deles estava disposto a ceder.

Assim, almoço e jantar eram servidos na enorme sala de refeições, com o teto muito alto e a mesa corretamente arrumada, a formalidade substituindo o conforto. Esse depressivo aposento era aquecido por uma lareira elétrica, cujo calor não ia além da grelha. Quando tinham convidados para jantar, Nancy a ligava umas duas horas antes de ser servida a refeição, jamais podendo compreender por que suas convidadas sempre chegavam envoltas em xales.

Ainda pior fora certa vez... jamais esquecida... ela vislumbrara por baixo do colete do homem em traje a rigor, os sinais indiscutíveis de um grosso pulôver de gola em V. Ele jamais tornara a ser convidado.

A Sra. Croftway estava em pé diante da pia, descascando batatas para o jantar. Era um tipo de pessoa bastante superior (muito mais do que seu desbocado marido) e, para trabalhar, usava um avental branco, como se isso bastasse para tornar sua culinária profissional e saborosa. Nada disto acontecia, mas o aparecimento noturno da Sra. Croftway na cozinha significava que Nancy não teria que preparar o jantar.

Decidiu ir direto ao assunto.

— Oh, Sra. Croftway... houve uma ligeira mudança de planos. Tenho que ir a Londres amanhã, almoçar com minha irmã. É sobre o problema de minha mãe; essas coisas não podem ser tratadas por telefone.

— Pensei que a mãe da senhora já tivesse saído do hospital e estivesse em casa novamente.

—Sim, foi o que aconteceu, mas ontem falei com seu médico por telefone, e ele acha que, de fato, mamãe não devia mais morar sozinha. Foi apenas um ataque cardíaco brando e ela teve uma recuperação excelente, porém mesmo assim... a gente nunca sabe...

Fornecia tais detalhes à Sra. Croftway, não por esperar grande ajuda ou mesmo simpatia, mas porque doença era um assunto que a mulher apreciava discutir, e Nancy esperava que assim a deixasse com ânimo mais expansivo.

— Minha mãe teve um ataque do coração, e, depois disso, nunca mais foi a mesma. Ficou com o rosto todo arroxeado, e as mãos incharam tanto, que foi preciso cortar a aliança em seu dedo.

— Eu não sabia disso, Sra. Croftway. .

— Ela não podia mais morar sozinha. Tivemos que viver com ela, eu mais o Croftway. O melhor quarto da frente ficou para ela, e isso para mim foi um calvário, é o que lhe digo; subindo e descendo escada o dia inteiro, e ela batendo com uma bengala no chão. No fim, fiquei uma pilha de nervos. O médico disse que nunca vira uma mulher com nervos mais em frangalhos do que eu. Então, ele pôs minha mãe no hospital e ela morreu.

Isto, aparentemente, era o final da depressiva saga. A Sra. Croftway retomou às suas batatas, e Nancy disse, inadequadamente:

— Sinto muito... Imagino que sacrifício deve ter sido para a senhora. Que idade tinha sua mãe?

— Faltava uma semana para completar oitenta e seis.

— Bem... — Nancy procurou manter a voz vigorosa. — Minha mãe só tem sessenta e quatro, o que me dá a certeza de que ficará inteiramente

recuperada.

A Sra. Croftway jogou uma batata descascada na panela e se virou, a fim de olhar para Nancy. Ela raramente olhava de frente para as pessoas, mas quando o fazia era algo enervante, porque tinha olhos muito claros, que jamais pareciam piscar.

A Sra. Croftway tinha opiniões próprias sobre a mãe de Nancy. Vira a Sra. Keeling — era como a chamava — apenas uma vez, durante uma de suas raras visitas ao velho Vicariato, porém fora o suficiente para qualquer um. Uma mulherona alta, de olhos escuros como uma cigana, e vestindo roupas que bem poderiam ter sido dadas para um bazar de caridade. Também era turrona, entrando na cozinha e insistindo em lavar os pratos, quando a Sra. Croftway tinha seu próprio jeito de fazer as coisas e não admitia interferências.

— E curioso ela ter um ataque do coração...- observou então. — Pareceu-me forte como um touro.

—Sim — assentiu Nancy fracamente. — Sim, foi um choque... para todos nós — acrescentou, em um tom piedoso, como se a mãe já houvesse morrido e fosse seguro falar bem dela.

A Sra. Croftway fez um trejeito impiedoso com a boca.

— Sua mãe só tem sessenta e quatro anos? — Ela parecia incrédula. — Aparenta mais, não aparenta? Pensei que já tivesse setenta e tantos.

— Não, ela está com sessenta e quatro.

— E quantos anos tem a senhora, então?

A mulher estava sendo insultante. Nancy sentiu-se enrijecer ante a pura agressividade da Sra. Croftway. ao mesmo tempo percebendo que o sangue lhe subia ao rosto. Gostaria de ter coragem para esbofetear a criatura. de dizer a ela que cuidasse da própria vida, mas isto talvez a fizesse pedir as contas e ir embora com o marido. Em tal situação, como se veria Nancy, a braços com o jardim, os cavalos, o casarão e sua família faminta para alimentar?

— Eu tenho... — Sua voz saiu como um grunhido. Ela pigarreou e tentou novamente. — Na verdade, estou com quarenta e três.

— Só isso? Oh, eu pensei que estivesse para fazer cinqüenta a qualquer dia.

Nancy deu uma risadinha, tentando levar a coisa na brincadeira, pois o que mais podia fazer?

— Não está sendo muito lisonjeira, Sra. Croftway.

— Bem, deve ser o seu peso. Só pode ser. Nada para envelhecer tanto, como deixar o peso aumentar. A senhora devia fazer uma dieta... se quer saber, não é bom para a senhora ser gorda. Vai ver, ela deu uma risada casquinada, a senhora é que acaba tendo um ataque do coração.

Eu a odeio. Sra. Croftway! Eu a odeio!

— Esta semana, apareceu uma boa dieta em Woman's Oum... A gente come um grapefruit em um dia e toma um iogurte no outro. Ou talvez seja o contrário... Se quiser, posso recortar a folha e trazer.

— Oh... é muita gentileza sua. Sim, talvez eu queira. — A voz de Nancy soava insegura, trêmula. Procurando controlar-se, ergueu os ombros e, com algum esforço, encarregou-se da deteriorante situação. — Afinal, Sra. Croftway, o que eu realmente queria falar era sobre amanhã. Vou tomar o trem das nove e quinze, de maneira que não haverá muito tempo para arrumações antes de sair. Gostaria que a senhora fizesse o que fosse possível e... poderia ter a bondade de alimentar os cães para mim?... Deixarei a comida deles pronta em suas tigelas. Depois, talvez fosse bom levá-los para correrem um pouco no jardim... e... — Ela prosseguiu rapidamente, antes que a Sra. Croftway começasse a objetar a tais sugestões. — Eu queria que desse um recado meu a Croftway, pedindo que levasse Relâmpago ao ferreiro... ele precisa ser ferrado, e não quero adiar isso.

— Humm — disse a Sra. Croftway, dubitativamente. — Não sei se ele conseguirá manejar esse cavalo sozinho.

— Oh, tenho certeza de que conseguirá, ele já fez isso antes... e então, amanhã à noite, quando eu estiver de volta, talvez pudesse preparar-nos um pouco de carneiro para o jantar. Ou carne de porco, qualquer coisa assim... e algumas das deliciosas couves-de-bruxelas de Croftway...

Somente depois do jantar é que ela teve oportunidade para falar com George. Tendo que pôr as crianças para fazerem os deveres de casa, encontrar as sapatilhas de balé de Melanie, jantar e tirar a mesa, ligar para a esposa do vigário e comunicar-lhe que não poderia comparecer à reunião da Associação de Senhoras ao anoitecer seguinte, e organizando sua vida em geral, Nancy mal teve tempo para trocar uma palavra com o marido. George só chegava em casa às sete da noite, e então queria apenas sentar-se diante da lareira, com um copo de uísque e o jornal.

Por fim, tudo foi feito, e Nancy pôde reunir-se a George na biblioteca. Trancou firmemente a porta ao entrar, esperando que ele erguesse os olhos, porém nada aconteceu por trás do The Times. Assim, ela caminhou até a mesa de bebidas que ficava junto à janela, serviu um uísque para si mesma e depois foi sentar-se na poltrona fronteira à dele, ao lado da lareira. Sabia que logo seu marido estenderia o braço, a fim de ligar a televisão e ver o noticiário.

— George — falou.

— Hum?

— George, ouça um momento.

Ele terminou a frase que lia e então baixou o jornal com relutância,

revelando-se como um homem com cinqüenta e tantos anos, mas parecendo bem mais velho, cabelos grisalhos rareando, óculos sem aros, o terno escuro e a gravata sóbria de um idoso cavalheiro. George era advogado, talvez imaginando que aquela aparência cuidadosamente elaborada — como que trajado para o papel em alguma peça — inspiraria confiança a clientes em potencial. Nancy, no entanto, às vezes achava que, se pelo menos ele se ajeitasse um pouco, se usasse um bom terno de tweed e comprasse óculos de aros, então seus negócios talvez também se ajeitassem um pouco. Esta parte do mundo, desde a abertura da auto-estrada para Londres, em pouco tempo ficara incrivelmente na moda. Novos e ricos residentes tinham ido morar ali, propriedades trocavam de mãos por somas exorbitantes; o chalé mais decrépito era adquirido em um piscar de olhos e transformado. a custas enormes em residência de fim de semana. Agentes imobiliários e firmas construtoras floresciam e prosperavam; lojas exclusivas se abriam nas cidadezinhas mais improváveis e Nancy não conseguia entender como Chamberlain. Plantwell e Richards ainda não haviam embarcado nesse carro triunfal de prosperidade e colhido algumas das recompensas que sem a menor dúvida, só esperavam ser apanhadas. George no entanto era do tipo tradicionalista, apegado a hábitos antigos, apavorado ante uma mudança. Também era um homem cauteloso e astuto.

— O que tenho de ouvir? — perguntou ele então.

— Amanhã vou a Londres almoçar com Olivia. Precisamos falar sobre mamãe.

— Qual é o problema agora?

— Oh. George, você sabe qual é o problema! Já lhe contei; tive uma conversa com o médico de mamãe, e ele acha que ela não devia mais morar sozinha.

— E o que vocês pretendem fazer a respeito?

— Bem... tem de encontrar uma governanta para ela. Ou uma acompanhante.

— Ela não vai gostar disso — observou George.

— E mesmo que encontremos alguém... mamãe terá condições de pagar-lhe um salário? Uma boa profissional custaria de quarenta a cinqüenta libras por semana. Sei que ela conseguiu aquela soma fabulosa pela casa da Rua Oakley e que não gastou um níquel em Podmore's Thatch,exceto para construir aquela estufa ridícula. mas esse dinheiro é capital. não? Será que ela pode com toda essa despesa?

George remexeu-se na poltrona. estirando a mão para o copo de uísque.

— Não faço a menor idéia — respondeu.

Nancy suspirou.

— Ela é tão reservada tão odiosamente independente! Torna-se impossível ajudá-la. Se, pelo menos, fosse mais franca conosco, se o deixasse ser seu procurador, isso tomaria a vida muito mais fácil para mim. Afinal, sou a filha mais velha não me consta que Olívia ou Noel já tivessem levantado um dedo para ajudar.

George já ouvira tudo isso antes.

— E quanto à diarista dela. Sra. ... como é mesmo o nome?

— Sra. Plackett. Ela só vai lá três manhãs por semana para faxina; tem casa e família para cuidar.

George colocou o copo na mesa e se endireitou na poltrona, o rosto virado para o fogo, as mãos formando uma tenda, ponta de dedo contra ponta de dedo. Após um momento, falou:

— Não posso imaginar o que a deixa em tal estado.

Seu tom dava a impressão de estar falando com algum cliente particularmente obtuso, e Nancy ficou ofendida.

— Não estou em estado algum!

Ele ignorou a resposta.

— Será apenas por causa do dinheiro? Ou da possibilidade de que talvez não encontre uma mulher que seja santa o bastante para concordar em morar com sua mãe?

— Acho que são as duas coisas — admitiu Nancy.

— E o que imagina como contribuição de Olivia para solucionar a charada?

— Pelo menos, ela pode discutir o assunto comigo. Afinal de contas, em toda a sua vida nunca fez nada por mamãe... e, por falar nisto, nem por qualquer de nós — acrescentou com amargura, recordando ferimentos passados. — Quando mamãe decidiu vender a casa da Rua Oakley e anunciou que retornava à Cornualha, para morar em Porthkerris. eu é que passei os piores momentos, convencendo-a de que seria loucura fazer isso. E ela bem poderia ter ido, se você não lhe encontrasse Podmore's Thatch que, pelo menos, só dista trinta quilômetros de nós. Assim, podemos ficar de olho nela. E se mamãe agora estivesse em Porthkerris, a quilômetros e quilômetros daqui, doente do coração, sem ninguém saber o que acontecia?

— Por favor, não fujamos à questão — pediu George, naquele tom que a deixava sumamente exasperada.

Nancy procurou ignorar o detalhe. Ficara aquecida pelo uísque, que também abrandara antigos ressentimentos.

— Quanto a Noel, praticamente deixou mamãe de lado, desde que precisou mudar-se, quando ela vendeu a casa da Rua Oakley. Aquilo foi um

golpe para ele. Aos vinte e três anos, jamais pagara um níquel de aluguel a mamãe! Comia a comida dela, bebia o gim dela, até o uísque era de graça! Fique sabendo, foi um choque para Noel, quando finalmente precisou sustentar-se.

George suspirou fundo. Seu conceito sobre Noel não era melhor do que o que tinha sobre Olivia. Quanto a Penelope Keeling, sua sogra, sempre fora um enigma para ele. Seu mais constante espanto era que uma mulher tão normal como Nancy pudesse originar-se dos rins de tão extraordinária família.

Terminou seu drinque, levantou-se da poltrona, lançou outro tronco ao fogo e foi encher o copo novamente. Falou, do outro lado da sala, acima do tilintar de vidros:

— Suponhamos que aconteça o pior. Suponhamos que sua mãe não tenha meios para pagar uma governanta. — Voltou para a poltrona e tornou a acomodar-se diante da esposa. — Suponhamos que vocês não encontrem alguém que assuma a árdua tarefa de fazer-lhe companhia. E então? Vai sugerir que sua mãe venha morar conosco?

Nancy pensou na Sra. Croftway, perpetuamente melindrada. Recordou as crianças, queixando-se ruidosamente das censuras intermináveis de vovó Pen. Lembrou-se da mãe da Sra. Croftway, cuja aliança de casamento tivera que ser cortada para sair do dedo inchado, jazendo na cama e batendo no assoalho com uma bengala...

Respondeu, em tom desesperado:

— Não creio que eu pudesse suportar isso.

— Acho que eu também não -admitiu George.

— Talvez Olivia...

— Olivia? — A voz de George alteou-se, descrente. — Olívia permitiria que alguém se intrometesse em sua vida tão reservada? Ora, você está brincando comigo!

— Bem, Noel está fora de questão.

— Parece que tudo está fora de questão — comentou George. Ergueu o punho da camisa furtivamente e consultou o relógio. Não queria perder o noticiário. — Creio que não poderei oferecer qualquer sugestão construtiva, enquanto você não conversar com Olivia. Discutir o assunto.

Nancy ficou ofendida. De fato, ela e Olivia nunca haviam sido as melhores amigas do mundo... afinal, nada tinham em comum... mas não gostara das palavras "discutir o assunto", como se ambas jamais houvessem feito algo além de discutir. Ia comentar o fato com George, mas ele a interceptou, quando ligou a televisão, encerrando a conversa. Eram exatamente nove horas, e George acomodou-se satisfeito na poltrona, disposto a ter sua ração diária de greves, bombas, assassinatos e desastres financeiros, tudo arrematado pela informação

de que o dia seguinte começaria muito frio e que, no correr da tarde, a chuva cobriria lentamente o país inteiro.

Após um instante, sem palavras para traduzir sua depressão, Nancy levantou-se da poltrona. Desconfiava de que George nem mesmo percebera seu movimento. Foi até a mesa das bebidas, serviu-se de uma generosa dose de uísque e saiu da sala, fechando a porta silenciosamente. Subiu a escada, atravessou seu quarto e entrou no banheiro. Tampou o ralo da banheira, abriu as torneiras e despejou seu óleo de banho perfumado na água, com a mesma generosidade empregada na garrafa de uísque. Cinco minutos mais tarde, entregava-se à atividade mais confortadora que conhecia: jazer em um banho quente e, ao mesmo tempo, beber uísque frio. Relaxada, envolta em bolhas e vapor, deixou-se dissolver em uma orgia de autopiedade. Ser esposa e mãe, disse para si mesma, era uma tarefa ingrata. Dedicava-se ao marido e aos filhos, tratava bem os empregados, cuidava dos animais, preocupava-se com a casa, comprava a comida, lavava as roupas e que agradecimento recebia? Que valorização?

Nada.

As lágrimas começaram a acumular-se nos olhos, misturando-se à umidade geral da água do banho e do vapor. Ansiava por apreço, por amor, por um contato físico afetuoso, por alguém que a acariciasse e lhe dissesse que era maravilhosa, que estava fazendo um excelente trabalho.

Para Nancy, somente uma pessoa nunca a decepcionara. Seu pai tinha sido ótimo enquanto vivera, é claro; porém, a mãe dele, Dolly Keeling, é que realmente conquistara a sua confiança e sempre ficara do seu lado.

Dolly Keeling jamais se entrosara com a nora, não tinha tempo para Olivia, era sempre desconfiada com Noel, mas Nancy fora a sua queridinha, mimada e adorada. Vovó Keeling era quem lhe comprava os vestidos vaporosos de mangas bufantes, quando Penelope teria enviado sua filha mais velha à festa, trajando alguma antiga roupa surrada e herdada. Vovó Keeling era quem a achava bonita e lhe preparava surpresas, como tomar chá na Casa Harrods ou ir ao teatro, para ver alguma peça infantil.

Quando Nancy ficara noiva de George, houvera brigas terríveis. A essa altura, seu pai já partira, e sua mãe não conseguia entender por que era tão importante para ela o tradicional casamento com vestido de noiva, damas de honra, homens usando fraque e uma recepção adequada. Aparentemente. Penelope achava aquilo uma maneira idiota de jogar dinheiro fora. Por que não uma cerimônia íntima e simples, talvez com um almoço comemorativo em seguida na enorme mesa escovada da cozinha, no porão da Rua Oakley? Ou uma festinha no jardim? O jardim era enorme, havia lugar sobrando para todos, as

rosas teriam desabrochado...

Nancy chorou, bateu portas, disse que ninguém a compreendia e jamais compreendera. Finalmente, mergulhou em um mau humor que teria continuado para sempre, se não fosse a intervenção da querida vovó Keeling. Toda responsabilidade foi removida de Penélope, que ficou feliz da vida em se ver livre daquilo, passando tudo aos cuidados de vovó. Noiva alguma pediria mais. A Igreja da Santíssima Trindade, vestido de noiva com cauda, damas de honra em cor-de-rosa e, mais tarde, recepção no número 23 de Knightsbridge, com um mestre-de-cerimônias encasacado de vermelho e vários arranjos florais, pesados e enormes. E o querido papai, instigado pela mãe, parecera divino envergando fraque, a fim de conduzir a filha ao altar e entregá-la ao noivo. Em meio a tudo aquilo, a aparência de Penelope, sem chapéu e majestática em camadas de brocado e veludo antigos, nada poderia fazer para estragar a perfeição do dia.

Oh, quanto ela ansiava agora por vovó Keeling! Jazendo no banho, uma pesada mulher de quarenta e três anos, Nancy chorou por vovó Keeling. Como gostaria de tê-la ali, para receber sua simpatia, consolo e admiração! Oh, meu bem, você é uma criatura maravilhosa, tão dedicada à família e à sua mãe, mas eles aceitam tudo isso como pura obrigação sua...

Ainda podia ouvir a voz amada da avó, mas apenas na imaginação. porque Dolly Keeling estava morta. No ano anterior, aos oitenta e sete anos, a galante e miúda senhora. de ruge nas faces, unhas pintadas e seus conjuntos de cardigã malva, havia falecido enquanto dormia. O triste evento ocorrera no pequeno hotel retirado, em Kensington, escolhido por ela e mais inúmeras outras pessoas incrivelmente idosas, para passarem seus anos crepusculares. Dolly Keeling foi adequadamente levada dali pelo agente funerário, com quem a gerência do hotel, mostrando boa dose de previdência, mantinha um entendimento permanente.

A manhã seguinte foi tão ruim quanto Nancy temera. O uísque a deixara com dor de cabeça. A manhã estava mais fria do que nunca e escura como breu quando, às sete e meia, forçou-se a sair da cama. Vestiu-se e, escandalizada, descobriu que a faixa de seu melhor vestido ficara apertada e teria que ser presa com um alfinete de segurança. Enfiou a suéter de lã de carneiro que combinava exatamente com a saia, e desviou os olhos dos rolos de gordura que assomavam volumosos, acima do enorme e reforçado sutiã. As meias de náilon pareceram francamente inadequadas, pois geralmente usava as de lã grossa. Assim sendo, decidiu calçar as botas de cano longo, cujo zíper mal conseguiu fechar.

No andar de baixo. a situação não estava melhor. Um dos cães passara mal, a estufa não aquecia como era de esperar, e havia apenas três ovos na despensa. Nancy botou os cães para fora, limpou o vômito do que passara mal e alimentou a estufa com seu próprio combustível especial — que custava uma fortuna — ,

rezando para que ele não acabasse, o que daria à Sra. Croftway um bom motivo para queixas. Gritou pelos filhos, dizendo-lhes que se apressassem, ferveu água nas chaleiras, cozinhou os três ovos, fez torradas e arrumou a mesa. Rupert e Melanie apareceram, vestidos mais ou menos corretamente, mas discutindo. Rupert disse que Melanie perdera seu livro de geografia, Melanie replicou que antes de mais nada ele era um mentiroso nojento e, mamãe, ela precisava de vinte e cinco pence, porque a Sra. Leeper ia embora e se haviam cotizado para lhe dar um presente.

Nancy nunca tinha ouvido falar na Sra. Leeper.

George não moveu uma palha para ajudar. Simplesmente apareceu a certa altura durante toda aquela turbulência, comeu seu ovo cozido, bebeu uma xícara de chá e se foi. Nancy ouviu o Rover descendo a alameda para carros, enquanto freneticamente amontoava pratos no secador, prontos a serem utilizados pela Sra. Croftway, como melhor lhe apetecesse.

— Bem, se você não pegou meu livro de geografia...

Os cães uivavam, do outro lado da porta. Ela os deixou entrar e isto a fez recordar que devia preparar a alimentação deles. Encheu as tigelas dos animais com biscoitos caninos e abriu uma lata de ração, mas, em sua agitação, cortou o polegar na borda afiada da tampa.

— Poxa, você é mesmo desajeitada! — comentou Rupert.

Nancy virou as costas para ele e deixou que a água fria da torneira escorresse sobre o polegar, até vê-lo parar de sangrar.

— Se você não me der os vinte e cinco pence, a Srta. Rawlings vai ficar furiosa...

Ela correu ao andar de cima, a fIm de ajeitar o rosto. Não havia tempo para se demorar, esfumando o ruge ou delineando os cílios, de maneira que o resultado estava longe de ser satisfatório. Teria que ficar assim mesmo. O tempo voava. Tirou do guarda-roupa o casaco de peles e o chapéu também de peles, combinando com ele. Encontrou luvas, sua bolsa em pele de lagarto da Mappin & Webb. Dentro dela, esvaziou o conteúdo da bolsa de uso diário e, é claro, não conseguiu fechá-la. E daí? Tinha que ficar assim mesmo. O tempo voava.

Precipitou-se novamente para o andar de baixo, chamando os filhos. Como que por milagre, eles apareceram, recolhendo as respectivas mochilas escolares, Melanie enfiando na cabeça o chapéu que não lhe assentava. Os três trotaram pela porta dos fundos, deram a volta à garagem, entraram no carro — graças a Deus o motor pegou na primeira tentativa — e lá se foram.

Nancy conduziu os filhos às suas diferentes escolas, deixando-os diante dos portões e mal tendo tempo para dizer adeus, antes de partir novamente, a toda velocidade para Cheltenham. Eram nove e dez, quando deixou o carro no

estacionamento, e mais doze minutos haviam passado, ao comprar a passagem de volta para o dia. No quiosque de revistas, entrou na fila com o que imaginava ser um sorriso sedutor, comprou para si mesma um Daily Telegraph e — louco desperdício — um exemplar de Harpers and Queen. Após tê-la comprado, viu que era um número atrasado — de fato, a revista do mês anterior —, porém não adiantava reclamar e receber o dinheiro de volta. Além do mais, ela não parecia realmente atrasada; acetinada e lustrosa, seria um maravilhoso presente, ainda assim. Dizendo isto para si mesma, emergiu na plataforma, justamente quando chegava o trem para Londres. Abriu uma porta, qualquer uma, entrou e encontrou um assento. Estava sem fôlego, o coração disparando. Fechou os olhos. Comentou, para si mesma, que ter acabado de escapar de um incêndio devia ser assim.

Momentos mais tarde, após algumas respirações fundas e uma conversinha tranqüilizadora consigo mesma, sentiu-se mais forte. Misericordiosamente, o trem estava bem aquecido. Abrindo os olhos, Nancy afrouxou os fechos do casaco de pele. Acomodou-se mais confortavelmente, espiou pela janela a paisagem, que parecia voar ao lado do vagão, crestada pelo duro inverno, e deixou que os nervos abalados fossem acalentados pelo ritmo do trem. O telefone não tocaria, ela poderia ficar sentada, sem precisar pensar.

A dor de cabeça se fora. Tirou da bolsa o estojo de pó compacto e inspecionou o rosto no pequenino espelho, deu uns retoques de pó no nariz e comprimiu os lábios, a fim de uniformizar o batom. A nova revista jazia em seu colo, encerrando tantas delícias, como uma caixa fechada de bombons cobertos de chocolate, com recheio macio. Começou a folhear a revista e viu anúncios de casacos de pele, casas no sul da Espanha e arrendamento de propriedades nas Highlands escocesas; anúncios de jóias e cosméticos que, de fato, não só deixariam uma mulher mais bela, como lhe revigorariam a pele; anúncios de navios em cruzeiro, velejando para o sol; anúncios de...

Parou bruscamente de folhear as páginas ao acaso, quando algo atraiu sua atenção. Era um anúncio de página inteira, inserido por Boothby's, Comércio de Arte, comunicando que haveria uma venda de objetos vitorianos em suas galerias da Bond Street, quarta-feira, vinte e um de março. Para ilustrar a propaganda, reproduziam um quadro de Lawrence Stern, 1865-1946. A tela era intitulada As aguadeiras (19O4) e mostrava um grupo de jovens em várias posturas, carregando ânforas de cobre sobre o ombro ou apoiando-as à cintura. Após observá-las, Nancy imaginou que deviam ser escravas, porque tinham os pés descalços, e seus rostos não sorriam (coitadas, afinal, não era de admirar, as ânforas pareciam terrivelmente pesadas). Além disso, as vestes eram sumárias, transparentes tecidos em tom azulado de uva e vermelho-ferrugem, com

revelação quase desnecessária de seios arredondados e mamilos rosados.

George e Nancy não tinham mais interesse em arte do que em música ou teatro. Aliás, o antigo Vicariato já tinha sua quota certa de quadros, as reproduções esportivas apropriadas a qualquer residência rural de respeito e alguns óleos, representando veados mortos ou fiéis cães de caça com faisões na boca, que George herdara do pai. Certa vez, com uma ou duas horas de folga em Londres, eles tinham ido à Galeria Tate e percorreram, vagarosa e conscientemente, uma exposição de Constables, porém, a única recordação que Nancy guardara da ocasião era um punhado de lanudas árvores verdes e o fato de que seus pés doíam.

Não obstante, até um Constable era preferível a esta pintura. Olhou para ela, achando difícil acreditar que alguém quisesse semelhante horror em uma parede, quanto mais pagando dinheiro por aquilo. Se fosse possuidora de tal coisa, ela terminaria os dias em algum sótão esquecido ou no topo de uma fogueira.

Entretanto, não fora qualquer motivo estético o que lhe chamara a atenção para As aguadeiras. A razão que a levava a fitar a reprodução da tela com tanto interesse era o fato de ser uma obra de Lawrence Stern. Porque ele havia sido o pai de Penelope Keeling e, portanto, avô dela, Nancy.

O curioso é que ela praticamente não conhecia o trabalho do avô. Na época de seu nascimento, a fama dele — que estivera no auge na virada do século — tinha minguado e desaparecera, sua produção há muito vendida, dispersada e esquecida. Em casa de sua mãe, na Rua Oakley, havia apenas três pinturas de Lawrence Stern, duas delas compondo dois painéis inacabados, representando um par de ninfas alegóricas, esparzindo lírios sobre encostas relvadas, pontilhadas de margaridas.

O terceiro quadro pendia da parede do saguão no térreo, logo abaixo da escada, único espaço na casa que poderia acomodar seu considerável tamanho. Era um óleo, produto dos últimos anos de Stern, chamado “Os catadores de conchas”. Mostrava uma grande extensão de mar com ondas espumantes, uma praia e um céu repleto de nuvens arrastadas pelo vento. Quando Penelope se mudara da Rua Oakley para Podmore's Thatch, aquelas três preciosas possessões a tinham acompanhado, os painéis terminando no patamar da escada, e “Os catadores de conchas”, na sala de estar, tomando-a ainda menor, com seu teto baixo de vigas. Nancy agora raramente reparava neles, tão familiares eram, fazendo parte da casa de sua mãe, tanto quanto os sofás e poltronas desconjuntados, os antiquados arranjos florais, entulhando jarros em azul e branco, o cheiro delicioso que vinha da cozinha.

A verdade é que, durante anos, Nancy nem mesmo pensara em Lawrence

Stern. Agora, no entanto, sentada no trem com suas peles e botas, a recordação a puxara pela barra do vestido, lançando-a no passado. Não que houvesse muito para lembrar. Ela nascera em finais de 1940 na Cornualha, no pequeno chalé-hospital de Porthkerris, e havia passado os anos da guerra em Carn Cottage, sob o abrigo do teto de Lawrence Stern. Entretanto, suas recordações infantis do idoso homem eram enevoadas — mais a percepção de existir alguém, do que de uma pessoa. Teria ele sentado a neta nos joelhos, saíra com ela para uma caminhada, lera-lhe alguma coisa em voz alta? Se fizera isso, Nancy esquecera. Parecia que nenhuma impressão se fixara em sua mente infantil, até aquele último dia quando, terminada a guerra. ela e a mãe tinham deixado Porthkerris, encerrando a prolongada permanência, e voltado de trem para Londres. Por algum motivo, este evento tocou a consciência de Nancy e lá ficou para sempre, claramente impresso em sua memória.

Ele tinha ido à estação, para vê-las partirem. Muito velho, muito alto, cada vez mais frágil, apoiado em uma bengala de castão de prata, ficara em pé na plataforma, junto à janela aberta, e beijara Penelope em despedida. Seus cabelos brancos e compridos descansavam sobre a gola de tweed da pelerine e, nas mãos deformadas e torcidas, usava mitenes de lã, onde sobressaíam os dedos inúteis, brancos e pálidos como ossos.

Naquele último instante, quando o trem já começava a se mover, Penelope erguera Nancy nos braços, e o velho estendera a mão, pousando-a na bochecha arredondada da neta. Ela recordava a friagem daquela mão, parecendo de mármore, contra sua pele. Não houvera tempo para mais. O trem ganhou velocidade, a plataforma foi deixada para trás, e lá ficou ele, cada vez menor, acenando com o grande chapéu negro de abas largas, em uma última despedida. Essa era a primeira e única lembrança que Nancy tinha do avô, pois ele falecera no ano seguinte.

Velhas histórias, disse para si mesma. Nada havia para deixá-la sentimental. No entanto, era extraordinário que, nos dias atuais, alguém quisesse comprar o trabalho de seu avô: As aguadeiras. Balançou a cabeça, não entendendo aquilo, e então abandonou o enigma, retomando alegremente às confortadoras irrealidades dos acontecimentos sociais.

2. Olivia

O novo fotógrafo chamava-se Lyle Medwin. Era um rapaz muito jovem, de cabelos castanhos fofos, que pareciam ter sido cortados com a ajuda de uma tigela de sopa, e um rosto simpático, de olhos gentis. Irradiava algo semelhante a desprendimento, como se fosse um principiante dedicado. Olivia custava a crer que tivesse sido vitorioso na profissão escolhida, enfrentando a guerra mortal para vencer, sem ter sido degolado.

Estavam em pé perto da mesa, à janela de seu escritório, enquanto ele mostrava uma seleção de trabalhos anteriores, a fim de que ela os examinasse: mais ou menos duas dúzias de grandes fotos, coloridas e acetinadas, esperançosamente espalhadas, aguardando aprovação. Olivia as estudara minuciosamente, antes de concluir que gostava delas. Em primeiro lugar, eram muito lúcidas. Sempre insistia que fotos de moda deviam exibir as roupas, seu feitio, o planejamento de uma saia, a textura de uma suéter. Além disso, as fotos do rapaz respiravam vida, movimento, alegria, e até ternura.

Apanhou uma delas. Mostrava um homem com a corpulência de um zagueiro de futebol, correndo em meio a ondas, vestindo um ofuscante conjunto branco para esportes, contra o mar azul-cobalto. Com a pele bronzeada e suada, era a própria imagem do cheiro de ar salitrado, do bem-estar físico.

— Onde foi que tirou esta foto?

— Em Malibu. Fiz para publicidade de trajes esportivos.

— E esta aqui?

Olivia pegou outra foto, esta batida em um final de tarde, mostrando uma jovem em esvoaçante vestido de chifon semelhante a chamas, com o rosto voltado para o mortiço fulgor do sol que se punha.

— Foi em Point Reays... para um destaque editorial da Vogue americana.

Deixando as fotos, Olivia se virou para ele, inclinado sobre a borda da mesa o que o deixava à altura dela, de modo que os olhos de ambos ficassem no mesmo nível.

— Qual a sua experiência profissional?

Ele deu de ombros.

— Curso universitário técnico. Depois, um pouco de atuação como free-lance e, então, me juntei a Toby Stryber, com quem trabalhei uns dois anos, como assistente.

— Foi Toby quem me falou sobre você.

— Em seguida, quando deixei Toby, fui para Los Angeles. Vivi lá os últimos três anos.

— E se saindo bem.

Ele sorriu com modéstia.

— Sim, acho que sim.

Suas roupas eram puro Los Angeles. Tênis brancos, jeans desbotados, camisa branca, um desbotado blusão de brim. Em deferência ao frígido tempo londrino, usava um cachecol de cashmere coral, enrolado à volta do pescoço esguio e bronzeado. Embora amarfanhada, sua aparência era deliciosamente limpa, de roupa recém-lavada e secada ao sol, ainda por passar. Olivia o achou extremamente atraente.

— Carla já lhe falou sobre a programação? — Carla era a editora de modas para Olivia. — Será para o exemplar de julho, uma última reportagem com roupas de férias, antes de passarmos para os tweeds dedicados às charnecas.

— Falou... ela mencionou fotos em locação.

— Fez algumas sugestões?

— Falamos sobre Ibiza... Tenho contatos lá...

— Ibiza.

Ele foi rápido em harmonizar.

— Se você tem outro lugar em mente, tudo bem para mim. Talvez Marrocos...

— Não. — Desencostando-se da mesa, ele foi sentar-se novamente em sua cadeira. -Não temos usado Ibiza há algum tempo... mas acho que não deviam ser fotos nas praias. Fundos rurais ficariam um pouco diferentes, com cabras, ovelhas e camponeses robustos cuidando das lavouras. Você poderia acrescentar alguns moradores locais, para dar um pouco de autenticidade. Eles têm rostos maravilhosos e adoram tirar retrato...

— Acho formidável...

— Então, discuta o assunto com Carla...

Ele vacilou.

— Quer dizer que estou empregado?

— É claro que está. Apenas, trabalhe bem...

— Farei isso. Obrigado...

Ele começou a reunir suas fotos, formando uma pilha. O interfone soou na mesa de Olivia, ela apertou o botão e falou com sua secretária.

— Sim?

— Uma ligação de fora, Srta. Keeling.

Olivia olhou para o relógio. Meio-dia e quinze.

— Quem é? Estou saindo para o almoço.

— Um Sr. Henry Spotswood.

Henry Spotswood. Quem, diabo, seria Henry Spotswood? Então, o nome surgiu em sua mente, ela recordou o homem que conhecera duas noites antes, no coquetel dos Ridgeway. Cabelos começando a ficarem grisalhos, e tão alto quanto ela. No entanto, ele se apresentara como Hank.

— Quer completar a ligação, Jane?

Enquanto esticava o braço para o telefone, Lyle Medwin, com sua pasta de fotos debaixo do braço, cruzava a sala em passadas macias e abria a porta.

— Tchau — falou baixinho, enquanto se esgueirava para fora.

Olivia acenou com a mão e sorriu, mas ele já se fora.

— Srta. Keeling?

— Ela mesma.

— Olívia, é Hank Spotswood; nos conhecemos em casa dos Ridgeway.

— Sim, claro.

— Tenho uma ou duas horas livres. Alguma possibilidade de almoçarmos juntos?

— Quando? Hoje?

— Sim, agora mesmo.

— Oh, sinto muito, mas não será possível. Minha irmã está vindo do campo, e prometi almoçar com ela. Aliás, estou atrasada, já devia ter ido.

— Oh, é uma pena. Bem, que tal jantarmos esta noite?

A voz dele — lembrou Olívia — preenchia os detalhes. Olhos azuis. Um rosto inteiramente americano. Agradável e forte. Terno escuro. Camisa Brooks Brothers. com colarinho abotoado.

— Seria um prazer.

— Ótimo. Aonde gostaria de ir?

Ela estudou a pergunta por um instante. depois decidiu-se.

— Só por uma vez gostaria de não comer em um restaurante ou hotel?

— O que isto significa?

— Vá até minha casa e eu ofereço o jantar.

— Seria formidável. -Ele pareceu surpreso, mas não sem entusiasmo. — Bem... não será muito trabalho para você?

— Trabalho nenhum -respondeu ela com um sorriso. — Apareça pelas oito horas.

Forneceu o endereço, mais uma ou duas informações, para o caso de ele encontrar um motorista de táxi imbecil, despediram-se, e ela desligou.

Hank Spotswood. Uma boa notícia. Sorriu para si mesma, depois olhou para o relógio, expulsou Hank da mente. levantou-se, apanhou chapéu, casaco, bolsa e luvas; em seguida precipitou-se do escritório, a fim de encontrar Nancy

para almoçarem.

O encontro foi no L' Escargot no Soho, onde Olivia reservara mesa. Era sempre lá que tinha almoços de negócios, e não via motivos para outro arranjo, embora sabendo que Nancy estaria muito mais à vontade no Harvey Nichols ou em qualquer outro lugar apinhado de mulheres esgotadas, descansando os pés após uma manhã de compras.

Mas ali estava o L' Escargot. Olivía estava atrasada, e Nancy já esperava por ela, mais gorda do que nunca, em sua grossa suéter de lã e saia do mesmo material, tudo arrematado por um chapéu de pele aproximadamente do mesmo tom de seu desbotado cabelo anelado. O chapéu dava a impressão de que Nancy deixara crescer uma segunda cabeleira. Lá estava ela, única mulher num mar de homens de negócios, a bolsa no colo e um copo alto de gim tônica à sua frente, sobre a mesa pequenina. Parecia tão deslocada, que Olivia sentiu uma pontada de culpa, o que a fez mais efusiva do que se sentia.

— Oh, Nancy, sinto muito, sinto muitíssimo, mas fiquei retida no escritório. Chegou há muito tempo?

Elas não se beijaram. Nunca se beijavam.

— Está tudo bem.

— De qualquer modo, você já pediu um drinque... quer outro? Reservei mesa para meio-dia e quarenta e cinco, não vamos querer perdê-la.

— Boa-tarde, Srta. Keeling.

— Oh, olá, Gerard. Não, sem drinque, por favor não temos muito tempo.

— A senhorita reservou mesa?

— Sim. Para meio-dia e quarenta e cinco. Acho que estou um tanto atrasada.

— Não importa. Se quiser acompanhar-me...

Gerard abriu caminho, mas Olivia esperou que Nancy se içasse da cadeira, apanhasse sua bolsa e sua revista, ajeitando em seguida a suéter sobre o ventre razoável, antes de acompanhá-lo. O restaurante estava cheio, aquecido, repleto de ruidosas conversas masculinas. Foram conduzidas à mesa costumeira de Olivia, em um canto afastado onde, após a tradicional e obsequiosa cerimônia, finalmente acomodaram-se em um sofá curvo, a mesa foi aproximada de seus joelhos, e apresentado um congestionado cardápio.

— Um sherry enquanto a senhorita decide?

— Uma Perrier para mim, Gerard, por favor... e para minha irmã... — Ela se virou para Nancy. — Gostaria de um vinho?

— Sim, seria ótimo.

Ignorando a lista de vinhos, Olivia pediu meia-garrafa do branco da casa.

— E, então, o que deseja comer?

Nancy não sabia. O cardápio era incrivelmente comprido e todo em francês. Olivia sabia que a irmã poderia ficar ali o dia inteiro, estudando os pratos; ofereceu, portanto, algumas sugestões. Por fim, Nancy acedeu em um consomê, seguido por escalope de vitela com cogumelos. Olivia pediu uma omelete e uma salada de verduras. Feitos os pedidos, o garçom desapareceu.

— Que tipo de viagem fez esta manhã? — perguntou.

— Oh, foi muito confortável, realmente. Peguei o trem das nove e quinze. Houve um certo atropelo para levar as crianças à escola, mas consegui acomodar tudo.

— Como estão as crianças?

Tentou demonstrar um interesse sincero, mas Nancy sabia que isso não existia e, felizmente, não se prolongou no tema.

— Muito bem.

— E George?

— Também está bem, imagino.

— E os cães? — insistiu Olivia.

— Todos ótimos... — Nancy começou a falar, e então se lembrou. — Um deles passou mal esta manhã.

Olivia fez uma careta.

— Não me conte nada. Pelo menos, até depois de almoçarmos.

O garçom de bebidas apareceu, trazendo a Perrier de Olívia e a meia-garrafa de Nancy. As duas garrafas foram devidamente abertas e o vinho despejado no copo. O homem esperou. Nancy recordou que devia provar o vinho, e então tomou um gole, franziu os lábios profissionalmente e declarou que estava delicioso. A garrafa foi depositada sobre a mesa e o garçom retirou-se, com rosto inexpressivo.

Olivia serviu sua água mineral.

— Você nunca bebe vinho? — perguntou Nancy.

— Não durante os almoços de negócios.

Nancy ergueu as sobrancelhas, quase arqueando-as.

— Este é um almoço de negócios?

— Bem, acho que sim, não é? Não foi o que nos reuniu aqui? Para falarmos de negócios sobre mamma?

O apelativo tatibitate, como sempre, deixou Nancy irritada. Os três filhos de Penelope a chamavam por nomes diferentes. Noel dirigia-se a ela como "mãe". Nancy, fazia alguns anos, chamava-a de "mamãe", um termo que considerava adequado às suas idades e à própria posição dela, Nancy, na vida. Somente Olivia — de coração duro e sofisticada em todos os outros sentidos — insistia com aquele "mamma". Nancy às vezes perguntava a si mesma se a irmã

não percebia o quanto aquilo soava ridículo.

— Seria bom começarmos logo — insistiu O1ivia. — Não tenho o dia inteiro para isso.

Seu tom frio foi a última gota. Nancy, que viajara de trem de Gloucestershire para este encontro, que limpara vômito de cachorro e cortara o polegar na lata de ração, nem sabendo como conseguira levar seus dois filhos para a escola e ainda apanhar o trem, em cima da hora, sentiu uma gigantesca onda de ressentimento.

Não tenho o dia inteiro para isso.

Por que O1ivia precisava ser tão rude, tão inflexível, tão insensível? Será que nunca haveria uma oportunidade de conversarem cordialmente como irmãs, sem O1ivia ostentando a movimentação de sua carreira, como se a vida de Nancy, com suas sólidas prioridades de um lar, marido e filhos, não tivesse qualquer valor?

Quando pequeninas, Nancy tinha sido a bonita. Loura, de olhos azuis, maneira amáveis e (graças a vovó Keeling) roupas bonitas. Era ela quem atraíra olhos, admiração, homens. Olivia era a inteligente e ambiciosa, obsecada por livros, exames e conquistas acadêmicas. Entretanto, era feia, recordou Nancy, bastante feia. Dolorosamente alta e magra, de busto achatado e usando 6culos, exibia uma falta de interesse quase arrogante pelo sexo oposto, retraindo-se em desdenhoso silêncio sempre que um dos namorados de Nancy aparecia, ou indo para seu quarto ler um livro.

Não obstante, O1ivia fora redimida por suas feições. Não seria filha de seus pais, caso não fosse abençoada com aquelas características. Os cabelos muito espessos tinham a cor e o brilho do mogno polido. Os olhos escuros, herdados da mãe, cintilavam como os de algumas aves, mostrando uma espécie de sardônica inteligência.

Então, o que tinha acontecido? A desengonçada, brilhante aluna universitária, a irmã com quem homem nenhum queria dançar, de algum modo, em alguma época, em algum lugar, transformara-se naquele fenômeno, que era Olivia aos trinta e oito anos. A formidável mulher profissional, a editora de Venus.

Sua aparência, agora, era tão descompromissada como sempre. Até mesmo feia, porém quase aterradoramente chique. Um chapéu de veludo negro de copa achatada, um casaco negro, drapeado, blusa de seda creme, colares e brincos dourados, anéis semelhantes a soqueiras de metal. O rosto era pálido, a boca, sempre muito vermelha; até os enormes óculos de aros negros, ela de algum modo os transformara em invejável acessório. Nancy não era nenhuma tola. Ao seguir Olivia no restaurante apinhado, caminhando para a mesa reservada,

captara o frisson de interesse masculino, vira os olhares dissimulados e as cabeças que se viravam. Ao mesmo tempo, sabia que não se tinham virado para ela, como a mais bonita das duas, mas para Olivia.

Nancy jamais estivera a par dos mistérios da vida de Olivia e, até aquele tão extraordinário evento de cinco anos atrás, acreditara piamente que a irmã fosse virgem ou de todo assexuada. (Claro que existia outra e mais sinistra possibilidade, que lhe ocorrera após avançar difícil e minuciosamente por uma biografia de Vita Sackville-West, porém, como dissera a si mesma, isto era algo em que nem suportava pensar.)

Clássico exemplo de mulher sagaz e ambiciosa, Olivia parecia ter-se absorvido pela carreira, havendo progredido com firmeza até tornar-se editora-chefe de Venus, a exclusiva e inteligente revista feminina, para a qual trabalhara sete anos. Seu nome constava do expediente; de tempos em tempos, sua foto surgia na revista, ilustrando algum artigo e, certa ocasião, ela aparecera na televisão, respondendo a perguntas em um programa dirigido às famílias.

E então, com tudo correndo bem para ela, na metade da corrente da vida, por assim dizer, Olivia dera aquele passo, inesperado e tão avesso ao seu feitio. Ao passar férias em Ibiza, conhecera um homem chamado Cosmo Hamilton e não voltara para casa. Terminara voltando, mas somente após ter ficado um ano lá, vivendo com ele. A primeira vez que seu editor tomou conhecimento do fato foi através de uma carta que ela remeteu de Ibiza, com um pedido de demissão. Quando a estarrecedora notícia vazou, através de sua mãe, Nancy a princípio se recusara a crer. Disse para si mesma que aquilo era demasiado chocante; no entanto, a verdade é que, de algum modo obscuro, sentia que Olivia dera um passo à sua frente.

Mal podendo esperar para contar a George, esperava vê-lo tão apalermado quanto ela. Entretanto, a reação dele foi surpreendente.

— Que interessante! -foi tudo quanto disse.

— Você não me parece muito surpreso.

— E não estou.

Ela franziu a testa.

— É de Olivia que estamos falando, George!

— Claro que é de Olivia. — Ele fitou o rosto perplexo da esposa e quase riu. — Ora, Nancy! Está mesmo pensando que sua irmã passou a vida inteira como uma freirinha bem-comportada? Essa moça tão reservada, com apartamento em Londres, maneiras evasivas... Se acreditou nisto, então você é mais tola do que pensei.

Nancy sentiu as lágrimas ardendo no fundo dos olhos.

— Ora, mas eu... eu... eu pensei...

— O que foi que pensou?

— Oh, George, ela é tão sem atrativos!

— Está muito enganada, Nancy — respondeu George. — Sua irmã não é, em absoluto, sem atrativos.

— Pensei que você não simpatizasse com ela. !

— E continuo não simpatizando -disse George, abrindo o jornal e, com isto, pondo fim ao diálogo.

Não era do temperamento dele expor uma questão com tanta eficácia e também não era sua tendência ser tão perceptivo, mas, após digerir o assunto e remoer esta nova reviravolta de eventos, Nancy concluiu que seu marido provavelmente estaria certo sobre Olivia. Assim, aceitou a situação e não teve dificuldade para manobrá-la em proveito próprio. Ser capaz de vangloriar-se sobre um relacionamento tão atrevido era ao mesmo tempo fascinante e sofisticado — como uma antiga peça de Noel Coward -e desde que alguém aludisse à questão da vida-em-pecado, Olivia e Cosmo forneciam um tema que constituía um excelente tampão nas conversas em jantares com convidados.

— Sabem como é, minha inteligente irmã Olivia é extremamente romântica. Abandonou tudo por amor. Agora reside em Ibiza... na casa mais maravilhosa que se desejaria. — Sua imaginação corria a rédeas soltas, aventurando outras deliciosas possibilidades e esperançosamente grátis. — No próximo verão, talvez eu, George e as crianças passemos algumas semanas com eles. Tudo depende dos eventos no Clube Eqüestre, é claro, não? Nós, mães, somos escravas do Clube Eqiiestre.

Contudo, embora Olivia convidasse a mãe, e Penelope aceitasse alegremente, tendo passado mais de um mês com ela e Cosmo, tal convite jamais foi estendido aos Chamberlain. Nancy nunca perdoou a irmã por isto.

O restaurante estava quente demais. De repente, Nancy sentiu que o calor era insuportável. Desejou ter vestido uma blusa, em vez de suéter, mas, não podendo tirar a suéter, tomou outro gole de vinho fresco. A despeito do calor, reparou que suas mãos tremiam.

A seu lado, Olivia perguntava:

— Você viu mamma?

— Oh, sim. -Ela deixou o copo na mesa. — Fui vê-la no hospital.

— E como a achou?

— Bem, muito bem, em vista das circunstâncias.

— Eles estavam certos de que foi um ataque cardíaco?

— Oh, sem dúvida. Ela ficou sob tratamento intensivo um ou dois dias. Depois a colocaram em uma enfermaria, mas ela decidiu voltar para casa, por conta própria.

— O médico não deve ter gostado muito disso.

— Sim, ele ficou aborrecido. Foi quando telefonou para mim e disse que ela não devia morar sozinha.

— Você considerou uma segunda opinião?

Nancy se conteve a custo.

— Ele é um excelente médico, Olivia!

— Apenas um clínico rural.

— Ele ficaria muito ofendido...

— Tolice. Acho que não adianta tomarmos qualquer providência sobre uma acompanhante ou governanta, enquanto ela não for examinada por um especialista.

— Você sabe que ela jamais procuraria um especialista.

— Então, que se faça a sua vontade. Por que lhe impormos alguma acompanhante idiota, se o que ela deseja é morar sozinha? Aquela excelente Sra. Plackett está lá, três manhãs por semana, e tenho certeza de que todos na aldeia andarão por perto, de olho nela. Afinal de contas, já são cinco anos morando lá, e todos os moradores a conhecem.

— Certo, mas suponhamos que ela tenha outro ataque e morra, simplesmente por não haver ninguém lá para socorrê-la. Ou que caia na escada. Ou que sofra um acidente com o carro e mate alguém...

Imperdoavelmente, Olivia riu.

— Nunca pensei que você tivesse uma imaginação tão vívida! Afinal, encaremos os fatos: se ela tiver algum acidente com o carro, a presença e uma governanta não a impedirá. Fracamente, não vejo por que nos deveríamos preocupar tanto.

— Nós temos de ficar preocupados!

— Por quê?

— Não se trata apenas da governanta... há outras coisas a serem consideradas. A horta e o jardim, por exemplo. Dois acres plantados, e ela sempre fez tudo sozinha. Plantando legumes e aparando a grama. Tudo! Não é possível que continue com este tipo de esforço físico.

— E não continuará -respondeu Olivia, e Nancy franziu a testa. — Tive uma longa conversa com ela ao telefone, faz algumas noites...

— Você não me contou isso.

— E você mal me deu tempo. Falando comigo, ela parecia em ótimo estado, forte e alegre. Disse que achava o médico um tolo e que, se outra mulher fosse morar em sua companhia, provavelmente a assassinaria. A casa é muito pequena, e as duas se atropelariam a toda hora, no que concordo plenamente. Quanto à horta e ao jardim, já antes de ela ter o chamado ataque cardíaco, havia

decidido que davam trabalho demais. Então, entrou em contato com a agência local de jardineiros e arranjou um homem para trabalhar lá, dois ou três dias na semana. Parece que ele começa na próxima segunda-feira.

Nada disto teve o dom de melhorar o estado de espírito de Nancy. Era como se Olivia e sua mãe estivessem conspirando às escondidas.

— Não sei se será uma boa idéia. Como sabermos que tipo de pessoa eles enviarão? Pode ser qualquer um. Mamãe poderia ter contratado um bom homem da aldeia.

— Todos os bons homens da aldeia já estão empregados na fábrica de produtos eletrônicos, em Pudley...

Nancy continuaria a discussão, mas foi interrompida pela chegada de sua sopa. Foi servida em uma tigela redonda de cerâmica marrom, e exalava um cheiro delicioso. De repente, percebeu o quanto estava faminta, pegou a colher e estendeu a mão para um cálido e tostado croissant.

Após alguns momentos, disse em tom formal:

—Você nem pensou em discutir o assunto comigo e com George!

— Pelo amor de Deus, o que havia para discutir? Não tenho nada a ver com pessoa alguma, exceto mamma. Sinceramente, Nancy, você e George a tratam como se ela fosse senil; no entanto, tem apenas sessenta e quatro anos, está na flor da idade, forte como um touro e independente como sempre foi. Por que não param de interferir?

Nancy perdeu a calma.

— Interferir? Talvez se você e Noel interferissem — como denominou — um pouco mais freqüentemente, tirariam de meus ombros parte da carga.

Olivia ficou gélida.

— Em primeiro lugar, não me nivele a Noel. E em segundo, se tem uma carga nos ombros, você mesma a inventou e a colocou lá!

— Não sei por que eu e George nos preocupamos. É evidente que não recebemos agradecimentos.

— E o que devo agradecer a você?

— Muita coisa. Se eu não tivesse convencido mamãe de que era uma loucura, a estas horas teria voltado para a Cornualha e viveria na casa de algum pescador.

— Nunca entendi por que você pensou que fosse tão má idéia.

— Olivia! A quilômetros de todos nós, no outro lado do país... era ridículo! Foi o que disse a ela. Você nunca deve voltar para lá, eu falei. Tudo quanto ela tentava fazer era recapturar sua juventude. Teria sido um desastre. Além do mais, foi George quem encontrou Podmore's Thatch para ela. Nem você poderia dizer que aquela não é a casa mais encantadora, mais perfeita, em

todos os sentidos. E tudo graças a George. Não esqueça isso, Olivia. Tudo graças a George!

— Três vivas para George.

Houve outra interrupção a esta altura, enquanto a tigela de sopa de Nancy era removida, e servidos o escalope de vitela e a omelete. O restante do vinho foi despejado no copo de Nancy, e Olivia começou a servir-se de salada. Quando o garçom tomou a afastar-se,

Nancy perguntou:

— E quanto irá custar esse jardineiro? Jardineiros contratados costumam ser dispendiosos.

— Oh, Nancy, isso importa?

— É claro que importa. Mamãe poderá pagar a ele? É mais uma coisa que me preocupa. Mamãe sempre fez tanto mistério sobre dinheiro, embora, ao mesmo tempo, seja tão gastadeira!

— Mamãe? Gastadeira? Ela jamais gastou um níquel consigo mesma!

— Sim, mas está sempre recebendo pessoas. Suas contas de comida e bebida devem ser astronômicas. E aquela estufa ridícula, que mandou construir no chalé... George tentou dissuadi-la. Seria muito mais proveitoso gastar o dinheiro em vidraças duplas.

— Talvez ela não quisesse vidraças duplas.

— Você se recusa a preocupar-se, não é? — A voz de Nancy estava cheia de indignação. — Nem ao menos considera as possibilidades!

— E quais são as possibilidades, Nancy? Esclareça-me.

— Ela poderia viver até os noventa.

— Espero que viva.

— Seu capital não durará para sempre.

Os olhos de Olivia brilharam, divertidos.

— Você e George receiam ficar com uma pessoa desvalida e dependente nas mãos? Será mais um rombo em suas finanças, após terem pago a manutenção daquela casa, que é um celeiro, e matriculado os filhos nos colégios mais caros?

— Não é da sua conta a maneira como decidimos gastar nosso dinheiro.

— E também não é da conta de vocês a maneira com mamma decide gastar o dela!

A resposta silenciou Nancy. Desviando os olhos de Olivia, concentrou a atenção em sua vitela. Olhando para a irmã, Olivia viu-a ruborizar-se, percebeu o ligeiro tremor na boca e nas faces. Pelo amor de Deus, pensou, ela só tem quarenta e três anos, mas parece uma velha, gorda e patética! De repente, sentiu uma pena imensa de Nancy e certa culpa. Ouviu-se dizendo, em tom mais suave

e encorajador:

— Em seu lugar, eu não me preocuparia tanto. Ela conseguiu um bom preço pela casa da Rua Oakley, e ainda sobrou uma boa fatia, mesmo depois da compra de Podmore's Thatch. Não creio que o velho Lawrence tenha percebido isso mas, com uma coisa e outra, ele a deixou bastante bem provida. Afinal, foi ótimo para nós três também, eu, você e Noel, pois, falando francamente, em questão de finanças nosso pai sempre foi um fracasso...

Imediatamente, Nancy percebeu que chegara ao fim de suas energias. Estava exausta com a discussão e, além do mais, odiava quando Olivia falava do querido papai daquele jeito. Em circunstâncias normais, teria saltado para defender o morto amado. Agora, no entanto, não tinha mais forças. O encontro com Olivia fora pura perda de tempo. Nada ficara decidido sobre mamãe, sobre dinheiro, governantas ou outra coisa. Como sempre, Olivia falava muito mais rápido do que ela, e agora a deixava com a sensação a de ter sido esmagada por um rolo compressor.

Lawrence Stern.

A deliciosa refeição terminara. Olivia olhou para seu relógio e perguntou a Nancy se ela queria café. Nancy quis saber se ainda havia tempo, Olivia disse que sim, ainda dispunha de uns cinco minutos. Nancy aceitou o café, Olivia o pediu. Relutantemente, Nancy expulsou da mente as imagens dos deliciosos pudins que vira no carrinho das sobremesas, apanhou a Harpers and Queen que comprara para ler no trem, e que agora jazia no assento estofado de veludo, ao seu lado.

— Já viu isto?

Folheou as páginas, até chegar ao anúncio da Boothby's e estendeu a revista para a irmã. Olivia olhou de relance e assentiu.

— Sim, já vi. A venda será na próxima quarta-feira.

— Não é extraordinário? — Nancy pegou a revista de volta.

— Imaginar que alguém queira comprar semelhante horror!

— Nancy, eu lhe garanto que um bocado de gente quer comprar semelhante horror.

— Você deve estar brincando!

— É claro que não estou. — Notando a sincera perplexidade da irmã, Olivia riu. — Oh, Nancy, onde foi que você e George estiveram nestes últimos anos? Tem havido um novo e incrível interesse pela pintura vitoriana. Lawrence Stern, Alma-Tadema, John William Waterhouse... estão conseguindo preços enormes, nas vendas dos negociantes de arte.

Nancy estudou a sombria tela As aguadeiras, com o que esperava ser uma nova perspectiva. Não houve qualquer diferença.

— Ora, mas por quê? — insistiu.

Olivia deu de ombros.

— Há uma nova avaliação da técnica desses pintores. O valor da raridade.

— Quando você fala em preços enormes, o que quer dizer, exatamente? Ou melhor, quanto isto alcançará?

— Não faço a menor idéia.

— Dê um palpite.

—Bem... — Olivia mordeu o lábio considerando. — Talvez... umas duzentas mil.

— Duzentas mil? Por isto?

— Exato. Mais ou menos alguns quebrados.

— Ora, mas por quê? — Nancy tomou a insistir.

— Já lhe disse. O valor da raridade. Nada vale alguma coisa, a menos que alguém o queira. Lawrence Stern nunca foi um pintor prolífico. Se você examinar os detalhes nesse quadro entenderá o motivo. Deve ter levado meses para ficar pronto.

— E o que aconteceu com toda a obra dele?

— Foi-se. Vendida. Provavelmente, mal saída do cavalete, com a tinta ainda molhada. Toda coleção particular ou galeria de arte pública que seja digna do nome no mundo certamente possui alguma tela de Lawrence Stern. Hoje em dia. só de vez em quando um de seus quadros aparece no mercado. E, lembre-se, ele deixou de pintar muito antes da guerra, quando as mãos ficaram tão deformadas, que não conseguiam segurar nem mesmo um pincel. Imagino que ele tenha vendido tudo quanto pôde e bem feliz por vender, apenas para manter a família viva. Vovô nunca foi um homem rico. Para nossa sorte, herdou do pai um casarão em Londres e, mais tarde, conseguiu comprar a posse de Carn Cottage. A venda de Carn Cottage custeou por muito tempo a educação de nós três, e é do produto da venda da casa da Rua Oakley que mamma está vivendo agora.

Nancy ouviu tudo isto, porém não com total atenção. Sua concentração oscilava. enquanto a mente explorava uma tangente. analisando possibilidades, especulando.

— E quanto aos quadros de mamãe? — perguntou, procurando soar o mais casual que pôde.

— Está falando de “Os catadores de conchas?”

— Estou. E dos dois painéis no patamar da escada.

— O que quer saber?

— Se fossem vendidos agora. Acha que valeriam muito dinheiro?

— Imagino que sim.

Nancy engoliu. Tinha a boca seca.

— Quanto?

— Nancy, meu ramo é outro.

— Diga uma quantia aproximada.

— Imagino que... perto de quinhentas mil.

— Quinhentas mil libras! — As palavras mal tiveram som. Nancy reclinou-se no assento, absolutamente chocada. Meio milhão. Podia ver a soma escrita, com o sinal da libra e uma fileira de adoráveis zeros. Naquele momento, o garçom trouxe seu café, preto, fumegante e oloroso. Pigarreando, ela exclamou novamente: — Meio milhão!

— Mais ou menos. — Com um de seus raros sorrisos, Olívia empurrou o açucareiro na direção de Nancy. — Está vendo? Agora, você e George não precisam mais se preocupar com as despesas de mamma.

Aquilo foi o fim da conversa. As duas beberam o café em silêncio, Olivia pagou a conta e levantaram-se para sair. Fora do restaurante, uma vez que iam para direções diferentes, chamaram dois táxis e, como Olivia estava com mais pressa, tomou o primeiro. Despediram-se na calçada e Nancy a viu ir embora. Enquanto almoçavam, começara a chover bastante forte, mas Nancy, parada debaixo do aguaceiro, mal percebeu.

Meio milhão.

Seu táxi aproximou-se. Disse ao motorista que a conduzisse à casa Harrods, deu uma gorjeta para o porteiro e embarcou no veículo. O táxi pôs-se em movimento. Recostada no assento, olhando para Londres que desfilava do outro lado da janela do táxi, ela nada via. Nada conseguira de seu entendimento com Olivia, porém o dia não fora em vão. Podia sentir o coração batendo com secreta excitação.

Meio milhão de libras.

Um dos motivos de Olivia ter feito tanto sucesso em sua carreira era a aptidão que desenvolvera para clarear a mente e, desta maneira, concentrar sua incrível inteligência em um conjunto de problemas a cada vez. Dirigia sua vida como um submarino, dividido em compartimentos estanques, cada um hermeticamente desligado do outro. Assim, nesta manhã tirara Hank Spotswood do pensamento e pudera dedicar-se a Nancy. Ao voltar para o escritório, já quando cruzava a porta do prestigiado edifício. ela era novamente a editora de Venus. Sem pensar em mais nada que não fosse o êxito de sua publicação. Durante a tarde, ditou cartas, teve uma reunião com seu gerente de publicidade, organizou um almoço promocional a acontecer no Dorchester e teve uma longa, atrasada discussão com a editora de ficção, informando à pobre mulher que, se ela não encontrasse histórias melhores do que as até então submetidas à sua aprovação, Venus deixaria de publicar ficção. Neste caso, a editora de ficção

podia procurar outro emprego. Uma mulher só, lutando para criar dois filhos, a editora de ficção debulhou-se em lágrimas, porém Olivia foi inflexível; a revista tinha prioridade sobre qualquer outra coisa e, portanto, limitou-se a estender um lenço de papel à outra, concedendo-lhe duas semanas de folga, durante as quais deveria tirar algum coelho mágico de sua cartola.

Tudo isto, no entanto, era esgotante. Lembrando-se de que estavam na sexta-feira, final de semana, Olivia ficou grata por isto.

Trabalhou até as seis da tarde, arrumou sua mesa, reuniu seus pertences e finalmente tomou o elevador para a garagem do subsolo, onde apanhou seu carro e partiu para casa.

O trânsito era infernal, porém Olivia já estava acostumada à hora do rush e a aceitava. Com uma batida mental da porta isolante, Venus deixou de existir; era como se a tarde jamais houvesse acontecido e ela estivesse novamente no L'Escargot, em companhia de Nancy.

Havia sido brusca com a irmã, acusara-a de exagerar em suas reações, fizera pouco caso da doença da mãe, rejeitara o diagnóstico do clínico geral do campo. Isto acontecia porque, invariavelmente, Nancy transformava grãos de areia em montanhas... pobre criatura, o que mais podia fazer com sua vida tediosa... mas também porque Olivia, como se ainda fosse criança, gostava de pensar em Penelope como tendo sempre boa saúde. Sendo o mesmo imortal. Não a queria doente. Não queria que ela morresse.

Ataque do coração. Que isso acontecesse logo com sua mãe, entre tantas pessoas, uma mulher que jamais ficara doente a vida inteira! Alta, forte, vital, interessada em tudo, porém, o principal, estando sempre lá. Olivia recordava a cozinha no porão da casa na Rua Oakley, o núcleo daquela esparramada casa londrina, onde a sopa estava sempre no fogo e as pessoas sentavam-se em volta da mesa esfregada e limpa, conversando durante horas enquanto bebericava o conhaque ou café, com sua mãe passando roupa ou remendando lençóis. Se alguém mencionava a palavra "segurança", era daquele lugar confortável que Olivia se lembrava.

E agora... Ela suspirou. Talvez o médico estivesse certo. Talvez Penelope precisasse de alguém morando em sua companhia. O melhor que tinha a fazer era visitá-la, conversar e, se preciso, chegar a alguma espécie de arranjo. Amanhã era sábado. Irei vê-la amanhã, decidiu e, imediatamente, sentiu-se muito melhor. Iria de carro a Podmore's Thatch pela manhã e passaria o dia lá. Com esta decisão tomada, ela tirou da mente todo aquele assunto e permitiu que a lacuna resultante se enchesse lentamente com a agradável antecipação da noite que tinha pela frente.

A esta altura, estava praticamente em casa. Primeiro, no entanto, deu uma

parada no supermercado local, estacionou o carro e fez algumas compras. Pão fresquinho e crocante, manteiga e um pote de patê de foie gras; frango e o indispensável para uma salada. Azeite de oliva, pêssegos frescos, queijos; uma garrafa de uísque e duas de vinho. Comprou flores, uma braçada de narcisos, colocou tudo no porta-malas do carro e cobriu o curto trajeto que a levaria à Ranfurly Road.

Sua casa era uma entre uma fileira de pequenas edificações eduardianas de tijolos, cada qual com sua janela de balcão saliente, jardinzinho frontal e passagem ladrilhada. Vista de fora, parecia quase melancolicamente comum, porém isto apenas acentuava o impacto do interior, inesperado e sofisticado. Os apertados aposentos do térreo tinham sido transformados em um salão espaçoso, a cozinha, dividida da área de refeições por apenas um balcão, à semelhança de um pequeno bar, com uma escada ampla que levava ao andar de cima. No extremo oposto do aposento, portas-janelas se abriam para um jardim, produzindo uma vista curiosamente rural, pois além do muro do jardim via-se uma igreja, com seu aproximadamente meio acre de terreno, onde um enorme carvalho estendia robustos galhos e, no verão, eram feitos os piqueniques da escola dominical.

Em vista disto, pareceria natural se Olivia decorasse sua casa em estilo campestre, com algodões estampados de florezinhas e mobília de pinho, porém o impacto criado por ela era tão fino e moderno como o de um apartamento de cobertura. O tom predominante era o branco. Olivia adorava branco. Aquele era a cor do luxo, a cor da luz. Piso ladrilhado em branco, paredes brancas, cortinas brancas. Almofadões de algodão branco no assento dos fundos e pecaminosamente confortáveis sofás e poltronas, abajures e cúpulas brancos. O resultado não era frio, porque, sobre esta tela imaculada de alvura, ela salpicara toques de primária animação. Almofadas escarlate e rosa-indiano, tapetes espanhóis, pinturas abstratas vivas emolduradas em prata. A mesa da sala de refeições tinha tampo de vidro, as cadeiras eram negras, e uma parede daquele recanto fora pintada em azul-cobalto, nela pendendo uma galeria de fotos da família e de amigos.

Tudo ali também era cálido, imaculado, irradiando limpeza. Isto porque a vizinha de Olivia, com quem tinha um acordo há muito tempo, vinha diariamente lavar e polir. Agora, ela podia sentir o cheiro do polidor, misturado ao aroma de um vaso de jacintos azuis, cujos bulbos, plantados pessoalmente no outono anterior, finalmente atingiam o auge da perfeição aromática.

Sem pressa, movimentando-se conscienciosamente, entregou-se aos preparativos para a noite que se avizinhava. Fechou as cortinas, acendeu a lareira (a gás, com imitação de troncos, porém tão confortável e legítima como a

tradicional), colocou um disco no estéreo e serviu-se de um uísque. Na cozinha, preparou uma salada e respectivos temperos, arrumou a mesa e colocou o vinho na geladeira.

Eram agora quase sete e meia. Foi para o andar de cima. O dormitório ficava nos fundos da casa, dando para o jardim e o carvalho. Também naquele aposento predominava o branco, com um espesso carpete e enorme cama de casal. Olhando para a cama, ela pensou em Hank Spotswood, deliberou por um ou dois momentos, e então tirou sua arrumação, substituindo-a por lençóis de linho, brilhantes e frios, passados a ferro recentemente. Feito isto — e só então — ela se despiu e preparou seu banho.

Para Olívia, o ritual do banho ao anoitecer era de abandono e relaxamento total. Ali, mergulhada em perfumado vapor, deixou que a mente divagasse, que os pensamentos voejassem. Era um interlúdio que conduzia a reflexões agradáveis — férias a considerar. Roupas para os meses vindouros, vagas fantasias concernentes ao seu homem atual. Entretanto, de alguma forma, viu-se novamente pensando em Nancy, imaginando se já estaria em casa àquela altura, naquela casa horrenda, com sua família antipática. De fato, sua irmã tinha problemas, porém todos pareciam auto-induzidos. Com todas as suas presunções, ela e George viviam muito acima das posses, mas procuravam convencer-se de que tinham direito a muito mais. Era difícil não sorrir, ante a recordação do rosto e maxilares flácidos de Nancy, de seus olhos salientes, quando falara a ela sobre o valor provável das telas de Lawrence Stern. Nancy jamais fora muito hábil em esconder o que pensava, em particular quando apanhada desprevenida. O total assombro havia sido quase imediatamente substituído por uma expressão de calculista avareza, como se estivesse visualizando contas escolares pagas, o velho vicariato com vidraças duplas, e garantida a segurança e todo o clã Chamberlain.

Olivia não se preocupou com isto. Não receava pelo “Os catadores de conchas”. Lawrence Stern dera o quadro para a filha como presente de casamento, sendo mais precioso para Penelope do que todo o dinheiro do mundo. Ela jamais o venderia. Nancy — e Noel também estava incluído — simplesmente teria que ficar esperando que a natureza seguisse seu curso, que Penelope finalmente morresse. Um evento que, segundo Olivia esperava devotamente, ainda levaria anos para acontecer.

Abandonou Nancy mentalmente e seus pensamentos mudaram para temas mais atraentes. Aquele sagaz e jovem fotógrafo, Lyle Medwin. Um rapaz brilhante. Um verdadeiro achado. E também perceptivo.

"Ibiza", havia dito ele e, involuntariamente, ela repetira a palavra. Talvez Medwin captasse alguma interrogação em sua voz ou expressão, porque

imediatamente oferecera uma sugestão alternativa. Ibiza. Olivia percebeu, enquanto espremia a esponja; a fim de que a água quente pingasse como bálsamo sobre sua nudez, que as lembranças haviam sido espicaçadas e ficavam pairando no fundo de sua consciência, desde aquele breve e aparentemente insignificante diálogo.

Fazia meses que não pensava em Ibiza. No entanto, sugerira "fundos rurais... com cabras, ovelhas e camponeses robustos cuidando das lavouras". Viu a casa, baixa e alongada, de telhas vermelhas, tomada por buganvílias e treliças de vinhas. Ouviu o tilintar dos cincerros das vacas e galos cantando. Sentiu o cheiro cálido da resina de pinheiros e juníperos, soprado do mar por uma brisa quente. De novo, sentiu o calor penetrante do sol do Mediterrâneo.

3. Cosmo

Em princípios do verão de 1979. quando passava férias com amigos, Olivia conheceu Cosmo Hamilton, numa festa em um barco.

Ela detestava barcos. Não gostava da intimidade forçada, daquela claustrofobia produzida por muita gente apinhada em tão reduzido espaço, do constante chocar de canelas e cabeças nos turcos e botalós. Aquele barco em particular era um cruzeiro de trinta pés, ancorado no porto, ao qual se chegava por meio de um resistente bote inflável de borracha. Olivia só compareceu porque o restante do grupo queria ir de qualquer jeito; assim mesmo acedeu relutante, tendo sido tudo tão ruim quanto receara. Com toda aquela gente, sem lugar algum para sentar, cada qual procurando mostrar-se mais alegre e sem-cerimônia. todos bebendo Bloody Mary e discutindo em ruidosas risadas a festa a que tinham ido na véspera -uma festa à qual Olivia e seus amigos não haviam comparecido.

Viu-se em pé na cabina do iate. a mão aferrada ao copo, juntamente com mais umas quatorze pessoas. Era como tentar ser sociável dentro de um elevador, onde todos se comprimiam como sardinhas em lata. Outro detalhe terrível era encontrar-se em uma embarcação da qual não se tinha meios de ir embora. Não se podia simplesmente sair pela porta e chegar à rua, acenar para um táxi e ir embora. Estava presa ali. Além disso, apertada, cara a cara com um indivíduo desprovido de queixo parecendo achar que os outros julgavam fascinante sabê-lo membro dos Guardas{2} e saber em quanto tempo era possível ir, em um carro razoavelmente rápido de sua casa em Hampshire até Windsor.

Olivia sentia imenso tédio. Ao se virar um momento para tornar a encher seu copo, se dispôs a sair dali imediatamente, espremendo-se da cabine apinhada e forçando caminho para diante. Enquanto avançava, viu uma jovem quase inteiramente nua, tomando banho de sol no teto da cabina. Na coberta de proa, encontrou vazio um canto do convés e sentou-se ali, de costas apoiadas no mastro. A algazarra das vozes continuou assaltando seus ouvidos mas, pelo menos, ali estava sozinha. Fazia um tremendo calor. Ficou olhando para o mar, impotente.

Uma sombra caiu sobre suas pernas. Ergueu os olhos, receando ver o membro dos Guardas de Windsor, mas era apenas um homem barbudo. Já o tinha visto antes, ao embarcar, mas não se haviam falado. A barba dele era grisalha, porém tinha cabelos espessos e brancos. Era muito alto, magro e

musculoso, vestindo uma camisa branca e jeans desbotados, descoloridos pelo ar marinho.

— Quer outro drinque? — perguntou ele.

— Acho que não.

— Está querendo ficar sozinha?

Tinha uma voz sedutora. Não lhe pareceu do tipo autopromocional.

— Não necessariamente — respondeu.

Ele agachou-se ao seu lado. Os olhos de ambos ficaram no mesmo nível, e Olivia viu que os dele eram de um azul tão pálido e suave quanto o tom de seus jeans. O rosto era marcado e profundamente bronzeado. Ele dava a impressão de ser talvez escritor.

— Então, posso ficar com você?

Ela vacilou, depois sorriu.

— Por que não?

O nome dele era Cosmo Hamilton. Morava na ilha; há vinte e cinco anos vivia ali. Não, não era escritor. No começo, dirigira um negócio de iates para excursões, depois empregara-se como agente de uma firma londrina que organizava pacotes de férias, porém agora era um cavalheiro ocioso.

A contragosto, Olivia ficou interessada.

— Isso não o entedia?

— Por que deveria entediar-me?

— Quero dizer, não ter o que fazer.

— Oh, mas eu tenho mil coisas a fazer!

— Mencione duas.

Os olhos dele cintilaram, divertidos.

— Isso é quase insultante.

De fato, aquele homem parecia tão ativo e em tão boa forma física, que talvez fosse mesmo. Olivia sorriu.

— Não foi uma frase literal.

O sorriso dele aqueceu-lhe o rosto, pareceu iluminá-lo, fez com que os olhos se franzissem nos cantos. Olivia sentiu que seu coração, muito furtivamente, começava a despertar e a entrar em cena.

— Tenho um barco — contou ele — uma casa e um jardim. Prateleiras de livros, duas cabras e três dúzias de galinhas garnisés. Pela última contagem. Os garnisés são notoriamente prolíficos.

— Quem cuida dos garnisés? Você ou sua esposa?

— Minha esposa mora em Weybridge. Somos divorciados.

— Quer dizer que vive sozinho.

— Não inteiramente. Tenho uma filha. Estuda na Inglaterra, de maneira

que fica com a mãe durante o período letivo e, nas férias, vem para cá.

— Que idade tem ela?

— Treze anos. Chama-se Antonia.

— Ela deve adorar passar as férias aqui.

— Sem dúvida. Divertimo-nos muito. Como se chama?

— Olivia Keeling.

— Onde está hospedada?

— No "Los Pinos".

— Sozinha?

—Não, com amigos. Por isso é que estou aqui. Um do grupo recebeu o convite, e todos aderimos.

— Eu a vi chegando.

— Odeio barcos — disse ela, começando a rir.

Na manhã seguinte, ele apareceu no hotel, procurando-a. Encontrou-a sozinha, junto da piscina. Sendo cedo, seus amigos provavelmente ainda estariam nos quartos, porém Olivia já tinha nadado e pedira que seu desjejum fosse servido no terraço da piscina.

— Bom-dia.

Ergueu os olhos, o rosto virado para o sol, e o viu parado à sua frente, em um halo de luz ofuscante.

— Olá.

Olivia estava com os cabelos molhados e escorridos para trás, devido à natação, Tinha o corpo envolto em uma toalha felpuda branca.

— Posso fazer-lhe companhia?

— Fique à vontade. — Estirando um pé, empurrou uma cadeira na direção dele. — Já fez seu desjejum?

— Já. — Ele se sentou. — Faz umas duas horas.

— Um café?

— Não, nada. Nem mesmo café.

— Então, em que lhe posso ser útil?

— Vim perguntar se queria passar o dia comigo.

— O convite inclui meus amigos?

— Não. Apenas você.

Olhava de frente para ela, os olhos fixos, sem piscar. Para Olivia, foi como se a desafiassem e, por alguma razão, isto a deixou desconcertada. Há muitos e muitos anos não ficava desconcertada. Para dissimular o estranho nervosismo e ocupar-se de alguma coisa, tirou uma laranja do cesto de frutas sobre a mesa e começou a tentar descascá-la.

— O que vou dizer aos outros? — perguntou.

— Basta dizer-lhes que vai passar o dia comigo.

A casca da laranja era dura e machucou sua unha do polegar.

— E o que iremos fazer?

— Bem, eu pensei em sair no barco... fazermos um piquenique... Dê-me aqui. — Parecia impaciente e, inclinando-se, tirou-lhe a laranja da mão. — Nunca irá descascá-la desse jeito. Enfiando a mão no bolso traseiro, pegou um canivete e começou a dividir a laranja em quatro partes. Olhando para as mãos dele, Olivia disse:

— Eu detesto barcos.

— Eu sei. Já me disse isso ontem. — Ele tomou a guardar o canivete no bolso, pelou a laranja com destreza e a devolveu a Olivia. — E agora — disse, enquanto ela pegava a fruta em silêncio — o que vai responder? Sim ou não?

Olivia reclinou-se na cadeira e sorriu. Dividiu a laranja em gomos e começou a chupá-los, de um em um. Cosmo a fitava em silêncio. Agora, o calor da manhã aumentava e, com o gosto delicioso da fruta cítrica na língua, ela se sentia aquecida e contente, como um gato ao sol. Terminou de comer a laranja lentamente. Ao terminar, lambeu os dedos e, por sobre a mesa, olhou para o homem à espera.

—Sim — falou.

Nesse dia, Olivia descobriu que não detestava barcos, em absoluto. O de Cosmo não era tão grande como aquele da festa, porém infinitamente mais aconchegante. Em primeiro lugar, havia apenas eles dois e, em segundo, não tinham ficado balouçando ociosamente ancorados no porto, mas içaram velas e partiram, deixaram para trás o quebra-mar, entraram em mar aberto e costearam o litoral. Chegaram a uma solitária enseada azul, ainda não descoberta pelos turistas. Lá, deitaram âncoras e nadaram, pulando do convés, tornando a subir para bordo por uma escada de cordas, loucamente caprichosa.

O sol agora estava alto no céu e fazia tal calor, que ele estendeu um toldo acima do convés, a cuja sombra fizeram um piquenique. Pão e tomates, fatias de salaminho, frutas e queijo. O vinho doce estava fresco, porque Cosmo atara barbantes ao gargalo das garrafas e as baixara no mar.

Mais tarde, houve tempo para um tranqüilo banho de sol, estirados no convés; mais tarde ainda, depois que o vento caiu e com o sol já descendo no céu, a claridade refletida na água reverberando contra as paredes brancas do camarote, também houve tempo para fazerem amor.

No dia seguinte. Cosmo tomou a aparecer, em seu castigado, porém pouco modesto Citroën de dois cavalos, mais parecido com uma lata de lixo móvel do que com qualquer outra coisa, e rodou com ela para longe da costa, internando-se na ilha, em direção ao local em que ficava sua casa. A esta altura e

compreensivelmente, o restante do grupo ficara meio aborrecido com Olivia. O homem que havia sido incluído para distraí-la começou a censurá-la, os dois discutiram e, como resultado, ele se retraiu em insuportável mau humor. Assim, ficou mais fácil deixá-lo para trás.

Aquela foi outra manhã encantadora. A estrada subia para suaves colinas, atravessando ensolaradas e sonolentas aldeias passando ao lado de pequeninas igrejas caiadas, fazendas onde cabras pastavam em campos minúsculos, e mulas pacientes, atreladas a rodas de moinhos, andavam em círculos.

Tudo aquilo permanecera assim durante séculos, intocado pelo comércio e pelo turismo. O solo da estrada piorou, o moderno asfalto ficou para trás, e finalmente o Citroen rodou sacolejante, descendo por uma estradinha por fazer, sombreada e fresca sob um túnel de frondosos pinheiros, ladeira abaixo, através de um pomar de amendoeiras. Além deste, ficava a casa dele. Comprida e branca, de telhado vermelho, manchada de púrpura pelas buganvílias desabrochadas, oferecia uma visão ininterrupta do amplo vale, descendo em direção ao litoral. Toda a frente da casa era tomada por um terraço coberto por treliças de videiras. Abaixo do terraço, um pequeno e emaranhado jardim descia para uma também pequena piscina, cintilando límpida e turquesa à luz do sol.

— Que casa! — ela pôde finalmente exclamar.

— Vamos, eu lhe mostrarei o interior.

Aquela casa era uma confusão. Escadas ao acaso subiam e desciam, não havia dois aposentos parecendo no mesmo nível. Havia sido outrora uma casa de fazenda e o andar de cima continuava com a sala de estar e a cozinha, enquanto os aposentos do térreo, um dia tendo sido curral, estábulo e chiqueiro, eram agora dormitórios.

O interior era austero e fresco, de paredes caiadas de branco e mobiliado no estilo mais simples. Alguns tapetes de cores vivas sobre o piso de tábuas rústicas, móveis fabricados no lugar, cadeiras com assento de palhinha e mesas de madeira, com tampos muito esfregados. Somente na sala de estar havia cortinas; todas as demais janelas, profundamente encravadas nas paredes grossas, exibiam apenas as persianas.

Entretanto, por ali também havia delícias. Sofás e poltronas fofos, estofados em algodão colorido; jarros de flores; cestas rústicas ao lado da lareira aberta e abastecida de toras. Na cozinha, panelas de cobre pendiam de uma viga, havendo ali o cheiro de ervas e condimentos. Por todos os lados surgiam indícios do homem, evidentemente culto, que ocupara aquela casa por vinte e cinco anos. Centenas de livros, não apenas nas estantes, mas espalhados em cima das mesas, peitoris de janela e na cômoda ao lado de sua cama. Havia também bons quadros e muitos retratos, além de prateleiras de discos, perfeitamente arrumados ao lado

do toca-discos.

Por fim, encerrada a inspeção, ele a guiou por uma porta rebaixada, desceu mais outro lance de escadas e, de novo, através de um saguão ladrilhado de vermelho, saíram outra vez no terraço.

Ela ficou parada, de costas para a paisagem, e contemplou a fachada da casa.

— É mais perfeita do que eu poderia imaginar — disse.

— Agora sente-se e contemple a vista, enquanto lhe trago um copo de vinho.

Havia uma mesa e algumas cadeiras de vime dispostas por ali, mas Olivia não quis sentar-se. Preferiu recostar-se à parede caiada de branco, onde grandes potes de cerâmica serviam de canteiro para gerânios de folhas semelhantes às da hera, enchendo o ar com seu perfume ácido, enquanto um exército de formigas, interminavelmente ocupadas, marchava para cá e para lá, em tropas bem organizadas. A quietude era imensurável. Aguçando os ouvidos, ela captou os pequenos sons amortecidos que faziam parte daquele silêncio. Um cincerro distante. O suave cacarejar de galinhas satisfeitas, escondidas em algum ponto no jardim, mas claramente audível. O farfalhar da brisa.

Um mundo inteiramente novo. Tinham viajado apenas alguns quilômetros, mas para ela era como se estivesse a mil quilômetros do hotel, de seus amigos, dos coquetéis, da piscina apinhada, das movimentadas ruas e lojas da cidade, das luzes ofuscantes e das barulhentas discotecas. Mais longe ainda estavam Londres, Venus, seu apartamento, seu emprego -esmaecendo em irrealidade; sonhos esquecidos de uma vida que nunca fora real. Como um vaso que estivera por muito tempo vazio, ela se sentia transbordante de paz. Eu poderia ficar aqui. Uma vozinha, uma mão puxando sua manga. Este é um lugar onde eu poderia ficar.

Ouviu-o as suas costas, descendo a escada de pedra, os saltos das sandálias frouxas batendo contra os degraus. Virando-se, viu-o emergir pela escura abertura da porta (ele era tão alto que, automaticamente, abaixou a cabeça). Trazia uma garrafa de vinho e dois copos. O sol estava a pino, a sombra dele era absolutamente negra. Pousou os dois copos e a garrafa, onde a refrigeração já se desfazia em gotas e, do bolso do jeans, tirou um charuto, que acendeu com um fósforo.

Quando Cosmo terminou de acender o charuto, ela disse:

— Eu não sabia que você fumava.

— Somente estes. De vez em quando. Já fumei cinqüenta por dia, mas finalmente perdi o hábito. Hoje, no entanto, parece uma ocasião oportuna para a auto-indulgência. Já havia desarrolhado a garrafa e agora despejava vinho nos

dois copos. Entregou um para Olivia. Estava geladíssimo.

— A que vamos beber? — perguntou ele.

— À sua casa, qualquer que seja o nome que ela tenha.

— Ca'n D'alt.

— Então, a Ca'n D'alt. E a seu dono.

Beberam. Depois ele disse.

— Eu a vi pela janela da cozinha. Você estava tão quieta! Perguntei-me no que estaria pensando.

— Pensava apenas que... aqui... a realidade empalidece.

— É uma boa coisa?

— Penso que sim. Estou...

Ela vacilou, procurando as palavras certas, pois, de repente, pareceu-lhe importantíssimo usar exatamente as palavras certas.

— Não sou uma criatura domesticada — acrescentou Olívia por fim. — Estou com trinta e três anos, sou editora-chefe de uma revista chamada Venus. Levei muito tempo para chegar a este posto. Trabalho para sustentar-me e ser independente desde que deixei Oxford, mas não lhe conto isto querendo que sinta pena de mim. Jamais desejei outra coisa. Jamais desejei casar-me ou ter filhos. Nada desse tipo de permanência.

— E...?

— Acontece apenas que... este é o lugar onde pensei que poderia ficar. Não me sentiria encurralada nem enraizada aqui. Não sei explicar por quê. — Sorriu para ele. — Tampouco sei por quê.

— Então, fique — disse ele.

— Por hoje? Por esta noite?

— Não. Apenas, fique.

— Minha mãe sempre me disse para não aceitar um convite indeterminado e vago. Segundo ela, sempre deve haver uma data de chegada e uma data de partida.

— E tinha inteira razão. Digamos que a data de chegada seja hoje e que você decidirá a data de partida.

Ela o encarou, buscando motivos, implicações. Finalmente:

— Está pedindo que eu venha morar com você?

— Estou.

— E quanto a meu emprego? É um bom emprego, Cosmo. Bem pago e com responsabilidades. Levei a vida inteira para chegar onde cheguei.

— Neste caso, é hora de tirar algumas férias prolongadas. Aliás, nenhum homem e nenhuma mulher podem trabalhar eternamente.

Férias prolongadas. Um ano. Doze meses poderiam ser considerados férias

prolongadas. Mais do que isso equivalia a fugir.

— Também tenho uma casa. E um carro.

— Alugue os dois para sua melhor amiga.

— E minha família?

— Pode convidar os parentes; que fiquem aqui com você.

Sua família, ali. Olivia imaginou Nancy, tostando-se à beira da piscina, enquanto George ficava dentro de casa, usando um chapéu, com medo de queimaduras do sol. Imaginou Noel, saindo para espreitar as praias onde se praticava topless e voltando para jantar com o produto do dia, talvez alguma loura jovenzinha, falando uma língua que ninguém conhecesse. Imaginou sua mãe... afinal, ela era diferente, de maneira alguma ridícula. Este era precisamente o ambiente de sua mãe; esta casa encantada e cheia de meandros, seu jardim enredado. O pomar de amendoeiras, o terraço banhado de sol, até mesmo os garnisés — em especial os garnisés — a encheriam de prazer. Ocorreu a Olivia que talvez, de algum modo obscuro, fosse este o motivo pelo qual, instantaneamente, simpatizara tanto com Ca'n D'alt, sentindo-se ali tão à vontade, como em casa.

— Não sou a única com parentes — falou. — Você também tem compromissos a serem considerados.

— Somente Antonia.

— E não basta? Não vai querer perturbá-la.

Ele coçou a nuca e, por um momento, pareceu um tanto embaraçado.

— Talvez não seja precisamente este o momento para mencionar o fato, porém já houve outras damas.

Olivia riu de seu constrangimento.

— E Antonia não se importou?

— Ela compreendeu. E uma filósofa. Fez amizade. E uma garota muito segura de si.

O silêncio caiu entre eles. Cosmo parecia esperar sua resposta. Olivia baixou os olhos para seu copo de vinho.

— É uma decisão importante, Cosmo — disse por fim.

— Eu sei. Você precisa refletir. Que tal agora arranjarmos algo para comer e depois discutirmos o assunto?

Assim fizeram. Tornaram a entrar na casa, ele disse que faria massa com molho de presunto e cogumelos. Obviamente, cozinhava bem melhor do que ela. Olivia voltou ao jardim. Encontrou o caminho para a área da horta, colheu um pé de alface e alguns tomates, descobrindo bem debaixo de uma touceira escura de folhas um bom número de abóboras ainda em crescimento. Levou as verduras para a cozinha e, diante da pia, preparou uma salada simples. Fizeram refeição

na mesa da cozinha. Depois de comerem, Cosmo disse que era hora da sesta, os dois foram juntos para a cama e, desta vez, foi ainda melhor do que na anterior.

Às quatro da tarde, quando o calor do dia amainou um pouco, foram para a piscina e nadaram nus, depois estirando-se para secar ao sol.

Ele falou. Estava com cinqüenta e cinco anos. Fora convocado ao sair da escola e estivera no Serviço Ativo durante a maior parte da guerra. Tinha descoberto que apreciava a vida e, então, terminada a guerra, sem imaginar o que mais poderia fazer, inscreveu-se como oficial no Exército Regular. Quando estava com trinta anos, seu avô falecera, deixando-lhe algum dinheiro. Financeiramente independente pela primeira vez na vida, desligou-se do Exército e, sem laços ou responsabilidades de qualquer espécie, partiu para conhecer o mundo. Viajara até Ibiza, àquela época ainda sem fama e com a vida incrivelmente barata. Apaixonando-se pela ilha, decidiu que ali fincaria raízes, que não iria mais longe.

— E quanto à sua esposa? — perguntou Olivia.

— O que quer saber?

— Quando é que ela apareceu?

— Quando meu pai morreu, fui a casa para seu funeral. Fiquei por lá algum tempo, ajudando minha mãe a resolver sua vida. Eu estava com quarenta e um anos na época, não era mais nenhum rapazinho. Conheci Jane em uma festa, em Londres. Tinha mais ou menos a sua idade. Dirigia uma loja de flores. Eu me sentia solitário — sei lá por quê. Talvez tivesse alguma relação com a perda de meu pai. Jamais me sentira solitário antes, mas naquela época, por algum motivo, não queria voltar sozinho para cá. Ela era muito meiga, muito inclinada ao casamento, achou que Ibiza tinha um incrível toque de romance. Foi o meu maior erro. Devia tê-la trazido aqui primeiro, mais ou menos como levar a namorada para conhecer nossa família. Só que não fiz isso. Casamo-nos em Londres, e a primeira vez que ela pousou os olhos nesta propriedade, já foi como minha esposa.

— Ela foi feliz aqui?

— Durante certo tempo. Entretanto, sentia saudades de Londres, sentia falta das amigas, dos teatros e concertos no Albert Hall, de fazer compras, conhecer pessoas e sair nos fins de semana. Ficou entediada.

— E quanto a Antonia?

— Antonia nasceu aqui. Uma legítima nativazinha de Ibiza. Pensei que um bebê acalmaria a mãe um pouco, mas foi o contrário, apenas piorou a situação. Então, decidimos separar-nos, em termos bastante amigáveis. Não houve ressentimentos, mas tampouco havia grandes motivos para censuras. Ela levou Antonia e a manteve consigo até a menina fazer oito anos. Então, quando

começou a freqüentar a escola regularmente, Antonia passou a vir para cá, no verão e nos feriados da Páscoa.

— Não achou que isso era uma espécie de amarra?

— Não. Ela não dava o menor trabalho. Há um excelente casal, Tomeu e Maria, donos de uma pequena propriedade no final da estradinha. Tomeu me ajuda na horta e Maria limpa a casa, além de ficar de olho em minha filha. São os melhores amigos do mundo. Como resultado disto, Antonia é bilíngüe.

A temperatura agora começava a baixar. Sentando-se, Olívia pegou sua blusa, enfiou os braços nas mangas e abotoou-a. Cosmo também espreguiçou-se, anunciando que toda aquela conversa o deixara com sede e que precisava beber alguma coisa. Olivia comentou que apreciaria uma boa xícara de chá. Cosmo respondeu que ela não dava tal impressão, mas levantou-se e desapareceu no jardim, em direção à casa, a fim de colocar a chaleira no fogo. Olívia permaneceu junto da piscina, satisfeita em ficar sozinha, porque sabia que breve ele estaria de volta. A água da piscina estava imóvel. Na borda oposta havia a estátua de um menino tocando flauta, e sua imagem refletia -se na água, como em um espelho.

Uma gaivota passou no alto. Olivia virou a cabeça para seguir-lhe a graciosa passagem, suas asas rosadas pela claridade do sol poente. Então, nesse momento, soube que ficaria com Cosmo. Daria a si mesma, como algum presente maravilhoso, um ano inteiro.

Dar uma guinada, descobriu Olívia, era mais traumatizante do que parecia. Havia muito a fazer. Em primeiro lugar, retomou ao hotel "Los Pinos", em companhia de Cosmo, onde recolheu seus pertences, pagou a conta e saiu. Fizeram tudo isto da maneira mais clandestina possível, temendo que alguém os surpreendesse. Em vez de procurar os amigos e explicar a situação, Olivia acovardou-se e deixou uma carta inadequada, na portaria do hotel.

Em seguida, havia cabogramas a enviar, cartas a escrever e telefonemas para a Inglaterra, em linhas incoerentes e crepitantes. Feito tudo isto, ela imaginou que se sentiria eufórica e livre, mas na verdade tremia de pânico, estava morta de fadiga. Sentia-se mal. Não contou a Cosmo, mas quando mais tarde ele a encontrou deitada no sofá, derramando lágrimas de exaustão que corriam incontroláveis, tudo ficou revelado.

Cosmo se mostrou muito compreensivo. Colocou-a na cama de Antonia, no quartinho onde ela poderia ficar sozinha e quieta, deixando-a dormir lá por três noites e dois dias. Olivia só despertava para beber o leite quente que ele lhe levava, e comer uma fatia de pão com manteiga ou um pedaço de fruta.

Na terceira manhã, ela acordou e soube que tudo havia passado. Sentia-se recuperada, revigorada, impregnada de maravilhosa sensação de bem-estar e

vitalidade. Espreguiçou-se, saiu da cama e abriu as persianas para a manhã em começo, perolada e doce, ainda cheirando a terra orvalhada, e ouviu o cantar dos galos. Vestindo o robe, desceu para a cozinha. Ferveu uma chaleira de água e preparou um bule de chá. Com o bule e duas xícaras em uma bandeja, cruzou a cozinha e desceu o outro lance de escada para o quarto de Cosmo.

As persianas ainda estavam fechadas no quarto escuro, porém ele já acordara. Ao vê-la surgir à porta, disse:

— Bem, olá!

— Bom-dia. Trouxe-lhe seu primeiro chá da manhã.

Pousou a bandeja ao lado dele e foi abrir as persianas. Raios diagonais de sol encheram o aposento de luz. Cosmo estendeu o braço para consultar seu relógio.

— Sete e meia. Você é um pássaro madrugador.

— Vim dizer-lhe que estou melhor. — Ela se sentou na cama dele. — E também que lamento ter sido tão fraca, além de agradecer-lhe a compreensão e a gentileza.

— Como irá agradecer-me? — perguntou ele.

— Bem, eu tive uma idéia, mas talvez ainda seja cedo demais para isso.

Cosmo sorriu e moveu o corpo para um lado, a fim de dar-lhe espaço.

— Nunca é cedo demais — disse.

Mais tarde, ele comentou:

— Você se sai muito bem.

Ela continuou na curva de seu braço, feliz.

— Como você, Cosmo, já tive alguma experiência.

— Conte-me, Srta. Keeling — pediu ele, a voz fazendo uma imitação ruim de Noel Coward. — Quando foi que perdeu a virgindade? Sei que nossos ouvintes adorariam saber.

— Em meu primeiro ano na universidade.

— Que universidade?

— Isto é relevante?

— Poderia ser.

— "Lady Margaret Han".

Ele a beijou.

Eu a amo — disse, e sua voz não soava mais como Noel Coward.

Os dias foram passando, sem nuvens, quentes, longos e ociosos, preenchidos apenas pelas ocupações mais rotineiras. Nadar. Dormir, ir até o jardim alimentar as garnisés ou colher os ovos, arrancar ao acaso punhados de ervas daninhas. Ela conheceu Tomeu e Maria, que não pareceram nem um pouco admirados por sua chegada e a cumprimentavam cada manhã com muitos

sorrisos e apertos de mão. Olivia aprendeu um pouco da culinária espanhola e espiava Maria preparar suas compactas paellas. As roupas deixaram de ter importância. Ela passava os dias sem maquilagem, andando por ali de pés descalços, envergando velhos jeans ou de biquíni. Às vezes os dois seguiam até a aldeia com uma cesta e faziam compras, mas por tácito entendimento, não se aproximavam da cidade ou do litoral.

Com tempo para avaliar sua vida, Olivia percebeu ser aquela a primeira vez em que não estava trabalhando, esforçando-se, lutando para abrir caminho na profissão escolhida. Desde a mais tenra idade, sua ambição havia sido a de ser, simplesmente, a melhor. A primeira da classe, a primeira classificada nas provas colegiais. Estudava para obter bolsas-de-estudo, revisava aulas até alta madrugada, tudo com a finalidade de alcançar notas capazes de lhe garantirem um lugar na universidade. Então, viera Oxford, com todo o processo começando novamente, um acúmulo gradual, tendo em vista os enervantes exames finais. Diplomando-se com as melhores notas em Inglês e História, seria razoável que dedicasse algum tempo ao lazer, porém sua força propulsora era demasiado potente; Olívia aterrava-se à idéia de perder o impulso, de perder oportunidades, de maneira que partiu diretamente para o trabalho. Isto fora onze anos antes e, desde então, jamais havia parado.

Tudo terminado. Agora, não havia tempo para arrependimentos. De repente ficou mais sensata, percebendo que seu encontro com Cosmo e esta retirada de cena tinham acontecido no momento exato. Como uma pessoa com uma enfermidade psicossomática, havia descoberto a cura antes de diagnosticados os sintomas. Sentia-se profundamente grata. Seus cabelos cintilavam, os olhos escuros, de longos cílios, brilhavam de contentamento, e até os ossos do rosto pareciam perder os ângulos produzidos pelo estresse, tornando-se arredondados e suaves. Alta, esguia, bronzeada como uma castanha, olhava-se ao espelho e se via, pela primeira vez na vida, realmente bela.

Certo dia, Olivia ficou sozinha. Cosmo tinha descido à cidade, a fim de recolher os jornais, a correspondência e dar uma espiada em seu barco. Sentada em uma poltrona do terraço, Olivia viu dois pequenos e desconhecidos pássaros cortejando-se, nos ramos de uma oliveira.

Enquanto observava preguiçosamente suas cabriolas, experimentou uma curiosa sensação de vazio. Analisando o fato e refletindo sobre ele, descobriu que estava entediada. Não com Ca'n D'alt ou com Cosmo, mas entediada consigo mesma e sua mente destituída, nua e tão melancólica, como um aposento desocupado. Durante algum tempo, ficou considerando este novo conjunto de circunstâncias, e então se levantou da cadeira, entrando na casa para encontrar algo que pudesse ler.

Quando Cosmo voltou, estava tão entretida no livro, que não o ouviu chegar, até assustando-se, ao vê-lo surgir subitamente a seu lado.

— Estou morrendo de calor e de sede — dizia ele, mas então parou de repente e a fitou. — Não sabia que usava óculos, Olívia!

Ela fechou o livro.

— Só os uso para ler e trabalhar ou quando quero impressionar alguns homens turrões, durante almoços de negócios. Do contrário, prefiro as lentes de contato.

— Eu nunca havia reparado.

— Os óculos fazem diferença? Irão alterar nosso relacionamento?

— De maneira alguma! Fazem você parecer muitíssimo inteligente.

— Eu sou muitíssimo inteligente.

— O que está lendo?

— George Eliot. O moinho sobre o rio.

— Não comece a identificar-se com a pobre Maggie Tulliver.

— Jamais me identifiquei com alguém. Você tem uma biblioteca maravilhosa! Contém tudo que eu quero ler, reler ou que nunca tive tempo para ler. Provavelmente, passarei o ano inteiro com o nariz enfiado em um livro.

— Tudo bem para mim, desde que você emerja de vez em quando, para satisfazer minhas ânsias carnais.

— Farei isso.

Inclinando-se, ele a beijou, com óculos e tudo, entrando depois na casa em busca de uma cerveja. Olivia terminou “O moinho sobre o no” depois passou para “O morro dos ventos uivantes” e, em seguida, Jane Austen. Leu “La recherche du temps perdu”. Sartre e, pela primeira vez na vida, “Guerra e paz”. Leu clássicos, biografias, novelas de autores cujos nomes jamais ouvira falar. Leu John Cheever e Joseph Conrad, alem de um surrado exemplar de “Os caçadores de tesouros”, este conduzindo-a diretamente aos anos vividos na casa da Rua Oakley, quando era criança. Como todos estes livros eram velhos e familiares amigos para Cosmo, eles podiam passar os serões entretidos em prolongadas discussões literárias, em geral com o acompanhamento de música de fundo: "New world" e "Enigma variatzons"; de Elgar, além de sinfonias ou óperas completas. Para não perder contato, The Times era enviado de Londres para ele, todas as semanas. Certa noite, após ler um artigo sobre os tesouros da Galeria Tate, Olivia lhe falou sobre Lawrence Stern.

— Era meu avô, pai de minha mãe.

Cosmo ficou agradavelmente impressionado.

— Oh, mas isto é incrivelmente excitante! Por que nunca me contou antes?

— Não sei. Não costumo falar sobre ele. Aliás, hoje em dia muita gente

nunca ouviu falar dele. Ficou ultrapassado e foi esquecido.

— Era um grande pintor. — Cosmo franziu a testa, perdido em cálculos. — Ora, mas ele nasceu... quando foi isso?.. Na década de sessenta, do século passado. Devia ser um homem muito idoso, quando você veio ao mundo.

— Mais do que isso, já havia falecido. Morreu em mil novecentos e quarenta e seis, na cama, em sua casa de Porthkerris.

— Você costumava ir à Cornualha, passar férias e coisas assim?

— Não. A casa estava sempre ocupada por outras pessoas e, finalmente, minha mãe a vendeu. Foi forçada a vender, porque vivia permanentemente apertada por dinheiro, sendo este outro motivo por que nunca saíamos em férias.

— Você se incomodava?

— Nancy ficava terrivelmente afetada. Noel também teria sentido falta, mas sempre foi muito bom para cuidar de si mesmo. Fazia amizade com os garotos certos, conseguia arranjar convites para velejar e esquiar, além de juntar-se a grupos alegres, em vilas no sul da França.

— E você? — perguntou Cosmo, em voz tema.

— Não me importava. Eu não queria ir. Vivíamos em um casarão na Rua Oakley, com uma horta-jardim igualmente enorme nos fundos. Além disso, eu tinha todos os museus e bibliotecas bem ao alcance, era só ir lá. — Ela sorriu, recordando aqueles dias plenos e felizes. — A casa da Rua Oakley pertencia a minha mãe. No fim da guerra, Lawrence Stern deu-a para ela. Meu pai era um tipo de pessoa razoavelmente -ela buscou a palavra certa — insignificante. Um homem sem aspirações e recursos. Acho que meu avô sabia disto, daí sua ansiedade em tornar a filha independente, tendo pelo menos, um lar onde criar a família. Por outro lado, na época ele estava com oitenta anos e aleijado pela artrite. Sabia que nunca mais tomaria a morar lá.

— Sua mãe ainda mora nessa casa?

— Não. Ficou de manejo muito difícil e manutenção cara, de modo que, este ano, ela finalmente decidiu vendê-la e deixar Londres. Tinha sonhos de retomar a Porthkerris, mas minha irmã Nancy a dissuadiu disso e encontrou-lhe um chalé em uma aldeia chamada Temple Pudley, em Gloucestershire. Justiça seja feita a Nancy: a casa é absolutamente encantadora, e minha mãe se sente muito feliz lá. A única coisa horripilante é o nome — Podmore's Thatch[{3}].

— Ela franziu o nariz, desgostosa, e Cosmo riu. — Vamos, Cosmo, admita que é simplesmente ridículo!

— Vocês poderiam rebatizá-la. Mon Repos. Meu Repouso. E a casa contém muitas pinturas belas de Lawrence Stern?

— Não. Infelizmente, são apenas três. Eu gostaria que minha mãe possuísse mais algumas. Do jeito como anda o mercado, acho que alcançariam

excelente valor, dentro de um ou dois anos.

A conversa passou para outros artistas vitorianos, finalmente chegando a Augustus John. Cosmo foi buscar os dois volumes da biografia dele, que Olivia já lera, mas gostaria de reler. Discutiram o artista em profundidade, concordando que pela velha e turbulenta celebridade sentiam forte admiração, apesar das maneiras corrompidas de John, ambos considerando, entretanto, que sua irmã Gwen havia sido melhor artista.

Depois disto, tomaram uma ducha, vestiram roupas razoavelmente respeitáveis e foram até a aldeia, ao bar do Pedro, onde se podia sentar sob as estrelas e tomar um drinque. Pouco depois, surgia ali um rapaz com uma guitarra, que se sentou em uma cadeira e, com a maior naturalidade, sem a menor cerimônia, começou a executar o segundo movimento do Concerto para guitarra, de Rodrigo, enchendo a noite cálida com aquela música plangente e magnífica, a própria essência da Espanha.

Antonia deveria chegar em uma semana. Maria já iniciara a faxina da primavera no quarto dela, transferindo todos os móveis para o terraço, caiando as paredes, lavando cortinas, colchas e lençóis, e batendo tapetes, com fúria e uma flexível bengala.

Essa intensa atividade deixou o aparecimento de Antonia cada vez mais próximo, enchendo Olivia de apreensão. Não era inteiramente egoísmo de sua parte, embora a perspectiva de dividir Cosmo com outra mulher, mesmo sendo esta a filha dele de treze anos, fosse algo desanimador, para dizer-se o mínimo. A verdadeira ansiedade estava dentro dela, porque temia falhar com Cosmo, dizer a coisa errada ou fazer algo pouco diplomático. Segundo ele, Antonia tanto tinha de encantadora como de simples, porém isto em nada contribuiu para tranquilizar Olivia. que jamais lidara com crianças. Noel nascera quando ela já estava quase com dez anos e, na época em que deixou de ser bebê. Olivia praticamente saíra de casa para o mundo. Depois houvera os filhos de Nancy, é claro, porém eram tão desgraciosos e mal-comportados. que ela fizera questão de ter o menor contato possível com os sobrinhos. Assim, o que lhe competia dizer? O que conversar? Como agiriam todos eles, uns com os outros?

Em certo fim de tarde, quando já tinham nadado e estavam estirados em espreguiçadeiras junto da piscina. ela se abriu com Cosmo.

— Apenas não quero estragar as coisas para vocês dois. Evidentemente, sentem-se muito próximos um do outro e, sem dúvida, ela pensará que estou roubando a afeição do pai. Afinal de contas, Antonia só tem treze anos. É uma idade um tanto difícil, um certo ciúme seria a reação mais compreensível e natural.

Ele suspirou.

— Como convencê-la de que nada disso acontecerá?

— Na maioria das vezes, três é um número inconveniente. Talvez ela prefira tê-lo só para si, não sendo eu perceptiva o bastante para sair do caminho. Admita, Cosmo, estou com um problema nas mãos.

Considerando tais palavras, ele não respondeu em seguida. Finalmente, com um suspiro. declarou:

— Parece não haver uma forma de convencê-la do contrário, de que seus temores são infundados. Assim sendo, pensemos em mais alguma coisa. O que acha de enquanto Antonia estiver conosco, convidarmos outra pessoa para ficar aqui? Faríamos uma espécie de festival doméstico. Isso a deixaria mais tranqüila?

A sugestão colocava um toque inteiramente diverso na situação.

— Sim, sim, deixaria. Você é formidável! Quem convidaremos?

— Qualquer pessoa do seu agrado, desde que não seja nenhum homem jovem, atraente e viril.

— Que tal minha mãe?

— Acha que ela viria?

— Na mesma hora!

— Ela não estará esperando que ocupemos quartos separados, hein? Sou velho demais para percorrer corredores furtivamente. Acabaria caindo nas escadas.

— Minha mãe não tem ilusões sobre ninguém, principalmente a meu respeito. — Ela se sentou, subitamente excitada. — Oh, Cosmo, você vai adorá-la! Mal posso esperar para que se conheçam!

— Neste caso, não temos tempo a perder. — Levantando-se, ele estendeu a mão para os jeans. — Vamos, garota, mexa-se! Se pudermos ligar para sua mãe e combinar com Antonia, as duas poderão encontrar-se no aeroporto, em Heathrow, vindo para cá no mesmo vôo. Antonia sempre fica um pouco assustada sobre voar sozinha e, sem dúvida, sua mãe gostaria de ter companhia.

— E aonde vamos agora? — perguntou Olivia, abotoando a blusa.

— Vamos descer até a aldeia e usar o telefone no Pedro's. Tem o número de sua mãe, em Podmore's Thatch?

Ele pronunciou o nome com prazer, fazendo-o soar mais constrangedor do que nunca. Depois consultou o relógio.

— São mais ou menos seis e meia da tarde, na Inglaterra. Ela estará em casa? O que estará fazendo, às seis e meia?

— Trabalhando no jardim. Ou preparando um jantar para dez pessoas. Ou então, servindo um drinque para alguém.

— Mal posso esperar para tê-la aqui!

O vôo de Londres, via Valência, era esperado para nove e quinze da noite. Maria, mal se contendo de ânsia por rever Antonia, prontificou-se a ir até a casa e cozinhar o jantar. Deixando-a lá, preparando o gigantesco festim, eles foram de carro para o aeroporto. Embora nenhum dos dois quisesse admitir, sentiam uma nervosa excitação e, por causa disto, chegaram cedo demais, tendo que matar tempo no saguão solitário por meia hora ou coisa assim, antes que uma funcionária anunciasse, em imperfeito espanhol, que o avião havia pousado. Depois houve mais espera, enquanto os passageiros desembarcavam, passavam pela Imigração e reclamavam suas bagagens. Finalmente, as portas se abriram e uma boa multidão surgiu para a liberdade. Turistas, de rostos pálidos e cansados da viagem; famílias de moradores locais, com fileiras de filhos; sinistros cavalheiros de óculos escuros, em ternos bem talhados; um padre e duas freiras e... finalmente, quando Olivia já começava a temer que elas houvessem perdido o avião, Penelope Keeling e Antonia Hamilton.

Haviam encontrado um carrinho de bagagens para levar as malas das duas, porém este tinha rodas tortas e insistia em seguir o rumo errado. Por algum motivo, as recém-chegadas sufocavam-se em risadinhas, tão entretidas em falar, rir e manter o maldito carrinho na direção correta, que demoraram um pouco a avistar Cosmo e Olivia.

Parte da nervosa apreensão de Olivia provinha do fato de sempre temer, após um período de separação de Penelope, que a mãe pudesse estar amuada. Não envelhecida, precisamente, mas talvez parecendo cansada ou diminuída, de alguma forma sutil e terrível. Entretanto, mal a avistou, a ansiedade desapareceu. Penelope parecia vital como nunca e maravilhosamente distinta. Alta e de costas retas, com os espessos cabelos grisalhos presos em um coque na nuca, os olhos escuros brilhando de alegria, nem mesmo os esforços para manter o carrinho-bagageiro na direção certa faziam-na perder a dignidade. Como sempre, estava carregada de sacolas e cestas, vestindo a velha pelerine azul de uso na Marinha, que comprara em segunda mão de uma viúva de marinheiro necessitada, no final da guerra, e que desde então costumava usar em todas as ocasiões, de casamentos a funerais. E Antonia... Olivia viu uma garota alta e esguia, parecendo ter mais do que seus treze anos. Tinha os cabelos compridos e lisos, castanho-avermelhados, usava jeans, uma camiseta de malha e um blusão vermelho de algodão. Não houve tempo para mais. Cosmo ergueu os braços, gritou o nome da filha, e foram vistos. Antonia abandonou Penelope e o carrinho, a fim de correr para eles, os cabelos esvoaçando, um par de nadadeiras de borracha em uma das mãos e uma sacola de lona na outra, abrindo caminho através da multidão de passageiros carregados de bagagens, para vir atirar-se nos braços do pai. Ele a ergueu no ar e a girou, as compridas e afuseladas pernas de

Antonia rodando no ar. Depois a beijou sonoramente e tomou a depositá-la no chão.

— Você cresceu! — exclamou, acusadoramente.

— Eu sei, quase três centímetros!

Ela se virou para Olivia. Tinha sardas no nariz e boca carnuda e doce, grande demais para o rosto em forma de coração, olhos cinza-esverdeados e franjados por longas e espessas pestanas, muito claras. Sua expressão era cheia de interesse, franca e sorridente.

— Olá! Eu sou Olivia!

Antonia desligou-se dos braços do pai, enfiou as nadadeiras debaixo de um braço e estendeu a mão.

— Como vai?

Então, baixando os olhos para aquele rosto jovem e animado, Olivia soube que Cosmo tinha razão, que seus temores eram infundados. Encantada e desarmada pela educada graciosidade de Antonia, apertou-lhe a mão.

— Fico contente por você estar aqui — respondeu.

Então, com este começo seguramente encerrado, abandonou pai e filha para reclamar sua parente, ainda pacientemente tomando conta das bagagens. Com indescritível satisfação, Penelope abriu os braços amplamente, em um de seus típicos e expansivos gestos, e Olivia abrigou-se neles, tomada de felicidade. Foi abraçada com vigor, pressionou o rosto contra a face firme e fresca da mãe sentiu o cheiro de patchuli, há tanto e tanto tempo familiar.

— Oh, minha queridinha! — exclamou Penelope. — Mal posso acreditar que estou aqui!

Cosmo e Antonia juntaram-se a elas. Imediatamente, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Cosmo, esta é minha mãe, Penelope Keeling...

— Conseguiram encontrar-se direitinho, em Heathrow?

— Não houve a menor dificuldade; eu levava um jornal e tinha uma rosa presa nos dentes.

— Papai, tivemos um vôo gozadíssimo. Alguém passou mal...

— Esta é toda a bagagem de vocês?

— Quanto tempo tiveram que esperar em Valência?

— E a aeromoça derrubou um copo cheio de suco de laranja em cima de uma freira!

Finalmente, Cosmo teve a situação sob controle, incumbiu-se do carrinho de bagagens e iniciou a caminhada para o terminal. Dali, passaram para a cálida penumbra do céu pontilhado de estrelas, impregnado com o cheiro de petróleo e o ciciar das cigarras. Conseguiram encaixar-se todos no Citroen, atravancados.

Penélope na frente, Olivia e Antonia apertadas no banco traseiro. A bagagem foi empilhada em cima dos passageiros e, finalmente, começaram a rodar.

— Como vão Maria e Tomeu? — quis saber Antonia. — E as garnisés? E, papai, sabe de uma coisa? Tirei as maiores notas em Francês! Oh, escute, abriram uma nova discoteca. E um rinque de patinação. Oh, nós temos que ir patinar, papai, será que podemos? E nestas férias, quero realmente aprender wind-surf...será que as aulas são caras demais?

A estrada agora familiar começava a subir, afastando-se da cidade e penetrando a zona rural, onde as montanhas surgiam salpicadas pelas luzes das casas de fazenda esparsas e o ar estava carregado com o cheiro de pinheiro. Quando tomaram a estradinha que levava a Ca'n D'alt, Olivia viu que Maria acendera todas as luzes externas, as quais cintilavam em uma celebração, através dos galhos das amendoeiras. E quando Cosmo parou o carro, quando eles começavam a desembarcar, Maria e Tomeu estavam lá, aproximando-se deles em meio àquela profusão de luzes; Maria, atarracada e queimada de sol, com seu vestido negro e seu avental, Tomeu barbeado especialmente para a ocasião e envergando camisa limpa.

— Hola, señor! — chamou Tomeu.

Maria, entretanto, não pensava em mais nada além de sua querida criança.

— Antonia!

— Oh, Maria!

Antonia já saltava do carro e corria estradinha abaixo, para os braços de Maria.

— Antonia! Miniña! Como está usted?

Tinha chegado em casa.

O quarto de Penelope, que um dia fora estábulo de jumentos, dava diretamente para o terraço. Era tão pequeno, que tinha espaço apenas para a cama, uma cômoda com gavetas e uma fileira de cabides de madeira, pendendo da parede e funcionando como guarda-roupa. Entretanto, Maria lhe dera o mesmo tratamento vigoroso que ao quarto de Antonia, de maneira que o diminuto aposento exalava limpeza e alvura, cheirando a sabão e algodão recentemente passado a ferro. Olivia enchera um jarro azul e branco com rosas amarelas, que depositou na mesa de cabeceira junto à cama, ao lado de alguns livros cuidadosamente escolhidos. Dois degraus ladrilhados levavam a uma segunda porta; Olivia a abriu e explicou à mãe a localização do único banheiro da casa.

— O encanamento é um tanto instável; depende do estado do poço, de maneira que se a descarga não funcionar da primeira vez, é só você insistir.

— Estou achando tudo maravilhoso. Que casa encantadora! — Penelope

tirou a pelerine, pendurou-a em um dos cabides e, voltando para junto da cama, abriu sua mala. — E que homem agradável parece ser Cosmo! Você está com ótima aparência. Nunca a vi tão bem!

Olivia sentou-se na beira da cama e ficou olhando a mãe desfazer a mala.

— Você foi um anjo, aceitando um convite de última hora. Simplesmente, achei que seria mais fácil conviver com Antonia, se você também estivesse aqui. Não que a tivesse convidado por este único motivo. Na verdade, mal pousei os olhos nesta casa, tive vontade de mostrá-la a você.

— Bem sabe que adoro fazer coisas levada pelo impulso do momento. Liguei para Nancy, comuniquei que vinha, e ela ficou roxa de inveja. Também um pouco ressentida por não ter sido convidada, mas fingi não ter percebido. Quanto a Antonia, é um amor de menina! Nem um pouco acanhada, rindo e tagarelando o dia inteiro. Eu gostaria que os filhos de Nancy fossem metade tão amistosos e bem-educados. Só Deus sabe que pecado cometi, para ser presenteada com semelhante dupla de netos...

— E Noel? Tem visto Noel ultimamente?

— Não. Há meses que não ponho os olhos nele. Telefonei há dias, para certificar-me de que continuava vivo. Continua.

— O que faz ele no momento?

— Bem, mudou-se para um novo apartamento, nos arredores de King's Road. Quanto irá custar-lhe, nem ousei perguntar, mas isso é problema dele. Agora, está pensando em abandonar o mundo editorial e passar-se para o da publicidade — segundo ele, conseguiu alguns contatos excelentes. Ia passar o final da semana em Cowes. O mesmo de sempre...

— E você? Como vão as coisas com você? Como está Podmore's Thatch?

— A querida casinha... — disse Penelope, enternecida. — A estufa ficou pronta, finalmente, e nem sei dizer-lhe o quanto é bonita. Plantei um jasmineiro branco e uma videira. Também comprei uma cadeira de vime muito elegante.

— Com o tempo, terá um novo mobiliário de jardim.

— Oh, a magnólia floresceu pela primeira vez, e mandei aparar a glidinia. Os Atkinson estiveram lá um fim de semana, e fazia tanto calor que pudemos almoçar no jardim. Todos perguntaram por você e mandaram muitas lembranças. — Ela sorriu, tornando-se maternal, mostrando no rosto uma expressão de satisfeita afetuosidade. — Quando voltar para casa, poderei dizer a eles que nunca a vi tão bem. Desabrochando. Bonita.

— Foi um choque muito grande para você, eu ficar com Cosmo, abandonar o emprego e agir como lunática, de um modo geral?

— Talvez. Enfim, por que não fazer isso? Você trabalhou a vida inteira; às vezes, quando a via tão tensa e cansada, ficava preocupada por sua saúde.

— Nunca me disse nada.

— Olivia, sua vida e o que você faz não são da minha conta. Isto não significa, entretanto, que deixe de me preocupar com você.

— Bem, você está certa. Fiquei doente. Depois que tomei a decisão, que cortei as amarras e virei a mesa, fiquei em pedaços. Dormi três dias seguidos. Cosmo foi um anjo. Então, tudo entrou nos eixos. Eu não havia percebido o quanto andava cansada. Acho que, se não tivesse feito isto, terminaria em algum asilo de loucos, vítima de uma crise de nervos.

— Nem ouse pensar em tal coisa!

Enquanto conversavam, Penelope ia de um lado para outro, guardando suas roupas nas gavetas da cômoda ou pendurando nos cabides os surrados e familiares vestidos que trouxera consigo. Era bem típico de Penelope nada haver de novo ou na moda, comprado especialmente para aquela oportunidade. No entanto, Olivia sabia que sua mãe emprestaria àquelas peças imemoriais sua própria marca de distinção. Não obstante, havia algo novo. Do fundo da mala, foi retirado um vestido de seda em vivo verde-esmeralda, que terminou revelando-se um cáftã bordado em ouro, rico e voluptuoso, como algo de As mil e uma noites.

Olivia mostrou-se apropriadamente impressionada.

— De onde tirou essa coisa celestial?

— Não é lindo? Acho que é marroquino. Comprei-o de Rase Pilkington. A mãe dela o trouxe para casa, quando fez alguma excursão eduardiana ao Marrocos, e ela o encontrou no fundo de uma velha arca.

— Você ficará parecendo uma imperatriz, vestindo isso.

— Oh, mas não é tudo! — Pendurado em um cabide, o cáftã se juntou a uma série de desbotados vestidos de algodão, e Penélope se voltou para sua espaçosa sacola de couro, começando a remexer em suas profundezas. — Lembra-se de que lhe escrevi, contando que a querida tia Ethel tinha morrido? Bem, ela me deixou um pequeno legado. Chegou faz uns dois dias, bem a tempo de trazê-lo para cá.

— Tia Ethel deixou alguma coisa para você? Não pensei que ela tivesse algo para legar.

— Nem eu. Enfim, bem típico dela, surpreendeu a todos nós, até o fim...

De fato, tia Ethel sempre tinha sido surpreendente.

Única irmã de Lawrence Stern e muito mais nova do que ele, havia decidido, no final da Primeira Guerra Mundial, que aos trinta e três anos de idade, e com a flor da juventude masculina da Inglaterra cruelmente ceifada pela carnificina nos campos de batalha franceses, não lhe restava alternativa senão aceitar o inevitável estado de solteira. Não se deprimindo por isto, dispusera-se a

aproveitar sua solidão da melhor maneira humanamente possível. Vivera em uma casinha em Putney, muito antes de o lugar ficar em moda, onde, para equilibrar as finanças, aceitara um pensionista (ou amante? A família jamais tivera certeza) e dera lições de piano. Não era uma vida potencialmente excitante, porém tia Ethel a tornava excitante, vivendo cada dia em toda a sua plenitude, apesar de ser uma mulher pobre. Quando Olivia, Nancy e Noel eram crianças, uma visita da tia Ethel era sempre aguardada com ansiedade, não porque ela lhes trouxesse presentes, mas por ser divertida, de maneira alguma parecida com os adultos comuns. Ir à casa dela era a maior das delícias, porque nunca se sabia o que podia acontecer em seguida. Certa vez, enquanto se sentavam para saborear o assimétrico bolo que ela assara para o chá, o forro do quarto havia desabado. Em outra ocasião, haviam acendido uma fogueira em um recanto de seu pequeno jardim; o fogo passara para as grades de madeira, e a brigada contra incêndio teve que ser convocada, e chegou com todos os sinos tocando. Além disso, ela ensinara o cancã a eles, assim como canções vulgares de music-hall cujas letras de duplo sentido faziam Olivia sacudir-se com um riso culpado, embora Nancy sempre torcesse os lábios, fingindo nada entender.

Conforme Olivia recordava, ela parecia um pequeno inseto espichado, de pés em tamanho infantil e cabelos tingidos de vermelho, tendo sempre um cigarro ao alcance da mão. Entretanto, apesar de sua aparência e estilo de vida vulgares (ou talvez por causa disso), seu circulo de amigos era legião, mal havendo uma cidadezinha no condado, em que tia Ethel não tivesse uma velha amiga, colega de escola, ou um antigo namorado. Grande parte de seu tempo era gasta visitando estas amizades -as quais viviam convidando-a para visitá-las e darem boas risadas -.mas em meio àquelas excursões pela Inglaterra provincial ela costumava ir a Londres, onde visitava exposições de arte e ia a concertos, o que para tia Ethel significava a vida; era também dedicada à sua copiosa correspondência, ao seu atual inquilino, aos seus alunos de piano e seu telefone. Estava sempre ligando para seu corretor — que devia ter sido um homem paciente — e, se suas escassas ações subiam um ponto no correr do dia, permitia-se duas doses de gim, em vez de uma, enquanto o sol batia no pátio. Ela chamava àquilo sua pequena bebedeira.

Na casa dos setenta anos, quando o ritmo e os preços de Londres finalmente ficaram altos demais para ela, tia Ethel mudou-se para Bath, a fim de ficar perto de seus amigos mais queridos, Milly e Bobby Rodway. Então, Bobby Rodway falecera, em breve seguido por Milly, e tia Ethel ficara sozinha. Conseguiu seguir em frente por algum tempo, indestrutível e animada como sempre, porém a idade ia apoderando-se dela, e terminou tropeçando na garrafa de leite e quebrando o quadril, nos degraus da entrada. Após isso, a decadência

acelerou-se e, eventualmente, ela ficou tão frágil e incapaz, que as autoridades a colocaram em uma clínica para idosos. Ali, embrulhada em um xale, desmemoriada e trêmula, era visitada regularmente por Penelope que, em seu antigo Volvo, deslocava-se de Londres até Bath e, mais recentemente, de Gloucestershire. Olivia acompanhara a mãe uma ou duas vezes em tais ocasiões, porém ficava tão triste e deprimida, que sempre tentava alguma desculpa para não ir.

— A querida velhinha — dizia Penelope agora, enternecida, - Sabe que estava quase com noventa e cinco? Tão idosa... oh, aqui está!

Finalmente encontrou o que procurava e, da sacola, tirou um antigo e surrado estojo de couro para jóias. Pressionou o fecho, a tampa saltou, e no interior, sobre um fundo de veludo desbotado, havia um par de brincos.

— Oh!

O pequeno sinal de admiração foi totalmente involuntário, mas a visão dos brincos deixou Olivia deliciada. Eram lindos. Em ouro e esmalte, confeccionados em forma de cruz, com pendentes de rubi e pérolas, e um círculo de pérolas menores, unindo os braços da cruz ao fecho de ouro. Eram como bijuterias de outra era, com todo o intrincado esplendor da Renascença.

— Estes brincos eram da tia Ethel? — foi tudo o que pôde dizer.

— Admiráveis, não são?

— Ora, mas onde foi que a velhinha os conseguiu?

— Nem desconfio. Estiveram confinados no banco durante os últimos cinqüenta anos.

— Parecem muito antigos. Antiguidades.

— Não. Acho que são vitorianos. Talvez italianos.

— Teriam sido da mãe dela?

— É possível. Talvez ela os tenha ganho em algum jogo de cartas. Ou então os ganhou de algum admirador rico e apaixonado. Com tia Ethel, tudo tem que ser na base da suposição.

— Já mandou avaliá-los?

— Não houve tempo. Aliás, embora sejam bonitos, não creio que valham muito. De qualquer modo, são exatamente certos para o meu cáftã. Não acha que foram feitos um para o outro?

— Sim, acho. — Olivia devolveu o estojo à mãe. — Enfim, quando voltar para casa, prometa que os mandará avaliar e os porá no seguro.

— Está bem, acho que seria o mais acertado. Não dou muita importância a coisas assim -disse Penelope, tomando a guardar o estojo na sacola.

Já terminara suas arrumações. Penelope fechou a mala vazia, enfiou-a debaixo da cama e se virou para o espelho pendurado na parede. Retirou os

grampos de tartaruga do coque e soltou os cabelos, que lhe caíram pelas costas, estriados de grisalho, porém espessos e fortes como sempre. Jogando as madeixas por sobre um ombro, ela apanhou sua escova de cabelos. Com satisfação, Olivia apreciou o recordado ritual, o braço erguido de sua mãe e as fundas e extensas escovadelas nos fios.

— E você, minha querida? Qual é o seu futuro?

— Ficarei um ano aqui. Férias prolongadas.

— Seu editor sabe que você pretende retomar?

— Não.

— Vai voltar para Vênus?

— Talvez sim, talvez não.

Penelope largou a escova, tomou o comprido volume de cabelos na mão, torceu, enrolou e o prendeu novamente no lugar, com os grampos.

— Agora — disse — preciso ir e lavar-me. Depois, estarei pronta para qualquer coisa.

— Não vá tropeçar nos degraus.

Penelope começou a caminhar em direção ao banheiro. Olívia continuou onde estava, sentada na cama, tomada de gratidão pela calma e pratica aceitação de Penelope sobre aquela situação. Pensou em como seria ter outro tipo de mãe, ávida de curiosidade e impregnada de imagens românticas, unindo a filha a Cosmo. Imaginando-a em algum altar com um vestido branco, modelado para parecer bem, quando visto por trás. A própria idéia a fez rir e estremecer ao mesmo tempo.

Quando Penelope voltou, ela se levantou.

— E agora, que tal comer alguma coisa?

— Estou com bastante fome. — Ela olhou para seu relógio. — Céus, são quase onze e meia!

— Onze e meia não quer dizer nada. Você agora está na Espanha. Venha, vamos ver o que Maria preparou para nós.

Juntas, as duas saíram para o terraço. Além das luzes, a escuridão era impenetrável e cálida como veludo azul. Olivia seguiu na frente, subindo os degraus de pedra para a cozinha. Lá encontraram Cosmo. Antonia. Maria e Tomeu sentados à mesa iluminada por velas, bebericando uma garrafa de vinho e falando todos ao mesmo tempo, em uma torrente de castanholado espanhol.

— Ela é espetacular — disse Cosmo.

Estavam novamente sozinhos, e era como voltar para casa. Tinham feito amor, e agora jaziam na escuridão, Olivia aninhada na curva do braço dele. Conversavam baixinho, não querendo perturbar o sono dos outros ocupantes da casa.

— Mamma? Eu sabia que você gostaria dela.

— Vejo agora de quem você herdou seus traços.

— Ela é cem vezes melhor do que eu.

— Precisamos exibi-la. Ninguém me perdoaria, se eu a deixasse retomar à Inglaterra sem que a conhecessem.

— O que quer dizer com isso?

— Vamos dar uma festa. O mais cedo possível. Iniciaremos a temporada social.

Uma festa. Aquela era uma idéia inteiramente nova. Desde aquela primeira e detestável festa no barco, Olivia e Cosmo haviam passado o tempo todo juntos, sem falar com ninguém além de Maria, Tomeu e os poucos homens do lugar que freqüentavam o bar do Pedro.

— E quem iremos convidar? — perguntou ela.

Olivia mais sentiu do que ouviu o riso dele. O braço apertou-se em torno de seus ombros.

— Surpresa, meu bem, surpresa! Tenho amigos na ilha inteira. Afinal, moro aqui há vinte e cinco anos. Pensou que eu fosse algum proscrito social?

— Nunca pensei nada disso -respondeu ela, com sinceridade. — Não desejei mais ninguém, além de você.

— E eu não desejei mais ninguém além de você. Afinal, achei que você precisava descansar um pouco das pessoas. Fiquei receoso, naqueles dias em que não fez outra coisa além de dormir. Então, decidi que seria melhor que tudo ficasse tranqüilo por algum tempo.

— Entendo. — Ela nada percebera a respeito, aceitara a solidão dele como totalmente natural. Agora, perguntava-se por que não questionara aquele auto-imposto período de reclusão. — É outra coisa em que também não havia pensado — acrescentou.

— Pois agora chegou o momento de pensar. O que acha da idéia de uma festa?

Olivia descobriu que era uma boa idéia.

— Excelente — respondeu.

— Informal ou terrivelmente elegante?

— Oh, terrivelmente elegante. Minha mãe trouxe seu vestido de festa.

No dia seguinte, durante o desjejum, ele fez uma lista de nomes, tanto auxiliado, como impedido pela filha.

— Oh, papai, você deve convidar Madame Sangé!

— Não posso. Ela morreu.

— Então, convide Antoine. Aposto como ele virá.

— Pensei que você não gostasse daquele turbulento bode velho.

— Não gosto muito, mas seria bom revê-lo. E os garotos Hardback são muito agradáveis; talvez me convidem para fazer wind-surf; e então não teríamos que pagar pelas aulas.

A lista finalmente chegou ao fim e Cosmo partiu para o bar do Pedro, onde passaria a manhã telefonando. Os convidados que não recebessem telefonemas poderiam contar com convites escritos, que Tomeu entregaria dirigindo o Citroen de Cosmo, com certo perigo para si mesmo e quem mais ele encontrasse na estrada. As respostas choveram de volta, e a contagem final chegou a setenta. Olivia ficou impressionada, mas Cosmo manteve a modéstia. Disse a ela que sempre fora daqueles que não exibem o quanto valem.

Foi chamado um eletricista, para colocar fios de lâmpadas coloridas à volta da área da piscina. Tomeu varreu e limpou, endireitou mesas cambaias, ajeitou almofadas e poltronas. Antonia foi incumbida de polir os copos, lavar porcelanas raramente usadas e depois procurar toalhas de mesa e guardanapos, esquecidos em alguma prateleira. Olivia e Cosmo, com uma lista do comprimento do braço dela, fizeram uma estafante viagem à cidade e voltaram carregados de mantimentos, azeite de oliva, amêndoas torradas, sacolas de cubos de gelo, laranjas, limões e caixotes de vinho. Enquanto isso, Maria e Penelope trabalharam na cozinha o tempo todo, entrando em acordo absoluto e sem uma só palavra de uma língua comum, preparando pernis, assando aves, cozinhando paellas, batendo ovos, condimentando molhos, fazendo massa e cortando tomates.

Finalmente, tudo ficou pronto. Os convidados eram esperados às nove da noite e, às oito, Olivia foi tomar uma ducha e preparar-se. Encontrou Cosmo, barbeado e deliciosamente perfumado, sentado na cama e tentando colocar abotoaduras de ouro nos punhos de sua melhor camisa.

— Maria colocou tanta goma nesta maldita coisa, que não consigo abrir as casas das abotoaduras.

Olivia sentou-se ao lado dele, tomou-lhe a camisa e as abotoaduras. Cosmo ficou espiando.

— O que vai usar? — perguntou ele.

— Tenho dois lindos vestidos novos, que comprei para deslumbrar os hóspedes do hotel "Los Pinos", e que nunca foram usados. Não houve tempo. Você surgiu em minha vida e, desde então, vi-me forçada a andar por aí vestindo farrapos.

— Qual dos dois usará?

— Estão no armário. Pode escolher.

Levantando-se, ele abriu a porta do armário, remexeu nos chocalhantes cabides e finalmente encontrou os vestidos. Um deles era curto, em vivo chiffon

rosa, com camadas de saias semelhantes a nuvens. O outro era longo, azul-safira, sem cintura, fluindo de um fundo decote, com alças semelhantes a cordões de sapatos. Cosmo escolheu o azul, como Olivia imaginara. Ela o beijou, devolveu-lhe a camisa e foi para o chuveiro. Ao voltar do banheiro, ele já se fora.

Vestiu-se lentamente, com imenso cuidado, maquilou o rosto, ajeitou os cabelos, colocou brincos, espargiu perfume. Por fim, afivelou as sandálias delicadas e então ergueu o vestido acima da cabeça. Ele deslizou sobre seu corpo; fresco e leve como a brisa. Quando Olivia se moveu. o tecido moveu-se com ela. Era como vestir um hálito de vento.

Soou uma batida à porta.

— Entre — disse ela.

Era Antonia.

— Olivia, você acha que está tudo bem?... — interrompendo-se, ela observou Olivia. — Oh! Você está linda! Que vestido maravilhoso!

— Obrigada. Agora, vejamos você.

— Minha mãe comprou para mim em Weybridge e parecia ótimo na loja, mas agora não tenho tanta certeza. Maria disse que não está no comprimento certo...

Ela usava um conjunto à marinheira branco, de saia pregueada e gola quadrada, com galões azul-marinho. As pernas queimadas, em sandálias brancas, estavam nuas. Antonia entrançara duas madeixas finas dos cabelos arruivados e as atara atrás da cabeça, com uma fita azul-marinho.

— Eu acho que está perfeito. Você parece fresca e crocante como... não sei o quê. Uma sacola de papel, novinha em folha.

Antonia deu uma risadinha contida.

— Papai disse que você deve ir. As pessoas já começaram a chegar.

— Minha mãe está lá?

— Foi para o terraço e está fantástica! Oh, vamos...

Agarrou a mão de Olivia e a puxou pela porta. Assim, de mãos dadas, sob as luzes, elas desceram para o terraço. Olivia avistou Penelope, já enfronhada em uma conversa com um homem, e percebeu que tivera razão, pois, naquele cáftã de seda e com os brincos herdados, sua mãe de fato parecia uma imperatriz.

Depois daquela noite, mudou inteiramente o padrão de suas vidas em Ca'n D'alt. Após semanas de solidão sem objetivo, agora parecia que nunca mais tinham um dia só para eles. A casa se enchia de convites para jantares, piqueniques, churrascos e passeios de barco. Carros chegavam e partiam, nunca parecia haver menos de doze pessoas à beira da piscina, muitas delas nivelando em idade com Antonia. Cosmo finalmente arranjou as aulas de wind-surf, de maneira que todos iam de carro até a praia dos treinamentos. Olivia e Penelope

jaziam na areia, supostamente apreciando os esforços de Antonia para dominar o enlouquecedoramente difícil esporte mas, na realidade, ocupadas na atividade favorita de Penelope, que era observar as pessoas. Como as pessoas observadas, naquela praia em particular, estavam quase inteiramente despidas, fossem jovens ou velhas, os comentários dela eram hilariantes, de modo que as duas ficavam a maior parte do tempo em incontidas e sufocadas risadinhas.

Às vezes, de quando em quando surgia a dádiva de um dia ocioso. Então, permaneciam na casa e no jardim. Com um velho chapéu de palha, seu recém-adquirido bronzeado e um surrado vestido de algodão, mais parecendo uma nativa da ilha, Penelope atacava com uma tesoura as enredadas roseiras de Cosmo. Eles nadavam constantemente, como exercício e refrigério. Quando as noites foram ficando mais frias, saíam em pequenas caminhadas pelo campo, atravessando milharais e passando ao lado de casinholas e pátios de fazenda, onde bebês de nádegas nuas brincavam felizes na terra, juntamente com cabras e galinhas, enquanto suas mães tiravam do varal a roupa lavada ou apanhavam água no poço.

Quando finalmente chegou a data da partida de Penelope, ninguém queria que ela se fosse. A pedido de Olivia e de sua filha, Cosmo a convidou formalmente para ficar mais tempo, porém ela recusou, embora emocionada.

— Após três dias, peixe e convidados começam a cheirar mal, e eu já fiquei um mês com vocês.

— A senhora não é peixe nem convidado e não cheira mal nem um pouquinho — garantiu-lhe Antonia.

— Você é muito gentil, mas preciso voltar para casa. Já fiquei ausente tempo demais. Meu jardim jamais me perdoará.

— Mas voltará outras vezes, não é? — insistiu Antonia.

Penelope não respondeu. Em meio ao silêncio, Cosmo ergueu os olhos para Olivia.

— Oh, diga que vai voltar!

Penelope sorriu e deu pancadinhas na mão da menina.

— Talvez — respondeu. — Um dia...

Foram todos ao aeroporto, vê-la partir. Mesmo depois de se despedirem, ainda ficaram por lá, esperando que o avião decolasse.

Quando ele se foi, o som dos motores já desaparecendo, dissolvendo-se na imensidão do céu, não havia mais razão para ficarem lá e então voltaram para o carro, retomando a Ca'n D'alt em silêncio.

— Não será a mesma coisa sem ela, não acham? — disse Antonia melancolicamente, quando desceram para o terraço.

— Nada será — respondeu-lhe Olivia.

Podmore's Thatch, Temple Sudbury,Glos.
17 de agosto
Meus caros Olivia e Cosmo,

Como poderei agradecer a vocês por sua interminável gentileza e por me proporcionarem umas férias inesquecíveis? Nem um só dia passou sem que me sentisse bem-vinda e apreciada, tendo voltado para casa com tantas recordações, como um álbum recheado de fotos. Ca'n D'alt é um lugar realmente mágico, seus amigos são encantadores e hospitaleiros, enquanto a ilha — até mesmo ou, eu talvez devesse dizer, especialmente as praias de topless — é simplesmente fascinante. Sinto uma falta enorme de vocês, em particular de Antonia. Há muito tempo não passava momentos tão compensadores, com uma jovem tão encantadora. Eu poderia continuar com esta tagarelice para sempre, mas creio que vocês dois sabem o quanto me sinto grata. Lamento não ter escrito há mais tempo, porém não houve um momento disponível. O jardim está uma profusão de ervas daninhas, e os canteiros de rosas perderam todo o formato. Acho que deveria arranjar um jardineiro.

Por falar em jardineiros, passei uns dois dias em Londres, quando vinha para casa, e fiquei com os Friedmarm. Fui a um concerto delicioso, no Festival Hall. Também levei os brincos para serem avaliados na Collingwood's, como você sugeriu que eu fizesse, e — não vai acreditar — o homem disse que valiam pelo menos 4.000 libras! Quando meu desmaio terminou, expliquei que os queria pôr no seguro, mas a quantia do prêmio mencionado era enorme. Assim, eu os levei para o banco tão logo cheguei em casa, e lá os deixei. Pobrezinhos, parecem condenados a passar a vida no banco! Eu poderia vendê-los, imagino, porém achei-os tão bonitos... Aliás, é bom saber que estão lá, como dinheiro disponível, caso eu resolva cometer alguma loucura de repente, como comprar um cortador de grama com motor. (Daí a referência a jardineiros.)

Nancy, George e as crianças apareceram para almoçar domingo passado, ostensivamente para saber notícias de Ibiza, mas na realidade para me contar as iniqüidades dos Croftway e como eles foram convidados para um almoço formal com o Governador do Condado. Servi-lhes faisão e couve-flor fresca da horta, depois maçã em pedacinhos, guarnecida com frutas cristalizadas e conhaque, mas Melanie e Rupert reclamaram e discutiram, não fazendo o menor esforço para disfarçar seu tédio. Nancy não tem o menor controle sobre eles, e George parece não perceber as

maneiras terríveis dos filhos. Fiquei tão irritada com Nancy que, para irritá-la também, falei nos brincos. Ela não mostrou grande interesse — nem uma só vez visitou a pobre tia Ethel — senão quando pronunciei as palavras mágicas — quatro mil libras. Isto a deixou sumamente atenta, como um sabujo farejando a caça. Sempre foi fácil saber-se o que ela pensa, de maneira que a vi já imaginando talvez o baile de debutantes para Melanie, com um ou dois parágrafos na página social da Harpers and Queen. "Melanie Chamberlain, uma das mais lindas debutantes deste ano, usava vestido de renda branca e os famosos brincos de ouro e rubis, que pertenceram à sua avó".Talvez eu me tenha enganado.

Que cruel sou eu, mostrando-me desleal com minha filha, porém não posso deixar de partilhar a piadinha com você.

Meus agradecimentos novamente. Inteiramente inadequados, porém não existem outras palavras para demonstrar gratidão.

Recebam o meu amor,
Penelope.

Os meses passaram. O Natal chegou e se foi. Estavam agora em fevereiro. Houvera chuva e algumas tempestades, de maneira que passavam muito de seu tempo dentro de casa, com a lareira crepitando, mas de repente surgiu um sopro de primavera no ar, as amendoeiras desabrocharam e havia calor suficiente ao meio-dia, para se sentarem um pouco ao ar livre.

Fevereiro. A esta altura, Olivia julgava conhecer tudo que era possível sobre Cosmo. No entanto, enganava-se. Certa tarde, subindo da horta com uma cesta de pequenos ovos das garnisés na mão, ouviu um carro aproximar-se e parar debaixo da oliveira. Ao subir os degraus para o terraço, viu um homem estranho vindo em sua direção. Devia ser um residente local, mas se vestia de maneira mais formal do que a costumeira — terno marrom, colarinho e gravata.

Tinha um chapéu de palhinha na cabeça e carregava uma pasta para documentos.

Ela sorriu, questionante, e ele tirou o chapéu.

— Buenos días.

— Buenos días.

—Señor Hamilton?

Cosmo estava dentro de casa, escrevendo cartas.

— Pois não?

O homem falou em inglês:

— Eu gostaria de vê-lo. Diga -lhe que é Carlos Barcello. Ficarei

esperando.

Olivia foi à procura de Cosmo e o encontrou sentado diante da secretária, na sala de estar.

— Você tem um visitante — anunciou ela. — Chama-se Carlos Barcello.

— Carlos? Oh, céus, esqueci que ele vinha! — Largando a caneta, ele se levantou. — É melhor eu ir falar com ele. — Saiu da sala e subiu os degraus correndo. Ela o ouviu cumprimentar. — Hombre!

Olivia levou os ovos para a cozinha e os colocou dentro de uma tigela de louça amarela, de um em um. Depois, cheia de curiosidade, foi até a janela e viu Cosmo ao lado do Sr. Barcello, quem quer que fosse ele, descendo em direção à piscina, em atenta conversa. Permaneceram lá algum tempo e retomaram ao terraço, onde ficaram inspecionando o poço. Depois disso, ela os ouviu entrando na casa, mas não pareceram ir além do quarto. Também ouviu a descarga sendo puxada. Perguntou-se se o Sr. Barcello seria um bombeiro-encanador.

Os dois homens retomaram ao terraço. Lá, conversaram durante mais algum tempo, despediram-se, e ela ouviu o carro do Sr. Barcello ser ligado, afastando-se em seguida. Pouco depois, as pisadas de Cosmo soaram na escada. Ela o ouviu entrando na sala de estar, atirar uma tora ao fogo e, presumivelmente, sentar-se de novo para escrever suas cartas.

Eram quase cinco da tarde. Olivia ferveu uma chaleira de água, preparou um bule de chá e o levou para ele.

— Quem era o visitante? — perguntou, deixando a bandeja na mesa.

Cosmo ainda escrevia.

— Hum?

— Quem era ele? O Sr. Barcello?

Ele se virou na cadeira e sorriu para ela, meio divertido.

— Por que está tão curiosa?

— Bem, é claro que teria de estar. Nunca o vi antes por aqui e, por outro lado, está bem vestido demais para ser um encanador.

— Quem disse que era um encanador?

— Não é?

— Santo Deus, não! — exclamou Cosmo. — Ele é meu senhorio.

— Seu senhorio?

— Isso mesmo, meu senhorio.

No mesmo instante, ela se sentiu tiritando de frio. Cruzou os braços sobre o peito, olhando fixamente para Cosmo; queria que ele, de algum modo, lhe dissesse que entendera mal, que se enganara.

— Está querendo dizer que esta casa não lhe pertence?

— Exatamente.

— Você morou nela vinte e cinco anos... e não é seu dono?

— Eu já lhe disse. Não, não sou.

A Olívia, aquilo pareceu quase obsceno. Aquela casa, tão intensamente usada, repleta de recordações partilhadas; o jardim tratado, a pequena piscina; a vista que se tinha dali. Não pertenciam a Cosmo. Nada daquilo jamais pertencera. Era tudo propriedade de Carlos Barcello.

— Por que nunca a comprou?

— Ele nunca quis vender.

— E você não pensou em procurar outra?

— Eu não queria outra casa. — Cosmo se ergueu lentamente da cadeira, como se escrever cartas o houvesse fatigado. Empurrou a cadeira para o lado e foi apanhar um charuto, na caixa sobre o aparador da lareira. De costas para ela, prosseguiu: — De qualquer modo, assim que Antonia entrou para a escola, era minha a responsabilidade de pagar as anuidades. Depois disso, não tive mais o suficiente para comprar coisa alguma.

Em cima da lareira havia um recipiente com papel torcido, ele apanhou um e o encostou às chamas para acender o charuto.

Não tive mais o suficiente para comprar coisa alguma. Eles jamais haviam falado em dinheiro. O assunto nunca surgira entre eles. Durante os meses em que haviam ficado juntos, sem questionar, Olivia tinha contribuído com alguma coisa para as despesas normais do dia-a-dia. Pagava uma sacola de mantimentos no mercado ou um tanque de gasolina. Às vezes, como naturalmente acontece, ele estava com pouco dinheiro. e então ela pagava a conta das bebidas em algum bar ou em uma das ocasionais saídas à noite. Afinal de contas, não estava desprovida de dinheiro e, só porque estava vivendo com Cosmo, isto não significava que esperasse ser sustentada por ele. Surgiram perguntas no fundo de sua mente, mas receou fazê-las, porque temia as respostas.

Ficou olhando para ele em silêncio. Após acender o charuto. Cosmo jogou ao fogo o papel torcido e se virou para fitá-la, os ombros apoiados na lareira.

— Você parece ter ficado muito chocada — falou.

— E fiquei. Cosmo. Acho quase impossível acreditar. Isso vai contra o cerne de algo sobre o que tenho opiniões muito firmes. Ser dono da própria casa, sempre me pareceu a prioridade mais importante. Isto nos infunde segurança, em cada sentido da palavra. A casa da Rua Oakley pertencia a minha mãe e, por causa disso, quando crianças sempre nos sentimos seguros. Ninguém poderia tirá-la de nós. Uma das melhores sensações do mundo era voltar para casa, ficar lá dentro, fora da rua. Então, fechada a porta, sabíamos que estávamos em nosso lar.

Ele não fez qualquer comentário a respeito. Perguntou apenas:

— Você é proprietária da casa em que mora, em Londres?

— Ainda não, mas serei, dentro de dois anos. Até lá, terei acabado de pagar à firma construtora.

— Que mulher de negócios é você!

— Ninguém precisa ser uma mulher de negócios para perceber o quanto é antieconômico pagar aluguel vinte e cinco anos e, no fim desse tempo, nada ter de seu.

— Acha que sou um tolo.

— Não, Cosmo! Não é o que acho. Suponho que posso entender como tudo isso aconteceu, porém, ainda assim, fico preocupada.

— Por minha causa.

— Sim, por sua causa. Estive pensando que fiquei com você todo este tempo, sem nunca me perguntar de que estamos vivendo.

— Quer saber?

— Não, a menos que você queira contar.

— A renda provém de alguns investimentos que herdei de meu avô e da minha pensão do exército.

— E isso é tudo?

— Absolutamente tudo.

— Então, se alguma coisa lhe acontecer, essa pensão do exército morre com você.

— Naturalmente. — Cosmo sorriu para ela, tentando forçar um sorriso em seu rosto tenso e preocupado. — Bem, não vamos sepultar-me por enquanto. Afinal, estou apenas com cinqüenta e cinco anos.

— Eu sei, mas e Antonia?

— Não lhe posso deixar o que não tenho. Simplesmente, espero que quando chegar a minha hora, ela já tenha encontrado um marido rico.

Os dois estavam discutindo, mas tranqüilamente. Quando ele se saiu com isto, no entanto, todos os instintos de Olivia fervilharam, e ela perdeu a calma.

— Não diga uma coisa destas, Cosmo! Não fala dessa maneira fantasmagórica, arcaica e vitoriana, condenando Antonia à dependência de algum homem, pelo resto da vida! Ela precisa ter dinheiro próprio. Toda mulher precisa!

— Não tinha percebido quanto o dinheiro é importante para você.

— Não é importante para mim. Nunca foi. Importante, apenas, é que se tenha algum. Porque o dinheiro compra coisas agradáveis; não carros velozes, casacos de pele, cruzeiros ao Havaí ou coisas no gênero, mas coisas reais, adoráveis, como independência, liberdade e dignidade. E instrução. E tempo.

— Foi por isso que trabalhou a vida inteira? Para poder dar uma rasteira no

machista arrogante, no páter-famílias vitoriano?

— Não está sendo justo! Falando assim, faz com que eu pareça a pior espécie de feminista liberada, uma grande e agressiva lésbica com idéias abomináveis!

Ele não replicou a essa explosão, fazendo-a imediatamente sentir-se envergonhada, desejando não ter dito as iradas palavras. Jamais haviam discutido antes. A rápida irritação de Olivia morreu, dando lugar à razão. Respondeu à pergunta dele, em voz deliberadamente calma:

— Sim, este é um dos motivos. Já lhe contei que meu pai foi apenas uma espécie de figura decorativa. Jamais me influenciou, em qualquer sentido. Entretanto, sempre estive determinada a imitar minha mãe, a ser forte, independente de todos. Além do mais, sinto uma necessidade criativa de escrever, e o tipo de jornalismo que é minha profissão preenche essa necessidade. Portanto, sou uma mulher de sorte. Faço o que gosto de fazer e sou paga para isso. Entretanto, não é tudo. Existe uma compulsão em alguma parte, uma força propulsora forte demais para que lute contra ela. Preciso do conflito de um trabalho exigente, que me force a tomar decisões, resolver situações. Preciso das pressões, do fluxo de adrenalina. É algo que me transtorna.

— E isso a torna feliz?

— Oh, Cosmo! Felicidade... Não existe um pássaro azul, um final de arco-íris! Imagino que a resposta seja que, se estou trabalhando, nunca sou inteiramente infeliz. E, se não estou trabalhando, nunca sou inteiramente feliz. Acha que faz sentido?

— Quer dizer que não tem sido inteiramente feliz aqui?

— Estes meses com você foram diferentes, algo que jamais me aconteceu antes. É como um sonho, roubado do tempo. E nunca deixarei de ser grata por você me ter dado algo que nenhuma pessoa poderá tomar. Uma temporada boa. Não uma boa temporada, mas uma boa temporada. Entretanto, não se pode sonhar eternamente. Tem-se que acordar um dia. Em breve estarei ficando inquieta, talvez irritável. Você quererá saber o que há de errado comigo — e eu também. Então, farei uma análise privada do problema e descobrirei que chegou a hora de voltar para Londres, recolher os fios da meada e prosseguir com minha vida.

— Quando será isso?

— No próximo mês, talvez. Em março.

— Você disse um ano. Em março, serão apenas dez meses.

— Eu sei, mas Antonia voltará novamente em abril. Acho que, a essa altura, eu já deveria ter ido embora.

— Pensei que vocês gostassem da companhia uma da outra.

— E gostamos. Por isso é que prefiro ir embora. Ela não deve esperar encontrar-me aqui, e tampouco devo tomar-me importante para ela. Além do mais, encontrarei um punhado de problemas à minha espera, sendo o menor deles arranjar um emprego.

— Conseguirá seu antigo emprego de volta?

— Se não conseguir, arranjarei um melhor.

— Parece muito segura de si.

— Tenho de ser.

Ele suspirou fundo e então, com um gesto de impaciência, atirou na lareira o charuto fumado a meio.

— Se lhe pedisse para casar comigo, você ficaria? — perguntou.

Ela exclamou, em desespero:

— Oh, Cosmo!...

— Compreenda, acho difícil pensar em um futuro sem você.

— Se me casasse com algum homem — respondeu ela — seria com você. Entretanto, no primeiro dia em que cheguei aqui, eu lhe disse. Jamais desejaria casar-me, ter filhos. Gosto das pessoas. Sou fascinada por gente, mas também preciso de minha privacidade. De ser eu mesma. Viver só.

— Eu a amo — disse ele.

Ela cruzou o pequeno espaço entre ambos, passou os braços à volta da cintura dele e repousou a cabeça em seu ombro. Através da suéter e da camisa, podia ouvir o coração de Cosmo batendo.

— Preparei chá — falou. — Não o bebemos, e agora deve estar frio.

— Eu sei. — Olivia sentiu a mão dele tocar-lhe o cabelo. Você voltará a Ibiza?

— Acho que não.

— Escreverá para mim? Ficaremos em contato?

— Eu lhe mandarei cartões de Natal, com ilustrações de tordos.

Ele colocou as mãos nos lados da cabeça dela e a fez erguer o rosto. A expressão de seus olhos pálidos era imensuravelmente triste.

— Agora eu sei — disse para ela.

— Sabe o quê?

— Que vou perder você para sempre.

4. Noel

Às quatro e meia da tarde daquela frígida, escura e molhada sexta-feira de março, enquanto Olivia ameaçava sua editora de ficção com a demissão e Nancy vagava estonteada pela casa Harrods, o irmão delas, Noel, limpava sua mesa de trabalho nos futuristas escritórios de Wenborn e Weinburg, Agentes Publicitários, e voltava para casa.

O escritório só fechava às cinco e meia, porém ele trabalhava lá já fazia cinco anos, e supunha que uma ocasional saída mais cedo estava entre seus direitos. Os colegas, acostumados à sua maneira de ser, apenas ergueram uma sobrancelha. Se ele encontrasse por acaso um dos sócios mais antigos, em sua caminhada até o elevador já teria uma justificativa pronta: sentia-se mal, talvez houvesse pegado uma gripe, e ia para a cama.

Noel não encontrou nenhum dos sócios antigos e tampouco pretendia enfiar-se na cama: sua idéia era ir de carro até Wiltshire onde passaria o fim de semana com algumas pessoas de sobrenome Early, que ainda não conhecia. Camilla Early era antiga colega de estudos de Amabel, e Amabel era a atual namorada de Noel.

— Eles vão dar uma festa em casa para a point-to-point[4] local, no sábado — anunciara Amabel. — Talvez fosse uma boa pedida.

— A casa tem aquecimento central? — perguntou ele, cauteloso. Àquela época do ano, Noel não tinha a menor intenção de ficar, nem uma hora que fosse, tiritando diante do fogo inadequado de uma lareira.

— Oh, é claro que temi. Aliás, eles nadam em dinheiro. Costumavam mandar apanhar Camilla na escola em um enorme Bentley.

A perspectiva parecia agradável. Aquele seria o tipo do lugar onde se pode conhecer pessoas proveitosas. Enquanto descia no elevador, Noel afastou da mente os problemas do dia e começou a divagar. Se Amabel chegasse a tempo, poderiam sair de Londres antes do trânsito de êxodo das noites de sexta-feira. Esperava que ela trouxesse seu carro, no qual fariam a viagem. Seu Jaguar vinha produzindo estranhos sons de pancadas e, indo no carro dela, sempre haveria a possibilidade de que ele não tivesse de pagar a gasolina.

Fora do escritório, a Knightsbridge ensopava-se de chuva e estava congestionada de trânsito. Em geral, Noel costumava voltar para Chelsea de ônibus ou, no verão, caminhando pela Rua Sloane. Agora, no entanto, agoniado pelo frio, amaldiçoou a despesa e fez sinal para um táxi. Na metade de King's

Road, mandou o motorista parar, saltou do táxi, pagou a corrida e internou-se em sua própria rua, de onde seguiria a pé pelo pequeno trajeto até Vernon Mansions.

Seu carro estava parado junto ao meio-fio — um Jaguar modelo E, maravilhosamente potente, porém com dez anos de uso. Noel o comprara de um sujeito que se arruinara, achando que fizera um negócio da China, mas só até levá-lo para casa e descobrir a profusão de ferrugem na parte inferior do chassis, os freios em péssimo estado e o fato de que o motor absorvia tanta gasolina quanto um homem sedento bebia cerveja. E agora, começara aquele ruído chocalhante. Parou para olhar os pneus e chutou um deles. Arriado. Se, por algum infeliz acaso, fosse obrigado a usar o carro esta noite, teria que parar em alguma garagem, para calibrar o pneu. Afastou-se do carro, cruzou a calçada e depois a porta principal do prédio. O interior cheirava a mofo e confinamento. Havia um pequeno elevador mas, como morava no primeiro andar, ele subiu a escada. Eram acarpetadas, bem como o pequeno corredor até sua porta. Abriu-a e, quando tornou a fechá-la, estava em casa. Seu lar.

Em verdade, era uma pilhéria.

Os apartamentos haviam sido construí dos como pieds-à-terre para homens de negócios, esgotados pela pura exaustão da viagem diária de trem até as profundezas de Surrey, Sussex ou Buckinghamshire. Cada um deles apresentava um diminuto vestíbulo, com um armário embutido onde, presumia-se, o morador manteria todas as roupas usadas no trabalho. Em seguida, havia um banheiro minúsculo, uma cozinha do tamanho de sua similar em um iate de pequeno porte e uma saleta de estar. Ali, portas duplas com venezianas se dobravam para trás, revelando uma espécie de canil, inteiramente tomado por uma cama de casal. Além de ser impossível arrumar a cama, na época do verão aquele recanto ficava hediondamente quente, a ponto de Noel geralmente terminar dormindo no sofá.

A decoração e o mobiliário faziam parte do apartamento, estando incluídos no aluguel gigantescamente inflacionado. Tudo era em bege ou castanho e incrivelmente tedioso. A janela da sala de estar dava para a uniforme parede atijolada de um supermercado construído pouco antes, um beco estreito e uma fileira de garagens fechadas à noite. A luz do sol jamais penetrava ali. As paredes, que um dia tinham sido cremes, haviam escurecido para um tom de margarina.

Entretanto, era um bom endereço. Para Noel, isso era mais importante do que tudo. Fazia parte de sua imagem, como o carro exibicionista, as camisas Harvey e Hudson, os sapatos Gucci. Todos estes detalhes eram de suma importância, porque em sua juventude, devido a circunstâncias familiares e pressões financeiras, ele não fora enviado para uma escola pública, mas educado em um externato em Londres, ficando desta maneira privado das amizades fáceis

e conexões úteis, feitas por quem cursava Eton, Harrow ou Wellington. Este era um ressentimento que, mesmo à idade de quase trinta anos, continuava a amargurá-lo.

Deixar a escola e encontrar emprego não tinha sido um problema. Já havia um posto à sua espera na firma da família de seu pai, Keeling & Philips, uma companhia editora tradicional e há muito estabelecida, localizada em St. James. Noel trabalhara lá durante cinco anos, antes de passar para o infinitamente mais interessante e lucrativo campo da publicidade. Entretanto sua vida social era uma questão inteiramente diversa e, aqui, era lançado aos seus próprios recursos. Por sorte, tais recursos eram legião. Noel era alto, atraente, perito em jogos e, ainda menino, aprendera a cultivar maneiras sinceras e abertas, rapidamente desarmantes. Ele sabia ser encantador com senhoras idosas, discretamente respeitoso com senhores idosos e, com a paciência e sagacidade de um bem-treinado espião, infiltrar-se com pequena dificuldade nos altos escalões da sociedade londrina. Durante anos, constara da lista de rapazes condizentes, elaboradas pelas patrocinadoras de bailes de debutantes. Por toda a temporada social, ele mal tinha tempo para dormir, voltando de algum baile ao alvorecer de um dia de verão, despindo o fraque e a camisa engomada, tomando uma ducha e indo trabalhar. Os fins de semana o viam em Henley, Cowes ou Ascot. Era convidado para esquiar em Davos, pescar em Sutherland e, de vez em quando, seu rosto simpático aparecia nas páginas acetinadas de Harpers and Queen. "gracejando com sua anfitriã".

Em tal sentido, isto era uma façanha. Contudo, de repente, não bastava mais. Ele estava farto. Parecia não chegar a lugar algum. Noel desejava mais.

O apartamento fechava-se em torno dele, vigiando-o como um parente desvalido, à espera de que ele tomasse alguma iniciativa. Noel correu as cortinas, ligou o abajur, e as coisas pareceram marginalmente melhores. Tirou The Times do bolso do paletó e o jogou em cima da mesa. Depois despiu o paletó e o deixou cair atravessado em uma poltrona. Foi para a cozinha, serviu uma dose generosa de uísque e encheu o copo com gelo. Retomando à sala, sentou-se no sofá e abriu o Jornal.

Examinou primeiro os preços no mercado de ações e viu que as da Consolidated Cables tinham subido um ponto. Em seguida, passou à página das corridas. Scarlet Flower chegara em quarto, isto significando que lançara cinqüenta pratas no lixo: Leu a crítica de uma nova peça e depois o noticiário sobre leilões. Viu que um Millais alcançara, na casa Christie's, quase oitocentas mil libras. Oitocentas mil libras! As próprias palavras o deixavam quase fisicamente doente de inveja e frustração. Largou o jornal, tomou um gole do uísque e pensou na tela “As aguadeiras”, de Lawrence Stern, que seria leiloada

na Boothby's, na semana seguinte. Como sua irmã Nancy, ele nunca tivera grande conceito pela obra do avô mas, ao contrário dela, não lhe passara despercebido o extraordinário ressurgimento de interesse no mundo da arte, em relação àqueles pintores vitorianos. Durante os últimos anos, vira os preços nas salas de leilões subindo lentamente, até atingirem as somas incríveis de agora, uma fortuna que, a ele, parecia de todo desproporcional.

No apogeu do mercado, e nada tinha para vender! Neto de Lawrence Stern mas, ainda assim, sem nada possuir. Nenhum deles possuía. Na casa da Rua Oakley, havia apenas os três Stern, mas sua mãe os levara para Gloucestershire, onde enfeiavam as salas de teto baixo de Podmore's Thatch.

Quanto valeriam? Quinhentas, seiscentas mil? Talvez, contrariando as probabilidades, devesse envidar algum esforço para induzi-la à venda. Se conseguisse convencer a mãe, os lucros teriam que ser divididos, é claro. Nancy, evidentemente, insistiria em sua parte, mas mesmo assim sobraria ainda uma boa fatia para ele. Sua imaginação aventurou-se à frente com cautela, cheia de brilhantes esquemas. Daria um pontapé em seu emprego de nove-às-cinco em Wenborn & Weinburg e se instalaria por conta própria. Não no ramo publicitário, mas em corretagem de ações, no jogo em alta escala.

Precisaria apenas de um endereço de prestígio no West End, um telefone, um computador e um bocado de sangue-frio. Isso ele tinha bastante. Exploraria especuladores, adularia os grandes investidores, penetraria o time dos grandes. Sentiu um despertar de excitação quase sexual. Sim, bem poderia acontecer. Faltava-lhe apenas o capital para colocar as coisas em movimento.

“Os catadores de conchas”. Talvez devesse fazer uma visita à mãe, no próximo fim de semana. Há meses que não a via, mas ultimamente ela não ia bem de saúde — em tons lúgubres, Nancy lhe comunicara o fato por telefone —, e isto seria uma boa justificativa para o seu aparecimento em Podmore's Thatch, quando então poderia dirigir a conversa, delicadamente, para o tema dos quadros. Se ela começasse a apresentar escusas ou objeções, como o Tributo sobre Ganhos de Capital, ele mencionaria seu amigo Edwin Mundy, um negociante de antiguidades e perito em objetos penhorados na Europa, que enviava dinheiro vivo para bancos suíços, onde estaria a salvo das goelas insaciáveis do Imposto de Rendas Internas. Havia sido Edwin quem primeiro o alertara sobre os enormes preços que vinham sendo pagos em Nova York e Londres pelas antigas obras alegóricas, tão em moda na virada do século. Certa vez, até sugerira que Noel entrasse em sociedade com ele. Entretanto, após refletir um pouco. Noel desistira da oferta. Sabia que Edwin brincava perigosamente com a lei, e ele não tinha a menor intenção de ficar nem um dia na cadeia.

Tudo era quase insuperavelmente difícil. Respirou fundo. terminou seu uísque e olhou para o relógio. Cinco e quinze. Amabel viria buscá-lo às cinco e meia. Erguendo-se do sofá. apanhou sua mala no armário do vestíbulo e rapidamente a arrumou para o fim de semana. Era perito nisto — tendo tantos anos de prática —, de modo que a tarefa não levou mais de cinco minutos. Em seguida despindo-se entrou no banheiro para uma ducha e para se barbear. A água estava fervendo, o que era uma das boas coisas do viver naquela penumbrosa toca de coelhos e, após a ducha, aquecido e perfumado, sentiu-se melhor. Vestiu roupas limpas e informais — camisa de algodão, suéter de cashmere, paletó de tweed colocou a sacola para roupa usada dentro da mala, fechou o zíper e embolou as roupas que estivera vestindo em um canto da cozinha, a fim de que sua diarista as encontrasse e, esperava ele, as lavasse.

Às vezes, ela ignorava sua roupa suja. Às vezes nem mesmo aparecia. Com profunda saudade, ele recordou o antigo modo de vida. Antes de sua mãe, sem pensar em mais ninguém senão nela própria decidir vender a casa da rua Oakley. Lá, ele tivera o melhor de tudo. A independência de um molho de chaves e seus próprios aposentos no alto da casa. Juntamente com as intermináveis vantagens de morar com a mãe. Água quente o tempo todo, lareiras acesas, comida na despensa, bebida na adega,um grande jardim para a época do verão, o pub no outro lado da rua, o rio na soleira de sua porta, roupa lavada, cama arrumada, camisas passadas e, por tudo isto, não se esperava que pagasse mais do que o preço de um rolo de papel sanitário. Acrescentava-se o fato de a mãe ser tão independente quanto o filho e, se não era surda a degraus rangendo e leves pisadas femininas passando diante da porta de seu quarto, então fingia sê-lo e jamais fizera um só comentário. Noel imaginara que tal idílico sistema de vida seria permanente, que, se mudanças fossem feitas, ele é que as faria. No entanto, quando ela comunicou sua intenção de vender a casa e mudar-se para o campo, foi como se puxassem o tapete de sob seus pés.

— E quanto a mim? Diabo, o que irei fazer?

— Noel, meu querido, você agora está com vinte e três anos e morou nesta casa a vida inteira. Talvez já seja hora de abandonar o ninho. Tenho certeza de que se sairá bem.

Sair-se bem! Ter que pagar aluguel, comprar comida, comprar uísque, gastar dinheiro em coisas horríveis, como saponáceo para limpar o banheiro e contas de lavanderia. Apegara-se à casa da Rua Oakley até o último momento, ainda esperançoso de que ela mudasse de idéia. De fato, só se mudou de lá, quando chegou o caminhão da transportadora que levaria os bens de Penelope para Gloucestershire. Por fim, a maioria dos pertences dele seguiu também no caminhão, pois no minúsculo apartamento que arranjara não havia espaço para

tudo o que acumulara a vida inteira. No momento, esses pertences estavam empilhados no pequeno e entulhado aposento em Podemore's Thatch, eufemisticamente conhecido como o quarto de Noel.

Ele ia lá o menos possível, ressentido não apenas com o extraordinário comportamento da mãe, mas porque o irritava vê-la tão satisfeita, instalada no campo -e sem a sua presença. Achava que, pelo menos, ela devia ter a decência de aparentar alguma nostalgia pelos bons e velhos tempos em que moravam juntos, porém Penelope parecia não sentir sua falta.

Noel achava difícil entender isso, porque sentia uma enorme falta de sua mãe.

Tais pungentes devaneios foram interrompidos pela chegada de Amabel, atrasada apenas quinze minutos. A campainha soou e, quando ele foi abrir a porta, viu-a parada no lado de fora e trazendo sua bagagem, duas volumosas e recheadas sacolas, de uma das quais brotava um par de botas de cano alto, em tom verde-sujo.

— Oi!

— Você está atrasada — disse ele.

— Eu sei. Mil perdões.

Ela entrou, deixou as sacolas no chão, ele fechou a porta e a beijou.

— Por que demorou?

— Foi difícil encontrar um táxi, e o trânsito está um inferno.

Um táxi. O coração dele apertou-se.

— Não veio em seu carro?

— Um pneu furou. Além de não ter um estepe, não sei como trocar pneus.

Já era de esperar. Em questões práticas, ela era inteiramente inútil e talvez uma das mulheres mais desorganizadas que ele já conhecera. Tinha vinte anos, era miúda como uma criança, de ossatura pequena, e magra ao ponto de emaciação. A pele era tão pálida, que quase chegava a transparente, os olhos cor de uva verde eram grandes, de cílios espessos, os cabelos compridos, finos e lisos, usados soltos e, em geral, caídos sobre o rosto. Naquele anoitecer frio e chuvoso, usava roupas de incrível impropriedade. Jeans apertados, uma camiseta de malha e um curto blusão de brim. Os sapatos eram frágeis, os tornozelos estavam nus. Em tudo e por tudo, Amabel parecia uma anoréxica de Bermondsey mas, na realidade, era a ilustre Amabel Remington-Luard, filha de Lorde Stockwood, dono de vastas propriedades em Leicestershire. Isto é que atraíra Noel, antes de mais nada, acrescido do fato de que, por alguma obscura razão, ele achava sua aparência de desamparada imensamente sexy.

Bem, agora teriam que rodar até Wiltshire no Jaguar. Contendo a irritação, ele disse:

— Muito bem, é melhor irmos andando. Teremos que parar em alguma garagem para calibrar os pneus e também encher o tanque.

— Poxa, eu sinto muito...

— Você sabe o caminho?

— Para onde? Para a garagem?

— Não. Para onde vamos, em Wiltshire!

— Oh, é claro que sei!

— Como se chama a casa?

— Charbourne. Já estive lá não sei quantas vezes.

Noel ficou olhando para ela, depois para sua "bagagem".

— Estas são todas as roupas que trouxe?

— Também trouxe minhas botas de cano alto.

— Ainda estamos no inverno, Amabel, e pretendemos ir a um point-to-point amanhã! Não tem um casaco?

— Não. Deixei-o no campo, no fim de semana passado. — Ela encolheu os ombros ossudos. — Bem, posso arranjar qualquer coisa emprestada. Camilla tem montanhas de roupas adequadas.

— Não é esta a questão. Primeiro temos que chegar lá, e o aquecimento do Jaguar nem sempre funciona direito. Meu último desejo seria ver você apanhando uma pneumonia.

— Sinto muito.

Ela não parecia particularmente pesarosa. Novamente contendo a irritação, Noel se virou e abriu as portas deslizantes do armário embutido, tateou no interior congestionado e finalmente encontrou o que procurava: um sobretudo para homem, de incrível antigüidade; grosso tweed escuro, com uma desbotada gola de veludo e o interior forrado em ralo pêlo de coelho.

— Vamos, tome isto — disse. — Eu lhe empresto.

— Poxa!

Ela pareceu desmesuradamente encantada. Noel sabia que não era por seus cuidados, mas pela esmaecida magnificência daquela peça imemorial. Amabel adorava roupas velhas e gastava grande parte de seu tempo e dinheiro explorando as bancas de Petticoat Lane, para comprar frouxos vestidos de noite dos anos 3O ou bolsas feitas de contas. Agora, tomava dele a velha e dignificada ruína, que outrora fora um sobretudo, e a vestiu. Quase desapareceu de vista mas, pelo menos, a bainha não arrastava no chão.

— Oh, que casaco maravilhoso! Poxa, onde foi que o conseguiu?

— Era de meu avô. Eu o roubei do armário de minha mãe quando ela vendeu sua casa de Londres.

— Eu poderia ficar com ele para mim, não?

— Não poderia. Entretanto, poderá usá-lo neste fim de semana. Os participantes da corrida talvez queiram saber que fenômeno surgiu entre eles, mas isto lhes dará assunto para conversas.

Ela apertou o agasalho contra si e riu, não tanto pela ligeira piada de Noel, mas por puro prazer animal de estar usando um casaco forrado de peles. Assemelhava-se tanto a uma criança faminta e marota, que ele sentiu um súbito desejo físico por ela. Em outras circunstâncias, ali mesmo a levaria direto para a cama, porém agora não havia tempo. Isso ficaria para mais tarde.

A viagem para Wiltshire não foi pior do que ele esperava. A chuva continuou insistente, e o trânsito deixando Londres enchia três faixas, avançando a passo de tartaruga. Por fim, chegaram à auto-estrada e puderam seguir em velocidade maior. Obsequiosamente, o som castanholante do motor não se fez evidente, e o aquecimento funcionou, embora muito fraco.

Os dois conversaram por algum tempo, e então Amabel se calou. Noel imaginou-a adormecida, como costumava acontecer em tais ocasiões, porém reparou que o assento ao seu lado rangia e se movia, indicando que ela continuava acordada.

— O que há? — perguntou.

— Sinto alguma coisa estalando — disse ela.

— Estalando?

Noel alarmou-se, imaginou que o Jaguar estivesse prestes a se incendiar, diminuindo até a velocidade.

— Isso mesmo, estalando. Como um pedaço de papel, sabe?

— Onde?

— Dentro do casaco. — Ela se remexeu novamente. — O bolso está furado. Acho que alguma coisa escorregou para o forro.

Mais aliviado, Noel tornou a acelerar para cento e trinta.

— Pensei que estaríamos às voltas com uma explosão — comentou.

— Uma vez encontrei uma meia coroa antiga, no forro de um casaco de minha mãe. Talvez isto aqui seja uma nota de cinco libras.

— O mais provável é que seja uma carta antiga ou um pedaço de papel de chocolate. Veremos o que é, quando chegarmos lá.

Uma hora mais tarde, chegavam a seu destino. Com certa surpresa para Noel, Amabel conseguiu não perder o rumo, indicando o momento de abandonar a auto-estrada, depois atravessando várias cidadezinhas da zona rural e finalmente desembocando em uma estrada estreita e sinuosa, que cruzava terras escurecidas de várias fazendas, até a aldeia de Charbourne. Embora chovendo e no escuro, o lugar parecia pitoresco, com uma rua principal flanqueada por cavadas calçadas lajeadas e chalés com tetos de colmo, todos tendo pequenos

jardins à frente. Passaram por um pub e uma igreja, rodaram por uma avenida de carvalhos e então chegaram a dois imponentes portões.

— É aqui.

Noel manobrou para cruzar os portões, passou por uma casinhola de porteiro e subiu uma alameda, através de um parque. Ao clarão dos faróis, avistou a casa finalmente; quadrada, branca e georgiana, com as agradáveis proporções e simetrias daquele período. Brilhavam luzes por trás de cortinas fechadas; ele contornou a ampla alameda de cascalhos para carros e parou diante da porta principal.

Desligou o motor, os dois recolheram suas bagagens no porta-malas e subiram os degraus até a porta fechada. Amabel encontrou o punho de ferro lavrado para acionar a sineta, deu um puxão, mas então disse:

— Não precisamos esperar — e ela mesma abriu a porta.

Entraram para um saguão de piso lajeado, com outra porta envidraçada que conduzia ao vestíbulo. As luzes estavam acesas. Noel observou que era grande, em painéis, com uma escadaria magnífica levando ao andar de cima. Enquanto hesitavam. abriu-se uma porta ao fundo e surgiu uma mulher, que se aproximou diligentemente para recebê-los. Era corpulenta e de cabelos brancos, usando um avental estampado sobre um bom vestido azul-turquesa de Courtelle. A esposa do jardineiro, concluiu Noel, vindo dar uma mãozinha no fim de semana.

A mulher recebeu-os.

— Boa-noite. Venham, por favor, Sr. Keeling e Srta. Remington-Luard? Tudo bem. A Sra. Early acabou de subir para seu banho. Camilla e o Coronel estão nos estábulos, mas a Sra. Early disse que eu os aguardasse e mostrasse seus quartos. Esta é toda a sua bagagem? Que noite terrível! A viagem foi ruim? A chuva não pára de cair, não é mesmo?

A esta altura, já estavam no interior. A lareira de mármore estava acesa, e a casa parecia esplendidamente aquecida. A esposa do jardineiro fechou a porta.

— Queiram acompanhar-me, por favor — indicou. — Podem trazer sua bagagem?

Eles podiam. Ainda mergulhada no velho sobretudo, Amabel carregou sua sacola com as botas de cano longo, Noel carregou a outra e sua própria mala. Assim ocupados, seguiram a robusta senhora em direção à escada.

— Os outros convidados de Camilla chegaram à hora do chá, mas agora estão em seus quartos, trocando de roupa. Oh, a Sra. Early me pediu para avisar que o jantar é às oito, mas se quiserem descer quinze minutos antes, haverá drinques na biblioteca. Lá, então, poderão reunir-se a todos os outros...

Na curva da imponente escada. um arco indicava o corredor seguindo para os fundos da casa. Havia um tapete escarlate no chão, gravuras esportivas

adornavam as paredes, e Noel captou o cheiro agradável e inerente às residências rurais bem cuidadas, uma mistura de roupa de cama recentemente passada a ferro, polidor e lavanda.

— Bem, este é o seu quarto, querida. — Ela abriu uma porta e ficou de lado, a fim de que Amabel entrasse. — O seu fica ao lado, Sr. Keeling... e o banheiro, entre os dois. Penso que é tudo, mas se precisarem de alguma coisa, queiram informar-nos.

— Muito obrigado.

— Direi à Sra. Early que descerão às quinze para as oito.

Ela se foi com um sorriso agradável, fechando a porta ao sair. Deixado sozinho, Noel pousou a mala no chão e espiou em volta. Os muitos anos passando fins de semana em casa alheias haviam aguçado sua percepção a tal ponto que, quase a partir do momento em que cruzava a porta de entrada de uma nova casa, era capaz de avaliar as possibilidades dos dias que tinha pela frente, segundo seu sistema próprio e pessoal de avaliação.

Uma estrela era a última categoria, em geral um úmido chalé no campo, com vento encanado, colchões encaroçados, comida insossa e nada mais além de cerveja, para saciar a sede de um homem. Os convidados tendiam a mostrar-se pouco cativantes com crianças malcomportadas. Se apanhado em tal situação, era freqüente Noel recordar um súbito e premente compromisso em Londres, bem cedo na manhã de domingo. Duas estrelas aplicavam-se em geral às casas no cinturão do exército, em Surrey, onde o grupo consistia de garotas atléticas e jovens cadetes de Sandhurst. Em geral, o tênis era o divertimento aceito, praticado em uma quadra musguenta e rematado por uma visita noturna ao pub local. Três estrelas cabiam a propriedades despretenciosas e de construção irregular na zona rural, com uma profusão de cães por toda parte, cavalos nos estábulos, grandes lareiras de toras, fartas refeições e, quase sempre, esplêndido vinho. Quatro estrelas era o máximo, as casas dos imensamente ricos. Um mordomo, alguém para desfazer as malas, e lareira no quarto. A raison d'être para fins de semana quatro estrelas, em geral, era algum baile de debutante, a ter lugar nos arredores. Haveria uma vasta marquise iluminada por candelabros, erigida no jardim; uma banda, importada de Londres a um preço impressionante, para tocar durante a noite inteira, e champanha ainda jorrando, às seis horas da manhã.

Havia concluído instantaneamente que Charbourne era Três Estrelas, e isto o deixou bem satisfeito. Como era óbvio, não lhe fora destinado o melhor quarto de hóspedes, embora este fosse totalmente adequado. Antiquado, confortável, com sólido mobiliário vitoriano pesadas cortinas de chintz, contendo tudo que um visitante de pernoite pudesse desejar. Tirando o paletó, jogou-o em cima da

cama e foi abrir uma segunda porta, dando para um espaçoso banheiro acarpetado, com uma imensa banheira revestida de mogno. Havia mais uma porta no outro lado deste aposento. Noel caminhou até ela e experimentou a maçaneta, esperando encontrá-la trancada; no entanto, ela se abriu e ele se viu no quarto de Amabel. Encontrou-a ainda envolta no casaco forrado de peles, tirando de sua sacola algumas peças ao acaso, as quais deixava cair no chão, como folhas mortas a seus pés.

Erguendo os olhos, ela viu o sorriso no rosto de Noel.

— O que significa isso? — perguntou Amabel.

— Nossa anfitriã, sem dúvida é uma mulher de bom-senso e mente aberta.

— O que quer dizer? — insistiu ela, parecendo não entender.

— Quero dizer que, de maneira alguma, ela nos colocaria em um quarto de casal, mas que não se importa em absoluto com o que nós dois fizermos, na privacidade da noite.

— Oh, isso — replicou Amabel. — Imagino que ela já tenha prática de sobra.

Ela remexeu no fundo da sacola e puxou uma comprida e elástica peça de roupa negra.

— O que é isso? — perguntou ele.

— E o que vou usar esta noite.

— Não está um tanto amarrotado?

Ela sacudiu a peça.

— É malha. Não deveria amarrotar. Será que a água está quente?

— Tudo indica que sim.

— Oh, que bom! Vou tomar um banho. Quer pôr a banheira para encher?

Ele voltou ao banheiro, colocou o tampão da banheira e abriu as torneiras. Em seguida, retomou ao seu quarto e desfez a mala pendurando os ternos no espaçoso guarda-roupas e colocando as camisas limpas nas gavetas. No fundo da mala, havia um cantil de prata para caça. A esta altura, podia ouvir Amabel chapinhando na água e sentir o vapor perfumado que saía como fumaça pela porta aberta. Com o cantil na mão, foi ao banheiro, recolheu os dois recipientes para escova de dentes, encheu-os pela metade com uísque e completou com água da torneira fria. Amabel decidira lavar os cabelos. Estava sempre lavando os cabelos, porém eles nunca pareciam diferentes. Noel lhe passou um dos recipientes, colocando-o em uma banqueta ao lado da banheira, onde ela poderia alcançá-lo, após retirar o sabão dos olhos. Entrou no quarto dela, ergueu do chão o casaco que fora de seu avô e foi com ele para o banheiro. Ali, sentou-se na borda do vaso sanitário, colocou cuidadosamente seu drinque no espaço da pia para o sabonete, e começou a investigar.

O vapor se dissipava. Amabel ergueu o torso, afastou os compridos cabelos molhados que lhe cobriam o rosto e abriu os olhos. Ao ver o drinque estendeu a mão para ele.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Procurando a nota de cinco libras.

Tateando o grosso tecido, localizou o que estalava, introduzido bem fundo na bainha. Enfiando a mão no bolso, encontrou o furo, porém era pequeno demais para a passagem da mão, de maneira que o abriu um pouco mais e tomou a experimentar. Espalhadas entre o tweed e o avesso da pele de coelho, as pontas de seus dedos encontraram tufos e fiapos de pêlos. Trincou os dentes, imaginando um camundongo morto ou algo indizivelmente repugnante, mas controlou tais terrores e insistiu. Por fim, no último recanto da bainha, seus dedos encontraram o que procuravam. Ele pegou cautelosamente o que seria aquilo e puxou a mão para fora do bolso. O casaco escorregou-lhe do joelho e ele se viu segurando um pedaço de papel, fino e dobrado, antigo e acastanhado, como algum precioso pergaminho.

— O que é? — quis saber Amabel.

— Não é uma nota de cinco libras. Parece uma carta.

— Poxa, que desapontamento!

Com delicadeza, para não rasgar o papel, ele o desdobrou. Observou a caligrafia deitada e antiquada, as letras desenhadas com beleza, escritas com uma pena de aço de ponta afilada.

Dufton Hall.

Lincolnshire.

8 de maio de 1898.

Caro Stern,

Sou-lhe grato por sua carta enviada de Rapallo e percebo que, a esta altura, já deve ter retomado a Paris. Espero poder viajar para a França no próximo mês quando, querendo Deus, irei ao seu estúdio, inspecionar o esboço a óleo para O jardim do terrazzo. Assim que forem ultimados os preparativos de viagem necessários, enviar-lhe-ei um telegrama, comunicando data e hora de minha visita.

Cordialmente.

Emest Wollaston.

Noel leu isto em silêncio. Ao terminar, ficou um momento imerso em profundos pensamentos. Depois, erguendo a cabeça, olhou para Amabel.

— Espantosa! — exclamou.

— O que isto quer dizer?

— Que coisa espantosa encontrei.

— Oh. Noel, por Deus, leia para mim!

Ele leu. Quando terminou, Amabel continuou na mesma.

— O que há de espantoso nisso?

— É uma carta para meu avô.

— E daí?

— Nunca ouviu falar em Lawrence Stern?

— Nunca.

— Era um pintor. Um pintor vitoriano de muito sucesso.

— Nunca soube disso. Não é de admirar que tivesse um casaco tão formidável.

Noel ignorou esta irrelevância.

— Uma carta de Emest Wollaston...

— Também era pintor?

— Não, sua ignorante! Não era um pintor! Foi um industrial vitoriano. Um milionário que enriqueceu à própria custa. Eventualmente, foi elevado à nobreza e ficou conhecido como Lorde Dufton.

— E sobre o quadro... como é mesmo o nome?

— O jardim do terrazzo. Foi uma encomenda. Ele quis que Lawrence Stern o pintasse.

— Também nunca ouvi falar disso.

— Pois devia. É uma tela muito famosa. Nos últimos dez anos, esteve exposta no Metropolitan Museum, em Nova York.

— E como é ela?

Noel ficou calado por um momento, concentrado em recordar a tela, que vira somente reproduzida nas páginas de um jornal esotérico.

— Mostra um terraço. Da Itália, naturalmente, daí o motivo de ele ter estado em Rapallo. Há um grupo de mulheres, reclinadas em uma balaustrada, com rosas crescendo por toda a parte. Ciprestes, mar azul e um menino tocando harpa. É muito bonito, dentro de seu estilo. — Noel tornou a contemplar a carta, e tudo se encaixou nos lugares; ele adivinhou exatamente como aquilo acontecera.

— Ernest Wollaston enriqueceu e passou a freqüentar a alta sociedade, talvez tenha mandado construir essa impressionante mansão em Lincolnshire. Então, precisava comprar mobiliário para ela, tapetes especialmente tecidos na França e, não tendo herdado telas, Gainsboroughs ou Zoffanys, para pendurar nas paredes, encomendou ao mais prestigiado artista da época um quadro para ele. Naquele tempo, era mais ou menos como convidar algum sujeito para estrelar um filme. Locações, vestuários, modelos, tudo tinha que ser levado em conta. Assim, após decidido e pesquisado o tema, o artista fazia um esboço em

óleo, a fim de que o cliente o examinasse. Teria meses de trabalho pela frente e precisava estar bem certo de que, no final, a obra sairia exatamente segundo os desejos do homem que a encomendara e pagara por ela.

— Entendo. — Ela se recostou na banheira, com os cabelos flutuando na água à sua volta, como Ofélia, e considerou tudo quanto ouvira. — Só que ainda não vejo por que ficou tão excitado.

— Acontece apenas que... Bem, eu nunca havia pensado sobre esses esboços iniciais a óleo. Ou, se pensei, já os tinha esquecido.

— E são importantes?

— Não sei. Talvez sejam.

— Quer dizer que fui muito esperta, encontrando a carta que estava dentro do casacão.

— Sim, foi muito esperta.

Após um instante, ele dobrou a carta, enfiou-a no bolso, terminou seu drinque e levantou-se. Olhou para o relógio.

— Sete e meia — disse. — É melhor você cair fora daí.

— O que vai fazer?

— Trocar de roupa.

Ele a deixou ainda na água e voltou para seu quarto, fechando a porta ao entrar. Então, com o máximo cuidado, abriu a outra porta e espionou o corredor solitário. Caminhou por ele até a escada e desceu para o vestíbulo. Seus pés não faziam som algum sobre os tapetes espessos. Parou no final dos degraus, hesitando. Não havia ninguém por ali, embora viessem vozes e agradáveis ruídos domésticos da direção dos fundos da casa, juntamente com apetitosos odores de comida deliciosa. Isto, contudo, não o distraiu, porque agora não pensava em outra coisa, que não fosse encontrar um telefone.

Descobriu um quase em seguida, ali mesmo no vestíbulo, em um compartimento envidraçado debaixo da escada. Foi até lá, entrou e fechou a porta. Erguendo o fone, discou um número de Londres. A resposta foi quase imediata.

— Edwin Mundy falando.

— Edwin, aqui é Noel Keeling.

— Noel! Há quanto tempo não o vejo! — A voz era rouca e arrastada, com um quase imperceptível sotaque cockney, que ele não conseguira extirpar de todo. -Como vão as coisas com você?

— Tudo ótimo mas, escute, não tenho muito tempo agora. Estou no campo. Queria apenas perguntar-lhe uma coisa.

— Qualquer coisa, meu velho.

— Estou falando sobre Lawrence Stern. Dá para entender?

— Perfeito.

— Você sabe se algum de seus esboços a óleo, feitos para telas importantes, apareceu no mercado?

Houve uma pausa. Depois Edwin respondeu, astutamente:

— Eis uma interessante pergunta. Por quê? Você tem algum?

— Não. Aliás nem sei se existe algum. Foi por isto que liguei.

— Nunca soube de nenhum esboço que aparecesse em qualquer leilão ou salão de vendas importante. Enfim, há muitos negociantes menores, em toda a parte do país.

— Qual seria... — Noel pigarreou e tentou novamente. — Na situação atual do mercado, quanto você acha que uma coisa dessas alcançaria?

— Depende da pintura. Se foi para uma de suas obras importantes, suponho que cerca de quatro ou cinco mil... mas não confie muito em meu cálculo, amigão, é apenas uma avaliação por alto. Eu só poderia dizer com segurança, vendo o trabalho.

— Já lhe falei. Não tenho nenhum.

— Então, por que o telefonema?

— Acabei de perceber que esses esboços talvez ainda rodem por aí, sem que ninguém saiba sobre eles.

— Está querendo dizer, na casa de sua mãe?

— Ora, eles têm que estar em algum lugar!

— Se puder encontrá-los — prosseguiu Edwin, em tom muito cordial —, espero que deixe manipulá-los para você.

Noel, entretanto, não pretendia comprometer-se com tanta facilidade.

— Primeiro, tenho que pôr as mãos neles. — Acrescentou, antes que Edwin pudesse dizer qualquer coisa mais: — Preciso ir agora, Edwin. O jantar será servido em cinco minutos e ainda nem troquei de roupa. Obrigado pela ajuda e espero não, tê-lo incomodado.

— Não foi incômodo algum, meu velho. Foi um prazer ajudar. Uma interessante possibilidade. Boa caçada!

Edwin desligou. Noel recolocou lentamente o fone no gancho. Quatro a cinco mil libras. Mais do que ousara imaginar. Respirou fundo, abriu a porta do compartimento e saiu para o vestíbulo. Ainda não havia uma alma por ali, e ninguém testemunhara seu ato; portanto, não precisaria deixar dinheiro algum para pagar a ligação.

5. Hank

No último minuto, quando tudo já estava pronto e esperando para seu jantar à deux com Hank Spotswood, Olivia lembrou que não ligara para a mãe, avisando-a de que iria a Gloucestershire no dia seguinte, a fim de passar um ocioso sábado com ela. O telefone branco ficava ao lado do sofá, e ela chegou a sentar-se ali; começava a discar o número, quando ouviu um táxi descendo vagarosamente a rua. De maneira instintiva, soube que era Hank. Vacilou. Uma vez ao telefone, sua mãe gostava de falar, fornecendo e solicitando novidades; seria impossível apenas combinar sua ida até lá e desligar. Ouviu o táxi parar diante da casa, suspendeu a ligação e tornou a colocar o fone no gancho. Telefonaria mais tarde. Sua mãe nunca ia para a cama antes da meia-noite.

Lenvantou-se, ajeitou a almofada amarfanhada e olhou em volta, constatando que tudo estava como deveria. Luzes amortecidas, drinques esperando, gelo no balde, música suave no estéreo, quase inaudível. Virou-se para o espelho acima da lareira e afofou os cabelos, endireitando a gola de sua blusa Chanel, em cetim creme. Usava brincos de pérolas, e a maquilagem também era perolada, suave e muito feminina, ao contrário do make-up de tons vivos que usava durante o dia. Esperando, ouviu o portão ser aberto e fechado. Pisadas. A campainha soando.

Sem pressa, foi abrir a porta para recebê-lo.

— Boa-noite.

Ele estava parado na soleira, na chuva. Um homem atraente e vigoroso, aproximando-se dos cinqüenta anos e, previsivelmente, trazendo um buquê de rosas vermelhas, com hastes compridas.

— Olá.

— Entre. Que noite horrível! De qualquer modo, você encontrou o caminho...

— Claro. Não houve problema algum.

Ele entrou. Olivia fechou a porta e Hank estendeu-lhe as flores.

— Uma pequena oferta — disse, e sorriu.

Ela já esquecera o quanto aquele sorriso era atraente, assim como os dentes dele, regulares, americanamente alvos.

— Oh, são lindas! — Pegou as rosas e abaixou automaticamente a cabeça para cheirá-las, porém tinham sido cruelmente forçadas a desabrochar em alguma estufa, o que lhes tirara o perfume. — Foi muita gentileza. Tire o casaco

e sirva-se de um drinque, enquanto ponho as rosas em um vaso.

Levou as flores até a pequena cozinha, encontrou um jarro, enche-o de água e colocou as rosas da maneira como estavam, sem perder tempo em arrumá-las melhor. Como sempre acontece com rosas, elas se espalharam graciosamente. Olivia voltou à sala de estar com o vaso e, com alguma cerimônia, colocou-o no lugar de honra, em cima de sua secretária de nogueira. O vermelho das flores contra as paredes brancas era tão vivo como gotas de sangue. Olivia se virou para o visitante.

— Adorei as rosas. Bem, e quanto a seu drinque?

Ele já se servira.

— Preferi um uísque. Espero que seja a norma da casa. — Largou o copo. — O que vai beber?

— O mesmo. Com água e gelo.

Ela afundou no canto do sofá, encolheu os pés sob o corpo e ficou espiando, enquanto ele manejava copos e garrafas. Quando Hank voltou com o drinque, Olivia estendeu a mão para pegar o copo, ele pegou o seu e, então, acomodou-se na poltrona que ficava i ao lado da lareira. Ergueu o copo.

— Saúde!

— Saúde — repetiu Olivia.

Beberam. Começaram a conversar. Foi tudo muito fácil e relaxado. Ele admirou a casa, interessou-se por seus quadros, fez perguntas sobre seu trabalho, quis saber como ela ficara conhecendo os Ridgeways, em cuja casa se tinham conhecido, na festa de duas noites antes. Então, diplomaticamente estimulado, ele começou a falar sobre si mesmo. Estava no negócio de tapetes e viera ao país para a Conferência Textil Internacional, hospedando-se no Ritz. Era natural de Nova York, porém agora trabalhava no sul, em Dalton Georgia.

— Deve ser uma mudança total de estilo de vida. De Nova York para a Georgia...

— Sem dúvida. — Ele baixou os olhos, virando o copo nas mãos.

— Essa mudança, no entanto, chegou no momento oportuno. Eu e minha esposa estávamos divorciados há pouco, de modo que isso facilitou bastante os arranjos domésticos.

— Sinto muito.

— Não há nada a lamentar. São dessas coisas que acontecem.

— Tem filhos?

— Sim. Dois adolescentes. Um menino e uma menina.

— Continua vê-los com freqüência?

— Eles passam as férias de verão comigo. O Sul é, excelente para a garotada. Podem jogar tênis o ano inteiro, andar a cavalo, nadar. Pertencemos ao

country club local e, lá, eles encontram um bocado de jovens de sua idade.

— Parece interessante.

Houve uma pausa, durante a qual Olivia esperou com tato, dando a ele oportunidade para mostrar uma carteira com fotos dos filhos, o que, felizmente, não aconteceu. Ela começou a simpatizar com Hank cada vez mais. Disse:

— Seu copo está vazio. Gostaria de outro drinque?

Continuaram conversando. Passaram para temas mais sérios: política americana, o equilíbrio econômico entre os dois países. Hank tinha conceitos liberais e práticos ao mesmo tempo e, embora dissesse que havia votado nos Republicanos, parecia profundamente preocupado com os problemas do Terceiro Mundo. Após algum tempo, ela olhou para seu relógio e, com surpresa, constatou que eram nove horas.

— Acho que já é hora de comermos — disse.

Ele se levantou, recolheu os corpos vazios e a seguir até a pequena sala de refeições. Olivia ligou a iluminação indireta, sendo então revelada a mesa pronta, com cristais, talheres reluzentes e um enfeite central com lírios precoces. Embora a iluminação fosse suave, dava claridade bastante para que ele imediatamente se concentrasse naquela única parede azul-cobalto, coberta de alto a baixo por fotos emolduradas. Aquilo lhe desviou a atenção.

— Oh, mas vejam só isto! Que grande idéia!

— Fotos de família sempre me pareceram um problema. Nunca soube onde colocá-las, de maneira que resolvi a charada simplesmente empapelando a parede com elas.

Olivia passou para trás do balcão da minúscula cozinha, onde apanhou pão torrado e patê, enquanto ele permanecia de costas para ela, examinando as fotos com o interesse e a atenção de um homem em uma galeria de arte.

— Quem é esta bela jovem aqui?

— Minha irmã Nancy.

— É encantadora.

— Era — concordou Olivia. — Agora relaxou, como dizem. Sabe como é, engordou e ficou com uma aparência de avançada meia-idade. Entretanto, era encantadora quando jovem. A foto foi tirada antes de seu casamento.

— Onde ela mora?

— Em Gloucestershire. Tem dois filhos terríveis e um marido enfadonho. Sua idéia de paraíso é vaguear durante uma corrida point-to-point, arrastando dois labradores pelas coleiras e gritando cumprimentos para todos os amigos. — Ele se virou para ela, com a testa franzida de perplexidade, e Olivia riu. — Você nem mesmo sabe do que estou falando, não?

— Não, mas deu para captar o ambiente. — Hank voltou às fotos. — E

quem é esta simpática senhora?

— Minha mãe.

— Tem algum retrato de seu pai?

— Não. Meu pai é falecido, mas aí está o meu irmão Noel. O homem bonitão, de olhos azuis.

— Sem dúvida, é muito atraente. Casado?

— Não. Está com quase trinta anos agora, e ainda solteiro.

— Não tem uma namorada?

— Nenhuma que viva com ele. Nunca teve garotas residentes. A vida inteira sempre teve pavor de compromissos. Entenda, é o tipo de homem que jamais aceita convite para uma festa, caso algum melhor apareça.

Hank encolheu os ombros, divertido.

— Não é muito gentil com sua família.

— Eu sei, mas de que adianta apegar-se a ilusões sentimentais, em particular quando se chega à minha idade?

Saindo de trás do balcão, ela colocou o patê, a manteiga e o crocante pão torrado em cima da mesa. Encontrou fósforos e acendeu as velas.

— E quem é este?

— Para qual está olhando?

— Este homem, com a jovenzinha.

— Oh... — Olivia caminhou para junto dele. — É um homem chamado Cosmo Hamilton. A jovenzinha é sua filha Antonia.

— Uma linda menina.

— Eu a tirei cinco anos atrás. Ela agora deve estar com dezoito anos.

— São parentes seus?

— Não. Ele é um amigo. Foi um amigo. Em verdade, um amante. Tem uma casa em Ibiza e, há cinco anos, levei um ano afastada do trabalho... umas férias prolongadas. Fiquei lá, em Ibiza, vivendo com ele.

Hank ergueu as sobrancelhas.

— Um ano. É muito tempo para viver com um homem.

— Passou depressa demais.

Olivia sentiu os olhos dele em seu rosto.

— Você gostava dele?

— Sim. Foi a pessoa de quem mais gostei.

— Por que não casou com ele? Bem, talvez ele já tivesse esposa, não?

— Não, ele não tinha esposa. Contudo, não quis casar com ele, porque não pretendia casar com ninguém. E continuo não pretendendo.

— Ainda o vê?

— Não. Eu lhe disse adeus, e isso foi o fim do romance.

— E a filha Antonia?

— Ignoro o que foi feito dela.

— Correspondem-se?

Ela deu de ombros.

— Envio cartões de Natal para ele. Foi o que combinamos. Um cartão de Natal a cada ano, com um tordo ilustrado.

— Não me parece muito generoso.

— E não é mesmo, certo? Talvez seja impossível você compreender. Entretanto, o importante é que Cosmo compreende. — Ela sorriu. — E agora, se encerrar o exame de meus amigos e parentes, que tal servir o vinho e comermos alguma coisa?

— Amanhã é sábado — disse ele. — O que costuma fazer em seus sábados?

— Às vezes, viajo nos fins de semana. Em outras, fico em casa. Descansando, relaxando, convidando alguns amigos para um drinque.

— Planejou alguma coisa para amanhã?

— Por quê?

— Não tenho nada programado. Pensei que poderíamos pegar um carro e ir juntos para algum lugar... você poderia mostrar-me alguma coisa desta famosa região rural, sobre a qual tanto tenho ouvido falar, mas nunca tendo tempo para visitar e apreciar.

O jantar terminara, os pratos estavam abandonados, apagadas as luzes do recanto de refeições. Com conhaque e café, eles retomaram para junto da lareira, estando agora ambos no sofá, um em cada extremidade, meio virados de frente, enquanto conversavam. A cabeça de escuros cabelos de Olivia repousava em uma almofada rosa-indiano, as pernas aninhavam-se sob seu corpo. Uma das sapatilhas de couro escorregara de seu pé e jazia sobre o tapete.

— Eu pretendia visitar minha mãe amanhã, em Gloucestershire — disse ela.

— Já combinou sua ida?

— Não, mas pretendia telefonar para ela, antes de dormir.

— Tem mesmo que ir?

Olivia considerou a pergunta. Queria ir, decidira ir e quase chegara a ligar para a mãe. Agora, no entanto...

— Não, eu não tenho que ir. Entretanto, ela não tem passado bem de saúde, faz muito tempo que não a vejo e devia ir até lá.

— Sim, aceito.

— Devo alugar um carro?

— Tenho um em perfeitas condições.

— E aonde iremos?

Olivia deu de ombros, abandonando a xícara de café.

— Onde preferir. Até New Forest, subindo o rio para Henley. Poderíamos ir a Kent e visitar os jardins em Sissinghurst.

— Decidiremos amanhã?

— Como você quiser.

— A que horas partiremos?

— Cedo, suponho. Assim, teremos deixado Londres antes que o movimento do trânsito piore.

— Sendo assim, seria melhor eu começar a caminhar para meu hotel.

— Sim — disse Olivia. — Talvez devesse fazer isso.

Entretanto, nenhum dos dois se moveu. Através do enorme sofá branco, seus olhos encontraram-se, ficaram fixos uns nos outros. O silêncio era profundo. O estéreo silenciara, com as fitas há muito concluídas, e lá fora a chuva batia contra as vidraças. Um carro desceu a rua, e o pequeno relógio sobre a lareira tiquetaqueou os momentos que passavam. Era quase uma da madrugada.

Hank se moveu para ela, como Olivia já antecipara, passou um braço por seus ombros e a puxou para si, a fim de que sua cabeça não mais repousasse na almofada rosa, mas contra o cálido volume de seu tórax. Com a outra mão, afastou-lhe os cabelos do rosto e, então, colocando dois dedos sob seu queixo, ergueu-lhe o rosto, inclinou-se e a beijou. A mão se moveu do queixo para a garganta, descendo para a curva dos seios pequeninos.

Ele disse, por fim:

— Estive querendo fazer isso a noite inteira.

— E eu estive querendo que você fizesse.

— Se vamos partir tão cedo amanhã, não acha inteiramente despropositada minha ida ao Ritz, para dormir apenas quatro horas e vir buscá-la?

— Terrivelmente despropositada.

— Posso ficar?

— Por que não?

Ela recuou, baixando os olhos para o rosto erguido de Olivia, e tinha as pupilas cheias de uma curiosa mescla de desejo e divertimento.

— Existe apenas um empecilho — disse a ela. — Não tenho aparelho de barba nem escova de dentes.

— Tenho as duas coisas. Novas em folha. Para emergências.

Ele começou a rir.

— Você é uma mulher admirável! — exclamou.

— E o que me dizem.

Olivia acordou cedo, como sempre. Sete e meia da manhã. As cortinas estavam cerradas, mas não de todo, com o ar penetrando por entre a abertura, fresco e frio. Era uma brisa leve, e o céu estava claro. Talvez fizesse um dia excelente.

Ficou deitada um instante, sonolenta e relaxada, sorrindo de satisfação, relembrando a noite passada e, com prazer, antecipando o dia à sua frente. Virou a cabeça no travesseiro e, com intenso deleite, contemplou o homem adormecido que ocupava o outro lado da cama ampla. Ele tinha um braço dobrado sob a cabeça, o outro descansando sobre a grossa colcha branca. Era fortemente bronzeado, com todo o seu corpo jovem e saudável, coberto de macios e pequeninos pêlos dourados. Estendendo a mão, ela lhe tocou o antebraço, como tocaria uma peça de porcelana ou escultura, apenas pelo puro prazer animal de sentir o formato e a curvatura sob as pontas dos dedos. O leve toque não o perturbou e, quando afastou a mão, ele continuou dormindo.

A sonolência dela se fora, agora substituída pela costumeira e inquieta energia. Acordara de todo, estava pronta para sair da cama. Sentou-se com cuidado, afastou as cobertas e ficou em pé. Enfiou os pés nus nos chinelos, estendeu a mão para o quimono de lã rosa-pálido, vestiu-o e apertou a faixa em torno da cintura estreita. Saiu do quarto, fechou a porta e desceu a escada.

Abrindo as cortinas, constatou que, de fato, aquele dia prometia ser perfeito. Ceara ligeiramente durante a noite, porém o dia pálido estava sem nuvens, e os primeiros raios baixos do sol de inverno já penetravam a rua deserta. Abriu a porta da frente, recolheu o leite que levou para a cozinha, deixando as garrafas na geladeira. Tirou da mesa os pratos usados no jantar da véspera, empilhou-os na lavadora de pratos e depois arrumou a mesa para o desjejum. Ligou a máquina para fazer o café, pegou bacon e ovos, uma caixa de cereal. Voltou à sala de estar, onde ajeitou almofadas, recolheu copos e xícaras de café, acendeu a lareira. As rosas que ele trouxera começavam a desabrochar, as pétalas encurvadas afastando-se dos apertados botões internos, como mãos abertas em súplica. Fez uma pausa para aspirá-las mas, pobrezinhas, ainda não tinham perfume. Não importa, disse para elas, vocês são lindas. Terão de contentar-se com sua beleza apenas.

A correspondência, com um ruído indicador de respectiva caixa, caiu sobre o capacho, pela porta principal, Olivia começou a andar para recolhê-la, já estava no meio da sala, quando o telefone tocou e a fez mergulhar para ele, não querendo que o retinido estridente despertasse o homem que dormia no andar de cima.

— Alô?

No espelho acima da lareira, ela se viu frente a frente com seu próprio

reflexo, um rosto limpo de amanhecer, os cabelos escuros caindo sobre uma face. Jogou-os para trás, e então, como ninguém respondera, insistiu mais uma vez:

— Alô?

Houve um dique, um zumbido e depois o som de uma voz feminina.

— Olivia?

— Ela mesma.

— Olívia, aqui é Antonia.

— Antonia?

— Antonia Hamilton. A Antonia de Cosmo.

— Antonia — Olivia afundou na extremidade do sofá, os pés debaixo do corpo, o fone bem apertado contra o ouvido. — De onde está falando?

— De Ibiza.

— Parece que está na caso ao lado!

— Eu sei. A ligação está ótima, graças a Deus.

Algo na voz jovem prendeu a atenção de Olivia. Sentiu o sorriso em seu rosto esmaecer, os dedos apertaram-se em tomo da branca superfície do fone.

— Por que está ligando?

— Olivia, eu tinha que comunicar a você... É uma notícia triste. Meu pai morreu.

Morto. Cosmo, morto.

— Morreu!

Ela repetiu a palavra, sussurrou-a, mas não sabia que a pronunciava.

— Faleceu já quase madrugada, na quinta-feira. No hospital... O funeral foi ontem.

— Mas... — Cosmo, morto. Não era possível. — Mas... como? E por quê?

— Eu... não posso contar agora... não pelo telefone.

Antonia em Ibiza, sem Cosmo.

— De onde está ligando?

— Do Pedro's.

— E onde está morando?

— Em Ca'n D'alt.

— Está sozinha lá?

— Não, Tomeu e Maria foram para lá, fazer-me companhia. Eles têm sido maravilhosos.

— Mas...

— Olivia, vou ter que ir para Londres. Não posso continuar aqui, porque a casa não me pertence e... oh, por mil outros motivos. Seja como for, preciso arranjar algum emprego. Se eu for... poderia ficar com você alguns dias, só até

ajeitar minha vida? Eu não lhe pediria esse favor, mas não tenho mais a quem recorrer.

Olivia hesitou, odiando-se por hesitar, mas demasiada cônscia de que cada instinto seu reagia violentamente contra a idéia de que qualquer pessoa, mesmo Antonia, invadisse a preciosa privacidade de sua casa e sua vida.

— E... e quanto à sua mãe?

— Ela se casou de novo. Agora mora no norte, perto de Huddersfield. Acontece que não quero ir para lá... é outra coisa que mais tarde explicarei também a você.

— Quando é que pretende vir?

— Semana que vem. Talvez na terça-feira, se conseguir passagem aérea. Olivia, será apenas por alguns dias, só até organizar-me. Sua voz suplicante, percorrendo os quilômetros do cabo telefônico, soava jovem e vulnerável, como quando ela era criança. De repente, Olivia recordou Antonia como a vira pela primeira vez, correndo através do piso encerado do aeroporto de Ibiza, para atirar-se nos braços de Cosmo. Então, revoltou-se contra si mesma. Esta é Antonia, pedindo ajuda, criatura egoísta! Esta é a Antonia de Cosmo, e Cosmo está morto! O fato de ela se voltar para você é o maior cumprimento que lhe poderia prestar. Pela primeira vez na vida, pare de pensar em si mesma!

Então, como se Antonia pudesse vê-la, sorriu, consoladora e tranqüilizante. Falou, procurando tornar a voz firme e cordial:

— É claro que você pode vir! Avise-me sobre a chegada do avião e irei esperá-la em Heathrow. Então, poderá contar-me tudo.

— Oh, você é um anjo! Farei o possível para não incomodar.

— É claro que você não será incômodo algum. — Sua mente prática e bem treinada moveu-se para outras possíveis dificuldades.

— Está com dinheiro suficiente?

— Oh! — Antonia pareceu surpresa, como se nem mesmo houvesse considerado tais detalhes e, provavelmente, ainda não fizera isso. — Estou. Bem, acho que estou.

— Tem o suficiente para comprar a passagem de avião?

— Tenho, é o que acho. A conta certa.

— Então, fique em contato comigo e irei esperá-la.

— Muito, muitíssimo obrigada. E... lamento ter-lhe contado sobre papai...

— Eu também lamento. — Olivia não sabia bem o que dizia. Fechou os olhos, procurando afastar a dor de uma perda que ainda não absorvera inteiramente. — Ele foi uma pessoa muito especial.

— Eu sei. — Antonia estava chorando. Olivia podia ouvir, ver e quase sentir as lágrimas. — Eu sei... adeus, Olivia.

— Adeus.

Antonia desligou.

Após um instante, desajeitadamente, Olivia desligou também. De repente, sentiu um frio terrível. Encolhida no canto do sofá, enrolou os braços à volta de si mesma, olhando para sua arrumada e brilhante sala de estar, onde nada havia mudado, nada se movera, mas tudo ficara diferente. Porque Cosmo se fora. Cosmo estava morto. Pelo resto de sua vida, viveria em um mundo onde não haveria mais Cosmo. Pensou naquela noite cálida, à frente do Pedro's, onde tinham ficado ouvindo o rapaz que tocava o concerto de Rodrigo em sua guitarra, enchendo a noite com a música da Espanha. Por que de recordações dos meses passados com Cosmo?

Uma pisada na escada a fez erguer os olhos. Viu Hank Spotswood descendo em sua direção. Usava seu roupão felpudo branco não parecendo ridículo em tal indumentária; afinal de contas era um roupão masculino e ajustava-se perfeitamente a ele. Ficou satisfeita por Hank não parecer ridículo. Não suportaria se, naquele momento, ele parecesse ridículo. Oh, mas isto era loucura, afinal! Que importava a aparência dele, se Cosmo estava morto?

Viu-o chegar, sem dizer nada.

— Ouvi o telefone tocar — disse ele.

— Pensei que não o tivesse acordado.

Olivia não sabia que tinha o rosto lívido, que seus olhos escuros eram como dois orifícios nas faces.

— Alguma coisa errada? — perguntou Hank.

Mostrava um início de barba nascendo, os cabelos estavam em desalinho. Olivia pensou naquela noite e ficou contente por ter sido ele.

— Cosmo morreu. Aquele homem sobre quem lhe falei ontem à noite. O homem de Ibiza.

— Oh. Santo Deus!

Ele terminou de descer a escada, cruzou a sala e sentou-se ao lado dela; tomando-a em silêncio nos braços, foi como se abraçasse uma criança ferida, necessitando de consolo. Com o rosto fortemente comprimido contra o áspero felpudo do roupão que ele vestia. Olivia desejou, intensamente, conseguir chorar. Ansiava pela chegada das lágrimas, queria que o pesar a sacudisse de alguma maneira física, para assim abrandar a profunda infelicidade, a dor que a apertava em suas garras. Entretanto, isso não aconteceu. Ela nunca fora de lágrimas fáceis.

— Quem falava ao telefone? — perguntou ele.

— Antonia, a filha de Cosmo. Pobre garota! Ele morreu na noite de quinta-feira. O funeral foi ontem. Não sei nada mais.

— Que idade tinha ele?

— Hum... sessenta, suponho. Mais ou menos. E era tão jovem!

— O que aconteceu?

— Não sei. Ela não quis falar sobre isso no telefone. Disse apenas que ele morreu no hospital. Ela... quer vir para Londres. Chegará na próxima semana. Vai ficar alguns dias comigo.

Ele nada comentou sobre isto, porém seus braços apertaram-se um pouco mais em torno dela, a mão dando-lhe tapinhas suaves no ombro, como se procurasse acalmar um animal fortemente tenso. Após algum tempo, Olivia sentiu-se consolada. Parara de sentir frio. Libertou as mãos, pousou-as contra o peito dele e afastou-se, agora composta, novamente ela própria.

— Sinto muito — desculpou-se. — Não costumo ser tão emotiva.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Não há nada que alguém possa fazer. Está tudo acabado.

— E quanto a hoje? Prefere desmarcar tudo? Posso desaparecer, sair de seu caminho, se for a sua vontade. Talvez queira ficar só.

— Não, não quero ficar só. A última coisa que desejaria era ficar sozinha. — Olivia reuniu os pensamentos dispersos, ordenou-os, e soube que sua primeira prioridade era contar à mãe que Cosmo falecera. Acrescentou: — Não obstante, receio que Sissinghurst ou Henley estejam fora de cogitação. Terei que ir a Gloucestershire. Afinal, e ver minha mãe. Já falei que ela não esteve bem, mas não disse que sofreu um ataque cardíaco brando. Por outro lado, gostava muito de Cosmo. Quando morei em Ibiza, ela foi lá e ficou conosco. Foi uma época muito feliz. Uma das mais felizes de minha vida. Assim, preciso contar-lhe que Cosmo morreu e quero estar presente então. — Olivia olhou para Hank. — Você se incomodaria de ir comigo? É uma distância e tanto, mas ela nos dará almoço e poderemos passar uma tarde tranqüila em sua companhia.

— Ficarei satisfeito em ir. E dirigirei para você.

Ele era como uma rocha. Olivia conseguiu sorrir, tomada de afetuosa gratidão.

— Vou ligar agora para ela. — Estendeu a mão para o telefone. — Direi que nos espere para almoçar.

— Não poderíamos levá-la para almoçar fora?

Olivia discou o número.

— Você não conhece minha mãe!

Ele aceitou a idéia e levantou-se.

— Sinto cheiro de café fresco — observou. — Que tal eu preparar o desjejum?

Partiram por volta de nove da manhã. Olivia ocupando o banco do

acompanhante em seu Alphasud verde-escuro, e Hank ao volante. A princípio, ele dirigiu com o máximo cuidado, ansioso em não esquecer que estava no lado contrário da mão de direção, mas depois que pararam para encher o tanque, ficou mais confiante, ganhou velocidade e, pela auto-estrada, seguiram na direção de Oxford, fazendo cem por hora regularmente.

Não conversaram. A concentração dele dirigia-se inteiramente para o trânsito e a grande estrada que se encurvava diante deles. Olivia gostou de ficar calada, o queixo enfiado na gola de pele de seu casaco, os olhos espiando sem ver a sombria paisagem rural que voava ao lado do carro.

Depois de Oxford, o tempo melhorou. Era um cintilante dia de inverno, e quando o sol baixo subiu no céu, derreteu a geada sobre a relva e as plantações, enquanto rendilhadas árvores negras atiravam sombras alongadas através da estrada e do campo. Os fazendeiros já haviam começado a lavrar o solo, e bandos de gaivotas acompanhavam os tratores, os sulcos recém-arados mostrando a terra escura. Passaram por cidadezinhas fervilhando com o comércio das manhãs de sábado. Ruas estreitas mostravam filas de carros pertencentes a famílias que viviam no campo, vindas dos distritos vizinhos para as compras de fim de semana. As calçadas apinhavam-se com mães, filhos e carrinhos de bebê, os quiosques das feiras estavam entulhados de roupas coloridas, brinquedos de plástico e balões de gás, flores, frutos e hortaliças frescos. Mais adiante ainda, em frente a um pub de aldeia, presenciaram um Meet[{5}], o pátio lajeado ressoando com as batidas dos cascos dos cavalos, o ar tomado pelos latidos e ganidos dos cães de caça, pelo som das trompas de caça e das vozes alteadas dos caçadores, resplendentes em suas túnicas avermelhadas. Hank mal podia crer em sua boa sorte.

— Você viu aquilo? — dizia a todo instante.

Gostaria de ter parado o carro para espiar, mas um jovem policial, firmemente, fez com que seguisse em frente. Hank obedeceu, mas com relutância, olhando por sobre o ombro, para um último vislumbre da tradicional cena inglesa.

— Foi como algo saído de um filme. Aquela estalagem antiga e o pátio lajeado... Gostaria de ter trazido minha máquina fotográfica!

Olivia ficou satisfeita por ele.

— Não poderá dizer que não lhe dei precisamente o que desejava. Poderíamos ter rodado pelo país inteiro, sem nunca encontrar uma oportunidade tão boa quanto esta.

— Sem a menor dúvida, este é o meu dia de sorte!

Agora, as Cotswolds elevavam-se à frente deles. As rodovias estreitaram-se, serpenteando por prados cortados de rios e sobre pequenas pontes de pedra.

Edificados com a pedra cor de mel das Cotswolds, chalés e casas de fazenda erguiam-se dourados à luz do sol, com jardins que, no verão, seriam um mar de cores, e pomares de ameixeiras e macieiras.

— Posso entender por que sua mãe quis morar aqui. Jamais vi uma paisagem rural semelhante. E tudo é tão verde!

— O curioso é que ela não veio para cá por causa da maravilhosa paisagem do campo. Quando vendeu a casa de Londres, sua intenção era mudar-se para a Cornualha. Viveu lá em criança, compreenda, e acho que sonhava voltar para aqueles lugares um dia. Entretanto, minha irmã Nancy achou que ficava muito longe, distante demais de todos os filhos. Então, encontrou esta casa para ela. Talvez tenha sido melhor assim, porém na época fiquei danada da vida com Nancy, por intrometer-se.

— Sua mãe mora sozinha?

— Mora, e aí temos outro problema. Os médicos acham que devia ter uma companhia, uma governanta, mas sei que isso a irritará sobremaneira. Minha mãe é muito independente e, afinal, não tem tanta idade assim. Está com somente sessenta e quatro anos. Considero um insulto à sua inteligência começar a tratá-la como se fosse praticamente senil. Aliás, ela está sempre em movimento. Cozinha e faz jardinagem, recebe visitas e lê tudo em que ponha as mãos, além de ouvir música, telefonar para as pessoas e ter longas, satisfeitas conversas. Às vezes viaja ao exterior para visitar velhos amigos. Em geral, vai à França. Seu pai foi pintor, ela passou grande parte da meninice em Paris. — Virando a cabeça, Olivia sorriu para Hank. — Ora, por que estou falando a você sobre minha mãe? Dentro em pouco, poderá constatar tudo por si mesmo!

— Ela gostou de Ibiza?

— Adorou. A casa de Cosmo era uma antiga casa de fazenda, no interior, encravada nas montanhas. Muito rural. Justamente ao gosto de minha mãe. Sempre que tinha um momento de folga, desaparecia no jardim com uma tesoura de podar, como se estivesse em casa.

— Ela conhece Antonia?

— Sim. Ela e Antonia estiveram conosco na mesma época. Tornaram-se grandes amigas. Não havia barreira de idades. Minha mãe é formidável com gente jovem, muito melhor do que eu. — Olivia ficou calada por um momento, antes de acrescentar, em um súbito impulso de honestidade: — Nem agora tenho muita certeza a meu respeito. Isto é, quero ajudar a filha de Cosmo, porém não suporto a idéia de ter alguém morando comigo, mesmo que por pouco tempo. Não é vergonhoso, ter de admitir isso?

— De maneira alguma. Acho muito natural. Quanto tempo ela pretende ficar?

— Acredito que até encontrar um emprego e um lugar para morar.

— Ela tem qualificações para um emprego?

— Não faço a menor idéia.

O mais provável é que não tivesse quaisquer qualificações. Olivia suspirou fundo. Os eventos da manhã tinham-na deixado emocional e fisicamente exaurida. Além de ainda estar sofrendo o choque e o pesar pela morte de Cosmo, sentia-se também envolvida, assediada pelos problemas de outras pessoas. Antonia chegaria, permaneceria em sua casa, teria que ser consolada, estimulada, sustentada e, com toda probabilidade, ainda precisaria de ajuda para encontrar algum emprego. Nancy continuaria a telefonar-lhe, importunando-a com a questão de uma governanta para a mãe delas, enquanto Penelope lutaria, com todas as forças, contra qualquer sugestão de alguém morar com ela. E, além de tudo isso.

Seus pensamentos interromperam-se de súbito. Então, cautelosamente, começaram a recuar. Nancy. Mamãe. Antonia. Ora, mas claro! Ali estava a solução! Reunidos, os problemas poderiam eliminar-se, simplificando-se, como aquelas somas de frações feitas na escola, cuja resposta era da mais bela simplicidade.

— Acabei de ter a idéia mais maravilhosa! — exclamou.

— Como assim?

— Antonia pode vir morar com minha mãe.

Se esperava o entusiasmo imediato dele, não o conseguiu. Hank considerou a idéia por algum tempo, antes de perguntar, cauteloso:

— Acha que ela quereria?

— É claro! Já lhe disse, Antonia adorou mamma. Não queria que ela fosse embora de Ibiza, quando decidiu voltar. Além do mais, logo agora que acaba de perder o pai, ficar algumas semanas em tranqüilidade, recobrando-se ao lado de alguém como minha mãe, seria o melhor para ela. Depois, então, começaria a percorrer as ruas de Londres, tentando encontrar um emprego.

— Você marcou um tento aí.

— Quanto a mamma, não seria como ter uma governanta, mas como hospedar uma amiga. Falarei hoje com ela sobre isso. Verei o que acha da idéia. Seja como for, tenho certeza de que não se negará. Tenho quase certeza disso.

Resolver problemas e tomar decisões eram algo que invariavelmente deixava Olivia revitalizada, de maneira que logo em seguida se sentiu melhor. Endireitou-se no assento, abaixou o protetor contra o sol e observou-se ao espelho ali afixado. Viu seu rosto, ainda muito pálido, com manchas sob os olhos, semelhantes a equimoses. A pele escura da gola do casaco acentuava a palidez, e ela esperou que a mãe não fizesse comentários a respeito. Passou um

pouco de batom e penteou o cabelo. Depois, tomando a erguer o quebra-sol, voltou a atenção para a estrada à sua frente.

A esta altura, haviam cruzado Burford, restando apenas uns cinco quilômetros para chegarem ao seu destino, e o caminho era familiar.

— Aqui, dobramos para a direita — avisou.

Hank manobrou o carro para a estradinha que o poste-sinalizador indicava como "Temple Pudley", e diminuiu a velocidade para uma marcha lenta e cautelosa. A estrada subia sinuosa pela encosta de uma montanha e, ao alcançarem o topo, a aldeia surgiu à vista, aninhada no fundo do vale como um brinquedo infantil, as águas prateadas do Windrush assemelhando-se a serpenteante fita de prata. Chegaram às primeiras casas, chalés de pedra dourada, ostentando grande antiguidade e beleza. Avistaram a vetusta igreja, abrigada atrás dos teixos. Um homem conduzia um bando de ovelhas e havia carros estacionados diante do pub, intitulado “Sudeley Arms". Ali, Hank parou e desligou o motor.

Um tanto surpresa, Olivia se virou para ele.

— Por acaso estará precisando de um drinque? — perguntou polidamente.

Ele sorriu, negando com a cabeça.

— Não, mas acho que você gostaria de ficar algum tempo sozinha com sua mãe. Ficarei um pouco aqui e irei mais tarde, se me disser como encontrar a casa.

— É a terceira. estrada abaixo. À direita. com dois portões brancos. Aliás, acho que não seria preciso você fazer isto.

— Eu sei. — Ele deu um tapinha em sua mão. — No entanto, creio que assim facilitaria as coisas para as duas.

— Você é muito gentil — disse ela, e era sincera.

— Eu gostaria de levar alguma coisa para sua mãe. Se pedir ao encarregado do pub que me venda duas garrafas de vinho, acha que ele concordaria?

— Tenho certeza, principalmente se disser a ele que são para a Sra. Keeling. O mais provável é que lhe venda seu clarete mais caro.

Ele sorriu. abriu a porta e desceu do carro. Ela o viu atravessar o pátio lajeado e desaparecer na entrada do pub. baixando a cabeça alta para não colidir com o batente. Depois que Hank se foi, Olivia soltou seu cinto de segurança, deslizou para trás do volante e ligou o motor. Era quase meio-dia.

Penelope Keeling parou no meio de sua cozinha aquecida e atravancada, procurando imaginar o que fazer em seguida. Então, decidiu que de mais nada teria que se ocupar, porque já preparara tudo. Até encontrara tempo para ir ao andar de cima e trocar as roupas de trabalho por outras, mais adequadas a um

almoço inesperado e formal, Olivia era sempre tão elegante, que o mínimo a fazer seria também ajeitar-se um pouco. Com isto, em mente, ela vestira uma pesada saia em brocado de algodão (muito amada e antiga, tendo o tecido iniciado sua vida como cortina), uma camisa masculina de lã listrada e cardigã sem mangas, cor de peônia púrpura. As meias eram escuras e grossas. Os sapatos. fortes e amarrados no peito do pé. Correntes douradas lhe pendiam em torno do pescoço e, com os cabelos penteados pouco antes e um toque de spray perfumado, sentia-se inteiramente festiva, cheia de agradável antecipação. As visitas de Olivia eram raras e distanciadas. o que só as tornava mais preciosas. A partir daquele telefonema de Londres, bem cedo de manhã, ela se lançara em um turbilhão de atividade.

Agora, contudo, nada mais restava a fazer. Fogo aceso nas lareiras da sala de visitas e sala de refeições, os drinques selecionados, o vinho aberto para ficar à temperatura ambiente. Na cozinha, o ar estava impregnado com o odor do lombo de vaca assado lentamente, de cebolas tostadas e batatas crocantes. Havia feito massa, descascado maçãs, cortado vagens em tiras (apanhadas no freezer) e ralado cenouras. Mais tarde, arrumaria queijos em um tabuleiro, moeria o café e decantaria o creme espesso, trazido da leiteria da aldeia. Amarrando um avental para proteger sua saia, lavou as poucas peças do equipamento da cozinha ainda sujas e as colocou nas grades da tábua de escorrer. Guardou uma ou duas panelas, limpou a mesa com um pano úmido, encheu um jarro e aguou seus gerânios. Então, tirou o avental e o pendurou em seu cabide.

A máquina de lavar havia parado de funcionar. Penelope só a usava quando o dia estava bom para secar roupas, uma vez que não tinha a máquina para secá-las. Preferia que sua roupa lavada secasse ao ar livre, adquirindo com isso um delicioso cheiro de frescor e tomando a passagem a ferro infinitamente mais fácil. Olívia e seu amigo poderiam chegar a qualquer momento, mas ela apanhou a enorme cesta de vime e passou para seu interior o emaranhado de peças úmidas e já lavadas. Com a cesta fincada na cintura, saiu da cozinha através da estufa e passou para o jardim. Cruzou o gramado, passou pela abertura na cerca-viva de alfeneiro e entrou no pomar. Metade daquela área deixara de ser pomar. Penelope fizera ali uma horta maravilhosamente prolífica, deixando a outra metade como sempre fora, com velhas e contorcidas macieiras e o Windrush fluindo silenciosamente, além da sebe de espinheiros.

Um longo varal fora estendido entre três daquelas árvores, e era ali que Penelope pendurava sua roupa lavada. Fazer isto, durante uma brilhante e fresca manhã, era uma de suas maiores satisfações. Um tordo cantava e, a seus pés, impelindo-se através da relva úmida e empenachada, os bulbos começavam a despontar. Ela mesma os plantara, milhares deles; narcisos e crocos, cilas e

galantos. Quando estes emurcheciam e a relva de verão ficava mais densa e verde, outras flores silvestres erguiam as cabeças. Prímulas, centáureas e papoulas escarlates, todas provindo de sementes atiradas por ela própria.

Lençóis, camisas, fronhas, meias e camisolas de dormir agitavam-se e dançavam à brisa ligeira. Com a cesta vazia, ela refez o caminho de volta, mas devagar, sem pressa, primeiro visitando a horta. a fim de verificar se os coelhos não se tinham banqueteado nos repolhos ainda tenros. Depois tornando a parar ao lado de seu pequeno arbusto de vibumo oloroso de hastes delicadas pontilhadas com botões rosa-forte miraculosamente cheirando a verão. Apanhou sua tesoura e cortou um ou dois galhos, que iriam perfumar a sala de visitas. Recomeçou a andar, decidida e entrar de vez, porém sua atenção foi novamente desviada. Agora, contemplava a deliciosa perspectiva de sua casa, erguida além do amplo relvado verdejante. Lá estava ela banhada de sol, tendo como fundo carvalhos de galhos desfolhados e um céu do mais puro azul. Era comprida e atarracada. caiada de branco, em estrutura de madeira com vãos preenchidos de argamassa, o entretecido teto de colmo projetando-se sobre as janelas do andar de cima, à maneira de espessas sobrancelhas pendentes.

Podmore's Thatch. Olivia achava o nome ridículo. dizia ficar embaraçada sempre que precisava mencioná-lo, tendo mesmo sugerido a Penelope que imaginasse um outro nome para a antiga moradia. Entretanto, Penelope sabia não ser possível mudar-se o nome de uma casa, da mesma forma como não se muda o nome de uma pessoa. Por outro lado, ficara sabendo, através do vigário, que William Podmore havia sido o Thatcher{6} da aldeia, mais de duzentos anos antes e que a casa tinha esse nome por causa dele. Isto decidiu o assunto para sempre.

Em certa época, haviam sido dois chalés, depois transformados em um pelo proprietário anterior, com o simples expediente de abrir portas na parede divisória. Isto significava que a casa tinha duas entradas, duas inseguras escadas e dois banheiros. Também significava que todos os aposentos se comunicavam. Um inconveniente, quando se deseja um pouco de privacidade. Assim, no térreo ficavam a cozinha, a sala de refeições, a de visitas e a antiga cozinha da segunda casa, que Penelope usava como depósito de jardinagem, ali guardando seus chapéus de palha, as botas de borracha, o avental de lona, vasos para flores, tralhas e colheres de jardim. Acima deste cômodo ficava um outro entulhado com todos os pertences de Noel e, no restante do andar de cima, três quartos maiores, enfileirados. Aquele sobre a cozinha era o dela.

Além disto, escuro e bafiento debaixo do colmo, um sótão tomava todo o comprimento do teto, servindo de depósito para tudo que Penelope não suportara jogar fora ao partir finalmente da Rua Oakley, e para o que não havia espaço em

qualquer outro lugar. Durante cinco anos, ela prometera a si mesma que neste inverno se livraria de tudo aquilo, mas sempre que subia os vacilantes degraus para lá e dava uma espiada em tomo, ficava desalentada ante a enormidade da tarefa, adiando-a para pouco mais tarde.

Quando viera morar ali, o jardim era uma área inculta, mas isto fizera parte do divertimento. Ela era uma jardineira maníaca e passava cada momento de folga ao ar livre, arrancando ervas daninhas, cavando canteiros, transportando enormes quantidades de esterco em um carrinho de mão, retirando madeira morta, plantando, podando, semeando. Agora, cinco anos mais tarde, podia chegar ali e vangloriar-se dos frutos de sua labuta, desta maneira, esquecendo Olivia, esquecendo a hora. Penelope fazia isto freqüentemente. O tempo perdera importância. Isso era uma das boas coisas sobre envelhecer: já não se ter pressa perpetuamente. Penelope cuidara de outras pessoas a vida inteira, mas agora não tinha ninguém em quem pensar, além de si própria. Havia tempo para parar e olhar e, olhando, para recordar. As perspectivas ampliavam-se, como paisagens vistas das encostas de uma montanha penosamente escalada e, tendo chegado a um ponto tão distante, parecia ridículo não parar e apreciá-las.

Sem dúvida, a idade acompanhava-se de outros tormentos. Solidão e enfermidade. As pessoas viviam falando sobre a solidão de velhice, porém, aos sessenta e quatro anos, que admitidamente não era uma idade avançada, Penelope desfrutava de sua solidão. Jamais vivera sozinha antes; a princípio estranhara, mas aos poucos fora aprendendo a aceitar o fato como uma bênção, a abandonar-se a todo tipo de coisas repreensíveis, como levantar-se quando sentia vontade, coçar-se se sentia coceira, ficar acordada até as duas da madrugada, a fim de ouvir um concerto. A comida era outra coisa. A vida inteira ela cozinhara para a família e os amigos, sendo excelente cozinheira mas, à medida que o tempo passava, foi descobrindo uma vaga tendência para refeições apressadas, nos mais chocantes estilos. Feijões em conserva, comidos frios, com uma colher, diretamente da lata. Tempero engarrafado para salada, salpicado sobre sua alface, assim como uma espécie de picles que se envergonharia de pôr em sua mesa, nos velhos tempos da Rua Oakley.

Até a doença tinha suas compensações. Desde aquele pequeno problema de um mês atrás, a que os médicos idiotas insistiam em chamar de ataque cardíaco, ela se tomara cônscia da própria mortalidade, pela primeira vez na vida. Não era algo aterrador, já que nunca temera a morte, porém aguçara suas percepções, fazendo-a recordar, agudamente, aquilo que a Igreja, denomina pecados por omissão. Não era uma mulher religiosa e não matutava em seus pecados que, segundo o ponto de vista da Igreja, deveriam ser legião, mas passou a enumerar as coisas que jamais fizera. Juntamente com fantasias

razoavelmente impraticáveis, como uma viagem em carro de bois às montanhas do Butão ou cruzar o deserto da Síria para visitar as ruínas de Palmira, que agora aceitava como impossibilidades, havia o desejo anelante, quase uma compulsão, de voltar a Porthkerris.

Quarenta anos era tempo demais. Então, era o fim da guerra, ele entrara no trem com Nancy, dissera adeus ao pai e partira para Londres. No ano seguinte, o idoso homem havia falecido, e Penelope deixara Nancy aos cuidados da sogra, a fim de viajar até a Cornualha para o funeral dele. Após o funeral, ela e Doris tinham passado uns dois dias retirando de Carn Cottage os pertences do pai falecido, em seguida retomando a Londres e às pressionantes responsabilidades de ser esposa e mãe. Desde então, nunca mais voltara lá. Sentira vontade de voltar. Irei com as crianças nas férias, dizia para si mesma. Vou levá-las para brincar nas praias onde brinquei, para vagar pelas charnecas e procurar flores silvestres. Só que isso jamais aconteceu. Por que não tinha ido? O que acontecera com os anos, escoando-se velozmente daquela maneira, como água fluindo rápida por baixo de uma ponte? As oportunidades tinham surgido e desaparecido, porém ela nunca as aproveitara, principalmente por não haver tempo ou dinheiro para as passagens de trem. Vivia ocupada demais dirigindo o casarão. Ás voltas com os inquilinos, criando os filhos. Á voltas com Ambrose. Mantivera Carn Cottage durante anos recusando-se a vender a casa, recusando-se a admitir para si mesma que nunca voltaria lá. Durante anos, através de um agente ela fora alugada a uma variedade enorme de inquilinos e, por todo esse tempo, Penelope dizia para si mesma que um dia, a qualquer momento, haveria de voltar. Levaria os filhos e mostraria a eles a quadrada casa branca na colina, seu jardim secreto escondido atrás da sebe alta, com vista para a baía e para o farol.

Isto continuou até que um dia, quando estava no pior aperto financeiro, soube pelo agente que um casal idoso tinha ido ver a casa e desejava comprá-la, a fim de nela residir pelo resto da vida.

Além de idoso, o casal era muito rico. Lutando para manter a cabeça à tona d'água, com três filhos para educar e um marido instável para sustentar, ela não teve alternativa senão aceitar a polpuda oferta e, finalmente, Carn Cottage foi vendido.

Depois disso, Penelope não pensou mais em voltar à Cornualha. Ao vender a casa da Rua Oakley, fez correr alguns rumores sobre voltar a morar lá, imaginando-se em um chalé de granito com uma palmeira no jardim, mas Nancy discordara de sua idéia e, no fim das contas, talvez tivesse sido melhor assim. Além do mais, para fazer justiça a Nancy, assim que Penelope pousara os olhos em Podmore's Thatch, adivinhara que não desejaria viver em qualquer outro

lugar.

Só que, ainda assim... seria agradável se, apenas uma vez, antes de finalmente espichar as canelas e morrer, pudesse voltar a Porthkerris. Ficaria hospedada na casa de Doris. Talvez Olivia a acompanhasse.

Olivia entrou com o Alphasud pelos portões abertos, dirigiu através do cascalho rangente, passou pelo vacilante galpão de madeira que cumpria seu dever como garagem e depósito de ferramentas, e rodou até os fundos de Podmore's Thatch. A porta frontal, com vidraças até a metade, dava para uma varanda ladrilhada. Ali eram pendurados casacos e capas; uma coleção de chapéus enfeitava a pontuda galhada da cabeça empalhada de um cervo, comida pelas traças, e, de um porta-guarda-chuvas em porcelana azul e branca, brotavam guarda-chuvas, bengalas e um ou dois antigos tacos de golfe. Da varanda, ela entrou diretamente para a cozinha, que borbulhava de calor e odores, entre estes, um cheiro de carne assada que dava água na boca.

— Mamma?

Não houve resposta. Olivia cruzou a cozinha e passou para a estufa, de onde imediatamente avistou a mãe, parada no extremo do gramado, como que em estado de transe, segurando uma cesta de vime vazia, e equilibrada em uma anca, a brisa leve agitando e desordenando seus cabelos.

Abriu a porta para o jardim e saiu para a claridade viva e cortante do sol.

— Olá!

Penelope sobressaltou-se ligeiramente, viu a filha e em seguida começou a cruzar o gramado, a fim de recebê-la.

— Querida!

Olivia não a vira desde que ela adoecera, e agora perscrutava intensamente, procurando algum indício de mudança e temendo encontrá-lo. Entretanto, excetuando-se o fato de sua mãe parecer um pouco mais magra, ela dava a impressão de estar em boa saúde, com as faces coradas e a costumeira vivacidade juvenil que as pernas compridas imprimiam às passadas. Desejou não ter de apagar a felicidade do rosto de sua mãe, ao contar-lhe que Cosmo estava morto. Ocorreu-lhe, então, que as pessoas permaneciam vivas, até alguém anunciar que haviam morrido. Talvez fosse uma lástima que uns contassem aos outros alguma coisa.

— Olivia, que bom ver você!

— O que fazia, parada lá adiante, com uma cesta vazia de roupa lavada?

— Nada. Apenas estava parada e olhando. Que dia maravilhoso! Fizeram boa viagem? — Olhou por sobre o ombro da filha.

— Onde está seu amigo?

— Ficou no pub, para comprar-lhe um presente.

— Ele não precisava fazer isso.

Penelope passou ao lado de Olivia e entrou, limpando maquinalmente os sapatos no capacho. Olivia a seguiu, fechando a porta atrás delas. A estufa tinha o piso forrado em pedra, era mobiliada com cadeiras de vime e banquetas, além de um monte de almofadas em cretone desbotado. Também era bastante aquecida, verdejante de folhagens e vasos de plantas, impregnada com a fragrância de frésias, das quais havia abundância, que eram a flor predileta de Penelope.

— Ele mostrou ter consideração. — Olivia deixou sua bolsa sobre a mesa de pinho estriado. — Tenho uma coisa para dizer a você.

Penelope colocou a cesta ao lado da bolsa de Olivia e se virou para encarar a filha. Lentamente, o sorriso desapareceu; seus belos olhos escuros ficaram circunspetos, mas a voz soou firme e forte como sempre, ao falar:

— Você está branca como um fantasma, Olivia.

Olivia ganhou coragem com isto.

— Eu sei — respondeu. — Só fiquei sabendo esta manhã. Lamento, mas é uma notícia triste. Cosmo morreu.

— Cosmo. Cosmo Hamilton? Morreu?

— Antonia ligou para mim, de Ibiza.

— Cosmo... — repetiu ela, com o rosto tomado pelo mais profundo pesar e angústia. — Mal posso acreditar... aquele estimado homem!

Não chorou, como Olivia já esperava. Penelope nunca chorava. Em toda a sua vida, Olivia jamais a vira chorar. Entretanto, a cor lhe fugira das faces e, instintivamente, como que apenas aquietando um coração em disparada, ela levou a mão ao peito.

— Aquele estimado, tão estimado homem! Oh, minha querida, eu sinto tanto! Vocês significavam muito um para o outro... Sente-se bem?

— Você está bem? Eu tinha medo de lhe contar.

— Apenas fiquei chocada. Tão de repente! — Sua mão procurou uma cadeira, encontrou-a, e ela se deixou arriar lentamente no assento. Olivia alarmou-se.

— Mamma?

— Que tolice! Sinto-me apenas um tanto esquisita.

— Que tal um conhaque?

Penelope sorriu fracamente, com os olhos fechados.

— É uma brilhante idéia.

— Vou buscar.

— Está no...

— Sei onde está. — Olivia empurrou uma banqueta para diante. —

Vamos, coloque seus pés aqui em cima... fique quietinha aí...não demoro.

A garrafa de conhaque ficava no aparador da sala de refeições. Olivia apanhou-a e a levou para a cozinha, depois tirou copos do armário e despejou neles duas generosas doses medicinais. Sua mão tremia, a garrafa tilintou contra o copo. Algumas gotas salpicaram a superfície da mesa, porém não importava. Nada importava, exceto mamma e seu coração frágil. Não a deixe ter outro ataque. Oh, querido Deus, não a deixe ter outro ataque! Apanhando os dois copos, ela os levou para a estufa.

— Tome, aqui está.

Colocou o copo na mão da mãe. Bebericaram em silêncio. O conhaque puro aqueceu e confortou. Após uns dois goles, Penélope esboçou um pálido sorriso.

— Sabe que uma das fragilidades da velhice está em se precisar tanto de um drinque como agora?

— Está muito enganada. Eu também precisei de um.

— Minha pobre querida... — Penelope bebeu mais um gole.

A cor retomava às suas faces. — Muito bem — disse — agora, conte-me tudo de novo.

Olivia assim fez, porém não havia muito a dizer. Quando se calou, Penelope disse, não como uma pergunta, mas ratificando um fato:

— Você o amava, não é mesmo...

— Sim, amei. Naquele ano, ele se tomou parte de mim. Ele me mudou, como nenhuma outra pessoa chegou a mudar.

— Devia ter casado com ele.

— Era o que Cosmo queria, mas eu não podia, mamma. Não podia.

— Eu gostaria que tivesse casado.

— Não fale assim. Sinto-me melhor como estou.

Penelope concordou. Compreendendo. Aceitando.

— E Antonia? O que vai ser dela? Pobre criança! Estava lá, quando isso aconteceu?

— Estava.

— O que ela fará agora? Vai ficar em Ibiza?

— Não. Ela não pode ficar lá. A casa nunca pertenceu a Cosmo. Antonia não tem onde morar. Sua mãe tomou a casar e mora no Norte. E não acho que haja muito dinheiro.

— E o que ela irá fazer?

— Está voltando para a Inglaterra. Chega semana que vem. Virá para Londres. Vai ficar comigo um dia ou dois. Disse que precisa arranjar um emprego.

— Oh, mas ela é tão jovem! Que idade tem agora?

— Dezoito anos. Não é mais uma criança.

— Era uma criança tão adorável...

— Você gostaria de revê-la?

— Mais do que tudo.

— Você... — Olivia tomou outro gole do conhaque. A bebida queimou sua garganta, esquentou-lhe o estômago, encheu-a de força e coragem. — Você a deixaria ficar aqui? Morando em sua companhia por uns dois meses?

— Por que pergunta isso?

— Por vários motivos. Porque acho que Antonia precisará de algum tempo para se refazer e decidir o que será de sua vida. E porque Nancy está em cima de mim, insistindo em que os médicos acham que você não deveria ficar sozinha. após seu ataque de coração.

Tudo foi dito francamente, da maneira como ela sempre falava com a mãe, com sinceridade e sem circunlóquios. Era uma das características que tomava tão satisfatório o relacionamento das duas, um dos motivos pelos quais, mesmo nas mais tensas circunstâncias, elas nunca brigavam.

— O que os médicos dizem é pura tolice — replicou Penelope, com vigor, pois o conhaque também a aquecera.

— Eu também acho, mas Nancy pensa diferente e, enquanto não houver alguém aqui com você, ela não vai largar o telefone. Então, compreenda, concordando em que Antonia fique, também estará me prestando um favor. Você vai gostar, não acha? Naquele mês em Ibiza, as duas não pararam de dar risadinhas juntas. Ela lhe fará companhia, e você poderá ajudá-la a atravessar esta fase difícil em sua vida.

Ainda assim, Penelope vacilava.

— Aqui não seria terrivelmente monótono para ela? Não levo uma vida muito excitante e, aos dezoito anos, ela pode ter-se transformado em uma mocinha sofisticada.

— Ela não me pareceu sofisticada. Dava a impressão de ser apenas como era antes. E, se estiver ansiosa por luzes brilhantes, discotecas e amizades, poderemos apresentá-la a Noel.

Deus nos livre, pensou Penelope, sem nada dizer, entretanto.

— Quando ela virá?

— Pretende chegar a Londres na terça-feira. Eu poderia trazê-la no próximo fim de semana.

Ficou olhando ansiosamente para a mãe, desejando que ela concordasse com o plano. Penelope, no entanto, se calara e parecia pensar em algo muito diferente, porque uma expressão divertida surgiu em seu rosto e, de repente; os

olhos se encheram de riso.

— Qual é a piada?

— Subitamente, recordei aquela praia onde Antonia aprendeu a praticar wind-surf. Havia todos aqueles corpos estendidos por ali, tostados como arenques defumados, e aquelas senhoras idosas, de seios murchos e pendurados. Que espetáculo! Lembra-se de como a gente ria?

— Jamais esquecerei.

— Que tempos felizes foram aqueles!

— Sim. Os mais felizes. Ela pode vir?

— Vir? Se ela quiser, é claro que pode! Pelo tempo que desejar. Será bom para mim. Eu me sentirei jovem outra vez.

Assim, quando Hank apareceu, a crise terminara. A sugestão de Olivia fora aceita, o pesar, o choque e a tristeza — pelo momento — ficaram postos de lado. A vida continuava e, estimulada e consolada pelo conhaque e a companhia da mãe, Olivia se sentiu novamente capaz de enfrentar a situação. Quando a sineta tocou, levantou-se depressa e cruzou a cozinha, para receber Hank. Ele viera com uma sacola de papel manilha que entregou a Penelope ao lhe ser apresentado. Colocando a sacola sobre a mesa e, sendo uma daquelas pessoas a quem, de fato, vale a pena dar-se presentes, ela a abriu imediatamente. As duas garrafas foram desembrulhadas de seu papel de seda, e o prazer que ela mostrou foi gratificante.

— Château Latour, Gran Crul. Oh, que homem gentil! Não me diga que convenceu o Sr. Hodgkins, no "Sudeley Arms", a desfazer-se deles!

— Como me disse Olivia, tão logo ele soube para quem eram, mal se conteve até apanhá-los.

— Nunca soube que ele guardava coisas assim em sua adega!

As maravilhas nunca cessam. Obrigada, muitíssimo obrigada. Poderíamos bebê-los ao almoço; apenas, já abri um vinho...

— Guarde estes para uma comemoração — sugeriu ele.

— Sim, farei isso.

Penelope colocou as garrafas sobre o aparador, enquanto Hank tirava o sobretudo. Olivia o pendurou na varanda, ao lado de outros agasalhos surrados, e então passaram todos para a sala de visitas.

Não era um aposento amplo, de maneira que Olivia sempre se surpreendia, ao ver a quantidade de pertences, os mais pessoais e preciosos, que sua mãe conseguira reunir ali dentro. Antigos sofás e poltronas favoritos, forrados em pano de colchão, cobertos com vistosas colchas indianas e salpicados de almofadas em tapeçaria. A secretária, aberta como sempre, apinhada de contas e cartas antigas. A mesa de costura, abajures e tapetes inestimáveis, estendidos

sobre o carpete de crina. Havia livros e quadros por toda parte, ânforas de porcelana com motivos decorativos e cheias de flores secas. Fotos, bibelôs e pequenos objetos de prata cobriam cada superfície horizontal, além das revistas, jornais, catálogos de sementes e uma peça embolada de tricô por terminar, espalhados ao acaso. Todos os entusiasmos da ocupada vida daquela mulher estavam encerrados dentro de suas quatro paredes. Entretanto, como costumava acontecer sempre que uma pessoa o via pela primeira vez, a atenção de Hank foi imediatamente atraída para o quadro que pendia acima da enorme lareira aberta.

Deveria medir um metro e meio por um e dominava toda a sala. “Os catadores de conchas”. Olivia sabia que jamais se cansaria do quadro, mesmo tendo convivido com ele a maior parte de sua vida. O impacto atingia a pessoa como uma rajada de ar frio e salitrado. O céu ventoso, com nuvens que corriam; o mar encapelando-se em ondas coroadas de espuma alva. que se vinham quebrar com estrondo sobre a praia. Os rosas e cinzas sutis da areia; poças rasas deixadas pela maré alta, cintilando com translúcidos reflexos da luz do sol. E as figuras das três crianças, agrupadas a um canto da tela: duas meninas com chapéus de palha, os vestidos apanhados para cima, e um menino. Todos de pernas bronzeadas, descalços e absorvidos pelo conteúdo de um pequeno balde escarlate.

— Oh! — Por um momento, ele parecia não encontrar palavras. — Que grande quadro!

— Também acha? — Penelope sorriu radiosa para ele, com seu costumeiro e orgulhoso prazer. — Meu bem mais precioso.

— Pelo amor de Deus... — Ele procurou a assinatura. — Quem o pintou?

— Meu pai. Lawrence Stern.

— Lawrence Stern era seu pai? Olívia, você não me contou isso!

— Preferi que minha mãe lhe contasse. Ela é muito mais entendida nisso do que eu.

— Eu pensei que ele fosse... entendam... um pré-rafaelita.

Penelope assentiu.

— E foi.

— Isto aqui é mais a obra de um impressionista.

— Eu sei. É interessante, não?

— Quando foi pintado?

— Por volta de 1927. Seu estúdio ficava na praia do norte, em Porthkerris, e pintou o quadro da janela desse estúdio. Tem o nome de “Os catadores de conchas”, e eu sou a menininha da esquerda.

— E por que o estilo dele é tão diferente?

Penelope deu de ombros.

— Por vários motivos. Qualquer pintor precisa mudar, passar por fases. Caso contrário, perderia todo o valor. Além do mais, a essa altura ele começara a ter artrite nas mãos e não era mais fisicamente capaz de produzir aquele trabalho fino, detalhado e meticuloso.

— Que idade tinha então?

— Em 1927? Imagino que sessenta e dois. Foi pai muito idoso. Só se casou aos cinqüenta e cinco anos.

— A senhora possui outras pinturas dele?

Hank olhou em volta, examinando as paredes tomadas por quadros, como em uma exposição.

— Aqui, não — respondeu Penelope. — Em sua maioria, estes foram presentes de colegas seus. Tenho dois painéis inacabados, porém estão pendurados no patamar da escada. Foram o último trabalho dele, mas então ficara tão atacado pela artrite, que mal podia segurar o pincel. Por isso é que nunca os terminou.

— Artrite? Que lástima!

— Sim. Foi muito triste. Entretanto, ele sabia bem como enfrentar isso, de uma maneira bastante filosófica. Costumava dizer: "Em compensação, diverti-me um bocado" e não pensava mais naquilo. De qualquer modo, acredito que tenha sido muito frustrante para ele. Muito depois de deixar de pintar, ainda mantinha o estúdio. Quando ficava deprimido ou tinha o que chamava de um cão negro no ombro, voltava ao estúdio e ficava lá, na janela, contemplando a praia, e o mar.

— Você se lembra dele? -perguntou Hank a Olivia.

Ela negou com a cabeça.

— Não. Quando nasci, meu avô já era falecido. Entretanto, minha irmã Nancy nasceu na casa dele, em Porthkerris.

— Ainda possuem a casa de lá?

— Não — disse Penelope com tristeza. — Finalmente, teve que ser vendida.

— A senhora nunca voltou lá?

— Há quarenta anos que não vou lá. Curioso, ainda esta manhã eu pensava que devia voltar, ver tudo aquilo novamente. — Ela olhou para Olivia. — Por que não vai comigo? Apenas por uma semana. Poderíamos ficar em casa de Doris.

—Oh... — Apanhada desprevenida, Olivia hesitou. — Eu... eu não sei...

— Poderíamos ir em qualquer época... — Penelope mordeu o lábio. — Ora, que tolice a minha! É claro que você não pode tomar decisões de um momento para o outro.

— Oh, mamma, eu sinto muito, mas será um pouco difícil. Só terei férias no verão e estou querendo ir à Grécia com amigos. Eles têm uma vila e um iate.

Não era a verdade exata, já que os planos ainda estavam em andamento, porém as férias eram demasiado preciosas, e ela ansiava pelo sol. No entanto, mal as palavras lhe saíram da boca, sentiu-se tomada de culpa, pois notou o momentâneo desapontamento que turvou o rosto da mãe, embora prontamente substituído por um sorriso de compreensão.

— É claro. Eu devia ter pensado nisso. Enfim, foi apenas uma idéia que tive. Afinal, para ir lá não preciso de companhia.

— É uma longa viagem de carro para você ir sozinha.

— Posso perfeitamente ir de trem.

— Convide Lalla Friedmarm. Ela adoraria uma viagem à Cornualha.

— Lalla. Nem me lembrei dela! Bem, veremos... — Mudando de assunto, Penelope se virou para Hank. — Ora, aqui estamos nós tagarelando, e este pobre homem nem mesmo bebeu alguma coisa. O que desejaria?

Foi um almoço demorado, ocioso, delicioso. Enquanto consumiam o tenro lombo róseo e assado, que Hank se ofereceu gentilmente para trinchar, as verduras frescas e suculentas, o caldo de raiz-forte, o pudim Yorkshire e o espesso molho ferrugem, Penelope o bombardeou de perguntas. Sobre a América, sobre seu lar, esposa e filhos. Olivia bem sabia, enquanto contornava a mesa servindo vinho, que não era por sentir que devia ser polida e manter uma conversa, mas porque sentia legítimo interesse. A paixão de Penelope eram as pessoas, em particular quando vindas de terras estrangeiras, e ainda mais particularmente se tivessem personalidade e fossem fascinantes.

— Você mora em Dalton, Georgia? Não posso imaginar como seja Dalton, Geórgia. Vive em um apartamento ou tem uma casa com jardim?

— Tenho uma casa e também um jardim, mas lá o chamamos de pátio.

— Imagino que, em semelhante clima, consigam plantar praticamente tudo, não?

— Lamento, mas não sei muito a respeito. Emprego um paisagista, que mantém o lugar em ordem. Tenho de admitir que nem mesmo aparo a minha grama.

— Faz sentido. Não tem de que se envergonhar.

— E a senhora?

— Mamma nunca precisou de ajudantes — disse Olivia. — Tudo que você vê, além da janela, é criação exclusiva dela.

Hank estava incrédulo.

— Não posso acreditar! Em primeiro lugar, é trabalho demais!

Penelope riu.

— Não devia ficar tão espantado. Para mim não é uma tarefa enfadonha, mas um tremendo prazer. Por outro lado, a gente não pode continuar indefinidamente e, portanto, na manhã de segunda-feira, rufem os tambores e soem os clarins, porque começo a empregar um jardineiro.

Olivia ficou de queixo caído.

— É mesmo? De verdade?

— Eu lhe disse que ia procurar alguém por aí.

— Sim, mas não acreditei que fosse mesmo.

— Há uma boa firma em Pudley. Chama-se "Autogarden", que não me parece um nome muito imaginativo, porém não vem ao caso. Eles me mandarão um rapaz, três dias por semana. Naturalmente, para o trabalho pesado de cavar a terra, mas se ele for jeitoso, conseguirei que faça também outras coisas para mim, como serrar toros e empilhar carvão. De qualquer modo, ainda verei como será. Se me mandarem um sujeito preguiçoso e muito caro, posso desfazer o acordo, sem perda de tempo. Muito bem, Hank, sirva-se de mais carne.

O lauto almoço consumiu a maior parte da tarde. Quando finalmente se levantaram da mesa, eram quase quatro horas. Olívia ofereceu-se para lavar os pratos, mas sua mãe não permitiu e, em vez disso, todos vestiram os casacos e saíram ao jardim, para um pouco de ar fresco. Perambularam de um lado para outro, inspecionando coisas. Hank ajudou Penelope a atar um galho de clematite, para que crescesse ereto, Olivia encontrou uma moita de acônitos, debaixo de uma das macieiras, e colheu para si mesma um pequeno punhado, que levaria para Londres.

Chegado o momento das despedidas, Hank beijou Penelope.

— Não posso agradecer-lhe o suficiente. Foi tudo maravilhoso.

— Você precisa voltar aqui.

— Talvez. Um dia, quem sabe?

— Quando volta à América?

— Amanhã cedo.

— Uma visita muito rápida. Que pena! Enfim, tive um grande prazer em conhecê-lo.

— Eu também. Foi uma satisfação conhecê-la.

— Ele caminhou para o carro e manteve a porta aberta, a fim de que Olivia entrasse.

— Adeus, mamma.

— Oh, minha querida! — As duas abraçaram-se. — Sinto muito sobre Cosmo, mas não deve ficar triste. Seja agradecida por ter passado aqueles meses com ele. Não fique olhando para trás. Não se lamente.

Olivia forçou um sorriso.

— Certo. Não me lamento.

— E, a menos que avise o contrário, estarei à sua espera no próximo fim de semana. Com Antonia.

— Eu ligo para você.

— Adeus, minha querida.

Eles partiram. Ela se fora. Olivia, em seu belo casaco castanho, com a gola de pele erguida para aquecer as orelhas, e o pequeno ramo de acônito, apertado na mão. Como uma criança. Penelope entristeceu-se por ela. Seus filhos nunca deixavam de ser crianças. Mesmo tendo ela trinta e oito anos e sendo uma vitoriosa profissional, suporta-se tudo o que fere, mas é insuportável ver-se um filho sofrendo. Seu coração foi com Olivia, rodando para Londres. Seu corpo, no entanto, agora cansado, exaurido pelas atividades do dia, conduziu-a lentamente para dentro de casa.

Na manhã seguinte, Penelope continuou sentindo-se cansada e indolente. Acordou deprimida, sem saber o motivo, mas então recordou Cosmo. Chovia e, como não esperasse visitantes para o almoço domingueiro, ficou na cama até dez e meia, quando então se levantou, vestiu-se e foi até a aldeia recolher seus jornais do domingo. Os sinos da igreja badalavam, e um punhado de gente passava sob o portão coberto que dava para o cemitério, encaminhando-se para o culto matinal. Não pela primeira vez, Penelope desejou ser de fato religiosa. Acreditava em Deus, é claro, comparecendo à igreja no Natal e na Páscoa, porque, sem algo em que acreditar, a vida seria intolerável. Agora, no entanto, vendo a pequena procissão dos moradores da aldeia enchendo o caminho de cascalho por entre as vetustas e tombadas lajes do cemitério, pensou que seria bom juntar-se a eles, com a certeza de encontrar conforto. Não fez isso, entretanto. Jamais fizera efeito antes e era improvável que desse certo agora. Deus não tinha culpa; era algo que tinha a ver apenas com sua própria atitude mental.

Novamente em casa, acendeu a lareira e leu The Observer. Em seguida, fez uma pequena refeição de carne assada fria, uma maçã e um copo de vinho. Comeu na mesa da cozinha, e depois retomou à sala de visitas, onde tirou uma soneca. Ao despertar, viu que a chuva cessara. Levantou-se do sofá, calçou as botas, vestiu o blusão velho e saiu para o jardim. Havia podado suas roseiras no outono e as adubara com composto, porém ainda havia alguns galhos mortos em tomo, de maneira que ela se enfiou no emaranhado de espinhos e começou a trabalhar.

Como sempre, ao ficar assim entretida, ela perdeu qualquer noção de tempo, a mente ocupada apenas em suas roseiras. Então, ao endireitar o corpo para amenizar as costas doloridas, assustou-se ao ver duas figuras que cruzavam

o gramado, vindo em sua direção. Afinal, não ouvira a chegada de nenhum carro e tampouco esperava visitantes. Uma jovem e um rapaz. Um rapaz alto e excepcionalmente atraente, de cabelos escuros e olhos azuis, as mãos enfiadas nos bolsos. Ambrose. Penelope sentiu o coração falhar uma batida e disse a si mesma para não ser tola, porque não era Ambrose que ressurgia do passado e vinha ao seu encontro, mas sim seu filho Noel. Era tão extraordinária a semelhança dele com o pai, que ao surgir inesperadamente, como agora, sempre a sobressaltava.

Noel. E, é claro, com uma jovem.

Penelope procurou compor-se, forçou um sorriso no rosto, deixou as tesouras de podar caírem no bolso, descalçou as luvas e esgueirou-se para fora do canteiro das roseiras.

— Olá, mãe.

Chegando ao lado dela, ainda com as mãos nos bolsos, ele se inclinou para dar-lhe um beijo leve na face.

— Que surpresa! De onde foi que brotou?

— Estamos passando o fim de semana em Wiltshire e tive a idéia de virmos ver como está indo. — Wiltshire? Noel se deslocara de Wiltshire? Tinha-se desviado quilômetros e quilômetros de seu caminho! — Esta é Amabel.

— Como vai?

— Olá — disse Amabel, sem o menor gesto para apertar-lhe a mão.

Era miúda como uma criança de cabelos emaranhados e redondos olhos verde-pálidos, como duas groselhas. Vestia um enorme casaco de tweed que lhe chegava aos tornozelos e que a Penelope pareceu familiar. Após um segundo olhar, identificou-o como um antigo sobretudo de Lawrence Stern, misteriosamente desaparecido durante a mudança da Rua Oakley.

Ela se virou para Noel.

— Está passando o fim de semana em Wiltshire? Em casa de quem?

— De algumas pessoas da família Early, amigos de Amabel. Saímos depois do almoço e, como ainda não a vi desde que deixou o hospital, decidi passar por aqui, saber como tem andado. — Mostrou a ela seu sorriso mais cativante. — Devo dizer que você me parece fantástica. Pensei que a encontraria muito pálida e abatida, com os pés estirados no sofá.

A menção ao hospital irritou Penelope.

— Foi apenas um susto idiota. Nada há de errado comigo. Nancy é que, como sempre, transforma um grão de areia em montanha. Sabe que detesto essas coisas! — Então, sentiu remorsos, porque era realmente muita gentileza dele rodar toda aquela distância apenas para vê-la. — Foi muita consideração sua ficar preocupado, mas estou muitíssimo bem. E é ótimo ver os dois. Que horas

são? Céus, quase quatro e meia! Gostariam de uma xícara de chá? Podemos entrar e tomar uma. Leve Amabel, Noel. Há um bom fogo na sala de visitas. Irei ao encontro de vocês em um minuto, assim que tirar minhas botas.

Ele assim fez, conduzindo Amabel pelo gramado até a porta da estufa. Penelope observou-os enquanto iam e depois entrou também, pelo depósito de jardinagem, onde trocou as botas pelos sapatos e pendurou o casaco. Depois subiu para o andar de cima, através dos aposentos vazios até seu quarto. Lá, ela lavou as mãos e ajeitou o cabelo. Desceu pela outra escada, foi à cozinha, colocou a chaleira no fogo e arrumou uma bandeja. Encontrou uma sobra de bolo de frutas em uma lata. Noel adorava bolo de frutas e, quanto àquela jovem, dava a impressão de precisar alimentar-se. Penélope perguntou-se se não seria anoréxica. Não era de admirar. Seu filho conseguia as namoradas mais estranhas do mundo.

Preparou o chá e carregou a bandeja para a sala de visitas, onde Amabel, já tendo tirado o sobretudo de Lawrence, encolhera-se como um filhote de gato no canto do sofá. Noel colocava toras no fogo agonizante. Penelope depositou a bandeja na mesa, e Amabel exclamou:

— Que casa formidável!

Penelope tentou ser cordial com ela.

— Sim. É aconchegante, não?

Os olhos de groselha estavam pousados em “Os catadores de conchas”.

— Que quadro formidável!

— Todo mundo acha.

— É a Cornualha?

— Exatamente. Porthkerris.

— Foi o que pensei. Já estive lá, em um feriado, mas choveu o tempo todo.

— Que pena!

Penelope não conseguia pensar em mais nada para dizer, de maneira que encheu o silêncio seguinte com a atividade de servir o chá. Feito isto, distribuídas as xícaras e o bolo de frutas, ela reiniciou a conversa.

— Bem, agora falem-me sobre o fim de semana. Foi divertido?

Sim, responderam eles, havia sido divertido. Um grupo de dez convidados na casa, um point-to-point no sábado, então jantar em casa de outras pessoas, depois uma dança, e só foram dormir às quatro da madrugada.

Para Penelope, era um programa inexpressivo e terrível, mas comentou:

— Muito interessante.

Aquilo parecera esgotar as notícias que os dois tinham para dar, de maneira que ela começou a dar as suas, contando que Olivia a tinha visitado, com um amigo americano. Amabel conteve um bocejo; Noel, ocupando uma

banqueta baixa ao lado do fogo, com a xícara de chá no chão, ao seu lado, e as pernas compridas cruzadas nos tornozelos, ouvia polidamente, mas Penelope sentiu que não prestava muita atenção. Quis dar a notícia da morte de Cosmo, porém achou melhor calar-se. Ia contar que Antonia chegaria e viria ficar algum tempo em Podmore's Thatch, quando também decidiu o contrário. Noel não conhecera Cosmo, não sentiria grande interesse pelos assuntos da família dele. Na verdade, não sentia muito interesse por outra coisa além de si mesmo, pois assemelhava-se ao pai não apenas no físico, mas também no caráter.

Ela ia interrogá-lo sobre seu trabalho e como estava indo. Chegou a abrir a boca, porém Noel falou primeiro.

— Por falar na Cornualha, mãe... (tinham falado na Cornualha?)... sabia que uma das telas de seu pai será leiloada na Boothby's, esta semana? As aguadeiras. Ouvi dizer que deve valer perto de duzentas mil. Seria interessante ver se é mesmo.

— Sim, eu sabia. Olivia falou nisso, durante o almoço de ontem.

— Você devia ir a Londres, assistir ao leilão. Sem dúvida, será divertido.

— Você irá?

— Só se puder sair do escritório.

— É extraordinário como essas pinturas antigas ficaram em moda. E os preços que pagam por elas! O pobre papai se retorceria na sepultura, se soubesse o quanto estão valendo.

— A casa Boothby's deve ter feito um grande negócio com elas.

— Você viu o anúncio que puseram no The Sunday Times?

— Ainda não li The Times.

O jornal jazia dobrado no assento de sua poltrona. Noel apanhou-o, abriu-o, encontrou o que procurava, dobrou as páginas para trás e o estendeu para ela. Penelope viu, no canto inferior, uma das publicidades costumeiras inseridas pela Boothby's, os negociantes de arte.

"Uma obra secundária ou uma grande descoberta?"

Os olhos dela se moveram para a pequena ilustração. Aparentemente, dois pequenos óleos tinham chegado ao mercado, ambos com temas bastante semelhantes. Um alcançara trezentas e quarenta libras, o outro, mais de dezesseis mil.

Percebendo os olhos do filho fixos nela começou a ler.

"As vendas da Boothby's em muito contribuíram para inspirar a recente reavaliação deste negligenciado período vitoriano. Os clientes em potencial poderão dispor de nossa experiência e orientação. Se você possui alguma obra desse período e gostaria que fosse avaliada, telefone para nosso perito, Sr. Roy Brookner, o qual terá satisfação em viajar e oferecer orientação, sem qualquer

despesa de sua parte”.

Havia o endereço, o número do telefone, e era tudo. Penélope dobrou o jornal e o deixou de lado. Noel esperava. Erguendo a cabeça, ela olhou para o filho.

— Por que quis que eu lesse isto?

— Ora, pensei que ficaria interessada.

— Em mandar avaliar meus quadros?

— Nem todos. Apenas os Lawrence Stern.

— Para segurá-los? — perguntou ela, tranqüilamente.

— Se você quiser. Ignoro quanto vale o seguro no momento.

Enfim, não esqueça, o mercado atualmente está no auge. Há dias, um Millais alcançou oitocentas mil libras.

— Não tenho um Millais.

— Você... não pensaria em vender?

— Vender? Os quadros de meu pai?

— Não “Os catadores de conchas”, é claro. Que me diz dos painéis?

— Estão inacabados. O mais provável é que nada valham.

— Isso é o que você pensa, daí o motivo de mandar avaliá-los. Agora! Quando souber quanto valem, talvez até mude de idéia. Afinal de contas, pendurados naquele patamar, ninguém os vê, e você provavelmente nem mesmo olha para eles. Não sentiria a menor falta dos painéis.

— Como pode saber se vou sentir falta deles ou não?

Noel deu de ombros.

— Apenas imaginei. Afinal, não são dos melhores, e o tema escolhido é repulsivo.

— Se é isto o que pensa dos painéis, ainda bem que não tem mais de conviver com eles. — Penelope se virou para Amabel. — Mais uma xícara de chá, querida?

Noel sabia que, quando sua mãe se mostrava fria e dignificada, era por estar prestes a perder o controle. Continuar a pressioná-la sobre as pinturas seria mais prejudicial do que vantajoso, além de reforçar-lhe a teimosia. Pelo menos, trouxera o assunto à baila, a idéia em sua mente. Quando ela ficasse a sós, talvez mudasse de idéia, concordando em que ele tinha razão. Assim pensando, Noel exibiu seu mais sedutor sorriso e, em desconcertante reviravolta, aceitou a derrota.

— Tudo bem, você ganhou! Não falemos mais nisto.

Largando a xícara, ergueu o punho da manga para ver as horas.

— Estão com pressa? — perguntou sua mãe.

— Não podemos demorar muito. É um longo trajeto até Londres, e o

trânsito estará infernal. Mãe, sabe se minhas raquetes de squash estão lá em cima, no meu quarto? Combinei uma partida, mas não as encontro em lugar algum do apartamento.

— Não sei — respondeu ela, aliviada pela mudança do tema.

O pequeno quarto dele, em Podmore's Thatch, estava entulhado com suas caixas, malas e vários artigos esportivos, mas, como Penélope ia lá o menos possível, não tinha idéia do que jazia naquele amontoado de coisas. — Por que não sobe e dá uma espiada?

— É o que farei. — Descruzando as pernas compridas, ele se levantou. — Será apenas um momento.

Penelope ouviu os passos dele subindo a escada. Amabel continuou onde estava, contendo outro bocejo e parecendo uma desconsolada sereia.

— Conhece Noel há muito tempo? — perguntou Penelope, odiando-se por soar tão fria e formal.

— Faz uns três meses.

— Você mora em Londres?

— Meus pais vivem em Leicestershire, mas eu tenho um apartamento em Londres.

— Tem algum emprego?

— Só quando preciso.

— Aceitaria mais uma xícara de chá?

— Não. Prefiro outro pedaço de bolo.

Penelope serviu-1he uma fatia. Amabel comeu o bolo. Penelope gostaria de saber se, apanhando um jornal para ler, aquela jovem daria por isso. Pensou no quanto ela poderia ser simpática, mas como era desabonador em sua educação nunca lhe terem ensinado a comer com a boca fechada.

Por fim, derrotada, desistiu de tentar uma conversa, começou a recolher os apetrechos do chá e os levou para a cozinha. Amabel ficou na sala, dando a impressão de prestes a pegar no sono. Penelope terminou de lavar as xícaras e pires, sem que Noel reaparecesse. Presumivelmente, ainda procurava a esquiva raquete. Pensando em poder ajudá-lo, ela subiu pela escada da cozinha e seguiu através dos quartos, até o final da casa. A porta para o quarto dele estava aberta, porém ele não se encontrava lá. Perplexa, ela vacilou, mas então ouviu passos cautelosos, rangendo acima de sua cabeça. O sótão? O que estaria ele fazendo no sótão?

Olhou para cima. A antiga escada de madeira levava à abertura quadrada no teto.

— Noel?

Ele surgiu um momento depois, primeiro as pernas compridas, depois o

restante do corpo, esgueirando-se do sótão e descendo a escada.

— O que, francamente, fazia lá em cima?

Ele chegou ao seu lado. Havia um tufo de fios em seu blusão e um resto de teia de aranha nos cabelos.

— Não pude encontrar a raquete no quarto — explicou. — Imaginei que poderia estar no sótão.

— É claro que não está no sótão. Lá nada mais existe além de velharias da Rua Oakley.

Ele riu, limpando-se da poeira.

— Está absolutamente certa!

— Talvez não tenha procurado direito. — Ela entrou no atravancado quartinho, afastou alguns casacos e um par de protetores de pernas para críquete. Imediatamente encontrou a raquete de squash, escondida sob eles. — Aqui está, seu tolo! Você sempre foi imprestável para achar coisas!

— Oh. Droga! Sinto muito. De qualquer modo, obrigado. Noel pegou a raquete. Penelope observou-lhe o rosto, mas nada havia de desleal em sua expressão.

— Amabel está usando o sobretudo de meu pai — disse. — Quando foi que você o apanhou?

Nem isso o deixou perturbado.

— Surrupiei-o durante a grande mudança. Você nunca o usou, e ele é um agasalho formidável.

— Devia ter-me pedido.

— Eu sei. Quer que o devolva?

— Claro que não. Pode ficar com ele. — Penelope pensou em Amabel, envolta naquele surrado luxo. Ela e, sem dúvida, outras incontáveis garotas. — Tenho certeza de que dará a ele um uso melhor do que eu.

Encontraram Amabel em sono profundo. Noel acordou-a, ela custou a levantar-se, bocejando e de olhos Inchados. Ele a ajudou a enfiar-se no sobretudo, deu um beijo de despedida na mãe e se foi com a namorada. Após vê-los partir, Penelope entrou em casa. Fechando a porta, ficou parada na cozinha, cheia de inquietude. O que ele esperava encontrar no sótão? Sabia perfeitamente que a raquete não estava lá; portanto, o que procurava?

Voltando à sala de visitas, colocou uma tora no fogo. O Sunday Times continuava no chão, onde o deixara cair. Agachando-se, recolheu-o e tomou a ler o anúncio da Boothby's. Depois foi até sua secretária, encontrou uma tesoura e recortou cuidadosamente o anúncio, que guardou em uma das pequeninas gavetas do móvel.

No meio da noite, ela despertou com um terrível sobressalto. Estava

ventando; era uma noite muito escura e chovia novamente. Suas janelas chocalhavam, e gotas de chuva batiam contra as vidraças. "Fui à Cornualha, mas choveu o tempo todo," havia dito Amabel. Porthkerris. Ela recordava a chuva, empurrada do Atlântico por rajadas de vento. Recordava seu quarto em Carn Cottage, deitada na escuridão, como estava agora, com o ruído das ondas quebrando na praia muito abaixo, as cortinas tremulando nas janelas abertas, e os fachos de luz do farol abrindo caminho através das paredes pintadas de branco. Recordava o jardim, perfumado de escalônias, a alameda que subia para a charneca, a visão lá do alto a baía ampla, o azul brilhante do mar. O mar era um dos motivos que a faziam ter tanta vontade de voltar. Gloucestershire era um belo lugar, porém não tinha mar, e ela ansiava por mar. O passado é passado, porém a viagem podia ser feita. Nada havia que a impedisse de ir, sozinha ou acompanhada, pouco importava. Antes que fosse tarde demais, tomaria a estrada para o oeste, rumando até aquela garra áspera da Inglaterra onde, certa vez, ela havia vivido, tinha amado e fora jovem.

6. Lawrence

Ela estava com dezenove anos. Entre boletins noticiosos ouvidos com ansiedade, o rádio transmitia músicas, como Deep Purple e These Foolish Things, assim como melodias do último filme de Fred Astaire e Ginger Rogers. Durante todo o verão, a cidade fervilhara de movimentação. Lojas exibiam quantidades de baldes, pás e bolas para a praia, estas desprendendo cheiro de borracha ao sol quente, elegantes mulheres de férias hospedavam-se no Castle Hotel, escandalizando os moradores ao caminhar pelas ruas em conjuntos praianos e ao tomar banho de sol em ousados maiôs de duas peças. A maioria dos veranistas já se fora, porém ainda havia alguns nas areias, as tendas e compartimentos para banho ainda não haviam sido desmontados e postos ao lado. Caminhando à beira da água, Penelope viu as crianças, vigiadas por babás bem uniformizadas que se sentavam em espreguiçadeiras e faziam tricô, enquanto isso mantendo os olhos vigilantes nos pequeninos que faziam castelos de areia ou corriam, gritando esganiçadamente por entre as ondas mais rasas.

Era uma quente e ensolarada manhã de domingo, também ótima para se ficar em casa. Chamara Sophie para acompanhá-la, mas Sophie preferira ficar na cozinha, preparando o almoço, e Penélope a deixara cortando vegetais para um cassoulet de frango. E papai, após o desjejum, enfiara na cabeça seu velho chapéu de abas largas e partira para o estúdio. Penelope iria buscá-lo e, juntos, subiriam a colina até Carn Cottage, onde a tradicional refeição do meio-dia os esperava.

— Não o deixe entrar no pub, minha querida. Hoje, não. Traga-o diretamente para casa.

Ela prometera. Quando se sentassem para saborear o cassoulet de Sophie, tudo estaria terminado. A essa altura, eles ficariam sabendo.

Havia caminhado até o final da praia — até as rochas e o trampolim. Subindo o lance de degraus de concreto, ela saiu em uma estreita alameda lajeada, que serpenteava encosta abaixo por entre as casas irregulares, caiadas de branco. Havia muitos gatos ali, disputando restos de peixe nas sarjetas, enquanto as gaivotas revoluteavam no alto ou instalavam-se nos tetos e chaminés, supervisionando o mundo com frios olhos amarelos e grasnidos desafiantes, por nada em particular.

No pé da colina ficava a igreja. Os sinos tocavam para o culto matinal, e havia muito mais gente do que de costume, todos caminhando reunidos pela

alameda de cascalho e desaparecendo na penumbra além das grandes portas de carvalho. Homens de temos escuros e mulheres piedosamente enchapeladas, com expressões sérias e passadas solenes, provinham de todos os cantos da pequena cidade. Não havia muitos sorrisos e ninguém dizia bom-dia. Faltavam cinco minutos para as onze. No porto, a maré vazante estava em meio. Barcos de pesca, atados à muralha, ficavam inclinados e recostados em pilares de madeira. Estava tudo estranhamente deserto. Apenas um grupo de crianças brincava com uma velha caixa de sardinhas e, do outro lado do porto, um homem trabalhava em seu barco. O ruído das marteladas ecoava através das areias desertas.

O relógio da igreja começou a bater as horas. Encarapitadas no telhado da torre, as gaivotas alçaram vôo em uma nuvem de asas brancas, os grasnidos elevados em furiosas reclamações, ao serem perturbadas pelo sino reverberante. Ela seguiu em frente, caminhando devagar, as mãos enfiadas nos bolsos do cardigã; súbitas e breves rajadas de vento agitavam seu cabelo escuro, em madeixas sobre as faces. Imediatamente, ficou cônscia de sua solidão. Ninguém mais estava à vista e, quando se virou do porto, começando a subir uma rua íngreme, ouviu através de janelas abertas as badaladas finais do Big Ben. Ouviu a voz começando a falar. Imaginou famílias no interior das casas, reunidas junto ao rádio, em íntima proximidade, uns extraindo conforto dos outros.

Agora, estava realmente em Doumalong, a parte velha da cidade, abrindo caminho através do desconcertante labirinto de vielas lajeadas e praças inesperadas, em direção às praias de mar aberto da Praia do Norte. Podia ouvir o ronco das ondas batendo na praia e sentiu o vento. Ele lhe colou a saia do vestido de algodão nas pernas e desmanchou seus cabelos. Dobrando a esquina, Penelope avistou a praia. Viu a lojinha da Sra. Thomas, aberta por uma hora para a venda de jornais. As estantes ao lado da porta estavam empilhadas deles, as manchetes altas e sombrias, como lousas de sepultura. Havia algumas moedas em seu bolso. Com o estômago tomado de apreensão e vazio, ela entrou e comprou, por dois pence, uma barra de chocolate de hortelã.

— Saiu para dar um passeio, meu bem? — perguntou a Sra. Thomas.

— Sim. Vou buscar papai. Está em seu estúdio.

— É o melhor lugar para se ficar, em semelhante manhã. Fora de casa.

— Também acho.

— Bem, os balões subiram ao ar. — Ela estendeu a barra de chocolate por sobre o balcão. — Diz o Sr. Chamberlain que estamos em guerra com esses malditos alemães. — A Sra. Thomas tinha sessenta anos. Já havia atravessado uma guerra devastadora, como o pai de Penelope e milhões de outras pessoas inocentes, por toda a Europa. O marido da Sra. Thomas tinha sido morto em 1916, e seu filho Stephen já fora convocado como soldado raso, na Infantaria

Ligeira do Duque da Cornualha. — Acho que tinha de acontecer. Não se podia continuar sem fazer nada. Não com aqueles pobres poloneses morrendo feito moscas!

— Isso mesmo — disse Penelope, apanhando o chocolate.

— Bem, dê lembranças a seu pai, querida. Ele está bem?

— Sim, está bem.

— Adeus, então.

— Adeus.

Novamente na rua, ela sentiu frio. O vento agora estava mais a Forte, fazendo com que seu vestido fino e o cardigã parecessem inadequados. Desembrulhou o chocolate e começou a comê-lo. Guerra. Ergueu os olhos para o céu. como se esperando o aparecimento de hordas de bombardeiros aqui e acolá, nas formações que vira em noticiários cinematográficos, onda após onda deles, devastando a Polônia. Entretanto, viu apenas nuvens, sopradas pelo vento.

Guerra. Era uma palavra estranha. Como morte. Quanto mais se a pronunciava, mais pensava nela e mais incompreensível se tornava. Mastigando o chocolate, ela continuou avançando, agora descendo a estreita viela lajeada que conduzia ao estúdio de Lawrence Stern, a fim de encontrá-lo e dizer-lhe que estava na hora do almoço, que não devia parar no pub para uma cerveja e que a guerra, finalmente, havia começado.

O estúdio de Lawrence Stern era um antigo depósito de redes, com teto alto e deixando passar o vento encanado. tendo uma grande janela ao norte, que dava para a praia e o mar. Havia muito, ele instalara ali uma grande estufa bojuda, com uma chaminé que se elevava até o teto. No entanto, mesmo quando funcionava a todo vapor, ela nunca conseguia aquecer o lugar.

Como não estava aquecido agora.

Fazia mais de dez anos que Lawrence Stern deixara de trabalhar, mas as ferramentas de seu ofício continuavam ali, como se a qualquer momento ele pudesse pegá-las e recomeçar a pintar. Os cavaletes e telas, os tubos de tinta usados a meio, as paletas incrustadas de tinta seca. A cadeira para o modelo continuava sobre seu tablado encortinado, e uma mesa desconjuntada suportava a fôrma em gesso de uma cabeça de homem e uma pilha de exemplares antigos de The Studio. O odor era profundamente nostálgico, o ar ainda retinha o cheiro de tinta a óleo e terebintina misturado ao vento salitrado que entrava pela janela aberta.

Empilhados a um canto. ela viu as pranchas para o surfe no verão e uma toalha de banho listrada, esquecida e atravessada sobre uma cadeira. Perguntou-se se haveria nutro verão; se aquelas coisas tornariam a ser usadas.

Apanhada pela ventania, a porta bateu, fechando-se atrás dela. Ele virou a

cabeça. Estava sentado de lado, no banco-janela, as pernas compridas cruzadas, um cotovelo encostado no peitoril. Estivera olhando os pássaros marinhos, as nuvens, o mar azul-turquesa, as ondas que rebentavam incessantemente.

— Papai...

Ele estava com setenta e quatro anos. Alto e distinto, de rosto muito bronzeado e profundamente sulcado, um par de olhos muito azuis e brilhantes. Suas roupas tinham um toque de ousadia e juventude. Calças de lona vermelha e desbotada, um velho blusão de veludo cotelê verde e, em lugar de gravata, um lenço pintalgado, amarrado à garganta. Somente os cabelos lhe traíam a idade, brancos como a neve e antiquadamente longos. Os cabelos e as mãos, contorcidas e invalidadas pela artrite que, tão tragicamente, impusera um final à sua carreira.

— Papai!

O olhar dele era sombrio, como se não a reconhecesse, como se ela fosse uma estranha, um mensageiro portador de terríveis novas, o que, de fato, era. Então, de repente, sorriu e ergueu um braço, em um gesto de familiar e amorosa acolhida.

— Minha querida!

Penelope aproximou-se dele. Sob os pés dela, o piso desigual de madeira rangeu com a areia trazida pelo vento, como se alguém houvesse espalhado por ali um saco de açúcar. Ele a puxou para mais perto.

— O que está comendo?

— Chocolate com hortelã.

— Vai estragar seu apetite.

— Você sempre diz isso. — Penelope recuou um pouco. — Quer um pedaço?

— Não — disse ele, sacudindo a cabeça.

Ela guardou o resto do chocolate no bolso do cardigã.

— A guerra começou.

Seu pai assentiu.

— Quem me disse foi a Sra. Thomas.

— Eu sei. Eu sabia.

— Sophie está preparando um cassoulet. Disse para eu não deixar você ir ao "The Sliding Tackle" para um drinque. Disse que eu levasse você direto para casa.

— Neste caso, é melhor irmos andando.

Entretanto, ele não se moveu. Penelope fechou e trancou as janelas. Agora, o som da rebentação das ondas já não ficava tão forte. O chapéu dele estava caído no chão. Ela o recolheu e entregou ao pai, que o enfiou na cabeça e

levantou-se. Penelope o tomou pelo braço, e os dois iniciaram a longa caminhada de volta para casa.

Carn Cottage ficava no alto da colina, acima da cidade. Era uma casinha branca e quadrada, no centro de um jardim, cercada por altos muros. Quando se passava pelo portão no muro, trancando-o após a entrada, era como penetrar algum lugar secreto, onde não se seria atingido por coisa alguma -nem mesmo pelo vento. Agora, em fins de verão, a grama ainda estava verde, e os canteiros de Sophie, ao longo do muro, eram um festival de margaridas, bocas-de-leão e dálias. Contra a fachada frontal da casa, destacavam-se gerânios cor-de-rosa e um pé de clematite que, a cada maio, produzia uma enormidade de flores em tom lilás-pálido. Havia ainda uma área reservada à horta, escondida atrás de uma sebe de escalônias, e nos fundos da casa ficava um pequeno campo, com um tanque, onde Sophie mantinha suas galinhas e patos.

Ela estava agora no jardim, esperando por eles, enquanto colhia uma braçada de dálias. Quando ouviu o portão fechar-se, endireitou o corpo e foi encontrá-los, parecendo um menino, em suas calças e sapatilhas, rematadas por um pulôver listrado em azul e branco. Os cabelos escuros eram cortados bem curtos, acentuando o pescoço esguio e bronzeado, bem como o formato regular da cabeça. Os olhos eram escuros, grandes e brilhantes. Todos diziam que eram sua melhor característica até ela sorrir. Depois disso, não tinham mais tanta certeza.

Sophie era esposa de Lawrence e mãe de Penelope. Nascera na França. Seu pai, Philippe Charlroux, e Lawrence haviam sido contemporâneos, dividindo um estúdio em Paris, nos velhos e despreocupados tempos antes da guerra de 1914. Lawrence conhecera Sophie quando ainda era muito pequenina, brincando nos jardins das Tulherias e, às vezes, acompanhando o pai e amigos dele aos cafés, onde se reuniam para beber e divertir-se, ruidosa e inofensivamente com as jovens bonitas da cidade. Eram todos muito íntimos, nunca imaginando que aquela agradável existência tivesse que acabar; porém, a guerra chegara, separando não apenas eles e suas famílias, mas também seus países, a Europa inteira, o seu mundo.

Perderam o contato entre si. Em 1918, Lawrence tinha mais de cinqiienta anos. Velho demais para ser soldado, passara os quatro terríveis anos dirigindo uma ambulância na França. Por fim, ferido em uma perna, ficara inválido, sendo mandado para casa. Não obstante, estava vivo. Outros não haviam tido tanta sorte. Philippe, segundo soubera, estava morto, mas ignorava o que fora feito da esposa e da filha dele. Terminado o conflito, retomou a Paris para procurá-las, mas não teve êxito. A cidade ficara triste. Sentia frio e fome. Parecia que cada pessoa usava o negro do luto, e as ruas da cidade, que nunca tinham deixado de

proporcionar-lhe alegria, davam a impressão de ter perdido a sedução. Lawrence voltou a Londres, para a velha casa da família, na Rua Oakley. A esta altura, seus pais estavam mortos, e a casa lhe pertencia, porém era demasiado grande e trabalhosa para um homem solteiro. Resolveu o problema, ocupando apenas o porão e o pavimento térreo, reservando os quartos do andar de cima para qualquer alma precisando de um lar e que lhe pudesse pagar algum aluguel. Seu estúdio ficava no grande jardim, nos fundos da casa. Ele o abriu, botou para fora parte das velharias lá acumuladas e, empurrando as lembranças da guerra para trás, empunhou os pincéis e, com eles, os fios do novelo de sua vida.

Achou difícil prosseguir. Um dia, enquanto lutava com uma composição diabolicamente difícil, um dos inquilinos veio chamá-lo, anunciando um visitante. Lawrence ficou furioso, não somente pela raiva de sua frustração, mas porque odiava ser perturbado no trabalho. Com expressão irritada, jogou os pincéis para o lado, enxugou as mãos em um trapo e foi ver quem poderia ser, entrando em sua cozinha pela porta do jardim. Lá estava uma jovem, parada ao lado da estufa, com as mãos estiradas para o calor, como se estivesse gelada até os ossos. Ele não a reconheceu.

— O que você quer?

Ela era incrivelmente magra, com cabelos escuros presos em um coque apressado. Usava um velho capote surrado, por baixo do qual pendia a bainha irregular da saia. Os sapatos eram praticamente imprestáveis, e a aparência geral era de uma coisinha enjeitada, um ser derrotado.

— Lawrence! — disse ela.

Algo em sua voz buliu nas memórias dele. Foi até ela, tomou-lhe o queixo na mão e ergueu o pequenino rosto na direção da janela e da luz.

— Sophie!

Era incrível, ele mal podia acreditar.

— Sim, sou eu — disse ela.

Tinha vindo à Inglaterra procurá-lo. Estava só no mundo. Lawrence havia sido o melhor amigo de seu pai. "Se alguma coisa acontecer comigo", Philippe lhe dissera, procure Lawrence Stern e fique com ele. Ele a ajudará.”E agora, Philippe estava morto, e sua mãe também morrera, levada pela epidemia da gripe que devastava a Europa, na esteira da guerra”.

— Fui a Paris procurar vocês — contou-lhe Lawrence. — Onde estavam?

— Em Lyon, morando com a irmã de minha mãe.

— Por que não ficou com ela?

— Porque eu queria encontrar você.

Ela ficou. Lawrence foi forçado a admitir que Sophie chegara em um período casual, quando ele estava entre uma e outra amante, pois era um homem

sensual e muito atraente. Desde seus primeiros dias de estudante em Paris, uma série de belas mulheres entrara e saíra de sua vida, como uma bem ordenada fila para o pão. Sophie, no entanto, era diferente. Uma criança. Além disso, dirigia a casa com a eficiência de uma jovem francesa bem-educada, cozinhando, fazendo compras, costurando, lavando cortinas e esfregando o chão. Ele jamais fora tão bem cuidado. Por sua vez, ela logo perdeu aquela aparência de elfo e, embora jamais engordasse uma só grama, as faces ficaram coradas, os cabelos adquiriram um brilho acastanhado e, em breve, Lawrence a estava usando como modelo. Ela lhe trouxera sorte. Ele estava pintando bem, e vendendo também. Deu-lhe algum dinheiro para comprar roupas, e ela voltou, envaidecida e orgulhosa em um vestidinho barato. Estava linda, e foi então que Lawrence parou de pensar nela como uma criança. Sophie era uma mulher; como mulher é que foi até ele certa noite e tranqüilamente subiu para a cama ao lado dele. Tinha um corpo sedutor e ele não a repeliu, porque, talvez pela primeira vez na vida, estava apaixonado. Ela se tornou sua amante. Dentro de semanas, ficava grávida. Delirante de felicidade, Lawrence a tomou como esposa.

Foi durante a gravidez de Sophie que viajaram até a Cornualha pela primeira vez. Terminaram em Porthkerris, que já havia sido descoberta pelos pintores de todo o país, e onde os contemporâneos de Lawrence se tinham radicado. A primeira providência foi alugarem o depósito para redes, que se tornaria o estúdio dele. Ali moraram durante dois longos meses de inverno, acampados em tremendo desconforto e absoluta felicidade. Então, Carn Cottage foi oferecido à venda. Tendo ganho um bom dinheiro por uma tela de encomenda, Lawrence fez uma oferta e comprou a propriedade. Penelope nasceu em Carn Cottage e lá eles passavam o verão, mas quando os fortes ventos do equinócio do outono começavam a soprar, fechavam Carn Cottage ou alugavam a casa para inquilinos de inverno, retomando então a Londres, ao porão da velha casa da Rua Oakley, cálida, amigável e atopetada de gente. Tais viagens eram sempre feitas de carro, porque agora Lawrence era o orgulhoso proprietário de um sólido Bentley cruzeiro, de 4 1/2 litros, dotado de capota de lona dobrável para trás e enormes faróis Lucas. O carro tinha estribos, um detalhe excelente para piqueniques, e fortes correias de couro que firmavam o capô. Alguns anos, na primavera, os dois recolhiam Ethel, a irmã de Lawrence, juntamente com inúmeras sacolas e caixas, e tomavam o ferry para a França. Uma vez lá, rodavam para os pés de mimosa, as rochas avermelhadas e os mares azuis do Mediterrâneo, hospedando-se com Charles e Chantal Rainier, velhos amigos dos tempos de antes da guerra em Paris, donos de uma vila de paredes desbotadas e muitas janelas de persianas, com um jardim povoado de cigarras e lagartixas. Em tais ocasiões, falavam somente o francês, incluindo-se tia Ethel, que sempre, se

tomava intensamente gálica tão logo pisavam em Calais, de boné basco em um ângulo maroto na cabeça e fumando inúmeros cigarros Gauloise. Aonde fossem os adultos, Penelope os acompanhava, filha de uma mãe com idade para ser sua irmã e de um pai velho o bastante para ser seu avô.

Ela os achava perfeitos. Às vezes, convidada à casa de outras crianças, sentadas durante afetadas e formais refeições, com taciturnas babás vigiando suas maneiras à mesa, ou sendo forçadas a jogos em grupos por algum pai ou mãe emproado, Penelope se perguntava como elas conseguiam suportar vidas tão restritas e disciplinadas. Então, mal podia esperar a hora de voltar para casa.

Agora, Sophie nada comentou sobre a nova guerra que se iniciara. Simplesmente, aproximou-se para beijar o marido, passou um braço em tomo da filha e mostrou a eles as flores que havia colhido. Dálias. Uma grande explosão delas, em laranja, púrpura, escarlate e amarelo.

— Acho que elas me recordam o balé russo — disse, para eles. Sophie nunca perdera seu encantador sotaque. — Entretanto, não têm perfume. — Ela sorriu. — Não importa. Pensei que vocês estivessem atrasados, mas fico contente por não estarem. Vamos entrar, abrir uma garrafa de vinho e depois comer alguma coisa.

Dois dias mais tarde, na terça-feira, a guerra começou resolutamente para eles. A sineta da porta de entrada soou e, indo atender, Penelope encontrou a Srta. Pawson na soleira. A Srta. Pawson era uma daquelas damas muito masculinas, que surgiam em Porthkerris de quando em quando. Lawrence costumava designá-las como as desajustadas dos anos trinta que, não desejando as alegrias normais de um marido, lar e filhos, ganhavam a vida de maneiras variadas, em geral associando-se a animais, quando então ensinavam equitação ou dirigiam canis e fotografavam cães alheios. A Srta. Pawson criava spaniels King Charles, sendo uma figura muito conhecida no local, vista exercitando seus animais na praia ou sendo arrastada por eles através da cidade, puxada por múltiplas coleiras.

A Srta. Pawson residia com a Srta. Preedy, uma decorosa dama que ensinava dança. Não danças folclóricas ou balé, mas alguma nova e estranha concepção de arte, baseada nos frisos gregos, respiração profunda e eurritmia. De vez em quando, ela dava um espetáculo na sede da municipalidade e, certa vez, Sophie comprou entradas, tendo eles três comparecido devidamente. O espetáculo foi uma revelação. A Srta. Preedy e cinco alunas (algumas muito jovens, outras com idade suficiente para saber melhor o que faziam) entraram no palco descalças, usando túnicas alaranjadas, que chegavam aos joelhos, e faixas na cabeça, colocadas bem baixo na testa. Dispuseram-se em semicírculo, e a Srta. Preedy deu alguns passos à frente. Falando em voz alta e clara, a fim de

alcançar os que estavam no fundo do salão, disse-lhes que talvez fosse necessária uma breve explicação, e passou a fornecê-la. Parecia que seu método não era a dança, no sentido aceito da palavra, mas uma série de exercícios e movimentos que, em si, eram uma extensão das funções naturais do corpo.

Lawrence murmurou "Santo Deus", e Penelope precisou cutucar-lhe as costelas com o cotovelo, para que ficasse quieto. A Srta. Preedy continuou tagarelando por um momento, depois recuou para seu lugar, e a brincadeira começou. Bateu uma palma, ordenou "Um", e todas as alunas, ela inclusive, caíram deitadas de costas, como se desmaiadas ou mortas. A hipnotizada platéia precisou espichar pescoços, a fim de conseguir vê-las. Depois, "Dois", e todas ergueram lentamente as pernas no ar, os artelhos apontando para o teto. As túnicas cor de laranja escorregaram para baixo, revelando seis pares de volumosos calções combinando, presos aos joelhos por elástico. Lawrence começou a tossir, levantou-se e desapareceu, quase às carreiras, corredor acima em direção às portas ao fundo. Não voltou mais, de maneira que Sophie e Penélope ficaram sentadas sozinhas durante as duas horas seguintes, sacudidas por riso convulsivo e contido. Suas cadeiras estremecendo, as mãos tamponando a boca.

Aos dezesseis anos, Penelope havia lido “Os poços da solidão”. Depois disso, considerou a Srta. Pawson e a Srta. Preedy com novos olhos, permanecendo ainda inocentemente desconcertada pelo relacionamento das duas.

E agora, ali estava a Srta. Pawson à porta, em seus sapatos fortes, calças compridas, blusão fechado com zíper, colarinho e gravata, além de um boné sobre os tosquiados cabelos grisalhos, colocado de banda, em um ângulo atrevido. Trazia uma pasta para documentos, e sua máscara contra gases pendia de um ombro. Evidentemente, estava trajada para combate. Se lhe dessem um rifle e um cinturão de balas, teria sido um achado para qualquer bando de guerrilheiros dignos do nome.

— Bom-dia, Srta. Pawson.

— Sua mãe está, meu bem? Vim falar sobre alojamento de evacuados.

Sophie apareceu, e elas levaram a Srta. Pawson para a sala de estar. Como aquela era obviamente uma ocasião oficial, as três sentaram-se à mesa no meio da sala, e a Srta. Pawson desenroscou a tampa de sua caneta-tinteiro.

— Muito bem. — Nada de circunlóquios; a coisa era tão premente como uma Conferência de Guerra. — Quantos cômodos vocês têm?

Sophie olhou para ela, meio surpresa. A Srta. Pawson e a Srta. Preedy haviam estado inúmeras vezes em Carn Cottage, sabiam perfeitamente quantos cômodos havia lá. Entretanto, ela parecia divertir-se tanto, que seria crueldade

estragar a brincadeira de modo que Sophie respondeu:

— Quatro. Esta sala, a sala de refeições, o estúdio de Lawrence e a cozinha.

A Srta. Pawson escreveu "quatro", no espaço apropriado de seu formulário.

— E no andar de cima?

— Nosso quarto, o de Penelope, o quarto de hóspedes e o banheiro.

— Quarto de hóspedes?

— Não quero ninguém ocupando o quarto de hóspedes, porque Ethel, a irmã de Lawrence, é bastante idosa e mora sozinha em Londres. Se os bombardeios começarem, talvez ela queira vir ficar conosco.

— Entendo. Agora, vasos sanitários.

— Oh, sim — assegurou Sophie. — Temos um vaso sanitário. No banheiro.

— Apenas um?

— Há outro fora da casa, no pátio atrás da cozinha, porém usamos o compartimento para depósito de lenha.

A Srta. Pawson escreveu, "Um vaso sanitário, uma privada".

— E agora, o que diz do sótão?

— Sótão?

— Quantas pessoas poderia colocar para dormir lá?

Sophie ficou horrorizada.

— Eu não colocaria ninguém no sótão. O lugar é escuro e cheio de aranhas. — Então acrescentou, dubitativamente: — Suponho que, anualmente, as empregadas costumassem dormir lá. Pobres coitadas!

Aquilo bastou para a Srta. Pawson.

— Neste caso, registrarei espaço para três pessoas no sótão. Não podemos ser muito seletivos atualmente, compreenda. Devemos lembrar que há uma guerra em andamento.

— Teremos que receber evacuados?

— Oh, sim, todos terão que recebê-los. É a nossa contribuição.

— E quem serão eles?

— Provavelmente, moradores do East End de Londres. Tentarei conseguir-lhe uma mãe e duas crianças. Bem... — Ela reuniu seus papéis e levantou-se. — Preciso ir andando. Ainda tenho umas doze visitas a fazer.

Saiu da casa, muito empertigada, de lábios comprimidos. Quando se despediu, Penelope quase esperou que fizesse continência — porém não a fez, apenas cruzou o jardim em largas passadas. Sophie fechou a porta e se virou para a filha, tomada de hilaridade e desânimo ao mesmo tempo. Três pessoas vivendo

no sótão! Subiram para inspecionar aquele sombrio aposento e o encontraram ainda pior do que recordavam. Escuro, sujo e empoeirado, cheio de teias de aranha, cheirando a ratos e sapatos suados. Torcendo o nariz, Sophie tentou abrir uma das janelas da água-furtada, porém estava emperrada. Um velho papel de parede, de padrão hediondo, soltava-se em tiras desde o teto. Esticando a mão, Penelope segurou a ponta solta em um canto e puxou. A tira caiu ao chão, espiralada, trazendo consigo uma nuvem de argamassa em pó.

— Se pintarmos tudo de branco, não ficará tão ruim — disse. Foi até a outra janela, esfregou um pedaço da vidraça para que ficasse limpa, e espirrou. — Além disto, a vista daqui é a mais maravilhosa....

— Evacuados não estão atrás de vistas.

— Como pode saber? Ora, vamos, Sophie, não fique tão desanimada! Se eles vierem, precisarão de um quarto. Será isto ou nada. Aquela foi sua primeira perspectiva do Trabalho de Guerra. Descascou o papel de parede, pintou de branco as paredes e o teto, lavou as janelas, pintou as partes de madeira e lavou o chão. Nesse meio tempo, Sophie foi a um leilão e lá adquiriu um tapete, três divãs-camas, um guarda-roupa de mogno, uma cômoda do mesmo material, quatro pares de cortinas, uma água-forte intitulada Off Valparaiso e a estatueta de uma menina com uma bola de praia. Pagou por tudo oito libras, quatorze xelins e nove pence. Os móveis foram entregues e levados para cima por um prestimoso homem de boné de pano e comprido avental branco. Sophie deu-lhe uma caneca de cerveja e meia coroa, com o que ele se foi embora satisfeito. Em seguida, ela e Penelope arrumaram as camas e penduraram as cortinas. Feito isto, agora só lhes restava esperar com a esperança de que os evacuados nunca chegassem.

Não obstante, eles chegaram. Uma jovem mãe e dois meninos pequenos. Doris Potter, Ronald e Clark. Doris era loura, penteando-se no estilo de Ginger Rogers, vestindo apertada saia preta. Seu marido chamava-se Bert, já fora convocado e estava na França, com a Força Expedicionária. Seus filhos, com sete e seis anos, tinham os nomes de Ronald e Clark por causa de Ronald Colman e Clark Gable. Eram pequenos para sua idade, magricelas e pálidos, de joelhos ossudos e rebeldes cabelos secos, espetados para o alto como as cerdas de uma escova. Tinham chegado de trem, vindos de Hackney. Jamais haviam viajado mais longe do que até Southend, e as crianças usavam etiquetas de bagagem presas aos blusões inadequados, para o caso de se perderem durante a viagem.

O tranqüilo padrão de vida em Carn Cottage foi destruído com a chegada dos Potters. Em dois dias, Ronald e Clark tinham quebrado uma vidraça, urinado na cama, acabado com todas as flores dos canteiros de Sophie, comido maçãs

verdes e passado mal, além de incendiarem o galpão de ferramentas, que queimou até o solo. Lawrence se mostrou filosófico sobre este último fato, apenas comentando ser uma pena que os dois garotos não estivessem dentro do galpão.

Ao mesmo tempo, eles se revelaram pateticamente medrosos. Não gostavam do campo, o mar era grande demais, assustavam-se com vacas, patos, galinhas e tatus-bolas. Também tinham pavor de dormir no quarto do sótão, mas somente porque um amedrontava o outro, revezando-se em histórias de fantasmas.

A hora das refeições transformou-se em pesadelo, não por ser enfadonha a conversa, mas porque Ronald e Clark jamais haviam tido noções das maneiras mais simples. Comiam de boca aberta, bebiam com a boca cheia, disputavam a manteigueira, derrubavam o jarro de água, brigavam um com o outro e espancavam-se, também recusando-se firmemente a comer os pratos de vegetais e pudins que Sophie preparava.

Para cúmulo, o barulho era constante. O ato mais simples era acompanhado de guinchos de alegria, raiva, indignação e insulto. Doris também fazia o mesmo. Jamais se dirigia aos filhos senão gritando.

— O que pensam que estão fazendo, seus malcriados? Repitam isso, e surro os dois Olhem para suas mãos e joelhos, estão imundos! Quando foi a última vez que se lavaram? Seus porcos sujos!

Fugindo àquele alarido, Penelope percebeu duas coisas. Uma, que Doris, apesar da maneira rude de falar com os filhos, era boa mãe e gostava daquelas crianças magricelas. Outra, que só gritava com elas, porque assim fizera a vida inteira, seus gritos subindo e descendo a extensão da rua de Hackney onde, com toda probabilidade, eles haviam nascido e sido criados. A mãe de Doris gritara com ela. Simplesmente, a idéia de existir outra maneira de fazer as coisas não penetrava em sua cabeça. Portanto, não era de surpreender que, quando gritasse por Ronald e Clark, eles nunca atendessem. Então, em vez de ir à procura deles. ela se limitava a erguer mais uma oitava na voz, tomando a gritar.

Por fim, não suportando mais aquela situação, Lawrence disse a Sophie que, se os Potters não se aquietassem um pouco, seria forçado a fazer uma mala, abandonar a casa e ir morar em seu estúdio. Falava sério e, entre a cruz e a espada, Sophie irrompeu furiosamente na cozinha, para falar com Doris.

— Porrque tem que grritarr com eles o tempo todo? — Quando perturbada, seu sotaque ficava mais pronunciado do que de hábito; e agora parecia tão enfurecida como uma peixeira marselhesa. — Suas crrianças estão logo ali, bem perrto de você! Não prrecisa grritar parra chamá-las! Mon Dieu, esta é uma casa pequenina, e você está enlouquecendo todos nós!

Doris ficou surpresa, mas teve a sensatez de não se mostrar ofendida. Era uma mulher fácil de levar e também astuta. Sabia que, com aquela gente, ela e seus filhos tinham encontrado uma boa casa. Ouvira algumas histórias terríveis sobre outras famílias evacuadas, e não desejava ir morar em casa de alguma mulher de nariz em pé, que a tratasse como empregada e esperasse que morasse na cozinha.

— Me desculpe — disse, à sua maneira descuidada. Sorriu. — Acho que é só o meu jeito de ser.

— E suas crrianças... — A raiva de Sophie abrandava, porém queria malhar enquanto o ferro estava quente. — Elas prrecisam aprrender a ter boas maneirras à mesa! Se você não ensinarr a elas, então eu ensino! E elas têm que obedecerr! Elas vão obedecer, se você falar baixo! Não são surrdas, mas, se você grrita, dá a imprressão de que não escutam!

Doris deu de ombros.

— Está bem — concordou, em boa paz. — Podemos experimentar. E agora, o que acha de batatas para o jantar? Quer que eu descasque para você?

Depois disso, as coisas melhoraram. O barulho diminuiu, e as crianças, orientadas por Sophie e Penelope revezando-se nisso, aprenderam a dizer por favor e obrigado, a comer de boca fechada e pedir que passassem o sal e a pimenta. Parte de tais ensinamentos também afetou Doris, que ficou bastante refinada, dobrando o mindinho e limpando o canto da boca com seu guardanapo. Penelope levou os meninos à praia e ensinou-lhes como fazer castelos de areia, os dois se tomando tão intrépidos, que chegaram a remar em um bote. Então, começaram as aulas e eles ficavam fora de casa a maior parte do dia. Doris achava que toda sopa provinha de uma lata, mas começou a aprender alguns rudimentos de culinária e ajudava nos trabalhos domésticos. As coisas acomodaram-se. Eles nunca seriam os mesmos e, pelo menos, agora já eram suportáveis.

Os aposentos do andar de cima, na casa da Rua Oakley, eram ocupados por Peter e Elizabeth Clifford. Outros inquilinos iam e vinham, mas eles permaneceram lá quinze anos, durante os quais se tomaram os mais íntimos amigos dos Stern. Peter estava agora com setenta anos. Doutor em Psicanálise, estudara com Freud em Viena e encerrara uma prestigiada carreira como professor, em um dos grandes hospitais-escola de Londres. Embora aposentado, não parou de trabalhar e todos os anos voltava a Viena, a fim de fazer conferências na Universidade.

Não tinham filhos e, em tais ocasiões, ele invariavelmente era acompanhado pela esposa. Elizabeth, alguns anos mais nova do que Peter, por sua vez era também uma mulher brilhante. Antes do casamento, viajara

extensamente, tendo estudado na Alemanha e na França, além de escrever uma série de ponderados e um tanto político romances, artigos e ensaios, jóias de precisa e erudita construção, que lhe tinham angariado respeitadíssima reputação internacional.

Foram os Clifford que, pela primeira vez, fizeram Lawrence e Sophie perceberem as coisas sinistras em andamento na Alemanha. Os quatro conversavam longamente até noite alta, bebericando café e conhaque, com as cortinas cerradas, as vozes perturbadas transmitindo sua ansiedade e apreensão. Entretanto, confidenciavam tais coisas apenas aos Lawrence. Com relação ao mundo exterior, permaneciam profundamente discretos, guardando seus pontos de vista para si mesmos. Agiam assim, porque muitos de seus amigos na Áustria e Alemanha eram judeus, e suas visitas oficiais a Viena ofereciam uma boa cobertura para suas próprias operações pessoais e encobertas.

Sob os olhos das autoridades e com grande risco pessoal para si próprios, eles estabeleciam contatos, obtinham passaportes, faziam preparativos para viagens e emprestavam dinheiro. Graças a seu empreendimento e coragem, um grande número de famílias judias estava saindo do país, escapando pelas bem guardadas fronteiras e alcançando a segurança na Inglaterra, ou viajando e estabelecendo-se nos Estados Unidos. Todos chegavam na miséria, tendo sido obrigados a abandonar propriedades, bens e fortuna mas, pelo menos, estavam livres. Este perigoso trabalho continuou até começos de 1938, quando o novo regime deixou claro que sua presença não era mais bem-vinda. Alguém tinha falado. Eles foram considerados suspeitos e colocados na lista negra.

Em janeiro, no Ano Novo de 194O, Lawrence, Sophie e Penelope tiveram uma conferência de família. Com Carn Cottage agora ocupado, em vista de Doris e as crianças estarem lá, ficou combinado que, pela duração da guerra, presumivelmente não voltariam à Rua Oakley. Sophie, no entanto, não admitia simplesmente abandonar sua casa em Londres. Ficara seis meses sem ir lá, precisava fiscalizar os inquilinos, preparar cortinas de black-out para o porão, fazer um inventário, encontrar alguém que quisesse cuidar do jardim. Ela pretendia recolher roupas de inverno, porque o tempo se tornara gelidamente frio em Carn Cottage, onde não havia aquecimento central. Além disso, também queria ver os Clifford.

Lawrence achou que era uma esplêndida idéia. Acima de tudo, estava preocupado com seu quadro “Os catadores de conchas”. Quando o bombardeio começasse, como sem dúvida aconteceria, ele temia pela pintura.

Sophie lhe disse que cuidaria do quadro, providenciando para que fosse embalado e transportado para a relativa segurança de Porthkerris. Telefonou para Elizabeth Clifford, anunciando que estavam indo. Três dias mais tarde, desceram

todos até a estação, e Penelope e Sophie tomaram o trem. Lawrence não foi. Decidira ficar, a fim de fiscalizar o andamento da pequena casa, entregue aos dedicados cuidados de Doris, que parecia bastante feliz em assumir tal responsabilidade. Era a primeira vez que ele e Sophie se separavam, desde o seu casamento, de maneira que ela estava em lágrimas quando o trem partiu, como se receando nunca mais ver o marido,

A viagem pareceu durar uma eternidade. O trem estava gélido, não havia vagão-restaurante e, em Plymouth, embarcou um destacamento de marinheiros, os quais encheram os vagões até torná-los intransitáveis, os corredores tomados por mochilas, marujos que fumavam e jogavam cartas. Penelope viu-se comprimida no canto de seu assento por um rapaz, rígido e pouco à vontade no uniforme novo em folha. Quando o trem voltou a rodar, ele imediatamente ferrou no sono, com a cabeça no ombro dela. Escureceu prematuramente e, depois disso, nem mesmo era possível ler-se, às luzes fracas e amortecidas do vagão. Para piorar a situação, ficaram retidos em Reading, só chegando a Paddington finalmente, três horas mais tarde.

De luzes apagadas, Londres era uma cidade misteriosa. Por um lance de sorte, as duas conseguiram encontrar um táxi, partilhado com outros dois estranhos que seguiam na mesma direção. O táxi arrastou-se pelas ruas escuras e quase desertas, a chuva desabou, e o frio era penetrante. O coração de Penelope ficou deprimido. Voltar para casa nunca fora assim.

Elizabeth, no entanto, tendo sido avisada, estava preparada para elas, aguardando a chegada do táxi. Após pagarem a corrida e tatearem a caminhada pelos degraus escuros como breu, que desciam para a porta frontal de seu porão, viram que ela se abriu repentinamente, sendo ambas puxadas para dentro, antes que qualquer raio de luz ilegal penetrasse o black-out.

— Oh, pobrezinhas! Pensei que nunca mais iam chegar! Como se atrasaram!

Foi uma excelente acolhida, com abraços e beijos, explicações e descrições da terrível viagem. Por fim, chegou a vez dos risos, porque era um alívio indescritível terem deixado para trás o frio, a escuridão e o trem, terem chegado em casa.

O grande aposento familiar estendia-se por todo o comprimento da casa. Na extremidade da rua, ficavam a cozinha-sala de refeições, com o jardim em seguida à sala de estar. Agora, estava tudo brilhante de luz, porque Elizabeth pregara cobertores nas janelas, em vez de pendurar cortinas negras, tendo também acendido a estufa. Uma panela com canja de galinha aquecia-se brandamente ao fogo, e a chaleira chiava. Sophie e Penelope tiraram os casacos e aqueceram as mãos, enquanto Elizabeth arrumava um bule de chá e uma pilha

de torradas quentes com canela. Não demorou muito, estavam sentadas à mesa, como sempre tinham feito, comendo a refeição ligeira e improvisada (Penelope morria de fome) e todas falando ao mesmo tempo, trocando notícias de vários meses acumulados. A depressão terminou, e a tediosa viagem de trem ficou no passado, esquecida.

— E como vai o meu caro Lawrence?

— Maravilhosamente bem, mas preocupado com seu "Os catadores de conchas", se a casa for bombardeada, e a tela, destruída. Este é um dos motivos que nos trouxeram aqui. O quadro será embalado e levado para a Cornualha conosco. — Sophie riu. — Ele não parece nem um pouco preocupado com seus outros bens.

— E quem ficou cuidando dele?

Sophie explicou sobre Doris.

— Evacuados! Oh, coitadinhas! Que invasão na vida de vocês!

— Elizabeth tagarelou, contando a elas tudo quanto ocorrera nas últimas semanas. — Tenho uma confissão a fazer. O rapaz do sótão foi convocado e se mudou. Então, permiti que outro jovem casal ocupasse o seu lugar. São refugiados de Munique. Há um ano que estão no país, mas tiveram que deixar seus alojamentos em St. John's Wood e não encontraram outro lugar para morar. Estavam desesperados e então sugeri que viessem para cá. Perdoe a minha intromissão, mas é que eles viviam uma situação terrível, e sei que serão bons inquilinos.

— Oh, mas não há dúvida! Fico muito satisfeita. Foi muito sensato de sua parte. — Sophie sorriu com afeto. Elizabeth nunca fraquejava, em seu corajoso trabalho. — Como se chamam eles?

— Friedmarm. Willi e Lalla. Quero que você os conheça. Descerão para o café esta noite; então, por que não traz Penélope, depois da ceia, a fim de juntar-se a nós? Vai ser bom conversarmos. Será como nos velhos tempos.

Ao falar, ela irradiava entusiasmo, sua característica mais notável e contagiante. Elizabeth nunca mudava. No rosto simpático e enrugado, os olhos brilhavam, tão inteligentes como sempre; os cabelos grisalhos, espessos e vigorosos eram apanhados em um coque frouxo sobre a nuca, preso por alguns grampos negros. As roupas eram antigas mas, mesmo assim, não fora de moda. Inúmeros anéis enfeitavam os dedos de nós protuberantes.

— É claro que iremos — prometeu Sophie.

— Por volta de nove horas? Será um prazer como poucos!

As duas foram. Os Friedmarm haviam chegado antes e sentavam-se em torno da estufa a gás dos Clifford, na sala de mobília antiquada. Eram muito jovens e bem-educados, levantando-se a fim de serem apresentados. No entanto,

pensou Penélope, também eram velhos. Irradiavam uma espécie de dignidade dos destituídos da sorte, algo que era imemorial. Quando sorriram e cumprimentaram, seus sorrisos não chegavam aos olhos.

A princípio, tudo correu bem. Começaram a conversar. Sophie ficou sabendo que, em Munique, Willi Friedmarm estudara leis, mas que agora ganhava a vida fazendo traduções para um editor londrino. Lalla ensinava música, dando aulas de piano. À sua maneira, estranha e pálida, ela era uma bela jovem e sentava-se compostamente, porém as mãos de Willi eram nervosas; ele fumava um cigarro após outro, parecendo ter dificuldade em ficar quieto.

Fazia um ano que morava na Inglaterra mas, ao observá-lo furtivamente, Penelope achou que dava a impressão de haver chegado recentemente. Sentiu imensa pena dele, tentando imaginar sua vida, enfrentando a incerta perspectiva -como devia ter acontecido — de construir um futuro para si mesmo em um país estranho, desligado dos amigos e colegas, precisando ganhar a vida de maneira forçada, sem realização pessoal. Além do mais, era provável que vivesse constantemente atormentado pela ansiedade, quase insuportável, de ter uma família ainda vivendo na Alemanha. Ela imaginou o pai, a mãe, irmãos e irmãs, cujo destino, ainda agora, podia ser selado por uma convocação no meio da noite. Um toque de campainha, uma batida à porta, interrompendo o silêncio da noite, e a confirmação do mais terrível pavor.

Pouco depois, Elizabeth foi à sua pequena cozinha, de lá voltando com uma bandeja onde pusera xícaras, café quente e um prato de biscoitos. Peter apanhou uma garrafa de conhaque Cordon Bleu e pequeninos cálices coloridos, mas foram dispensados. Sophie se virou para Willi com seu sorriso encantador, dizendo:

— Fico muito satisfeita por terem vindo morar aqui. Espero que sejam felizes. Só lamento que não possamos estar aqui também; teremos que retomar à Cornualha e cuidar de todos por lá. Não alugaremos o porão. Se quisermos vir a Londres e ver todos vocês, é melhor termos nossos próprios aposentos onde ficar. Entretanto, se os bombardeios começarem, todos vocês poderão usá-lo à vontade, como abrigo antiaéreo.

Foi uma sugestão sensata e oportuna. Até então, houvera apenas avisos ao acaso de raides aéreos, seguidos quase que imediatamente por outros de sem perigo. Entretanto, todos estavam preparados. Londres estava entrincheirada em sacos de areia até o pescoço, os parques perfurados por trincheiras e abrigos antiaéreos, haviam erigido caixas d'água e empilhado alimentos de emergência nos abrigos. Barragens de balões flutuavam no céu e, por toda a cidade, aninhavam -se postos de metralhadoras antiaéreas, camuflados por redes e guarnecidos por tropas que esperavam, minuto a minuto, hora a hora, semana a

semana, que os ataques começassem. Uma sugestão sensata e oportuna, mas de chocante efeito em Willi Friedmarm.

— Está bem — disse ele.

Deixou seu conhaque cair abruptamente e não objetou quando, sem dizer nada, Peter tornou a encher seu cálice. Willi começou a falar. Era muito grato a Sophie. Era muito grato a Elizabeth, por toda a sua gentileza. Sem Elizabeth, estaria sem lar. Sem pessoas como Elizabeth e Peter, ele e Lalla provavelmente estariam mortos. Ou pior ainda...

— Ora, vamos, Willi... — disse Peter.

Entretanto, ele havia começado e agora parecia não saber como parar. Terminou o segundo conhaque e estava fora de si o bastante para apanhar a garrafa e servir-se de uma terceira dose. Lalla permaneceu quieta, fitando o marido com arregalados olhos escuros cheios de horror, porém nada fez para interrompê-lo.

Willi falou. O fluxo de palavras transformou-se em torrente, despejada sobre a cabeça das cinco pessoas hipnotizadas e imóveis que o ouviam. Penelope olhou para Peter, mas este, vigilante e grave, concentrava-se apenas no pobre rapaz enlouquecido. Talvez Peter soubesse que ele precisava falar. Talvez soubesse que, em algum momento, aquilo tinha que ser extravasado, e por que não agora, quando ele e a esposa estavam sãos e salvos na sala fortemente encortinada e junto de amigos?

Ele falou e falou, contando ainda mais — coisas que tinha visto, coisas que tinha ouvido, coisas que haviam acontecido a seus amigos. Após algum tempo, Penelope não quis ouvir mais, gostaria de cobrir os ouvidos com as mãos, fechar os olhos e expulsar aquelas negras imagens. Entretanto, continuou ouvindo mesmo assim, sendo aos poucos consumida por tal horror e repugnância que nada tinham a ver com noticiários cinematográficos, boletins através do rádio ou leitura de jornais. De repente, aquilo ficou pessoal, e o terror bafejou-lhe a nuca. A desumanidade desenfreada de homem contra homem era uma obscenidade, sendo essa obscenidade uma responsabilidade privada de cada pessoa. Quer dizer que então era este o significado da palavra GUERRA. Não se tratava de apenas carregar a própria máscara contra gases, de fazer o black-out, de dar risadinhas por causa da Srta. Pawson ou de pintar o sótão para os evacuados. Tratava-se de um pesadelo infinitamente mais terrível, do qual o despertar não seria gratificante. Ele teria que ser enfrentado, mas isto só seria conseguido sem fugir, sem enfiar a cabeça debaixo das cobertas, mas empunhando uma espada e atacando. Penelope não tinha espada mas, bem cedo na manhã seguinte, saiu de casa, dizendo a Sophie que ia fazer compras. Quando voltou, pouco antes do almoço e visivelmente de mãos vazias, sua mãe ficou surpresa.

— Ora, eu pensei que tinha ido fazer compras!

Penelope puxou uma cadeira e, sentada nela, olhou para Sophie, através da mesa da cozinha. Então, contou que caminhara até encontrar um posto de recrutamento, que entrara nele e se inscrevera, pela duração da guerra, no Women's Royal Naval Service — o Real Serviço Naval Feminino.

7. Antonia

O alvorecer chegou de mansinho, com relutância. Ela voltara finalmente a dormir, tendo despertado para uma escuridão cada vez mais opaca, e soube que a manhã estava a caminho. O silêncio era total. O ar frio infiltrava-se pela janela aberta e, emoldurado pelos batentes, o carvalho erguia galhos nus para o céu acinzentado e sem estrelas.

Como pouco antes, a Cornualha ainda lhe enchia a mente, era um sonho vívido mas, mesmo enquanto ela jazia ali, o sonho bateu asas e afastou-se, recolhendo-se ao passado onde, talvez, fosse o seu lugar. Ronald e Clark não eram mais dois garotinhos, mas homens adultos, lançados ao mundo. Sua mãe não era Doris Potter, mas Doris Penberth, agora com quase setenta anos, ainda vivendo na casinha branca, bem ao fundo das antigas ruas lajeadas de Porthkerris. Lawrence e Sophie há muito tinham falecido, assim como os Clifford. Carn Cottage se fora, e finalmente também a casa da Rua Oakley, o que a deixava ali, em Gloucestershire, em sua própria cama, sua própria casa, Podmore's Thatch. Esta era uma das ocasiões em que o fato a pegava desprevenida, como se os anos se houvessem encapsulado e feito com ela uma brincadeira cruel — não estava com dezenove, mas sessenta e quatro anos. Nem mesmo madura, mas idosa. Uma mulher idosa, com um probleminha cardíaco idiota que a pusera no hospital. Uma mulher idosa, com três filhos adultos e um novo elenco de personagens, com seus problemas inerentes, que agora habitavam sua vida. Nancy, Olivia e Noel. E, naturalmente, Antonia Hamilton, que chegaria para ficar... quando chegaria? No fim da semana seguinte? Não, no fim da semana presente. Porque já era segunda-feira, a manhã de segunda-feira. A Sra. Plackett vinha nas manhãs de segunda-feira, pedalando sua bicicleta desde Pudley, firme como uma rocha, ereta no selim de seu veículo. E o jardineiro. O novo jardineiro começaria a trabalhar hoje, chegaria às oito e meia.

Isto — e nada mais conseguiria — é que instigou Penelope à ação. Ligou o abajur da cabeceira e consultou o relógio. Sete e meia. Era importante estar levantada, vestida e pronta, antes de o jardineiro chegar, pois do contrário ele pensaria que viera trabalhar para uma velha preguiçosa. Um amo preguiçoso faz um servo preguiçoso. Quem era adepto de tão arcaico provérbio? Sua sogra, naturalmente. Dolly Keeling. Quem mais? Podia ouvi-la dizendo o provérbio, enquanto corria os dedos pela borda do aparador da lareira, em busca de poeira, ou arrancando os lençóis de sua cama, para certificar-se de que a diarista, há

tanto tempo espicaçada, os arrumara corretamente. Pobre Dolly! Ela também se fora, mantendo as aparências até o último instante, porém não deixando qualquer senso de perda atrás de si. O que era muito triste.

Sete e meia da manhã. Não havia tempo para perder em recordações de Dolly Keeling, de quem ela jamais gostara. Penélope saiu da cama.

Uma hora mais tarde, já de banho tomado e vestida, destrancou todas as portas e tomou seu desjejum. Bebeu café forte, comeu um ovo cozido, torradas e mel. Bebericando a segunda xícara de café, tentava ouvir o som de um carro que se aproximasse. Nunca antes tivera negócios com aquela firma, mas sabia que enviava seus empregados para trabalhar em pequenos e elegantes furgões verdes, com a palavra AUTOGARDEN escrita nas laterais, em letras maiúsculas brancas. Já os vira rodando por aí; pareciam muito espertos e eficientes. Sentiu-se um tanto apreensiva. Jamais empregara um jardineiro antes, e esperava que este não fosse carrancudo nem teimoso. Logo de início, diria a ele firmemente que não podasse e nem cortasse coisa alguma sem sua permissão. Poria o homem para fazer algo bem simples e sensato. A sebe de pilriteiros, no fundo do pomar. Aquela sebe podia ser aparada. Penelope supôs que ele fosse capaz de usar sua pequena serra de cadeia. Haveria gasolina suficiente para o motor, na garagem? Devia ir dar uma espiada, enquanto ainda havia tempo de ir buscar mais?

Não havia tempo, porque então suas ansiosas especulações foram bruscamente interrompidas pelo som inesperado de pisadas no cascalho, aproximando-se da casa. Penelope largou a xícara de café e levantou-se, espiando através do aposento, pela janela. Viu-o chegando, sob a quieta e fria claridade matinal, caminhando para ela. Um rapaz alto, de blusão cáqui impermeável e jeans enfiados em botas negras de borracha. Estava com a cabeça descoberta, tinha cabelos castanhos. Enquanto o espiava, ele parou um instante, olhando em volta, talvez incerto sobre o lugar em que se encontrava. Ela observou a postura dos ombros, o queixo erguido, o ângulo do queixo. No dia anterior, vendo seu filho aproximar-se através do gramado, sentira o coração falhar uma batida. Agora, acontecia a mesma coisa assustadora. Pousou uma das mãos na mesa e fechou os olhos. Respirou fundo. O coração galopante serenou. Tornou a abrir os olhos. A sineta da porta soou.

Cruzou a varanda, a fim de abrir a porta. Ele estava ali. Alto. Mais alto do que ela.

— Bom-dia — cumprimentou o rapaz.

— Bom-dia.

— Sra. Keeling?

— Sim, sou eu.

— Sou da "Autogarden".

Ele não sorriu. Os olhos eram firmes, azuis como pedacinhos de vidro, o rosto, fino e bronzeado, curtido pelo frio matinal, a pele retesada sobre os malares. Tinha um cachecol de lã vermelha amarrado ao pescoço, porém as mãos estavam nuas.

Penelope olhou além dele, por sobre o ombro do rapaz.

— Esperei ouvir um ruído de carro.

— Vim em minha bicicleta. Deixei junto ao portão. Não tinha certeza de que a casa fosse esta.

— Pensei que a Autogarden sempre enviava seus homens para trabalhar, em um daqueles furgões verdes.

— Não. Vim de bicicleta. — Penelope franziu a testa. Ele enfiou a mão no bolso. — Tenho uma carta de meu patrão.

Ele pegou a carta e a desdobrou. Ela viu o timbre, a autenticação da identidade dele. Ficou imediatamente embaraçada.

— Nem por um momento, pensei que você não fosse legítimo. Apenas imaginei...

— Aqui é Podmore's Thatch? — perguntou ele, tornando a guardar a carta no bolso.

— Sim, claro que é. Você... é melhor você entrar.

— Não, senhora. Não quero incomodá-la. Basta me mostrar o que deseja que eu faça... indicar onde guarda os apetrechos de jardinagem... Vindo de bicicleta, não pude trazer nada comigo.

— Oh, nem era preciso. Eu tenho tudo que é necessário. Penelope sabia que as palavras lhe saíam afogueadas, mas era porque também estava afogueada. — Se... quiser esperar um momento... Vou pegar um casaco...

— Tudo bem.

Ela entrou, pegou o casaco, as botas e a chave da garagem, pendurada em seu devido lugar. Novamente no exterior, viu que o rapaz recolhera a bicicleta de junto do portão e a recostava contra a parede da casa.

— Não vai atrapalhar, se a deixar aqui, vai?

— Não, de maneira alguma.

Conduziu-o pelo caminho de cascalho, destrancou as portas da garagem e ele a ajudou a abri-las. Penelope acendeu a luz, e ali estava a confusão costumeira: seu antigo Volvo, as bicicletas dos três filhos, das quais não tivera coragem de desfazer-se, um berço para criança em visível estado de decadência, o cortador de grama a motor, uma seleção de ancinhos, enxadas, pás e forcados.

Ela abriu caminho por entre aquilo tudo, até uma cômoda decrépita, relíquia da Rua Oakley, na qual guardava martelos, chaves de parafuso,

enferrujadas latas cheias de pregos e restos de cordéis para uso no jardim. Acima disto, estava a serra de cadeia.

— Sabe usar uma destas?

— Sem dúvida.

— Bem, é melhor verificar se existe alguma gasolina.

Misericordiosamente, havia gasolina. Não muita, mas suficiente.

— O que eu gostaria realmente que você fizesse era aparar a minha sebe de pilriteiros.

— Muito bem. — Ele colocou a serra de cadeia no ombro e pegou a lata de gasolina com a outra mão. — Basta me indicar a direção certa.

Ela preferiu levá-lo até lá, para ter certeza de que não haveria engano. Contornou a casa, cruzou o gramado endurecido pelo frio, passou pela abertura na cerca-viva e atravessou o pomar. A espessura dos pilriteiros, um emaranhado de arbustos espinhosos, surgiu diante deles. Mais além, quieta e gelidamente, fluía o pequeno rio Windrush.

— A senhora tem uma bela propriedade — observou ele.

— Sim. É encantadora. Agora, ouça: quero que você apare a sebe até esta altura. Não mais baixo.

— Quer que guarde alguns galhos para o fogo?

Penelope não havia pensado nisto.

— Acha que vale a pena guardá-los?

— Eles queimam muito bem.

— Está certo. Guarde os que achar que poderão ser úteis. E faça uma fogueira dos restantes.

— Perfeitamente. — Ele baixou a serra e a lata de gasolina.

— Farei como deseja.

O tom era de despedida, mas ela se recusou a ir embora.

— Vai ficar aqui pelo resto do dia?

— Até quatro e meia, se estiver de acordo. Na época do verão, começo às oito e termino às quatro.

— E quanto à folga para o almoço?

— Tiro uma hora. De meio-dia até uma.

—Bem... — Ela falava para as costas da cabeça dele. — Se quiser alguma coisa, estarei em casa.

Ele estava de cócoras, desaparafusando a tampa da serra de cadeia, com a mão de dedos longos e capazes. Não respondeu à observação dela, limitando-se a assentir com a cabeça. Penelope começou a sentir-se intrusa, no caminho. Virando-se, pôs-se a caminhar para o jardim, um pouco irritada, mas também divertida consigo mesma, por ser tão desafiante. Na cozinha, sua xícara com café

pela metade esperava em cima da mesa. Bebeu um gole mas, como ficara frio, despejou o resto na pia.

Quando a Sra. Plackett chegou, a serra de cadeia já estivera zumbindo por meia hora e, do fundo do pomar, a fumaça da fogueira espiralava-se no ar parado da manhã, enchendo o jardim com o cheiro delicioso de madeira queimando.

— Quer dizer que ele veio — disse a Sra. Plackett, surgindo à porta.

Dava a impressão de um barco com todas as velas enfunadas. Estando o tempo frio, usava seu chapéu de duende e carregava sua bolsa de plástico contendo os sapatos para trabalho e o avental. Sabia tudo sobre a decisão de Penelope em contratar um jardineiro, como sabia quase tudo que acontecia na vida de sua empregadora. As duas eram boas amigas, não tinham segredos entre si. Quando Linda, a filha da Sra. Plackett, fora "apanhada" pelo rapaz que trabalhava na garagem de Pudley, a primeira pessoa a quem ela contara o fato tinha sido a Sra. Keeling. Então, a Sra. Keeling se mostrara uma torre de força, ferozmente contrária à idéia de que Linda devia casar-se com o irresponsável indivíduo, e tricotara para o bebê um encantador casaquinho branco. Afinal, ela tivera razão, porque logo após o nascimento do bebê, Linda conhecera Charlie Wheelwright, um rapaz tão simpático como a Sra. Plackett jamais conhecera, que se casou com sua filha, aceitando também o pequeno bastardo. Agora, havia outro bebê a caminho. As coisas tinham um jeito de funcionar sempre para melhor. Não se podia negar isto. Ainda assim, a Sra. Plackett ficara agradecida à Sra. Keeling, por seus conselhos práticos e gentis, em uma fase de verdadeira tensão.

— Está falando do jardineiro? Sim, ele veio.

— Vi a fumaça da fogueira enquanto pedalava a bicicleta, cruzando a aldeia. — Ela tirou seu chapéu de pele e desabotoou o casaco. — E onde está o furgão?

— Ele veio de bicicleta.

— Como se chama?

— Não perguntei.

— Como ele é?

— Jovem, sabe falar bem, muito atraente.

— Espero que não lhe tenham mandado um daqueles irresponsáveis, que não param no mesmo lugar.

— Ele não me pareceu irresponsável.

— Ainda bem. — A Sra. Plackett colocou o avental. — Enfim, ainda estamos por ver. — Esfregou as mãos gordas e vermelhas, uma contra a outra. — Que manhã, iria, sim, senhora! Não só fria, como úmida!

— Tome uma xícara de chá — sugeriu Penelope, como sempre fazia.

— Bem, eu aceitaria — respondeu a Sra. Plackett, como sempre fazia.

A manhã estava em andamento.

Tendo passado o aspirador pela casa, a Sra. Plackett poliu as hastes de latão da escada, esfregou o chão da cozinha, passou a ferro uma pilha de roupa e usou pelo menos metade de uma lata de polidor de móveis, indo embora quando faltavam quinze para meio-dia, a fim de estar em casa novamente, em Pudley, com tempo de dar almoço ao marido. Deixou para trás uma casa reluzindo de limpa e cheirando agradavelmente. Penelope olhou para o relógio e começou a preparar almoço para dois. Uma sopa de legumes, feita em casa, foi posta no fogo para esquentar. Da despensa, ela tirou meio frango frio e um pão torrado e crocante. Havia algumas maçãs cozidas em um prato, um jarro de creme. Arrumou a mesa da cozinha com uma toalha quadriculada de algodão. Se fizesse sol, arrumaria a mesa na estufa, porém as nuvens eram baixas e sombrias, aquele dia parecia dar em nada. Colocou um copo e uma lata de cerveja ao lado do lugar dele. Depois, talvez ele gostasse de uma xícara de chá. A sopa olorosa começou a fumegar. Ele viria logo. Penelope esperou.

Ao meio-dia e dez, como ele ainda não tivesse aparecido, ela foi procurá-lo. Encontrou uma sebe perfeitamente aparada, uma fogueira já agonizando e uma pilha de pequenos troncos, porém nenhum sinal do jardineiro. Quis chamá-lo mas, ignorando-lhe o nome, não foi possível. Voltou para a casa, começando a pensar se, após uma única manhã de trabalho, ele não resolvera desistir e fora para casa, pretendendo nunca mais voltar. Entretanto, avistou a bicicleta dele nos fundos da casa, o que lhe deu a certeza de que o rapaz andaria por ali. Pelo caminho de cascalho, foi até a garagem, e lá estava ele, logo depois da porta, sentado sobre um balde virado ao contrário, comendo um sanduíche de aparência insossa, feito de pão branco e, aparentemente, absorvido pelo que só podia ser a seção de palavras cruzadas do The Times.

Descobri-lo em tal ambiente tão atravancado, frio e desconfortável, a encheu de indignação.

— O que, por Deus, você está fazendo?

Ele ficou em pé bruscamente, sobressaltado de alto a baixo pela inesperada aparição e pelo tom da voz dela. Deixou o jornal cair e derrubou o balde, com horroroso ruído metálico. Tinha a boca ainda cheia do sanduíche por mastigar, mas engoliu tudo, antes de poder dizer alguma coisa. Ficara vermelho e, evidentemente, muito embaraçado.

— Eu... eu estou comendo meu almoço.

— Comendo seu almoço?

— São doze para uma. A senhora concordou.

— Sim, mas não aqui? Não sentado em um balde na garagem! Você deve

entrar e almoçar comigo. Pensei que tivesse compreendido isto.

— Almoçar com a senhora?

— Com quem mais seria? Seus outros empregadores não lhe dão a refeição do meio-dia?

— Não.

— Nunca ouvi falar em algo tão terrível. Afinal, como pode passar o dia trabalhando, alimentado com um sanduíche?

— Eu me arranjo.

— Pois não se arranjará comigo. Jogue fora esse pedaço horrível de pão e entre.

Ele pareceu perplexo, mas fez o que lhe era dito. Não jogou fora o sanduíche, como precaução, mas o embrulhou em um pedaço de papel e o guardou no saco de sua bicicleta. Pegou o jornal e também o guardou, depois colocando o balde em seu lugar costumeiro. Feito isto, acompanhou-a ao interior da casa. Tirou o blusão, revelando um suéter azul-marinho muitas vezes remendada. Depois lavou as mãos, enxugou-as e ocupou seu lugar à mesa. Penelope colocou diante dele uma grande tigela de sopa fumegante, disse-lhe que cortasse pão e passasse manteiga. Então, encheu para si mesma uma tigela menor de sopa e sentou-se ao lado dele.

— Realmente, é muita gentileza da senhora — disse ele.

— Não há gentileza nisto. Apenas é assim que costumo fazer coisas. Não. Não é bem isso, porque nunca tive um jardineiro antes. No entanto, quando meus pais tinham alguém trabalhando para eles fora da casa, sempre o chamavam para que fizesse conosco a refeição do meio-dia. Talvez eu nunca tenha percebido que as coisas fossem diferentes. Sinto muito. O ligeiro desentendimento foi inteiramente culpa minha. Eu devia ter sido mais clara.

— Eu não tinha entendido.

— É claro que não entendeu. Agora, fale-me sobre você. Como se chama?

— Danus Muirfield.

— Que nome perfeito!

— Pensei que fosse bastante comum.

— É perfeito para um jardineiro, quero dizer. Há pessoas, cujos nomes são exatos para suas profissões. Isto é, o que seria Charles de Gaulle, senão o salvador da França? E o pobre Alger Hiss! Nascido com semelhante nome ele, simplesmente, tinha que ser um espião.

— Quando eu era menino — comentou ele — tínhamos um reitor em nossa igreja, que se chamava Sr. Patemoster.

— Está vendo só? Isto prova o que eu digo. E onde você foi menino? Onde foi criado?

— Edimburgo.

— Edimburgo! Então, você é escocês.

— Sim, suponho que seja.

— O que faz seu pai?

— E advogado. Como chamam na Escócia, um Escrivão da Chancela.

— Que título encantador! Tão romântico! Não pretende ser também advogado?

— Por algum tempo achei que poderia, mas então... — Ele deu de ombros. — Mudei de idéia. Em vez disso, fui para a Faculdade de Horticultura.

— Que idade tem?

— Vinte e quatro.

— Ela ficou surpresa. Ele parecia mais velho.

— Gosta de trabalhar para a "Autogarden"?

— Está tudo bem. É uma diversificação.

— Há quanto tempo trabalha para eles?

— Uns seis meses.

— E casado?

— Não, senhora.

— Onde mora?

— Em uma casinha na fazenda dos Sawcombe. Bem nos arredores de Pudley.

— Oh, eu conheço os Sawcombe. É uma boa moradia?

— Dá para o gasto.

— E quem cuida de você?

— Eu mesmo.

Ela pensou naquele horrível sanduíche de pão branco. Imaginou à casinha desolada, com a cama por fazer, a roupa lavada pendurada à volta da estufa para secar. Perguntou-se se ele já teria feito para si mesmo uma refeição decente.

— Você estudou em Edimburgo? — perguntou Penelope.

De repente, sentia-se intriga da por aquele rapaz, querendo saber mais sobre o que acontecera a ele, as circunstâncias e motivações que o haviam impelido a uma vida tão humilde.

— Sim, foi lá.

— E então, entrou diretamente na Faculdade de Horticultura?

— Não, senhora. Fui para a América e fiquei lá uns dois anos. Trabalhei em um rancho, no Arkansas.

— Nunca estive na América.

— É um grande país.

— Nunca pensou em ficar lá... para sempre, quero dizer?

— Pensei, mas não fiquei.

— Passou todo esse tempo no Arkansas?

— Não. Viajei um pouco. Vi bastante do país. Fiquei seis meses nas Ilhas Virgens.

— Que experiência!

Ele terminara a sopa. Penelope perguntou olhe se queria mais e, como ele dissesse que sim, ela tornou a encher-lhe a tigela. Ao recolher a colher, ele disse:

— A senhora falou que nunca teve um jardineiro antes. Cuidou da propriedade sozinha?

— Exatamente — respondeu ela, com certo orgulho. — Estava em estado lamentável, quando cheguei aqui.

— Sem dúvida, deve entender bem do assunto.

— Entendo alguma coisa.

— Sempre morou aqui?

— Não.. Vivi em Londres a maior parte da minha vida, mas lá também tinha um grande jardim. Antes disso, quando nova, morei na Cornualha, onde havia outro jardim. Sou uma mulher de sorte. Sempre tenho jardins... Não consigo imaginar-me sem um.

— A senhora tem família?

— Tenho. Três filhos. Todos adultos. Uma é casada. Também tenho dois netos.

— Minha irmã tem dois filhos — disse ele. — É casada com um fazendeiro, em Perthshire.

— Você vai à Escócia?

— Sim. Duas vezes ao ano.

— Deve ser muito bonito por lá.

— Sim — afirmou ele. — É muito bonito.

Depois da sopa, ele comeu a maior parte do frango e todas as maçãs cozidas. Não bebeu a cerveja, mas aceitou, agradecido, a oferta de uma xícara de chá. Após bebê-lo, olhou para o relógio e levantou-se. Faltavam cinco minutos para uma.

— Já terminei a sebe — comunicou. — Trarei os troncos para cá, e a senhora indicará onde devo colocá-los. Então, dirá o que devo fazer em seguida. E também quantos dias na semana quer que eu venha.

— Eu sugeri três dias à Autogarden, mas se você trabalha a esta velocidade, creio que dois serão suficientes.

— Tudo bem. A senhora é quem sabe.

— Como farei seu pagamento?

— A senhora pagará à Autogarden e eles me pagarão.

— Espero que lhe paguem um bom salário.

— É o suficiente.

Ele estendeu a mão para o blusão e tornou a vesti-lo.

— Por que eles não lhe entregam um furgão para trabalhar? — perguntou ela.

— Eu não dirijo.

— Oh, mas todos os jovens dirigem, hoje em dia. Você poderia aprender, sem dificuldade.

— Eu não disse que não sei dirigir. Falei apenas que não dirijo.

Após mostrar a ele onde colocar os troncos e indicar-lhe a nova tarefa, agora cavando uma vala dupla no terreno da horta. Penelope voltou à cozinha, a fim de lavar os pratos usados no almoço. "Eu não disse que não sei dirigir. Falei apenas que não dirijo".Ele não aceitara a lata de cerveja. Ela se perguntou se Danus Muirfield havia sido apanhado dirigindo embriagado e tivera a licença de motorista cassada. Talvez tivesse matado alguém, tendo assumido o compromisso de não tornar a beber, jurado que o álcool nunca mais passaria por seus lábios. A própria idéia de semelhante horror causou-lhe arrepios. Não obstante, uma tragédia de tão maciças proporções estava dentro das possibilidades. Isto explicaria muito a respeito dele... a tensão em seu rosto, a boca que não sorria, os olhos fixos que não pestanejavam. Ali havia algo encoberto pela precaução. Algum mistério. Ainda assim, gostara dele. Oh, sim, gostara muito dele.

Às nove horas da noite seguinte, que era uma terça-feira, Noel Keeling entrou com seu Jaguar na Ranfurly Road e dirigiu pela rua escura e chuvosa, até parar diante da casa de sua irmã Olivia. Não era esperado, mas também já se preparava para encontrá-la ausente, o que geralmente acontecia. Olivia era a mulher mais social de seu conhecimento. No entanto, surpreendentemente, havia luzes acesas atrás das cortinas fechadas da sala de estar, de maneira que ele saiu do carro, trancou-o e caminhou pela pequena passagem, a fim de tocar a campainha. Um momento mais tarde. a porta se abria, e ali estava Olivia usando um agasalho caseiro de viva lã vermelha, sem maquilagem e de óculos. Evidentemente, não estava trajada para visitas.

— Olá — disse ele.

— Noel! — Ela parecia surpresa, o que seria muito natural, já que ele não tinha o hábito de aparecer em sua casa, embora morando a apenas uns três quilômetros de distância. — O que faz aqui?

— Vim apenas vê-la. Está ocupada?

— Sim, estou. Tentando preparar dados para uma reunião, amanhã cedo. Bem, não vem ao caso. Entre.

— Estive tomando um drinque com amigos, em Putney.

Ele alisou os cabelos e a seguiu até a sala de estar. Como sempre, ali dentro era maravilhosamente aquecido, com lareira acesa, flores por toda parte... Noel invejou-a. Sempre a invejara. Não apenas o sucesso da irmã, mas a competência com que ela parecia manejar cada faceta de sua vida movimentada. Na mesinha baixa, junto à lareira, estavam sua pasta. maços de papéis, páginas de prova, mas ela se abaixou para colocá-los em alguma espécie de ordem e removê-los para sua secretária. Ele foi para diante da lareira, ostensivamente a fim de aquecer as mãos ao calor das chamas, porém na realidade para espreitar os convites que ela colocara sobre o aparador da lareira, dar uma checagem geral em seus compromissos sociais. Viu que recebera convite para um casamento ao qual não o tinham convidado e também para uma visita privada a uma nova galeria, em Walton Street.

— Você já comeu alguma coisa? — perguntou ela.

Ele se virou para fitá-la.

— Alguns canapés — Noel pronunciou a última palavra da maneira como era soletrada, uma das poucas e antigas brincadeiras familiares partilhada pelos dois.

— Não está com fome?

— O que tem para oferecer?

— Um resto do quiche do jantar. Se quiser, pode comê-lo. Também há biscoitos e queijo.

— Oh, mas é formidável!

— Vou apanhar. Sirva-se de bebida.

Ele aceitou a gentil oferta e serviu para si um uísque com soda, enquanto ela desaparecia em direção à pequena cozinha, além da sala de refeições, acendendo as luzes à medida que avançava. Lá, com ar de camaradagem, Noel se juntou a ela, puxando uma banqueta alta para o pequeno balcão que separava as duas áreas, sentando-se como um homem em um pub, de conversa com o encarregado.

— Fui ver a mãe, no domingo — disse ele.

— É mesmo? Eu estive com ela no sábado.

— Ela me contou. Com um elegante americano a reboque. Como acha que ela está indo?

— Maravilhosamente bem, nas atuais circunstâncias.

— Acha que foi mesmo um ataque do coração?

— Bem, de qualquer modo, pelo menos um aviso. — Olívia olhou para ele, com a boca formando um trejeito. — Nancy já a colocou a sete palmos debaixo da terra. — Noel riu, sacudiu a cabeça. Nancy era um tema sobre o qual

ele e Olivia sempre concordavam. — Naturalmente, mamma trabalha demais. Sempre foi assim mas, pelo menos, concordou em arranjar alguém para ajudá-la no jardim. Já é um bom começo.

— Tentei convencê-la a vir até Londres amanhã.

— Para quê?

— Para ir à Boothby's. Ver o Lawrence Stern ser vendido ao bater do martelo. Saber a quanto irá.

— Oh, sim, As aguadeiras. Esqueci que seria amanhã. Ela prometeu vir?

— Não.

— Bem, afinal, por que viria? Não irá ganhar nada com a venda.

— Claro que não. — Noel baixou os olhos para seu copo. — No entanto, poderia ganhar, se vendesse o que é dela.

— Se está falando de "Os catadores de conchas" é tempo perdido. Ela morreria antes de se desfazer daquele quadro.

— E quanto aos painéis?

A expressão de Olivia se tomou profundamente desconfiada.

— Você falou a mamma sobre eles?

— Por que não falaria? São pinturas horrendas, admitamos. Vão acabar desintegrando-se, no alto da escada. Ela nem daria pela deterioração.

— Ambos são inacabados.

— Eu gostaria que todos parassem de me dizer que são inacabados. Em minha opinião. têm um valor de raridade que vai além do preço. Após um momento. Olivia disse:

— Suponhamos que ela concorde em vendê-los. — Pegou uma bandeja, colocou pratos, garfo e faca sobre ela, um potinho de manteiga, um tabuleiro com queijo. — Você pretende sugerir-lhe o que fazer com o dinheiro da venda ou deixará isso a critério dela?

— O dinheiro dado por alguém quando vivo vale o dobro do dado quando morto.

— Isto significa que espera pôr nele suas patinhas cobiçosas.

— Não apenas eu. Nós três. Oh, não fique tão admirada, Olivia! Afinal, nada há por que se envergonhar. Atualmente, todo mundo está curto de capital, e não me venha dizer que Nancy não anda louca por algum dinheiro extra. Ela vive se lamentando sobre como tudo anda caro.

— Você e Nancy, talvez. Não me envolva nisso.

Noel girou o copo.

— Certo, mas tampouco seria contrária, não é mesmo?

— Não quero coisa alguma de mamma. Acho que ela já nos deu o suficiente. Meu desejo é que continue lá, bem de saúde e em segurança, sem

preocupações financeiras e capaz de divertir-se.

— Ela tem uma situação confortável. Todos nós sabemos disso.

— Sabemos mesmo? E quanto ao futuro? Ela pode ainda viver até uma idade avançada.

— Mais um motivo para a venda daquelas ninfas melancólicas. O capital poderia ser investido para ajudá-la na velhice.

— Eu me recuso a discutir isso!

— Então, não acha que seria uma boa idéia?

Olivia não respondeu. Limitou-se a pegar a bandeja e levá-la para junto da lareira. Enquanto a seguia, Noel decidiu que mulher alguma podia ser tão orgulhosa e formidável como Olivia, quando alguém tentava convencê-la de algo que ela não aprovasse.

Ela depositou a bandeja com certa brusquidão sobre a mesinha baixa. Depois, erguendo o corpo, enfrentou-o através da sala.

— Não, não acho — respondeu.

— Por que não?

— Penso que você devia deixar mamma em paz.

— Tudo bem! — Ele entregou os pontos simpaticamente, sabendo que, a longo prazo, esta era a melhor maneira de obter o que queria. Acomodou-se em uma das fofas poltronas e inclinou-se para a frente, a fim de dar conta da inesperada refeição. Olivia se postou com os ombros recostados na lareira, as mãos enterradas fundo nos bolsos do agasalho. Noel sentiu-se observado quando ergueu o garfo e o enterrou no quiche. — Esqueçamos a venda dos painéis. Falemos de outra coisa qualquer.

— Como o quê?

— Por exemplo, se você viu ou ouviu a mãe mencionar alguns esboços a ó1eo que Lawrence Stern teria feito, referentes a todas as suas obras importantes. Será que ela suspeitaria da existência de tais esboços?

Noel passara o dia sem saber se falaria ou não a Olivia sobre a descoberta da antiga carta e suas possibilidades subseqüentes. Por fim, decidiu aceitar o risco. Olivia seria uma aliada importante em sua causa. Dos três filhos, somente ela possuía alguma influência sobre a mãe. Enquanto fazia a pergunta, não deixou de encará-la. Viu a expressão dela tomar-se cautelosa, cheia de suspeita. Já era de esperar.

— Após um momento, ela disse:

— Não. — Isto também era de esperar, mas Noel sabia que sua irmã dizia a verdade, porque nunca mentia. — Não faço a menor idéia.

— Compreenda devem ter existido alguns esboços.

— O que o lançou nessa caçada às cegas?

Ele lhe falou sobre o encontro da carta.

— O jardim do terrazzo? Bem, está no Metropolitan, em Nova York.

— Exatamente. E se foi feito um esboço a óleo para O jardim do terrazzo, por que não também esboços para As aguadeiras, O galanteio do pescador e todos os demais velhos clássicos, agora confinados em tediosos museus de cada capital importante do mundo?

Olivia refletiu nisso. Depois disse:

— O mais provável é que tenham sido destruídos.

— Oh, tolice! O velho nunca destruía nada. Sabe disso tão bem quanto eu. Nenhuma casa já foi tão entulhada de velharias de eras e eras, como a da Rua Oakley. Excetuando-se Podmore's Thatch. Entenda, aquele sótão da mãe é um risco certo de incêndio. Se qualquer agente de seguros pudesse ver o atravancamento que existe lá, debaixo do colmo, teria um ataque.

— Você subiu lá ultimamente?

— Estive lá no domingo, procurando minha raquete de squash.

— Foi só mesmo a raquete que procurava?

— Bem, dei uma espiada em volta.

— Esperando encontrar uma pasta com esboços a óleo.

— Algo no gênero.

— Só que nada encontrou.

— Claro que não encontrei. Ninguém descobriria um elefante, naquela montoeira de coisas.

— Mamma sabia o que você procurava?

— Não.

— Você é um sujeito desprezível, Noel! Por que sempre tem que agir com deslealdade?

— Porque ela não faz a menor idéia do que existe naquele sótão, assim como tampouco sabia qual o conteúdo dos sótãos da Rua Oakley.

— E o que existe lá em cima?

— De tudo. Caixas velhas; cômodas com roupas e maços de cartas. Manequins de costureira, bercinhos de brinquedo, banquetas, sacolas com tapeçarias em lã, balanças, caixas de blocos de madeira, pilhas de revistas amarradas com barbante, modelos para tricô, carcomidas molduras de retratos... Diga o nome de alguma coisa, e encontrará lá. Em um dia de vento, qualquer fagulha tornaria a casa inteira uma fornalha. Só espero que haja tempo da mãe atirar-se por uma janela, antes de ser incinerada. Rum... Este quiche está delicioso! Obra sua?

— Eu nunca faço nada. Compro tudo no supermercado.

Afastando-se da lareira, Olivia foi até a mesa da sala, atrás dele. Noel a

ouviu despejando bebida e permitiu-se um sorriso, pois sabia que conseguira deixá-la ansiosa e, portanto, ganhara a sua atenção, possivelmente, sua simpatia. Ela retomou para junto da lareira e sentou-se no sofá diante dele, com o copo aninhado nas mãos.

— Escute, Noel. Você acha mesmo que há perigo?

— Acho. Sinceramente. Verdadeiramente. Há perigo.

— Em sua opinião, o que deveríamos fazer?

— Uma boa faxina naquele sótão.

— Mamma talvez jamais concordasse.

— Tudo bem, então, nada feito. Entretanto, metade daquelas velharias daria uma boa fogueira, como os montes de revistas, os moldes de tricô e as tapeçarias de lã...

— Por que as tapeçarias de lã?

— Porque estão fervilhando de traças.

Ela nada disse quanto a isto. Noel terminara o quiche e agora atacava o queijo, uma amostra particularmente deliciosa de Brie.

— Diga-me uma coisa, Noel. Não estará atiçando tudo isto apenas para ter uma boa desculpa a fim de espionar? Se encontrar os tais esboços ou qualquer outra coisa de valor, lembre-se de que tudo naquela casa pertence a mamma.

Ele a encarou assumindo uma expressão da mais pura inocência.

— Certamente. não está pensando que eu os roubaria!

— Tenho minhas dúvidas.

Ele preferiu ignorar o comentário.

— Se eu encontrar aqueles esboços, você tem alguma idéia de quanto valem? Pelo menos, cinco mil cada um!

— Por que fala deles como se soubesse que estão lá?

— Eu não sei se estão lá! Apenas desconfio de que possam estar. No entanto, o mais importante é que o sótão representa um sério potencial de incêndio, e acho que alguma coisa devia ser feita a respeito.

— Já que falamos nisto, acha que devíamos ter a casa inteira reavaliada para um seguro?

— George Chamberlain providenciou tudo isso, quando comprou a propriedade para mamãe. Talvez você devesse ter uma conversa com ele. Por outro lado, não tenho nenhum compromisso para este fim de semana. Posso ir até lá na sexta-feira e atacar essa tarefa de Hércules. Telefonarei para a mãe anunciando minha ida.

— Perguntará a ela sobre os esboços?

— Você acha que eu deveria?

Olivia não respondeu logo. Depois disse:

— Não, acho que não. — Ele a fitou com certa surpresa. — Acredito que isso talvez a deixasse nervosa. Se os esboços aparecerem, poderemos contar a ela. Se não estiverem lá, isso não fará qualquer diferença. E mais uma coisa, Noel: você não falará mais nada a ela sobre vender seus quadros! Na verdade, você nada tem a ver com eles.

Ele pousou a mão no coração.

— Palavra de escoteiro! — Sorriu. — Você pensa o mesmo que eu.

— Você é um grande patife, Noel. Jamais pensarei o mesmo que você.

Ele aceitou a acusação sem perder a calma, terminou de comer em silêncio e então, levantando-se, foi encher o copo novamente. Às suas costas, Olivia perguntou:

— Você vai mesmo? A Podmore's Thatch, quero dizer.

— Não há razão para deixar de ir. — Retomou à sua cadeira.

— Por que pergunta?

— Poderia fazer um favor para mim.

— Eu poderia?

— Sabe a quem me refiro, quando falo em Cosmo Hamilton?

— Cosmo Hamilton? Ora, mas é claro! O amante da ensolarada Espanha. Não me diga que ele entrou de novo em sua vida!

— Não, ele não entrou em minha vida. Saiu dela. Está morto.

Ao ouvir isto, Noel ficou realmente surpreso e chocado.

— Morto! -O rosto de Olivia estava calmo, mas muito pálido e imóvel, fazendo-o lamentar sua jocosidade. — Oh, sinto muito. O que aconteceu?

— Não sei. Ele morreu no hospital.

— Quando é que soube disso?

— Na sexta-feira.

— Ele era um homem novo ainda...

— Estava com sessenta anos.

— Que coisa terrível, acontecer isso!

— Também acho. Bem, a questão é que ele tem. Uma filha, Antonia. Ela chega em Heathrow amanhã, vindo de Ibiza. Ficará aqui alguns dias e depois irá para Podmore’s Thatch, fazer companhia a mamma por algum tempo.

— A mãe já sabe?

— É claro que sabe. Combinamos no sábado.

— Engraçado... Ela não me disse nada.

— Imaginei que não diria.

— E que idade tem essa garota... essa Antonia?

— Dezoito anos. Eu mesmo pretendia levá-la e ficar lá o fim de semana, porém assumi um compromisso com um homem...

Novamente dono de si, Noel ergueu uma sobrancelha.

— Negócios ou prazer?

— Exclusivamente negócios. Ele é um desenhista francês, homossexual assumido, que se hospeda no Riu. É imprescindível que nos encontremos.

— E...?

— E se você está para ir a Gloucestershire à noite, seria um favor para mim levá-la em sua companhia.

— Ela é bonita?

— Sua resposta depende disto?

— Não, mas seria bom ficar sabendo.

— Aos treze anos, era encantadora.

— Gorda e sardenta?

— De maneira alguma. Quando mamma foi ficar conosco em Ibiza, Antonia também estava lá. As duas ficaram amicíssimas. Por outro lado, desde que mamma ficou doente, Nancy vive buzinando em meus ouvidos que ela não deve morar sozinha. Assim, se Antonia estiver com ela, não ficará só. Pensei que fosse uma idéia excelente.

— Já está com tudo planejado, não é mesmo?

Olivia ignorou a insinuação.

— Você a levaria?

— Claro, não será incômodo algum.

— Quando virá apanhá-la?

Anoitecer de sexta-feira... ele considerou a pergunta.

— Seis da tarde.

— Então, a essa hora, sem falta, já terei voltado do escritório. E, Noel... — De repente, Olivia sorriu. Não sorrira a noite inteira, mas sorria agora e, por um instante, houve ternura entre eles, camaradagem. Era com se fossem apenas dois irmãos afetuosos, que tivessem passado uma agradável hora juntos fico muito grata a você.

Na manhã seguinte, já no escritório, Olivia ligou para Penelope.

— Mamma?

— Olivia!

— Mamma, escute uma coisa. Tive que alterar meus planos e não posso ir aí neste fim de semana, de maneira alguma. Tenho negócios a tratar com um francês efeminado, e sábado e domingo são os únicos dias que ele pode reservar para mim. Não sabe o quanto lamento.

— E quanto a Antonia?

— Noel a levará. Ele ainda não ligou para você?

— Nem uma palavra.

— Pois ele irá. Chegará na sexta-feira e ficará aí uns dois dias. Tivemos uma longa conferência de família ontem à noite, e decidimos que você precisa, de alguma forma, fazer uma limpeza nesse seu sótão, antes que a casa inteira vire fumaça. Eu não tinha percebido que isso aí era como uma toca de esquilos. Você é uma mulherzinha travessa!

— Uma conferência de família? — Penelope pareceu surpresa, e realmente estava. — Você e Noel?

— Exato. Ele apareceu por aqui ontem à noite e eu lhe dei uma ceia improvisada. Contou-me que estivera no sótão, procurando qualquer coisa, e encontrou tal acúmulo de coisas lá dentro, que há um verdadeiro risco de incêndio. Então, combinamos que ele iria até aí e poria um pouco de ordem no lugar. Não se preocupe, não estamos querendo nos impor, mas apenas preocupados. Além do mais, ele prometeu que não jogaria nada fora e nem queimaria coisa alguma sem o seu consentimento. Achei que era uma grande consideração da parte dele. Noel realmente se prontificou a fazer o trabalho; portanto, não vá ficar zangada, achando que a estamos tratando como uma débil mental.

— Não estou zangada em absoluto e, aliás, também acho que é muita consideração de Noel. Eu mesma estive querendo limpar aquele sótão a cada inverno, nos últimos cinco anos, mas a trabalheira seria tanta, que não era difícil encontrar uma justificativa para adiá-la. Acho que Noel pode dar conta do recado sozinho?

— Antonia estará aí. Provavelmente, ela até se divertirá ajudando. E quanto a você, ficará apenas espiando, ouviu? Sem fazer esforço!

Penelope teve uma brilhante idéia.

— Eu podia pedir a Danus que viesse aqui, nesse dia. Mais dois braços fortes fariam uma boa diferença. Ela poderia encarregar-se da fogueira.

— Quem é Danus?

— Meu novo jardineiro.

— Oh, já tinha me esquecido. O que achou dele?

— Um bom rapaz. Antonia ainda não chegou?

—Não. Irei apanhá-la no aeroporto, à noitinha.

— Dê minhas lembranças a ela e diga que mal posso esperar para vê-la.

— Farei isso. Ela e Noel estarão com você na noite de sexta-feira, em tempo para o jantar. Só lamento não poder estar aí também.

— Sentirei sua falta, mas fica para outra vez.

— Então, adeus, mamma.

— Adeus, minha querida.

Ao anoitecer, Noel telefonou.

— Mãe?

— Noel!

— Como vai você?

— Estou ótima. Soube que virá aqui para o fim de semana.

— Olivia já falou com você?

— Esta manhã.

— Ela acha que eu devia ir aí, esvaziar o sótão. Vem tendo pesadelos com incêndios.

— Eu sei, ela me contou. Acho que é uma boa idéia e muita gentileza sua.

— Oh, mas que reviravolta nos regulamentos! Pensamos que você fosse ficar danada da vida.

— Pois então, pensaram errado — retorquiu Penelope, meio irritada com esta nova imagem de si mesma, uma velha senhora teimosa e não colaboradora. — Chamarei Danus para trabalhar aqui durante o dia, ajudando você. É o meu novo jardineiro e tenho certeza de que não se importará. Aliás, é muito bom para fazer fogueiras.

Noel hesitou um instante, mas depois disse:

— Boa idéia.

— E você trará Antonia para cá. Assim, estarei esperando os dois, no anoitecer de sexta-feira. E não dirija depressa!

Penelope ia desligar e cortar a conversa, mas ele pressentiu isto e gritou!

— Mãe!

Ela tornou a levar o fone ao ouvido.

— Pensei que já ia desligar.

— Eu queria falar-lhe sobre o leilão. Fui à Boothby's esta tarde. Sabe quanto As aguadeiras alcançou?

— Não faço a menor idéia.

— Duzentas e quarenta e cinco mil e oitocentas libras!

— Santo Deus! Quem comprou o quadro?

— Uma galeria de arte americana. Acho que de Denver, Colorado.

Ela balançou a cabeça, atônita, como se Noel pudesse vê-la.

— Que dinheirama!

— De deixar a pessoa tonta, não?

— Sem dúvida — respondeu ela — dá o que pensar.

Quinta-feira. Quando Penelope saiu da cama e desceu para o térreo, o jardineiro já estava trabalhando. Ela lhe dera uma chave para a garagem, a fim de que ele tivesse acesso aos apetrechos de jardinagem e, da janela de seu quarto, podia observá-lo labutando na horta. Não o perturbou, porque durante aquele primeiro dia pudera perceber que Danus não era apenas um trabalhador

esforçado, mas também uma pessoa de temperamento reservado. Evidentemente, não gostaria de vê-la surgindo a todo instante para dizer que horas eram, fiscalizar suas atividades e ser um estorvo em geral. Se ele precisasse de alguma coisa, era só vir a ela e pedir. Caso contrário, que continuasse entregue ao que fazia.

Ainda assim, quando faltavam quinze para o meio-dia, já tendo encerrado as tarefas domésticas e com uma fornada de pão assando na estufa, ela tirou o avental e desceu ao jardim para falar com ele, recordar-lhe que o esperava em casa para o almoço. O dia esquentara, havia uma boa parte de céu azul. O sol não oferecia muito calor mas, mesmo assim, ela arrumaria a mesa na estufa de plantas e lá fariam a refeição.

— Bom-dia!

Ao erguer os olhos e vê-la, ele endireitou as costas, apoiando-se na pá. O ar parado da manhã estava impregnado de cheiros fortes e revigorantes: terra recentemente revolvida e o composto putrefeito, misturado a uma quantidade de esterco de cavalo, que Danus trouxera em carrinho de mão, da pilha que ela amontoava e acumulava cuidadosamente.

— Bom-dia, Sra. Keeling.

Ele havia tirado o blusão e o suéter, para trabalhar em mangas a de camisa. Tinha os antebraços bronzeados de sol, enovelados de puro músculo. Enquanto Penelope o observava, ele ergueu a mão a para, com o pulso, limpar do queixo uma mancha de lama. O gesto a provocou uma penetrante sensação de déjà vu, mas agora ela estava preparada para isto e seu coração não falhou uma pancada, simplesmente a encheu de prazer.

— Parece acalorado — comentou ela.

Ele assentiu.

— E um trabalho que exige esforço.

— O almoço estará pronto ao meio-dia.

— Obrigado. Estarei lá.

Danus votou a cavar. Um tordo revoluteava por ali, não só como companhia, adivinhou Penelope, mas também de olho em minhocas. Os tordos eram deliciosamente gregários. Virando-se, deixou o jardineiro entregue ao seu trabalho, e retomou à casa, de passagem colhendo um ramo precoce de primavera-dos-jardins. As flores eram aveludadas e fortemente perfumadas, fazendo-a evocar as pálidas prímulas da Cornualha, salpicando as abrigadas cercas-vivas, quando o restante do lugar ainda se encontrava nas garras do inverno.

Preciso ir lá o quanto antes, disse para si mesma. A primavera na Cornualha é uma época de tanta magia! Preciso ir logo, antes a que seja tarde

demais.

— O que você faz nos fins de semana, Danus? -perguntou ela.

Hoje, servia a ele presunto frio, batatas assadas e couve-flor ao queijo. Para sobremesa, havia pasteizinhos com geléia e uma torta de creme com ovos. Não algo comido às pressas, mas uma refeição adequada. Penelope sentou-se e a comeu com ele, perguntando-se se, em tal ritmo, não terminaria imensamente gorda.

— Não muita coisa.

— Quero dizer, você trabalha para alguém nos fins de semana?

— Algumas vezes, trabalho para o gerente do Banco de Pudley, na manhã de sábado. Ele prefere jogar golfe a praticar jardinagem, mas sua esposa se queixa das ervas daninhas.

Penelope sorriu.

— Pobre homem! E quanto aos domingos?

— Meus domingos são sempre livres.

— Você poderia vir aqui no domingo... será um trabalho, quero dizer. Eu lhe pagarei, não à Autogarden, e acho inteiramente justo, porque não é jardinagem o que quero que faça.

Ele pareceu um tanto surpreso, e tinha razão.

— O que a senhora quer que eu faça?

Penelope lhe falou sobre Noel e o sótão.

— Há muita coisa imprestável lá em cima, bem sei, e tudo precisará ser transportado escada abaixo, para uma seleção. Não creio que meu filho consiga fazer tudo isso sozinho. Achei que, se você pudesse vir aqui dar uma ajuda, seria excelente.

— É claro que virei. Só que, como um favor. Não precisará pagar coisa alguma.

— Ora, mas...

— Não, senhora — disse ele, com firmeza. — Não quero que me pague. A que horas deverei estar aqui?

— Por volta de nove da manhã.

— Eu estarei.

— Terei um bom grupinho para almoçar. Há uma jovem que virá ficar algumas semanas comigo. Noel a trará amanhã à noite. Ela se chama Antonia.

— Vai ser bom para a senhora — disse Danus.

— Também acho.

— Terá companhia em casa.

Nancy não era das melhores, em leitura de jornais. Quando ia à aldeia fazer compras, o que acontecia quase todas as manhãs — parecia haver uma

singular falta de comunicação entre ela e a Sra. Croftway, pois sempre estavam precisando de manteiga, café instantâneo ou caldo de carne —, ela geralmente passava no jornaleiro e comprava para si um Daily Mail ou um exemplar de Woman's Oum, folheados durante o sanduíche e os biscoitos de chocolate que compreendiam seu almoço. The Times, entretanto, só entrava naquela casa à noite, trazido por George em sua pasta.

Quinta -feira era o dia de folga da Sra. Croftway, isto significando que Nancy estaria na cozinha, quando George retornasse do trabalho. Teriam bolinhos de peixe para o jantar, cujo preparo a Sra. Croftway já deixara em andamento, e o marido dela trouxera uma cesta de suas terríveis, amargas e excessivamente desenvolvidas couves-de-bruxelas. Nancy estava diante da pia, preparando-as, odiando a tarefa e praticamente certa de que os filhos se recusariam a comê-las, quando ouviu o som do carro, aproximando-se da entrada. Um momento mais tarde, a porta se abriu, tornou a fechar-se, e seu marido chegou junto dela, parecendo cansado e frágil, em suas roupas severas. Nancy desejou que ele não houvesse tido um dia cansativo. Quando George tinha um dia cansativo, costumava descontá-lo na esposa.

Erguendo os olhos, sorriu com firmeza para ele. Era tão raro ele parecer alegre, que se tornava importante não ficar deprimida pela melancolia do marido e manter a ilusão — mesmo que apenas por sua parte — de um relacionamento afetuoso e de companheirismo.

— Olá, querido. Teve um bom dia hoje?

— Tudo bem.

Ele colocou a pasta em cima da mesa, e dela retirou The Times.

— Dê uma olhada nisto.

Nancy ficou espantada com tal proximidade. Na maioria das noites, ele simplesmente grunhia e seguia para a biblioteca, onde permanecia cerca de uma hora isolado e em silêncio, antes do jantar. Alguma coisa extraordinária devia ter acontecido. Só esperava que não fosse alguma bomba atômica. Abandonando as couves-de-bruxelas, enxugou as mãos e ficou ao lado dele. George abrira o jornal em cima da mesa, folheara até a Seção de Artes e, com um pontudo e lívido indicador, apontava uma coluna em particular.

Nancy espiou, sem conseguir decifrar o borrão de letras impressas.

— Estou sem meus óculos — disse.

George suspirou, resignado com a incapacidade da esposa.

— Noticiário do mercado de arte, Nancy. O quadro de seu avô foi vendido ontem, na Boothby's.

— Foi ontem?

Ela não havia esquecido As aguadeiras. Pelo contrário, a conversa tida

com Olivia durante o almoço no L’Escargot ocupara seus pensamentos desde então, porém ficara a tal ponto obcecada pelo provável valor das pinturas ainda existentes em Podmore's Thatch, que perdera a noção do tempo, dos dias. Jamais fora muito boa para recordar datas.

— Sabe quanto o quadro alcançou? — Boquiaberta, ela balançou a cabeça. — Duzentas e quarenta e cinco mil e oitocentas libras!

Ele pronunciou as palavras mágicas em tons medidos, a fim de não haver possibilidade de Nancy entender errado. Ela se sentiu amolecer. Pousou a mão na mesa da cozinha, a fim de se firmar, e continuou a fitar o marido, de olhos esbugalhados.

— Comprado por gente americana. É repugnante a maneira como tudo de valor sempre acaba saindo do país!

Ela finalmente encontrou a voz.

— E era um quadro horroroso — disse para ele.

George sorriu gelidamente, sem qualquer toque de humor.

— Para sorte do pessoal da Boothby's e do proprietário anterior, nem todo mundo pensa como você.

Nancy, entretanto, mal reparou no comentário.

— Quer dizer então — disse — que Olivia não estava enganada!

— O que quer dizer com isto?

— Que nós conversamos a respeito, naquele dia em que almoçamos no L' Escargot. Ela imaginou que o preço seria mais ou menos esse. — Olhou para George. — Também achou que “Os catadores de conchas” e os dois outros quadros que mamãe ainda possui talvez valham meio milhão. Talvez acertasse também sobre eles.

— Não há dúvida — disse George. — A nossa Olivia raramente se engana sobre alguma coisa. Na espécie de círculos em que se movimenta, pode manter aquele seu nariz comprido bem rente ao chão.

Nancy puxou uma cadeira e sentou-se, aliviando o peso de suas pernas. Perguntou:

— Você acha que mamãe tem noção do quanto eles valem, George?

— Não acredito. — Ele apertou os lábios. — É melhor eu ter uma conversa a respeito. Devíamos verificar a questão do seguro. Qualquer pessoa pode entrar naquela casa e, simplesmente, tirá-los das paredes. Pelo que me consta, ela nunca trancou uma porta na vida.

Nancy começou a ficar excitada. Ainda não contara a ele sua conversa com Olivia, porque George não gostava de sua irmã e mostrava visível desinteresse por tudo quanto ela pudesse dizer. Entretanto, já que ele próprio puxara o assunto, tudo ficava bem mais simples.

— Falou, procurando malhar o ferro quando ainda quente:

— Talvez devêssemos ir ver mamãe. Conversar com ela.

— Está falando do seguro?

— Se os pagamentos forem exagerados, ela talvez... — A voz dela ficou rouca. Pigarreou, para limpar a garganta.- ... decida que vendê-los será mais simples. Olivia disse que atualmente o mercado está no auge, em relação a essas antigas obras vitorianas... (aquilo soava maravilhosamente sofisticado e erudito. Nancy sentiu-se orgulhosa de si mesma)...e seria lamentável perder esta oportunidade.

— Estranhamente, George pareceu considerar seu ponto de vista. Comprimindo os lábios, tornou a ler o parágrafo e então, em gestos medidos e precisos, dobrou o jornal.

— Isto é com você.

— Oh, George! Meio milhão! Mal posso imaginar tanto dinheiro!

— Naturalmente, há impostos a pagar.

— Ainda assim! Nós temos que ir lá, George! Além do mais, há muito tempo que não vejo mamãe. Já é hora de verificar como estão indo as coisas com ela. Então, posso tocar no assunto. Com muito tato. — George pareceu duvidoso. Ambos sabiam que tato não era o ponto mais forte de Nancy. Vou ligar agora mesmo para ela.

— Mamãe?

— Nancy!

— Como é que vai?

— Muito bem. E você?

— Sem trabalhar demais?

— Está falando de mim ou de você?

— De você, é claro. O jardineiro já começou a trabalhar?

— Já. Veio na segunda-feira e novamente hoje.

— Espero que seja satisfatório.

— Bem, ele me satisfaz.

— Pensou mais um pouco em ter alguém morando com você? Coloquei um anúncio em nosso jornal local, mas infelizmente, ninguém respondeu. Nem um telefonema.

— Oh, não precisa preocupar-se mais com isso. Antonia chega amanhã à noite, vai ficar algum tempo comigo.

— Antonia? Quem é Antonia?

— Antonia Hamilton. Oh, meu bem, acho que todos esquecemos de falar a você. Pensei que Olivia tivesse lhe contado a novidade.

— Não contou — replicou Nancy com frieza. — Ninguém me contou

nada.

— Bem, aquele simpático amigo de Olivia, aquele com quem ela morou, quando esteve em Ibiza... Oh, foi muito triste, ele faleceu. Então, sua filha virá para cá durante algum tempo, a fim de refazer-se e decidir o que irá fazer de sua vida agora.

Nancy irritou-se.

— Francamente, acho que alguém deveria ter-me contado! Se já soubesse disso, não me daria ao trabalho de colocar o anúncio!

— Sinto muito, meu bem, mas é que, com uma coisa e outra, tenho andado tão ocupada, que acabei esquecendo. Enfim, de qualquer modo, isto significa que não precisará preocupar-se mais comigo.

— E que espécie de pessoa ela é?

— Segundo imagino, muito meiga.

— Que idade tem?

— Apenas dezoito anos. Será uma companhia esplêndida para mim.

— Quando vai chegar?

— Já lhe disse. Amanhã à noite. Noel a trará de Londres. Ele virá passar o fim de semana aqui e pretende fazer uma limpeza no sótão. Ele e Olivia acham que todo aquele atravancamento corre risco de incêndio. — Houve uma pausa na conversa, e então ela prosseguiu: — Por que vocês não vêm também, almoçar conosco no domingo? Traga as crianças. Então, poderá ver Noel e conhecer Antonia.

E abordar o assunto dos quadros.

— Oh... — Nancy hesitou. — Sim, acho que seria uma boa idéia. Espere um momento, enquanto troco uma palavra com George...

Ela deixou o fone pendendo do fio e foi em busca do marido. Não teve que procurar muito. Conforme já imaginava, encontrou-o enfiado em sua poltrona, escondido atrás do The Times.

— George! — Ele baixou o jornal. — Ela nos convidou para almoçar no domingo.

Deu a notícia em um cochicho, como se a mãe pudesse ouvi-la, embora o telefone estivesse distante dali.

— Eu não posso ir — respondeu George, instantaneamente. Tenho um almoço diocesano formal e preciso comparecer a uma reunião.

— Sendo assim, eu levarei as crianças.

— Pensei que elas fossem passar o dia com os Wainwright...

— Oh, é mesmo! Eu tinha esquecido. Bem, então irei sozinha.

— É, parece que não há outro jeito — disse George.

Nancy voltou ao telefone.

— Mamãe?

— Fale, ainda estou aqui.

— George e as crianças já estão comprometidos para o domingo, mas eu gostaria muito de ir, se você não se incomodar.

— Sozinha? — (Teria mamãe parecido um tanto aliviada? Nancy afastou tal idéia da cabeça.) — Oh, não deixe de vir! Chegue por volta de meio-dia e poderemos bater um papinho. Estarei esperando, então.

Nancy desligou e foi contar a George o que combinara com a mãe. Terminou também falando na desconsideração e arbitrariedade de Olivia que, sem a menor dificuldade, encontrara uma companhia para a mãe, não se preocupando em comunicar a ela, Nancy, nada do que havia feito.

— ... e ela só tem dezoito anos! Provavelmente, alguma tagarelazinha, que ficará na cama o dia inteiro, esperando ser servida. Dando ainda mais trabalho para mamãe! Você não acha, George, que Olivia devia ter-me contado? Pelo menos, discutir o assunto? Afinal de contas, tenho assumido a responsabilidade de ficar de olho em mamãe, mas nenhum deles demonstra a menor consideração pelo que faço. Não acha que foi muito pouco caso deles... George?

George, no entanto, já se desligara, parara de ouvir. Nancy suspirou e o deixou, retomando à cozinha para despejar seu ressentimento no que sobrava das couves-de-bruxelas.

Quando Noel e Antonia finalmente chegaram de Londres, eram quase nove e quinze da noite e, a esta altura, Penelope já os imaginava mortos, entre pedaços retorcidos de metal (o Jaguar), ao lado da rodovia. Chovia a cântaros, a noite era escura, e ela ia à janela da cozinha a todo instante, espiando esperançosa na direção do portão. Já começava a pensar em ligar para a polícia, quando ouviu o som do motor descendo a rua que vinha da aldeia, diminuindo, fazendo a mudança e passando — graças a Deus — pelos portões da casa, para vir parar junto à porta dos fundos.

Levou um segundo a compor-se. Nada deixava Noel em pior estado de ânimo, do que uma chuva de perguntas e recriminações. Afinal de contas, se eles só houvessem saído de Londres às seis horas ou depois, seria tolice mostrar-se tão preocupada. Ela aquietou a ansiedade, procurou assumir uma expressão sorridente e caminhou para acender a luz externa e abrir a porta.

Viu o vulto comprido, aerodinâmico e surrado do carro do filho. Ele já saía e se encaminhava para abrir a outra porta. Desta última emergiu Antonia, arrastando atrás de si uma espécie de mochila. Penelope ouviu Noel dizer, "É melhor você dar uma corrida", e Antonia fez exatamente isso, de cabeça baixa contra a chuva, precipitando-se para o abrigo da varanda e direto nos braços que a esperavam.

Ela deixou cair a mochila no capacho da entrada e as duas abraçaram-se, apertadamente, Penelope cheia de alívio e afeição, Antonia simplesmente grata por finalmente estar ali, segura e nos braços da única pessoa com quem, naquele momento, desejaria estar.

— Antonia! — As duas separaram-se, mas Penelope, ainda a segurando pelo braço, puxou-a para a porta interior, para longe da noite escura, fria e molhada, ao encontro do calor da cozinha. — Oh, pensei que você nunca mais fosse chegar...

— Eu também.

Parecia a mesma, muito semelhante àquela menina de treze anos. Estava mais alta, naturalmente, porém tão esguia quanto antes... tinha um belo corpo, de pernas longas... e o rosto estava proporcional à boca mas, fora isso, bem pouco mudara. Ainda havia as sardas no nariz, os olhos amendoados e verdes, os cílios espessos, compridos e claros. Ainda o mesmo cabelo castanho-avermelhado, caindo à altura dos ombros, liso e cheio. Também o mesmo tipo de vestimenta: blue jeans, camisa branca de malha e um suéter masculina, de decote em V, posta sobre ela.

— É tão bom ter você aqui! Fez boa viagem para cá? Que chuvarada terrível.

— Sim, chovia demais!

Antonia se virou, quando Noel entrou ao encontro delas, trazendo não apenas a mala de Antonia e sua própria sacola, como também a mochila que fora abandonada na varanda.

— Oh, Noel! — Ele pousou a bagagem no chão. — Que noite simplesmente terrível!

— Esperemos que não chova durante todo o fim de semana. Porque do contrário nada conseguirei fazer aqui. — Ele fungou. — Há alguma coisa com um cheiro delicioso!

— Torta de carne picada com purê de batatas.

— Estou faminto!

— Não é de admirar. Vou subir com Antonia para lhe mostrar seu quarto e então jantaremos. Tome um drinque. Tenho certeza de que precisa de um. Desceremos em um minuto. Venha. Antonia...

Penelope pegou a mochila, e Antonia. sua bolsa. As duas subiram a escada, cruzaram um pequeno patamar, passaram diante do primeiro quarto e entraram no segundo.

— Que casa maravilhosa! — exclamou Antonia, caminhando mais atrás.

— Não foi feita para a privacidade. Todos os quartos têm portas de comunicação entre si.

— Como Ca'n D'alt.

— Antigamente. eram dois chalés. Ainda há duas escadas e duas portas de entrada. Bem. aqui estamos!

Penelope largou a mochila e olhou em torno do quarto cuidadosamente preparado, verificando se se esquecera de alguma coisa. Parecia muito aconchegante. O carpete branco e firmemente colocado era novo, embora tudo o mais fosse dos tempos da casa da Rua Oakley. As camas gêmeas, com cabeceiras polidas e rodinhas nos pés; as cortinas com estamparia de rosas e não combinando com as cobertas das camas. O pequeno toucador de mogno e as poltronas de encosto bem abaulado. Ela enchera um lustroso jarro com primaveras-dos-jardins e dobrara a coberta de uma das camas, revelando os lençóis muito brancos e cobertores cor-de-rosa.

— Este armário é o guarda-roupa e, pela outra porta. você chega ao banheiro. O quarto de Noel é o seguinte e terá de partilhar o banheiro com ele mas, se o encontrar ocupado, basta ir ao outro extremo da casa e lá está o meu. E agora... — Com tudo explicado. Ela se virou para Antonia. — O que gostaria de fazer? Tomar um banho? Há tempo de sobra.

— Não. Eu gostaria apenas de lavar as mãos, se puder. Desço logo em seguida.

Havia sombras, como manchas, abaixo de seus olhos.

— Você deve estar cansada — disse Penelope.

— Estou, bastante. Acho que é uma espécie de fadiga de avião. Ainda não consegui refazer-me.

— Não importa, você agora está aqui. Não terá que ir para lugar algum, a menos que queira. Desça quando estiver pronta, e Noel lhe dará um drinque.

Penelope voltou à cozinha, onde encontrou Noel, com um grande e escuro uísque com soda, sentado à mesa e lendo o jornal. Ela fechou a porta após entrar, e ele ergueu os olhos.

— Está tudo bem?

— Pobre criança, ela parece exausta...

— Sem dúvida. Não falou muito, enquanto vínhamos para cá. Cheguei a pensar que estivesse dormindo, mas não estava.

— Ela quase não mudou. Acho que jamais conheci uma pessoinha tão atraente!

— Não me venha meter idéias na cabeça!

Ela dirigiu ao filho um olhar acautelador.

— Procure comportar-se este fim de semana. Noel.

Ele parecia a viva imagem da inocência.

— O que está querendo dizer com isso?

— Sabe muito bem o que quero dizer!

Ele sorriu. ainda bem-humorado, petulante.

— Quando eu terminar de transportar em carrinho de mão todas as quinquilharias de seu sótão, estarei esgotado demais para qualquer outra coisa que não seja cair em minha caminha e perder os sentidos.

— Assim espero!

— Ora, pare com isso, mãe! Compreenda, ela não faz o meu gênero, em absoluto... cílios brancos não me atraem. Fazem-me pensar em coelhos. Estou morrendo de fome. Quando vamos comer?

— Assim que Antonia descer.

Penelope abriu a porta do fomo e examinou sua torta, para que não ficasse assada demais ou fora do ponto. Estava indo muito bem. Tomou a fechar a porta.

— O que acha da venda da quarta-feira? — perguntou Noel.

— Estou falando do quadro As aguadeiras.

— Eu já lhe disse. É simplesmente inacreditável.

— Já decidiu o que vai fazer?

— E eu tenho que fazer alguma coisa?

— Ora, você está sendo obtusa. Aquele quadro alcançou quase um quarto de milhão! Você é dona de três Lawrence Stern, e a responsabilidade financeira — se nada mais — altera completamente a situação. Faça como sugeri da última vez que vim aqui. Peça a um profissional para avaliá-los. E se ainda não quiser vendê-los, então, por Deus, faça um novo seguro! — Um dia em que você estiver lá fora, cuidando de suas rosas, qualquer espertalhão pode entrar na casa e, simplesmente, dar o fora com eles. E bom tomar alguma providência quanto a isso.

Do outro lado da mesa. Penelope contemplou o filho dividida entre uma espécie de gratidão maternal por seus cuidados e uma maldosa suspeita de que ele — tão semelhante ao pai — estivesse tramando alguma coisa. Noel continuou a fitá-la com os olhos azuis muito abertos e transbordando de sinceridade porém ela permaneceu indecisa.

— Está bem — concordou Penelope por fim — vou pensar nisso. Entretanto jamais venderei meu querido “Os catadores de conchas”, e sempre será para mim satisfação e conforto indizíveis olhar para ele. É tudo quanto me resta dos velhos tempos. de quando era criança, da Cornualha e de Porthkerris.

Noel pareceu ligeiramente alarmado.

— Ei! Pareço estar ouvindo aqueles soluçantes violinos! Não há motivos para que comece a chorar!

— Não estou começando a chorar. Acontece apenas que, ultimamente, venho sentindo esta ânsia de voltar lá. Tem qualquer coisa a ver com o mar.

Quero tornar a olhar para o mar. E por que não? Nada me impedirá de ir. Será apenas por uns dias.

— Acha mesmo que seria sensato? Talvez não fosse preferível recordar o lugar como ele era antigamente? Tudo muda. porém jamais para melhor.

— O mar não muda nunca — replicou Penélope, teimosamente.

— Você não conhece mais ninguém por lá.

— Conheço Doris. Poderia ficar em casa dela.

— Doris?

— Nós a acolhemos como evacuada, no início da guerra. Ela morou conosco, em Carn Cottage. Nunca mais voltou para Hackney, por ter resolvido morar definitivamente em Porthkerris. Ainda nos correspondemos, e ela sempre me convida para visitá-la... — Penelope hesitou, antes de perguntar: — Você iria comigo?

— Ir com você?

Ele foi apanhado tão desprevenido pela sugestão, que não conseguiu esconder o espanto.

— Seria uma companhia. — Aquilo soava patético, como se ela estivesse solitária. Tentou outra tática. — Poderia ser divertido para ambos. Não lamento muitas coisas de minha vida, porém arrependendo-me de nunca ter levado vocês a Porthkerris, quando eram crianças. Enfim, não sei; as coisas nunca funcionaram de maneira a permitir que fôssemos lá.

Um leve constrangimento pairou entre eles. Noel decidiu apelar para a brincadeira.

— Acho que está um pouco tarde para fazer castelos de areia na praia...

Penelope não pareceu achar a menor graça.

— Há outros divertimentos -disse.

— Quais?

— Eu poderia mostrar-lhe Carn Cottage, onde morávamos. O estúdio de seu, avô. A Galeria de Arte que ele ajudou a montar. Você parece tão subitamente interessado pelos quadros dele... Imaginei que talvez também lhe interessasse ver onde tudo começou.

Ela fazia isso algumas vezes; dava um golpe forte, logo abaixo da cintura. Noel bebeu um gole do uísque procurando compor-se.

— Quando é que pretende ir?

— Oh... breve. Antes que a primavera termine. Antes que chegue o verão.

Ele se sentiu aliviado em ter uma desculpa já pronta.

— Nessa época. eu não poderia afastar-me.

— Nem mesmo por um fim de semana prolongado?

— Mãe... Estamos com trabalho até o pescoço, no escritório. Só terei folga

em julho, se tiver!

— Sendo assim, é impossível. — Para alívio de Noel, ela abandonou o assunto. — Quer ser gentil e abrir uma garrafa de vinho. Noel?

Ele se levantou. Sentia-se um tanto culpado.

— Sinto muito, mãe. Eu a acompanharia, se pudesse.

— Eu sei — respondeu ela. — Eu sei.

Quando Antonia reapareceu, faltavam quinze para as dez. Noel encheu os copos de vinho e todos se sentaram para saborear a torta de carne com purê de batatas, a salada de frutas frescas, os biscoitos com queijo. Em seguida, Noel preparou café para si mesmo e, anunciando que subiria ao sótão para uma espiada preliminar, antes de começar a trabalhar no dia seguinte, foi para lá, levando seu café.

Depois que ele se foi, Antonia também se levantou, começando a retirar os pratos e copos, mas Penelope a interrompeu.

— Não é preciso. Porei tudo na lavadora de pratos. São quase onze horas e você deve ir para a cama. Gostaria de um banho agora?

— Sim, gostaria. Não sei por que, mas estou me sentindo terrivelmente suja. Acho que tem algo a ver com Londres.

— Eu sempre me senti assim também. Gaste água quente à vontade e bastante espuma.

— Foi um jantar maravilhoso. Obrigada.

— Oh, minha querida... — Penelope ficou emocionada e, de repente, não sabia o que falar, embora tanto houvesse para ser dito. — Talvez, quando já estiver deitada, eu chegue lá para lhe dar boa-noite.

— Irá mesmo?

— É claro que sim.

Depois que ela saiu, Penelope limpou a mesa lentamente, empilhou os pratos sujos na lavadeira, pôs para fora as garrafas de leite e fez os preparativos para o desjejum do dia seguinte. No andar de cima, naquela casa onde os sons ecoavam através de portas abertas e tetos de madeira, ela ouviu Antonia preparando o banho; mais alto ainda, percebeu os passos abafados de Noel, abrindo caminho por entre o atravancamento do sótão. Pobre rapaz, pretendia desincumbir-se de uma tarefa hercúlea. Ela esperava que seu filho não desanimasse, com o trabalho pela metade, deixando-a às voltas com um problema ainda maior do que antes. A água, gorgolejando pelo cano de esgoto abaixo, indicava que Antonia terminara o banho. Penelope pendurou a toalha de chá, apagou as luzes e subiu a escada.

Encontrou Antonia na cama, acordada, folheando uma revista que Penelope deixara na mesa de cabeceira. Seus braços nus eram bronzeados e

esguios, os cabelos sedosos espalhavam-se sobre o tecido branco da fronha.

Fechou a porta após entrar.

— Teve um bom banho?

— Abençoado. — Antonia sorriu. — Usei um pouco daqueles deliciosos sais de banho que encontrei lá. Espero que não se incomode.

— Foi justamente para isso que os deixei lá. — Ela se sentou na beira da cama. — Fez bem a você. Agora não parece mais tão fatigada.

— Eu sei. O banho despertou-me. Fiquei alerta, com vontade de tagarelar. Seria impossível dormir em seguida.

Acima delas, além do teto de vigas, brotou o ruído de algo sendo arrastado através do piso.

— Com essa barulheira que Noel faz lá em cima — disse Penelope — é até melhor que não tenha pressa em dormir.

Naquele momento, ouviram um baque, como se alguma coisa pesada houvesse caído inadvertidamente.

— Que diabo! — soou a voz de Noel.

Penelope começou a rir. Antonia riu também mas, de repente, não havia mais riso, porque seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Oh, minha querida criança!

— Que tolice a minha... — Ela fungou, tateou por um lenço e assoou o nariz. — Apenas, é tão maravilhoso estar aqui, com você, ser capaz de rir por coisas tolas novamente... Lembra-se de como costumávamos rir? Quando esteve conosco, aconteciam coisas divertidas o tempo todo. Depois que veio embora, nunca mais foi o mesmo.

Ela estava certa. Não ia chorar. As lágrimas haviam cessado, mal tinham assomado.

— Você quer falar? — perguntou Penelope suavemente.

— Sim, acho que quero.

— Quer me falar sobre Cosmo?

— Quero.

— Eu senti tanto! Quando Olivia me contou... fiquei tão chocada... com tanta pena...

— Ele morreu de câncer.

— Eu não sabia.

— Câncer do pulmão.

— Ora, mas Cosmo não fumava!

— Fumava. Antes de a senhora conhecê-lo. Antes de Olívia conhecê-lo. Cinqüenta cigarros por dia ou mais. Cortou o hábito, mas isso o matou do mesmo jeito.

— Você estava com ele?

— Sim. Morei com ele estes últimos dois anos. Desde que minha mãe tomou a casar.

— Isso incomodou você?

— Não. Fiquei feliz por ela. Não gostava muito do homem que escolheu, mas não vem ao caso. Ela gosta dele. Deixou Weybridge e foi morar no Norte, porque é onde ele está radicado.

— O que ele faz?

— Ele tem alguma espécie de negócio sobre lãs... tecidos, tecelagem, esse tipo de coisas.

— Você já esteve lá?

— Estive. Fui lá no primeiro Natal depois de estarem casados, mas foi terrível. Ele tem dois filhos repulsivos, mal pude esperar a hora de vir embora, antes que um deles conseguisse me violentar. Bem, talvez eu esteja exagerando um pouco, mas este é o motivo que me impede de ficar com minha mãe, agora que papai morreu. Simplesmente, eu não suportaria. E a única pessoa em quem pensei como capaz de me ajudar foi Olivia.

— Sim, eu compreendo, mas fale-me mais sobre Cosmo.

— Ele estava muito bem. Quero dizer, parecia nada haver de errado, entende? Então, há uns seis meses, começou a ter aquela tosse horrível. Era uma tosse que não o deixava dormir à noite, e eu ficava deitada, ouvindo e tentando dizer a mim mesma que não devia ser coisa séria. Finalmente, consegui convencê-lo a ir ao médico. Ele foi ao hospital local, para uma chapa de raios-X e um check-up. A verdade é que nem saiu de lá. Eles o operaram, extraíram metade de um pulmão e disseram que logo poderia ir para casa. Entretanto, sofreu um colapso pós-operatório, e foi assim. Morreu no hospital. Nunca recuperou a consciência.

— E você estava sozinha?

— Sim, mas Maria e Tomeu andavam sempre por perto, e eu jamais imaginei que fosse acontecer semelhante coisa. Não cheguei a ficar muito preocupada ou amedrontada. Tudo aconteceu muito depressa. Como se, um dia, estivéssemos juntos em Ca'n D'alt, como sempre havia sido, e, no outro, ele morresse. Claro que não foi no dia seguinte. Apenas me pareceu assim.

— O que fez você?

— Bem... isto parece terrível, mas era preciso cuidarmos do funeral. Compreenda, em Ibiza, é muito curto o período entre a morte e o sepultamento. Tem que ser no mesmo dia. Qualquer um pensaria que, em apenas um dia, em uma ilha onde praticamente ninguém tem telefone, a notícia da morte dele não fosse sabida. Pois foi. Como telégrafo das florestas. Meu pai tinha muitos

amigos. Não apenas pessoas como nós, mas todos os moradores de lá, homens com quem ele bebia no bar do Pedro, os pescadores da beira do porto, os fazendeiros que moravam à nossa volta. Estavam todos lá.

— Onde foi sepultado?

— No cemitério da igrejinha da aldeia.

— Ora, mas... é uma igreja católica!

— Claro, mas correu tudo bem. Papai não freqüentava a igreja, mas em criança foi batizado e recebido na Igreja Católica. Além do mais, sempre foi muito amigo do padre da aldeia. Um homem muito gentil... muito confortador. Conduziu o serviço para nós, não na igreja, mas à beira da sepultura, à luz do sol. Quando partimos, não se podia ver a sepultura, por causa das flores. Foi muito bonito. Então, todos voltamos para Ca'n D'alt, Maria tinha preparado alguma coisa para comer, eles beberam vinho e depois foram embora. Foi assim que aconteceu.

— Entendo. Tudo parece muito triste, mas absolutamente perfeito. Diga-me, você contou tudo isto para Olivia?

— Algumas partes. Na realidade, ela não quis ouvir muito.

— E o jeito dela. Quando Olivia fica muito tocada ou entristecida, esconde os sentimentos, quase como se fingisse para si mesma que nada aconteceu.

— Sim, eu sei. Percebi isso. E não fez diferença para mim.

— O que você fez, quando esteve com ela em Londres?

— Não muita coisa. Fui ao Marks e Spencers comprar algumas roupas quentes para mim. Depois fui ver o procurador de papai. Foi uma entrevista bastante depressiva.

O coração de Penelope condoeu-se pela jovem.

— Ele lhe deixou alguma coisa?

— Praticamente nada. Ele nada tinha para deixar o pobre querido.

— E sobre aquela casa em Ibiza?

— Ela nunca foi nossa. Pertence a um homem chamado Carlos Barcello. Por outro lado, eu não queria ficar lá. Mesmo que quisesse, não teria como pagar o aluguel.

— E o barco? O que foi feito dele?

— Papai o vendeu, logo depois que Olivia partiu. Nunca mais comprou outro.

— E as outras coisas? Os livros, móveis, quadros...

— Tomeu conseguiu com um amigo que os guardasse para mim, até eu precisar deles ou até que possa voltar para recolhê-los.

— É duro acreditar, Antonia, bem sei, mas um dia terá que fazer isso.

Antonia colocou os braços atrás da cabeça e fitou o teto.

— Eu estou bem agora. Sinto tristeza, mas não por ele ter deixado de viver. Meu pai continuaria doente e frágil, não duraria além de mais uns doze meses. Foi o que me disse o médico. Assim, foi melhor acontecer como aconteceu. Minha única tristeza real é pelos anos que foram perdidos, após Olivia vir embora. Ele nunca mais teve outra mulher. Amou Olivia demais. Acho que, provavelmente, ela foi o amor de sua vida.

Havia muito silêncio agora. Os ruídos e pisadas no forro tinham cessado e Penelope adivinhou que Noel encerrava a "vistoria preliminar", tendo descido do sótão. Escolhendo as palavras com cuidado, disse, após alguns momentos:

— Olivia também o amou muito, tanto quanto seria capaz de entregar seu coração a algum homem.

— Papai quis casar com ela, mas Olivia não quis.

— Você a censura por isso?

— Não. Eu a admiro. Foi sincera e muito forte.

— Ela é uma pessoa especial.

— Eu sei.

— Ela, simplesmente, nunca quis se casar. Tem horror a ser dependente, a assumir compromisso, a criar raízes.

— Olivia tem sua carreira.

— Sim, a carreira... É o que mais importa para ela no mundo.

Antonia considerou tais palavras. Depois disse:

— Curioso... Eu compreenderia isso melhor, se Olivia houvesse tido uma infância infeliz ou sofrido algum terrível trauma. No entanto, tendo a senhora por mãe, custo a crer que algo semelhante ocorresse com ela. Olivia é muito diferente de seus outros filhos?

— Em tudo e por tudo. — Penelope sorriu. — Nancy é o extremo oposto. Sempre sonhou ser uma mulher casada e ter seu próprio lar. Mais ou menos como A Senhora da Mansão, talvez, mas e daí? Não se pode censurá-la. Possui a vida que desejou, é uma mulher feliz. Pelo menos, imagino que seja. Ela tem, exatamente, aquilo que sempre quis.

— E a senhora? — perguntou Antonia. — Queria ser casada?

— Eu? Céus, isso aconteceu há tanto tempo, que mal consigo recordar. Acho que não pensava muito no assunto. Tinha apenas dezenove anos e estávamos em guerra. Em épocas assim, nunca penamos em um futuro muito distante. Vivemos cada dia que passa.

— O que aconteceu a seu marido?

— Ambrose? Oh, morreu alguns anos após o casamento de Nancy.

— Sentiu-se muito solitária?

— Eu era sozinha. Entretanto, não é o mesmo que ficar solitária.

— Eu jamais conhecera alguém que tivesse morrido. Cosmo foi o primeiro.

— Quando enfrentamos pela primeira vez a experiência da perda de um ente querido, tudo é muito doloroso. Entretanto, com o passar do tempo, terminamos conformados.

— Acho que sim. Ele dizia que "a vida inteira é um compromisso".

— Muito bem dito. Para alguns, tem que ser assim. Para você, no entanto, eu gostaria de pensar que houvesse algo melhor à sua espera.

Antonia sorriu. A revista há muito caíra ao chão e seus olhos haviam perdido aquele brilho febril. Como uma criança, estava quase dormindo. Ficara sonolenta.

— Você está cansada — disse-lhe Penelope.

— Sim... Acho que agora vou dormir.

— Não acorde cedo demais. Levantando-se da cama, Penelope foi fechar as cortinas. A chuva cessara e, da escuridão, chegou o pio de uma coruja. — Boa-noite.

Caminhou para a porta, abriu-a e apagou a luz.

— Penelope.

— O que foi?

— É simplesmente maravilhoso estar aqui. A seu lado.

— Durma bem.

Penelope saiu, fechando a porta.

A casa estava em silêncio. No andar de baixo, todas as luzes tinham sido apagadas. Obviamente, Noel decidira encerrar seu dia e já fora para a cama. Nada mais havia a ser feito.

Em seu quarto, ela seguiu o ritual noturno, sem pressa, escovando os dentes, brunindo o cabelo, passando creme de noite no rosto. Já de camisola, abriu as pesadas cortinas. Pela janela aberta passava uma leve brisa, fria e úmida, mas cheirando docemente a terra, despertada do longo sono de inverno. A coruja piou novamente, e o silêncio era tal, que ela podia ouvir o suave rumorejar do Windrush, seguindo seu caminho além do pomar.

Afastando-se da janela, Penelope subiu na cama e apagou o abajur. Seu corpo pesado e cansado agradeceu o conforto dos lençóis frescos e dos travesseiros macios, porém a mente continuou desperta, porque a curiosidade inocente de Antonia instigara o passado, de uma maneira desconcertante e não de todo bem-vinda. Penelope respondera ao que ela perguntara, com alguma cautela, sem mentir, mas não contando toda a verdade. A verdade era demasiado confusa para ser contada, tortuosa e muito antiga. Antiga demais, para que ela começasse a desenredar os fios de motivação, de razão e sequência dos eventos.

Não havia falado em Ambrose, não mencionara seu nome e nem pensara nele, por mais tempo do que podia recordar. Agora, no entanto, deitada e de olhos abertos, fitando a escuridão que não era verdadeiramente negra, percebeu que não tinha opção senão voltar atrás. Era uma extraordinária experiência; como ver um filme antigo ou descobrir um álbum de fotos com as folhas já desbotadas, ir virando suas páginas e admirando-se, ao perceber que os instantâneos em sépia não haviam desbotado em absoluto, mas permaneciam evocativos, claros, mais nítidos do que nunca.

8. Ambrose

A oficial Wren[{7}] ajeitou seus papéis e desenroscou a tampa de sua caneta-tinteiro.

— Agora. Stern, precisamos decidir em que Categoria inscrevê-la.

Sentada do outro lado da mesa, Penelope olhava para ela. A mulher tinha dois galões azuis na manga e cabelos bem tosados. Seu colarinho e a gravata eram tão rígidos e apertados. que pareciam a ponto de sufocá-la; usava relógio masculino e, ao seu lado, em cima da mesa. havia uma cigarreira de couro e um pesado isqueiro dourado. Penelope identificou outra Srta. Pawson e começou a encará-la com simpatia.

— Você tem alguma qualificação?

— Não. Acho que não.

— Taquigrafia? Datilografia?

— Não.

— Grau universitário?

— Não.

— Você deve me tratar por "Senhora".

— Senhora.

A oficial Wren pigarreou, desconcertada pela expressão ingênua e sonhadora dos olhos castanhos da nova classificada Wren. Ela usava uniforme, porém não lhe caía bem; era demasiado alta, tinha pernas muito compridas e seu cabelo era um desastre, macio, escuro e apanhado em um frouxo coque, que não parecia muito bem-feito nem seguro.

— Presumo que tenha freqüentado uma escola, não?

Quase esperava ouvir a Wren Stern responder que havia estudado em casa, com uma refinada preceptora. Ela parecia esse tipo de jovem. Daquelas que aprendiam um pouco de francês, pintura em aquarela e não muita coisa mais. No entanto, a Wren Stern respondeu:

— Freqüentei.

— Internatos?

— Não. Externatos. A escola da Srta. Pritcher, quando morávamos em Londres, e depois a escola secundária local, quando fomos viver em Porthkerris. Fica na Cornualha — acrescentou, com gentileza.

A oficial Wren sentiu que precisava de um cigarro.

— É a primeira vez que deixa sua casa?

— É.

— Você deve me tratar por "Senhora".

— Senhora.

A oficial Wren suspirou. Sem dúvida, a Wren Stern ia ser um daqueles problemas. Culta, medianamente instruída e inteiramente inútil.

— Você sabe cozinhar? — perguntou, sem maiores esperanças.

— Não muito bem.

Não havia alternativa.

— Neste caso, acho que teremos de colocá-la como camareira.

Wren Stern sorriu agradavelmente, parecendo satisfeita por, finalmente, terem chegado a uma decisão.

— Perfeitamente.

A oficial Wren registrou algumas anotações no formulário e depois tornou a enroscar a tampa de sua caneta. Penelope aguardou o que aconteceria em seguida.

— Creio que é tudo.

Penelope levantou-se, porém a oficial Wren ainda não terminara.

— Stern, o seu cabelo. Tem que fazer algo a respeito.

— O quê? — perguntou Penelope.

— Ele não deve tocar seu colarinho, compreenda. São regulamentos da Marinha. Por que não vai ao cabeleireiro e manda cortá-lo?

— Eu não quero cortá-lo.

— Bem... então, faça algum esforço. Procure acostumar-se a fazer um coque mais firme e apertado.

— Oh, sim. Tudo bem.

— Pode ir agora.

Ela saiu.

— Adeus. — A porta ia se fechando atrás dela, mas tornou a abri-la, para acrescentar: — Senhora.

Ela foi designada para a Real Escola de Artilharia Naval, no HMS Excellent, em Whale Island. Seu posto era o de camareira mas, talvez porque "falasse adequadamente", foi tornada Camareira dos Oficiais, isto significando que trabalharia no alojamento e salão de oficiais: arrumando mesas, servindo drinques, comunicando às pessoas que alguém as esperava ao telefone, polindo talheres e servindo as refeições. Além do mais, antes do escurecer, tinha que fazer uma ronda por todos os camarotes e providenciar o black-out{8}, batendo às portas e, se houvesse alguém no interior, dizendo “Permissão para apagar o navio, senhor". De fato, era uma copeira magnífica, e como copeira recebia um soldo de trinta xelins por quinzena. A cada duas semanas tinha que comparecer à

formação para pagamento, permanecendo em fila até sua hora de fazer continência para o rabugento Chefe da Pagadoria -que dava a impressão de odiar as mulheres e provavelmente as odiava mesmo — dizer seu nome e receber o magro envelope amarelado.

Pedir permissão para apagar as luzes do navio era apenas parte de uma linguagem inteiramente nova que tivera de aprender, para isto passando uma semana no posto de treinamento. Quarto de dormir era camarote; o chão, o convés; quando ia trabalhar, estava indo para bordo; um fazer e refazer significava metade do dia; e se alguém discutia com uma amiga, isto tinha o nome de romper com alguém. Entretanto, como ela não tinha qualquer amiga com quem discutir, jamais houve oportunidade para empregar esta expressão marinheira.

Whale Island era realmente uma ilha, tendo-se que cruzar uma ponte para se chegar lá, um detalhe muito excitante, dando a impressão de que se ia para bordo de um navio, mesmo não se indo. Muitíssimo tempo atrás, a ilha ganhara vida como um banco de lodo no meio do porto de Portsmouth, porém agora era um grande e importante estabelecimento para instrução naval, com terreno de exercícios, galpão para treinamentos, uma igreja, molhes e gigantescas baterias, onde os homens praticavam. A parte administrativa e de alojamentos ficava em um setor de prédios de belos tijolos vermelhos. Os alojamentos do convés inferior eram quadrados e despretenciosos, como edifícios públicos, mas o Salão de Oficiais era bastante grande, uma mansão rural, tendo o campo de futebol como sua área de terreno.

O barulho era incessante. Cometas ecoavam e apitos soavam, enquanto ordens crepitantes eram transmitidas diariamente pelo sistema de alto-falantes. Homens em treinamento iam para toda parte em passo acelerado, suas botas fazendo tump-tump-tump no macadame. No terreno para exercícios, suboficiais gritavam até a apoplexia, bradando ordens para atemorizados esquadrões de jovens marinheiros, que se esforçavam ao máximo para entender as complexidades do exercício de ordem unida. A cada manhã, tinha lugar o hasteamento da bandeira do Comando, com a Banda da Marinha Real estrondeando os ares com os hinos "Braganza" e "Corações de Carvalho". Quem fosse apanhado fora dos edifícios, enquanto a White Ensign{9} era içada ao mastro, tinha que se virar de frente para ela, ficar perfilado e prestando continência, até tudo terminar.

Os alojamentos das Wren, para onde Penelope fora designada, ficava em um hotel requisitado no extremo norte da cidade. E lá, ela dividia um camarote com mais cinco jovens, todas dormindo em beliches. Uma das moças tinha um CC terrível, mas como nunca se lavava, isso não era de admirar. Os alojamentos

ficavam a três quilômetros de Whale Island, porém nenhum transporte fora providenciado e não havia ônibus, de maneira que Penelope ligou para Sophie, pedindo a ela que lhe mandasse sua velha bicicleta da escola. Sophie prometeu enviá-la. Colocaria a bicicleta em um trem e Penelope a recolheria na estação de Portsmouth.

— E como está você, meu bem?

— Tudo certo. — Era horrível ouvir a voz de Sophie e não estar com ela. — E você, como está? Como vai papai?

— A Srta. Pawson tem ensinado a ele como usar um extintor de incêndio, para pequenos focos de fogo. É do tipo que tem uma espécie de estribo, para ser firmado com o pé, enquanto é usado.

— E Doris? E os meninos?

— Ronald entrou para o time de futebol. E achamos que Clark está com sarampo. Ah! Estou com anêmonas no jardim.

— Já?

Penelope gostaria de vê-las. Queria estar lá. Era horrível pensar neles todos em Carn Cottage e não estar lá também. Era duro recordar seu delicioso quarto para uma só pessoa, com as cortinas agitando-se à brisa marinha e os fachos do farol cruzando as paredes.

— Você está feliz, meu bem?

Entretanto, antes que Penelope pudesse responder, o telefone começou a fazer pip-pip-pip, e a ligação foi cortada. Ela recolocou o fone no gancho, satisfeita pela ligação interrompida antes de ter tempo para responder, porque não estava feliz. Sentia-se solitária, com saudades de casa e entediada. Não se ajustava àquele estranho mundo novo e temia jamais ajustar-se. Devia ter preferido ser enfermeira, trabalhar em terra ou ir fabricar munições — qualquer coisa, exceto seguir aquela dramática e impulsiva decisão que a deixara neste angustioso transe, que parecia permanente.

O dia seguinte era quinta-feira. Estavam em fevereiro, a temperatura continuava fria, porém o sol brilhava o dia inteiro e, às cinco horas, finalmente encerrado o expediente, Penelope deixou a ilha, fez continência para o Oficial de Guarda e cruzou a estreita ponte. A maré estava alta e, à claridade que se esbatia, Portsdoum Hill parecia sedutoramente rural. Quando sua bicicleta chegasse, talvez fosse capaz de fazer passeios solitários, encontrar um lugarzinho relvado para se sentar. No momento, com as horas vazias do anoitecer estendendo-se à sua frente, ela se perguntou se disporia de dinheiro suficiente para ir ao cinema.

Um carro descia a ponte, atrás dela. Continuou andando. O carro diminuiu a marcha e rodou ao lado dela, um pequeno e bonito M.G., com a capota armada.

— Para onde está indo?

Por um momento, Penelope não acreditou que a pergunta lhe tivesse sido dirigida. Era a primeira vez que qualquer homem falava com ela, exceto para dizer que queria ervilhas e cenouras ou para pedir uma dose de gim. Entretanto, não havendo mais ninguém por perto, tinha que ser com ela. Já o tinha reconhecido. Era o Sub-tenente Keeling, alto, de cabelos escuros e olhos azuis. Sabia que ele estava no Curso de Artilharia, porque no Salão de Oficiais usava as perneiras, calças de flanela branca e cachecol branco, o que era o traje regulamentar para oficiais sob instrução. Agora, no entanto, ele estava com uniforme de dia, parecia alegre e despreocupado. Era um homem disposto a se divertir.

— Para os alojamentos das Wren. A Wrermery.

Inclinando-se, ele abriu a porta.

— Entre aí. Eu lhe dou uma carona.

— Está indo para aquele lado?

— Não, mas posso ir.

Penelope sentou-se ao lado dele e bateu a porta. O carrinho disparou para diante e ela precisou segurar o casquete para que não voasse.

— Já vi você por aí, não? Seu trabalho é no Salão de Oficiais.

— Exatamente.

— Está gostando?

— Não muito.

— Então, por que aceitou o trabalho?

— Não tinha qualificações para outra coisa.

— É a sua primeira designação?

— É. Só comecei há um mês atrás.

— O que acha da Marinha?

Ele parecia tão entusiasmado, que Penelope não teve coragem de responder que a odiava.

— É interessante. Estou começando a me acostumar.

— Mais ou menos como um internato, não?

— Nunca estive em colégio interno, portanto, não sei dizer.

— Como se chama?

— Penelope Stern.

— Eu sou Ambrose Keeling.

Não houve tempo para muito mais. Em cinco minutos estavam lá, entrando pelos portões dos alojamentos das Wren e parando diante da entrada, com rangidos no cascalho solto do chão, o que fez a Suboficial de Controle espiar por sua janela com desaprovador cenho franzido.

Ele desligou o motor.

— Muito obrigada — disse Penelope, virando-se para abrir a porta do carro.

— O que vai fazer pelo resto da tarde?

— Sinceramente, nada.

— Eu também. Que tal um drinque no Clube dos Suboficiais?

— O que... agora?

— Isso. Agora! — Os olhos azuis dele dançaram alegremente.

— Será uma sugestão tão desastrosa?

— Não... nem um pouco. Apenas... — Nos clubes dos oficiais não era permitida a presença de subalternos em uniforme, terei que entrar e ficar à paisana.

Era outra coisa que aprendera no Posto de Treinamento — chamar trajes civis de "trajes à paisana". Sentiu-se orgulhosa, por recordar todas aquelas normas e regulamentos.

— Tudo bem. Eu espero, enquanto troca de roupa.

Ela o deixou lá, em seu carrinho, acendendo um cigarro para matar o tempo. Entrou no prédio e subiu a escada, dois degraus a cada vez, sem querer perder um só momento, aterrada em pensar que, se demorasse muito, ele perderia a paciência e iria embora, sem nunca mais dirigir-lhe a palavra.

Em seu camarote, tirou rapidamente o uniforme e o jogou sobre o beliche; lavou o rosto e as mãos, retirou os grampos da cabeça e deixou o cabelo solto. Escovando-o, apreciou o peso confortador e familiar sobre os ombros. Era como estar livre novamente, ser ela própria de novo, e sentiu que a confiança retomava. Abrindo o guarda-roupa comunal, tirou dele o vestido que Sophie lhe dera no Natal e o velho casaco de pele de rato almiscarado, que Tia Ethel quisera doar para uma quermesse, mas que ela salvara para si mesma. Encontrou um par de meias ainda não desfiadas e seus melhores sapatos. Não precisava de bolsa, porque não tinha dinheiro algum e jamais usara pintura. Tomou a disparar para baixo, assinou o Livro de Regulamento e saiu pela porta.

— Estava quase escuro agora, mas ele continuava lá, sentado em seu carrinho, ainda fumando o mesmo cigarro.

— Desculpe ter demorado tanto — disse, sem fôlego, sentando-se ao lado dele.

— Tanto! — Ele riu, jogou fora o resto do cigarro. — Nunca vi uma mulher tão rápida. Já me preparava para esperar no mínimo meia hora.

O fato de ele ter-se disposto a esperar tanto foi surpreendente e gratificante para Penelope. Sorriu para ele. Esquecera de usar um pouco de perfume, e esperava que o cheiro de naftalina do casaco da Tia Ethel passasse despercebido.

— É a primeira vez que fico sem uniforme, desde que me alistei.

Ele ligou o motor.

— E como se sente? — perguntou.

— No céu!

Foram para o Clube dos Suboficiais, em Southsea, ele a levou para o andar de cima e sentaram-se no bar. Keeling perguntou-lhe o que queria beber. Penelope não sabia ao certo o que pedir, de maneira que ele se decidiu por dois gins com suco de laranja. Ela não contou que jamais havia bebido gim antes.

Quando as bebidas chegaram, os dois conversaram e foi tudo muito fácil. Penelope contou que morava em Porthkerris e que seu pai fora para lá por ser artista, mas que agora deixara de pintar.

Contou também que sua mãe era francesa.

— Oh, então isto explica — disse ele.

— Explica o quê?

— Não sei ao certo. É algo sobre você. Notei imediatamente. Olhos escuros. Cabelos escuros. Você é diferente de todas as outras. Wrens.

— Sou três metros mais alta.

— Não é isso, embora eu goste de mulheres altas. Uma espécie de... — Ele deu de ombros, tomando-se também bastante gaulês. — ... je ne sais quoi. Já morou na França?

— Não. Fiquei lá uma temporada. Certo inverno, tivemos um apartamento em Paris.

— Fala francês?

— Naturalmente.

— Tem irmãos?

— Nenhum.

— Eu também.

Ele lhe falou sobre si mesmo. Tinha vinte e um anos. Seu pai, que dirigia os negócios da família, algo a ver com publicações, havia falecido quando ele tinha dez anos. Após deixar a escola, tinha ido trabalhar na mesma firma editorial, porém não pretendia passar a vida em um escritório... Além disso, havia uma guerra iminente... e então se alistara na Marinha. Sua mãe viúva morava em um apartamento em Knightsbridge, em Wilbraham Place, mas com a eclosão da guerra fora residir em um hotel rural, em um remoto recanto de Devon.

— É melhor que ela fique lá, fora de Londres. Não é muito forte e, se o bombardeio começar, será mais um estorvo aqui, do que uma ajuda.

— Há quanto tempo você está em Whale Island?

— Um mês. Espero ficar lá mais umas duas semanas, dependendo dos exames. Artilharia é meu último curso. Graças a Deus, já deixei para trás

Navegação, Torpedos e Sinalização.

— E para onde irá?

— Ficarei uma semana final na Escola Divisional, e então estarei no mar.

Terminaram os drinques e ele pediu uma segunda rodada. Em seguida, passaram para o refeitório e jantaram. Depois do jantar, rodaram por Southsea um pouco e então, como Penelope teria que estar nos alojamentos às dez e meia, ele a levou para lá.

— Muito obrigada — disse Penelope.

Entretanto, as palavras formais não chegaram a expressar a gratidão que sentia, não apenas pela noitada juntos, mas por ele ter aparecido quando mais precisava, por agora possuir um amigo e não ter mais de sentir-se solitária.

— Você está livre no sábado? — perguntou ele.

— Sim.

— Tenho entradas para um concerto. Gostaria de ir?

— Oh... — Ela podia sentir o sorriso, incontido, espalhando-se por seu rosto. — Eu adoraria!

— Então, virei apanhá-la. Por volta das sete. E, Penelope... lembre-se de pegar um passe para chegar tarde.

O concerto foi em Southsea. Arme Zeigler e Webster Booth, cantando canções como "Somente uma rosa" e "Se você fosse a única garota no mundo".

Haja o que houver, sempre recordarei.

A encosta ensolarada da montanha...

Ambrose segurou sua mão. Naquela noite, quando a levou de volta, Ambrose parou o carro um pouco antes dos alojamentos, em uma ruazinha sossegada, e então a tomou nos braços, com casaco cheirando a naftalina e tudo. Beijou-a. Penelope nunca havia sido beijada por um homem, teria que aprender, mas dentro em pouco encontrou o jeito e não achou aquilo desagradável, de maneira alguma. De fato, a proximidade dele, sua pura masculinidade, o cheiro refrescante da pele despertaram dentro dela uma reação física que foi uma experiência inteiramente nova. Um despertar, lá muito no fundo. Uma dor que não era uma dor.

— Penelope, querida, você é a criatura mais deliciosa do mundo!

Entretanto, por sobre o ombro dele, Penelope divisou o relógio no painel do carro. Dez e vinte e cinco. Soltou-se dos braços dele com relutância, erguendo a mão automaticamente para compor o cabelo em desordem.

— Tenho que ir — disse. — Não posso chegar atrasada.

Ele suspirou, também a largando com relutância.

— Maldito relógio! Maldito horário!

— Sinto muito.

— Você não tem culpa. Apenas, teremos que fazer outro tipo de planos.

— Que tipo de planos?

— Vou ter uma curta folga de fim de semana. E você? Poderia arranjar uma também?

— Neste fim de semana?

— Exatamente.

— Posso tentar.

— Podíamos ir até a cidade. Assistir a um espetáculo. Passar a noite fora.

— Oh, que idéia maravilhosa! Ainda não tive nenhuma folga. Tenho quase certeza de conseguir uma.

— A única coisa é... — Ele pareceu preocupado. — Minha mãe alugou seu apartamento para um sujeito enfadonho do Exército, de modo que não podemos ficar lá. Acho que eu poderia ir para meu clube, mas...

Era formidável poder resolver os problemas dele.

— Iremos para minha casa.

— Sua casa?

Penelope começou a rir.

— Não a minha casa em Porthkerris, seu tolo! Estou falando de minha casa em Londres.

— Você tem uma casa em Londres?

— Tenho. Na Rua Oakley. Não há qualquer dificuldade. Tenho uma chave e tudo.

Sim, não haveria qualquer dificuldade.

— A casa é sua?

Ela continuava rindo.

— Não propriamente minha. É de papai.

— E eles não se incomodarão? Seus pais, quero dizer.

— Incomodar-se? Ora, por que se incomodariam?

Ele pensou em dizer-lhe por que, mas decidiu calar-se. Mãe francesa e pai artista... Boêmios. Ambrose jamais conhecera boêmios, mas começava a perceber que agora encontrara uma.

— Tem razão — assegurou, apressadamente, mal podendo acreditar em sua boa sorte.

— Bem, você parecia tão surpreso...

— Talvez tivesse ficado — admitiu ele, mas então sorriu, da maneira mais sedutora que pôde. — Enfim, talvez deva parar de ficar surpreendido com você. Talvez devesse aceitar o fato de que nada feito por você me surpreenderia.

— E uma boa coisa?

— Não pode ser ruim.

Ambrose então a levou para os alojamentos, deu-lhe um beijo de despedida, e ela entrou. Estava tão bestificada e incapaz, que esqueceu de assinar o livro e foi chamada à ordem pela Wren de plantão, em irascível estado de ânimo, porque o jovem marinheiro por quem se enrabichara tinha levado outra garota ao cinema.

Penelope conseguiu a folga, e Ambrose fez seus planos. Um amigo, tenente da Reserva de Voluntários da Marinha Real, possuidor de invejáveis ligações no mundo teatral, conseguira garantir duas entradas para The Dancing Years, no Teatro de Drury Lane. Ele conseguiu também um pouco de gasolina com um amigo, e outro colega ingênuo emprestou-lhe cinco libras. O meio-dia do sábado seguinte encontrou-o passando com seu carro pelos portões do alojamento das Wren, até parar diante da entrada. em exibicionista manobra com cascalhos voando. Para uma Wren que passava, ele pediu que fosse boazinha e encontrasse a Wren Stern, dando-lhe o recado de que o Subtenente Keeling já chegara e a esperava. Os olhos dela arregalaram -se um pouco diante do elegante carrinho e seu atraente ocupante, mas Ambrose estava acostumado a ser admirado, de maneira que achou não ser mais do que obrigação dela sua visível inveja e admiração.

"Nada feito por você me surpreenderia", havia dito garrulamente a Penelope, mas quando ela por fim apareceu, teve que ficar espantado, pois a viu de uniforme, carregando o velho casaco de pele e uma sacola de couro pendurada ao ombro. Nada mais do que isso.

— Onde está sua bagagem? — perguntou quando ela entrou no carro, enovelando o casaco no espaço entre os pés.

— Aqui — respondeu Penelope, erguendo a sacola.

— Sua bagagem é isso? Bem, nós vamos ficar fora o fim de semana. Iremos ao teatro. Não pretende usar seu vistoso uniforme o tempo todo, pretende?

— É claro que não, mas acontece que estou indo para casa. Há roupas lá. Encontrarei alguma coisa para vestir.

Ambrose pensou em sua mãe, que gostava de comprar um traje para cada ocasião, depois levando duas horas preparando-se.

— E quanto a uma escova de dentes?

— Minha escova de dentes e a de cabelos estão na sacola. É todo de que preciso. Muito bem, vamos para Londres ou não?

Era um belo dia ensolarado; um dia para escapar e aproveitar, para passar o fim de semana com uma pessoa de quem se gostasse realmente. Ambrose ganhou a estrada que ia para Portsdoum Hill e, no alto, Penelope olhou para Portsmouth, dando-lhe adeus alegremente. Passaram por Purbrook, cruzaram a

região de Doums até Petersfield e, ali, decidiram que estavam com fome, pararam e entraram em um pub. Ambrose pediu cerveja e uma solícita mulher preparou-lhes sanduíches, guarnecidos com um pouquinho de couve-flor muito tenra e amarela, tirado de um pote de picles.

Prosseguiram depois de alimentados, cruzando Haslemere, Farnham e Guildford. Entraram em Londres por Hammersmith, desceram King's Road e chegaram à Rua Oakley, beatificamente familiar, com a Ponte Alberto em uma das extremidades, as gaivotas, o cheiro salitrado e lamacento do rio, o som dos apitos dos barcos.

— É aqui.

Ele estacionou o M. G., desligou o motor e ficou espiando, com certo respeito, para a alta fachada da casa, dignificada em sua situação um pouco acima da rua.

— É esta a casa?

— É. Sei que os gradis precisam de pintura, mas não tivemos tempo. Naturalmente, é enorme para nós, mas não ocupamos por completo. Venha, eu lhe mostro.

Apanhando a sacola e o casaco ela o ajudou a baixar a capota do carro para o caso de chover. Feito isto ele pegou a mochila e ficou espiando, cheio de grata antecipação à espera de que Penelope subisse os impressivos degraus marginados de pilares até a grande porta principal, tirasse uma chave da sacola e a desse para ele. Sentiu-se ligeiramente decepcionado quando, em vez disto, ela correu para a área da escada que conduzia ao porão. Ambrose a seguiu, fechando o portão atrás deles, e viu que não era uma área deprimente, mas bastante agradável, com paredes brancas, uma lata de lixo vermelho-vivo e inúmeros vasos de cerâmica que, sem dúvida no verão borbulhariam de gerânios, madressilvas e pelargônios.

A porta tinha a mesma cor da lata de lixo. Ele esperou, enquanto Penelope a abria. Então, seguiu-a cautelosamente ao interior e viu-se em uma clara e arejada cozinha, diferente de qualquer outra já vista. Não que tivesse visto muitas. Sua mãe jamais ia à cozinha, exceto para dizer a Lily, a cozinheira e faz-tudo na casa, quantas pessoas viriam almoçar no dia seguinte. Como ela nunca passara tempo algum em sua cozinha e, certamente, tampouco trabalhara lá, a decoração de tal aposento não lhe exigia cuidados. Ambrose o recordava como um lugar inconveniente e nada acolhedor, tomado pela penumbra, com paredes pintadas de verde-garrafa, impregnado do cheiro de madeira molhada, desprendido do escorredor de pratos. Quando não estava carregando carvão, preparando refeições, espanando móveis ou servindo à mesa, Lily ocupava um quarto ao lado da cozinha, mobiliado com uma cama de armação de ferro e uma

cômoda envernizada de amarelo. Ela precisava pendurar suas roupas em um cabide preso atrás da porta e, se quisesse tomar um banho, antes de envergar seu melhor uniforme de tecido preto, com avental de musselina, tinha que ser no meio da tarde, quando ninguém mais precisava do banheiro. Iniciada a guerra, Lily estarrecera a Sra. Keeling, trocando seu posto de cozinheira pelo emprego em uma fábrica de munições. A Sra. Keeling não encontrou quem quisesse substituí-la, e a deserção de Lily havia sido um dos motivos que a tinham desiludido, forçando-a a retirar-se para o insípido e remoto Devon, onde permaneceria durante a guerra.

Esta cozinha, no entanto... Ambrose largou sua mochila e olhou em volta. Viu a comprida mesa, de tampo bem esfregado, a variedade de cadeiras em estilos diferentes, o aparador de pinho, carregado de pratos, canecas e tigelas em cerâmica pintada. Panelas de cobre, lindamente ordenadas por tamanho, pendiam de uma viga acima da estufa, juntamente com raminhos de ervas e flores secas do jardim. Havia uma poltrona de vime, uma cintilante geladeira branca e uma funda pia de porcelana branca abaixo da janela, de tal maneira, que qualquer pessoa impelida a lavar pratos e panelas, ao mesmo tempo divertia-se vendo os pés dos transeuntes passando pela calçada da rua. O chão era lajeado, tendo espalhados sobre ele vários tapetinhos de junco entretecido, e o cheiro era de alho e ervas, como em alguma épicerie rural francesa.

Ele mal podia acreditar em seus olhos.

— Esta é a sua cozinha?

— É o nosso aposento para-tudo. Moramos aqui embaixo.

Ambrose então percebeu que o porão tomava todo o comprimento da casa, de um extremo a outro, com portas-janelas dando para um jardim verde jante. Não obstante, era dividido em dois apartamentos distintos, através de uma ampla e encurvada passagem em arco, da qual pendiam pesados cortinados, em um padrão que ele não reconheceu como obra de William Morris.

— Naturalmente — prosseguiu Penelope, deixando o casaco e a sacola em cima da mesa da cozinha —, quando a casa foi construída, todo este espaço era apenas uma enfiada de despensas e quartos de depósito, que papai derrrubou e fez o que chamamos de sala do jardim. Só que a usamos como sala de estar. Venha ver.

Ambrose tirou o quepe e a seguiu. Passando por sob o arco, viu a lareira aberta, montada com vivos ladrilhos italianos, o piano de armário, o gramofone antiquado. Grandes e muito usados sofás e poltronas espalhavam-se por ali, frouxamente cobertos por uma variedade de cretones desbotados ou xales de seda, guarnecidos com belas almofadas em tapeçaria. As paredes eram brancas, servindo de pano de fundo para livros, enfeites, fotografias... recordações de

anos a fio, pensou ele. O espaço que sobrava era preenchido por quadros, em cores tão vibrantes e ensolaradas, que Ambrose quase podia sentir o calor escapando daqueles terraços lajeados, daqueles jardins efervescentes, em negros sombreados.

— São telas de seu pai?

— Não. Temos apenas três telas dele, mas estão na Cornualha. Papai tem artrite nas mãos, compreenda. Há anos deixou de trabalhar. Estas aí foram pintadas por seu grande amigo Charles Rainier. Os dois trabalharam juntos em Paris, antes da última guerra, e ficaram muito amigos. Os Rainier moram na casa mais maravilhosa que se possa imaginar. Fica bem no sul da França. Muitas vezes passamos temporadas com eles... íamos no carro... veja aqui tirando uma foto da prateleira. Penelope a passou para ele, a fim de que a examinasse. — Lá estamos nós, a caminho...

Ambrose viu o pequeno e costumeiro grupo familiar, certamente fazendo pose para a foto. Penelope de rabo-de-cavalo, com um reduzido vestidinho de algodão. Ela e seus pais, foi o que imaginou, juntamente com alguma amiga da família. Entretanto, o que mais lhe chamou a atenção foi o carro.

— Um antigo Bentley, de quatro litros e meio! — exclamou Ambrose, sem conseguir ocultar a reverência da voz.

— Isso mesmo. Papai o adora. Exatamente como o Sr. Toad, em O vento nos salgueiros. Quando está dirigindo, ele tira seu chapéu preto e coloca um capacete de couro para motorista, recusando-se a levantar a capota. Se chove, ficamos todos encharcados.

— Vocês ainda têm o carro?

— É claro que temos. Papai nunca se desfaria dele.

Ela tomou a colocar a foto no lugar. Instintivamente, os olhos de Ambrose retomaram às telas encantadas de Charles Rainier. Não conseguia pensar em nada mais glamoroso do que passear descuidadamente pelo sul da França, na época de antes da guerra, dirigindo um Bentley de 4 1/2 litros, que rumava para um mundo ensolarado, perfumado com resina de pinheiros, refeições ao ar livre e a delícia de nadar no Mediterrâneo. Pensou em vinho, bebido sob uma treliça de parreiras. Em demoradas e preguiçosas sestas, atrás de persianas descidas para refrescar o ambiente. Pensou em amor no entardecer, em beijos doces como uvas.

— Ambrose!

Despertado do devaneio, Ambrose olhou para ela. Penelope lhe sorriu com inocência, tirou o casquete do uniforme, jogou-o em uma poltrona e, ainda perdido e envolvido por sua própria fantasia, ele a imaginou tirando também todo o resto — e então poderia fazer amor com ela, ali e naquele momento, em

um daqueles grandes e convidativos sofás.

Deu um passo para ela, mas já era tarde, pois Penelope se tinha virado e começava a puxar o ferrolho das portas-janelas. O feitiço se rompera. O ar frio penetrou o aposento, e ele suspirou, seguindo-a obedientemente para o friorento dia londrino, a fim de lhe ser mostrado o jardim.

— Você precisa ver... é enorme, porque há muitos e muitos anos, as pessoas que moravam na casa ao lado venderam sua parte de jardim a papai. Agora, sinto pena de quem mora lá. Ficaram apenas com um patiozinho horrível. O muro do fundo do jardim é muito antigo, creio que seja Tudor; imagino que um dia possa ter sido algum pomar da realeza, um jardim aprazível ou coisa assim.

Era realmente um enorme jardim, com relva, sebes, canteiros e uma pérgula bamba.

— O que é o galpão? — perguntou ele.

— Não é um galpão. Ali fica o estúdio de Londres de meu pai. Infelizmente, não posso mostrá-lo a você, porque não tenho a chave. Enfim, está apenas cheio de telas e tintas, de móveis de jardim e camas de armar. Papai é um terrível guardador de coisas. Aliás, todos nós somos. Nenhum de nós joga coisas fora. Sempre que vem a Londres, papai diz que vai fazer uma faxina em seu estúdio, mas fica só na promessa. Acho que é uma espécie de nostalgia. Ou então, preguiça pura. — Ela tiritou. — Está frio aqui fora, não? Vamos entrar e então lhe mostrarei o resto.

Calado, ele a seguiu. Sua expressão de polido interesse não denotava o torvelinho que lhe ia na mente, a qual trabalhava a todo vapor, como uma máquina de calcular, computando bens. Porque, apesar da surrada penúria e do inconvencional arranjo daquela antiga casa londrina, ele ficara profundamente impressionado por seu tamanho e grandeza, tendo decidido que era infinitamente preferível ao perfeito e elegante apartamento de sua mãe.

Ao mesmo tempo, Ambrose refletia nos fiapos de informação que Penelope deixara escapar, despreocupadamente, como se não tivessem importância, sobre sua família e o estilo de vida que levavam, maravilhosamente romântico e boêmio. Em comparação, o dele parecia francamente insípido e estereotipado. Criado em Londres, com férias anuais em Torquay ou Frinton, escola, depois a Marinha. Esta aliás, até agora fora simplesmente um prolongamento da escola, com um pouco de treinamento de vez em quando. Ainda não estivera no mar e nem estaria, enquanto não concluísse os cursos Penelope, no entanto, era cosmopolita. Vivera em Paris; sua família não possuía apenas esta casa de Londres, mas ainda outra na Cornualha. Ambrose pensou na casa da Cornualha. Ultimamente, lera Rebeca, de Daphne du Maurier, e

imaginava a tal casa como algum Manderley; algo vagamente elizabetano, talvez, com uma alameda de entrada medindo um quilômetro e meio, marginada de hortências. O pai dela era um artista famoso, a mãe era francesa. Quanto a ela, parecia achar a coisa mais natural ir ficar com amigos no sul da França, viajando em um Bentley de 4 1/2 litros. O Bentley de 4 1/2 litros o enchia de inveja, como nada mais o faria. Sempre sonhara com um carro assim, um símbolo de status que faria as cabeças se virarem, que proclamava opulência e masculinidade, sendo lançado apenas um toque de excentricidade, para intensificar o sabor.

Agora, refletindo em tudo aquilo e ansioso por saber mais, Ambrose foi atrás dela, cruzou o porão, subiu por uma escada apertada e escura. Através de outra porta, chegaram ao saguão principal da casa, espaçoso e elegante, com uma bela parte envidraçada acima da porta, em forma de leque, por onde penetrava a claridade. Uma ampla escadaria, de degraus baixos, encurvava-se para o andar de cima. Atordoado por tal inesperada grandeza, ele olhou em volta.

— Acho que está tudo muito deteriorado — admitiu ela, como que se desculpando. Na opinião de Ambrose, ali nada havia de deteriorado. — E aquela horrível, enorme mancha desbotada no papel de parede é onde costumava ficar "Os catadores de conchas". É a tela favorita de papai. Como não queria que fosse bombardeada, eu e Sophie a embalamos e a levamos para a Cornualha. Sem ela, a casa não parece mais a mesma.

Ambrose caminhou para a escada, ansioso por subir e ver mais.

— Só iremos até aqui — disse Penelope. Abriu uma porta. — Este é o quarto de meus pais. Acho que devia ter sido uma sala de refeições, e dá para o jardim. Aqui fica o meu, dando para a rua. E o banheiro. Aqui é onde minha mãe guarda seu aspirador de pó. Nada mais.

A viagem de inspeção terminara. Ambrose voltou para o pé da escada e ficou lá parado, espiando para o alto.

— Quem mora no resto da casa?

— Um bocado de gente. Os Hardcastle, em seguida os Clifford e os Friedmarm, no sótão.

— Inquilinos — disse Ambrose.

A palavra ficou engasgada em sua garganta, por ser uma que sua mãe sempre proferira com o maior desdém.

— Sim, suponho que sejam. É formidável. É como termos amigos por perto, o tempo todo. Aliás, isso me lembra uma coisa. Devo ir contar a Elizabeth Clifford que estamos aqui. Tentei ligar para ela, mas o número estava ocupado e acabei esquecendo de ligar novamente.

— Vai contar a ela que também estou aqui?

— Naturalmente que sim. Vem comigo? Ela é um amor de pessoa. Você vai adorá-la.

— Não. Prefiro não ir.

— Então, por que não volta à cozinha e põe uma chaleira no fogo? Poderemos tomar uma xícara de chá ou outra coisa. Verei se consigo um pedaço de bolo ou qualquer coisa com Elizabeth. Depois do chá, daremos uma saída para comprar ovos, pão... Caso contrário, nada teremos para comer no desjejum.

Penelope parecia uma garotinha, brincando de dona-de-casa.

— Tudo bem.

— Não me demoro.

Ela o deixou e correu escada acima com suas pernas longas. Ambrose ficou parado no saguão, vendo-a subir. Mordeu o lábio. Em geral tão seguro de si, agora experimentava aquela incerteza nada familiar, a incômoda suspeita de que, vindo ali, à casa de Penélope, de algum modo perdera o controle da situação. Era perturbador, porque nada semelhante já lhe acontecera na vida. Havia ainda a horrenda premonição de que a singular mescla de ingenuidade e sofisticação de Penelope bem poderia ter sobre ele o mesmo efeito tremendamente forte do martini seco, que o deixava de pernas bambas e incapaz.

O grande fogão da cozinha estava apagado, porém havia uma chaleira elétrica que ele encheu de água e ligou à tomada. A obscuridade da tarde de fevereiro adensara-se, e o enorme aposento penumbroso esfriara, mas a lareira da sala de estar fora preparada com gravetos e papel. Ele a acendeu com seu isqueiro, observou os gravetos pegarem fogo e então acrescentou um pouco de carvão tirado de um balde de cobre, mais um ou dois troncos. Quando Penélope desceu a escada às carreiras, o fogo já queimava bem, e a chaleira cantava.

— Oh, que homem esperto! Você acendeu a lareira! Isto sempre deixa tudo mais agradável. Não havia bolo algum, mas consegui um pouco de pão e margarina. Oh, está faltando uma coisa...- Ela franziu a testa, procurando adivinhar o que seria, então descobriu. — O relógio! Claro, está sem corda! Dê corda no relógio, Ambrose. Ele faz um tique-taque muito reconfortante.

Era um relógio antigo, no alto da parede. Ambrose puxou uma cadeira, trepou nela, abriu o vidro do relógio, acertou os ponteiros e deu corda, com a enorme chave. Enquanto se ocupava nisto, Penelope abria armários, tirava xícaras e pires, encontrava um bule de chá.

— Esteve com sua amiga? — perguntou ele, descendo da cadeira.

— Não, ela não estava, mas fui até o sótão e estive com Lalla Friedmarm. Fiquei muito contente em vê-la, porque andava um pouco preocupada com eles. São refugiados, um casal judeu jovem, de Munique. Passaram coisas terríveis. Da última vez que vi Willi, pensei que ele fosse ter um colapso nervoso. —

Penelope pensou em contar a Ambrose que se juntara às Wrens por causa de Willi, mas depois decidiu o contrário. Não tinha certeza de que ele entenderia. — Enfim, ela agora está bem melhor, conseguiu um novo emprego e vai ter um bebê. É uma pessoa maravilhosa. Dá aulas de música; portanto, deve ser incrivelmente inteligente. Importa-se em tomar seu chá sem leite?

Depois do chá, caminharam até King's Road, encontraram uma mercearia, fizeram algumas compras e voltaram à Rua Oakley. Era quase noite fechada, de modo que fecharam bem todas as cortinas para black-out e ela arrumou as camas com lençóis limpos, enquanto ele permanecia sentado, vendo-a ocupar-se naquilo.

— Você pode dormir em meu quarto. Eu dormirei na cama de meus pais. Gostaria de tomar um banho, antes de trocar de roupa? Sempre há bastante água quente. Ou quer um drinque?

Ambrose aceitou as duas coisas. Tornaram a descer para o porão, ela abriu um aparador e de lá tirou uma garrafa de Gordon's, uma de Dewar's e uma outra sem rótulo, contendo algo estranho que cheirava a amêndoas.

— De quem é tudo isto? — perguntou ele.

— De papai.

— Ele não se incomodará se eu beber?

Penelope olhou para ele com perplexidade.

— Ora, mas é para isso que estão aí! Para os amigos.

Aquele era um novo terreno, mais uma vez. Sua mãe servia sherry em copinhos, mas se ele quisesse gim, tinha que providenciá-lo. Agora, evitou quaisquer comentários, limitando-se a despejar para si mesmo uma generosa dose de uísque. Levando o copo na mão e sua mochila na outra, subiu a escada e foi para o quarto que Penelope lhe destinara. Era estranho, tirar as roupas naquele ambiente feminino e desconhecido. Enquanto se despia, examinou ligeiramente os arredores, como um gato pondo-se à vontade: olhou para fotos, sentou na cama, examinou os títulos dos livros na estante. Esperava encontrar Georgette Heyer e Ethel M. Dell, mas o que viu foi Virginia Woolf e Rebecca West. Não apenas uma boêmia, mas também intelectual... Isto o deixou sentindo-se sofisticado. Usando seu robe Noel Coward e carregando toalha de banho, os apetrechos para se barbear e o copo de uísque, atravessou o saguão. No banheiro entulhado, fez a barba, depois encheu a banheira e ensaboou-se um pouco. A banheira era curta para suas pernas muito compridas, porém a água estava fervendo. De volta ao quarto, tornou a vestir-se, acrescentando ao uniforme uma camisa engomada, uma gravata negra de cetim, de Gieves, e suas melhores botas Wellington de meio cano, dando-lhes brilho com um lenço. Escovou o cabelo, virou a cabeça de um lado e de outro para admirar seu perfil e então, satisfeito,

recolheu o copo vazio, tornando a descer a escada.

Penelope desaparecera, talvez para encontrar algo que vestir no guarda-roupa da mãe. Ambrose esperava que ela não o envergonhasse. À claridade da lareira, a sala de estar parecia satisfatoriamente romântica. Serviu-se de outro uísque e examinou as pilhas de disco para vitrola. A maioria era de música clássica, mas encontrou Cole Porter, imprensado entre Beethoven e Mahler. Colocou o disco na vitrola antiquada e deu corda.

Você é o máximo,
Você é o Coliseu,
Você é o máximo,
Você é o Museu do Louvre...

Ambrose começou a dançar, de olhos semicerrados, enlaçando uma parceira imaginária. Depois do cinema e de jantarem em algum lugar, talvez fossem a um clube noturno. O Embassy ou o Bag of nails. Se seu dinheiro não desse, provavelmente aceitariam um cheque. Com um pouco de sorte, ainda haveria fundos no banco.

— Ambrose.

Não a vira chegar. Levemente embaraçado por ser surpreendido em sua ligeira pantomima, virou-se para ela. Penelope caminhou para ele, incerta sobre a própria aparência, esperando algum comentário, ansiosa em ser aprovada. Ambrose, contudo, naquele momento estava sem fala porque, à luz suave da lâmpada e da lareira, ela estava linda. O vestido que finalmente desencavara devia ter estado em moda cinco anos antes. Era de chiffon creme. Salpicado de flores purpúreas e escarlates. A saia rodada ajustava-se bem à cintura e aos quadris esguios, para então desdobrar-se em gomos. O corpete tinha pequeninos botões na frente, havendo uma espécie de pelerine curta, em camadas, esvoaçando a cada movimento, semelhante a asas de borboleta. Ela havia penteado os cabelos para cima, revelando a alongada e perfeita linha do pescoço e ombros, assim como um notável par de brincos, pendentes, em prata e coral. Também aplicara um pouco de batom coral e cheirava deliciosamente.

— Seu perfume é estonteante — disse ele.

— Chanel Número 5. Encontrei um pouquinho, no fundo de um frasco. Achei que poderia estar um tanto rançoso...

— Nem pense nisto!

— Acha que... estou bem? Experimentei uns seis vestidos, mas achei que este era o melhor. É terrivelmente antigo e fica um pouco curto, porque sou mais alta do que Sophie, mas...

Ambrose largou a bebida e estendeu a mão.

— Venha cá.

Ela foi, colocou a mão na dele. Ele a tomou nos braços e a beijou muito delicada e ternamente, não querendo que nada prejudicasse o elegante penteado dela ou sua modesta maquilagem. O batom tinha um sabor adocicado. Ambrose recuou ligeiramente e sorriu para aqueles olhos cálidos e escuros.

— Eu quase desejaria que não tivéssemos de sair — disse.

— Nós voltaremos — respondeu ela, e o coração dele saltou de esperança.

O filme The Dancing Years foi muito romântico, triste e totalmente irreal. Havia uma porção de camponesas e camponeses em trajes do Tirol. As canções eram lindas, os personagens apaixonavam-se uns pelos outros e depois renunciavam corajosamente a seu amor, afastando-se para sempre. Em cinqüenta por cento das vezes, as músicas eram valsas. Terminado o filme, eles saíram para a rua escura como breu, rodaram por Piccadilly e foram jantar no Quaglino's. Uma banda tocava e casais dançavam na pista minúscula, todos os homens uniformizados, assim como boa parte das moças.

Bum! Bum!

Porque meu coração faz bum!

Eu e meu coração fazemos bum-parati-bum.

O tempo inteiro!

Entre os pratos, Ambrose e Penelope também dançaram, porém não foi realmente uma dança, já que o espaço mal permitia ao casal ficar em pé no mesmo lugar, transferindo o peso do corpo de um dos pés para o outro. Entretanto, estava ótimo, porque se enlaçavam, os rostos se tocavam e, de vez em quando, Ambrose a beijava no ouvido, murmurando algo ousado.

Eram quase duas da madrugada quando retomaram à Rua Oakley. De mãos dadas, contendo o riso, tatearam o caminho por entre a compacta escuridão, através do portão de ferro forjado e depois descendo os altos degraus de pedra.

— Quem se preocupa com bombas? — disse Ambrose. -Podemos morrer do mesmo jeito, dando cabeçadas por aí, nesta escuridão!

Penelope desligou-se dele, encontrou a chave, a fechadura, e finalmente conseguiu abrir a porta. Ambrose passou por ela, penetrando a morna e aveludada escuridão. Ouviu-a fechar a porta atrás deles, e então, quando ficou seguro para fazê-lo, ela acendeu a luz.

O silêncio era profundo. Acima deles, os outros ocupantes da casa dormiam profundamente. Apenas o tique-taque do relógio perturbava a quietude, ou o passar de um carro, na rua lá fora. O fogo que ele acendera estava quase apagado, mas Penelope foi até o outro extremo do aposento, a fim de atiçar as brasas e acender um abajur. Além da arcada, a sala de estar foi inundada de luz, como um palco preparado, após o pano ter acabado de subir. Primeiro ato. Primeira cena. Faltavam apenas os atores.

Ambrose não foi imediatamente ao encontro dela, sentia-se agradavelmente ébrio, mas chegara ao ponto em que se sabia necessitado de outro drinque. Foi até a garrafa de uísque e serviu-se de uma dose, enchendo o copo com soda do sifão. Em seguida, apagando a luz da cozinha, passou ante a claridade crepitante da lareira e rumou para o enorme sofá almofadado e a jovem que tinha desejado a noite inteira.

Ela se ajoelhara diante da lareira, perto do calor do fogo. Havia tirado os sapatos. Quando o sentiu chegar, virou a cabeça e sorriu. Era tarde, devia estar cansada, porém os olhos escuros cintilavam, o rosto parecia iluminado.

— Por que o fogo é uma espécie de companhia? — falou. — É como ter-se outra pessoa ao lado.

— Fico feliz pelo contrário. Falo da outra pessoa, claro.

— Ela estava relaxada, tranqüila.

— Foi uma noite ótima. Muito divertida.

— Ainda não terminou.

— Ambrose sentou-se em uma ampla poltrona baixa. Largou o copo e disse:

— Seu cabelo está todo errado.

— Por que está errado?

— Está arrumado demais para amar.

Ela riu, depois ergueu as mãos e começou lentamente a desfazer o elegante coque. Ele a contemplou em silêncio, observando o clássico gesto feminino de erguer os braços, a diáfana pelerine do vestido caindo contra o pescoço esguio, como um pequeno cachecol. Removido o último grampo, ela sacudiu a cabeça, e a comprida massa de cabelos escuros, como um apanhado de fios de seda, caiu sobre seus ombros.

— Agora sou eu outra vez — disse.

Da cozinha, o velho relógio bateu duas suaves e sonoras badaladas.

— Duas da madrugada — disse Penelope.

— Uma boa hora. A hora certa.

Ela tornou a rir, como se qualquer coisa que ele dissesse só lhe pudesse dar alegria. Estava muito quente, perto do fogo alto da lareira. Ambrose deixou o copo em uma mesinha e tirou a túnica. Depois puxou o nó da gravata e o deixou frouxo, desabotoando o colarinho apertado da camisa engomada. Levantando-se, ficou em pé junto dela e a ajudou a levantar-se. Beijou-a, enterrando o rosto na profusão limpa e perfumada da cabeleira escura, as mãos tateando, por baixo da seda fina do vestido, a esbeltez do corpo jovem, as costelas, as batidas firmes do coração. Ergueu-a nos braços — para uma moça tão alta, ela era singularmente leve — e a depositou no sofá. Ela continuava rindo, jazendo ali com aqueles

cabelos mágicos espalhados inteiramente sobre as almofadas surradas. O coração dele agora batia como um tambor, cada nervo de seu corpo gritando pela necessidade dela. Por vezes, durante seu curto relacionamento com ela, Ambrose se vira questionando se Penelope seria ou não virgem, porém agora não queria mais saber, isso deixara de importar. Sentado ao lado dela, começou, muito delicadamente, a desabotoar os pequeninos botões da frente do vestido. Ela ficou quieta, complacente, não tentando detê-lo, e quando ele começou a beijá-la novamente, sua boca, seu pescoço, seus seios macios e arredondados, sua resposta, tudo foi cheio de doçura e aceitação.

— Você é tão bonita...

Após ter dito isto, Ambrose percebeu, com certa surpresa, que havia falado instintivamente, as palavras brotando do coração.

— Você também é bonito — respondeu Penelope.

Passou os braços fortes e jovens à volta do pescoço dele, puxando-o para baixo. Tinha a boca aberta e pronta para ele. Ambrose então soube que toda ela estava, simplesmente, à sua espera.

A lareira chamejava, aquecendo-os, iluminando seu amor. No fundo do subconsciente dele surgiram lembranças despertas, lembranças de um quarto de criança à noite, as cortinas cerradas — imagens da infância há muito perdidas. Nada que prejudicasse, nada que perturbasse. Segurança. E também este mesmo senso fugidio de exultação. Entretanto, em algum ponto à beira desta exultação, havia ainda uma vozinha de senso comum.

— Querida...

— Sim? — Um sussurro. — Sim?

— Você está bem?

— Se estou bem? Oh, sim muito bem!

— Eu a amo.

— Oh! — Não mais que um exalar. — Meu amor...

Em meados de abril, com certa surpresa para Penelope, que não tinha a menor prática em tais assuntos, ela foi informada pelas autoridades de que tinha direito a uma semana de folga. Em vista disto, apresentou-se no gabinete da Suboficial de Regulamentos, formando fila com uma infinidade de outras Wrens. Chegada a sua vez, solicitou um passe ferroviário para Porthkerris.

A suboficial era uma alegre senhora da Irlanda do Norte. Tinha rosto sardento e ruivos cabelos anelados, parecendo muito interessada ao ouvir Penelope dizer sua destinação.

— Isso fica na Cornualha, não, Stern?

— Fica.

— É lá que você mora?

— É.

— Garota de sorte!

Ela entregou o passe, Penelope agradeceu e saiu dali, aferrada ao seu bilhete para a liberdade.

A viagem de trem foi interminável. De Portsmouth a Bath. De Bath a Bristol. De Bristol a Exeter. Em Exeter, teve que esperar uma hora e então embarcar no vagaroso trem parador que a levaria à Cornualha. Não se importou. No trem imundo, ficou sentada em um banco junto à janela, espiando através da vidraça suja de fuligem. Chegaram a Dawlish, onde teve sua primeira visão de relance do mar; somente o Canal Inglês{10} mas, ainda assim, melhor do que nada. Plymouth e a Ponte Saltash, mais o que parecia metade da Marinha Britânica ancorada no estreito. Em seguida, a Cornualha e todas as pequenas estações de parada, com seus nomes românticos e religiosos. Após Redruth, ela deixou a vidraça da janela descer em sua correia de couro e debruçou-se para fora, não querendo perder o primeiro vislumbre do Atlântico, as dunas e as ondas se quebrando na distância. Então, o trem rodou pelo Viaduto Hayle, e ela avistou o estuário, inchado com as águas da maré alta. Tirou sua bagagem do depósito acima do banco e ficou em pé no corredor, enquanto faziam a última curva e passavam para o entroncamento.

Eram agora oito e meia, quase noite. Abrindo a pesada porta, ela desembarcou agradecida, arrastando a mala atrás de si, com o casquete enfiado no bolso da túnica. O ar era cálido, suave e refrescante. O sol poente enviava compridos raios ao longo da plataforma e, emergindo de seu clarão, papai e Sophie foram ao encontro dela.

Era indescritivelmente maravilhoso estar em casa. A primeira coisa que ela fez foi voar ao andar de cima, arrancar o uniforme e vestir algo adequado — uma velha saia de algodão, uma blusa que sobrara do colégio e um cardigã cerzido. Nada mudara, o quarto continuava exatamente como o tinha deixado, apenas mais arrumado e reluzindo de limpeza. Quando, de pernas nuas, correu escada abaixo, foi para ir de aposento em aposento, em minuciosa inspeção, querendo certificar-se de que ali também tudo continuava exatamente como antes. Continuava.

Bem, praticamente. O retrato de Sophie, pintado por Charles Rainier, que outrora ocupava o lugar de honra acima da lareira na sala de estar, havia sido removido para posição menos importante, em seu posto original substituído por “Os catadores de conchas”, que finalmente chegara de Londres, após inúmeros e inevitáveis atrasos. Era grande demais para a sala e ali não havia claridade suficiente para fazer justiça à intensidade de seu colorido mas, ainda assim, continuava muitíssimo atraente.

Também os Potter tinham mudado — para melhor. Doris perdera as curvas rechonchudas e ficara bastante esbelta. Deixara de oxigenar os cabelos, que agora mostravam metade oxigenada e metade castanho-ruça, incrivelmente semelhante ao pêlo sarapintado de um pônei. Ronald e Clark haviam crescido e perdiam a magreza, a palidez de meninos criados na cidade. Seus cabelos também estavam grandes, e sua fala cockney[11] agora apresentava subtons do puro linguajar da Cornualha. Os patos e as galinhas haviam duplicado. Uma velha galinha ficara choca e, sem que ninguém percebesse, havia chocado uma bela ninhada em um carrinho de mão, quebrado e esquecido na espessura de um maciço de amoreiras silvestres. Penelope queria apenas absorver tudo que acontecera desde aquele dia — que agora parecia imensuravelmente distante — quando tomara o trem para Portsmouth. Lawrence e Sophie não a decepcionaram. O Coronel Trubshot estava dirigindo o PCRA (Precauções Contra Raides Aéreos) e se tornara uma inconveniência para todos. O Hotel The Sands havia sido requisitado e estava pululando de soldados. A velha Sra. Treganton — a senhora idosa e de porte nobre da cidade, além de atemorizante dama com pendentes nas orelhas — amarrara um avental à cintura e estava encarregada da Cantina Militar. Havia arame farpado na praia, e estavam sendo construídas edificações quadradas de concreto, eriçadas de armas sinistras, no correr de toda a costa. A Srta. Preedy desistira das aulas de dança e agora lecionava ginástica, em uma escola para meninas que tinham sido evacuadas de Kent. Quanto à Srta. Pawson, tropeçara em seu extintor de incêndio durante o black-out e quebrara a perna.

Quando, finalmente, eles esgotaram todas as novidades, esperaram ouvir o que a filha teria também para contar, cada detalhe de sua nova — e para ambos inimaginável — vida. Entretanto, Penelope não queria falar sobre isso. Não queria contar aos pais. Não queria nem pensar em Whale Island e Portsmouth. Nem mesmo queria pensar em Ambrose. Cedo ou tarde, naturalmente, acabaria falando. Só que não agora. Não nesta noite. Tinha uma semana pela frente. Aquilo podia esperar.

A partir do topo da colina, a terra se expunha, dormitando à ensolarada e morna tarde de primavera. Para o norte, a grande baía cintilava em azul, salpicada de douradas moedas de sol. Trevose Head estava brumosa, um seguro sinal de que o bom tempo continuaria. Para o sul, encurvava-se a outra baía, com o monte e seu castelo. No espaço intermediário, havia campos de cultivo, estradinhas marginadas de altas sebes e prados cor de esmeralda, nos quais o gado pastava por entre os afloramentos de granito. O vento era brando, perfumado de tomilho, sendo os únicos sons um latido ocasional de algum cão ou o agradável rangido de um trator distante.

Ela e Sophie haviam caminhado os oito quilômetros desde Carn Cottage. Seguiam pelos caminhos estreitos que subiam para a charneca, onde as sebes relvosas apareciam pontilhadas de prímulas silvestres, com flores-de-cuco e celidônias irrompendo das margens, em uma profusão de rosa-vivo e amarelo. Por fim, tinham chegado aos degraus que cruzavam a cerca e, depois deles, continuaram a subida pela trilha turfosa que serpenteava através de maciços de sartas e samambaias, conduzindo ao topo da montanha — aos rochedos cobertos de liquens e altos como penedos, de cima dos quais, milhares de anos antes, os homenzinhos que habitavam aquela terra antiga tinham vigiado os barcos de velas quadradas dos fenícios, entrando na baía, lá ancorando e mercadejando seus tesouros do Oriente pelo precioso estanho.

Agora, cansadas da longa caminhada, elas descansavam. Sophie, deitada de costas em uma nesga de turfa, com um braço sobre os olhos, protegendo-se do clarão do sol. Penelope sentou-se ao lado dela, os cotovelos descansando nos joelhos, o queixo na mão.

Muito alto no céu, voou acima delas um avião, mais semelhante a um pequenino brinquedo prateado. As duas olharam para cima e ficaram espiando seu trajeto.

— Não gosto de aviões — disse Sophie. — Lembram-me da guerra.

— Você nunca a esqueceu?

— Às vezes, procuro esquecer. Finjo que nunca aconteceu. É fácil fingir, em um dia como este.

Penelope estirou a mão e arrancou um tufo de relva.

— Não aconteceu grande coisa por enquanto, não acha?

— Sim.

— Acredita que irá, acontecer?

— Sem a menor dúvida.

— Você se preocupa por isso?

— Eu me preocupo por causa de seu pai. Porque ele anda preocupado. Já passou por tudo isso antes.

— Então, você...

— Não como foi com ele. Nunca como foi com ele.

Penelope jogou fora o tufo de relva e estirou a mão para arrancar outro.

— Sophie.

— O que é?

— Eu vou ter um bebê.

O som do avião morreu, absorvido pela imensidade estival do céu. Sophie espreguiçou-se, depois se sentou lentamente. Penélope virou a cabeça para encontrar os olhos da mãe, e viu naquele rosto jovem e queimado de sol uma

expressão que só poderia ser descrita como do mais profundo alívio.

— Era isto que estava querendo dizer para nós?

— Vocês sabiam?

— É claro que sim! Tão reticente, tão silenciosa... Alguma coisa devia estar errada. Por que não nos contou antes?

— Não tem nada a ver com estar envergonhada ou apreensiva. Eu apenas queria contar na hora certa. Queria ter tempo para falar a respeito.

— Estive tão preocupada! Sentia que você era infeliz, talvez lamentando o que fez ou que estivesse com algum problema.

Penelope queria rir.

— E não estou?

— Ora,é claro que não há problema algum!

— Sabe de uma coisa? Você é sempre uma surpresa para mim.

Sophie ignorou o comentário. Mostrou-se prática.

— Está certa de que espera um filho?

— Certíssima.

— Procurou um médico?

— Não preciso. Por outro lado, o único médico que posso procurar em Portsmouth é o da Marinha e eu não quis consultá-lo.

— Para quando será o bebê?

— Novembro.

— E quem é o pai?

— Um subtenente. De Whale Island. Está fazendo o Curso de Artilharia. Chama-se Ambrose Keeling.

— Onde está ele agora?

— Ainda lá. Não passou nos exames e, por causa disso, terá que fazer todo o curso novamente. Isso tem o nome de "segunda categoria”.

— Que idade ele tem?

— Vinte e um anos.

— Sabe que você está grávida?

— Não. Eu quis contar primeiro para você e papai.

— Vai contar a ele?

— É claro que vou. Quando voltar.

— O que ele dirá?

— Não faço a menor idéia.

— Isto dá a impressão de que não o conhece muito bem.

— Eu o conheço o suficiente. — Muito abaixo, no vale, um homem caminhava por um campo de cultivo com um cão em seus calcanhares, abria um portão e começava a subir a encosta, onde pastavam suas vacas leiteiras.

Penelope reclinou-se sobre os cotovelos e o ficou espiando. O homem usava uma camisa vermelha e o cão corria em círculo à volta dele. — Compreenda, você tinha razão, sobre eu estar infeliz. No começo, quando fui designada para Whale Island, não pensava que me sentiria tão infeliz. Eu era como um peixe fora d'água. Sentia saudade de casa e estava solitária. No dia em que me alistei, pensei que estava empunhando uma espada e que iria lutar, juntamente com todos os outros, porém minhas tarefas limitaram-se a servir pratos de verduras no refeitório, fechar cortinas de black-out e morar na companhia de um bando de mulheres, com as quais nada tenho em comum. E nada havia que pudesse fazer a respeito. Não tinha escapatória. Então, conheci Ambrose e, daí em diante, tudo começou a ficar melhor.

— Não imaginei que fosse tão ruim assim.

— Eu não lhe contei. De que adiantaria?

— Se tiver um bebê, será obrigada a deixar as Wrens?

— Sim, serei desligada. Provavelmente com desonra.

— Você se importaria?

— Se me importaria? Mal posso esperar para sair de lá!

— Penelope... você engravidou de propósito?

— Céus, não! Afinal, não estava desesperada a esse ponto. Não foi nada disso. Apenas, aconteceu. Sem qualquer premeditação.

— Você sabe... certamente sabe... que a gente pode tomar precauções.

— E claro, mas pensei que o homem sempre fazia isso.

— Oh, minha querida! Nunca imaginei que fosse tão ingênua! Que mãe desleixada tenho sido...

— Nunca pensei em você como mãe. Sempre a considerei uma irmã.

— Bem, então tenho sido uma irmã desleixada. — Sophie suspirou. — O que faremos agora?

— Ir para casa e contar a papai, suponho. Então, voltarei para Portsmouth e contarei a Ambrose.

— Pretende casar com ele?

— Se ele quiser, sim.

Sophie pensou a respeito. Então, disse:

— Imagino que deva sentir uma forte afeição por esse rapaz, pois do contrário, não estaria esperando um filho dele. Conheço-a bem o suficiente para saber. Entretanto, não deve casar com ele apenas por causa do bebê.

— Você casou com papai, quando eu estava a caminho.

— Sim, mas eu o amava. Sempre o amei. Não podia conceber minha vida sem ele. Casado comigo ou não, eu jamais o deixaria.

— Se eu casar com Ambrose, vocês irão ao meu casamento?

— Nada no mundo nos deixaria fora disso.

— Eu gostaria de que estivessem presentes. E então, depois...quando ele terminar seu curso em Whale Island, será enviado ao mar. Posso voltar para casa, ficar com você e papai? Ter o bebê em Carn Cottage?

— Ora, mas que pergunta! O que mais você faria?

— Suponho que poderia tornar-me uma decaída profissional porém não seria de meu gosto.

— De qualquer modo, você não daria para isso.

Penelope se sentia repleta de agradecido amor.

— Eu sabia que você reagiria assim. Seria horrível ter uma mãe como a dos outros!

— Se eu fosse como a mãe dos outros, talvez fosse uma pessoa melhor. Na verdade, não sou boa a esse ponto. Sou egoísta. Penso apenas em mim mesma. Esta guerra horrível começou, e as coisas vão ficar muito ruins, antes que tudo termine. Filhos serão mortos — e também filhas, pais e irmãos, porém penso apenas no quanto fico grata por você estar vindo para casa. Senti demais a sua falta. Enfim, agora ficaremos juntas novamente. Por pior que sejam as coisas, pelo menos estaremos juntas.

Com um drinque forte na mão, Ambrose telefonou para a mãe.

— The Coombe Hotel — respondeu uma voz de mulher, muito gentil.

— A Sra. Keeling pode atender?

— Se esperar um momento, irei chamá-la. Creio que está no saguão.

— Obrigado.

— Quem digo a ela que está ligando?

— Seu filho. Subtenente Keeling.

— Perfeitamente.

Ele esperou.

— Alô?

— Mamãe!

— Oh, querido! Que bom ouvir você! De onde está ligando?

— De Whaley. Mamãe, ouça. Tenho algo a dizer para você.

— Espero que sejam boas notícias.

— Sim, notícias esplêndidas. — Ele pigarreou. — Vou me casar.

Silêncio total.

— Mamãe?

— Sim, ainda estou ouvindo.

— Você está bem?

— Sim. Estou, é claro. Você disse que vai se casar?

— Isso mesmo. No primeiro sábado de maio. No cartório de Registros de

Chelsea. Você pode vir?

Era como se ele a convidasse para alguma festinha.

— Bem... quando? ...quem? ...Oh, céus, você me deixou nervosa!

— Não é preciso ficar nervosa. O nome dela é Penelope Stern. Tenho certeza de que simpatizará com ela — acrescentou, sem muita esperança.

— M-mas... quando foi que tudo isto aconteceu?

— Apenas aconteceu. Por isto liguei para você. Para dar-lhe a notícia imediatamente.

— E... e quem é ela?

— É uma Wren. — Ambrose tentava pensar em algo que tranqüilizasse a mãe. — Seu pai é um artista. Na Cornualha. — Silêncio novamente. — Eles têm uma casa na Rua Oakley.

Ambrose pensou em mencionar o Bentley 4 1/2 litros, porém sua mãe nunca fora grande entendida em carros.

— Querido, lamento parecer tão pouco entusiasmada, porém você é tão jovem... sua carreira...

— Há uma guerra em andamento, mamãe...

— Eu sei. Sei disso mais do que ninguém.

— Virá ao nosso casamento?

— Sim, sim, é claro... Passarei aí o fim de semana. Ficarei no The Basil Street.

— Ótimo. Então, poderá conhecê-la.

— Oh, Ambrose...

A voz dela soava absolutamente lacrimosa.

— Lamento tê-la apanhado de surpresa, mas... não se preocupe. — O telefone fez pip-pip-pip. — Você vai adorá-la — insistiu ele.

Desligou rapidamente, antes que a mãe tivesse tempo para implorar-lhe que colocasse mais moedas no telefone.

Deixada com um telefone zumbindo na mão, Dolly Keeling o restituiu lentamente ao gancho.

De trás de sua pequena secretária debaixo da escada, onde estivera simulando somar uma conta, mas de fato ouvindo cada palavra, a Sra. Musspratt ergueu os olhos e sorriu inquisitivamente, a cabeça de lado, como um pássaro de olhos vivos.

— Espero que tenham sido boas notícias, Sra. Keeling.

Dolly procurou recompor-se, jogou a cabeça ligeiramente para um lado e assumiu uma expressão de jubiloso entusiasmo.

— Foram excitantes. Meu filho vai casar!

— Oh, mas é esplêndido! Que romântico! Esses bravos jovens! Quando

será?

— O que disse?

— Quando será o feliz evento?

— Dentro de duas semanas. No primeiro sábado de maio. Em Londres.

— E quem é a jovem felizarda?

Aquela mulher estava curiosa demais. Dolly decidiu pô-la em seu devido lugar.

— Ainda não tive o prazer de conhecê-la — replicou com dignidade. — Obrigada por me ter chamado, Sra. Musspratt.

Dolly deixou a mulher entregue às suas contas e retomou ao saguão dos residentes.

Anos antes, o The Coombe Hotel havia sido residência particular, tendo o atual saguão como sala de estar. Aquele aposento possuía um alto aparador de lareira em mármore branco, circundando uma pequena grade protetora do fogo, com vários abaulados sofás e poltronas, forrados em linho branco salpicado de rosas cor-de-rosa. Algumas aquarelas também pendiam bem alto nas paredes. Uma janela de balcão fechado dava para o jardim. Este há muito deixara de ser cuidado, desde o início da guerra. A Sra. Musspratt fazia o que podia com o aparador de grama, porém o jardineiro partira para a guerra, de modo que agora os canteiros estavam tomados pelas ervas daninhas.

Oito moradores permanentes residiam naquele hotel-pensão, mas quatro haviam cerrado fileira como a elite, o núcleo da pequena comunidade. Dolly pertencia a este grupo. Os restantes eram Lady Beamish e um casal, o Coronel e a Sra. Fawcett Smythe. Juntos, costumavam jogar bridge ao anoitecer, reivindicavam as melhores cadeiras junto à lareira ou no saguão e as melhores mesas na sala de refeições, perto da janela. Os outros contentavam-se com os recantos friorentos, onde a claridade mal dava para ler, e com as mesas que ficavam no caminho para a porta da despensa. Entretanto, eram tão tristes e oprimidos, afinal de contas, que ninguém pensava em sentir pena deles. O Coronel e a Sra. Fawcett Smythe tinham vindo de Kent para Devon. Ambos estavam na casa dos setenta anos. O Coronel passara a maior parte da vida no Exército e, portanto, sabia perfeitamente dizer a todos o que o tal Hitler faria em seguida, além de dar sua própria interpretação aos fiapos de notícias que surgiam nos jornais, com relação a armas secretas e ao movimento dos navios de guerra. Era um homem baixote, de pele tostada de sol, com um bigode eriçado, mas compensava a pouca altura exibindo um vozeirão de campo de treinamento militar e um porte de soldado perfilado em continência. Sua esposa tinha cabelos ralos e sedosos, sendo inteiramente despersonificada. Estava sempre tricotando. Dizia "Sim, querido" e concordava com tudo quanto o marido dissesse, uma boa

coisa para todos, porque quando contrariado, o Coronel Fawcett Smythe ficava com o rosto corado, parecendo prestes a ser vitimado por uma apoplexia.

Lady Beamish era ainda melhor. Entre todos, era a única que não tinha medo de bombas, tanques ou qualquer coisa que os nazistas pudessem descarregar sobre ela. Tinha mais de oitenta anos, era alta e corpulenta, de cabelos grisalhos presos em um coque atrás da cabeça e dois olhos cinzentos inapelavelmente frios. Costumava mancar um pouco (segundo revelara a uma impressionada platéia, aquilo resultara de um acidente de caça) e precisava caminhar com ajuda de uma forte bengala. Quando não estava em movimento, deixava este objeto ao lado da poltrona, onde invariavelmente atrapalhava quem passasse por perto, fosse fazendo os outros tropeçarem ou chocando-se dolorosamente contra suas canelas. Havia sido com relutância que concordara em aguardar o fim da guerra no Coombe Hotel, mas sua casa em Hampshire fora requisitada pelo Exército e, pressionada duramente, a família por fim a convencera a transferir-se para Devon. "Posta para pastar", resmungava ela constantemente, "como algum velho cavalo de guerra".

O marido de Lady Beamish havia sido um graduado membro do Serviço Civil da Índia, tendo ela vivido grande parte da vida naquele grande subcontinente, a jóia da coroa do Império Britânico, à qual sempre se referia como "Inja". Dolly pensava freqüentemente que Lady Beamish devia ter sido uma torre de resistência para o esposo, reinando em garden parties e, nos momentos difíceis, arquitetando saídas oportunas. Não era difícil imaginá-la, armada apenas com sola topi e uma sombrinha de seda, subjugando uma multidão de nativos turbulentos com aqueles olhos de cera ou, se os brigões se recusassem a ser subjugados, convocando as senhoras e fazendo-as rasgarem sua anáguas para servir de ataduras.

Esperavam Dolly como ela os deixara, reunidos à volta do diminuto fogo da lareira. A Sra. Fawcett Smythe tricotava. Lady Beamish jogava paciência em sua mesa portátil, e o Coronel continuava em pé, de costas para a lareira, aquecendo os fundilhos e inclinando-se para estirar os joelhos reumáticos, como um policial de palco.

— Tudo bem — disse Dolly, tomando a ocupar sua poltrona.

— De que se tratava? — perguntou Lady Beamish, colocando um valete preto sobre uma dama vermelha.

— Era Ambrose. Anunciava seu casamento.

A notícia apanhou o Coronel desprevenido, com as pernas arqueadas. Foi-lhe preciso certa concentração, a fim de colocá-las retas novamente.

— Bem, macacos me mordam! — exclamou ele.

— Oh, que excitante! — balbuciou a Sra. Fawcett Smythe.

— Quem é a moça? — perguntou Lady Beamish.

— Ela é... ela é filha de um artista.

Lady Beamish deixou caírem os cantos da boca.

— Filha de um artista? — exclamou, em total desaprovação.

— Tenho certeza de que deve ser muito famoso — disse a Sra. Fawcett Smythe, consoladoramente.

— Como se chama ela?

— Rum... Penelope Stern.

— Penelope Stein? — perguntou o Coronel, cuja audição nem sempre era confiável.

— Oh, céus, não! — Todos tinham muita pena dos pobres judeus, é claro, porém era inimaginável que o filho de algum deles se casasse com um. — É Stern.

— Nunca ouvi falar de algum artista chamado Stern — disse o Coronel, como se imaginasse que Dolly pretendia enganá-lo.

— Eles têm uma casa na Rua Oakley. E Ambrose disse que vou adorar sua noiva.

— Quando será o casamento?

— No começo de maio.

— Você irá?

— É claro que estarei lá. Preciso telefonar para o The Basil Street e reservar um quarto. Talvez chegue um pouco mais cedo e dê uma espiada nas lojas, a fim de encontrar algo para vestir.

— A cerimônia será muito prolongada? — perguntou a Sra. Fawcett Smythe.

— Não. Vai ser no Cartório de Registros de Chelsea.

— Oh, céus...

Dolly sentiu-se impelida a tomar o partido do filho. Não podia permitir que qualquer deles a lamentasse.

— Bem, estamos em guerra, compreendem, e com Ambrose tendo que ir para o mar a qualquer momento... talvez seja o mais prático... embora eu deva dizer que sempre sonhei para ele um casamento realmente belo na igreja, com um arco de espadas. Enfim, não pôde ser — suspirou, dando corajosamente de ombros. — C'est la guerre!

Lady Beamish prosseguiu com seu jogo de paciência.

— Onde foi que ele a conheceu?

— Ambrose não me disse, mas ela é uma Wren.

— Bem, já é alguma coisa — comentou Lady Beamish.

Enviou a Dolly um olhar agudo e significativo ao dizer isto. Entretanto,

Dolly se deu ao cuidado de não interceptar a mensagem. Lady Beamish sabia que ela estava com apenas quarenta e quatro anos. Dolly lhe falara um pouco sobre as próprias fragilidades, as tremendas dores de cabeça (ela as chamava de enxaquecas) que a deixavam abatida, nos momentos mais oportunos; havia ainda o problema com suas costas, deflagrado durante a execução de qualquer tarefa doméstica simples, como fazer a cama ou uma sessão na tábua de passar roupa. Trabalhar com extintores de incêndio ou dirigir uma ambulância era algo simplesmente fora de questão. Contudo, ainda assim Lady Beamish não se mostrou solidária e, de tempos em tempos, fazia comentários ferinos sobre "espertalhões" e pessoas que “não controlavam seu peso".

— Se Ambrose a escolheu — declarou Dolly firmemente para todos eles — é porque deve ser encantadora. Além disso — acrescentou — eu sempre quis ter uma filha.

Não era verdade. No andar de cima, em seu quarto, sozinha e não observada, podia ser ela própria, deixar de lado todas as simulações. Tomada por autopiedade e solidão, dilacerada pelo ciúme do amor rejeitado, procurou consolo em sua caixa de jóias e em seu guarda-roupa, entulhado de roupas caras e femininas. Inspecionava uma pequena peça, depois outra. Os chiffons suaves e as lãs macias deslizavam sob suas mãos. Tirou do armário um vestido transparente e foi até o espelho de corpo inteiro, segurando a peça diante dela. Era um de seus trajes favoritos. Sempre se sentira muito bonita nele. Linda. Seus olhos encontraram os de sua imagem no espelho. Estavam cheios de lágrimas. Ambrose. Amando outra mulher que não ela. Casando com ela. Deixou o vestido cair na banqueta acolchoada, atirou-se na cama e chorou.

O verão chegara. Londres impregnava-se do perfume das flores. O sol se mostrava, em cálida bênção, banhando calçadas e tetos, refletindo-se das curvaturas prateadas dos balões de barragem flutuando no alto. Era maio; uma sexta-feira; meio-dia. Abrigada no The Basil Street Hotel, Dolly Keeling sentou-se no sofá junto da janela aberta do saguão do primeiro andar, e aguardou a chegada do filho e sua noiva.

Quando ele chegou, subindo os degraus de dois em dois, de quepe na mão, parecendo maravilhosamente atraente em seu uniforme, ela se sentiu cheia de felicidade, não apenas por vê-lo, mas porque também parecia ser apenas seu. Talvez tivesse vindo dizer-lhe que decidira interromper tudo aquilo, que afinal de contas não pretendia mais casar-se. Ansiosa, ela se levantou e foi ao encontro dele.

— Olá, mamãe...

Ele parou para beijá-la. A altura do filho era um dos prazeres de Dolly, porque a deixava sentindo-se vulnerável e indefesa.

— Meu querido... onde está Penelope? Pensei que viriam juntos.

— E viemos. Partimos de Pompey esta manhã, mas ela queria trocar o uniforme, de maneira que a deixei na Rua Oakley e vim para cá. Penelope logo estará aqui.

A ligeira esperança morreu quase ao nascer mas, ainda assim, ela teria Ambrose para si um pouco mais. Aliás, estando sozinhos, a conversa seria mais fácil.

— Bem, então só nos resta esperá-la. Vamos sentar e você me contará tudo que irá acontecer. — Dolly captou o olhar do garçom, pediu um sherry para si mesma e um gim para Ambrose. –Rua Oakley. Os pais dela estão lá?

— Não. Estas são as más notícias. O pai dela está com bronquite. Penelope só ficou sabendo ontem à noite. Eles não poderão vir para o casamento.

— Oh, mas certamente a mãe virá, não?

— Ela disse que tem de ficar na Cornualha, cuidando do velho garotão. Porque ele é realmente velho. Setenta e cinco anos. Acho que não querem correr nenhum risco.

— Bem, mas parece terrível... somente eu no casamento...

— Penelope tem uma tia que mora em Putney, além de alguns amigos chamados Clifford. Eles estarão presentes. É o bastante.

As bebidas chegaram e foram postas na conta de Dolly. Os dois ergueram os copos.

— Estava ansioso por vê-la -disse Ambrose.

Dolly sorriu complacentemente, certa de que os outros ocupantes do saguão do hotel olhavam para eles, atentos ao belo e jovem Oficial de Marinha e à bonita mulher que parecia nova demais para ser sua mãe.

— E quais são os seus planos?

Ele lhe contou. Finalmente fora aprovado em seus exames de Artilharia, ficaria uma semana na Escola Divisional e então seria mandado para o mar.

— E sua lua-de-mel?

— Não haverá lua-de-mel. Casado amanhã, passando a noite na Rua Oakley e, no domingo, retomando a Portsmouth.

— E quanto a Penelope?

— Vou embarcá-la no trem para Porthkerris, na manhã de domingo.

— Porthkerris? Ela não voltará para Portsmouth com você?

— Não. Realmente. — Mordendo a unha do polegar, ele espiou pela janela, como se algo absorvente estivesse prestes a acontecer na rua mais abaixo. O que não era verdade. — Ela tem um curto período de folga.

— Oh, céus! Que pouco tempo ficarão juntos!

— Não temos alternativas.

— Bem, suponho que não.

Ela se virou para pousar o copo de sherry na mesa, e então viu a jovem chegar ao alto da escada, parar lá, hesitar, olhar em volta e procurar alguém. Uma jovem muito alta, de compridos cabelos escuros repuxados da testa — o penteado de uma colegial, liso e sem sofisticação. O rosto de compleição delicada, com olhos escuros em órbitas fundas, era extraordinário pela própria falta de maquilagem; o brilho da pele não empoada, a boca pálida, as sobrancelhas escuras, naturais, não demarcadas pela pinça, e de forte desenho. Naquele dia quente, usava roupas mais convenientes para um feriado no campo, do que para um jantar formal em um hotel de Londres. Um vestido de algodão vermelho-escuro com bolinhas brancas e um cinto branco à volta da cintura estreita. Sandálias brancas nos pés e... Dolly precisou olhar de novo, para ter certeza... sim, não usava meias! Afinal, quem seria aquela jovem? E por que olhava na direção deles? Por que se encaminhava para lá? E, sorrindo...?

Oh, santo Deus! Ambrose se levantava da mesa.

— Mamãe — dizia ele — esta é Penelope.

— Olá — disse Penelope.

Dolly mal conseguiu manter o queixo sem cair. Podia sentir a boca que se abria, mas logo a colocou no lugar e transformou a careta em um sorriso esfuziante. Sem meias. Sem luvas. Sem bolsa de mão. Sem chapéu. Sem meias! Só esperava que o chefe dos garçons não barrasse a entrada deles no restaurante.

— Minha querida...

As duas cumprimentaram-se com um aperto de mão. Ambrose ocupou-se em trazer mais uma cadeira e fazer sinal para o garçom. Penelope sentou-se à plena claridade da janela e fitou Dolly com um olhar desconcertante, por ser franco e direto. Está me examinando, disse Dolly para si mesma, e conheceu a alfinetada do ressentimento. Ela não tem o direito de encarar a futura sogra, de despertar este aborrecido disparar em meu coração. Dolly esperara juventude, acanhamento, insegurança, qualquer coisa. Tudo, menos isto.

— Foi um prazer conhecê-la... já sei que fizeram uma boa viagem, de Portsmouth até aqui. Ambrose me contava...

— O que quer beber, Penelope?

— Uma laranjada ou qualquer coisa. Com gelo, se possível.

— Não prefere um sherry? Um copo de vinho? — sugeriu Dolly, procurando tentá-la, ainda sorrindo para cobrir seu embaraço.

— Não. Estou com calor e muita sede. Apenas uma laranjada.

— Bem, encomendei uma garrafa de vinho para o almoço. Teremos que fazer o nosso pequeno brinde.

— Obrigada.

— Lamentei saber que seus pais não poderão estar aqui amanhã.

— É mesmo uma pena, mas papai apanhou uma bronquite, não quis ir para a cama e começou a espirrar. Agora, o médico o mandou ficar em repouso por uma semana.

— Não há mais ninguém para cuidar dele?

— Além de Sophie, é o que quer dizer?

— Sophie?

— Minha mãe. Eu a chamo de Sophie.

— Oh, entendo. Exatamente. Não há mais ninguém que possa tomar conta de seu pai?

— Somente Doris, uma moça evacuada de Londres, que mora conosco. Entretanto, ela tem dois filhos e precisa ficar de olho neles. Por outro lado, papai é um paciente difícil; Doris não teria a menor paciência com ele.

Dolly fez um ligeiro gesto com as mãos.

— Suponho que vocês, como todos nós, agora estão sem empregados.

— Nós nunca tivemos empregados — disse Penelope. — Oh, obrigada, Ambrose, está ótimo.

Penelope apanhou o copo da mão dele, bebeu metade do conteúdo no que parecia um só gole e depois o deixou sobre a mesa.

— Nunca tiveram? Nunca houve ninguém para ajudá-los nos trabalhos domésticos?

— Sempre foi assim. Sem empregados. Volta e meia havia alguém para dar uma ajuda, porém nunca empregados fixos.

— E quem cozinha?

— Sophie. Ela adora cozinhar. É francesa. Cozinha maravilhosamente bem.

— E os trabalhos domésticos?

Penelope pareceu ligeiramente despreocupada, como se nunca houvesse considerado as tarefas caseiras.

— Não sei. Sempre acabam sendo feitos. Cedo ou tarde.

— Bem... — Dolly permitiu-se uma risadinha, leve e mondaine. — Tudo soa muito encantador. E boêmio. Espero que, dentro em breve, eu tenha o prazer de conhecer seus pais. Agora, falemos sobre amanhã. O que vai usar para seu casamento?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não pensei nisso. Qualquer coisa, suponho.

— Oh, mas então precisa fazer algumas compras!

— Francamente, não. Não pretendo fazer qualquer compra. Há coisas

sobrando, na Rua Oakley. Encontrarei o que vestir.

— Encontrará o que...

Penelope riu.

— Receio que eu não seja uma pessoa muito preocupada com roupas. Em minha casa, ninguém tem essas preocupações. Por outro lado, nunca jogamos nada fora. Sophie tem algumas coisas bonitas, deixadas na Rua Oakley. Esta tarde, eu e Elizabeth Clifford vamos fazer um bom inventário do que existe por lá. — Penélope olhou para Ambrose. — Não fique tão inquieto, Ambrose. Não o decepcionarei.

Ele sorriu parvamente. Dolly disse para si mesma que sentia pena do pobre rapaz. Nem um olhar amoroso, um toque de ternura, nem um beijo rápido foram trocados entre ele e aquela extraordinária jovem com quem seu filho decidira casar-se. Estariam apaixonados? Seria possível se amarem e, ainda assim, continuarem se portando de modo tão despreocupado? Por que Ambrose se casaria com ela, se não estivesse apaixonado? Porque que Ambrose se casaria...?

Seus pensamentos tateantes chegaram a uma possibilidade tão aterradora que, mal emergiu, foi logo sufocada. Então, timidamente, a mesma idéia tomou a emergir.

— Ambrose me disse que você irá para casa no domingo.

— É, eu vou.

— Está de folga?

Ambrose olhava para Penelope, tentando atrair-lhe a atenção. Dolly percebia a manobra mas, aparentemente, o mesmo não se dava com a moça. Ela simplesmente permaneceu quieta, continuando a parecer calma e despreocupada.

— Sim, por um mês.

— Ficará em Whale Island?

Ambrose começou a agitar a mão e, finalmente, como se não imaginasse o que mais fazer com ela, pousou-a em cima da boca.

— Não, estou sendo desligada.

Ambrose deixou escapar um ruidoso suspiro.

— Para sempre?

— É, para sempre.

— Isso é rotineiro? — perguntou Dolly, orgulhosa de si mesma, ainda sorrindo, mas em voz gélida.

Penelope sorriu também.

— Não — respondeu.

Talvez decidindo que a situação não ficaria pior do que já estava, Ambrose levantou-se.

— Vamos comer alguma coisa. Estou morrendo de fome.

Muito dona de si, lentamente, Dolly levantou-se da cadeira, recolheu a bolsa de mão e as luvas brancas. Em pé, baixou os olhos para a futura esposa de Ambrose, para seus olhos escuros e abundante cabeleira no mesmo tom, para sua beleza sem cuidados.

— Não tenho certeza de deixarem Penelope entrar no restaurante — disse. — Segundo me parece, ela não está usando meias.

— Oh, pelo amor de Deus... eles nem perceberão!

Ambrose parecia irritado e impaciente, mas Dolly sorriu para si mesma, sabendo que a raiva dele era dirigida, não para ela, mas para Penelope, por ter deixado o gato escapar do saco.

Ela está grávida, disse para si mesma, encabeçando a fila, ao saírem do saguão para o refeitório. Ela o encurralou, capturou-o. Meu filho não a ama. Ela o está forçando ao casamento.

Depois do almoço, Dolly escusou-se. Ia subir para se deitar um pouco. Uma dor de cabeça tola, explicou a Penelope, com apenas um toque de acusação na voz. Precisava ser cautelosa. O menor excitamento... Penelope pareceu um pouco constrangida, porque o almoço nem chegara a ser divertido, mas respondeu que compreenderia perfeitamente; que veria Dolly no Cartório de Registros, no dia seguinte; que fora um almoço delicioso, muitíssimo obrigada. Dolly entrou no arcaico elevador e subiu, como uma ave engaiolada.

Os dois a espiaram subir. Quando percebeu que a mãe não poderia mais ouvi-los, Ambrose se virou para Penelope.

— Por que, raios, tinha que contar para ela?

— O quê? Que estou grávida? Eu não contei. Ela adivinhou.

— Ela não precisaria adivinhar!

— Sua mãe ficaria sabendo, cedo ou tarde. Por que não agora?

— Porque... bem, coisas assim a perturbam.

— Foi por isso que ela ficou com dor de cabeça?

— Sim, claro que foi... — Os dois começaram a descer a escada. Tudo está começando da maneira errada!

— Então, sinto muito. Só que, sinceramente, não entendo que isso faça alguma diferença. Por que interessaria a ela? Vamos casar-nos e, afinal, acho que tudo isto só diz respeito a nós dois!

Ele não sabia o que responder. Se Penelope podia ser tão obtusa, então não havia explicação. Em silêncio, emergiram para o sol aconchegante e desceram a rua, até onde ele estacionara o carro.

Ele pousou a mão em seu braço. Sorria.

— Oh, Ambrose, você está mesmo aborrecido? Ela acabará conformada. São águas que passam debaixo da ponte, como sempre diz papai. Incomoda por

alguns dias, mas tudo passa e terminará esquecido. Por outro lado, assim que o bebê chegar, ela ficará encantada. Toda mulher anseia pelo primeiro neto e o enche de vontades.

Ambrose, no entanto, não parecia tão certo. Rodaram a alguma velocidade por Pavilion Road, depois desceram a King's Road e entraram na Rua Oakley. Quando ele freou diante da casa, Penelope perguntou:

— Você vai entrar? Venha e conheça Elizabeth. Irá adorá-la.

Ele não aceitou a proposta. Disse que tinha outras coisas a fazer. Tornaria a vê-la no dia seguinte.

— Tudo bem. — Penelope estava tranqüila e não discutiu. Beijou-o saiu do carro e bateu a porta. — Tenho que ir agora, descobrir um vestido de noiva para mim.

Ele sorriu, relutante. Viu-a subir os degraus correndo e entrar pela porta da frente. Penelope acenou e desapareceu de vista. Ambrose ligou o carro, fez uma manobra em U e rodou velozmente pelo trajeto que viera. Cruzou Knightsbridge e entrou no parque. Estava muito quente, mas havia frescura debaixo das árvores. Estacionou o carro e caminhou um pequeno trecho, encontrou um banco e sentou-se. As árvores farfalhavam à brisa, e o parque estava cheio de agradáveis sons de verão... eram vozes de crianças e trinados de pássaros, tendo o contínuo rumor do trânsito londrino como música de fundo.

Sentia-se taciturno e desalentado. Penelope tinha razão, ao dizer que não importava. que a mãe dele se acostumaria à idéia de um casamento forçado — porque, de fato, o que mais era aquele casamento? — mas ele sabia muito bem que Dolly jamais esqueceria e que provavelmente nunca perdoaria. Era muito azar os Stern não poderem vir para o casamento no dia seguinte. Eles, com seus conceitos liberais e atitudes boêmias, talvez conseguissem equilibrar a situação. Mesmo que Dolly não aderisse à sua maneira de pensar, pelo menos perceberia a existência de outros pontos de vista.

Segundo Penelope, os pais dela não estavam nem um pouco aborrecidos sobre o iminente bebê, muito pelo contrário — haviam ficado excitados, tendo deixado claro, através da filha, que Ambrose de maneira alguma tinha a obrigação de tomá-la uma mulher honesta.

Ao saber que era um pai em perspectiva, ele tivera a sensação de que um buraco se abrira sob seus pés. Ficara abalado, chocado e furiosamente irritado — consigo mesmo, por se deixar apanhar na clássica e temida armadilha, mas também com Penelope, por havê-lo capturado.

"Você está bem?", ele havia perguntado, e ela respondera: "Oh, sim, estou muito bem" mas, no calor do momento, com uma coisa e outra, os dois simplesmente não haviam insistido sobre os respectivos sentimentos. Não

obstante, ela havia sido muito terna.

— Não precisaremos casar-nos, Ambrose — havia garantido. — Por favor, não pense que tem essa obrigação.

Durante todo o tempo, parecera tão calma e despreocupada sobre toda aquela situação lamentável, que ele se vira rapidamente considerando as possibilidades do outro lado da moeda. Afinal, talvez tudo não fosse tão ruim como imaginava. As coisas poderiam ter sido bem piores. A sua maneira estranha, ela era bonita. E bem-nascida. Penelope não era qualquer jovenzinha comum, conhecida em algum pub da Portsmouth, mas a filha de pais bem situados na vida, apesar de inconvencionais. Além disso, pais donos de bens. Aquela casa da Rua Oakley não era de se jogar fora e, havendo ainda uma propriedade na Cornualha, esta última era decididamente um prêmio extra. Ele se viu velejando pelo estreito de Helford. E, no fim da estrada, sempre havia a possibilidade de herdar um Bentley 4 1/2 litros.

Não. Ele tinha feito a coisa certa. Quando sua mãe superasse o ligeiro choque de descobrir que Penelope estava grávida, tudo correria bem. Por outro lado, havia uma guerra em andamento. Podia explodir a qualquer momento e durar bastante; eles não enfren tariam muito tempo de convivência ou nem mesmo viveriam juntos, enquanto a guerra não terminasse. Ambrose não tinha a menor dúvida de que sobreviveria. Não tendo imaginação vívida, não era perturbado por pesadelos de explosões na casa das máquinas, de morrer afogado ou congelar até a morte, nos mares invernais do Atlântico. E mais tarde, quando tudo terminasse, provavelmente se sentiria mais tentado a assumir o papel de chefe de família, do que no momento presente.

Remexeu-se no banco, de encosto duro e francamente desconfortável. Pela primeira vez, reparou nos namorados que jaziam a apenas alguns metros dali, abraçados sobre a relva amassada. Aquilo lhe deu uma esplêndida idéia. Levantando-se, caminhou de volta ao carro, rodou para fora do parque, contornou Marble Arch e desembocou nas ruas sossegadas de Bayswater. Estava assobiando baixinho.

Não fico alto com champanha,

Beber simplesmente não me excita, mas, então, diga por que será verdade...

Estacionou junto ao meio-fio, diante de uma casa de fachada alta e respeitável e, por uma escada para o porão, dirigiu-se a uma área cheia de flores. Apertou a campainha da porta amarela. Estava arriscando, naturalmente, mas às quatro da tarde, ela costumava estar por ali, tirando uma soneca, movimentando-se em sua cozinha minúscula ou, então, desocupada. Valia a pena arriscar. Ela abriu a porta, com os cabelos louros em desalinho e um negligê rendado jogado

recatadamente sobre os ombros, escondendo os seios arredondados e tentadores. Angie. A mesma que lhe tirara a virgindade quando ele tinha dezessete anos, e para quem Ambrose desde então se voltava, em momentos problemáticos.

— Oh! — O rosto dela ficou radioso de alegria. — Ambrose!

Homem nenhum seria mais bem recebido.

— Olá, Angie.

— Há séculos que não o vejo! Pensei que, a esta altura, você estaria em alto mar. — Ela estendeu um braço roliço e maternal.

— Não fique parado aí fora. Vamos, entre!

Foi o que ele fez.

Quando Penelope abriu a porta da frente na Rua Oakley. Elizabeth Clifford debruçou-se na balaustrada da escada e chamou por ela. Penelope subiu.

— E então, como correu tudo?

— Não muito bem. — Penelope sorriu. — Ela não podia ser pior. Toda enchapelada. enluvada e furiosa porque eu não usava meias. Disse que não teríamos permissão para entrar no restaurante, porque eu estava sem meias, mas é claro que entramos.

— Ela desconfia de que você vai ter um bebê?

— Sim. Não lhe contei diretamente, mas ela intuiu sem perda de tempo. Sem a menor dúvida. Aliás, foi melhor assim. Ambrose ficou furioso. Mas achei não ser nada demais ela saber.

— Sim, acho que sim — disse Elizabeth mas, no fundo do coração, lamentava a pobre mulher. Pessoas jovens, até mesmo Penelope, podiam ser terrivelmente insensíveis e sem percepção. — Quer uma xícara de chá ou outra coisa qualquer?

— Mais tarde, eu adoraria um chá. Escute, preciso encontrar alguma coisa para vestir amanhã. Gostaria que me ajudasse.

— Andei remexendo em uma velha arca... — Elizabeth encabeçou o trajeto para seu quarto, onde uma boa quantidade de peças de roupa amarrotadas e em frangalhos empilhava-se sobre a enorme cama de casal que ela dividia com Peter. — Este aqui não é uma graça? Comprei-o para ir a Hurlingham... Acho que foi em novecentos e vinte e um quando Peter estava em sua fase de jogar críquete. — Ela havia apanhado um vestido do alto da pilha; era de linho creme, muito fino; cintura longa, sem forma, de bainha costurada a mão. — Parece um tanto encardido, mas posso lavá-lo e passá-lo, deixando-o pronto para amanhã. E, veja, tem até sapatos combinando — você não adora fivelas de diamantes?... Sem falar nas meias cor de carne...

Penelope pegou o vestido e foi com ele até o espelho, erguendo-o diante do corpo, observando com olhos semicerrados e virando a cabeça para um e

outro lado, a fim de captar o efeito.

— A cor é adorável, Elizabeth. Parece trigo maduro. Não se incomodaria mesmo de emprestá-lo?

— Seria um prazer.

— E o que me diz de um chapéu? Acho que terei de usar um. Ou pentear o cabelo para cima, qualquer coisa assim.

— Também teremos que arranjar uma anágua. O vestido é tão fino, que chega a ser transparente. Mostraria suas pernas.

— Oh, sim, minhas pernas não podem ser mostradas! Dolly Keeling teria um ataque...

As duas começaram a rir. Ainda rindo, Penelope despiu seu vestido de algodão vermelho e enfiou o de linho claro pela cabeça, começando a sentir-se bastante alegre. Dolly Keeling era uma dor de cabeça, porém ela ia casar com Ambrose, não com a mãe dele. Assim, que diferença fazia o que pensasse aquela dama a seu respeito?

O sol brilhava; O céu estava azul. Tendo feito o desjejum na cama, Dolly Keeling levantou-se às onze horas. Embora não tendo desaparecido de todo, sua dor de cabeça melhorara bastante. Ela tomou um banho, arrumou os cabelos, fez a maquilagem. Tudo isto demorou muito, pois era importante que se mostrasse jovem e impecável ao mesmo tempo. Esperava eclipsar todos os presentes, até a noiva. Após ajeitar no lugar o último cílio, levantou-se, tirou o negligê transparente e vestiu seu elegante traje. Era um vestido de seda lilás, com um casaco frouxo e esvoaçante do mesmo tecido. Um fino chapéu de aba, feito de palha, diminuía-lhe o rosto, e era preso por uma fita de gorgorão lilás. Seus sapatos de salto, muito altos e finos, as compridas luvas brancas, a bolsa de mão em couro branco. O último reflexo no espelho a tranquilizou e ergueu seu moral. Ambrose ficaria orgulhoso dela. Tomou duas últimas aspirinas, perfumou -se em Houbigant e desceu para o saguão.

Ambrose a esperava, parecendo deslumbrante em seu uniforme mais elegante, perfumado como se acabasse de sair de algum barbeiro de luxo, o que realmente acontecera. Havia um copo vazio na mesa ao seu lado e, quando beijou a mãe, ela sentiu o conhaque em seu hálito. O coração dela oprimiu-se, penalizada pelo pobre rapaz pois, afinal de contas, ele estava apenas com vinte e um anos, sendo natural que ficasse nervoso.

Desceram para a rua e tomaram um táxi até King's Road. Durante o trajeto, Dolly segurou a mão de Ambrose, apertadamente, entre seus pequenos dedos enluvados de branco. Não falaram. Qualquer conversa seria dispensável agora. Havia sido uma boa mãe para ele... mulher nenhuma teria feito mais. E quanto a Penelope... bem, era melhor que certas coisas não fossem ditas.

O táxi parou diante do imponente prédio da municipalidade de Chelsea. Os dois saíram para a calçada quente e varrida pela brisa. Ambrose pagou a corrida. Enquanto ele fazia isto, Dolly procurou ajeitar-se, alisando a saia, tocando o chapéu para ter certeza de que estava seguramente ancorado no lugar. Depois olhou em volta. A alguns metros de distância, outra pessoa esperava. Era uma figurinha bizarra, ainda mais miúda do que ela, com as pernas mais finas que Dolly já vira, calçadas em meias de seda preta. Os olhos das duas encontraram-se. Mogueada, Dolly virou o rosto rapidamente, porém já era tarde, pois a outra mulher encaminhava-se em sua direção, o rosto animado de ansiosa antecipação. Chegando perto de Dolly, ela lhe agarrou o punho com força, proclamando:

— Você deve ser da família Keeling. Adivinhei logo. Adivinhei em seguida, assim que lhe pus os olhos em cima!

Dolly arquejou, certa de estar sendo atacada por uma lunática. Ambrose acabava de pagar a corrida e, ao se virar, ficou tão chocado quanto a mãe.

— Perdão, mas...

— Eu sou Ethel Stern. Irmã de Lawrence Stern. — Ela vestia um casaco escarlate de numeração infantil, com muitos babados e ornatos. Na cabeça, tinha uma enorme boina de veludo preto. — Tia Ethel para você, meu rapaz!

Largando o braço de Dolly, ela apontou a mão na direção de Ambrose. Quando ele não a tomou imediatamente, uma terrível incerteza cobriu o rosto enrugado de Tia Ethel.

— Não me digam que interpelei a família errada?

— Não. Não, claro que não. — Ele corara ligeiramente, constrangido pelo encontro e pela incrível aparência dela. — Como vai? Eu sou Ambrose e esta é minha mãe, Dolly Keeling.

— Logo vi que não podia estar enganada. Fiquei esperando durante horas — prosseguiu ela, tagarelamente. Seus cabelos eram pintados de acaju escuro, e a confusa maquilagem era desastrosa, como se a tivesse feito com os olhos fechados. As sobrancelhas pintadas não combinavam muito bem, e o batom escuro começava a infiltrar-se nas rugas da pele, ao redor da boca. -Geralmente sempre chego atrasada em tudo, de maneira que hoje me esforcei ao máximo e, como não podia deixar de ser, cheguei cedo demais. — Imediatamente, sua expressão alterou-se para uma da mais profunda tragédia. Aquela mulher assemelhava-se a um pequeno palhaço; o macaquinho do tocador de realejo. — Santo Deus, não é absolutamente terrível o que aconteceu ao pobre Lawrence? Coitado, deve ter ficado tão desapontado!

— Imagino — disse Dolly fracamente. — Estávamos muito ansiosos por conhecê-lo.

— Ele sempre aprecia uma viagem a Londres. Agarra qualquer desculpa

esfarrapada para vir...

Ele se interrompeu subitamente, emitindo uma exclamação esganiçada que deixou Dolly apavorada, ainda mais ao vê-la agitando os braços no ar. Dolly viu o táxi que chegava, vindo da direção contrária, de cujo interior agora emergiam Penelope e, presumivelmente, o casal Clifford. Estavam todos rindo, e Penelope parecia relaxada por completo, sem o menor toque de nervosismo.

— Olá! Aqui estamos nós! Uma cronometragem perfeita, não? Tia Ethel, que prazer tornar a vê-la... Olá, Ambrose. — Ela lhe deu um beijo rápido. — Você ainda não conhece os Clifford. Bem, estes são o Professor e a Sra. Clifford. Peter e Elizabeth. E esta é a mãe de Ambrose...

Todos pareceram satisfeitos, trocaram apertos de mão e disseram "Como vai?" Dolly sorria e assentia, mostrava-se encantadora, enquanto seus olhos ocupados iam de um rosto a outro, nada perdendo, fazendo a costumeira e instantânea avaliação.

Penelope dava a impressão de estar usando uma fantasia mas, ainda assim, parecia enlouquecedoramente bela — estonteante e distinta. Era muito alta e esbelta e, conforme Dolly percebeu, aquele comprido e fouxo vestido creme, uma herança de família, servia apenas para acentuar aquela invejável elegância. Prendera os cabelos em um coque frouxo atrás da cabeça e usava um enorme chapéu de palha verde-seco, coroado de margaridas.

A Sra. Clifford, por sua vez, assemelhava-se a uma preceptora aposentada, provavelmente muito intelectual e inteligente, mas trajada sem a menor elegância. O Professor estava ligeiramente mais bem-vestido (enfim, para um homem era sempre mais fácil apresentar-(se bem trajado), com um temo de flanela cinza risca-de-giz e camisa azul. Era alto e magro, de faces encovadas, ascético. Bastante atraente, sob uma perspectiva erudita. Dolly não foi a única a achá-lo atraente. Pelo canto do olho, viu Tia Ethel cumprimentá-lo com um forte abraço, pendurada ao pescoço dele e erguendo para trás uma perna pequenina e velha, como alguma soubrette em uma comédia musical. Perguntou-se se a Tia Ethel não seria vítima de uma loucura branda, e desejou que isso não fosse hereditário na família.

Finalmente, Ambrose conseguiu organizar o grupo, dizendo que se não se apresentassem logo, ele e Penelope encontrariam seu guichê fechado. Tia Ethel ajeitou a boina na cabeça, e o grupo entrou a apressadamente no prédio, para a cerimônia. Esta foi feita com grande rapidez, tendo terminado antes que Dolly encontrasse um momento para levar aos olhos seu lencinho orlado de rendas. Então, tomaram a sair com a mesma pressa e encaminharam-se para o Ritz, onde Peter Clifford, seguindo instruções vindas da Cornualha, havia reservado uma mesa para o almoço.

Para melhorar qualquer situação, nada como uma refeição deliciosa, acompanhada de champanha farto, oferta de um urbano anfitrião. Todos, até mesmo Dolly, começaram a relaxar, embora Tia Ethel continuasse fumando sem parar durante todo o almoço e contasse anedotas questionáveis, dobrando-se de rir muito antes de chegar ao final hilariante. O Professor se mostrou encantador e cortês, disse para Dolly que apreciava seu chapéu, enquanto a Sra. Clifford pareceu realmente interessada pela vida no The Coombe Hotel, querendo saber tudo sobre as pessoas que lá moravam. Dolly lhe contou, deixando escapar o nome de Lady Beamish algumas vezes. Penelope tirou seu chapéu verde-seco e o pendurou no encosto da cadeira. Ambrose foi muito gentil, levantando-se para uma breve saudação, e referindo-se a Penelope como sua esposa, o que motivou alguns aplausos dos presentes. Foi uma boa comemoração sob todos os aspectos e, ao terminar, Dolly tinha a impressão de que fizera amigos para o resto da vida.

Enfim, tudo o que é bom tem de terminar e, por fim, relutantemente, chegou o momento de recolherem seus pertences, arrastarem para trás as pequenas cadeiras douradas, levantarem-se e tomarem o rumo de seus respectivos destinos — Dolly para o The Basil Street Hotel, e os Clifford para um concerto ao anoitecer, no Albert Hall. Tia Ethel retomaria a Putney, e o jovem casal iria para a Rua Oakley.

Foi enquanto estavam no saguão, ligeiramente estonteados pela bebida e esperando pelos táxis que finalmente os dispersariam, que ocorreu o evento condenando para sempre o relacionamento de Penelope com sua sogra. Atordoada pelo champanha, sentindo-se magnânima e sentimental, Dolly tomou as mãos de Penelope nas suas e, erguendo os olhos para ela, disse:

— Minha querida, agora que você é esposa de Ambrose, eu gostaria que me chamasse de Marjorie.

Penelope pestanejou, um tanto perplexa. Parecia engraçado, chamar a sogra de Marjorie, quando se sabia perfeitamente que o nome dela era Dolly. Entretanto, já que ela queria assim...

— Está bem. É claro que farei isso.

Penelope inclinou-se e beijou a face macia e perfumada, que lhe era tão graciosamente oferecida.

Assim, durante um ano, ela a chamou de Marjorie. Escrevendo para agradecer um presente de aniversário, "Querida Marjorie..." era como iniciava a carta. Ligando para The Coombe Hotel, a fim de dar notícias de Ambrose, "Oh, Marjorie, quem está falando é Penelope", costumava dizer.

Somente após transcorridos muitos meses, quando então era muito tarde para voltar atrás, ela percebeu que Dolly realmente lhe havia dito, no saguão do Ritz, "Minha querida, eu gostaria que me chamasse de Madre".

Na manhã de domingo, Ambrose levou Penelope até a estação de Paddington, a fim de embarcá-la no Riviera, para a Cornualha. Como sempre, o trem estava atopetado de militares, marinheiros e soldados, mochilas, máscaras contra gases e capacetes de metal. Era impossível reservar um assento, mas Ambrose encontrou uma vaga em um canto, que ocupou com a bagagem dela, a fim de que outra pessoa não a reclamasse.

Voltaram à plataforma para a despedida. Era difícil encontrarem as palavras, porque de repente tudo era estranho e novo; tinham-se tornado marido e mulher, sem saberem o que era esperado deles. Ambrose acendeu um cigarro e começou a fumar, observando a plataforma de um e outro lado, enquanto consultava o relógio. Penelope ansiava pelo apito do guarda, porque assim o trem partiria, encerrando tudo aquilo.

— Odeio despedidas — disse ela, com certa irritação.

— Terá de se acostumar.

— Não sei quando tornarei a vê-lo. Dentro de um mês, quando voltarei a Portsmouth para meu desligamento, acha que já terá ido embora?

— É o mais provável.

— Para onde o mandarão?

— Ninguém sabe. Para o Atlântico, talvez. Ou Mediterrâneo.

— O Mediterrâneo seria ótimo. Pelo menos, é ensolarado.

— É verdade.

Outra pausa.

— Eu gostaria que papai e Sophie tivessem vindo ontem. Assim, você poderia conhecê-los.

— Quando eu conseguir alguma folga decente, talvez vá até a Cornualha por alguns dias.

— Oh, vá mesmo!

— Espero que tudo corra bem. Com o bebê, quero dizer.

Ela ruborizou-se ligeiramente.

— Tenho certeza de que tudo correrá bem.

Ele tomou a olhar para o relógio. Ela disse, um tanto enervada:

— Eu lhe escreverei. Você precisa...

O apito do guarda varou o ar nesse momento. Imediatamente, teve seqüência o pequeno pânico de costume. Portas foram batidas, vozes gritavam, um homem chegou às carreiras, alcançando o trem no último segundo possível. Ambrose deixou cair o cigarro, esmagou-o com o salto, inclinou-se para beijar a esposa, embarcou-a no trem e bateu a porta atrás dela. Penelope baixou a janela e debruçou-se para fora. O trem começou a rodar.

— Você escreverá e me dirá seu novo endereço, Ambrose?

Um pensamento extraordinário ocorreu a ele.

— Eu não sei o seu endereço!

Ela começou a rir. Ambrose agora corria, acompanhando o trem.

— É Carn Cottage! — gritou ela, acima do barulho das rodas nos trilhos. — Caro Cotagge, Porthkerris.

O trem agora corria mais depressa do que ele, e Ambrose foi diminuindo sua corrida até parar, ficar no mesmo lugar e acenar em despedida. O trem fez a curva da plataforma e, expelindo vapor, escondeu um do outro. Penelope se fora. Dando meia-volta, Ambrose iniciou a longa caminhada de volta à plataforma deserta.

Carn Cottage. A mansão elizabetana que sonhara para si mesmo, o barco a vela no Rio Helford — tudo se embaciara e dissolvera, perdido para sempre. Carn Cottage. "Chalé do Penedo". Soava decepcionantemente vulgar, e ele não pôde deixar de sentir que, de algum modo, havia sido logrado.

Não obstante, sentia-se sossegado. Ela se fora. Sua mãe voltara para Devon e tudo estava seguramente encerrado. Agora, tudo o que tinha a fazer era voltar a Portsmouth e reassumir suas funções. De maneira curiosa, enquanto caminhava para seu carro no estacionamento, percebeu que ansiava por retomar à rotina, à vida militar e à companhia dos colegas. De um modo geral, era mais fácil conviver com os homens, do que com as mulheres.

Alguns dias mais tarde, a 10 de maio, os alemães invadiram a França, e a guerra começou a sério.

9. Sophie

Novembro começava quando eles voltaram a se ver. Após os longos meses de separação, houve um telefonema inesperado. Era Ambrose, ligando de Liverpool. Conseguira alguns dias de folga, ia tomar o primeiro trem disponível e passaria o fim de semana em Carn Cottage.

Ele chegou, ficou e tornou a partir. Devido a várias circunstâncias adversas, a visita foi um desastre total. Antes de mais nada, choveu torrencialmente durante os três dias inteiros. Outra circunstância foi que Tia Ethel, nunca a visitante mais diplomática ou convencional, também estava lá na época. Os outros motivos são demasiado numerosos e desalentadores para serem analisados ou contados.

Encerrada a visita do marido, após ele ter retomado ao seu destróier, Penelope decidiu que tudo havia sido demasiadamente depressivo, para ocupar seus pensamentos com isso. Assim, com a insensibilidade da juventude, aliada à gravidez incipiente, extirpou da mente todo o desagradável episódio. Havia outras coisas mais importantes com que se preocupar.

O bebê chegou no momento previsto, em fins de novembro. Uma menina. Não nasceu em Carn Cottage, como sua mãe, mas no pequenino hospital de Porthkerris. Chegou ao mundo tão depressa, que quando o médico apareceu tudo já havia terminado, o trabalho feito inteiramente por Penelope e a enfermeira Rogers. Após deixar Penelope mais ou menos em ordem, a enfermeira Rogers, como era costumeiro, levou o bebê dali, a fim de lavá-lo, arrumá-lo e vesti-lo com suas diminutas roupas, embrulhando-o no xale de Shetland, que Sophie — nem era preciso dizer — tinha desencavado de alguma gaveta, cheirando fortemente a naftalina.

Penelope sempre tivera suas próprias teorias sobre bebês. Jamais lidara com um, nunca segurara nenhum no colo, mas acreditava implicitamente que qualquer mãe, vendo um filho pela primeira vez, não deixaria de reconhecê-lo no ato. Não poderia ser diferente. Claro que, ao mover a manta para um lado, com um indicador delicado, ao olhar para o novo rostinho. o reconhecimento seria imediato. Nada mais natural.

Entretanto, não foi assim que aconteceu. Quando a enfermeira Rogers finalmente voltou, trazendo o bebê com tanto orgulho como se ela própria o tivesse posto no mundo, quando o depositou ternamente nos braços ansiosos da mãe, Penelope olhou para a criança com absoluta descrença. Gorducha, loura,

com olhos azuis que quase se fechavam, bochechuda e com o aspecto geral de um repolho rosado, não se parecia com qualquer pessoa que ela conhecesse. Evidentemente, não tinha qualquer traço de seus pais; não mostrava a menor semelhança com Dolly Keeling. E, quanto aos Stern, era como se nem uma gota de seu sangue corresse por aquelas veias com uma hora de idade.

— Não é uma belezinha? — exclamou a enfermeira Rogers, inclinando-se sobre a cama para admirá-la.

— Sim, é — admitiu Penelope fracamente.

Se houvesse outras mães no hospital, insistiria na possibilidade de uma troca de bebês, acharia que lhe tinham trazido o filho de outra mulher, porém ela era o único caso de maternidade ali dentro, em nada favorecendo aquela probabilidade.

— Veja esses olhinhos azuis! Ela é como uma florzinha! Vou deixá-la com você um momento, enquanto ligo para sua mãe.

Penelope, entretanto, não queria ser deixada a sós com o bebê. Não conseguia pensar em nada para dizer ao pequenino ser.

— Não, por favor, leve-a, enfermeira. Eu poderia deixá-la cair ou fazer qualquer coisa terrível.

Diplomaticamente, a enfermeira não discutiu. Algumas jovens mães eram curiosas e, Deus sabia, ela já tinha visto um bocado.

— Está bem — disse, tomando o pequeno embrulho lanoso nos braços. — Quem é esta gracinha? — falou para o bebê. — Quem é a coisinha linda desta enfermeira?

A enfermeira Rogers saiu do quarto, com seu avental engomado estalando. Penelope ficou quieta, olhando para o teto. Tinha um bebê. Agora era mãe. A mãe da filha de Ambrose Keeling.

Ambrose.

Para seu desalento, constatou que não era mais possível ignorar ou expulsar da mente tudo que acontecera durante aquele medonho fim de semana. já condenado antes mesmo de começar, porque a projetada visita de Ambrose fora a causa da única briga de verdade que já tivera com a mãe. Com a Tia Ethel, havia saído durante a tarde, para um chá com uma decrépita e antiga conhecida de sua tia, residente em Penzance. Quando voltou para casa, uma entusiasmada Sophie informou que havia uma agradável surpresa esperando-a no andar de cima. Obedientemente, Penelope seguira a mãe até seu quarto, onde viu, no lugar de sua muito amada cama, uma nova e monstruosa cama de casal, que ocupava todo o espaço disponível. As duas jamais haviam brigado antes, mas, tomada por um acesso de inusitada raiva, Penelope perdera a calma e dissera à mãe que ela não tinha aquele direito, que ali era o seu quarto, que se tratava de sua cama.

Além disso, não fora uma agradável surpresa em absoluto, mas uma odiosa surpresa. Não queria uma cama de casal, aquilo era um horror, não dormiria nela, de maneira alguma.

O explosivo temperamento gaulês de Sophie incendiou-se, nivelando-se ao da filha. Não era possível supor-se que homem algum, lutando bravamente em uma guerra, fosse fazer amor com sua esposa em uma cama de solteiro. O que Penelope esperava? Agora era uma mulher casada, não mais uma garotinha. Aquele não era mais o quarto dela mas o quarto deles. Como podia ser tão infantil? Então, Penelope prorrompera em furiosas lágrimas e gritara que estava grávida, que não pretendia fazer amor com ninguém. Por fim, as duas começaram a gritar, uma com a outra, como mulheres de pescadores.

Nunca houvera uma discussão semelhante antes. Aquilo deixou todos perturbados. Papai enfureceu-se com as duas, e os outros moradores da casa andavam na ponta dos pés, como se ali tivesse havido uma explosão. Eventualmente, é claro, mãe e filha fizeram as pazes, desculparam-se e beijaram-se, o assunto não tomando a ser mencionado. Contudo, não era um bom augúrio para a visita de Ambrose. De fato, ao recordar agora, aquilo contribuíra muito para o desastre resultante.

Ambrose. Ela era a esposa de Ambrose.

Seus lábios tremeram. Sentiu o nó, inchando em sua garganta. As lágrimas acumularam-se, marejaram seus olhos e caíram, livres, deslizando por suas faces, encharcando a fronha do travesseiro. Uma vez tendo começado, era impossível parar. Foi como se todas as lágrimas não derramadas durante anos decidissem brotar ao mesmo tempo. Ainda chorava quando sua mãe chegou, irrompendo alegremente pela porta. Sophie vestia as calças compridas de brim vermelho-ferrugem e o blusão de pescador que usava, quando a enfermeira Rogers telefonara. Tinha nos braços uma profusão de margaridas de São Miguel, colhidas apressadamente nos canteiros, enquanto cruzava o jardim.

— Oh, minha querida, garota esperta, não demorou nada com isso... — Deixou as flores caírem sobre uma cadeira e foi abraçar a filha. — A enfermeira Rogers me contou... — Interrompeu-se. A alegria desapareceu de seu rosto, substituída por aguda preocupação. — Penelope! — Sentou-se na beira da cama e segurou a mão da filha. — Minha querida, o que há? Por que está chorando? Foi assim tão difícil, tão ruim?

Incoerente por causa do choro, Penelope balançou a cabeça. Tinha o nariz escorrendo, o rosto vermelho e inchado.

— Tome. — Sempre prática, Sophie entregou-lhe um lenço limpo, perfumado e fresco. — Assoe o nariz, enxugue as lágrimas.

Penelope apanhou o lenço e fez o que lhe era dito. Já se sentia ligeiramente

melhor. Bastava ter Sophie ali, sentada ao seu lado, para a situação melhorar. Depois de assoar o nariz e enxugar as lágrimas, fungando um pouco, sentiu-se forte o bastante para acomodar-se em uma posição sentada. Sophie afofou os travesseiros e os virou, a fim de que os lados molhados das fronhas ficassem para baixo.

— Muito bem, agora conte. O que há? Alguma coisa errada com o bebê?

— Não, não se trata do bebê.

— Então, o que é?

— Oh, Sophie, é Ambrose! Eu não amo Ambrose! Nunca devia ter casado com ele!

Pronto, soltara. Tinha dito. O alívio de realmente admitir o fato, de expressá-lo em voz alta, era imenso. Encontrou os olhos da mãe e viu que tinham uma expressão grave, mas, como sempre, Sophie não ficara surpresa nem chocada. Limitou-se a ficar calada por um instante, depois pronunciando o nome, "Ambrose", como se fosse a resposta para algum enigma não resolvido.

— Sim. Agora eu sei. Foi o erro mais terrível que cometi.

— Quando ficou sabendo?

— Naquele fim de semana. Mesmo quando ele saiu do trem e caminhou pela plataforma ao meu encontro, eu já me enchia de apreensão. Era como ver um estranho chegando, alguém que eu não sentia vontade de ver. Não pensei que ia ser assim. Estava um tanto acanhada por tornar a vê-lo, após todos aqueles meses, porém nunca imaginei que seria assim. Quando voltamos de carro para Carn Cottage, comigo sentada ao lado dele, e a tempestade jorrando, procurei fingir que não era nada — apenas um constrangimento entre nós. No entanto, assim que ele entrou em Carn Cottage, adivinhei que era irremediável. Ele estava errado. Tudo estava errado. A casa o rejeitava, Ambrose não se encaixava nela. Depois disso, tudo foi ficando cada vez pior...

— Espero que nada tenha a ver com papai e comigo — disse Sophie.

— Oh, nada, nada! — apressou-se Penelope em tranqüilizá-la. — Vocês foram uns anjos para ele, os dois! Eu é que me portei pessimamente, mas era algo que não estava em mim, você compreende? Eu não podia suportá-lo. Era como ser forçada a ficar ao lado de um perfeito estranho. E como se costuma dizer, fulano de tal está nas vizinhanças, que ótimo, sei que você será gentil com ele. Então, somos gentis, convidamos o fulano para o fim de semana e tudo se transforma em um tédio sufocante. Bem sei que choveu o tempo todo, mas isso não faria diferença. Era ele. Tão sem interesse, tão inútil. Imagine, ele nem mesmo sabia limpar os sapatos! Jamais limpou os próprios sapatos! Além do mais, foi rude com Doris e Ernie, achava que os meninos eram dois diabretes. Ambrose é um esnobe. Não entendia por que todos nos sentávamos à mesa para

fazer as refeições juntos. Não compreendia por que Doris, Clark e Ronald não eram banidos para viver na cozinha. Creio que isso me irritou mais do que tudo. Nunca imaginei que ele — que alguém, para ser franca — pudesse pensar tais coisas, que pudesse dizê-las, que fosse tão odioso.

— Meu bem, por justiça, não creio que possa culpá-lo por ter seus pontos de vista. Ele foi criado assim. Nós é que talvez estejamos fora do alinhamento. Sempre conduzimos nossa vida doméstica de maneira inteiramente diversa da de outras pessoas.

Penelope, entretanto, não estava para ser consolada.

— Não se trata apenas dele. Como lhe disse, fui eu também. Portei-me horrivelmente com Ambrose. Não sabia que podia ser uma pessoa tão desagradável com alguém. Simplesmente, eu não o queria lá. Não queria que ele me tocasse. Não o deixei fazer amor comigo.

— Em vista da condição em que você estava na época, isso dificilmente seria de surpreender.

— Ele não pensou assim. Ficou aborrecido e ressentido. — Penelope fitou a mãe com certo desespero. — É tudo culpa minha. Você disse que eu não devia casar, a menos que o amasse de verdade. Não lhe dei ouvidos. No entanto, sei que se pudesse tê-lo trazido a Carn Cottage para conhecer vocês dois, antes de resolvermos casar, então eu nunca teria casado com ele, nem em mil anos!

Sophie suspirou.

— Sim, é uma pena que não houvesse tempo para isso. Também foi uma pena que eu e papai não pudéssemos ir ao seu casamento. Mesmo no último momento, seria possível você mudar de idéia, voltar atrás. Entretanto, não adianta ficar pensando nisto. Agora é tarde demais.

— Você não gostou dele, gostou, Sophie? Você e papai? Devem ter pensado que eu estava fora de mim, não?

— Não. Nunca pensamos isso.

— O que vou fazer agora?

— Meu bem, no momento não há nada que possa fazer. Exceto, creio eu, crescer um pouco. Não é mais uma criança. Agora tem responsabilidades, tem uma filha. Estamos no meio dessa guerra terrível, seu marido está no mar, com os Comboios do Atlântico. Nada resta a fazer, senão aceitar a situação e seguir em frente. Por outro lado — ela sorriu, recordando — ele nos visitou em um mau momento. Com toda aquela chuva e a Tia Ethel lá em casa, fumando seus cigarros, bebericando seu gim, com seus comentários indesejáveis e inconvenientes. Quanto a você, nenhuma mulher grávida agiria equilibradamente. Talvez seja diferente, da próxima vez que vir Ambrose. Você poderá tem outras idéias.

— Oh, Sophie, como fui idiota!

— Não. Você apenas era jovem, viu-se envolvida em circunstâncias que estavam inteiramente fora de seu alcance para resolver. E agora, faça isso por mim, alegre-se! Sorria, toque a campainha e a enfermeira Rogers trará aqui minha primeira neta, para que eu a conheça. Também vamos esquecer que tivemos esta conversa.

— Vai contar a papai?

— Não. Ele ficaria perturbado e não gosto de vê-lo preocupado.

— Você nunca teve segredos para ele.

— Este será o primeiro.

Não foi apenas Penelope quem ficou perplexa com a aparência do bebê. Vindo ao hospital no dia seguinte para ver a neta, Lawrence também se mostrou intrigado.

— Meu bem, com quem ela se parece?

— Não faço a menor idéia.

— É muito bonita, mas acho que nada ter a ver com você ou com o pai. Será parecida com a mãe de Ambrose?

— Nem remotamente. Concluí que ela deve ser um atavismo, recuando várias gerações. Talvez seja a imagem viva de algum ancestral morto há muito tempo. Seja o que for, para mim é tudo um mistério.

— Não importa. Ela parece ter vindo plenamente equipada. Isso é tudo que realmente conta.

— Os Keeling já foram informados?

— Sim. Enviei um cabograma para o navio de Ambrose, e Sophie telefonou para o hotel da mãe dele.

Penelope fez uma careta.

— A corajosa e velha Sophie! O que disse Dolly Keeling?

— Parecia encantada. Disse sempre ter esperado que fosse uma garotinha.

— Aposto como está contando para todos os companheiros de hotel e lady Maldita Beamish, que é um bebê de sete meses.

— Oh, se as aparências valem tanto para ela, que mal isso faz? — Lawrence hesitou um instante, depois acrescentando: — Ela disse que seria muita amabilidade sua, se o bebê pudesse ter o nome de Nancy.

— Nancy? Ora, de onde foi que ela tirou esse nome?

— Era o nome da mãe dela. Acho que seria uma boa idéia. Compreenda — ele fez um pequeno e expressivo gesto com a mão — isso ajudaria a endireitar bastante as coisas.

— Tudo bem, ela se chamará Nancy. — Erguendo-se, Penelope espiou para o rosto do bebê. — Nancy. Acho que assenta muito bem nela.

Lawrence, contudo, estava menos preocupado com o nome do bebê, do que com seu comportamento.

— Será que ela vai chorar o tempo todo? Não suporto bebês chorando.

— Oh, papai, é claro que não! Ela é muito sossegada. Apenas mama em sua mãe, dorme e depois acorda para tornar a mamar.

— Que canibalzinha!

— Acha que ela será bonita, papai? Você sempre teve um bom olho para um rosto bonito.

— Será, sem dúvida. Ela é um Renoir. Loura e rosada como uma rosa.

Então, foi a vez de Doris. A maioria dos evacuados, não conseguindo mais suportar o exílio, retomara a Londres aos trancos e barrancos. Doris, Ronald e Clark decidiram ficar; agora eram moradores permanentes de Carn Cottage e faziam parte da família. Em junho, durante a retirada da Força Expedicionária Britânica da França, o marido de Doris, Bert, havia sido morto. A notícia foi levada a eles pelo mensageiro do telégrafo, que partiu em sua bicicleta do Correio de Porthkerris e pedalou colina acima, até Carn Cottage. O rapazinho abriu o portão no muro e cruzou o jardim assobiando, ao encontro de Sophie e Penelope, que arrancavam ervas daninhas dos canteiros.

— Telegrama para a Sra. Potter — anunciou.

Sophie ficou de joelhos, as mãos cobertas de terra, os cabelos caídos obliquamente no rosto e uma expressão que Penelope nunca vira antes.

— Oh, mon Dieu!

Ela pegou o envelope alaranjado, e o rapazinho foi embora. O portão no muro se fechou com uma batida, quando ele saiu.

— Sophie?

— Deve ser o marido dela.

Penelope sussurrou, após um momento:

— O que faremos?

Sophie não respondeu. Limpou a mão no fundilho da calça comprida de algodão e abriu o envelope, usando um polegar com a unha suja de terra. Retirou a mensagem, leu-a e então a dobrou, tornando a enfiá-la no envelope.

— Sim — falou. — Ele está morto. — Sophie levantou-se. — Onde está Doris?

— Lá em cima, no cercado, lavando roupa ou pendurando no varal.

— E os meninos?

— Devem voltar da escola a qualquer momento.

— Devo dizer a Doris, antes de eles chegarem. Se eu não voltar logo, procure mantê-los ocupados. Ela vai precisar de algum tempo. Vai precisar de tempo, antes de contar aos filhos.

— Pobre Doris!

A frase soava dolorosamente inadequada, porém o que mais se poderia dizer?

— Sim, pobre Doris...

— O que ela fará?

O que Doris fez foi imensamente corajoso. Ela chorou, claro, desabafando a raiva e o pesar em uma espécie de tirada contra o marido jovem, que fora tão tolo a ponto de ir para a guerra e ser morto. No entanto, uma vez esgotada a primeira expansão, recompôs-se e, juntamente com Sophie, bebeu uma xícara de chá quente e bem forte, sentadas as duas à mesa da cozinha. Então, seus pensamentos foram inteiramente para os filhos.

— Coitadinhos, como será a vida para eles, sem um pai?

— Crianças recuperam-se em pouco tempo.

— E agora, diabo, como me arranjarei?

— Você dará um jeito.

— Suponho que devo voltar para Hackney. A mãe de Bert... bem, acho que vai precisar de mim. Quererá ver os meninos.

— Acho que você deveria ir. Verificar se está tudo bem com ela. Se estiver, creio que deveria voltar para cá. Os meninos são felizes aqui, fizeram amigos... Seria cruel desenraizá-los agora. Deixe que fiquem com a segurança que possuem atualmente.

Doris olhou para Sophie. Fungou um pouco. Parara de chorar pouco antes, o rosto estava manchado de vermelho e inchado.

— Oh, mas eu não posso simplesmente ficar aqui, até não sei quando!

— Por que não? Você é feliz conosco.

— Não está apenas querendo ser gentil?

— Oh, minha querida Doris, não sei o que faríamos sem você! E os meninos... bem, são como nossos filhos. Sentiríamos muita falta de vocês, se fossem embora!

Doris refletiu no assunto.

— Eu não desejaria mais nada senão ficar aqui. Nunca fui tão feliz na vida. E agora, com Bert morto...

Seus olhos encheram-se novamente de lágrimas.

— Não chore, Doris! Os meninos não devem vê-la chorando.

Precisa mostrar a eles como serem corajosos. Diga-lhes que sintam orgulho do pai, morrendo por semelhante causa, para libertar todos aqueles pobre povos da Europa. Ensine seus filhos a serem bons homens, como foi o pai deles.

— Bert não foi tão bom assim. Às vezes dava motivos para sérios

aborrecimentos. — As lágrimas recuaram, e a sombra de um sorriso surgiu no rosto de Doris. — Voltava do futebol para casa, caindo de bêbado; atirava-se na cama sem tirar os sapatos...

— Não esqueça essas coisas — disse-lhe Sophie. — Todas são parte da pessoa que ele era. É bom recordar os maus momentos, bem como os melhores. Afinal de contas, assim é a vida.

Então, Doris ficou. E quando o bebê de Penelope nasceu, mal podia esperar para vê-lo. Uma garotinha. Doris sempre quisera ter uma filha, mas agora, com Bert morto, possivelmente jamais a teria. No entanto, esta garotinha... Ela foi a única a ficar imediatamente enfeitiçada pelo bebê.

— Oooh! Ela é maravilhosa!

— Você acha?

— Penelope, ela é um encanto. Posso segurá-la?

— Claro que pode!

Inclinando-se, Doris tomou a criança em seus braços práticos e capazes. Ficou contemplando-a, com tal expressão de adoração maternal no rosto, que Penelope se sentiu ligeiramente envergonhada, sabendo-se incapaz de uma dedicação tão transparente.

— Nenhum de nós sabe com quem ela se parece.

Doris, no entanto, sabia. Sabia exatamente com quem ela se parecia.

— Ela é o vivo retrato de Betty Grable!

Tão cedo mãe e filha retomaram a Carn Cottage, Doris incumbiu-se de Nancy. Quanto a Penelope, embora atenuando certa culpa ao dizer a si mesma que estava fazendo um bem a Doris, ficou feliz em deixá-la cuidar da menina. Era Doris quem dava banho em Nancy e lavava suas fraldas. Quando Penelope se cansou de amamentá-la, Doris é que preparava as mamadeiras e alimentava o bebê, sentada em uma cadeira baixa, na cozinha aquecida ou ao lado da lareira da sala. Ronald e Clark eram igualmente devotados, trazendo colegas da escola para admirarem a nova moradora da casa. Enquanto o inverno passava lentamente, Nancy desenvolvia-se, exibiu cabelos e dentes, ficou mais gorda do que nunca. Do galpão de ferramentas, Sophie retirou a antiga cadeirinha de Penelope, com rodas altas e correias para firmar seu ocupante. Doris poliu a cadeirinha e, com certo orgulho, empurrava-a pelas colinas de Porthkerris, subindo e descendo ladeiras, entre muitas paradas para exibir Nancy a qualquer transeunte que se mostrasse interessado e a muitos que não se mostravam.

O temperamento de Nancy permaneceu dócil e tranqüilo. Ficava em seu colchãozinho no jardim, dormindo ou observando beatificamente as nuvens que passavam ou os galhos da cerejeira branca, agitando-se à brisa. Quando chegou a primavera, e as flores da cerejeira caíram, suas mantas ficavam salpicadas de

pétalas brancas. Em pouco podia ficar em uma esteirinha, querendo alcançar um chocalho. Logo depois já se sentava e esforçava-se em unir dois pegadores de roupa.

Nancy era uma fonte de diversão para Sophie e Lawrence, na mesma medida em que era uma fonte de consolo e alegria para Doris. Quanto a Penelope, responsavelmente brincando com a criança, montando cubos ou virando as páginas de surrados livros ilustrados, decidira para si mesma que sua filha era um tédio completo.

Enquanto isso, além das fronteiras daquele pequeno mundo doméstico, a tormenta da guerra, reverberante e carregada de nuvens negras, ganhava intensidade. A Europa estava ocupada, invadida a amada França de Lawrence, e não se passava um dia em que ele não se angustiasse por aquele país e temesse por velhos amigos. No Atlântico, os submarinos alemães andavam à caça, atacando os lentos comboios de destroires e indefesos navios mercantes. A Batalha da Grã-Bretanha fora vencida, porém a um preço terrível de aviões, pilotos e aeroportos. O Exército, novamente organizado após a França e Dunquerque, tomava posição em Gibraltar e Alexandria, em antecipação à próxima e violenta investida do poderio militar alemão.

E, naturalmente, o bombardeio começara. Os raides intermináveis sobre Londres. Noite após noite, as sirenes de aviso soavam, e noite após noite, as maciças formações de Heinkels, com suas cruzes negras e sinistras, enchiam o espaço com o rugido de seus motores, após cruzado o Canal, vindo da escuridão da França.

Em Carn Cottage, eles ouviam o noticiário cada manhã, e seus corações sangravam por Londres. Em nível mais pessoal, a preocupação de Sophie era pela casa da Rua Oakley e as pessoas que lá moravam. A seu conselho, os Friedmarm se tinham mudado do sótão para o porão. Porém os Clifford continuavam onde sempre haviam estado, no segundo pavimento. Sempre que o noticiário comunicava algum raide (o que acontecia na maior parte das manhãs). Sophie os imaginava mortos, feridos, destroçados ou sepultados em escombros.

— Eles já são velhos demais para suportarem esta horrível experiência - dizia ao marido. — Por que não os convidamos para cá, para morarem conosco?

— Meu bem, nós não temos espaço. E, mesmo que tivéssemos, eles não viriam. Você sabe disso. São londrinos. Jamais sairiam de lá.

— Eu ficaria mais feliz se pudesse vê-los. Falar com eles. Certificar-me de que estão bem.

Dissimuladamente, Lawrence observava sua jovem esposa, sentindo-lhe a inquietude. Durante dois anos ela ficara presa ali, em Porthkerris. Sua Sophie que nunca levava mais de três meses em um só lugar, durante sua vida inteira de

casada. E Porthkerris, em tempo de guerra, ficara monótona, triste e vazia, uma cidade muito diferente daquele lugar animado para o qual escapavam alegremente nos verões de antes do conflito. Sophie não estava entediada. Ela jamais se entediava, porém a vida do dia-a-dia fora ficando cada vez mais difícil, enquanto o alimento escasseava, as rações diminuíam e começava a aumentar uma escassez mais aborrecida — xampu, cigarros, fósforos, filmes fotográficos, uísque, gim — qualquer pequeno luxo que contribuísse para amenizar as agruras da existência. Cuidar de uma casa também ia ficando difícil. Para tudo havia filas, e as compras depois tinham que ser carregadas da cidade até o alto da colina, porque nenhum veículo de entrega dispunha mais de gasolina para trabalhar. A gasolina talvez representasse a maior privação de todas. Eles ainda possuíam o velho Bentley, mas o carro passava a maior parte de sua vida nos recessos da Grabney's Garage, simplesmente porque não dispunha de combustível suficiente para rodar mais do que uns poucos quilômetros.

Assim, ele compreendia a inquietude da esposa. Conhecedor profundo das mulheres, ele a compreendia e solidarizava-se. Sabia que Sophie precisava afastar-se deles por alguns dias. Ganhou tempo, esperando uma oportunidade para tocar no assunto, mas parecia que agora nunca estavam sozinhos; a pequenina casa zumbia de atividade e vozes. Doris e os meninos, Penelope e agora o bebê enchiam cada aposento, cada hora desperta e, quando finalmente iam para a cama, à noite, ela estava tão exausta, que já adormecera, quando Lawrence se deitava ao seu lado.

Por fim, certo dia, ele conseguiu surpreendê-la. Estivera desencavando batatas, dolorosamente, porque suas mãos deformadas pela artrite tinham dificuldade em usar a pá e arrancar os tubérculos da terra, mas finalmente enchera uma cesta e a levara para dentro, pela porta dos fundos. Encontrara Sophie sentada à mesa da cozinha, cortando desconsoladamente as folhas de um repolho.

— Batatas — anunciou, deixando-as no chão, ao lado da estufa.

Ela sorriu. Mesmo quando se sentia melancólica, sempre tinha aquele sorriso para ele. Lawrence puxou uma cadeira, sentou-se e olhou para a esposa. Estava magra demais. Havia linhas em tomo de sua boca e à volta dos belos olhos escuros.

— Sozinha finalmente — disse ele. — Onde estão os outros?

— Penelope e Doris levaram as crianças até a praia. Logo estarão chegando para o almoço. — Sophie cortou mais uma ou duas folhas do repolho. — E eu estarei dando isto para comerem... e ouvindo os meninos dizerem que detestam repolho.

— Apenas repolho. Nada mais?

— Macarrão com queijo.

— Você faz o melhor que pode.

— É enfadonho. Enfadonho cozinhar e enfadonho comer. Não os culpo por se queixarem.

— Você tem trabalhado demais — disse ele.

— Não é isso.

— Claro que é! Está cansada e farta.

Ela ergueu o rosto, e os olhos de ambos encontraram-se. Após um momento, Sophie perguntou:

— Está assim tão aparente?

— Só para mim, que a conheço tão bem.

— Oh, estou envergonhada. Sinto raiva de mim mesma. Por que deveria estar descontente? Bem, eu me sinto tão inútil... O que tenho feito? Tranço redes e cozinho refeições. Penso nas mulheres em toda a Europa e me odeio, porém o que posso fazer? E se tiver que enfrentar uma fila por mais uma hora, em busca de uma rabada que outra pessoa acabou de comprar, creio que começarei a ter ataques histéricos.

— Você devia ausentar-se por um dia ou dois.

— Ausentar-me?

— Ir a Londres. Ver sua casa. Ficar com os Clifford. Tranqüilizar-se. — Lawrence colocou a mão sobre a dela, sujando-a com a terra da plantação de batatas. — Ouvimos o noticiário dos bombardeios e ficamos horrorizados, mas o desastre informado é, freqüentemente, pior do que o horror em si. A imaginação desanda, o coração fica opresso pelo medo. No entanto, nada é tão ruim como achamos que seja. Por que não vai a Londres e verifica por si mesma?

Já parecendo mais animada, Sophie considerou o assunto.

— Você iria também?

Ele meneou a cabeça.

— Não, meu bem. Estou velho demais para essa movimentação, mas é justamente dessa movimentação que você precisa. Fique com os Clifford, converse e ria com Elizabeth. Vá fazer compras com ela. Faça Peter levá-la para almoçar no Berkeley ou no L’Ecu de France. Imagino que a comida lá ainda seja excelente, a despeito de toda a escassez atual. Telefone para suas amigas. Vá a um concerto, ao teatro. A vida continua. Mesmo em Londres, em plena guerra. Talvez, especialmente em Londres, em plena guerra.

— E não se incomodará se eu for sem você?

— Eu me incomodarei mais do que poderia exprimir. Nem um momento passará sem que sinta sua falta.

— Por três dias? Acha que suportaria minha ausência por três dias?

— Posso suportar. E, quando voltar, ficará três semanas me contando tudo o que fez por lá.

— Lawrence, eu o amo tanto!

Ele balançou a cabeça, não refutando o que ela havia dito, mas simplesmente dando a entender que Sophie não precisava dizer-lhe. Inclinando-se para a frente, beijou-lhe a boca e então, levantando-se, foi até a pia, lavar a terra das mãos.

Na véspera de tomar o trem para Londres, Sophie foi cedo para a cama. Doris tinha saído, fora dançar na sede da municipalidade, e as crianças já dormiam. Penelope e Lawrence ficaram ouvindo um concerto pelo rádio, mas então ela começou a bocejar, deixou o tricô de lado, deu um beijo de boa-noite no pai e subiu para seu quarto.

A porta do quarto de Sophie estava aberta e havia luz acesa. Penelope enfiou a cabeça pela abertura da porta. Sua mãe estava na cama e lia.

— Pensei que ia mais cedo para a cama, a fim de ter seu sono de beleza!

— Estou excitada demais para dormir. — Ela largou o livro sobre o edredom. Penelope entrou e sentou-se ao seu lado. — Eu gostaria que você fosse comigo.

— Não. Papai tem razão. Você se divertirá mais indo sozinha.

— O que devo trazer para você?

— Não consigo pensar em nada.

— Encontrarei alguma coisa especial. Alguma coisa que nem pensa desejar ter.

— Vai ser ótimo! O que está lendo? — Penelope pegou o livro e leu o título Elizabeth e seu jardim alemão. — Oh, Sophie, você já deve ter lido isto umas cem vezes!

— No mínimo, mas sempre estou relendo. Este livro me consola e tranqüiliza. Faz-me lembrar um mundo que já existiu e que voltará a existir, quando a guerra terminar.

Penelope abriu o livro ao acaso e leu em voz alta:

— "Que mulher feliz eu sou, morando em um jardim, com livros, crianças, pássaros e flores, além de ter tempo de sobra para desfrutá-los!”.

Rindo, ela tomou a largar o livro.

— Você tem todas essas coisas -comentou. — Falta apenas o tempo de sobra. Boa-noite.

As duas se beijaram.

— Boa-noite, minha querida.

Ela telefonou de Londres e a voz era jubilosa, através do fio crepitante.

— Lawrence! Sou eu, Sophie! Como vai você, meu querido? Sim, estou

tendo momentos maravilhosos. Você tinha razão, nada está tão ruim como eu pensava que estaria. Sim, claro, há estragos dos bombardeios, enormes buracos em ruas de casas geminadas, como dentes arrancados da boca, mas todos se mostram corajosos, alegres e seguindo em frente, como se nada tivesse acontecido. E a vida continua, mesmo! Fomos a dois concertos, ouvimos Myra Hess na hora do almoço, foi maravilhoso, você adoraria ter ido! Também visitei os Ellington e aquele simpático rapazinho, Ralph, que estudava no Slade; ele agora está na RAF. E a casa está ótima, enfrentando todos esses solavancos, e é tão bom estar de volta, e Willi Friedmarm está plantando verduras na horta...

Ele perguntou, quando encontrou uma folga:

— O que vai fazer esta noite?

— Vamos jantar com os Dickins — eu, Elizabeth e Peter. Você se lembra deles, ele é médico, trabalhava com Peter... não moram perto de Hurlingham?

— E como chegarão lá?

— Oh, de táxi ou metrô. E por falar em metrô, é incrível, as estações estão cheias de gente dormindo. Eles cantam, fazem festas formidáveis e depois todos vão dormir. Oh, meu querido, já estou começando a ouvir os "pips". Preciso desligar. Um beijo para todos. Estarei em casa depois de amanhã!

Naquela noite, Penelope acordou com um forte sobressalto. Alguma coisa — algum som, algum alarme. O bebê, talvez. Teria Nancy chorado? Ficou ouvindo, mas tudo que percebeu foi apenas o disparar amedrontado de seu próprio coração. As batidas tranqüilizaram-se aos poucos. Então, ouviu as pisadas cruzando o patamar, o rangido dos degraus da escada, o clique do interruptor, quando a luz foi acesa. Levantou-se da cama, saiu do quarto e inclinou-se no corrimão da escada. A luz do saguão estava acesa.

— Papai?

Não houve resposta. Ela cruzou o patamar e espiou no quarto dele. A cama estava desarrumada, mas vazia. Voltou ao patamar, hesitante. O que ele estaria fazendo? Teria ficado indisposto? Aguçando os ouvidos percebeu que Lawrence se movia pela sala de estar. Depois, tudo ficou quieto. Seu pai havia acordado, era tudo. Às vezes, quando perdia o sono ele agia da mesma forma: descia para o térreo, acendia a lareira e pegava um livro para ler.

Penelope voltou para a cama. Entretanto, o sono não vinha. Ficou acordada na escuridão, espiando o céu fosco pela janela aberta. Mais abaixo, na praia, a maré murmurava. as ondas sussurravam na areia. Ouvindo os ruídos do mar, ela esperou o alvorecer, de olhos abertos.

Às sete horas, levantou-se e desceu para o térreo. Seu pai tinha ligado o rádio. Havia música. Ele esperava o noticiário do começo da manhã.

— Papai...

Ele ergueu a mão, em um gesto para silenciá-la. A música extinguiu-se. Soou o indicador do tempo.

— “Aqui é Londres falando. Este é o noticiário das sete horas, lido por Alvar Liddell.”

A voz calma, desapaixonada e objetiva, contou a eles o que tinha acontecido. Contou a eles sobre o raide de bombardeio daquela noite, sobre Londres. ...incendiários, minas terrestres, potentes explosivos, tudo havia sido despejado sobre a cidade. Ainda enfrentavam incêndios mas estavam sob controle... as docas tinham sido atingidas...

Penelope estendeu a mão e desligou o rádio. Lawrence ergueu os olhos para ela. Usava seu velho robe, e a barba despontando no queixo cintilava prateada.

— Não pude dormir — disse.

— Eu sei. Ouvi você descer.

— Fiquei aqui sentado, esperando que amanhecesse.

— Já houve outros raides, papai. Está tudo bem! Vou fazer o chá. Não se preocupe. Tomaremos uma xícara de chá e depois ligaremos para a Rua Oakley. Vai estar tudo bem, papai.

Tentaram a ligação, porém a telefonista informou que, após o raide daquela noite, não havia linhas para Londres. Durante toda a manhã, de hora em hora, eles tentaram uma comunicação. Sem êxito.

— Sophie deve estar tentando ligar para nós, papai, assim como estamos tentando ligar para ela. Deve estar tão frustrada e ansiosa como nós, porque sabe que ficamos preocupados.

Entretanto, só por volta de meio-dia, o telefone finalmente soou. Cortando verduras para a sopa, na pia da cozinha, Penelope ouviu a chamada, largou a faca e correu para a sala de estar, enxugando as mãos no avental enquanto isso. Entretanto, sentado ao lado do telefone, Lawrence já atendia. Ela ficou de joelhos ao lado do pai, bem perto, não querendo perder uma palavra da ligação.

— Alô? Aqui é de Carn Cottage. Alô?

Um zumbido, um estalido, um curioso som crepitante e, finalmente:

— Alô?

Entretanto, não era a voz de Sophie.

— Lawrence Stern falando!

— Oh, Lawrence, aqui é Lalla Friedmarm. Sim, Lalla, da Rua Oakley. Não consegui ligar antes. Há mais de duas horas que estou tentanto. Eu...

A voz dela interrompeu-se subitamente, a linha emudeceu.

— O que é, Lalla?

— Você está sozinho?

— Não, Penelope está comigo. É... Sophie, não é?

— Sim. Oh, Lawrence, sim! E os Clifford. Todos eles! Foram todos mortos! Uma bomba caiu diretamente na casa dos Dickins. Nada restou. Fomos até lá para saber, eu e Willi. Esta manhã, como eles não tinham voltado, Willi tentou ligar para os Dickins mas, é claro, foi impossível. Então, fomos até lá, para saber o que tinha acontecido. Já tínhamos ido lá antes, em um Natal, de modo que sabíamos o endereço. Tomamos um táxi, mas depois tivemos de ir andando...Nada restou.

— E quando chegamos ao fim da rua, estava isolada por cordas; não permitiam que ninguém fosse lá, e os bombeiros ainda trabalhavam. Entretanto, pudemos ver. A casa havia desaparecido. Nada mais havia lá, senão uma enorme cratera. Chamei um policial e falei com ele. Foi muito gentil, mas disse que não havia esperanças. Nenhuma esperança. Lawrence! — Ela começou a chorar. — Todos eles... Mortos! Eu sinto muito. Lamento tanto ter de contar-lhe isto...Nada restou.

— Foi muita gentileza sua ter ido procurá-los. E também muita gentileza ter ligado para cá...

— É a pior coisa que já tive de fazer.

— Eu sei — disse Lawrence. — Imagino.

Ele ficou parado. Após um momento, desligou o telefone, seus dedos contorcidos recolocando o fone desajeitadamente no gancho. Penelope virou a cabeça e a recostou na lã grossa do suéter do pai. O silêncio que se seguiu foi vazio de tudo. Um vácuo.

— Papai...

Ele ergueu a mão, afagou-lhe o cabelo.

— Papai...

Ela ergueu o rosto e o viu balançar a cabeça. Soube que ele apenas queria ficar só. Reparou, então, que seu pai estava velho. Nunca lhe parecera tão velho antes, mas agora sabia que Lawrence Stern jamais seria outra coisa. Levantando-se, saiu da sala e fechou a porta.

Nada restou.

Penelope subiu para o andar de cima e entrou no quarto dos pais. Naquela manhã fantasmagórica, a cama não foi arrumada. As cobertas estavam ainda amarfanhadas, o travesseiro mostrava a impressão funda da cabeça insone de seu pai. Ele soubera. Ambos tinham sabido. Esperançosos, apelando para a coragem, mas cheios de certeza mortal. Os dois tinham sabido.

Nada restou.

Na mesa de cabeceira de Sophie estava o livro que ela ficara lendo à noite, na véspera de sua partida para Londres. Penelope foi até lá e o pegou. Ele se

abriu automaticamente em suas mãos, naquela página muito lida, muito relida.

"Que mulher feliz eu sou, morando em um jardim. com livros, crianças, pássaros e flores, além de ter tempo de sobra para desfrutá-los! Às vezes, tenho a sensação de haver sido mais abençoada do que todos os meus semelhantes, por ser capaz de encontrar a felicidade tão facilmente."

As palavras dissolveram-se e ficaram perdidas, como figuras vistas através de uma vidraça lavada pela chuva. Encontrar a felicidade tão facilmente. Sophie não apenas encontrara a felicidade, ela a irradiara. E agora, nada havia restado. O livro escorregou de seus dedos. Ela caiu sobre a cama e enterrou o rosto lacrimoso no travesseiro de Sophie, sentiu o linho fresco como a pele de sua mãe, ainda com um doce cheiro de seu perfume, como se ela, apenas uns momentos antes, houvesse saído do quarto.

10. Roy Brookner

Embora sendo um jogador competente e demonstrasse uma incrível velocidade nas quadras de squash, Noel Keeling não era adepto do esforço físico. Nos fins de semana, se instigado por sua anfitriã para uma tarde de cortar árvores ou jardinagem comunal, ele invariavelmente escolhia as tarefas menos árduas, recolhendo pequenos galhos para uma fogueira ou cortando as rosas mortas na ponta dos ramos. Podia oferecer-se para aparar a grama, porém somente se o aparador fosse do tipo que ele pudesse dirigir e fazia questão de que outra pessoa — em geral alguma jovem estonteada — se incumbisse de levar o carrinho de mão, cheio da grama aparada, até a pilha da mistura de adubo. Quando uma situação ficava realmente trabalhosa, com moirões de cerca a serem fincados em solo pedregoso ou um enorme buraco cavado para um arbusto recentemente adquirido, ele aperfeiçoara a arte de esgueirar-se para dentro da casa, onde eventualmente seria descoberto por outros convidados exaustos e indignados, aboletado diante da televisão, assistindo a uma partida de críquete ou golfe, com os jornais dominicais espalhados à sua volta, como folhas soltas.

Em vista disto, ele elaborou seus planos. Passaria todo o sábado simplesmente bisbilhotando, verificando o conteúdo de cada arca, cada caixa, cada cômoda antiga e desconjuntada. (O verdadeiro trabalho pesado, o de arrastar e carregar, o de empilhar velharias debaixo dos dois estreitos lances de escada, podia ser tranqüilamente deixado para o dia seguinte, para o novo jardineiro funcionando como operário, enquanto ele nada mais penoso teria de fazer, além de dar ordens.) Se tivesse êxito em sua vistoria e encontrasse o que procurava... um, dois ou talvez um maior número dos rústicos esboços a óleo de Lawrence Stern... então agiria com toda a calma. Isto aqui talvez fosse interessante, diria para sua mãe e, dependendo da reação dela, seguiria em frente. Talvez valesse a pena serem examinados por um perito; eu conheço um, Edwin Mundy...

Na manhã seguinte, Noel levantou cedo, preparou um lauto desjejum de bacon, ovos e salsicha, mais quatro torradas e um bule de café forte. Comeu na mesa da cozinha, enquanto via a chuva deslizar vidraça abaixo. Isto o alegrou, porque não haveria chance de sentir-se tentado a sair para o jardim e sua mãe pedir-lhe que fizesse alguma coisa. Quando estava na segunda xícara de café e já plenamente desperto, ela surgiu em seu quimono, parecendo um tanto surpresa

ao ver o filho acordado tão cedo em uma manhã de sábado e tão diligente.

— Não vá fazer muito barulho, está bem, meu querido? Eu gostaria que Antonia dormisse o maior tempo possível. Pobre menina, deve estar esgotada!

— Ouvi as duas conversando na madrugada. De que falavam?

— Oh, apenas coisas. — Ela despejou um pouco de café para si mesma. — Escute, Noel, não vá jogar nada fora sem me mostrar primeiro, está bem?

— Nada mais farei, além de verificar o que você entulhou lá em cima. A queima e destruição podem ficar para amanhã. Entretanto, procure ser sensata. Moldes antigos de tricô e retratos de casamento tirados por volta de 1910, decididamente, precisam ser eliminados.

— Odeio pensar no que você irá destruir.

— A gente nunca sabe — disse Noel, sorrindo para ela. — Tudo pode acontecer.

Ele a deixou tomando o café e subiu. Entretanto, antes de começar a trabalhar, uma ou duas dificuldades práticas precisavam ser resolvidas. O sótão tinha apenas uma pequena janela, profundamente incrustada no oitão para o leste, e a única lâmpada, suspensa na viga central do teto, era tão fraca e mortiça, que pouca luminosidade acrescentava à escassa claridade do dia cinzento. Descendo para a cozinha, ele pediu à mãe uma lâmpada mais potente. Ela desentranhou uma, de uma caixa debaixo da escada. Ele a levou para cima e, equilibrando-se em uma cadeira cambaia, substituiu a lâmpada fraca pela mais forte. Entretanto, ao acionar o interruptor, verificou que nem assim havia luz suficiente para levar a cabo a minuciosa investigação que tinha em mente. Um abajur, era do que precisava. Havia um bem ali, um velho abajur de modelo comum, com a cúpula torta e quebrada, mais um comprido fio que se espichava pelo chão, porém sem tomada. Isto significava mais uma viagem ao andar de baixo. Apanhou outra lâmpada potente na caixa de papelão e perguntou à mãe se dispunha de alguma tomada extra. Ela disse que não havia nenhuma. Noel insistiu que era algo indispensável. Ela respondeu que, neste caso, tirasse alguma de outro aparelho doméstico. Noel precisava de uma chave de fenda. Penelope informou que havia uma em sua gaveta de utilidades e, começando a parecer meio exasperada, apontou-a para ele.

— Aquela ali, Noel! No aparador!

Ele abriu a gaveta e se defrontou com uma confusão de pedaços de fio elétrico, fusíveis, martelos, caixas de tachinhas e tubos achatados de cola. Remexendo entre tudo aquilo, terminou encontrando uma pequena chave de fenda, com a qual removeu a tomada do ferro de passar. Novamente no sótão, adaptou com certa dificuldade a tomada ao fio do velho abajur e, rezando para que fosse comprido o suficiente, arrastou-o escada abaixo, ligando-o na tomada

do patamar. Pelo que achava ser a centésima vez, tomou a subir a escada, apertou o interruptor do abajur e soltou um suspiro de alívio, quando a lâmpada acendeu. Facilmente desencorajado pela menor dificuldade, ele se sentia exausto, porém agora tudo ficara iluminado e, finalmente, podia começar.

Por volta do meio-dia, já havia trabalhado até metade do entulhado e empoeirado sótão. Vasculhara três arcas, uma mesa comida de cupim, um caixote de madeira leve que outrora havia trazido chá importado, e duas malas. Havia encontrado cortinas e almofadas, inúmeros copos para vinho embrulhados em papel de jornal, álbuns de fotos, maciços em suas reproduções de sépia, um aparelho de chá para boneca, uma pilha de fronhas amareladas pela idade e tão surradas, que dispensavam qualquer conserto. Vira livros de contabilidade encadernados em couro, as entradas meticulosamente escritas em desbotada e floreada caligrafia; montes de cartas, amarradas com fitas; tapeçarias inacabadas, nas quais estavam enfiadas agulhas enferrujadas, e algumas instruções para o manejo da última invenção, um aparelho para limpar facas. Em certo momento, ao deparar com uma grande caixa de papelão, fechada com adesivos, sentiu a esperança brotar. Com mãos trêmulas de excitação, arrancara os adesivos, mas encontrara apenas várias aquarelas pintadas por amador, feitas por só Deus sabia quem, e representando as Dolomitas. O desapontamento foi imenso, mas ele reuniu energias para prosseguir em sua tarefa. Havia penas de avestruz e xales de seda com longas franjas; toalhas de mesa bordadas, com as dobras amareladas; quebra-cabeças e peça de tricô inacabadas. Encontrou um tabuleiro de xadrez, mas nenhuma peça; cartas de baralho uma edição Burke's Landed Gentry, de 1912.

Em toda a sua busca, nada tinha encontrado que remotamente possuísse alguma semelhança com a obra de Lawrence Stern.

Soaram pisadas nos degraus. Noel se encarapitara em uma banqueta, empoeirado, sujo e desconsolado lendo um exemplar de "Dicas para a Dona-de-Casa", onde era ensinado como lavar meias pretas de lã. Erguendo os olhos, viu Antonia, no alto dos degraus. Usava jeans, tênis e um suéter branco. Pela mente dele passou o pensamento de que era lamentável ela ter cílios tão claros, porque seu corpo era francamente sensacional.

— Olá -disse ela, parecendo tímida e especulativa, como se relutasse em perturbá-lo.

— Olá — respondeu Noel, fechando o livro com uma pancada seca e o deixando cair no chão, a seus pés. — Quando foi que emergiu?

— Por volta das onze horas.

— Eu a acordei?

— Não. Não ouvi coisa alguma. — Antonia aproximou-se, esgueirando-se

por entre todos aqueles objetos penosamente vasculhados. — Como está indo com o trabalho?

— Devagar. A idéia geral é separar o joio do trigo. Tentar eliminar tudo que represente risco de incêndio.

— Não imaginava que fosse tão difícil assim. — Ela parou para olhar em volta. — De onde veio tudo isto?

— É uma boa pergunta. Dos sótãos da casa da Rua Oakley. E de outros sótãos, de outras casas, recuando através dos séculos, a julgar pela aparência das coisas. Deve ser hereditária esta incapacidade absoluta de jogar coisas fora.

Inclinando-se, Antonia recolheu um xale de seda escarlate.

— Isto é bonito. — Ajeitou-o em torno dos ombros, ordenando as franjas emaranhadas. — O que acha?

— Bizarro.

Ela retirou o xale, dobrando-o com cuidado.

— Penelope me pediu para perguntar se você quer comer alguma coisa.

Noel olhou para o relógio e, com surpresa, viu que era meio-dia e meia. O tempo lá fora não clareara, e ele estivera tão concentrado em sua tarefa, que perdera inteiramente a noção das horas. Percebeu que não apenas tinha fome, como também sede. Saltou da banqueta e ficou em pé.

— O que agora preciso, mais do que tudo, é de um gim-tônica.

— Vai voltar ao sótão à tarde?

— Não tenho alternativa. Do contrário, isto nunca terminará.

— Se quiser, posso vir ajudar.

Noel, entretanto, não a queria por peno... não queria ninguém espiando o que fazia.

— É muita gentileza sua, mas acho melhor continuar sozinho, trabalhando em meu próprio ritmo. Venha... -Ele a instigou a descer a escada. — Vejamos o que a mãe fez para o almoço.

Pelas seis e meia da tarde, a longa vistoria terminara, e Noel já sabia que não acertara o alvo. Os sótãos de Podmore's Thatch não continham tesouro algum. Nem um só croqui de Lawrence Stern fora encontrado, e todo o projeto havia sido pura perda de tempo. Ruminando tão amarga verdade, ele se postou em pé, de mãos nos bolsos, contemplando a confusão que era tudo quanto tinha conseguido. Cansado e sujo, sem mais esperanças, seu estado de ânimo passou para o ressentimento. Isto era dirigido principalmente para sua mãe, a culpada de tudo. Provavelmente, em um ou outro momento, ela destruíra os esboços ou os vendera por alguns níqueis, não sendo descartada a hipótese de tê-los dado para alguém. Sua despreocupada generosidade, juntamente com aquela mania de esquilo, continuamente juntando coisas inúteis, sempre o deixara fora de si.

Agora, Noel deixou que sua fúria lavrasse, queimando-o silenciosamente. Seu tempo era precioso, e perdera um dia inteiro vasculhando os destroços do naufrágio, de quantas gerações só Deus saberia, simplesmente porque ela nunca se dera ao trabalho de fazer aquilo sozinha.

Agora, com a raiva de mil demônios, por um momento chegou a pensar em abandonar o navio e seguir a rota de fuga normalmente designada para os fins de semana Uma Estrela, que era recordar de súbito um premente compromisso em Londres, dar adeus e voltar para casa.

Entretanto, isto não era mais possível. Já tinha ido longe demais e também falara além da conta. Ele é que começara tudo (casa insegura, risco de incêndio, seguro inadequado etc.) e também falara a Olivia sobre a possível existência dos esboços. A esta altura, embora certo de que tais esboços não existiam, podia imaginar os ferinos comentários de Olivia se ele desse o fora, deixando o trabalho incompleto. Apesar de sua insensibilidade, Noel recusava a perspectiva das cáusticas reprimendas de sua inteligente irmã.

Nada havia a fazer. Teria que ficar ali. Enfurecido, chutou para o lado uma cama quebrada de boneca e, apagando as luzes, desceu para o térreo.

A chuva parou durante a noite, e as nuvens carregadas dispersaram-se, empurradas por um leve vento de sudoeste. A manhã de domingo mostrou um céu claro e tranqüilo, a quietude quebrada apenas pelo coro dos trinados de pássaros. Foi isto que despertou Antonia. Os primeiros raios do sol entravam enviesados em seu quarto, através da janela aberta, pousavam aquecidos no tapete e destacavam as rosas em tonalidade rosa-vivo, no tecido das cortinas. Ela saiu da cama e foi inspecionar o dia, debruçando-se com os braços nus no peitoril da janela e aspirando o ar úmido, impregnado do cheiro de musgo. O teto de colmo era tão baixo, que lhe roçava o alto da cabeça. Ela viu o orvalho cintilando na relva e os dois tordos que trinavam no castanheiro -a suave cerração de uma perfeita manhã de primavera.

Eram sete e meia da manhã. Chovera durante todo o dia anterior, e eles não haviam saído. Ainda não refeita dos traumas e viagens, Antonia nada mais desejaria do que um dia dentro de casa. Fora deixada a sós junto à lareira, com as gotas de chuva escorrendo nas vidraças e as luzes acesas, por ser o dia tão penumbroso. Tinha encontrado um livro, uma obra de Elizabeth Jane Howard que ainda não lera e, depois do almoço, aninhando-se no sofá, mergulhou na leitura. Penelope surgia de quando em quando, a fim de colocar mais uma tora no fogo da lareira ou procurar seus óculos. Mais tarde, juntou-se a Antonia, não para tagarelar e sim para ler os jornais. Mais tarde ainda, preparou chá e o trouxe. Sozinho no sótão, Noel ficara lá o dia inteiro, para finalmente aparecer, exibindo o que evidentemente era um péssimo estado de ânimo.

Isto deixou Antonia pouco à vontade. Ela e Penelope estavam então na cozinha, preparando o jantar em franca camaradagem, mas bastou um olhar para Noel e espalhou-se uma sensação de inevitabilidade, uma certeza de que seu descontentamento poderia destruir a inteira harmonia do dia.

Na verdade, tudo referente a Noel a deixava pouco à vontade. Ele possuía a mesma vitalidade morena de Olivia, seu linguajar animado, porém nada tinha da calidez da irmã. Fazia Antonia sentir-se insossa e deslocada, sendo-lhe difícil encontrar coisas para dizer a ele, coisas que não fossem banais nem tediosas. Quando ele cruzou a porta da cozinha, de rosto carregado como uma tormenta e uma mancha de sujeira num lado do rosto, a fim de encher um copo com uma generosa dose de uísque puro e questionar a mãe sobre o motivo de haver trazido tanto lixo da Rua Oakley para Gloucestershire, as pernas de Antonia tremeram, ante a perspectiva de uma cena ou, pior ainda, de um noite de silencioso carrancismo. Penelope, entretanto, enfrentou a situação à sua maneira, não se deixando provocar pelo ataque e deixando claro que o filho não levaria a melhor.

— Preguiça, suponho — respondeu aereamente. — Foi mais fácil enfiar tudo empacotado no caminhão de mudanças, do que decidir que destino dar a tanta coisa. Eu já tinha bastante o que fazer, sem ter que selecionar todos aqueles livros e cartas velhas.

— Certo, mas quem iniciou a coleção de inutilidades?

— Não faço a menor idéia.

Derrotado, silenciado pelo bom humor da mãe, ele despejou todo o uísque no fundo da garganta, e imediatamente ficou mais relaxado. Chegou a esboçar um breve sorriso.

— Você é a mulher mais impossível do mundo — disse para a mãe.

Ela aceitou isto também.

— Sei disso muito bem, mas nem todos nós somos perfeitos. Pense apenas no quanto sou boa em outras coisas. Como cozinhar refeições para você e ter sempre a bebida certa no aparador. Caso se lembre, a mãe de seu pai nunca deixava nada em seu aparador, exceto garrafas de sherry, que tinha um sabor de uvas-passas.

Ele franziu a testa, desgostoso ao evocar aquilo.

— O que há para o jantar?

— Truta assada com amêndoas, batatas frescas e framboesas com creme. Não menos do que você merece. Alem disso, pode escolher uma garrafa de vinho adequada, beber seu drinque lá em cima e tomar um banho. — Ela sorriu para o filho, porém, os olhos escuros eram penetrantes. — Tenho certeza de que precisará de um, após toda essa trabalheira.

Assim, afinal de contas a noite havia sido tranqüila. Cansados, foram todos

cedo para a cama, e Antonia dormiu a noite inteira. Agora, com a vitalidade da juventude e, pela primeira vez em muitos dias, voltava a sentir-se ela mesma novamente. Queria ir lá fora, correr pelo gramado, encher os pulmões de ar puro e fresco. A manhã de primavera esperava, e Antonia sabia que precisava fazer parte dela.

Vestiu-se, desceu para o térreo, apanhou uma maçã na tigela sobre o aparador da cozinha, passou pela estufa de plantas e saiu ao jardim. Comendo a maçã, atravessou o gramado. O orvalho umedeceu seus tênis de lona, os quais deixaram uma trilha de pegadas sobre a grama úmida. Passou abaixo do castanheiro, cruzou a passagem pela cerca-viva e viu-se no pomar. Uma trilha rústica serpenteava pelo gramado sem trato e já pontilhado de brotos de narcisos, passava junto aos restos de uma fogueira e contornava uma sebe de pilriteiros, podada recentemente. Um pouco além, ela chegou até o rio, correndo fundo e estreito entre margens altas. Acompanhou a corrente, abaixo de um arco de salgueiros. Quando os salgueiros rarearam, o rio seguiu em frente, através de amplos prados úmidos, cheios de gado pastando; mais além, as encostas suaves subiam para o céu. Havia ovelhas nas pastagens altas e, na distância, um homem com um cão em seus calcanhares subia a ladeira na direção daqueles animais.

Agora, Antonia aproximava-se da aldeia. Na curva da estrada, estavam a velha igreja com sua torre quadrada e os chalés edificados em pedras douradas. A fumaça subia reta no ar imóvel, brotando de chaminés e lareiras acesas pouco antes. O sol subia no céu cristalino e seu débil calor arrancava da ponte um cheiro de creosoto. Era um cheiro agradável. Ela se sentou na ponte, deixando penduradas as pernas úmidas, e terminou de comer a maçã. Atirou o miolo com as sementes na água corrente e limpa, depois o ficou vendo ir embora, até desaparecer para sempre.

Decidiu que Gloucestershire era inteiro e poeticamente belo, excedendo tudo quanto havia imaginado. E Podmore's Thatch era perfeito, sendo Penelope ainda mais do que tudo. Apenas estar com Penelope fazia uma pessoa sentir-se em calma e segurança, como se a vida — ultimamente quase insuportável, de tão vazia e melancólica — ainda tivesse algo excitante e contivesse alegrias futuras. "Você pode ficar aqui o tempo que quiser", ela havia dito para Antonia. Em si, o convite era uma tentação, mas ela sabia ser impossível. Por outro lado, o que pretendia fazer?

Estava com dezoito anos. Não tinha família, lar nem dinheiro, tampouco tendo qualificações para exercer alguma profissão. Durante aqueles poucos dias passados em Londres, fizera confidências a Olivia.

— Nem mesmo sei o que eu quero fazer. Isto é, nunca senti grande vocação por alguma coisa. Seria bem mais fácil se sentisse. E mesmo que me

decidisse subitamente a ser uma secretária, médica ou contabilista, aprender essas profissões custa muito dinheiro.

— Eu poderia ajudá-la — dissera Olivia.

Antonia ficara imediatamente agitada.

— De maneira alguma, nem pense nisto! Você não tem qualquer responsabilidade comigo.

— De certa forma, acho que tenho. Você é a filha de Cosmo. E eu não estava pensando tanto em preencher cheques polpudos, mas sim que poderia ajudá-la de outras maneiras. Posso apresentá-la a pessoas. Nunca pensou em ser modelo?

Modelo. Antonia ficara boquiaberta de espanto.

— Eu? Ora, jamais poderia ser modelo! Não tenho beleza alguma!

— Para ser modelo, não precisa ser bonita. Basta ter as medidas certas de corpo, e você as tem.

— Impossível! Fico muito constrangida, com uma máquina fotográfica apontando para mim.

Olivia riu.

— O tempo a fará superar isso. Tudo que precisa é de um bom fotógrafo, alguém que lhe infunda confiança. Já vi isso acontecer antes. Patinhos feios transformados em cisnes.

— Não eu!

— Não seja tão tímida. Nada há de errado com seu rosto, à exceção desses cílios tão claros. Por outro lado, eles são incrivelmente espessos e longos. Não sei por que não usa rímel!

Aqueles cílios eram a maior fonte de vergonha para Antonia e, ouvindo Olivia mencioná-los, ela enrubesceu de constrangimento.

— Já tentei, Olivia, mas não posso. Sou alérgica a esses produtos ou coisa assim. Minhas pálpebras incharam, depois as faces, fiquei com o rosto inteiramente vermelho, os olhos começaram a lacrimejar e toda a tinta negra me escorreu dos olhos. É um desastre, mas nada posso fazer sobre isso.

— Por que não os tinge?

— Tingir?

— Sim. Tingir de preto. Em um salão de beleza. Então, todos os seus problemas terminariam.

— E eu não seria alérgica à tintura?

— Não acredito. Enfim, você terá que descobrir. Seja como for, isto agora não vem ao caso. Estamos falando de você arranjar um emprego como modelo fotográfico. Apenas por um ou dois anos. Ganharia um bom dinheiro e poderia economizar algum. Então, quando tiver decidido o que fazer, poderá contar com

algum capital, será independente. De qualquer modo, reflita nisso durante sua permanência em Podmore's Thatch. Comunique-me o que decidiu e eu providenciarei as fotos.

— Você é muito generosa.

— De maneira alguma. Apenas prática.

Considerando o caso objetivamente, até que não era má idéia. A perspectiva de realmente fazer tal trabalho deixara Antonia alarmada, mas se pudesse ganhar algum dinheiro nessa profissão, certamente valeria a pena submeter-se ao constrangimento e a ter o rosto pesado de maquilagem. Além disso, por mais que pensasse, não conseguia imaginar alguma coisa que realmente quisesse fazer. Gostava muito de cozinhar, de jardinagem, plantar coisas e colher frutas — durante os dois anos passados com Cosmo em Ibiza, pouco mais fizera além disso —, mas era impossível progredir grande coisa como colhedora de frutas profissional. Por outro lado, não a seduzia a perspectiva de trabalhar em um escritório, muito menos em uma loja, um banco ou hospital. Assim sendo, qual era a alternativa?

Na torre da igreja, através do vale, um sino começou a badalar, infundindo uma espécie de melancólica tranqüilidade ao pacífico cenário. Antonia pensou em outros sinos: sinos de cabras em Ibiza, discordantes, badalando no início das manhãs, pelos áridos campos pedregosos que circundavam a casa de Cosmo. E o cantar dos galos, os grilos cricrilando na escuridão... todos os sons de Ibiza, desaparecidos para sempre, mergulhados no passado. Ela pensou em Cosmo e, pela primeira vez, tal pensamento não lhe encheu os olhos de lágrimas. O pesar era uma carga terrível mas, pelo menos, era possível deixá-lo à beira da estrada e seguir em frente. Antonia dera apenas alguns passos, mas já podia virar a cabeça, olhar para trás e não chorar. Isto nada tinha a ver com esquecer. Era apenas aceitação. Nada volta a parecer tão ruim, depois que o aceitamos.

O sino da igreja soou por uns dez minutos, cessando em seguida abruptamente. O silêncio que se seguiu ficou impregnado dos pequenos sons da manhã. A água fluindo, os berros do gado, os meés distantes das ovelhas. Um cão latiu. O motor de um carro roncou. Antonia percebeu que estava furiosamente faminta. Levantando-se saiu da ponte e começou a refazer seus passos, encaminhando-se para Podmore's Thatch e o desjejum. Ovos cozidos, talvez, pão tostado, manteiga e chá forte. A simples idéia de tão deliciosa comida a encheu de satisfação. Despreocupadamente feliz, pela primeira vez em semanas, ela começou a correr, abaixando a cabeça ao passar sob os galhos pendentes dos salgueiros, de coração leve e livre, como uma criança a quem estava prestes a acontecer algo maravilhoso.

Quando alcançou a sebe de pilriteiros e o portão que dava para o pomar de

Penelope. estava sem fôlego, acalorada pelo exercício. Ofegando, reclinou-se no portão por um instante, depois o abriu e passou para o outro lado. Ao fazer isto um movimento lhe prendeu a atenção e, erguendo os olhos, viu um homem conduzindo um carrinho de mão pela trilha sinuosa que levava para fora do jardim, naquele momento passando sob o varal para roupa lavada de Penelope, entre a macieira vetusta e as pereiras. Era um rapaz, alto, de pernas compridas. Não Noel. Uma outra pessoa.

Antonia fechou o portão. O clique da fechadura chamou a atenção do estranho, que olhou para ela.

— Bom-dia! — disse ele em voz bem alta.

Continuou empurrando o carrinho pela grama crescida, a roda rangendo, necessitada de óleo. Antonia ficou parada, vendo-o aproximar-se. À altura dos restos da fogueira, ele parou, largou o carrinho e endireitou as costas, enquanto a observava. Usava jeans desbotados e manchados, enfiados em botas de borracha, e um suéter velho e frouxo sobre uma camisa azul-vivo. A gola da camisa fora erguida em torno do pescoço, e os olhos dele mostravam a mesma tonalidade azul forte, incrustados fundo no rosto, sem pestanejar, as faces curtidas pelo tempo.

— Que lindo dia — disse o rapaz.

— Tem razão.

— Foi dar um passeio?

— Só cheguei até a ponte.

— Você deve ser Antonia.

— Sim, sou eu mesma.

— A Sra. Keeling me disse que você ia chegar.

— Não sei quem é você.

— Sou o jardineiro. Danus Muirfield. Vim dar uma ajuda hoje. Na limpeza do sótão. Queimar tudo que for imprestável.

O carrinho de mão continha algumas caixas de papelão, jornais velhos e um forcado. Pegando o comprido cabo do forcado, ele começou a remexer as cinzas da fogueira anterior, puxando-as para o lado a fim de limpar um trecho seco de solo.

— Há uma montanha de coisas para queimar — informou Antonia. — Subi ontem até o sótão e vi a quantidade.

— Não importa; temos o dia inteiro para isso.

Ela gostou de ouvi-lo falar no plural. Aquilo parecia incluí-la, ao contrário da fria rejeição de Noel, quando se oferecera para ajudar. Agora, começava a sentir-se não apenas parte de todo o projeto, mas também bem-vinda.

— Ainda não fiz o desjejum, mas assim que comer alguma coisa, virei dar-

lhe uma ajuda.

— A Sra. Keeling está na cozinha, cozinhando ovos.

Antonia sorriu.

— Eu tinha esperanças de que fossem ovos cozidos.

Ele não correspondeu ao sorriso.

— Pois então, vá comê-los — disse. Enfiou os dentes do forcado na terra negra e se virou para recolher um monte de jornais. — Não se pode ter um dia de trabalho duro, com o estômago vazio.

Com as mãos enluvadas em couro de porco firmemente aferradas ao volante de seu carro, Nancy Chamberlain rodou pelas ensolaradas Cotswolds em direção a Podmore's Thatch, para o almoço de domingo com a mãe. Estava bem-humorada e seu estado de ânimo do momento era resultante de vários fatores. O dia inesperadamente radioso era um deles. O céu muito azul não a afetara apenas, mas também sua família, pois as crianças não tinham discutido durante o desjejum. George fizera uma ou duas piadas sobre suas salsichas da manhã de domingo, e até a Sra. Croftway se tinha oferecido para levar os cães em sua caminhada à tarde.

Sem a tarefa de um lauto almoço de domingo para preparar, sobrara tempo para tudo. Tempo para Nancy demorar-se em maiores cuidados com sua aparência (estava usando seu melhor costume e a blusa de crepe da China, com laço no pescoço), tempo para levar Melanie e Rupert de carro até a casa dos Wainwright; tempo para acenar a George, quando ele partiu para sua reunião diocesana e, até mesmo, tempo para ir à igreja. Ir à igreja sempre deixava Nancy sentindo-se boa e piedosa, da mesma forma como comparecer a comitês dava-lhe uma sensação de importância. Assim, desta vez, a imagem que fazia de si mesma nivelava-se a suas ambições. Era uma bem organizada senhora residente no campo, com filhos convidados a passarem o dia na companhia de amigos adequados, um marido envolvido em atividades meritórias e empregados dedicados.

Tudo isto a enchia de uma insincera e desacostumada confiança, de maneira que, enquanto dirigia, ia planejando exatamente o que faria e diria no transcorrer da tarde. No momento oportuno, sozinha com a mãe, talvez durante o café, abordaria o tema dos quadros de Lawrence Stern. Mencionaria o preço absurdo alcançado pela tela As aguadeiras, e apontaria a falta de visão em não aproveitarem os preços do mercado, que agora estavam no ápice. Viu-se fazendo isto argumentando tranqüilamente, deixando bem claro que pensava apenas no melhor para sua mãe.

Vender. Apenas os painéis, naturalmente, que estavam pendurados, inobservados e não apreciados, no patamar junto ao quarto de Penelope. Não

“Os catadores de conchas”. De maneira alguma se desfariam dessa tela, tão amada e fazendo tanto parte da vida de sua mãe, mas, ainda assim, Nancy citaria George e se mostraria muito prática. Poderia sugerir uma nova avaliação do quadro e a possibilidade de um outro seguro. Suscetível como era a respeito de seus bens, Penelope certamente não faria objeções a uma preocupação tão sensata e filial.

A estrada sinuosa chegou ao alto da montanha e, abaixo, no vale, foi revelada a aldeia de Temple Pudley, cintilando como uma pederneira à luz do sol. Havia poucos indícios de atividade, excetuando-se o fio escuro de fumaça de fogueira, brotando do jardim de sua mãe. Nancy estivera tão absorvida em seus planos para vender os painéis e nas resultantes centenas de milhares de adoráveis libras, que havia esquecido o verdadeiro propósito do fim de semana, isto é, a faxina no sótão de Podmore's Thatch e a eliminação de todas as coisas imprestáveis que lá se achavam. Ela esperava não ser convocada para nenhum trabalho sujo. Não estava trajada adequadamente para fogueiras.

Momentos mais tarde, quando o relógio da igreja badalava a meia hora, Nancy rodava pelo portão da casa de sua mãe e estacionava o carro ao lado da porta aberta. Viu o velho Jaguar de Noel parado junto à garagem, uma bicicleta não familiar recostada contra a parede da casa e uma miscelânea de objetos impróprios para o fogo, evidentemente expurgados do sótão e à espera de serem jogados fora. Algumas balanças para pesar bebês, um carrinho de bonecas faltando uma roda, uma ou duas cabeceiras de cama em metal e dois urinóis lascados. Nancy esgueirou-se por entre tudo aquilo e entrou na casa.

— Mamãe?

Como sempre, a cozinha estava impregnada de odores deliciosos, carneiro assado, hortelã picada, um limão recém-cortado em rodelas. Nancy recordou a infância e as maciças refeições que, então, eram preparadas na enorme cozinha no porão da Rua Oakley. O desjejum que fizera parecia ter acontecido muitas horas antes; ela começou a ficar com água na boca.

— Mamãe?

— Estou aqui!

Nancy a encontrou na estufa de plantas, não fazendo alguma coisa, mas parada e em pé, mergulhada em fundos pensamentos. Penelope não se vestira para uma ocasião especial, como ela; estava usando suas roupas mais velhas. Uma saia de brim surrada e desbotada, uma camisa de algodão com a gola esfiapando e um cardigã cheio de cerzidos, com as mangas erguidas até os cotovelos. Nancy largou a bolsa de mão em couro de lagarto, retirou as luvas e aproximou-se para beijar a mãe.

— O que está fazendo? — perguntou-lhe.

— Tentando decidir onde almoçaremos. Ia arrumar a mesa na sala de refeições, mas então pensei, com um dia tão lindo, por que não almoçarmos aqui? Além do mais é maravilhosamente aquecido, mesmo com a porta aberta para o jardim. Admire minhas frésias! Não estão lindas? Que bom ver você, e como está elegante! E então, o que acha? Devemos comer aqui? Noel pode trinchar a carne na cozinha e todos carregaremos nossos pratos. Creio que será divertido. O primeiro piquenique do ano e, estando todos tão empoeirados, de qualquer maneira, assim seria mais fácil.

Nancy espiou na direção do pomar, contemplando a coluna de fumaça que surgia acima da sebe de alfeneiros e subia para o céu límpido.

— Como vai indo tudo?

— Uma verdadeira explosão. Todos trabalhando duro.

— Não você, espero.

— Eu? Ora, nada mais fiz, além de preparar o almoço.

— E a moça... Antonia?

Nancy pronunciou o nome friamente. Ainda não perdoara Olivia e Penelope pela presença da jovem e só esperava que aquele arranjo fosse um fracasso total. Entretanto, suas esperanças foram baldadas.

— Está em pé desde que amanheceu e logo se atirou ao trabalho, assim que terminou o desjejum. Noel está no sótão, dando ordens, direita, esquerda, centro... enquanto Danus e Antonia retiram os despojos e alimentam a fogueira.

— Espero que ela não seja um estorvo para você, mamãe.

— Oh, céus, nada disso! Ela é um amor de pessoa!

— O que Noel pensa dela?

— Para começar, disse que não era o seu tipo, porque ela tem pestanas alouradas. Dá para imaginar semelhante coisa? Ele jamais encontrará uma esposa, recusando-se a olhar além das pestanas!

— Para começar? Por quê? Ele mudou de idéia?

— Apenas porque há outro rapaz nos arredores, com quem Antonia parece ter feito amizade. Noel sempre foi um terrível despeitado e acredito que nem saiba farejar o que é bom.

— Outro rapaz? Está falando de seu jardineiro?

— Danus? Sim, ele mesmo. Um rapaz tão simpático!

Nancy estava chocada.

— Está querendo dizer que Antonia fez amizade com o jardineiro?

Sua mãe apenas riu.

— Oh, Nancy, se pudesse ver o seu rosto como ficou. Não devia ser tão esnobe e nem fazer julgamentos antes de conhecer o rapaz.

Nancy, entretanto, não se deixou convencer.

— O que poderia estar acontecendo? Espero que não estejam queimando alguma coisa que você queira conservar.

— Em absoluto. Noel, realmente, está agindo muito bem. Volta e meia Antonia é enviada para me chamar e tenho que ir lá, dar minha opinião sobre uma coisa e outra. Houve uma pequena discussão sobre uma mesa atacada por cupins. Noel disse que merecia a fogueira, mas Danus replicou que era boa demais para o fogo e que os cupins podiam ser eliminados. Então, falei que se ele quisesse exterminar os cupins. ..os velhos e felizardos cupins... podia ficar com a mesa. Noel não gostou nem um pouco. Voltou para cima pisando forte, carrancudo, mas nem liguei. Muito bem, agora temos que decidir. Vamos almoçar aqui. Você pode ajudar a arrumar a mesa.

Foi o que as duas fizeram, em grande camaradagem. Abriram as folhas dobráveis da velha mesa de pinho e a cobriram com uma toalha de linho azul-escuro. Nancy trouxe talheres e copos da sala de refeições e sua mãe dobrou guardanapos de linho branco, em forma de mitras. O toque final foi um vaso de gerânios vermelhos, colocado em um cachepot pintado com flores e posto no centro da mesa. O resultado foi encantador, tão bonito, quanto informal. Recuando alguns passos, Nancy maravilhou-se, como sempre, ante o talento natural de sua mãe para criar não apenas um ambiente, mas um verdadeiro prazer visual, utilizando os objetos mais comuns. Sua impressão era de que isso tinha algo a ver com ter por pai um artista. Desanimada, pensou em sua própria sala de refeições, que sempre tinha uma aparência sombria e insossa por mais que ela tentasse o contrário.

— Agora — disse Penelope — só nos resta esperar que os trabalhadores apareçam e comam. Sente-se aqui no sol, enquanto me arrumo um pouco. Então lhe trarei um drinque. O que prefere? Um copo de vinho? Um gim-tônica?

Nancy disse que gostaria de um gim-tônica, e foi deixada sozinha. Tirando o casaco, ela vistoriou o ambiente. Quando sua mãe anunciara a intenção de construir uma estufa para plantas, ela e George haviam objetado firmemente. Na opinião deles, era um luxo tolo, uma séria despesa que possivelmente não estava ao alcance de Penelope. O conselho, no entanto, tinha sido ignorado, sendo a delicada e arejada adição devidamente erigida. Agora, aquecida, perfumada, verdejante e cheia de flores, Nancy era forçada a admitir que se tornara um lugar invejável, mas que nunca conseguira descobrir quanto havia custado. Isto a fez pensar, de maneira inevitável, na vexatória questão do dinheiro. Quando sua mãe voltou, com o cabelo penteado, o rosto empoado e exalando seu melhor perfume, encontrou-a acomodada na mais confortável poltrona de vime, perguntando-se se não seria aquele o momento oportuno para abordar a venda dos painéis. Chegou mesmo a tentar algumas diplomáticas frases de abertura, mas Penelope a

interrompeu, desviando a conversa para um rumo inteiramente diverso e inesperado.

— Aqui está. Gim-tônica... Espero que tenha ficado forte o suficiente. — Para si mesma. ela servira um copo de vinho. Puxou outra poltrona e afundou nela, estirando as pernas compridas, o rosto voltado para o calor do sol. — Oh, isto não é uma bênção? O que sua família está fazendo hoje?

Nancy lhe contou.

— Pobre George. Posso imaginá-lo, enfiado dentro de quatro paredes o dia inteiro, com um bando de bispos com cara de alce. E quem são os Wainwright? Eu os conheço? É bom que as crianças saiam por conta própria. Aliás, é muito bom para todos nós uma saída por conta própria. Você gostaria de ir à Cornualha comigo?

Sobressaltada, Nancy virou para a mãe um rosto tomado de espanto e incredulidade.

— Cornualha?

— Exatamente. Quero voltar a Porthkerris. Dentro em breve. Subitamente, fiquei tomada por esta tremenda urgência. Seria muito mais divertido se alguém estivesse comigo.

— Sim, mas...

— Já sei o que vai dizer. Que há quarenta anos não vou lá, que tudo estará mudado e não conhecerei mais ninguém. Só que, mesmo assim, eu quero ir. Desejo rever tudo aquilo. Por que não irmos juntas? Poderíamos ficar com Doris.

— Com Doris?

— Sim, com Doris. Oh, Nancy, você não pode ter esquecido Doris. Não é possível! Ela praticamente a criou até seus quatro anos de idade, quando deixamos Porthkerris para sempre!

É claro que Nancy se lembrava de Doris. Não tinha uma recordação muito nítida do avô, mas não esquecera Doris, com seu agradável cheiro de talco, os braços fortes e o macio conforto, de seus seios. A primeira recordação clara da vida de Nancy incluía Doris. Estava sentada em alguma espécie de cadeira de empurrar, no pequeno prado atrás de Carn Cottage, cercada de patos e galinhas para engorda, enquanto Doris estendia roupas lavadas em um varal, à brisa forte que vinha do mar. A imagem ficara impressa para sempre em sua mente, vívida e colorida como em um livro de gravuras. Podia ver Doris, com os cabelos esvoaçando e os braços erguidos para o varal; via os lençóis e fronhas que se agitavam; via o límpido céu azul.

— Doris ainda mora em Porthkerris — continuou Penelope. — Tem uma casinha, Doumalong, como costumávamos chamá-la, na parte velha da cidade, nos arredores do porto. E agora que os filhos se foram, ela tem um quarto

disponível. Está sempre me convidando para ir lá e ficar com ela. Além disso, adoraria ver você. Você era o seu bebê. Ela chorou, quando partimos. Você também chorou, mas não creio que tenha entendido o significado de tudo aquilo.

Nancy mordeu o lábio. Hospedar-se na casa de uma velha empregada, um chalezinho apertado, em uma cidade da Cornualha, não era a sua idéia de aproveitar alguns dias de folga. Por outro lado...

— E quanto às crianças? — perguntou. — Não haveria espaço para elas.

— Que crianças?

— Melanie e Rupert, naturalmente. Eu não poderia ausentar-me sem levar os dois comigo.

— Oh, pelo amor de Deus, Nancy, não estou falando nas crianças. Estou falando em você! Por que não pode ausentar-se sem levá-las? Já têm idade bastante para ficar com o pai e a Sra. Croftway. Divirta-se um pouco. Dê um passeio sem preocupações. Não seria por muito tempo. Apenas alguns dias, não mais do que uma semana.

— Quando é que pretende ir?

— Breve. Assim que puder.

— Oh, mamãe, é tão difícil! Tenho tanta carga nos ombros... A festa da igreja para ser planejada, a Conferência dos conservadores... Nesse dia, terei que providenciar um almoço festivo. Também há o campeonato de Melanie, no Clube Equestre...

Sua voz extinguiu-se, quando as escusas rarearam. Penelope nada disse. Nancy tomou outro reconfortante gole do gim-tônica gelado e lançou um olhar de esguelha para a mãe. Viu o perfil bem delineado, os olhos fechados.

— Mamãe?

— Sim?

— Talvez mais tarde... quando eu estiver com menos responsabilidades. Em setembro, quem sabe...

— Não. — A voz de Penelope era inflexível. — Tem que ser logo. — Ela ergueu a mão. — Não se preocupe com isso. Sei que é muito ocupada. Enfim, foi apenas uma idéia que tive.

Entre as duas, pairou um silêncio que a Nancy pareceu desconfortável, carregado de censuras não ditas. Não obstante por que deveria sentir-se culpada? Não lhe seria possível partir para a Cornualha assim tão repentinamente, sem tempo suficiente para organizar as coisas.

Nancy não era adepta de ficar sentada em silêncio. Gostava de manter um fluxo de conversa constante. Tentando encontrar outro tema para falar, descobriu que tinha a mente vazia. De fato, sua mãe podia ser terrivelmente irritante às vezes. A culpa não era sua. Era natural que fosse tão ocupada, tão envolvida em

cuidar da casa, do marido e dos filhos. Não achava justo que, de súbito, se sentisse tão culpada.

Foi assim que Noel as encontrou. Se Nancy tivera uma boa manhã, a dele havia sido medonha. Vasculhar todas aquelas velharias do sótão, no dia anterior, fora algo bem diferente porque, lá no fundo, sempre existira a convicção de que, a qualquer momento, descobriria algo imensamente valioso. O fato de que isso não acontecera tornava esta manhã ainda mais insuportável. Além do mais, ficara ligeiramente despeitado pela chegada de Danus. Noel esperava algum caipira cabeça-dura e musculoso mas, em vez disso, vira-se diante de um tranqüilo e silencioso rapaz, ficara desconcertado com a expressão direta e firme daqueles olhos azuis. O fato de Antonia instantaneamente ter simpatizado com Danus em nada contribuiu para melhorar-lhe a disposição. O som da amistosa tagarelice dos dois, enquanto subiam e desciam as escadas apertadas, carregados de caixas de papelão e móveis imprestáveis, no decorrer de toda a manhã, fora uma crescente irritação para ele. A discussão sobre a mesa danificada pelos cupins havia sido a gota d'água no copo transbordante; faltando quinze minutos para uma hora, com tudo mais ou menos selecionado e o remanescente empurrado para o lado da parede, ele decidiu que já tivera o suficiente. Para cúmulo, estava imundo, precisando de uma ducha, mas precisando ainda mais de um drinque. Assim, apenas lavou o rosto e as mãos, desceu para o térreo e serviu-se de um martini seco em dose forte e generosa. Com o copo na mão, cruzou a cozinha até a estufa banhada pelo sol, e seu ânimo em nada melhorou, ao ver a mãe e a irmã confortavelmente instaladas nas poltronas de vime, como se nenhuma delas houvesse movido uma palha até então.

Nancy ergueu os olhos, ao ouvi-lo chegar. Exibiu um sorriso radioso como se daquela vez, estivesse de fato alegre em vê-lo.

— Olá, Noel!

Ele não retribuiu o sorriso, limitando-se a encostar um ombro ao batente da porta aberta e observar as duas. Sua mãe parecia adormecida.

— O que fazem as duas aqui, relaxando ao sol, enquanto os outros se matam de trabalhar?

Penelope não se moveu. O sorriso de Nancy perdeu algo da espontaneidade, mas permaneceu lá, incrustado no rosto. Noel terminou reconhecendo a derrota e assentiu com a cabeça.

— Olá — disse.

Puxando uma cadeira da mesa cuidadosamente arrumada para o almoço, arriou seu peso nela, tirando-o das próprias pernas. Sua mãe abriu os olhos. Não estava dormindo.

— Acabado?

— Completamente. Mal me agüento em pé. Sou um destroço físico.

— Estou falando do sótão, não de você.

— Pode-se dizer que sim. Falta apenas que alguma ativa dona-de-casa suba até lá e varra o chão.

— Noel, você é um portento. O que eu faria sem você?

Seu sorriso agradecido, entretanto, ficou desperdiçado.

— Estou faminto — foi a resposta dele. — Quando vamos almoçar?

— Quando você quiser. — Ela deixou seu copo de vinho sobre a mesa e empertigou-se na cadeira, para olhar além dos vasos de plantas, na direção do jardim. A fumaça continuava subindo para o céu, porém não havia o menor sinal dos outros. — Talvez alguém devesse ir chamar Antonia e Danus. Então, irei fazer o molho.

Houve uma pausa. Noel esperou que Nancy se apresentasse para essa tarefa não tão árdua, mas ela parecia concentrada em expulsar um fiapo aderido à saia, dando a impressão de não ter ouvido.

— Não tenho mais forças — disse ele, reclinando-se na cadeira. — Vá você. Nancy. Um pouco de exercício só lhe fará bem.

Reconhecendo aquilo como uma alusão ao seu peso ela imediatamente ficou melindrada, como o irmão imaginava.

— Muitíssimo obrigada!

— Você parece não ter levantado um dedo a manhã inteira.

— Acontece que me arrumei como devia, antes de vir almoçar. — Ela fitou o irmão direta e acusadoramente. — Eu não poderia dizer o mesmo a seu respeito.

— O que George usa para almoçar no domingo? Um fraque?

Nancy empertigou-se na poltrona, com ar beligerante.

— Se está querendo bancar o engraçadinho...

Os dois continuaram discutindo, implicando um com o outro, como sempre havia sido entre eles. Em crescente exasperação e impaciência, Penelope soube que não suportaria continuar ouvindo aquilo, levantou-se bruscamente.

— Eu mesma irei chamá-los — anunciou.

Os filhos a deixaram ir, através do gramado ensolarado, cruzando a relva rústica e não cortada do inverno, enquanto eles continuavam sentados, ignorando o calor docemente perfumado da estufa, sem falar, sem se olhar. Ficaram acalentando seus drinques e a mútua animosidade.

Penelope estava perturbada. Deixara que eles a perturbassem. Podia sentir o sangue correndo em suas faces, o coração começando aquela sarabanda agitada e irregular. Caminhou devagar, sem pressa, respirando fundo, dizendo a si mesma para não ser tola. Eles não importavam, aqueles filhos adultos, que

continuavam a comportar-se como as crianças que não eram mais. Não importava se Noel não pensasse em mais ninguém além de em si mesmo ou se Nancy se houvesse tornado tão presumida, hipócrita e de meia-idade. Não importava se nenhum deles, nem mesmo Olivia, quisesse ir com ela à Cornualha.

O que saíra errado? O que fora feito das crianças que pusera no mundo, que amara, criara, educara e cuidara? A resposta era que, talvez, não houvesse esperado o suficiente da parte deles. Contudo, Penelope aprendera, pela maneira mais difícil, na Londres dos anos após a guerra, que nada devia esperar de ninguém, além de si mesma. Sem pais ou velhos amigos que a apoiassem, ficara apenas com Ambrose e a mãe dele como suporte, mas em poucos meses, percebera a futilidade de fazer qualquer coisa quanto a isso. Sozinha, vira-se dependendo apenas dos próprios recursos — em vários sentidos.

Autoconfiança. Aquela era a palavra-chave, a única coisa capaz de impelir alguém através de uma crise imposta pelo destino. Ser ela mesma. Independente. Esperta. Ainda capaz de tomar decisões e marcar o rumo daquilo que me resta por vida. Não preciso de meus filhos. Conhecendo suas faltas, reconhecendo seus defeitos, amo todos eles, mas não preciso deles.

Ela rezou para nunca precisar.

Estava mais calma agora, capaz até de sorrir para si mesma. Passou pela abertura na sebe de alfeneiros e viu o pomar que se estendia à sua frente, salpicado de luz e sombras. Na extremidade oposta, a enorme fogueira ainda chamejava e crepitava, arrotando fumaça. Danus e Antonia estavam lá, ele espalhando as brasas com o forcado, ela observando-o, sentada na beirada do carrinho de mão. Haviam tirado os suéteres e ficado apenas com as camisas, tagarelando incessantemente, suas vozes soando nítidas no ar parado.

Pareciam tão absorvidos e alegres, que era uma pena interrompê-los, mesmo sendo para anunciar que era hora de virem para dentro e comer carneiro assado da primavera, suflê de limão e torta de framboesas. Assim, ficou quieta onde estava, entregue ao prazer de apenas contemplar a encantadora cena pastoral. Então, Danus parou, apoiou-se ao cabo do forcado, falou algo que Penelope não ouviu, e Antonia riu. O som daquele riso trouxe de volta, com nítida claridade, retinindo através dos anos, a recordação de outro riso, assim como os êxtases inesperados e as alegrias físicas que acontecem, talvez, apenas uma vez, em toda a existência de uma pessoa.

Foi bom. E nada que seja bom jamais fica perdido. Faz parte de uma pessoa, toma-se parte de seu caráter.

Outras vozes, outros mundos. Ao recordar aquele êxtase, ela se sentiu impregnada, não de um senso de perda, mas de renovação e redescoberta. Nancy, Noel e a tediosa irritação que haviam desencadeado foram esquecidos. Eles não

importavam. Nada importava, exceto este instante, este momento de verdade.

Ela poderia ter ficado ali, devaneando no pomar, pelo resto do dia. Entretanto, Danus logo a avistou e acenou, Penelope fez uma corneta com as mãos, chamou-os e disse que estava na hora do almoço. Ele assentiu com um gesto de mão, deixou o forcado cair no chão e depois inclinou-se, a fim de recolher os suéteres abandonados. Antonia levantou-se do carrinho de mão. Danus lhe pôs a suéter à volta dos ombros e amarrou as mangas, em um nó abaixo do queixo. Os dois começaram a caminhar pela trilha do pomar, passaram por entre as árvores, lado a lado; ambos altos, esguios, queimados de sol e jovens. E, aos olhos de Penelope, também muito belos.

Ela se viu cheia de gratidão. Não apenas estava grata a eles pelo trabalho duro feito durante toda a manhã, mas também por eles. Sem haverem pronunciado uma só palavra, os dois lhe tinham devolvido a tranqüilidade de espírito, seu senso de valores. Penelope enviou um breve e comovido "obrigada" à reviravolta do destino ou seria a mão de Deus? — ela gostaria de ter certeza..., que os havia introduzido em sua vida, como uma segunda chance. Uma coisa que podia ser dita com justiça, em favor de Noel, era que seus acessos de mau humor tinham curta duração. Quando o pequeno grupo finalmente se reuniu, ele estava no segundo martini (tendo também enchido novamente o copo da irmã), e para Penelope foi uma satisfação constatar que realmente conversavam com cordialidade.

— Bem, aqui estamos nós! Nancy, você ainda não conhece Danus, como também não conhece Antonia. Esta é minha filha, Nancy Chamberlain. Noel, você está encarregado do bar... dê-lhes algo para beber. Depois, talvez possa vir trinchar o carneiro para mim...

Noel largou seu copo e levantou-se, com exagerado esforço.

— O que gostaria de beber, Antonia?

— Uma cerveja viria a calhar.

Ela se recostou contra a mesa, as pernas muito compridas em seus jeans desbotados. Quando Melanie, a filha de Nancy, usava jeans, ficava com uma aparência terrível, por ter quadris tão grandes. Em Antonia, no entanto, os jeans ficavam fantásticos. Nancy concluiu que a vida era, de fato, muito injusta. Perguntou-se se deveria colocar Melanie fazendo dieta, mas logo expulsou tal idéia, porque sua filha sempre fazia, automaticamente, o oposto do sugerido por ela.

— E quanto a você, Danus?

O rapaz alto balançou a cabeça.

— Algo sem álcool seria ótimo. Um suco. Um copo d'água — serviria.

Noel ainda insistiu mas, como Danus manteve-se firme, ele deu de ombros

e desapareceu no interior da casa. Nancy se virou para o rapaz.

— Você não bebe?

— Nada que contenha álcool.

Era muito atraente. Expressava-se bem. Um cavalheiro. Algo extraordinário. O que, afinal, estaria fazendo ali, como jardineiro de sua mãe?

— Nunca bebeu?

— Francamente, nunca.

Danus não parecia nem um pouco perturbado por tudo aquilo. Nancy, entretanto, insistiu no tema, porque era de fato extraordinário conhecer um homem que não bebia nem mesmo um copo de cerveja.

— Será porque não gostou do sabor? — perguntou.

Ele pareceu considerar a pergunta, para então responder:

— Sim, talvez seja este o motivo.

Seu rosto estava sério mas ainda assim Nancy não teve certeza se ele estaria ou não rindo dela.

O carneiro tenro, as batatas assadas, as ervilhas e os brócolis tinham sido gratamente consumidos. Os copos de vinho foram enchidos novamente, e servida a sobremesa. Estando todos novamente relaxados e joviais, a conversa passou para a maneira como passariam o resto do dia.

— Eu — anunciou Noel, despejando sobre sua torta de morangos o creme de um jarro rosa e branco — considero o dia encerrado. Já limpei o terreno e estou indo. Voltarei para Londres e, assim, com um pouco de sorte, não pego a pior parte do trânsito do fim de semana.

— Sem dúvida, será o melhor — concordou sua mãe. — Você já fez o suficiente. Deve estar exausto.

— O que mais há para ser feito? — indagou Nancy.

— Carregar e queimar os últimos destroços e varrer o chão do sótão.

— Eu farei isso — disse Antonia prontamente.

Nancy pensava em algo mais.

— E quanto a todas aquelas coisas empilhadas diante da porta da casa? As cabeceiras de cama e o carrinho quebrado. Não podem continuar lá indefinidamente. Do contrário. Podmore's Thatch ficará parecendo um acampamento de funileiro.

Houve uma pausa, enquanto todos esperavam que alguém fizesse uma sugestão. Foi Danus quem falou.

— Poderíamos levar para o depósito de lixo de Pudley.

— Como? — perguntou Noel.

— Se a Sra. Keeling não se incomodar, levaremos tudo na traseira de seu carro.

— É claro que não me incomodo!

— Quando? — tomou a perguntar Noel.

— Esta tarde.

— O depósito de lixo fica aberto aos domingos?

— É claro que fica — afirmou Penelope. — Está sempre aberto. Há um homenzinho que mora lá em uma espécie de galpão. Os portões nunca são trancados.

Nancy estava horrorizada.

— Está querendo dizer que ele mora lá o tempo todo? Em um galpão junto ao depósito de lixo? O que o Conselho local pensa a respeito? Deve ser terrivelmente anti-higiênico!

Penelope riu.

— Não creio que ele seja do tipo com muitas preocupações sobre higiene. É incrivelmente sujo e barbudo, mas uma criatura encantadora. Certa vez tivemos uma greve dos lixeiros e fomos forçados a remover nós mesmos nosso lixo. Ele não poderia ter sido mais prestimoso.

— Mas...

Nancy foi então interrompida por Danus, algo em si surpreendente, pois ele mal falara durante toda a refeição.

— Na Escócia, há um depósito de lixo nas cercanias da cidadezinha onde mora meu avô, e um velho desocupado vive lá há trinta anos. — Ele ampliou o relato. — Em um guarda-roupa.

— Ele mora em um guarda-roupa? — exclamou Nancy, mais horrorizada do que nunca.

— Exatamente. É um guarda-roupa grande. Vitoriano.

— Ainda assim. Deve ser incrivelmente desconfortável!

— A senhora acha, não? Pois ele parece bastante feliz. É uma figura muito conhecida, muito respeitada. Caminha por toda a região usando botas de borracha e uma velha capa de chuva. As pessoas lhe dão xícaras de chá e sanduíches de geléia.

— O que ele faz à noite?

— Não tenho a menor idéia — replicou Danus.

— Por que parece tão preocupada com as noites do velho? Noel quis saber. — Eu consideraria sua existência inteira tão terrível, que a maneira como ele passa as noites pouca diferença faz.

— Bem, deve ser francamente monótono. Quero dizer, evidentemente, ele não tem uma televisão ou um telefone...

A voz de Nancy extinguiu-se, enquanto se esforçava para imaginar tais privações. Noel balançou a cabeça, mostrando a expressão exasperada que ela

recordava do passado, quando era um menino esperto, tentando fazê-la compreender as regras de algum jogo de cartas simples.

— Você não tem jeito — disse ele, e Nancy emudeceu. Noel se virou para Danus.

— Você é da Escócia?

— Meus pais moram em Edimburgo.

— O que faz seu pai?

— É advogado.

Tomada de curiosidade, Nancy esqueceu a leve reprimenda do irmão.

— E você nunca quis ser também um advogado?

— Quando ainda na escola, pensei que poderia seguir o exemplo dele, mas depois mudei de idéia.

Noel reclinou-se na cadeira.

— Sempre visualizo os escoceses como tremendamente esportivos. Caçando veados, matando galos silvestres e pescando. Seu pai faz estas coisas?

— Ele pesca e joga golfe.

— Será ele também um Elder of the Kirk{12}? — Noel arremedou o sotaque escocês, isto deixando sua mãe rangendo os dentes.

— Não é assim que vocês dizem, no Norte gelado?

Impassível, Danus respondeu tranqüilamente:

— Sim, ele é um Dignitário. Também é Arqueiro.

— Não compreendi. Por favor, explique-me.

— Ele é membro da Companhia Honorífica de Arqueiros.

Trata-se do Corpo de Guarda da Rainha, quando ela vai a Holyroodhouse. Em tais ocasiões, meu pai veste um uniforme arcaico e fica resplendente.

— Com que ela guarda o corpo da Rainha? Arcos e flechas?

— Exatamente.

Os dois homens encararam-se por um momento.

— Fascinante! — exclamou Noel por fim, em seguida servindo-se de mais um pedaço da torta de morangos.

A lauta refeição por fim terminou, arrematada por café fresco e pudim de chocolate. Noel empurrou a cadeira para trás, bocejou com enorme satisfação e anunciou que ia pegar sua mochila para ir embora, antes que caísse em coma. De maneira confusa, Nancy começou a empilhar as xícaras e pires vazios.

— O que vai fazer? — perguntou Penelope a Danus. — Voltar à sua fogueira?

— Ela está queimando bem. Acho que seria melhor livrar-nos logo do que tem de ir para o depósito de lixo. Vou colocar em seu carro.

Houve uma pausa momentânea. Em seguida, Penelope disse:

— Se você esperar até eu tirar a mesa, poderei levá-lo.

Noel parou seu bocejo a meio, os braços acima da cabeça.

— Ora, francamente, mãe! Ele não precisa de motorista!

— Na verdade, eu preciso — disse Danus. — Não dirijo.

Houve outra longa pausa, durante a qual Noel e Nancy ficaram olhando para ele, boquiabertos e descrentes.

— Você não dirige? Está querendo dizer que não sabe dirigir? E como se movimenta por aí?

— De bicicleta.

— Ora, mas você é francamente extraordinário! Leva muito em conta a poluição do ar ou coisa assim?

— Não.

— Mas...

Antonia intrometeu-se na conversa. Disse, rapidamente:

— Eu sei dirigir. Se você permitir, Penelope, eu dirigirei e Danus me indicará o caminho.

Olhou para Penelope por sobre a mesa, e as duas sorriam simultaneamente, como mulheres dividindo um segredo.

— Seria muita gentileza sua — disse Penelope. — Por que não vai agora, enquanto eu e Nancy cuidamos disto aqui? Então, quando voltarem, iremos todos ao pomar e liquidaremos a fogueira juntos.

— Na realidade — disse Nancy — tenho que voltar para casa. Não vou poder ficar a tarde inteira aqui.

— Oh, fique só mais um pouco! Mal pude conversar com você... Não deve ter coisas importantes a fazer...

Penelope levantou-se e esticou o braço para apanhar uma bandeja. Antonia e Danus também se levantaram, despediram-se de Noel e saíram da casa pela cozinha. Enquanto sua mãe começava a empilhar as xícaras de café na bandeja, Noel e Nancy continuaram sentados e em silêncio. Entretanto, assim que ouviram a porta da frente bater e perceberam que ninguém mais os ouviria além de Penelope, começaram a falar imediatamente.

— Que rapaz extraordinário ele é!

— Tão solene! Nunca sorri...

— Como foi que o descobriu, mãe?

— Sabe alguma coisa sobre seu passado? Sem dúvida, é um indivíduo bem-nascido. Acho suspeito ter-se tornado jardineiro...

— E toda aquela história sobre não beber nem dirigir... Diabo, por que será que ele não dirige?

— Em minha opinião — declarou Nancy, com ares importantes — ele

provavelmente matou alguém enquanto estava embriagado e lhe cassaram a licença de motorista.

O comentário estava tão desconfortavelmente próximo das ansiosas especulações de Penelope que, de repente, ela soube ser impossível ouvir mais uma só palavra, e saltou em defesa de Danus.

— Pelo amor de Deus! Pelo menos, dêem ao pobre rapaz o tempo suficiente para cruzar o portão de entrada antes de começarem a rasgar seu caráter em tiras!

— Ora, vamos, mãe! Ele é um sujeito estranho e sabe disto tanto quanto nós. Se estiver contando a verdade provém de uma família eminentemente respeitável e talvez endinheirada. O que faz então, trabalhando como escravo pelo salário insignificante de um jardineiro?

— Não faço a menor idéia.

— Já perguntou a ele?

— É claro que não! Sua vida particular não é da minha conta.

— Escute, mãe: ele apareceu aqui sem qualquer credencial?

— De maneira alguma. Contratei-o através de uma firma de jardinagem.

— E eles sabem se o rapaz é honesto?

— Você tem tanta boa-fé, mamãe, que confiaria em qualquer pessoa vagamente e apresentável. Afinal de contas de contas, ele está trabalhando em sua propriedade e você é uma pessoa que vive só!

— Não estou sozinha. Tenho Antonia.

— Segundo parece. Antonia ficou tão fascinada por ele como você...

— Nancy! Com que direito diz essas coisas?

— Se eu não estivesse preocupada com você, não precisaria dizê-las.

— E, em sua opinião, o que acha que Danus poderia fazer? Violentar Antonia e a Sra. Plackett, imagino. Assassinar-me, roubar todos os meus bens e fugir Europa afora. Ora, ele não conseguiria grande coisa. Seja como for, por aqui não existe nada valioso.

Ela falou impensadamente, no ímpeto do momento, mas arrependeu-se de suas palavras assim que as pronunciou, porque Noel aproveitou a oportunidade, com a velocidade de um gato saltando sobre o rato.

— Nada valioso! O que me diz dos quadros de seu pai? Nada que eu diga a convencerá de que aqui é uma mulher vulnerável! Você não tem qualquer sistema de alarme, jamais tranca uma porta e, sem dúvida, tem um seguro insuficiente. Nada sabemos sobre este desconhecido que empregou como jardineiro e, mesmo que soubéssemos — em quaisquer circunstâncias — seria loucura não tomar alguma atitude positiva. Vender, tornar a fazer um seguro, enfim, fazer qualquer maldita coisa!

— Tenho a curiosa impressão de que você gostaria que eu vendesse.

— Vamos, não comece a irritar-se! Pense racionalmente. Não “Os catadores de conchas”, é claro, mas talvez os painéis. Agora, enquanto os preços estão altos no mercado. Descubra o quanto valem essas infelizes coisas e depois ponha-as à venda!

Penelope permanecera todo esse tempo em pé. Tornando a sentar-se, fincou um cotovelo na mesa e descansou a testa na palma da mão. Com a outra mão, apanhou a faca da manteiga e, com ela, começou a fazer marcas fundas no tecido áspero da toalha de mesa azul-escuro.

— O que você acha, Nancy? — perguntou, após um momento.

— Eu?

— Sim, você. O que tem a dizer sobre meus quadros, meu seguro e minha vida privada em geral?

Nancy mordeu o lábio, respirou fundo e então falou, em voz clara e aguda, como se estivesse fazendo uma preleção no Instituto Feminino.

— Eu acho... acho que Noel tem razão. George pensa que você devia fazer um novo seguro. Foi o que me disse, após ter lido sobre a venda de As aguadeiras. Entretanto, é claro que o prêmio seria muito alto. Além disso, a companhia seguradora talvez insista em um seguro mais elevado. Seja como for, eles precisam considerar o investimento do cliente.

— Você me dá a impressão de estar citando George, palavra por palavra — respondeu Penelope — ou lendo instruções de algum manual incompreensível. Não tem idéias próprias?

— Tenho — replicou Nancy, tornando a soar com naturalidade. — Acho que você devia vender os painéis.

— E levantar, talvez, um quarto de milhão?

Penelope soltou as palavras casualmente. A discussão fluía melhor do que Nancy ousara esperar, e ela sentiu que o excitamento a acalorava.

— Por que não?

— E, uma vez recebido o dinheiro, o que deverei fazer com ele?

Penelope olhou para Noel. Ele deu de ombros elaboradamente.

— O dinheiro dado em vida vale o dobro daquele dado pela morte.

— Em outras palavras, vocês o querem agora.

— Não fale assim, mãe! Estou apenas generalizando. De qualquer modo, morrer com semelhante pecúlio equivaleria a simplesmente entregá-lo ao Governo.

— Então, acha que eu deveria dá-lo a vocês.

— Bem, você tem três filhos. Poderia dar uma parte desse dinheiro, dividi-la em três. Fique com um pouco para você, aproveitar a vida. Nunca pôde fazer

isso. Estava sempre em dificuldades financeiras. Quando seus pais eram vivos, viajava por todo canto com eles. Poderá viajar novamente. Ir a Florença. Voltar ao sul da França.

— E o que vocês dois fariam com todo esse maravilhoso dinheiro?

— Imagino que Nancy gastasse com os filhos. Quanto a mim, eu mudaria de vida.

— De que maneira?

— Novos campos, verdes pastos. Trabalharia por conta própria...corretagem de ações, talvez...

Noel novamente assemelhava-se ao pai, por completo. Eternamente insatisfeito com a própria sorte, invejando os outros, materialista e ambicioso, acreditando inflexivelmente que o mundo lhe devia uma boa-vida. Poderia ter sido Ambrose falando com ela. Foi isto, acima de qualquer outra coisa mais, que finalmente a fez perder a paciência.

— Corretagem de ações! — Penelope esforçou-se para não mostrar o desdém na voz. — Você deve estar fora de si. Seria o mesmo que colocar todo o seu capital em um só cavalo ou em uma jogada de roleta. É tão imprudente, que às vezes me enche de desespero e desgosto!

— Noel abriu a boca para defender-se, porém ela o calou, erguendo a voz: — Quer saber o que penso? Acho que você não liga o mínimo para o que possa acontecer comigo, com minha casa ou os quadros de meu pai. Você só se preocupa consigo mesmo, com a rapidez e facilidade com que pode colocar as mãos em ainda mais dinheiro! — Noel fechou a boca, o rosto tenso de raiva, a cor desaparecendo das faces magras. — Não vendi os painéis e talvez nunca os venda, mas se por acaso os vender, ficarei com todo o dinheiro para mim, porque é meu, meu para fazer com ele o que bem entender e o maior presente que um pai ou mãe pode deixar para um filho é a independência desse pai ou mãe. Quanto a você e seus filhos, Nancy, foram você e George que decidiram enviá-los para aquelas escolas ridiculamente caras. Se fosse um pouco menos ambiciosa em relação a eles, se passasse mais algum tempo ensinando-lhes boas maneiras, talvez fossem muito mais simpáticos do que são no momento!

Com uma rapidez que surpreendeu até ela mesma. Nancy saltou em defesa da prole.

— Eu agradeceria muito, se não criticasse meus filhos!

— Já era tempo de alguém fazer isso.

— E que direito você tem de falar contra eles? Não mostra o menor interesse pelos dois! Parece mais interessada em seus intermináveis amigos excêntricos e seu lamentável jardim. Nunca foi lá para vê-los. Nunca foi lá visitar-nos, por mais que a convidemos...

Agora, foi Noel quem perdeu a paciência.

— Oh, pelo amor de Deus, Nancy, cale essa boca. Isto nada tem a ver com seus malditos filhos! Não estamos falando deles. Estamos procurando ter uma conversa inteligente...

— Eles têm tudo a ver com isto! São a futura geração...

— Que Deus nos ajude...

— ... e merecem muito mais suporte financeiro do que qualquer de seus esquemas desmiolados para ganhar ainda mais dinheiro. Mamãe está certa. Você poria fora sua parte, perderia tudo no jogo...

— Vindo de você, isto é hilariante. Nunca tem uma só opinião própria, não entende droga de droga nenhuma!

Nancy ficou em pé subitamente.

— Acho que para mim chega! Não vou continuar aqui para ser insultada. Volto para minha casa!

— Muito bem — disse sua mãe. — Acho que é hora de irem embora, ambos... Aliás, creio ter sido uma boa coisa Olivia não estar aqui. Se ouvisse essa conversa apavorante, ela liquidaria os dois. Apenas por este motivo, tenho absoluta certeza de que, se ela estivesse conosco, nenhum de vocês jamais ousaria começar tão desagradável discussão. E agora... — Ela também se levantou e apanhou a bandeja. — Como nunca se cansam de repetir para mim, ambos são pessoas muitíssimo ocupadas. Talvez não haja proveito algum em perderem o restante da tarde em brigas sem sentido. Nesse meio tempo, vou começar a lavar a louça.

Enquanto ela se dirigia para a cozinha, Noel desferiu seu malicioso tiro final:

— Aposto que Nancy adoraria ajudá-la. Sua distração predileta é enfrentar uma pia entulhada de pratos sujos...

— Já disse que para mim chegou! Vou para casa. E quanto a lavar os pratos, não há necessidade de mamãe dar-se ao trabalho. Antonia pode perfeitamente fazer isso, quando voltar. Afinal de contas, não veio para ser uma governanta?

Diante da porta aberta, Penelope estacou subitamente. Virou a cabeça e encarou a filha. Havia tal expressão de fúria em seus olhos escuros, que Nancy desconfiou ter ido longe demais. Entretanto, sua mãe não lhe jogou em cima a bandeja cheia de xícaras de café. Disse apenas, com a maior tranqüilidade:

— Não, Nancy. Ela não veio para ser uma governanta. Ela é minha amiga! Minha convidada!

Penelope se foi. Pouco depois, eles ouviam o som de torneiras abertas, o chocalhar de louças e talheres. Um silêncio pairou entre ambos, perturbado

apenas por uma enorme mosca — varejeira que, enganada pela ilusão de estarem subitamente no auge do verão, decidiu ser aquele o momento de distender as asas e emergir de seu esconderijo de inverno. Nancy estendeu a mão para seu casaco e o vestiu. Abotoando-o, ergueu a cabeça e encarou Noel. Os olhos dos dois se cruzaram acima da mesa. Ele ficou em pé.

— Muito bem — disse Noel em voz calma. — Você transformou tudo em uma maldita confusão.

— Fale por si mesmo! — soltou ela, irada.

Ele a deixou e subiu para apanhar suas coisas. Nancy ficou onde estava, esperando que o irmão retornasse, decidida a manter a dignidade, a acalentar os sentimentos feridos, a não se mostrar atingida. Preencheu o tempo vistoriando sua aparência, penteando o cabelo, empoando o rosto afogueado, aplicando uma camada de batom. Estava profundamente perturbada e ansiava ir embora, mas não tinha o topete suficiente para simplesmente escapar dali. Sua mãe sempre tivera um jeito especial para manobrá-la, porém estava determinada a abandonar aquela casa sem qualquer pedido de desculpas. Afinal de contas, por que se desculparia? Sua mãe é que se mostrara tão impossível, ela é que havia dito aquelas coisas imperdoáveis. Ouvindo Noel voltar, Nancy fechou seu estojo de pó compacto com um estalido, enfiou-o na bolsa e foi para a cozinha. A lavadora de pratos zumbia e, de costas para eles, Penelope colocava panelas na pia.

— Bem, já estamos indo — anunciou Noel.

Penelope abandonou as panelas, sacudiu as mãos molhadas e se virou para vê-los. O avental e as mãos avermelhadas em nada lhe diminuíam a dignidade, e Nancy recordou que suas raras explosões temperamentais dificilmente duravam mais do que alguns momentos. Em toda a sua vida, ela jamais guardara ressentimentos, jamais se mostrava carrancuda. Agora, chegava a sorrir, porém seu sorriso tinha um jeito estranho. Era como se sentisse pena deles e, de certa forma, os tivesse derrotado.

— Foi muito bom terem vindo — disse ela, e parecia sincera.

— E obrigada a você, Noel, por toda aquela trabalheira.

— Não foi nada.

Ela pegou uma toalha e enxugou as mãos. Saíram todos da cozinha, cruzaram a porta da frente e dirigiram -se para onde os dois carros esperavam, parados na alameda de cascalho. Noel deixou suas coisas no banco traseiro do Jaguar, sentou-se ao volante e, com um aceno de mão casual, disparou como uma bala pelo portão, para desaparecer na direção de Londres. Não se despedira de nenhuma das duas, porém mãe e filha nada comentaram a respeito.

Em silêncio, Nancy entrou no carro, afivelou o cinto de segurança e calçou as luvas de couro de porco. Penelope ficou olhando aqueles preparativos para a

partida. Nancy podia sentir o olhar da mãe em seu rosto, percebeu o rubor que começava, subindo-lhe pelo pescoço e chegando às faces.

— Vá com cuidado, Nancy — disse sua mãe. — Dirija devagar.

— Eu sempre faço isso.

— Eu sei, mas neste momento você está perturbada.

Fitando o volante, Nancy sentiu as lágrimas lhe subirem aos olhos. Mordeu o lábio. .

— É claro que estou perturbada! Nada perturba tanto como brigas familiares!

— Brigas familiares são como acidentes de carro. Cada família pensa: "Isto não podia ter acontecido conosco", mas é algo que pode acontecer a qualquer um. A única maneira de evitar uma e outra coisa é dirigir com a máxima prudência e mostrar muita consideração pelos outros.

— Nós temos consideração por você! Pensamos apenas em seu bem!

— Não, Nancy, não é bem assim. Vocês só querem que eu faça o que querem que eu faça, isto é, vender os quadros de meu pai e entregar-lhes o dinheiro, antes de morrer. Entretanto, só vou vendê-los quando quiser. E não vou morrer tão cedo. Ainda vou viver bastante tempo. — Ela recuou. — Agora, vá. — Nancy enxugou as lágrimas idiotas em seus olhos, ligou o motor, passou a marcha e soltou o freio de mão. — Não se esqueça de dar lembranças minhas a George.

Nancy foi embora. Penelope ficou parada no caminho de cascalho ao lado da porta aberta, ali continuando muito depois que o som do carro da filha fora absorvido pelo que ainda restava de calor na miraculosa tarde primaveril. Olhando para baixo, viu uma tasneira abrindo caminho por entre as lascas pedregosas. Inclinando-se, arrancou-a pela raiz, jogou-a longe, dando meia-volta, tornou a entrar em casa.

Estava sozinha. Abençoada solidão! As panelas podiam esperar. Penelope atravessou a cozinha e foi à sala de estar. O anoitecer seria friorento, de maneira que ela acendeu um fósforo e o chegou aos gravetos da lareira. Quando as chamas ganharam um volume que a satisfez, levantou-se da posição ajoelhada e foi até sua secretária, lá encontrando o recorte de jornal com o anúncio da Boothby's, para o qual Noel lhe chamara a atenção, uma semana antes. Telefone para o Sr. Roy Brookner. Ela o colocou no centro de seu mata-borrão, firmou-o com o peso de papéis e então voltou à cozinha. Abrindo uma gaveta, apanhou sua pequena e afiada faca para verduras. Com ela na mão, subiu para seu quarto. O aposento agora estava cheio de uma dourada claridade do sol da tarde, penetrando pela janela que dava para oeste, cintilando em prata e refletindo-se em vidros e espelhos. Ela deixou a faquinha sobre o toucador e foi abrir as portas

do enorme guarda-roupa vitoriano, cuja altura mal conseguia encaixar-se sob o teto abaulado. O armário estava entulhado de roupas suas. Ela as tirou para fora, às braçadas, depositando-as em cima da cama. Isto envolveu certa dose de idas e vindas, mas aos poucos a grande cama, com sua cobertura de crochê, ficou inteiramente ocupada por todos os tipos de roupas, assemelhando-se à barraca de roupas usadas nas quermesses da igreja ou talvez ao vestiário das senhoras, na festa de algum maníaco.

Entretanto, o guarda-roupa ficou vazio, exibindo a parte dos fundos. Anos atrás, aquela parte havia sido forrada de papel escuro e fortemente estampado mas, sob os desenhos, ela podia discernir certas irregularidades: os painéis e tirantes que compunham a estrutura da maciça e antiga peça de mobiliário. Apanhando a faca, Penelope estirou o braço para o espaçoso interior do móvel, correu os dedos sobre a superfície encaroçada do papel de forro e apalpou a direção certa, valendo-se do tato. Encontrando o que buscava, inseriu a faca em ângulo inclinado para baixo e então foi subindo com ela, fendendo o papel como se abrisse um envelope. Avaliou as medidas com concentrada cautela. Meio metro na vertical, um metro na horizontal, depois mais meio metro para baixo novamente. Sem apoio, a tira de papel oscilou, enrolou-se e finalmente caiu, revelando o objeto que ali estivera escondido, durante os últimos vinte e cinco anos. Uma surrada pasta de papelão, amarrada com barbante e presa aos painéis de mogno por tiras de fita gomada.

Naquele anoitecer, em Londres, Olivia ligou para Noel.

— E então, como se saiu?

— Tudo terminado.

— Encontrou alguma coisa excitante?

— Nem uma só maldita coisa!

— Oh, céus! — Ele podia sentir a hilaridade na voz dela e a xingou em silêncio. — Tanto trabalho por nada! Não importa. Terá mais sorte da próxima vez. Como está Antonia?

— Muito bem. Acho que simpatizou com o jardineiro.

Com isto, Noel esperava chocar Olivia.

— Ora, mas isso é ótimo! — exclamou ela. — Como é ele?

— Esquisito.

— Esquisito? Está querendo dizer que é bicha?

— Não. Quero dizer que é esquisito. Um peixe fora d'água. Um parafuso em buraco quadrado. Classe média alta, escola particular... ora, o que faz como jardineiro? Mais uma coisa — ele não dirige um carro e não bebe. E nunca sorri. Nancy está convencida de que o sujeito esconde algum segredo vergonhoso e, desta vez, sou tentado a concordar com ela.

— O que mamma pensa dele?

— Oh, salta aos olhos que o aprecia bastante. Trata-o como se fosse um sobrinho que não via ha muito tempo.

— Sendo assim, não me preocupo. Mamma não é nenhuma tola. Como vai ela?

— Do jeito de sempre.

— Não tem aparência cansada?

— Pelo que pude observar, está ótima.

— Você falou alguma coisa sobre os esboços? Mencionou-os? Interrogou-a sobre eles?

— Não disse uma só palavra. Se algum dia existiram, provavelmente já os esqueceu. Você sabe o quanto ela é desligada. — Noel vacilou, mas então acrescentou, como que casualmente: — Nancy esteve lá para o almoço. Começou a citar George, sobre o assunto de um novo seguro. Houve um bocado de bate-boca.

— Oh, Noel!

— Bem, sabe como é Nancy. Sem o menor tato, metendo os pés pelas mãos, a cretina.

— Mamma ficou perturbada?

— Um pouco. Consegui endireitar as coisas. No entanto, ela agora ficou mais teimosa do que nunca sobre a questão dos quadros.

— Bem, acho que isso só diz respeito a ela. De qualquer modo, obrigada por ter levado Antonia.

— Foi um prazer.

Manhã de segunda-feira novamente. Quando Penelope desceu, Danus havia chegado e já estava trabalhando duro na horta. O próximo a chegar foi o carteiro em seu pequeno furgão vermelho e depois a Sra. Plackett, solenemente ereta em sua bicicleta, com o avental na sacola e a novidade de que o dono da casa de ferragens de Pudley estava liquidando. Por que a Sra. Keeling não comprava uma nova pá para carvão? As duas discutiam este importante projeto, quando Antonia apareceu, sendo devidamente apresentada à Sra. Plackett. Foram trocadas amabilidades e relatadas as variadas atividades do fim de semana de cada uma. Em seguida, a Sra. Plackett apanhou o aspirador, os espanadores e subiu a escada. Segunda-feira era seu dia para cuidar dos quartos. Antonia começou a fritar bacon para seu desjejum, enquanto Penelope foi para a sala de estar, fechou a porta e sentou-se à secretária, a fim de telefonar.

Eram dez da manhã. Ela discou o número.

— Boothby's, Negociantes de Arte. Em que posso servi-la?

— Seria possível eu falar com o Sr. Roy Brookner?

— Aguarde um momento, por favor.

Penelope aguardou. Estava nervosa.

— Roy Brookner — anunciou uma voz grave, culta, muito agradável.

— Bom-dia, Sr. Brookner. Meu nome é Sra. Keeling, Penelope Keeling, e estou telefonando de minha casa, em Gloucestershire. No The Sunday Times da semana passada, os senhores colocaram um anúncio sobre pinturas vitorianas. Trazia seu nome e o número do telefone.

— Perfeitamente.

— O senhor, por acaso, estaria nestes arredores em algum momento do futuro próximo?

— A senhora possui algo que gostaria de mostrar-me?

— Sim. Algumas obras de Lawrence Stern.

Houve apenas uma ligeiríssima hesitação.

— Lawrence Stern? — repetiu ele.

— Exatamente.

— A senhora tem certeza de serem trabalhos de Lawrence Stern?

Ela sorriu.

— Sim, absoluta certeza. Lawrence Stern era meu pai.

Outra leve pausa. Ela o imaginou puxando um bloco de notas, retirando a tampa da caneta-tinteiro.

— Poderia fornecer-me seu endereço? — Penelope forneceu. — E seu número de telefone? — Ela fez isso também. — Preciso apenas consultar minha agenda. Esta semana seria muito cedo para a senhora?

— Oh, não. Quanto mais cedo, melhor.

— Quarta-feira? Ou quinta?

Penelope calculou, fez rápidos planos.

— Quinta-feira seria mais conveniente.

— A que horas?

— À tarde? Por volta de duas horas?

— Esplêndido. Tenho outra visita a fazer em Oxford; poderei cuidar disto na parte da manhã e depois ir vê-la à tarde.

— Será mais fácil se vier pela estrada para Pudley. Há um poste sinalizador indicando a direção da aldeia.

— Encontrarei o caminho — garantiu ele. — Duas da tarde, na quinta-feira. E obrigado por ligar para mim, Sra. Keeling.

Enquanto esperava que ele chegasse, Penelope ocupou-se em sua estufa de plantas, regando um ciclâmen, retirando botões mortos de gerânio e folhas secas. O tempo ficara ameaçador, com o vento leste trazendo enormes nuvens velejantes e apagando a luz do sol. Entretanto, o calor anterior fizera efeito,

porque já havia botões de narciso amarelo surgindo no pomar, as primeiras prímulas mostravam suas carinhas pálidas, e os aderentes brotos do castanheiro começavam a abrir-se, revelando o verde delicado das rendilhadas folhas tenras.

Ela vestira suas roupas mais respeitáveis, para estar de acordo com a importância e formalidade da ocasião. Agora, ocupava a mente em decidir como seria o Sr. Brookner. Tendo como únicas pistas o nome dele e a voz ouvida ao telefone havia pouco em que se basear, de maneira que, sempre que pensava a respeito, obtinha uma imagem diferente do homem. Podia ser muito jovem, um inteligente estudante com testa grande e gravata borboleta avermelhada. Podia ainda ser idoso, acadêmico, dono de imenso conhecimento. Ou seria diligente e apressado, falando em gíria e possuindo a mente de uma máquina de calcular.

Naturalmente, ele não era nada disso. Quando pouco depois das duas da tarde, ela ouviu a batida de uma porta de carro, em breve seguida pelo toque da campainha da porta da frente, largou o regador e cruzou a cozinha, a fim de deixá-lo entrar. Ao abrir a porta, viu-o de costas, parado no caminho de cascalho e olhando em volta, como se apreciasse a quietude do campo e o ambiente rural. Ele se virou imediatamente. Era um cavalheiro muito alto e distinto, de cabelos escuros, penteados para trás da testa alta e queimada de sol, com fundos olhos castanhos que a observavam polidamente por trás de óculos de grossos aros de chifre. Usava um terno de tweed de bom corte e estilo sóbrio, camisa quadriculada e uma gravata discretamente listrada. Com um chapéu-coco e um binóculo, ele faria excelente figura na mais elegante platéia de uma corrida de cavalos.

— Sra. Keeling?

— Eu mesma. Sr. Brookner... Boa-tarde.

Os dois cumprimentaram-se com um aperto de mão.

— Eu admirava a vista. Que belo lugar e que casa encantadora!

— Receio que tenha de entrar pela cozinha. Não tenho um vestíbulo na frente da casa...

Ela o conduziu para o interior e, imediatamente, ele teve a atenção atraída para a sedutora perspectiva da porta mais distante, a que dava para a estufa, naquele momento banhada de sol e verdejante de plantas.

— Eu não me preocuparia com um vestíbulo, se tivesse uma cozinha tão bonita quanto esta... e também uma estufa para plantas.

— Eu mandei construir a estufa, porém o restante da casa está praticamente como encontrei.

— Mora aqui há muito tempo?

— Seis anos.

— Vive só?

— A maior parte do tempo. No, momento, tenho comigo uma jovem amiga, porém passará a tarde fora. Levou meu jardineiro de carro até Oxford... Os dois puseram o aparador de grama no banco traseiro e mandarão afiá-lo.

O Sr. Brookner pareceu um tanto surpreso.

— Precisam fazer todo o trajeto até Oxford, para afiar o aparador?

— Não, mas eu queria os dois fora de casa, enquanto o senhor estivesse aqui — declarou Penelope francamente. — Também vão comprar sementes de batata e coisas para o jardim, de maneira que a viagem será bem aproveitada. Bem, aceitaria uma xícara de café?

— Não, obrigado.

— Muito bem. — Ele continuou pacientemente parado, dando a impressão de que poderia ficar ali para sempre. — Neste caso, acho melhor não perdermos mais tempo. Devemos subir e ver primeiro os painéis?

— Como quiser — disse o Sr. Brookner.

Ela o conduziu para fora da cozinha e subiram a escada estreita ate o pequeno patamar.

— E aqui estão eles, pendurados a cada lado da porta de meu quarto. Foram as últimas pinturas feitas por meu pai. Talvez o senhor ignore, mas ele padeceu horrivelmente de artrite. Na época em que estas foram feitas, mal podia segurar os pincéis e, como vê, nunca puderam ser terminadas.

Penelope ficou de lado, dando espaço para que o Sr. Brookner se adiantasse, examinasse, recuasse — apenas uns trinta centímetros ou meio metro, pois do contrário cairia de costas escada abaixo avançasse novamente. Ele nada disse. Talvez não tivesse gostado do que via. Para disfarçar o nervosismo, ela recomeçou a falar.

— Estes painéis sempre foram uma espécie de brincadeira. Compreenda, tínhamos aquela casinha em Porthkerris, encarapitada no alto da colina, porém nunca havia dinheiro para gastar nela, de maneira que ficou terrivelmente decrépita. O vestíbulo era decorado com um antigo papel de parede Morris, que foi ficando gasto e furado com o tempo. Como minha mãe não tinha meios para substituí-lo, então sugeriu a papai que ele pintasse dois compridos e decorativos painéis, os quais esconderiam as partes mais dilaceradas do papel de parede. Ela quis algo no velho estilo dele, uma pintura que fosse alegórica, com temas de fábula, que pudesse guardar para sempre e sabê-la sua. Meu pai assim fez... e aí está o resultado. Infelizmente, não conseguiu terminar os painéis. Por outro lado Sophie... minha mãe... bem, não importa. Ela disse que gostava ainda mais dos painéis como tinham ficado.

O Sr. Brookner ainda não fez qualquer comentário. Penélope deduziu que certamente procurava encontrar coragem para dizer-lhe que os painéis não

tinham qualquer valor. Então, de repente, ele se virou e sorriu.

— A senhora os considera inacabados, Sra. Keeling, porém eles estão maravilhosamente completos. Não tão finamente detalhistas, claro, ou tão meticulosos como aquelas grandes obras que ele executou na virada do século, mas, ainda assim, perfeitos em seu estilo. E que grande colorista ele foi! Repare no azul desse céu!

Penelope se encheu de gratidão ao ouvi-lo.

— Não imagina como estou satisfeita ao saber que os apreciou, já que meus filhos, quando não os ignoravam, procuravam menosprezá-los. Seja como for, a mim sempre deram um prazer enorme.

— E deveriam dar, sem dúvida. — Ele se virou, abandonando a absorta inspeção. — Existe mais alguma coisa que queira mostrar-me, ou isto é tudo?

— Não. Tenho mais, no andar de baixo.

— Podemos dar uma espiada?

— Naturalmente que sim.

No andar de baixo novamente, passando para a sala de estar, os olhos dele imediatamente caíram sobre “Os catadores de conchas”. Antes da chegada do Sr. Brookner, Penelope acendera a pequena faixa luminosa que iluminava a tela, a qual agora aguardava a avaliação dele. Naquele momento, neste dia em especial, o quadro pareceu a Penelope mais amado do que nunca, vívido, radioso e tão fresco, como o dia em que fora pintado.

Após um longo momento, o Sr. Brookner falou:

— Eu ignorava a existência de tal obra.

— Ela nunca foi exposta.

— Quando foi feita?

— Em novecentos e vinte e sete. Foi seu último quadro grande... Mostra a Praia do Norte, em Porthkerris, pintada da janela de seu estúdio. Uma das crianças sou eu. Seu nome é “Os catadores de conchas”. Quando me casei, ele me deu o quadro, como presente de casamento. Isso foi há quarenta e quatro anos.

— Que presente! Que dote. Aliás! Estará pensando em vendê-lo?

— Não. Não pretendo vendê-lo mas gostaria que o senhor o visse.

— Foi um grande prazer para mim.

Os olhos dele retornaram à tela. Após alguns instantes, Penelope percebeu que ele apenas procurava ocupar-se, deixando a ela a iniciativa do próximo movimento.

— Receio que seja tudo, Sr. Brookner. Exceto por alguns esboços.

Ele desviou os olhos do quadro, com as feições impassíveis.

— Alguns esboços?

— Feitos por meu pai.

O Sr. Brookner esperou que ela fosse mais explícita, mas como isto não aconteceu, perguntou:

— A senhora me daria permissão para vê-los?

— Não sei se valem alguma coisa. Talvez nem lhe interessassem.

— Não poderei dizer, senão depois de vê-los.

— Sim, tem razão. — Inclinando-se para trás do sofá, Penelope apanhou a surrada pasta de papelão, amarrada com barbante.

— Estão aqui.

O Sr. Brookner tomou-lhe a pasta e se sentou em uma ampla poltrona vitoriana. Pousou a pasta no tapete, a seus pés, e então, com dedos longos e sensíveis, começou a desatar o barbante.

Roy Brookner era um homem de considerável experiência em seu trabalho e, durante os anos, se tornara imune ao choque e ao desapontamento. Aprendera mesmo a lidar com o pior pesadelo de todos, aquele clássico, a velhinha que, vendo-se com pouco dinheiro talvez pela primeira vez na vida, resolve mandar avaliar e depois vender seu bem mais precioso. A Boothby's era informada de tal intenção e Roy Brookner marcava adequadamente a entrevista, assim como a viagem — provavelmente longa — para vê-la. No fim do dia, cabia-lhe a dolorosa incumbência de informar a ela que a pintura não era um Landseer, que o jarro chinês, pensado ser Ming, nem remotamente o era, o que o sinete de marfim de Catarina de Médicis, de fato não datava da época dessa dama, e sim de fins do século dezenove. Desta maneira, todos os objetos nada valiam.

A Sra. Keeling, no entanto, não era uma velhinha, além de ser filha de Lawrence Stern. Ainda assim, ela abriu as capas da pasta sem muita esperança. Não sabia ao certo o que esperava encontrar ali. O que encontrou, entretanto, foi de tão espantosa importância que, por um momento, mal pôde acreditar no que via.

Penelope Keeling lhe falara em esboços, sem explicar que tipo de esboços seriam. Aqueles eram pintados a óleo, sobre tela, as telas com as margens irregulares, ainda mostrando a impressão enferrujada dos pregos que, um dia, as tinham firmado sobre seus suportes. Ele as pegou, de uma em uma, demorando-se, examinando-as com incrédula admiração, para depois colocá-las de lado. As cores não haviam desbotado, os temas eram reconhecidos imediatamente. Em crescente excitação, ele iniciou um catálogo mental. O espírito da primavera. A chegada do amante. As aguadeiras. O deus do mar: O jardim do terrazzo...

Era quase demasiado. Como um homem na metade de uma lauta refeição para um gourmet, ele se viu saciado, incapaz de continuar. Fez uma pausa, as mãos imóveis, pendendo frouxamente entre os joelhos. Parada junto à lareira

vazia, Penelope Keeling esperava seu julgamento. Ele ergueu o rosto e seus olhos cobriram a curta distância que o separava dela. Por um demorado momento, nenhum deles falou. Não obstante, a expressão do rosto dele disse a Penelope tudo quanto ela queria saber. Sorriu, e o sorriso iluminou seus olhos escuros; era como se todos os seus anos de vida jamais tivessem acontecido. Por um momento, ele a viu como a bela jovem que um dia havia sido. Então, ocorreu-lhe o pensamento de que, se também tivesse sido jovem naquela época, provavelmente se apaixonaria por ela.

— De onde vieram estes esboços? — perguntou.

— Eu os tive comigo por vinte e cinco anos, escondidos no forro do meu guarda-roupa.

Ele franziu o cenho.

— E onde foi que os encontrou?

— Estavam no estúdio de meu pai, no jardim de nossa casa da Rua Oakley.

— Alguém mais sabe de sua existência?

— Não creio. Entretanto, tenho o pressentimento de que meu filho, Noel, começou a desconfiar de que existissem, embora eu não imagine de onde lhe veio tal desconfiança. Seja como for, não tenho certeza disto.

— O que a faz pensar assim?

— Ele andou vasculhando por aqui, revistando o sótão. Ficou muito irritado, quando nada encontrou. Tenho certeza de que procurava algo específico e quase posso garantir que eram estes esboços.

— Isto deixa certa impressão de que ele sabe o quanto poderiam valer. — Inclinando-se, ele pegou outra tela. O jardim de Amoretta. Quantas são ao todo?

— Quatorze.

— Estão no seguro?

— Não.

— Foi por isso que as escondeu?

— Não. Eu as escondi, porque não queria que Ambrose as encontrasse.

— Ambrose?

— Meu marido. — Ela suspirou. O sorriso morreu, levando consigo aquele vibrante vislumbre de juventude. Voltara a ter sua própria idade, era novamente uma simpática e grisalha mulher de sessenta e poucos anos, agora cansada de ficar em pé. Afastando-se da lareira, foi sentar-se no canto do sofá, descansando um braço ao longo do encosto. — Compreenda, nós nunca tínhamos dinheiro. Este foi o ponto crítico de tudo, a raiz de todo o problema.

— Residiu com seu marido na Rua Oakley?

— Sim, depois da guerra. Durante a guerra, fiquei na Cornualha, porque tinha uma filha pequena para cuidar. Então, minha mãe foi morta na Blitz e

continuei lá, porque também teria que cuidar de papai. Ele me transmitiu a posse da casa da Rua Oakley...e de uma... — De repente ela riu, desanimada, balançando a cabeça. — Assim fica tudo deturpado, não faz sentido. Como o senhor iria compreender?

— A senhora poderia começar do princípio e ir direto até o fim.

— Isso levaria o dia inteiro.

— Eu tenho o dia inteiro.

— Oh, Sr. Brookner, minha história o deixaria mortalmente entediado.

— A senhora é filha de Lawrence Stern — replicou ele. — Poderia ler para mim o catálogo telefônico da primeira à última página que eu continuaria fascinado.

— Oh, como o senhor é gentil... Sendo assim...

— Em 1945, meu pai estava com oitenta anos. Eu tinha vinte e cinco, estava casada com um Tenente da Marinha e era mãe de uma criança de quatro anos. Havia ficado algum tempo nas Wrens — foi quando conheci Ambrose — mas, ao saber que esperava um filho, fui desligada e voltei para casa, em Porthkerris. Fiquei lá pelo resto da guerra. Mal vi Ambrose durante aqueles anos. Ele esteve no mar a maior parte do tempo, primeiro no Atlântico, depois no Mediterrâneo e, finalmente, no Extremo Oriente. Confesso que isso não me preocupava muito. Havíamos feito um precipitado casamento de tempos de guerra, era um relacionamento que jamais teria ido avante em época de paz.

"Também, havia papai. Ele sempre fora um homem incrivelmente vigoroso e jovem, porém depois da morte de Sophie, pareceu envelhecer de repente diante de meus olhos, de modo que nem me passava pela cabeça abandoná-lo. Então, a guerra terminou e tudo mudou. Os combatentes voltavam para casa, e papai achava que eu também precisava voltar para meu marido. Envergonha-me dizer que eu não queria, e foi nessa ocasião que ele me disse haver transmitido para mim a posse de sua casa da Rua Oakley, porque assim eu sempre teria uma base, segurança para meus filhos e independência financeira. Depois disso, eu não tinha nenhuma justificativa para ficar lá. Eu e Nancy, minha filha, deixamos Porthkerris pela última vez. Papai nos levou à estação para despedir-se de nós e essa também foi a última vez, porque ele morreu no ano seguinte e nunca mais tornei a vê-lo".

"A casa da Rua Oakley era enorme. Tão grande, que papai, Sophie e eu sempre moramos no porão, destinando os andares superiores a inquilinos. Desta maneira, podíamos viver sem grandes dificuldades. Eu continuei com esse arranjo. Um casal — Willi e Lalla Friedmarm — morara lá durante a guerra, e continuou morando. Eles tinham uma filhinha, era uma boa companhia para Nancy, e se tornaram meus inquilinos permanentes. No restante da casa, os

moradores eram mais ou menos flutuantes, indo e vindo. Artistas em grande maioria, escritores e rapazes tentando entrar para a televisão. Eram o meu tipo de gente. Não o de Ambrose".

"Então, Ambrose voltou para casa. Não somente voltou, como abandonou a Marinha e aceitou um emprego na antiga firma da família de seu pai, os editores Keeling e Philips, em St. James. Fiquei bastante surpresa quando ele me contou isto, mas pensei que, no geral, havia feito a coisa certa. Mais tarde, fiquei sabendo que, quando estava no Extremo Oriente, prejudicara sua ficha profissional — antagonizara seu capitão e tivera registros negativos em seu relatório pessoal. Assim, se continuasse na Marinha, suponho que não demoraria muito por lá".

"Bem, lá estávamos nós. Não tínhamos grande coisa, porém era mais do que muitos casais jovens. Éramos novos e saudáveis, Ambrose tinha um emprego e possuíamos uma casa para morar. Só que, além disso, não dispúnhamos de um alicerce comum para a construção de qualquer tipo de relacionamento. Ambrose era intensamente convencional, mais ou menos um esnobe social... tinha grandes idéias sobre sempre travar amizade com as pessoas adequadas. Quanto a mim, era excêntrica, descuidada e, suponho, indigna da menor confiança. Entretanto, coisas que eram importantes para Ambrose, pareciam-me triviais, de modo que não partilhava do entusiasmo dele. Além do mais, havia a humilhante questão do dinheiro. Ele nunca me dava nada. Sem dúvida, achava que eu tinha rendas privadas — o que de certo modo era verdade —, porém eu vivia perpetuamente apertada de finanças. Da mesma forma, em minha família, dinheiro era algo que esperávamos ter, mas sobre o que nunca falávamos. Durante a guerra, eu me sustentava com minha pensão da Marinha, e papai costumava depositar mensalmente uma quantia em minha conta, para pagamento das contas domésticas, porém não havia luxos em que gastar dinheiro e, por outro lado, todos viviam em quase penúria. Assim, a questão parecia não importar muito".

"Entretanto, casada com Ambrose e morando em Londres, a situação se modificava. A esta altura, já havia nascido minha segunda filha, Olivia; era mais uma boca para alimentar. Ao mesmo tempo, a velha casa precisava de reparos urgentes. Não havia sofrido com os bombardeios, felizmente, mas mostrava rachaduras, ficara dilapidada e quase caindo em cima da gente. Estava precisando de nova fiação elétrica, e o teto tinha que ser consertado. Além disso, o encanamento começou a deteriorar-se e, claro, tudo gritava por pintura. Quando falei sobre isto a Ambrose, ele respondeu que a casa me pertencia, sendo portanto minha responsabilidade. Por fim, terminei vendendo quatro preciosas telas de Charles Rainier que haviam sido de papai, o que resultou em

dinheiro suficiente para os consertos mais rudimentares. Pelo menos, pararam as goteiras do teto e deixei de angustiar-me, imaginando se as crianças não seriam eletrocutadas, enfiando os dedos naquelas antiquadas tomadas de parede".

"Então, houve a gota que fez o copo transbordar. Dolly Keeling — a mãe de Ambrose, que se retirara para Devon durante toda a guerra — voltou a residir em Londres. Possuía uma casinha na Rua Lincoln e, desde sua chegada, começou a criar problemas. Jamais gostara de mim. Aliás, não a culpo. Ela nunca me perdoou por ter ficado grávida antes do tempo, por haver" forçado "Ambrose ao casamento. Era seu único filho, sendo ela intensamente possessiva. Assim, tornou a apossar-se dele. De repente, estar casada com Ambrose ficou mais ou menos semelhante a cuidar do cão de uma outra pessoa. Sempre que giramos a maçaneta, entramos em casa. Ambrose girava a maçaneta da casa da mãe. Costumava passar lá para um drinque, quando voltava do escritório... imagino que fosse a síndrome do chá-e-simpatia. Além disso, levava-a para fazer compras nas manhãs de sábado e nos domingos levava-a de carro à igreja. Era suficiente para fazer alguém não querer ir mais à igreja, pelo resto da vida".

"Pobre homem... Lealdades dividas não são companhias de fácil convivência. Afinal, ele precisava muito da atenção e adulação que Dolly lhe proporcionava, mas que eu era incapaz de dar. Além disso, a casa da Rua Oakley nunca foi o lugar mais tranqüilo do mundo. Eu gostava da proximidade de meus amigos, sempre tive muita afinidade com Lalla Friedmarm. E gostava também de crianças. Muitas crianças. Não apenas de Nancy, mas também de suas coleguinhas da escola. Quando o tempo era bom, o jardim enxameava delas, pendurando-se em cordas de cabeça para baixo ou sentadas em caixas de papelão para mantimentos. Aliás, as coleguinhas da escola tinham mães, que entravam e saíam, ficavam na cozinha, bebendo café e mexericando. Havia uma atividade constante — geléia sendo feita, alguém cortando um vestido ou fazendo biscoitos para o chá, e sempre brinquedos espalhados por todo o chão".

"Ambrose não podia suportar isso. Dizia que lhe atacava os nervos, quando voltava do trabalho para tal confusão. Começou a ressentir-se dos aposentos apertados em que vivíamos, uma vez que toda a espaçosa casa era nossa. Também começou a falar em expulsar os inquilinos, a fim de termos mais espaço para nós. Falava sobre uma sala de refeições para jantares festivos, uma sala de estar para coquetéis, um quarto de dormir com quarto de vestir e banheiro, uma suíte completa, para nós dois. Perdi a paciência e perguntei-lhe de que viveríamos, se não tivéssemos os aluguéis entrando. Ele mergulhou em um carrancismo de três semanas e, mais do que nunca, ficou na companhia da mãe".

"A mera questão de existir se tornou algo como escalar a custo uma montanha. Discutíamos sobre dinheiro o tempo todo. Eu nem sabia quanto ele

ganhava, de maneira que não tinha argumentos neste sentido. Entretanto, sabia que devia ganhar alguma coisa — e o que fazia com seu dinheiro? Pagava bebida para os amigos? Pagava a gasolina para o carrinho que a mãe lhe dera? Comprava roupas? Ambrose sempre gostara de vestir-se bem. Tornei-me profundamente curiosa. Comecei a bisbilhotar. Encontrei e li seu extrato bancário, vi que sacara mais de mil libras a descoberto. Eu era tão ingênua, tão simplória, que terminei imaginando que meu marido tinha uma amante e gastava todo o salário com ela, dando-lhe casacos de mink e sustentando-lhe um apartamento em Mayfair".

"Por fim, ele me contou. Tinha que contar. Devia quinhentas libras a um bookmaker e tinha que saldar a dívida em uma semana, lembro-me de que eu preparava sopa, mexia o grande caldeirão, a fim de que as ervilhas secas não se colassem no fundo. Perguntei-lhe há quanto tempo apostava nos cavalos e ele respondeu que havia três ou quatro anos. Também perguntei outras coisas. e então fiquei sabendo de tudo. Penso que, hoje em dia, ele seria chamado de jogador compulsivo. Costumava jogar em clubes privados. Fizera um ou dois grandes investimentos no mercado de ações, mas acabara tendo prejuízo. E eu, durante todo aquele tempo, não tinha a menor desconfiança. Agora, no entanto, ele me confessava que não estava apenas levemente envergonhado, mas desesperado. Tinha que arranjar o dinheiro".

"Respondi que não o tinha. Sugeri que procurasse sua mãe. Ambrose respondeu que já apelara para ela antes, que não tinha mais coragem de procurar ela novamente. Então, disse, por que não vendermos os quadros, os três Lawrence Stern? Eles eram tudo que eu possuía da obra de meu pai. Ao ouvi-lo falar assim, fiquei quase tão amedrontada quanto ele pois sabia". o perfeitamente capaz de esperar até ficar sozinho em casa, para então apanhar os quadros e levá-los a uma galeria de vendas. "Os catadores de conchas" era não só o meu bem mais precioso, como também meu conforto e consolo. Eu não podia viver sem o quadro, e Ambrose sabia disto. Assim, respondi-lhe que levantaria as quinhentas libras, e foi o que fiz, vendendo meu anel de noivado e também o de minha mãe. Depois disso, ele voltou a ficar bastante agradável, satisfeito consigo mesmo. Parou de jogar durante algum tempo. Havia passado um mau pedaço. Entretanto não demorou muito, começou tudo de novo e, mais uma vez, retomamos à vida antiga de mal ter o que comer.

"Então, em 1955 nasceu Noel e, ao mesmo tempo, enfrentamos a primeira das grandes contas escolares. Eu ainda possuía a casinha na Cornualha, Carn Cottage. Com a morte de papai, ela passara a me pertencer, e apeguei-me a ela durante anos, alugando-a a quem quisesse alugá-la e dizendo para mim mesma que, um dia, levaria meus filhos até lá, para passarem o verão. Só que nunca fiz

isso. Então, recebi uma boa oferta pela casa, boa demais para ser recusada, e a vendi. Quando fiz isso, soube que Porthkerris se fora para sempre, que o".

último elo se rompera. Ao vender a casa da Rua Oakley, tinha planos de retomar à Cornualha. Compraria um pequeno chalé de granito, com uma palmeira no jardim. Entretanto, meus filhos intrometeram-se e, finalmente, meu genro encontrou Podmore's Thatch. Assim, terei de passar meus últimos anos em Gloucestershire, sem ver mais o mar e nem ouvir-lhe o som."".

— Eu lhe contei tudo isto, e ainda não cheguei à questão, não é verdade? Ainda não lhe falei sobre o encontro dos esboços.

— Não estavam no estúdio de seu pai?

— Sim, escondidos por trás de coisas acumuladas durante anos por um artista.

— Como foi isso? Quando foi que os encontrou?

— Noel teria uns quatro anos. Para acomodar nossa família em crescimento, tivemos que ocupar mais dois cômodos. Os inquilinos, contudo, enchiam o resto da casa. Um dia, um rapaz surgiu à porta. Era estudante de arte, muito alto e magro, de aparência pobre, mas extremamente simpático. Alguém lhe dissera que eu talvez pudesse ajudá-lo, porque ele conseguira uma vaga no Slade, mas não encontrava um lugar onde morar. Eu não dispunha de um só canto vago para colocá-lo, mas gostei do seu jeito, convidei-o a entrar, dei-lhe uma refeição e um copo de cerveja. Começamos a conversar. Quando chegou o momento de ele ir embora, eu já me sentia tão sua amiga, que era difícil suportar a idéia de não poder ajudá-lo. Então, pensei no estúdio. Era um galpão de madeira no jardim, mas de construção forte e sem goteiras. Ele poderia dormir e trabalhar lá; eu lhe daria o desjejum e ele teria liberdade para utilizar o banheiro da casa e lavar sua roupa. Quando sugeri isto, ele aceitou de imediato. Então, encontrei a chave e fomos lá fora, inspecionar o estúdio. Estava sujo e empoeirado, entulhado com antigos divãs-cama e cômodas, não se falando nos cavaletes, paletas e telas de meu pai, porém o lugar era à prova de chuva e possuía uma clarabóia dando para o norte, detalhe que tomou o galpão ainda mais desejável para o rapaz.

"Combinamos um aluguel e o dia em que ele se mudaria para lá. Depois que ele se foi, comecei a trabalhar. Levei dias e precisei encontrar meu amigo, o trapeiro, para ajudar na tarefa. Pouco a pouco, ele encheu seu carrinho com aquelas velharias imprestáveis e levou tudo embora. Precisou fazer várias viagens, mas, finalmente, chegamos ao carregamento final. Foi então, no canto mais afastado do estúdio, que encontrei a pasta dos esboços, perdida atrás de uma velha arca. Identifiquei os esboços imediatamente, porém sem ter idéia de seu valor. Naquela época, Lawrence Stern não estava em moda, de maneira que

uma tela sua talvez valesse quinhentas ou seiscentas libras. Não obstante, o encontro daqueles esboços foi como receber um presente do passado. Eu tinha tão pouca coisa da obra de meu pai... Foi quando pensei que, se Ambrose descobrisse sua existência, imediatamente exigiria que fossem todos vendidos. Assim, levei-os para a casa e subi com eles para meu quarto. Prendi-os com fita adesiva à parte dos fundos de meu guarda-roupa, depois encontrei um rolo de papel de parede e o colei por cima, para disfarçar. Foi lá que a pasta com os esboços permaneceu até agora. Até o anoitecer de domingo passado. Foi quando, subitamente, compreendi que chegara a hora de deixá-los verem a novamente a luz do dia de mostrá-los ao senhor".

— Bem, agora já sabe tudo. — Ela olhou para seu relógio. Quanto tempo demorei para contar-lhe... Sinto muito. Aceitaria uma xícara de chá? Tem tempo para uma xícara de chá?

— Sim, eu tenho tempo. Entretanto, ainda gostaria de saber mais.

Ela ergueu as sobrancelhas, questionante.

— Por favor, não me considere impertinente ou curioso, mas o que foi feito de seu casamento? O que foi feito de Ambrose?

— Meu marido? Oh, ele me deixou.

— Ele a deixou?

— Exatamente. — Perplexo, ele viu o rosto de Penelope animar-se, mostrar-se divertido. — Por sua secretária.

— Logo depois que encontrei os esboços e os escondi, a Srta. Wilson, antiga secretária de Ambrose, que sempre trabalhara para a firma Keeling e Philips, aposentou-se e foi substituída por uma jovem. Imagino que esta nova secretária também fosse muito bonita. Chamava-se Delphine Hardacre. A secretária antiga sempre fora tratada como Srta. Wilson, porém a nova jamais foi mencionada por outro nome senão Delphine. Certo dia, Ambrose me disse que iria a Glasgow, a negócios; o setor gráfico da firma estava sediado lá, e ele ficou fora uma semana. Mais tarde, descobri que não tinha estado em Glasgow, mas fora a Huddersfield com Delphine, para ser apresentado aos pais dela. O pai era imensamente rico, tinha algo a ver com engenharia pesada, mas, se considerou Ambrose um pouco velho para sua filha, isto evidentemente ficou equilibrado pelo fato de ela ter encontrado um homem de boa condição para si mesma e de estar fascinada por ele. Logo depois disto, Ambrose chegou do trabalho e me comunicou que estava indo embora. Foi em nosso quarto. Eu tinha lavado os cabelos e os escovava para secar, sentada diante de meu toucador. Ambrose se sentara na cama, atrás de mim, de maneira que toda a conversa aconteceu através de meu espelho. Ele disse que estava apaixonado por ela. Que ela lhe dava tudo que eu jamais dera. Que queria o divórcio. Uma vez divorciado, casaria com ela

e, nesse ínterim, deixaria a Keeling & Philips, o mesmo fazendo Delphine. Os dois pretendiam mudar-se para o Norte e residir no Yorkshire, onde o pai dela lhe oferecera um posto em sua companhia.

“Devo dizer, em favor de Ambrose, que quando ele se dedicou a organizar sua nova vida, saiu-se muito bem. Foi tudo tão estudado, tão planejado e frio, um fato consumado tão perfeito que, na realidade, nada havia para dizer-lhe. Nada havia que eu quisesse dizer-lhe. Eu sabia que sua partida não fazia a menor diferença para mim. Sabia que estaria bem melhor por conta própria. Criaria meus filhos e cuidaria de minha casa. Concordei com tudo, ele se levantou da cama, desceu para o andar de baixo e eu continuei escovando meu cabelo, sentindo uma paz imensa”.

“Dias mais tarde, a mãe dele procurou -me; não por comiseração e nem para queixar-se ou acusar mas, simplesmente, para certificar-se de que, em vista da deserção de Ambrose, eu não impediria que as crianças a vissem ou vissem o pai. Respondi que meus filhos não eram propriedade minha, nada que eu pudesse dar ou reter, mas sim pessoas com direito próprio. Eles poderiam fazer o que quisessem, ver quem quisessem ver, que eu não os tolheria. Dolly ficou muito aliviada, porque embora nunca dedicasse muito tempo a Olívia e Noel, idolatrava Nancy, e Nancy a amava. As duas tinham a mente igual, tinham tudo em comum. Quando Nancy casou, foi Dolly quem providenciou seu grande casamento londrino e, por causa disto, Ambrose veio de Hudderstield para levá-la ao altar. Foi a única ocasião em que nos vimos, depois do divórcio. Ele havia mudado, tinha uma aparência de homem muito próspero. Engordara bastante, o cabelo ficara grisalho e tinha uma compleição muito vermelha. Recordo que, naquele dia, por algum motivo usava uma corrente de relógio em ouro, parecendo a viva imagem do homem que permanecera no Norte a vida inteira, nada mais fazendo além de ganhar dinheiro”.

“Depois do casamento, ele retomou a Huddersfield e nunca mais o vi. Morreu uns cinco anos depois. Ainda era um homem relativamente novo, de maneira que sua morte foi um choque terrível. Pobre Dolly Keeling, viveu muitos anos mais do que o filho e nunca se recuperou da dor de perdê-lo. Eu também lamentei. Creio que, com Delphine, ele finalmente havia encontrado a vida que desejava. Escrevi a ela, porém nunca me respondeu. Talvez julgasse demasiada presunção minha. Ou, então, simplesmente não sabia o que dizer em resposta”.

— E agora, vou mesmo fazer um pouco de chá!

Penelope levantou-se e ergueu a mão para firmar a travessa de tartaruga que lhe prendia o coque.

— Acha que estará bem aqui, enquanto preparo o chá? Está aquecido o

suficiente? Gostaria que eu acendesse a lareira?

O Sr. Brookner respondeu que ficaria bem ali, que estava aquecido, não havendo necessidade de acender a lareira. Ela então o deixou, absorvido no exame de mais um esboço, e foi para a cozinha. Encheu a chaleira e a pôs para ferver, sentindo-se em paz consigo mesma, justamente como se sentira naquele anoitecer de verão, escovando o cabelo e ouvindo Ambrose dizer-lhe que ia embora para sempre. Disse para si mesma que isto devia ser como se sentiam os católicos, após se confessarem — limpos, livres e finalmente desobrigados. Estava grata a Roy Brookner por ter ouvido e também grata à Boothby's, por lhe ter enviado um homem não apenas profissional, mas igualmente humano e compreensivo.

Durante o chá com biscoitos de gengibre, eles novamente voltaram a falar de negócios. Os painéis seriam vendidos. Os esboços, catalogados e levados a Londres para avaliação. E “Os catadores de conchas?” Este, por enquanto, ficaria onde estava, acima da lareira, na sala de estar em Podmore's Thatch.

— O único empecilho sobre a venda dos painéis — comentou Roy Brookner — é o fator tempo. Como sabe, a Boothby's acabou de organizar uma grande venda de telas vitorianas, de maneira que não teremos outra, dentro de seis meses. Não em Londres. Talvez nossa galeria de arte em Nova York pudesse cuidar deles, porém eu precisaria saber quando estarão programando seu próximo leilão.

— Seis meses! Não quero esperar seis meses. Quero vendê-los agora!

Ele sorriu de sua impaciência.

— A senhora consideraria um comprador particular? Sem a concorrência de um leilão, talvez não encontrasse um preço tão bom. Estaria disposta a assumir o risco?

— O senhor pode descobrir-me um comprador particular?

— Há um colecionador americano, da Filadélfia. Veio a Londres expressamente para participar do leilão de As aguadeiras, mas perdeu para o representante do Museu de Belas-Artes de Denver. Ficou muito desapontado. Não possui nenhum Lawrence Stern, pois são quadros que aparecem muito raramente no mercado.

— Ele continua em Londres?

— Não sei ao certo. Eu poderia verificar. Estava hospedado no The Cormaught.

— Acha que ele desejaria os painéis?

— Sem dúvida. No entanto, a venda dependeria do quanto está disposto a oferecer.

— O senhor entrará em contato com ele?

— Naturalmente.

— E os esboços?

— A senhora decidirá. Valeria a pena aguardar alguns meses antes de vendê-los... dar-nos tempo para anunciá-los e despertar o interesse.

— Sim, eu compreendo. No caso dos esboços talvez fosse melhor esperar.

Assim ficou combinado. Ali mesmo. Roy Brookner começou a catalogar os esboços. Isto demorou algum tempo, mas, quando ele terminou e entregou a ela um recibo assinado. Tornou a colocá-los dentro da velha pasta que os guardara por tanto tempo, amarrando firmemente o barbante. Feito isto, ela o levou para fora da sala, os dois subiram a escada até o patamar e, gentilmente, Roy Brookner retirou os painéis da parede, deixando atrás deles apenas algumas teias de aranha e duas longas faixas de papel de parede não desbotado.

Fora da casa tudo foi colocado no esplêndido carro do visitante, os esboços no porta-mala, e os painéis, cuidadosamente embrulhados em uma manta axadrezada, depositados sobre o banco traseiro. Após acomodar tudo como pretendia, Roy Brookner saiu do carro e bateu a porta. Virou-se para Penelope.

— Foi um prazer, Sra. Keeling. E obrigado.

Os dois trocaram um aperto de mão.

— Fiquei muito feliz em conhecê-lo, Sr. Brookner. Espero que não o tenha entediado.

— Nunca estive menos entediado em minha vida! E, assim que tiver novidades, entrarei em contato com a senhora.

— Obrigada. E adeus. Faça uma boa viagem!

— Adeus, Sra. Keeling.

Ele telefonou no dia seguinte.

— Sra. Keeling? É Roy Brookner falando.

— Pois não, Sr. Brookner.

— O cavalheiro americano que lhe mencionei, o Sr. Lowell Ardway, não se encontra mais em Londres. Liguei para o The Cormaught e fui informado de que ele partiu para Genebra. Sua intenção é retornar para os Estados Unidos, diretamente da Suíça. Entretanto, tenho seu endereço em Genebra e escreverei hoje para ele, falando sobre os painéis. Tenho certeza de que, ao saber que estão disponíveis, voltará a Londres para vê-los. Contudo, talvez esperemos uma ou duas semanas.

— Posso esperar uma ou duas semanas. Apenas não suportaria esperar seis meses.

— Posso assegurar que não terá de esperar tanto. E no referente aos esboços, mostrei-os ao Sr. Boothby, que ficou imensamente interessado. Nada tão importante surgiu no mercado, durante anos.

— O senhor... — Parecia quase indelicado perguntar. — O senhor tem alguma idéia de quanto poderiam valer?

— Segundo minha avaliação, não menos de cinco mil libras cada.

Cinco mil libras! Cada um! Recolocando o fone no gancho, ela ficou parada, no meio de sua cozinha, tentando apreender a enormidade da soma. Cinco mil libras multiplicadas por quatorze davam...era impossível fazer a conta mentalmente. Encontrou um lápis e efetuou a soma em sua lista de compras. O total chegava a setenta mil libras. Penelope puxou uma cadeira e sentou-se porque, de repente, seus joelhos haviam ficado bambos.

Pensando bem, não era tanto a idéia da riqueza que a aturdia, mas sua reação a isso. A decisão de chamar o Sr. Brookner, de mostrar-lhe os esboços e de vender os painéis ia mudar sua vida. Um raciocínio simples, mas, ainda assim, demorava um pouco para acostumar-se a ele. As duas insignificantes e inacabadas pinturas de Lawrence Stern, que ela sempre amara, mas que nunca imaginara terem algum valor,agora estavam na Boothby's, esperando a oferta de um milionário americano. E o monte de esboços, escondidos e fora de sua mente durante anos, de repente estavam valendo setenta mil libras! Uma fortuna. Era como ganhar na loteria. Considerando seu alterado status. Penelope recordou a jovem ganhadora da loteria, aparecendo na televisão e vista por ela com espanto, despejando champanha na cabeça e gritando esganiçadamente, "Gastar, gastar, gastar!”

Era uma cena espantosa, como algo extraído de um maníaco conto de fadas. No entanto, ela agora se via mais ou menos na mesma situação e percebia — aqui estava a sua perplexidade — que isto não aturdia nem acabrunhava. Em vez disto, sentia-se invadida pela gratidão de uma pessoa aquinhoada com uma opulência inesperada. O maior presente que um pai ou mãe pode deixar para um filho é a independência desse pai ou mãe. Era o que havia dito para Noel e Nancy e sabia que isto era verdade, que a segurança propiciada pela independência não tinha preço. Além disso, havia as possibilidades de prazeres auto-indulgentes. Sim, mas o que eram prazeres? Penelope era inexperiente em extravagâncias, tendo poupado e feito valer cada penny conseguido em toda a sua vida de casada. Não sentia ressentimento nem inveja da largueza dos outros, era grata por ter conseguido criar e educar os filhos, mantendo a cabeça acima d'água. Somente após ter vendido a casa da Rua Oakley, pudera dispor de algum capital, mas este imediatamente havia sido investido com prudência -a fim de produzir uma renda modesta, que era gasta da maneira que ela mais apreciava. Em comida, vinho, recebendo os amigos. Havia também os presentes — nos quais era imensamente generosa — e, naturalmente, seu jardim.

Agora, se quisesse, podia renovar a casa de alto a baixo. Tudo quanto

possuía era incrivelmente antigo e surrado, mas era assim que gostava das coisas. O velho Volvo tinha oito anos de idade e já o comprara de segunda mão. Talvez pudesse exibir-se em um Rolls-Royce porém nada havia de errado com o Volvo — ainda — e seria algo semelhante a sacrilégio, entulhar o porta-malas de um Rolls com sacos de turfa e vasos de cerâmica com plantas para o jardim.

Então, roupas. A verdade é que ela nunca se interessara por roupas, uma atitude mental imposta pelos longos anos de guerra e pela privação dos anos que se seguiram. Muitas de suas peças favoritas haviam sido adquiridas nas barraquinhas de roupas usadas, durante as quermesses da igreja de Temple Pudley. Além do mais, sua pelerine de marinheiro a mantivera aquecida no correr de quarenta invernos. Sempre poderia dar a si mesma um casaco de mink, porém jamais acalentara a idéia de usar uma peça confeccionada com uma pilha da pele de queridos animaizinhos mortos e, por outro lado, pareceria uma tola, caminhando pela rua da aldeia em uma manhã de domingo, apenas para recolher os jornais, envergando esmeradamente um casaco de mink. Os outros pensariam que perdera o juízo.

Poderia viajar. Entretanto aos sessenta e quatro anos e não estando (era forçoso enfrentar o fato) em seu melhor estado de saúde, ela se sabia velha demais para começar a cruzar o mundo por conta própria. Aqueles dias de prazenteiras viagens de carro, o Train Bleu e paquetes haviam terminado. E a idéia de aeroportos estrangeiros, de disparar através do espaço em jatos supersônicos, jamais a tinha seduzido particularmente.

Não. Nada dessas coisas. Por enquanto, nada faria, nada diria e nada contaria a alguém. O Sr. Brookner chegara e se fora, sem que pessoa alguma soubesse de sua visita. Era melhor continuar agindo como se nada tivesse acontecido, até ter notícias dele novamente. Disse para si mesma que devia expulsá-lo da mente, mas constatou que era impossível. A cada dia, esperava ter notícias dele. A cada vez que o telefone tocava, corria para ele, como uma jovem ansiosa, esperando uma ligação do homem amado. Entretanto, ao contrário dessa jovem ansiosa, à medida que os dias passavam sem que nada acontecesse, ela permanecia tranqüila, imperturbável. Sempre havia o amanhã. Não tinha pressa. Cedo ou tarde, ele teria algo para lhe comunicar.

Enquanto isso, a vida continuava, e a primavera, em vários sentidos, estava no ar. O pomar brilhava com tenros narcisos, suas trombetas amarelas dançando à brisa. As árvores envolviam-se no verde tenro da folhagem nova e, nos canteiros abrigados, perto da casa, os goivos e poliantos abriam as faces aveludadas, enchendo o ambiente de nostálgico aroma. Danus Muirfield, com a horta recém-plantada, dera ao gramado o primeiro corte da estação, estando agora empenhado em cavar, limpar e afofar os canteiros que marginavam

paredes e muros. A Sra. Placket ia e vinha, iniciara uma orgia de faxina da primavera e lavara todas as cortinas do quarto. Antonia as pendurara no varal, como estandartes. Sua energia era enorme e incumbia-se alegremente de qualquer tarefa que Penelope talvez não se preocupasse em fazer para si mesma, como ir de carro a Pudley e fazer toda a imensa compra semanal ou esvaziar o grande armário da cozinha e limpar com esfregão todas as prateleiras. Quando não estava ocupada dentro de casa, podia ser encontrada no jardim, erigindo uma treliça para arrimo das ervilhas-de-cheiro ou removendo dos vasos da entrada seus narcisos prematuros, para substituí-los por gerânios, fúcsias e nastúrcios. Se Danus estivesse lá, ela nunca era encontrada longe dele, e as vozes dos dois flutuavam através do jardim ou da horta, enquanto labutavam juntos. Quando os via, fazendo uma pausa para espiar de uma janela do andar de cima, Penelope se enchia de satisfação. Antonia era uma pessoa diferente daquela jovem tensa e exaurida, que Noel trouxera de Londres; havia perdido a pálida tristeza que a acompanhara de Ibiza, tendo também perdido as olheiras escuras. Seu cabelo reluzia, a pele desabrochava e, à sua volta, havia uma espécie de aura, indefinível mas, aos olhos experientes de Penelope, ainda assim, indiscutível.

Ela desconfiava de que Antonia se apaixonara.

— Acho que a melhor coisa do mundo é fazer algo construtivo em um jardim, em uma bela manhã. Isto faz uma combinação do melhor que existe. Em Ibiza, o sol era sempre tão quente, deixava as pessoas tão suadas e pegajosas, que não havia alternativa senão pular na piscina.

— Aqui não temos uma piscina — indicou Danus. — Enfim, imagino que sempre se possa pular no Windrush.

— Seria gélido, não? Enfiei os pés no rio outro dia, e foi terrível. Danus, você sempre será jardineiro?

— Por que a pergunta tão súbita?

— Sei lá... Estava só pensando. Você parece ter tanta coisa mais para trás... Estudou, viajou para a América, depois formou-se em Horticultura. Parece um desperdício, nunca mais fazer outra coisa além de plantar repolhos alheios e arrancar ervas daninhas para outras pessoas.

— Oh, mas nem sempre vou ficar fazendo isso, vou?

— Não vai? Então, o que pretende?

— Economizar, até juntar o suficiente para comprar um pedaço de terra, ter meu próprio terreno, plantar vegetais, vender plantas, bulbos, rosas, gnomos, tudo que alguém queira comprar.

— Um centro de jardinagem?

— Eu me especializaria em alguma coisa... rosas ou fúcsias, apenas para ser um pouquinho diferente dos outros.

— Isso não seria muito caro? Para começar, quero dizer?

— Claro. O preço da terra é alto, e ela teria que ser grande o suficiente, para tornar-se um empreendimento viável.

— Seu pai não poderia ajudá-lo? Apenas no começo?

— Poderia, se eu lhe pedisse. No entanto, prefiro começar à minha custa. Estou com vinte e quatro anos agora. Quando chegar aos trinta, é possível que já esteja em condições de me estabelecer.

— Seis anos de espera parecem uma eternidade. Eu desejaria agora.

— Aprendi a ser paciente.

— E o local? Quero dizer, onde teria seu centro de jardinagem?

— Não faz diferença. Onde quer que fosse necessário. Contudo, eu preferiria ficar neste extremo do país. Gloucestershire, Somerset...

— Acho que o melhor seria Gloucestershire. É tão bonito! E pense também no mercado. Todas aquelas pessoas ricas de Londres, comprando encantadoras casas de pedra dourada e querendo jardins cheios de benfeitorias... Você faria uma fortuna. Em seu lugar, eu ficaria aqui mesmo. Encontraria uma casinha e uns dois acres de terra. Eis o que eu faria.

— Bem, mas você não vai abrir um centro de jardinagem. Vai ser modelo.

— Somente se não encontrar outra coisa mais para fazer.

— Você é uma criatura engraçada. A maioria das garotas daria a vida por semelhante oportunidade.

— E isso não anularia o propósito?

— Além do mais, você não quereria passar a vida desenterrando nabos.

— Eu não plantaria nabos. Plantaria coisas deliciosas, como espigas de milho, aspargos e ervilhas. E não pareça tão cético. Sou muito boa nisto. Em Ibiza, nunca compramos um só vegetal. Plantávamos todos eles, além de frutas. Tínhamos laranjeiras e limoeiros. Papai costumava dizer que nada mais esplêndido do que um gim-tônica com uma rodela de limão colhido pouco antes. O sabor é muito diferente daqueles que são comprados.

— Suponho que poderia plantar limoeiros em uma estufa envidraçada.

— O interessante sobre limoeiros é que frutificam e florescem ao mesmo tempo. Assim, sempre estão bonitos. Danus, você nunca quis ser advogado, como seu pai?

— Houve uma época em que pensei nisso. Achei que seguiria as pegadas do velho. Só que, então, fui para a América e, depois disso, as coisas mudaram um pouco. Decidi passar a vida usando as mãos, em vez da cabeça.

— Ora, mas você usa a cabeça! Jardinagem exige muito pensamento, muito conhecimento e planejamento. E se tiver seu centro de jardinagem, na certa precisará fazer toda a contabilidade, providenciar compras e vendas, o

pagamento de impostos... Para mim, isto é usar a cabeça. Seu pai decepcionou-se, por você não querer mais ser advogado?

— No começo, sim. Entretanto, discutimos o assunto e ele acabou concordando com meu ponto de vista.

— Não seria absolutamente terrível, um pai com quem não se possa conversar? O meu era perfeito. Eu podia falar de tudo com ele. Gostaria que você o tivesse conhecido. E nem posso mostrar-lhe meu querido Ca'n D'alt, porque agora alguma outra família estará morando lá. Danus, houve algo em especial que o levou a trocar de carreira? Aconteceu alguma coisa na América?

— Talvez.

— O que aconteceu tem a ver com o fato de você não dirigir um carro e nunca beber álcool?

— Por que pergunta isso?

— É que penso no caso algumas vezes. Apenas querendo saber.

— Isso a preocupa? Gostaria de que eu fosse como Noel Keeling, disparando em seu carro estrada acima e abaixo, querendo uma bebida sempre que a situação fica difícil?

— Não, eu não gostaria que você fosse como Noel. Se fosse, eu não estaria aqui, ajudando-o. Estaria espichada em uma espreguiçadeira, folheando uma revista.

— Então, por que não procura esquecer isso, deixar tudo como está? Veja aqui, você está plantando uma mudinha, não martelando um prego. Plante-a delicadamente, como se estivesse pondo um bebê na cama. Apenas comprima a terra em volta, nada mais. Ela precisa de espaço para crescer. Precisa de espaço para respirar.

Ela estava andando de bicicleta. Pedalando em roda livre, colina abaixo, entre sebes de fúcsias, carregadas de flores vermelhas e purpúreas. A estrada encurvava-se à frente, branca e empoeirada. Na distância, o mar era azul-safira. Havia uma sensação de manhã de sábado. Ela calçava sandálias. Chegou a uma casa, e era Carn Cottage, mas não era Carn Cottage, porque tinha um teto achatado. Papai estava lá, usando seu chapéu de aba larga, sentado em uma banqueta de dobrar, com o cavalete armado à sua frente. Não tinha artrite e dava longas pinceladas de cor na tela. Não ergueu os olhos quando ela chegou ao seu lado, mas disse, "Um dia eles virão, virão pintar o calor do sol e a cor do vento". Ela espiou por sobre a borda do teto, e era um jardim como em Ibiza, um jardim com piscina. Sophie nadava na piscina, para cá e para lá. Estava nua, os cabelos molhados e lisos como uma pele de lontra. Via-se a paisagem, lá do teto, porém não era a baía, era a Praia do Norte, de maré baixa, e ela estava ali, procurando, com um balde escarlate cheio de conchas enormes. Vieiras, mexilhões e

cintilantes lumaches. Entretanto, ela não catava conchas, estava procurando algo, alguém mais; ele estava por ali, em algum lugar. O céu escureceu. Ela continuou andando através da areia que afundava, lutando conta o vento. O balde ficou insuportavelmente pesado, de maneira que o largou e deixou para trás. O vento trazia consigo uma névoa marinha que se enroscava sobre a praia como fumaça, e ela o viu caminhando, destacando-se da fumaça, vindo em sua direção. Vestia uniforme, mas tinha a cabeça nua. Ele disse, "Estive procurando por você", e lhe deu a mão, começaram a caminhar juntos, chegaram a uma casa. Cruzaram a porta, porém não era uma casa, mas a Galeria de Arte, nas ruas traseiras de Porthkerris. E papai estava lá novamente, sentado em um gasto sofá, no meio do piso vazio. Virando a cabeça, disse para eles, "Eu gostaria de ser jovem novamente, de poder ver tudo isto acontecendo".

Ela se encheu de felicidade. Abriu os olhos, e a felicidade permaneceu, o sonho era mais real do que a realidade. Podia sentir o sorriso em seu rosto, como se alguém o tivesse posto ali. O sonho esmaeceu, mas o senso de tranqüilo contentamento continuou. Satisfeitos, seus olhos abarcaram os detalhes penumbrosos do quarto. O lustroso da cabeceira de latão da cama, a forma agigantada do imenso guarda-roupa, as janelas abertas, com as cortinas movendo-se levemente ao fluxo do doce ar noturno.

Eu gostaria de ser jovem novamente. De poder ver tudo isto acontecendo.

De repente, ela se viu plenamente desperta e soube que não tornaria a adormecer. Empurrou as cobertas e saiu da cama, tateando com os pés pelos chinelos, esticando a mão para o robe. Na escuridão, abriu a porta e desceu para a cozinha. Acendeu a luz. Tudo estava aquecido e arrumado. Encheu uma panela com leite e a pôs para aquecer. Depois tirou uma caneca do aparador, colocou nela uma colherada de mel e a encheu até a borda com o leite quente. Mexeu a mistura. Levando a caneca, cruzou a sala de refeições e entrou na sala de estar. Acendeu a luz, que iluminou “Os catadores de conchas” e, à sua claridade suave, atiçou o fogo da lareira. Quando as chamas cresceram ela levou a caneca para o sofá, ajeitou as almofadas e aninhou-se em um dos cantos, com os pés dobrados sob o corpo. Acima dela, o quadro cintilava à meia-luz, brilhante como uma janela de vitral tendo o sol às suas costas. Aquele quadro era seu mantra pessoal, penetrante como um amuleto de hipnotizador. Ficou olhando, a concentração aguçada, sem pestanejar, esperando que o encantamento funcionasse. que a magia acontecesse. Encheu os olhos com o azul do mar e do céu, depois sentiu o vento salitrado; também sentiu o cheiro de algas e areia molhada; ouviu o grasnido das gaivotas, o tamborilar da brisa em seus ouvidos.

Ali, em segurança, ela podia permitir-se recordar as várias, muitíssimas ocasiões em sua vida, quando havia feito apenas isto — confinar-se, ficar

sozinha, trancar-se com “Os catadores de conchas”. Assim se tinha sentado, de tempos em tempos, durante aqueles tristonhos anos em Londres, logo depois da guerra, atormentada, às vezes quase derrotada pela escassez, pela falta de dinheiro e por uma carência de afeição; pela inutilidade de Ambrose e uma aterradora solidão que, por algum motivo, não era preenchida pela companhia dos filhos. O mesmo ela fizera na noite em que Ambrose arrumara as malas, abandonara a família e partira para o Yorkshire, rumo à prosperidade, ao corpo jovem e cálido de Delphine Hardacre. Tornara a fazê-lo quando Olivia, a filha predileta, deixara a casa da Rua Oakley para sempre, a fim de morar sozinha e concentrar-se em sua brilhante carreira.

Você não deveria voltar lá. Nunca mais, todos lhe tinham dito. Tudo estará mudado. No entanto ela sabia que se enganavam, porque as coisas pelas quais mais ansiava eram elementares e, afortunadamente, a menos que o mundo explodisse, permaneceriam imutáveis.

“Os catadores de conchas”. Como um velho amigo de confiança, a constância do quadro a enchia de gratidão. E, da mesma forma que nos apossamos dos amigos, ela se apegara a ele, vivera com ele, recusando-se até mesmo a falar em desfazer-se dele. Agora, no entanto, de repente as coisas ficavam diferentes. Não havia simplesmente um passado, mas também um futuro. Havia planos a fazer, prazeres em reserva, toda uma nova perspectiva diante dela. Por outro lado, estava com sessenta e quatro anos. Não era uma soma de anos a desperdiçar, olhando nostalgicamente por sobre o ombro.

— Talvez eu não precise mais de você — disse em voz alta, sem que o quadro fizesse qualquer comentário. — Talvez seja hora de deixá-lo ir-se.

Penelope terminou seu drinque. Largou a caneca vazia, esticou a mão para a manta que jazia dobrada no encosto do sofá, aninhou-se sobre as almofadas macias e estendeu a manta sobre o corpo espichado, a fim de aquecê-lo. “Os catadores de conchas” far-lhe-ia companhia, ficaria vigiando, espiando para sua forma adormecida. Ela pensou no sonho, em papai dizendo, “Eles virão, virão para pintar o calor do sol e a cor do céu. Fechou os olhos. Eu gostaria de ser jovem novamente...”.

11. Richard

No verão de 1943, como a maioria das pessoas, Penelope tinha a impressão de que a guerra já durava uma eternidade e, ainda mais, que duraria uma eternidade. Era um ramerrão de tédio — escassez de tudo e black-out, revezados por vislumbres ocasionais de horror, terror ou coragem, enquanto navios de guerra britânicos eram afundados no mar, o desastre cortejava as tropas aliadas ou o Sr. Churchill ia ao rádio, dizer a todos como estavam se saindo esplendidamente bem.

Era como as duas últimas semanas antes de a pessoa ter um filho, quando tem certeza de que o filho nunca virá e que ela ficará parecendo o Albert Hall pelo resto da vida. Ou estar no meio de um túnel ferroviário muito comprido e encurvado, com a luz do dia há muito deixada para trás e a pequena fagulha de claridade no final desse túnel ainda não entrevista. Um dia, a luz aparece. Quanto a isto, ninguém tinha a menor dúvida. Só que, nesse meio tempo, tudo era escuridão. A pessoa apenas seguia em frente, dando um passo cauteloso de cada vez, enfrentando os problemas diários de alimentar os outros, de mantê-los aquecidos, providenciar sapatos para as crianças e tentar impedir que a estrutura de Carn Cottage desabasse, por negligência e falta de reparos.

Penelope estava com vinte e três anos e, às vezes, com exceção do próximo filme semanal no pequeno cinema local, parecia não haver mais nada a esperar. Ir ao cinema se tomara verdadeiramente um culto para ela e Doris. Doris chamava aquilo de ir ver o filme, e as duas não perdiam um só deles. Inteiramente impedidas de selecionar, assistiam a tudo que aparecesse. simplesmente procurando escapar do tédio de sua existência, nem que por uma ou duas horas. No final da sessão, após terem permanecido devidamente empertigadas e ouvindo "Deus salve o Rei”, tocado em um disco rachado saíam aos tropeções para a rua escura como breu. ainda tomadas de excitação ou chorosas de sentimentalidade, e voltavam para casa, caminhando de braços dados, rindo fracamente, tropeçando nas desigualdades da calçada e subindo, à claridade das estrelas, as ruas íngremes que levavam a Carn Cottage.

Como Doris comentava, invariavelmente, isso era uma boa compensação.

E era mesmo, sem dúvida. Penelope supunha que aquele purgatório cinzento que era a guerra terminaria algum dia, mas era difícil acreditar nisto, mais difícil ainda imaginá-lo. Ser capaz de comprar carne, a geléia de laranja; não ter mais medo de ouvir os boletins noticiosos; deixar as luzes passarem pelas

janelas e varar a escuridão. sem o risco de um bombardeio casual ou uma torrente de impropérios do Coronel Trubshot. Ela pensava em voltar à França, seguir de carro para o sul, em direção às mimosas desabrochadas e ao sol quente. Também pensava em sinos badalando de torres de igrejas silenciosas, não para anunciar a invasão, mas para comemorar a Vitória.

Vitória. Os nazistas derrotados, a Europa libertada. Prisioneiros de guerra, amontoados em acampamentos por toda a Alemanha, voltando para casa. Militares desmobilizados, famílias reunidas. Esta última hipótese era o pavor de Penelope. Outras esposas rezavam pelo seguro retomo dos maridos e viviam para isso, porém ela sabia que não se incomodaria muito, se nunca mais tomasse a ver Ambrose. Não se tratava de insensibilidade; apenas, à medida que os meses passavam, sua recordação dele se tornara, de algum modo menos e menos provável. Ela queria que a guerra terminasse — somente um lunático desejaria outra coisa — porém não sentia entusiasmo à idéia de iniciar tudo novamente com o marido. Um marido que mal conhecia, que praticamente esquecera e cujo casamento teria que tornar viável.

Às vezes, quando se sentia desanimada, brotava em seu sub-consciente uma vergonhosa esperança, o pensamento de que algo acontecesse a Ambrose. Não que ele fosse morto, é claro. Isto era impensável. Ela não desejava a morte de ninguém, em particular de alguém tão jovem, tão atraente e amando tanto a vida como ele. Pensava apenas que, entre as batalhas no Mediterrâneo, as patrulhas noturnas e caçadas aos submarinos alemães, ele podia chegar a algum porto e encontrar alguma jovem — talvez uma enfermeira ou oficial Wren, infinitamente mais atraente do que a esposa — por quem se apaixonasse perdidamente. Então, no correr do tempo, essa jovem tomaria seu lugar ao lado dele, preenchendo os mais loucos sonhos de felicidade de Ambrose.

Sem dúvida, ele lhe escreveria sobre esse envolvimento amoroso.

Cara Penelope,

Odeio fazer isto, porém só existe uma maneira de contar-lhe. Encontrei outra. O que aconteceu entre nós é profundo demais para ser desfeito. Nós nos amamos... etc., etc...

A cada vez que recebia uma das infreqiientes cartas dele — em geral, aerogramas impessoais, uma página reduzida ao tamanho e formato de um instantâneo fotográfico — seu coração se enchia da leve esperança de que, por fim, seria a carta esperada. No entanto, sempre se desapontava. A leitura das poucas linhas garatujadas, dando notícias de amigos de caserna que ela jamais conhecera ou descrevendo alguma festa em outro navio qualquer, indicava que nada mudara. Continuava casada com ele. Ambrose continuava sendo seu marido. Ela tornava a enfiar o aerograma no envelope e mais tarde — talvez dias

mais tarde — sentava-se para responder, escrevendo- lhe uma carta ainda mais seca do que a recebida. "Tivemos chá com a Sra. Penbert. Ronald se juntou aos Escoteiros do Mar. Nancy já sabe desenhar uma casa."

Nancy. Nancy não era mais um bebê e, à medida que crescia e se desenvolvia, Penelope ficava fascinada pela filha, além de inesperadamente maternal. Vê-la transformar-se de bebê em garotinha era como ver um botão desabrochar em flor — um processo lento, porém delicioso. Conforme predissera seu pai, ela era um Renoir, rosa e dourado, com espessas pestanas escuras e dentinhos perolados, tendo permanecido a queridinha de Doris, a queridinha da maioria dos amigos de Doris. Por vezes, Doris saía com ela em sua cadeirinha de empurrar, quando comparecia a alguma reunião. Nancy ia usando em triunfo um macacãozinho ou roupinha de festa ganhos de alguma jovem mãe, para cujo filho tais peças haviam ficado pequenas. A roupa seria lavada e imaculadamente passada, com Nancy ataviada em sua nova indumentária. Nancy adorava roupas novas e bonitas. “Ela não é uma belezinha? exibia Doris. Nancy sorria, ao sentir-se elogiada, alisando a saia do vestido novo com dedinhos gorduchos e apreciativos”.

Em tais momentos, ela era a viva imagem de Dolly Keeling, porém não chegava a estragar o prazer e divertimento de Penelope.

— Você é uma pequena senhorita — dizia para a filha, tomando-a nos braços e abraçando-a. — Uma verdadeira senhorita! Manter Nancy e os meninos enroupados, assim como todos de casa alimentados, ocupava praticamente todos os momentos dela e de Doris. As rações haviam encurtado a proporções hilariantes. Todas as semanas, Penelope descia as ruas íngremes para a cidade até a mercearia do Sr. Ridley. Estava "registrada" com o Sr. Ridley. Uma vez lá, exibia os talões de racionamento da família e, em troca, eram-lhe vendidas pequenas quantidades de açúcar, manteiga, margarina, gordura, queijo e bacon. Ainda pior era o racionamento da carne, porque exigia uma fila na calçada durante horas, sem que se tivesse qualquer dela sobre o destino de tal fila. Ao serem comprados vegetais ou frutas no verdureiro, eram todos colocados na sacola tecida, como tinham vindo, com restos de terra e tudo, já que não havia papel para sacolas de compras e sendo considerado impatriótico solicitar-se alguma.

Nos jornais surgiam receitas estranhas, elaboradas pelo Ministério da Alimentação, receitas que seriam não apenas econômicas, mas também nutritivas e deliciosas. A torta de salsicha do Sr. Woolton, feita de massa quase sem gordura e pequenas amostras de carne enlatada. Um certo bolo, tornado umedecido com cenoura ralada, e um prato de caçarola, consistindo quase que inteiramente de batata. ECONOMIZE PÃO, COMA BATATA EM SEU

LUGAR, exortavam os posters, da mesma forma como eram todos exortados a TRABALHAR PELA VITÓRIA e advertidos de que COMENTARIOS DESCUIDADOS CUSTAVAM VIDAS. O pão era trigo que, com imenso perigo para navios e vidas, tinha de ser importado do outro lado do Atlântico. O pão branco há muito desaparecera das prateleiras das padarias, substituído por algo denominado Pão Nacional, de coloração cinza-acastanhada e fibras secas em sua massa. Penelope o chamava de pão de tweed e fingia apreciá-lo, mas seu pai comentava que tinha exatamente a mesma cor e textura do novo papel sanitário. Achando que o Ministro da Alimentação e o Ministro de Suprimentos — os dois cavalheiros presumivelmente responsáveis por tais necessidades da vida — de alguma forma tinham ficado com suas linhas cruzadas.

Era tudo muito difícil mas, ainda assim, em Carn Cottage eles viviam melhor do que a maioria. Ainda tinham os patos e galinhas de Sophie e faziam pleno uso dos abundantes ovos produzidos por aquelas prestimosas aves. Também tinham Ernie Penberth. Ernie era um homem de Porthkerris, que morara a vida inteira em Doumalong. Seu pai era o verdureiro da cidade, fazendo carregamentos e entregas em uma carroça puxada a cavalo; a mãe dele, a Sra. Penberth, era uma temível personalidade, pilar da Associação de Senhoras e regular freqüentadora da igreja. Quando adolescente, Ernie tivera tuberculose e ficara dois anos no sanatório de Tehidy, mas, após recuperar-se, fora empregado por Sophie nos termos mais casuais, aparecendo quando havia necessidade de executar tarefas variadas na pequena propriedade ou se a horta e o jardim exigiam trabalhos mais pesados com a enxada. Sua aparência não chegava a impressionar, pois era de estatura baixa e pele amarelada. Devido à doença, fora dispensado de prestar serviços no Exército e, desta maneira, em vez de se tornar soldado, ficara trabalhando na terra, ajudando um fazendeiro em dificuldades, cujos filhos tinham sido convocados. Entretanto, em qualquer momento de folga de sua árdua labuta, ele se dedicava a dar sua ajuda à pequena família em Carn Cottage. No correr dos anos, Ernie se tornara mais e mais indispensável, pois se revelara um homem com boa mão para qualquer tarefa. Não apenas plantava legumes magníficos, como consertava muros e aparadores de grama, descongelava encanamentos e colocava fusíveis. Podia até torcer o pescoço de uma galinha, quando ninguém mais na casa sentia coragem de condenar à morte alguma fiel e velha ave, após tê-los abastecido de ovos durante anos, mas agora servindo apenas para a panela.

Quando os alimentos ficaram realmente escassos, e a ração de carne reduziu-se a uma rabada de vaca para seis pessoas, Ernie, por alguma espécie de mágica, sempre aparecia em socorro, chegando à porta dos fundos com um coelho ou uma penca de pombos silvestres que matara, às vezes duas cavalinhas

que tinha pescado. Nesse meio tempo, Penelope e Doris faziam o possível para injetar alguma variedade nas refeições. Foi nessa época que Penélope adquiriu um hábito que a acompanharia pelo resto da vida, que consistia em levar uma sacola, balde ou cesta, sempre que saía para uma caminhada. Nada era insignificante demais para ser examinado, colhido e levado para casa. Um repolho caído de uma carroça era conduzido a Carn Cottage em triunfo, a fim de se tomar a base de um nutritivo prato de verduras ou sopa. Cercas vivas eram reviradas em busca de amoras-pretas, frutos de roseira ou bagas de sabugueiro, e os prados ainda molhados de orvalho, vasculhados manhã cedo à procura de cogumelos. Eles levavam para casa raminhos secos e cones de pinheiro para acender lareiras, galhos caídos, toras atiradas à praia pelo mar, que seriam cortadas como lenha — qualquer coisa queimável, que mantivesse quente a água e aceso o fogo da lareira da sala de estar. A água quente era especialmente preciosa. Não eram permitidos banhos com profundidade além de dez centímetros — papai pintara uma espécie de linha delimitadora, acima da qual nenhuma pessoa tinha permissão para encher a banheira. Além disso, haviam adquirido o econômico hábito de fazer fila para a mesma água de banho: primeiro as crianças e depois os adultos, os ocupantes finais ensaboando-se furiosamente, antes que a água esfriasse.

As roupas eram outro problema vexatório. Em sua maioria, os cupons de racionamento para roupas eram destinados a vestimentas das crianças e substituição de lençóis e cobertas já velhos e gastos, nada sobrando para necessidades pessoais. Doris, que apreciava roupas, enfrentava com isto uma grande frustração, mas estava sempre remodelando para si mesma alguma peça nova de uma velha, encompridando uma bainha ou reformando um vestido de algodão como blusa. Certa vez, transformou uma sacola azul de lavanderia em saia camponesa, com suspensórios.

— Ficou com as palavras ROUPA BRANCA aparecendo na frente — observou Penelope, quando Doris lhe mostrou a saia para sua aprovação.

— Oh, talvez os outros pensem que fiz de propósito.

Penelope não ligava muito para a própria aparência. Usava suas roupas velhas e, quando se rasgavam em tiras, vasculhava os guardados de Sophie, apoderando-se de qualquer coisa que ainda encontrasse pendurada nos armários.

— Como pode fazer isso? — perguntava Doris, achando que as roupas de Sophie eram sagradas, e talvez tivesse razão.

Penelope, entretanto, ficava impassível. Enfiava-se em um cardigã de lã que pertencera à mãe e não permitia a si mesma a menor sombra de sentimentalismo.

Na maior parte do tempo ela ficava de pernas nuas, mas, ao soprar o frio

vento leste em janeiro, voltava a usar as grossas meias pretas que restavam dos seus dias nas WRENS. Quando seu surrado capote finalmente desintegrou-se, ela cortou um buraco no centro de uma velha manta para carro (uma manta escocesa axadrezada, com franja de lã) e passou a usá-la como poncho.

O pai comentou que ela parecia uma cigana mexicana com o poncho, mas sorria ao falar, satisfeito pela iniciativa da filha. Naqueles dias, Lawrence não sorria com muita freqüência. Desde a morte de Sophie, havia ficado imensamente velho e frágil. Por algum motivo, seu antigo ferimento na perna, produzido na Primeira Guerra Mundial, começara a incomodar. A temperatura fria e úmida do inverno provocava-lhe muitas dores e ele passara a caminhar com uma bengala. Estava encurvado, emagrecera assustadoramente, as mãos deformadas tinham ficado curiosamente lívidas e sem vida, como as de um homem já morto. Agora, incapaz de fazer grande coisa na casa e no jardim, levava a maior parte do tempo enluvado e embrulhado em mantas, sentado junto à lareira da sala de estar ou escrevendo cartas com os dedos doloridos e vacilantes, dirigidas a velhos amigos residentes em outras partes do país. Às vezes, quando o sol brilhava, e o mar estava azul, com dançantes ondas coroadas de branco, ele anunciava que gostaria de respirar um pouco de ar fresco. Então, Penelope apanhava-lhe a pelerine, o chapéu de abas largas e a bengala, descendo em seguida com ele as ruas íngremes e becos, de braços dados, até o coração da cidadezinha. Caminhavam ao longo do muro do porto, espiando os barcos de pesca e as gaivotas, talvez indo até o "The Sliding Tackle" para beber alguma coisa que o dono produzisse debaixo de seu balcão; se nada houvesse a produzir, ele enchia copos de cerveja aguada e morna. Em outras ocasiões, se Lawrence se sentia forte o suficiente, os dois caminhavam até a Praia do Norte e até o velho estúdio, agora trancado e raramente visitado. Quando não, tomavam a tortuosa alameda que conduzia à Galeria de Arte, onde ele gostava de sentar-se e ficar contemplando a coleção de telas — suas e dos amigos — ali reunidas de algum modo, perdido nas silenciosas e solitárias recordações de um velho.

Em agosto, no entanto, quando Penelope já se conformara com o fato de que nada excitante jamais tomaria a acontecer, aconteceu algo.

Foram os meninos, Ronald e Clark, que deram início aos comentários especulativos. Voltaram da escola tomados de fundo ressentimento, ao terem perdido o jogo de futebol da tarde, pois, segundo parecia, não tinham mais permissão para usar o acidentado campo da cidade, no topo da colina. Juntamente com dois dos melhores pastos de Willie Pendervis, esse campo havia sido requisitado e cercados os três locais com quilômetros de cercas de arame farpado. A entrada era proibida a todos. O motivo disto foi causa de muita discussão: uns diziam que seria um arsenal, em prontidão para a Segunda Frente,

outros alegavam tratar-se de um acampamento para prisioneiros de guerra, havendo ainda quem opinasse por uma potente estação radiotransmissora, para enviar mensagens secretas em código ao Sr. Roosevelt.

Resumindo, Porthkerris fervilhava de boatos.

Foi Doris a portadora da próxima e misteriosa manifestação de atividade bélica. Voltando de um passeio com Nancy, viera pela rua principal e chegara a Carn Cottage estourando de novidades.

— Aquele velho hotel White Caps, aquele que levou meses vazio... Bem, agora está todo reformado. Pintado e consertado, reluzindo como moeda nova. O estacionamento ficou entulhado de caminhões e daqueles jipes americanos. Há um esplendoroso comando da Marinha Real, montando guarda no portão. É verdade! São homens da Marinha Real. Vi o distintivo no quepe. Imagine só! Vai ser divertido termos alguns soldados por aqui...

— Homens da Marinha Real? Afinal, o que viriam fazer aqui?

— Talvez sejam preparativos para invadir a Europa. Será que é o começo da Segunda Frente?

Penelope achou improvável tal possibilidade.

— Invadirem a Europa, partindo de Porthkerris? Oh, Doris, todos acabariam afundando, quando tentassem contornar Land's End!

— Bem, a verdade é que tem que ser alguma coisa!

Então, segundo parecia, Porthkerris perdia seu quebra-mar do norte, da noite para o dia. Mais emaranhados de arame farpado surgiram, montados através da rua do porto, passando por "The Sliding Tackle", e tudo além, incluindo-se o Mercado de Peixe e o galpão do Exército da Salvação, foi declarado propriedade do Almirantado. Os atracadouros de águas fundas, no final do quebra-mar, foram expurgados dos barcos de pesca, estes substituídos por cerca de uma dúzia de pequenas barcaças de transporte de tropas. Tudo isto era discretamente guardado por um punhado de comandos da Marinha Real, trajando uniformes de combate e bonés verdes. Sua presença na cidade provocou certa comoção, mas, ainda assim, ninguém atinava com uma explicação racional sobre o que acontecia.

Foi somente em meados do mês que finalmente ficaram sabendo. Tinha havido um período de tempo perfeito, quente e ventoso. Naquela manhã em especial, Penelope e Lawrence haviam saído de dentro de casa, ela para sentar-se nos degraus da porta e debulhar ervilhas para o almoço, ele reclinando-se em uma espreguiçadeira sobre o gramado, com o chapéu puxado sobre os olhos, a fim de protegê-los da claridade. Enquanto permaneciam ali sentados, em amistoso silêncio, um som lhes chegou aos ouvidos — o portão dos fundos, sendo aberto e fechado. Ambos ergueram os olhos e, pouco depois, observavam

o General Watson-Grant subindo os degraus de pedra, por entre as sebes de fúcsias.

Embora o Coronel Trubshot fosse o encarregado da Precaução Antiaérea (PAA), o General Watson-Grant comandava a Guarda Nacional local. Lawrence detestava o Coronel Trubshot, porém sempre tinha tempo de sobra para o general que, embora houvesse passado a maior parte do seu tempo de vida militar designado para Quetta e em escaramuças com os afegãs, quando reformado deixara para trás essas atividades bélicas, para absorver-se em empreendimentos pacíficos, pois era excelente jardineiro e dono de considerável coleção de selos. Neste dia, não usava seu uniforme da Guarda Nacional, mas um conjunto creme para treinamento, certamente confeccionado em Delhi, bem como um chapéu-panamá que tinha uma desbotada faixa preta de seda. Levava uma bengala e, quando ergueu os olhos e viu que Penelope e Lawrence o esperavam, levantou-a em um cumprimento.

— Bom-dia! Mais um dia encantador!

Era um homem baixote, seco como um chicote, com um bigode hirsuto e pele cor de couro, legado dos anos passados na fronteira noroeste. Lawrence o viu aproximar-se, sentindo prazer com a inesperada visita. O general só aparecia de quando em quando, mas era sempre bem-vindo.

— Não estou interrompendo, estou?

— De maneira alguma! Estamos apenas apreciando o sol. Perdoe-me se não me levanto. Penelope, traga outra cadeira para o general.

Usando seu avental de cozinha e com os pés descalços, ela se levantou, deixando a um lado a peneira com as vagens de ervilhas.

— Bom-dia, General Watson-Grant.

— Ah, Penelope... Que bom ver você, minha querida! Ocupada com a comida? Eu deixei Dorothy catando feijões.

— Aceitaria uma xícara de café?

O general considerou a oferta. Fizera uma longa caminhada e não era particular apreciador de café, preferindo gim. Lawrence sabia disto, e fez o significativo gesto de consultar o relógio.

— Meio-dia. Sem dúvida, seria bom algo mais forte. O que temos em casa, Penelope?

Ela riu.

— Não creio que haja muita coisa, mas vou dar uma espiada.

Ela entrou em casa, escura após a claridade ofuscante do exterior. No aparador da sala de refeições, encontrou duas garrafas de Guimess, copos e um abridor. Colocou tudo em uma bandeja que levou para fora e depositou nos degraus da porta. Depois retornou para levar a cadeira do general. Penelope

ajeitou a cadeira para ele, e o general se sentou agradecidamente, inclinado para a frente, com os joelhos ossudos salientando-se, e as calças apenadas subindo um pouco, assim revelando tornozelos angulosos, envoltos em meias amarelas e botas rústicas, reluzentes como castanhas.

— Isto, sim, é Vida!- comentou.

Penelope tirou a tampa de uma garrafa e serviu-lhe a bebida.

— Infelizmente, é Guirmess. Há meses não temos gim...

— Está bem assim. Quanto ao gim, terminamos nossa ração faz cerca de um mês. O Sr. Ridley prometeu-me uma garrafa, assim que receber seu próximo carregamento, mas só Deus sabe quando será. Bem... saúde!

Ele sorveu metade do copo, no que parecia um só gole. Retornando às ervilhas, Penelope ficou ouvindo enquanto os dois idosos homens trocavam perguntas sobre as respectivas saúdes e faziam alguns comentários e mexericos sobre o tempo e a situação geral da guerra. Entretanto, ela estava certa de que não era esse o motivo da visita do general e, quando houve uma pausa na conversa, decidiu intrometer-se.

— General Watson-Grant, tenho certeza de que o senhor é o único capaz de dizer-nos o que acontece em Porthkerris. O campo de futebol fechado, o porto interditado, e os homens da Marinha Real vindo para cá... Todos procuram adivinhar o motivo, mas ninguém sabe. Ernie Penberth é nossa fonte de informações costumeiras, mas está ocupado na lavoura e há três semanas que não o vemos.

— De fato — respondeu o general — eu sei.

— Não nos diga que é segredo — disse Lawrence rapidamente.

— Na verdade, há semanas que estou a par, porém tudo tem sido mantido em sigilo. Contudo, agora posso contar-lhes. Trata-se de um exercício de treinamento. Escalada de penhascos. Os homens da Marinha Real são os instrutores.

— E quem irão instruir?

— Uma companhia de Rangers dos Estados Unidos.

— Rangers dos Estados Unidos? Quer dizer que vamos ser invadidos por americanos?

O general pareceu divertido.

— Antes americanos do que alemães!

— O campo foi destinado aos americanos? — perguntou Penelope.

— Exatamente.

— Os Rangers já chegaram?

— Ainda não. Creio que ficaremos sabendo quando eles vierem. Pobres diabos... Provavelmente levaram a vida inteira nas pradarias ou planícies do

Kansas, nunca viram o mar antes. Imaginem, serem designados para Porthkerris e então convidados a escalar os Penhascos Boscarben!

— Os Penhascos Boscarben? — Penelope ficou estonteada. — Não posso imaginar nada pior do que alguém aprender a escalá-los. Os penhascos são a pique, têm quase trezentos metros de altura.

— Suponho que seja essa a idéia geral — disse o general. — No entanto, concordo com você, Penelope. Só em pensar nisso, fico tonto. Enfim, antes eles do que eu, pobres e miseráveis ianques!

Penelope sorriu. O general nunca ligava muito para suas palavras, sendo esta uma das coisas que mais apreciava nele.

— E quanto às barcaças? — perguntou Lawrence.

— São para transporte. Contornarão os penhascos com elas, pelo mar. Quase posso apostar que todos estarão passando mal com o balanço das ondas, antes mesmo de chegarem ao pé dos penhascos.

Penelope lamentou ainda mais os pobres e jovens americanos.

— Eles se perguntarão o que os atingiu. Além disso, o que farão com seu tempo de folga? Porthkerris não é precisamente um centro de animada vida social, e "The Sliding Tackle" não é o mais esfuziante pub do mundo. Por outro lado, não há ninguém aqui. Todos que eram jovens se foram. Agora, contamos apenas com mulheres separadas dos maridos, crianças e velhos. Como nós.

— Doris ficará eufórica — observou Lawrence. — Soldados americanos, todos falando como artistas de cinema, serão uma mudança e tanto!

O general riu.

— Sempre é um problema saber-se o que fazer com um bando de soldados alvoroçados. Entretanto, depois que tiverem subido e descido os Penhascos Boscarben umas duas vezes, acho que não terão muita energia sobrando para... — Ele fez uma pausa, procurando uma palavra aceitável. — Vagabundear — foi tudo o que lhe ocorreu.

Agora, Lawrence é que riu.

— Considero tudo isto muito excitante. — Ele teve uma repentina e brilhante idéia. — Vamos espiar, Penelope. Agora que sabemos do que se trata, iremos até lá, ver com nossos olhos. Iremos esta tarde!

— Oh, papai... Não há nada para ver!

— Há muita coisa! Um bocado de sangue novo rodando por aqui! Podemos aceitar o que estiver para acontecer, desde que não seja uma bomba extraviada. Bem, general, sua bebida terminou...tome a outra metade.

O general considerou a proposta. Penelope disse prontamente:

— Não há mais. Estas foram as duas últimas garrafas.

— Sendo assim — o general depositou o copo vazio na grama, junto a

seus pés — acho que vou andando. Vejamos o que Dorothy conseguiu preparar para se comer. — Ergueu-se da cadeira-espreguiçadeira bamboleante, com certa dificuldade. — Foi esplêndido. Muito refrescante.

— Obrigado por ter vindo. E por informar-nos do que há.

— Achei que gostariam de saber, embora certamente já se estivessem questionando sobre toda essa movimentação. Faz com que fiquemos mais esperançosos, não? Como se pudéssemos estar engatinhando para a conclusão desta violenta guerra. — Ele levou a mão à aba do chapéu. — Adeus, Penelope.

— Adeus. Dê lembranças minhas para sua esposa.

— Eu darei.

— Vou acompanhá-lo até o portão — disse Lawrence.

Os dois caminharam juntos. Espiando-os enquanto desciam o caminho do jardim, Penelope comparou-os a dois velhos cães. Um dignificado São Bernardo e um pequeno, peludo Jack Russell. Eles chegaram aos degraus e, com algum cuidado, começaram a descê-los. Penelope inclinou-se para recolher a panela de ervilhas debulhadas e a peneira de cascas. Levaria tudo para dentro e encontraria Doris, a fim de repetir-lhe tudo que o General Watson-Grant havia contado para ela e Lawrence.

— Americanos! — Doris mal podia acreditar na boa sorte de ambas. — Americanos em Porthkerris! Oh, graças a Deus por isso, finalmente, teremos um pouco de vida por aqui... Americanos! — Ela repetiu a mágica palavra. — Bem, andamos imaginando um bocado de coisas curiosas, mas nunca pensamos em americanos...

A visita do General Watson-Grant teve, para Lawrence, o efeito de uma injeção no braço. Durante o almoço, todos não falaram de outra coisa e quando Penelope emergiu da cozinha, após retirar os pratos da mesa e lavá-los, já encontrou o pai à sua espera, vestido para atividade ao ar livre, com um cachecol escarlate enrolado no pescoço. Usava o chapéu e as mitenes, estava pacientemente sentado, reclinado contra a cômoda do vestíbulo, as mãos descansando no castão de chifre de sua bengala.

— Papai...

— Já podemos ir.

Penelope tinha mil coisas a fazer. Verduras a picar, sementeiras a preparar, grama para cortar e uma pilha de roupas a serem passadas.

— Você quer mesmo ir?

— Eu disse que queria, não disse? Disse que queria ir lá para uma espiada.

— Bem, vai ter que esperar um momento, enquanto encontro sapatos para calçar.

— Vá apanhá-los, Então. Não temos o dia inteiro!

Era exatamente o que eles tinham, porém Penelope nada comentou. Voltou à cozinha, disse a Doris que iam sair, deu um beijo rápido em Nancy e correu ao andar de cima, para calçar tênis, lavar o rosto, escovar o cabelo e amarrá-lo para trás, com uma velha echarpe de seda. Apanhou um cardigã em uma gaveta, amarou-o em tomo dos ombros e tornou a descer.

Lawrence continuava como ela o deixara, mas ao vê-la aparecer, levantou-se pesadamente.

— Você está linda, meu bem.

— Oh, papai, obrigada!

— Muito bem, a caminho, para inspecionar os militares!

Assim que saíram. Penelope ficou satisfeita com a idéia do pai, porque era uma tarde perfeita, brilhante e azul, com a maré enchendo e a baía coberta de jatos de espuma alva. Trevose Head envolvia-se em brumas, porém a brisa era fresca, com cheiro salitrado. Chegando à estrada principal, eles a cruzaram e ficaram parados um momento, contemplando o paredão semelhante a um contraforte, que formava parte do penhasco. Então espiaram para os tetos, jardins íngremes e alamedas torcidas que levavam a uma pequena estação ferroviária, descendo depois para a praia. Antes da guerra, em agosto a praia estaria apinhada de gente, mas agora mostrava-se quase deserta. Os rolos de arame farpado, erigidos em 194O, continuavam entre um trecho verde jante do campo de golfe e a areia, porém havia uma passagem aberta no centro, através da qual um punhado de famílias tomava a direção da praia, com crianças correndo, gritando ansiosas pela água, e cachorros caçando as gaivotas, ao longo da borda das ondas. Muito abaixo, abrigado do vento, via-se um pequeno jardim murado, salpicado de rosas cor-de-rosa, com uma velha macieira e uma palmeira sacolejando as folhas secas ao vento.

Um pouco depois, eles recomeçaram a caminhar, descendo a encosta da colina. A rua encurvou-se e deixou à mostra o Hotel White Caps, uma casa de pedra isolada em uma fileira de edificações similares, com maciças janelas abauladas dando para a baía. Tinha ficado vazia e dilapidada por algum tempo, mas agora podiam ver que fora renovada com uma camada de tinta branca, parecendo elegantemente arrumada. Os altos gradis de ferro que cercavam o estacionamento para carros também tinham sido pintados, e o pátio surgia povoado de caminhões e jipes cáqui. No portão aberto, um jovem fuzileiro montava guarda.

— Bem — disse Lawrence — parece que Doris acertou desta vez.

Chegaram mais perto. Viram o mastro branco com a bandeira agitando-se ao vento. Degraus de granito escovados recentemente subiam para a porta principal, cintilando ao sol. Eles pararam para espiar. O jovem marinheiro, de

guarda na beira da calçada, olhou impassível para eles.

— Acho melhor irmos andando — observou Lawrence, após um momento — do contrário, seremos enxotados. como dois transeuntes mexeriqueiros.

Entretanto, antes que se pudessem afastar, do interior do prédio brotou um surto de atividade. A porta interna envidraçada foi aberta e surgiram duas figuras uniformizadas. Um major e um sargento. Desceram os degraus com um belo repicado militar de pés calçados em botas, cruzaram o cascalho e entraram em um dos jipes. O sargento dirigia. Ligou o motor. recuou e fez a volta. Quando passaram pelo portão, o jovem marujo de guarda lhes fez continência, e o oficial devolveu o cumprimento. Emergindo para a rua principal, eles pararam por um segundo mas, não havendo trânsito, imediatamente o jipe manobrou e desceu a colina na direção da cidade, a certa velocidade, gerando uma boa dose de alarido. Penelope e o pai viram o jipe desaparecer além do encurvado terraço de casas silenciosas. Quando o som do motor morreu. Lawrence disse:

— Muito bem, vamos andando.

— Aonde iremos?

— Agora, ver as barcaças de desembarque, claro. Depois iremos à Galeria. Há semanas que não vamos lá.

A Galeria. Isto significava dar adeus a quaisquer outros planos pelo resto da tarde. Pronta para objetar, Penelope, se virou para ele, mas viu os escuros olhos do pai brilhando com a perspectiva do prazer e não teve coragem de estragar-lhe a alegria.

Sorriu, assentindo, depois passou a mão por seu braço.

— Tudo bem. As barcaças e depois a Galeria. Só que iremos bem devagar. Não faz sentido ficarmos exaustos.

Mesmo em agosto, a Galeria era gelada. As espessas paredes de granito mantinham fora dali o calor do sol, e as janelas altas permitiam a entrada de todas as rajadas de vento. Além disso, o piso era forrado de ladrilhos e não havia qualquer forma interna de aquecimento. Neste dia, o vento que soprava em golfadas da Praia do Norte, de tempos em tempos arremetia contra o prédio, fazendo a estrutura da clarabóia do norte estremecer e chocalhar. A Sra. Trewey, de plantão ao lado da porta, sentava-se a uma velha mesa de papelão forte, cheia de catálogos e cartões postais, tendo uma manta passada em torno dos ombros e um pequeno fogareiro elétrico aquecendo-lhe as canelas.

Penelope e Lawrence eram os únicos visitantes. Sentaram-se lado a lado no comprido e vetusto sofá de couro que ficava no centro do piso. Ficaram em silêncio. Esta era a tradição. Lawrence não gostava de falar. Preferia ser deixado sozinho, inclinado para a frente, com o queixo descansando nas mãos suportadas pela bengala, concentrado nas obras familiares, recordando, comungando

beatificamente com seus velhos amigos, muitos deles agora falecidos.

Aceitando a situação, Penelope recostou-se no sofá, aninhada em seu cardigã, com as compridas pernas nuas espichadas à frente do corpo. Seus tênis tinham furos na altura dos dedos dos pés. Ela pensou em sapatos. Nancy estava precisando de um par, mas também precisava de uma nova blusa de lã grossa, agora que o inverno chegava. Havia cupons de roupas insuficientes para ambos. Teria que priorizar os sapatos. Quanto à blusa, talvez fosse possível desencavar alguma peça de lã há muito tricotada, desmanchar os pontos e tornar a tricotar o fio para Nancy. Isto já fora feito antes, porém era uma tarefa idiota e tediosa, de perspectiva nada atraente. Como seria bom comprar lã nova, rosa-vivo ou amarelo-prúnula, grossa e macia, para com ela tricotar algo realmente bonito para Nancy... Atrás deles, a porta se abriu e tomou a fechar-se. Uma corrente de ar frio entrou e morreu. Outro visitante. Penelope e seu pai continuaram quietos. Pisadas. Um homem. Algumas palavras trocadas com a Sra. Trewey. E depois a seqüência de passos lentos de botas, parando e prosseguindo, enquanto o recém-chegado fazia sua turnê à volta da sala. Após uns dez minutos, ele penetrou a borda do campo visual de Penelope. Ainda pensando no suéter para Nancy, ela virou a cabeça e então viu as costas do que só poderia ser o major da Marinha Real, aquele que fora conduzido tão espalhafatosamente no jipe. Uniforme cáqui de serviço, boné verde, uma coroa sobre os galões do ombro. Indiscutível. Viu-o avançar, à medida que se movia lentamente na direção deles, as mãos entrelaçadas às costas. Então, quando chegou a apenas alguns metros, ele se virou, cônscio da presença de mais duas pessoas, talvez acanhado por perturbá-las. Era alto e musculoso, o rosto notavelmente escanhoado, no qual brilhavam dois olhos claros, extraordinariamente azuis.

Os olhos de Penelope encontraram os dele e ela ficou embaraçada ao ser assim surpreendida. Virou o rosto. Coube a Lawrence romper o silêncio que se seguiu. Imediatamente ele se tornara cônscio do recém-chegado, tendo erguido a cabeça para ver quem seria.

Houve nova rajada de vento, outro estremecer e chocalhar de vidraças. Cessado o ruído, Lawrence cumprimentou:

— Boa-tarde.

— Boa-tarde, senhor.

Por sob a aba de seu grande chapéu preto, os olhos de Lawrence apertaram-se, perplexos:

— O senhor não é o homem que vimos partir no jipe?

— Perfeitamente, senhor. Estavam ambos no outro lado da rua. Pensei tê-lo reconhecido — respondeu o militar, em voz calma, ligeiramente aguda.

— Onde está seu sargento?

— Desceu ao porto.

— Não demorou muito para encontrar este lugar.

— Há três dias estou na cidade e esta foi a primeira oportunidade que tive para visitá-lo.

— Quer dizer que sabia da existência da Galeria?

— Claro que sim. Quem não sabe?

— Mais gente do que seria de desejar. — Houve outra pausa, enquanto os olhos de Lawrence vistoriavam o estranho. Em tais ocasiões, ele tinha uma expressão penetrante e inteligente, embora muitas pessoas, sujeitas a ela, a achassem constrangedora. O major da Marinha Real, no entanto, não pareceu constranger-se. Apenas esperou e, apreciando sua impassibilidade, Lawrence relaxou visivelmente. Disse, de súbito! — Sou Lawrence Stern.

— Imaginei que fosse. Desejei que fosse. Fico muito honrado em conhecê-lo.

— E esta é minha filha, Penelope Keeling.

— Como vai? — disse o major, mas não fez qualquer movimento para aproximar-se e apertar-lhe a mão.

— Olá — respondeu ela.

— Poderia dizer-nos seu nome.

— É Lomax, senhor. Richard Lomax.

— Bem, Major Lomax... — Lawrence deu um tapinha no couro gasto do assento ao seu lado. — Sente-se. Deixa-me pouco à vontade, ficando aí em pé. Nunca fui muito amigo de estar em pé.

Ainda parecendo imperturbável, o Major Lomax aceitou a sugestão, indo sentar-se do outro lado de Lawrence. Inclinou-se para a frente, relaxado, a mão entre os joelhos.

— Foi o senhor quem iniciou a Galeria, não?

— Eu e muitas outras pessoas. Aconteceu no começo da década de vinte. Isto aqui era uma capela. Ficou anos vazia. Conseguimos comprá-la por uma ninharia, mas então surgiu o problema de povoá-la, somente com o melhor da pintura. Queríamos formar o núcleo de uma rara coleção, de maneira que todos doamos uma obra favorita. Veja. — Inclinando-se para trás, ele usou a bengala como indicador. — Stanhope Forbes. Laura Knight. E que beleza especial tem esse quadro!

— E incomum. Sempre o associo a circos.

— Esse foi feito em Porthcumo. — A bengala se moveu. — Lamorna Birch. Murmings. Montague Dawson. Thomas Millie Dow. Russell Flint...

— Devo dizer-lhe, senhor, que meu pai possuía um de seus quadros. Infelizmente, quando ele morreu sua casa foi vendida e também o quadro...

— Qual era?

Eles conversaram. Penelope deixou de ouvir. Parou de cismar sobre o guarda-roupa de Nancy e, em vez disso, começou a pensar em comida. O jantar daquela noite. O que poderia dar a eles? Macarrão com queijo? Sobrara uma fatia de Cheddar da ração semanal, que poderia ser ralada e transformada em molho. Ou suflê de couve-flor. Entretanto, haviam tido suflê de couve-flor duas noites atrás, as crianças se queixariam.

— ...não têm obras modernas aqui?

— Como pode ver. Isso o incomoda?

— De maneira alguma.

— Entretanto, gosta delas, não?

— Gosto muito de Miró e Picasso. Chagall e Braque enchem-me de alegria. Odeio Dali.

Lawrence deu uma risadinha.

— Surrealismo... Um culto. Entretanto, depois desta guerra, breve acontecerá algo esplêndido. Eu e minha geração, assim como a geração seguinte, fomos o mais longe que pudemos. A perspectiva da revolução que alcançará o mundo da arte é algo que me enche de enorme expectativa. Apenas por este motivo, eu gostaria de ser jovem novamente. Ser capaz de ver tudo isso acontecendo. Porque, um dia eles virão. Como nós chegamos. Homens jovens, de visões brilhantes, profundas percepções e tremendo talento. Eles virão; não para pintar a baía, o mar, os barcos e as charnecas, mas o calor do sol e a cor do vento. Um conceito inteiramente novo. Que estímulo! Que vitalidade! Maravilhoso! — Ele suspirou. — E deverei estar morto, antes que isto chegue até mesmo a começar. Pode imaginar o quanto lamento? Perder tudo isso...

— Existe apenas uma dose do que cada homem pode fazer durante a vida.

— Tem razão mas é difícil não ficar ambicioso. É da natureza humana sempre querer mais.

Houve outro silêncio. Pensando no jantar. Penelope olhou para seu relógio. Faltavam quinze minutos para as quatro. Quando chegassem a Carn Cottage já seriam praticamente cinco horas.

— Precisamos ir, papai — disse.

Ele mal a ouviu.

— Hum?

— Eu disse que é hora de irmos voltando para casa.

— Oh, sim. Sim, claro. — Lawrence endireitou a coluna, procurou reunir forças mas, antes que pudesse lutar para levantar-se, o Major Lomax já estava em pé e pronto para ajudá-lo. — Obrigado... é muita gentileza. A idade é uma coisa terrível... — Ele finalmente estava ereto. — O pior é a artrite. Faz anos que

não pinto.

— Sinto muito.

Quando por fim se dispuseram a caminhar, o Major Lomax seguiu com eles até a porta. Seu jipe estava lá fora, estacionado na praça pavimentada de lajes. Ele procurou escusar-se:

— Eu gostaria de poder levá-lo até em casa, mas é contra o regulamento transportar civis em veículos do Serviço.

— Nós preferimos caminhar — assegurou-lhe Lawrence. — Vamos andando sem pressa. Foi um prazer conversar com o senhor.

— Espero tornar a vê-lo.

— Sem dúvida. Deve vir um dia fazer uma refeição conosco. — Ele ficou considerando tão brilhante idéia. Com o coração opresso, Penelope sabia exatamente o que diria em seguida. Cutucou-o nas costelas com o cotovelo, mas seu pai ignorou a advertência, era tarde demais. — Venha jantar conosco esta noite!

Penelope sibilou furiosamente para ele.

— Não há nada para o jantar, papai! Nem mesmo sei o que iremos comer!

— Oh! — Ele pareceu magoado, humilhado.

O Major Lomax, entretanto, prontamente ajeitou a situação.

— É muita gentileza sua, mas receio não ser possível para mim esta noite.

— Em outra ocasião, então.

— Sim, senhor. Obrigado. Eu gostaria muito, em outra ocasião.

— Estamos sempre por aqui.

— Vamos, papai.

— Au revoir então, Capitão Lomax!

Lawrence ergueu a bengala em despedida, finalmente aceitou a sugestão da filha e moveu-se para diante. Entretanto, continuava abatido.

— Foi rude de sua parte — censurou-a. — Sophie nunca recusou um convidado, mesmo que nada mais tivesse para oferecer-lhe além de pão e queijo.

— Bem, ele não poderia ir, mesmo assim.

De braços dados, seguiram pelo pavimento lajeado e sinuoso até a rua do porto, primeiro estágio da longa caminhada para casa. Ela não olhou para trás, mas ainda tinha a sensação de que o Major Lomax continuava parado no mesmo lugar, ao lado de seu jipe, espiando-os, até finalmente dobrarem a esquina ao lado do "The Sliding Tackle" e sumirem de sua vista.

A excitação e estímulo da tarde, aliados ao prolongado passeio e copiosas doses de ar fresco nos pulmões, deixaram o velho muito fatigado. Foi com certo alívio que Penelope finalmente o conduziu jardim acima e pela porta aberta na fachada de Carn Cottage, onde ele imediatamente arriou em uma cadeira e ali

ficou, recuperando o fôlego devagar. Ela lhe tirou o chapéu e o pendurou, depois desenrolou-lhe o cachecol do pescoço. Tomou uma das mãos enluvadas entre as suas e a friccionou suavemente, como se esta pequena atenção pudesse devolver a vida àqueles dedos pálidos e contorcidos.

— Da próxima vez que formos à Galeria, papai, providenciaremos um táxi para trazer-nos de volta.

— Poderíamos ter ido no Bentley. Por que não fomos no Bentley?

— Porque não temos gasolina para ele.

— Um carro não vale grande — coisa, sem gasolina...

Após um momento, ele se recuperava o suficiente para caminhar até a sala de estar, onde ela o acomodou entre as familiares e fofas almofadas de sua poltrona.

— Vou preparar-lhe uma xícara de chá.

— Não se preocupe. Vou tirar uma soneca.

Reclinando-se contra o encosto, ele fechou os olhos. Penélope ajoelhou-se junto à lareira e levou um fósforo ao papel, esperando até ver os gravetos e carvões arderem. Ele abriu os olhos.

— Lareira acesa em agosto?

— Não quero que você sinta frio. — Ela se levantou. — Você está bem?

— Claro que estou. — Ele sorriu para ela, um sorriso de grato amor. — Obrigado por ter ido comigo. Foi uma boa tarde!

— Fico feliz porque você gostou.

— Gostei de conhecer aquele rapaz. Gostei de conversar com ele. Há muito tempo não falava tanto assim. Muito tempo... Vamos convidá-lo para uma refeição conosco, não vamos? Eu gostaria de vê-lo outra vez.

— Sim, é claro.

— Peça a Ernie para abater alguns pombos. Ele gostará de pombos...

Os olhos de Lawrence tornaram a fechar-se. Ela o deixou.

Em finais de agosto, a colheita havia terminado, os Rangers dos Estados Unidos tinham tomado posse do novo acampamento no alto da colina, e o tempo piorara.

Havia sido uma boa colheita, e os fazendeiros tinham ficado bem satisfeitos. Sem dúvida, no devido tempo, receberiam na cabeça um tapinha do Ministério da Agricultura. Quanto às tropas americanas, seu impacto em Porthkerris fora menor do que o temido. Revelaram-se infundados os lúgubres pressentimentos de convictos freqüentadores da igreja. Não houve bebedeiras, fanfarronices ou estupros. Pelo contrário, eles pareciam excepcionalmente bem-comportados e educados. Jovens, esbeltos, de cabelos à escovinha, usando blusões de camuflagem e boinas vermelhas, caminhavam pelas ruas em suas

botas de solado da borracha e, além de alguns obrigatórios assobios galanteadores e amistosas aproximações com as crianças, cujos bolsos em breve avolumavam-se com chocolates e goma de mascar, sua presença pouca diferença provocou na vida rotineira da cidadezinha. Quando comandados, mantinham-se contidos, talvez por medida de segurança, fazendo o trajeto entre o acampamento e o porto, comprimidos como sardinhas na carroceria de caminhões ou dirigindo jipes com reboques entulhados de cordas, arpéus e ganchos para trepar. Em tais ocasiões, assobiavam devidamente para qualquer mulher que passasse por eles, como que ansiosos em justificar a turbulenta reputação que os precedera. Não obstante, à medida que passavam os dias e prosseguia seu exaustivo treinamento, ficou claro que o General Watson-Grant tivera carradas de razão, ao afirmar que homens passando todas as suas horas de vigília enfrentando tempestuosas viagens por mar e a face aterradora dos Penhascos Boscarben, no fim do dia, pensavam apenas em tomar uma ducha quente, comer e dormir.

Para aumentar-lhes o desconforto, após semanas ensolaradas, o tempo se tomara apavorante. O vento torvelinhava para noroeste, o barômetro caíra, e a chuva descia torrencial, despencando de pejadas nuvens baixas e carregadas, varridas do oceano. Na cidade, as lajes molhadas das ruas estreitas reluziam como escamas de peixe, enquanto as sarjetas avolumavam-se de água encachoeirada e ensopados detritos. Em Carn Cottage, os canteiros marginando as paredes assemelhavam-se a fitas molhadas, uma velha árvore perdera um galho, e a cozinha estava orlada de roupa molhada, porque não havia outro lugar onde secá-la.

Espiando pela janela, Lawrence comentava que aquilo bastava para extinguir o ardor de qualquer um.

O mar era cinzento e enfurecido. Vagalhões tempestuosos rolavam contra a Praia do Norte, depositando uma nova linha de restos de naufrágios, muito além do nível costumeiro da maré alta. Os melancólicos remanescentes de um navio mercante, torpedeado e afundado no Atlântico meses ou semanas antes e finalmente levados à terra pelas ondas e o vento insistente: um ou dois salva-vidas, pedaços estraçalhados de tábuas de convés e inúmeros caixotes de madeira. Ainda manhã bem cedo, com seu cavalo e a carroça de verduras, o pai de Ernie Penberth foi o primeiro a vê-los. Às onze horas da mesma manhã, Ernie surgia à porta dos fundos de Carn Cottage. Penelope descascava maçãs e ergueu os olhos para vê-lo ali, a capa de oleado negro gotejando água e um boné encharcado puxado para cima do nariz. Entretanto, ele sorria.

— Gostaria de alguns pêssegos enlatados, não?

— Pêssegos enlatados? Ora, você está brincando comigo!

— Meu pai está com dois caixotes cheios, lá na loja. Recolheu-os na Praia do Norte. Levou-os e abriu. Pêssegos enlatados da Califórnia. Tão bons como se estivessem frescos!

— Que achado! Posso mesmo ficar com algumas latas?

— Ele separou seis para vocês. Achou que as crianças iam gostar. Mandou dizer que, se você quiser, pode ir buscar. A qualquer hora.

— Oh, ele é um santo! Ernie, nem sei como agradecer-lhe! Irei esta tarde mesmo, antes que seu pai mude de idéia.

— Ele não faria isso.

— Quer almoçar conosco?

— Não, é melhor eu voltar logo. Obrigado mesmo assim.

Tão logo o almoço terminou, Penelope preparou-se devidamente para sair, de botas, um velho impermeável amarelo abotoado até o pescoço e um gorro de lã enterrado até as orelhas. Carregava duas cestas fortes para compras e, uma vez acostumada à força do vento — que de quando em quando ameaçava levá-la pelos ares — e rajadas de chuva, cujos pingos lhe batiam no rosto como pontas de agulha, o mau tempo se tomou esfuziante, e ela começou a se divertir. Chegando à cidade, encontrou-a estranhamente deserta. A tempestade empurrara todos para dentro das casas, porém a sensação de isolamento, de ter o lugar todo para si, apenas aumentou sua satisfação. Começou a sentir-se intrépida, como um explorador.

A mercearia-quitanda do Sr. Penberth ficava em Doumalong, mais ou menos na metade da rua do porto. Era possível chegar lá por um labirinto de ruas secundárias mas, em vez disto, ela preferiu o trajeto à beira do mar, dobrando a esquina da Lifeboat House e penetrando a fúria da ventania. A maré estava alta, o porto transbordava de enfurecida água cinzenta. Grasnando agudamente, gaivotas eram lançadas em todas as direções, os barcos de pesca balançavam — se agitados, puxando as âncoras e, na extremidade mais distante do Pier do Norte, ela avistou uma barcaça de transporte de tropas, subindo e descendo nas águas, dançando em seus cabrestantes. Evidentemente, o tempo estava tão ruim, que nem os Comandos aventuravam-se a sair.

Com certo alívio, finalmente chegou à mercearia, uma pequena edificação triangular, na junção de duas estreitas alamedas. Quando abriu a porta e entrou, uma sineta tocou no alto da porta. O estabelecimento estava vazio, cheirava agradavelmente a pastinagas, maçãs e terra, mas quando ela trancou a porta, uma cortina se ergueu na parede ao fundo, e surgiu o Sr. Penberth, usando a costumeira camisa de malha de lã grossa azul-marinho, como a dos marinheiros, e um gorro em forma de cogumelo.

— Sou eu — disse ela, desnecessariamente, gotejando água por todo o

chão da mercearia.

— Eu já imaginava. — Ele tinha os olhos escuros e o mesmo sorriso do filho, embora menos dentes. — Então, resolveu descer até aqui... Um dia infernal, não? Entretanto, a ventania vai terminar e teremos um entardecer firme. Acabei de ouvir no rádio a previsão de tempo para as embarcações. Recebeu meu recado? Ernie lhe falou sobre os pêssegos em lata?

— Por que mais acha que estou aqui? Nancy nunca provou um pêssego na vida!

— É melhor vir até os fundos. Achei preferível escondê-los. Se alguém descobrir que tenho pêssegos em lata, minha vida vai virar um inferno.

Ele puxou a cortina para um lado e, carregando suas cestas, ela passou para o atravancado e entulhado espaço nos fundos, que funcionava como depósito e escritório. Ali havia uma estufa negra que ficava permanentemente funcionando, era onde o Sr. Penberth dava seus telefonemas e preparava xícaras de chá para si mesmo, quando o movimento diminuía. Hoje, havia um forte cheiro de peixe, porém Penelope mal notou, a atenção inteiramente atraída para as pilhas de latas ocupando cada superfície horizontal disponível... o botim matinal do Sr. Penberth.

— Que achado! Ernie disse que foi na Praia do Norte. Como conseguiu trazer os caixotes para cá?

— Chamei meu vizinho e ele me deu uma ajuda. Depois o levei em casa na carroça. Acha que seis são suficientes para você?

— Mais do que suficientes.

Ele colocou três latas em cada cesta.

— E como estão, em matéria de peixe? — perguntou.

— Por quê?

O Sr. Penberth desapareceu por baixo de sua mesa e emergiu com a fonte do cheiro de peixe. Olhando para o balde, Penélope viu que estava praticamente cheio de cavalinhas azul-prateadas.

— Um dos rapazes saiu esta manhã para o mar. Trocou estes peixes por alguns dos pêssegos. A Sra. Penberth não gosta de cavalinhas, diz que são peixes impróprios para comer. Pensei que você poderia querê-los. São frescos.

— Se eu puder levar meia dúzia, serão comidos no jantar.

— Excelente — disse o Sr. Penberth. Remexendo por ali, ele desencavou um jornal velho, enrolou os peixes em desajeitados embrulhos e os colocou em cima das latas de pêssegos. — Pronto — Penelope ergueu as cestas. Estavam muito pesadas. O Sr. Penberth franziu a testa. — Acha que agüenta? Não ficaram muito pesadas para você? Eu poderia levar as cestas, quando passasse perto de sua casa na carroça, mas as cavalinhas não ficarão frescas por mais um dia.

— Darei um jeito.

— Bem, espero que todos os aproveitem... — Ele a conduziu à porta. — Como está Nancy?

— Florescendo.

— Diga a ela e a Doris para virem ver-nos logo. Há coisa de um mês não ponho os olhos nelas.

— Darei o recado. E obrigada, muito obrigada, Sr. Penberth!

Ele abriu a porta e a sineta tilintou.

— Foi um prazer, meu bem.

Curvada ao peso dos pêssegos e do peixe, Penelope partiu para casa. Agora, com a tarde mais avançada, havia algumas pessoas à vista, emergindo para fazer compras ou cuidar da própria vida. O Sr. Penberth estivera certo sobre a previsão do tempo. A maré começava a vazar, o vento ia diminuindo, a chuva rareava. Erguendo os olhos, ela viu bem alto no céu, entre as nuvens carregadas que a ventania empurrava, um esfarrapado pedacinho de céu azul, suficiente apenas para fazer um par de calças para um gato. Ela caminhou lepidamente, sentindo certa euforia por daquela vez não precisar preocupar-se com o que seria servido no jantar. Entretanto, após algum tempo, as cestas carregadas começaram a pesar demais, suas mãos doíam, e os braços pareciam repuxados das articulações. Pensou que talvez houvesse errado ao recusar a oferta do Sr. Penberth para fazer a entrega, porém, quase em seguida, a idéia lhe foi afastada da mente, interrompida pelo som de um veículo em rápida aproximação, vindo de sua retaguarda, da direção do Píer do Norte.

A rua era estreita, com poças fundas. Não querendo ser ensopada em uma onda de água suja, ela ficou de lado para esperar, até que o carro passasse por ali sem perturbá-la. O veículo passou como um bólido, mas alguns metros além parou quase imediatamente, com um rangido de freios. Penelope identificou o jipe aberto, os dois familiares ocupantes uniformizados. O Major Lomax e seu sargento. O jipe ficou parado no mesmo lugar, o motor trabalhando, mas o Major Lomax saltou para o chão, estirando as pernas compridas, e começou a caminhar para ela.

Comentou, sem preliminares:

— Parece sobrecarregada.

Grata por uma justificativa para se aliviar das cestas, Penélope as pousou na calçada e endireitou o corpo para fitá-lo.

— Tem razão. Estou.

— Nós nos conhecemos faz alguns dias.

— Eu me lembro.

— Esteve fazendo compras?

— Não. Fui apanhar um presente. Seis latas de pêssegos. Foram lançadas pelo mar, esta manhã, na Praia do Norte. Também ganhei algumas cavalinhas.

— Até onde precisará levar as cestas?

— Até em casa.

— E onde fica sua casa?

— No alto da colina.

— Não poderiam ser levadas por um entregador?

— Não.

— Por que não?

— Por que quero comê-los esta noite.

Ele sorriu, divertido. O sorriso fez algo extraordinário ao seu rosto, dando a Penelope a sensação de que só agora o via pela primeira vez. "Absolutamente comum" havia sido seu veredicto privado, no dia em que ele os encontrara na Galeria, mas agora que via isso, pelo contrário, aquele homem nada tinha de comum em seu rosto de feições proporcionadas, nos olhos azuis estranhamente brilhantes que, aliados ao inesperado sorriso, formavam um conjunto de extraordinário charme.

— Talvez possamos ajudá-la — disse ele.

— Como?

— Não podemos dar-lhe uma carona, mas não vejo motivo algum impedindo o Sargento Burton de levar os pêssegos para sua casa.

— Ele jamais acertaria o caminho.

— Está subestimando o sargento. — Ao falar, ele se inclinou e ergueu as cestas. Disse, bastante irritado: — Não devia estar carregando isto. Irá machucar-se.

— Carrego compras o tempo inteiro. Todos têm que carregar...

Ele ignorou suas palavras. Já estava caminhando para o jipe. Penelope o seguiu, ainda protestando fracamente:

— Eu posso dar um jeito...

— Sargento Burton!

O sargento desligou o motor.

— Senhor?

— Irá transportar esta carga. — Ele depositou firmemente as cestas no banco traseiro do jipe. — A senhorita lhe fornecerá o endereço.

O sargento se virou para ela, esperando polidamente. Sem nenhuma alternativa aparente, Penelope concordou.

— ...subindo a colina, depois dobre à direita na Garagem Grabney's e siga a estrada até chegar ao alto. Verá um muro alto, que tem o nome de Carn Cottage. Terá que deixar o jipe na estrada e cruzar o jardim.

— Há alguém em casa, senhorita?

— Sim. Meu pai.

— Como é o nome dele, senhorita?

— Sr. Stern. Se ele não o ouvir... se ninguém responder à sineta, basta deixar as cestas junto à porta.

— Perfeitamente, senhorita.

O sargento aguardou. O Major Lomax disse:

— Tudo bem, sargento. Pode ir. Farei o resto do trajeto a pé. Tornarei a vê-lo no QG.

— Senhor!

O sargento fez continência, tomou a ligar o motor e partiu com sua carga de curiosa aparência doméstica, pousada no banco traseiro do jipe. Dobrou a esquina da Lifeboat House e desapareceu. Penelope foi deixada com o major. Sentia-se pouco à vontade, desconcertada por aquela súbita reviravolta de eventos. Também estava insatisfeita com sua aparência, algo que, em geral, bem pouco a perturbava. Contudo, nada podia fazer a respeito, exceto tirar o desgracioso gorro de lã e sacudir o cabelo para afofá-lo. Foi o que fez, enfiando o gorro no bolso do impermeável.

— Podemos ir? — perguntou ele.

Penelope tinha as mãos geladas, de maneira que também as enfiou nos bolsos.

— Pretende mesmo caminhar? — perguntou, duvidosa.

— Se não pretendesse, não estaria aqui.

— Não tem mais nada que devesse estar fazendo?

— Como o quê?

— Um exercício a planejar, um relatório a ser escrito...

— Não. O resto do dia me pertence.

Os dois começaram a caminhar. Uma idéia assaltou Penelope.

— Espero que seu sargento não fique com problemas. Sem dúvida, não tem permissão para transportar compras das pessoas no jipe.

— Se alguém lhe criar problemas, serei eu. E como tem tanta certeza?

— Estive nas Wrens por uns dois meses, de maneira que sei tudo sobre normas e regulamentos. Eu não tinha permissão de carregar uma bolsa ou guarda-chuva. Isso tornava a vida muito difícil.

Ele pareceu interessado.

— Quando foi que esteve nas Wrens?

— Oh, há séculos... Em novecentos e quarenta. Estive em Portsmouth.

— Por que saiu?

— Tive um bebê. Casei-me e tive um bebê.

— Entendo.

— O bebê agora tem quase três anos. Chama-se Nancy.

— Seu marido está na Marinha?

— Sim. Acho que agora se encontra no Mediterrâneo. Nunca tenho certeza.

— Há quanto tempo não o vê?

— Oh... — Ela não podia lembrar e nem queria. — Séculos! — Mal acabara de falar, as nuvens muito no alto se abriram por um instante, deixando passar um molhado raio de sol. As ruas molhadas devolveram o reflexo de sua luz, pedras e lajes ficaram lavadas em ouro. Admirada, Penelope ergueu o rosto para aquele ofuscante e momentâneo clarão. — Realmente está melhorando... O Sr. Penberth disse que o tempo ia melhorar. Ouviu a previsão meteorológica e disse que a tempestade passaria. Talvez tenhamos um belo entardecer.

— Sim, talvez tenhamos.

O clarão do sol desapareceu tão rapidamente como viera, e tudo voltou a ficar acinzentado. A chuva, no entanto, havia parado.

— Seria melhor não irmos pelo centro da cidade — disse ela. — Iremos costeando o mar até a estação ferroviária. Há um lance de degraus que fica exatamente oposto ao Hotel White Caps.

— Eu gostaria muito. Ainda não sei me orientar muito bem por aqui e suponho que você conheça tudo como a palma da mão. Sempre morou aqui?

— Na época do verão. Durante o inverno, ficávamos em Londres. E, nos intervalos, íamos para a França. Minha mãe era francesa. Tínhamos amigos lá. Entretanto, ficamos aqui desde que a guerra começou. Sim, imagino que ficaremos em Porthkerris até que ela termine.

— E quanto a seu marido? Não a quer por perto, quando desembarcar?

Os dois haviam desembocado em uma alameda estreita que corria ao longo da praia. A maré alta jogara seixos para ali, bem como destroços de algas e restos de uma corda alcatroada. Inclinando-se, ela pegou um seixo e o atirou ao mar. Respondeu:

— Como já lhe disse, ele deve estar pelo Mediterrâneo. E mesmo que pudesse ficar com ele, seria impossível, pois preciso cuidar de papai. Minha mãe foi morta na Blitz, em novecentos e quarenta e um. Desta maneira, tenho que ficar com ele.

Ele não disse que lamentava. Repetiu "Entendo" e parecia realmente entender.

— Não se trata apenas de mim e de Nancy. Temos Doris e seus dois meninos que moram conosco. São evacuados. Ela é viúva de guerra. Nunca voltou a Londres. — Penelope olhou para ele. — Papai gostou de conversar com

você, naquele dia, na Galeria. Ficou zangado comigo por eu não o ter convidado para o jantar... disse que fui muito rude. Não era a minha intenção. Apenas, nada havia para me inspirar quanto ao que poderíamos comer.

— Gostei imensamente de conhecê-lo. Quando soube que seria designado para cá, passou-me pela cabeça que talvez visse o famoso Lawrence Stern, porém nunca imaginei que isso fosse acontecer realmente. Achava que ele estaria demasiado frágil e idoso para sair de casa. Quando o vi lá na rua, ao lado do QG, adivinhei imediatamente que só podia ser ele. Então, quando entrei na Galeria e os vi lá, mal pude acreditar em minha sorte. Que grande pintor ele foi! — O major baixou os olhos para ela. — Você herdou o talento paterno?

— De maneira alguma. Aliás, é muito frustrante. Com freqüência vejo algo tão bonito que chega a doer, como uma velha casa de fazenda ou dedaleiras crescendo em uma sebe, soprando ao vento contra um céu azul. Então, desejaria ardentemente poder capturar o que vejo, pôr no papel e ter para sempre. No entanto, é claro que não sei...

— Não é fácil encararmos nossas incapacidades.

Ocorreu a ela que ele parecia ser um homem ignorando o verdadeiro sentido da palavra "incapacidades".

— Você pinta? — perguntou-lhe.

— Não. Por que pergunta?

— Quando conversava com papai, parecia entender muito do assunto.

— Se dei tal impressão, foi por ter sido criado por uma mãe intensamente artística e criativa. Assim que aprendi a andar, fui levado a cada galeria e museu de Londres, além de ser conduzido a concertos.

— Do jeito como fala, poderia ter tomado horror à cultura, para o resto da vida.

— De modo nenhum. Ela agia com muito tato e tornava tudo aquilo imensamente interessante. Infundia prazer.

— E seu pai?

— Meu pai era corretor de ações, na City[{13}].

Ela pensou a respeito. As vidas dos outros eram sempre fascinantes.

— Onde morava?

— Em Cadgan Gardens. Bem, depois que ele morreu, minha mãe vendeu a casa, grande demais para nós. Fomos morar em uma menor, na Praça Pembroke. Ela continua morando lá. Ficou na casa durante todo o bombardeio. Disse que preferia estar morta a viver em outro lugar que não Londres.

Penelope pensou em Dolly Keeling, enfiada naquele esconderijo do The Coombe Hotel, jogando bridge com Lady Infernal Beamish e escrevendo compridas cartas amorosas ao filho. Suspirou, porque pensar em Dolly sempre a

deixava um pouco deprimida. Continuava existindo aquele sentimento de culpa, sobre Dolly dever ser convidada para passar alguns dias em Carn Cottage, ao menos para ver a neta. Ou que ela, Penelope, visitasse o The Coombe Hotel, levando Nancy consigo. Entretanto, qualquer das alternativas era tão aterrorizante, que jamais tivera dificuldade em expulsá-las rapidamente da cabeça, para começar a pensar em qualquer outra coisa.

A estrada estreita subia a colina. Tinham deixado o mar para trás e agora caminhavam entre filas de chalés caiados de pescadores, encarapitados na encosta. Uma porta se abriu e surgiu um gato, seguido por uma mulher com uma cesta de roupa lavada, que começou a estender em um varal espichado diante de sua casa. Enquanto ela fazia isto, o sol tornou a aparecer, bem forte agora. A mulher virou para eles um rosto sorridente.

— Já melhorou um pouco, não? Nunca vi um temporal como o que tivemos esta manhã! Dentro em pouco, o dia estará bonito novamente.

O gato enroscou-se em volta dos tornozelos de Penelope. Ela se abaixou para afagá-lo. Continuaram andando. Tirando as mãos dos bolsos, ela desabotoou o impermeável.

— Você se juntou à Marinha Real — perguntou — porque não queria ser corretor de ações ou por causa da guerra?

— Por causa da guerra. Sou conhecido como "Oficial Somente Durante as Hostilidades". Sempre achei que soava um tanto depreciativo. Entretanto, também não me seduziu a idéia de lidar com ações. Fui para a universidade e fiz Literatura Inglesa e Clássica. Depois, arranjei um emprego como professor de meninos, em uma Escola Preparatória.

— Os fuzileiros já o ensinaram a escalar?

Ele sorriu.

— Não. Eu já escalava, muito antes disso. Fui enviado para um internato no Lancashire e lá havia um professor que costumava levar um bando de nós para escalar no Distrito dos Lagos. Aos quatorze anos eu me apaixonara pelo esporte e continuei a praticá-lo desde então.

— Já escalou no exterior?

— Sim. Suíça, Áustria... Eu queria ir ao Nepal, porém isso requereria meses de preparativos e viagens, e nunca encontrei tempo disponível.

— Depois do Matterhorn, os Penhascos Boscarben devem ser fáceis.

— Não — assegurou ele firmemente. — Eles nada têm de fáceis.

Continuaram andando, subindo, percorrendo as alamedas escondidas e torcidas que os visitantes nunca descobriam, e subindo degraus de granito tão íngremes, que Penelope ficava sem fôlego para conversar. O último lance ziguezagueou para o alto, pela face do penhasco entre a estação ferroviária e a

estrada principal, para finalmente emergir diretamente em frente ao velho Hotel White Caps.

Acalorada com o esforço, Penelope descansou recostada ao muro, esperando recuperar o fôlego e que seu coração parasse de estrondear. Vindo atrás dela, o Major Lomax não parecia afetado. Ela viu o fuzileiro de guarda fitando-os desapaixonadamente através da estrada, porém a expressão dele nada demonstrou.

Quando finalmente conseguiu falar, ela disse:

— Sinto-me como um pedaço de barbante mastigado!

— Não é de admirar.

— Há anos que não faço este caminho. Quando pequena, costumava correr por ele acima, da praia até o alto. Era uma espécie de teste de resistência auto-imposto.

Virando-se e apoiada com os braços no topo do muro, ela espiou para baixo, para o caminho percorrido. O mar, esvaziando, agora estava mais calmo e refletia o azul do céu clareando. Muito abaixo, na praia, um homem caminhava com seu cão. O vento se tomara uma brisa leve, perfumada pelo úmido cheiro musgoso dos jardins encharcados da chuva. Era um cheiro pejado de nostalgia e, no momento, Penelope viu-se fora de guarda, invadida por um êxtase irracional, que não sentia desde criança.

Pensou nos dois últimos anos: o tédio, a existência sem horizontes, nada por que ansiar ou antecipar. Agora, no entanto, bastara um instante, e as cortinas tinham sido puxadas para o lado, as janelas além, escancaradas para uma paisagem brilhante que estivera lá o tempo todo, esperando por ela. Uma paisagem, além disso, carregada com as mais maravilhosas possibilidades e oportunidades.

Felicidade — recordada dos dias anteriores à guerra, dias antes de Ambrose e da chocante morte de Sophie. Era como ser jovem de novo. Entretanto, eu sou jovem. Tenho apenas vinte e três anos. Virando-se do muro, encarou o homem ao seu lado e ficou tomada de gratidão, pois, de certo modo, ele é que tinha provocado este milagre de déjà vu.

Viu-o observando-a e perguntou-se quanto ele teria percebido, o quanto saberia. No entanto, a imobilidade e o silêncio dele nada delataram.

— Preciso ir para casa — disse ela. — Papai deve estar imaginando o que houve comigo.

Ele assentiu, aceitando o que ouvia. Agora seria a despedida e cada um tomaria seu rumo. Ela seguiria em frente. Ele cruzaria a estrada, retribuiria a continência do homem de guarda, subiria os degraus, desapareceria atrás da porta envidraçada e talvez nunca mais fosse visto.

— Gostaria de vir jantar conosco? — perguntou.

Ele não respondeu imediatamente e, por um terrível momento Penelope pensou em uma recusa. Então, o major sorriu.

— Será um prazer.

Alívio.

— Este anoitecer?

— Está bem certa?

— Absolutamente. Papai gostaria muito de tornar a vê-lo. Assim poderão continuar sua conversa.

— Obrigado. Isso seria maravilhoso.

— Então, por volta de sete e meia. — Ela soava terrivelmente formal. — Posso... posso convidá-lo porque, desta vez temos algo para comer.

— Deixe-me adivinhar o que será. Cavalinha e pêssegos em lata?

A formalidade e o constrangimento derreteram-se. Os dois dissolveram-se em riso, e Penelope soube que jamais esqueceria aquele som, porque era o da primeira piada que partilhavam.

Encontrou Doris morta de curiosidade.

— Escute, o que está havendo? Lá estava eu, cuidando da minha vida, quando surge à porta um esplêndido sargento, trazendo suas cestas. Convidei-o para uma xícara de chá, mas disse que não poderia ficar. Como foi que o arranjou?

Penelope sentou-se à mesa da cozinha e contou toda a história do inesperado encontro. Doris ouvia, com olhos que iam ficando redondos como bolas de gude. Quando o relato terminou, ela deixou escapar um grito esganiçado de pura delícia.

— Não me diga! Parece que você encontrou um admirador.

— Oh, Doris, eu o convidei para jantar.

— Quando?

— Hoje.

— Ele virá?

— Sim, ele virá.

A alegria de Doris murchou.

— Oh, droga!

Ela tornou a arriar em sua cadeira, era a imagem da melancolia.

— Droga, por quê?

— Porque não vou estar aqui! Tenho que sair. Vou levar Ronald e Clark a Penzance. para assistirem à representação de The Mzkado, pela Sociedade Lírica.

— Oh, Doris! Eu contava com você aqui... Preciso de alguém para me

ajudar. Não podia adiar sua saída?

— Não, não posso. Já foi providenciado um ônibus e, de qualquer modo, a representação será apenas por duas noites. Os meninos ficaram sonhando semanas com ela, coitadinhos... — Sua expressão se tornou resignada. — Enfim, não tem jeito! Eu lhe darei uma ajuda na cozinha antes de ir e porei Nancy na cama. Francamente, estou amolada por perder este divertimento. Há anos que não temos um homem cem por cento em casa...

Penelope não mencionou Ambrose. Disse, em vez disto:

— E quanto a Ernie? E um homem cem por cento.

— Sem dúvida. Ele é legal. — O pobre Ernie, no entanto, foi rejeitado. — Só que ele não conta.

Como duas meninas tomadas por inocente excitação, elas começaram a trabalhar; descascaram vegetais, fizeram uma salada. Lustraram a velha mesa da sala de refeições, limparam superficialmente os talheres e a baixela pouco usados, poliram os copos de cristal. Alertado, Lawrence levantou-se de sua poltrona e desceu cautelosamente à adega onde, em dias mais felizes, havia estocado sua considerável quantidade de vinho francês. Agora restava bem pouco, mas ele voltou com uma garrafa do que denominava vinho algeriano barato, assim como uma empoeirada garrafa de vinho do Porto, que começou a decantar com o máximo cuidado. Penelope sabia que nenhum tributo maior seria feito a um convidado.

Faltando vinte e cinco minutos para as sete, com Nancy já adormecida em sua cama. Doris e os filhos fora de casa e tudo pronto como deveria estar, ela voou para o andar de cima e foi a seu quarto fazer alguma coisa para melhorar a aparência. Vestiu uma blusa limpa, enfiou os pés nus em duas sapatilhas escarlate, escovou os cabelos, trançou-os, enrolou-os em um coque e os firmou no lugar. Não tinha pó nem batom e já usara o último resto de seu perfume. Um prolongado e crítico olhar ao espelho produziu bem pouca satisfação. Parecia uma governanta. Encontrou um colar de contas escarlate e o prendeu ao pescoço. Enquanto fazia isto ouviu o portão no final do jardim sendo aberto, depois o clique ao ser fechado. Foi à janela e viu Richard Lomax subindo por entre o jardim fragrante, aproximando-se da casa pelo caminho íngreme. Viu que também ele havia trocado o uniforme de combate para a meia formalidade do cáqui de exercícios e cintilantes botas castanhas. Trazia, discretamente, um embrulho que só podia conter uma garrafa.

Desde que se despedira, ela vivera ansiosa pela perspectiva de tomar a vê-lo. Agora, no entanto, vendo-o aproximar-se, sabendo que logo ele estaria tocando a sineta da porta da frente, foi assaltada pelo pânico. Pés frios era como Sophie costumava denominar aquele aperto no coração, causado por um ato

impetuoso, subitamente lamentado. E se a noitada fosse uma tragédia, se tudo desse errado, sem Doris ali para ajudá-la a suportar a situação? Era perfeitamente possível que se enganasse com Richard Lomax. Que o vislumbre de êxtase, a felicidade inexplicada, a extraordinária sensação de proximidade e familiaridade fossem apenas parte de uma ilusão nascida de sua crescente animação e do fato de que o sol após dias de chuva, tivesse decidido brilhar.

Saiu da janela, dirigiu um último olhar ao seu reflexo no espelho, ajeitou o colar vermelho, abandonou o quarto e desceu a escada. Enquanto descia, a sineta da porta soou. Ela cruzou o vestíbulo e abriu a porta. Ele sorriu e disse:

— Espero não estar muito atrasado ou demasiado cedo.

— Nem uma coisa e nem outra. Vejo que encontrou o caminho.

— Não foi difícil. Vocês têm um lindo jardim!

— A tempestade não lhe faz nenhum bem. — Ela deu um passo atrás. — Entre — convidou.

Ele entrou e tirou a boina verde, com seu emblema vermelho e o distintivo prateado. Ela fechou a porta. O major deixou a boina sobre a cômoda e se virou para encará-la. Disse. entregando-lhe o embrulho:

— Isto é para seu pai.

— É muita gentileza.

— Ele bebe uísque?

— Sim...

Tudo ia dar certo, não se enganara sobre ele. Richard Lomax não era vulgar, mas imensamente especial porque, consigo, trouxera a Carn Cottage não apenas um certo fascínio, mas também naturalidade. Ela recordou a tremenda infelicidade, quando da passagem de Ambrose por ali. As tensões e os silêncios, a maneira como todos, afetados pelo ambiente incomodativo, haviam ficado irritáveis e suscetíveis. Com este alto estranho, no entanto, vinha somente a mais confortável das presenças. Ele poderia ter sido um velho amigo de muitos anos, chegando para renovar uma camaradagem, ficarem a par de notícias mútuas. O senso de déjà vu retornou, mais forte agora do que nunca. Tão forte, que ela quase esperou a porta da sala de estar escancarar-se repentinamente e Sophie emergir, rindo e falando pelos cotovelos, atirando os braços ao pescoço do rapaz e beijando-o nas duas faces. Oh, meu bem, como eu estava ansiosa em tornar a vê-lo...

— ... mas há meses não temos uma garrafa em casa. Ele ficará deliciado. Está na sala à sua espera... — Ela foi abrir a porta que dava para a sala de estar. — Papai... Nosso convidado chegou...e lhe trouxe um presente...

— Esta sua designação para cá — disse Lawrence — será por quanto tempo?

— Não tenho a menor idéia, senhor.

— E, se soubesse, não me diria. Acha que no próximo ano já estaremos prontos para invadir a Europa?

Richard Lomax sorriu, mas nada deixava escapar.

— É a minha esperança — disse.

— Estes americanos... Parecem bem retraídos. Tínhamos imaginado todo tipo de estrepolias.

— Eles não estão aqui exatamente em férias. Além disso, são soldados altamente profissionais e formam uma unidade inteiramente auto-suficiente. Tem seus próprios oficiais, sua cantina, suas recreações.

— Como vocês se dão com eles?

— No geral, muito bem. São razoavelmente impetuosos... talvez não tão disciplinados quanto os de nossas tropas, mas, de modo individual, muito corajosos.

— E você é o encarregado da operação, como um todo?

— Não, senhor. O Oficial-comandante é o Coronel Mellaby. Sou apenas o Oficial de Treinamento.

— Quer dizer que trabalha com eles?

Richard Lomax deu de ombros.

— É um tanto diferente.

— E Porthkerris... Já havia estado aqui antes?

— Nunca. Em geral, passava minhas férias no Norte, escalando montanhas. Entretanto, sabia a respeito de Porthkerris, por causa dos artistas que vieram para cá. Já tinha visto pinturas do porto, nas várias galerias que visitava por insistência de minha mãe, sendo extraordinária a maneira única como o reconheci instantaneamente. Imutável. E a luminosidade... O brilho ofuscante do mar... Eu quase não acreditava, até que vi pessoalmente.

— Sim, há uma magia. Nunca nos acostumamos a ela, por mais que vivamos aqui.

— Há muitos anos vem a Porthkerris?

— Desde princípios de novecentos e vinte. Trouxe minha esposa aqui, logo depois que nos casamos. Não tínhamos casa, de maneira que acampávamos em meu estúdio. Como dois ciganos.

— O retrato na sala de estar é de sua esposa?

— Sim. Aquela era Sophie. Devia ter dezenove anos, quando o retrato foi pintado. Obra de Charles Rainier. Certa primavera, ocupamos todos uma casa perto de Varengeville. A finalidade era tirarmos férias, mas ele ficava inquieto, quando não trabalhava, de modo que Sophie concordou em posar para que lhe pintasse o retrato. Levou menos do que um dia, porém foi uma das melhores

coisas que ele já fez. Enfim, Rainier a tinha conhecido a vida inteira, como eu. Conhecia-a desde que era menina. Podemos trabalhar depressa, havendo tanta proximidade com nosso modelo.

A sala de refeições estava penumbrosa, à claridade que morria. Apenas as velas forneciam iluminação e os últimos lampejos do sol se pondo penetravam pelas janelas em fachos que arrancavam reflexos do cristal, da prataria e da polida superfície da mesa redonda do mogno. O papel de parede escuro continha a sala como a forração de um estojo de jóias e, além das dobras do pesado e desbotado reposteiro de veludo, apanhado em esfiapados cordéis e borlas de seda, oscilavam leves cortinas rendadas, à brisa que penetrava pelas venezianas abertas.

Estava ficando tarde. Logo a janela teria que ser fechada, e puxadas as cortinas de black-out. A refeição chegava ao fim. A sopa, o peixe grelhado, o delicioso petisco dos pêssegos, tudo fora consumido, e retirados os pratos. Do aparador, Penelope havia tirado uma travessa de maçãs alaranjadas Cox, que o vento derrubara da árvore no alto do pomar, e a colocara no centro da mesa. Richard Lomax apanhara uma e a descascava com uma faca para frutas, de cabo em madrepérola. Suas mãos eram longas, com dedos de extremidades espatuladas. Ela ficou olhando enquanto ele manejava destramente a faca, a fita inteira da casca caindo dentro do prato. Depois, partiu a maçã em quatro quartos iguais.

— O senhor ainda tem o estúdio?

— Sim, mas agora está abandonado. Raramente vou lá. Não posso mais trabalhar, e a caminhada é longa demais para mim.

— Eu gostaria de vê-lo.

— Quando quiser. Tenho a chave comigo. — Através da mesa, ele sorriu para a filha. — Penelope o levará até lá.

Richard Lomax tornou a cortar os quartos da maçã.

— Charles Rainier... ainda vive?

— Sim, que me conste. A menos que tenha aberto demais sua boca grande e a Gestapo o tenha assassinado. Espero que não. Ele vive no sul da França. Se souber se comportar, sobreviverá...

Penelope pensou na casa de Rainier, com o teto coberto de buganvílias, as rochas vermelhas caindo para o mar violeta, as mimosas penugentas e amarelas. Pensou em Sophie, chamando da varanda para dizer que estava na hora de parar de nadar, porque iam almoçar. Diante de tais imagens tão vívidas, era difícil conceber que Sophie estivesse morta. Esta noite — desde a chegada de Richard Lomax — ela havia estado com eles, não morta, mas viva. Ainda agora, sentada na cadeira vazia da cabeceira da mesa. Não era fácil encontrar um bom motivo

para tal persistente ilusão, a ilusão de que tudo estava como havia sido antes. De que nada mudara. Não obstante, a verdade é que tudo mudara. O destino tinha sido cruel; lançara a guerra sobre eles, dividira sua família; vira Sophie e os Clifford mortos na Blitz. Talvez o destino é que houvesse atirado Penelope a Ambrose. Entretanto, ela é que o induzira a fazerem amor, que começara Nancy e finalmente casara com ele. Olhando para trás, Penelope não se arrependia de terem feito amor, pois apreciara tanto quanto ele. Lamentava ainda menos a chegada de Nancy e, de fato, agora não conseguia imaginar a vida sem sua filha, encantadoramente linda e cativante. O que lamentava, mais amargamente, era aquele casamento idiota. Não deve casar com ele, a menos que o ame, havia dito Sophie e, por aquela vez, a primeira em sua vida, ela não seguira o conselho da mãe. Ambrose fora seu primeiro relacionamento e não tinha ninguém com quem compará-lo. O casamento feliz de seus pais não ajudava em nada neste sentido. Ela imaginara que todos os casamentos fossem igualmente felizes; portanto, casar era uma boa idéia. Ao enfrentar a situação, após o choque inicial, Ambrose também parecia achar uma boa idéia. Assim, os dois tinham ido em frente e consumado o fato.

Um erro tremendo, horrível. Ela não o amava. Jamais o amara. Nada tinha em comum com ele, não sentia o menor desejo de tomar a vê-lo. Olhou para Richard Lomax, com seu rosto tranqüilo voltado para Lawrence. Depois fitou as mãos dele, os dedos agora entrelaçados sobre a mesa. Pensou em tomar aquelas mãos nas suas, erguê-las e apertá-las contra o rosto.

Perguntou-se se ele também seria casado.

— Nunca o conheci — dizia Lawrence — porém acho que deve ter sido um indivíduo bastante enfadonho. — Os dois continuavam discutindo os pintores de retratos. — Poder-se-ia esperar maus procedimentos e indiscrições inimaginados... evidentemente, ele teve oportunidades de sobra... no entanto, parece que jamais deu um passo em falso. Beerbohm fez uma caricatura dele, espiando de sua janela uma longa fila de damas da sociedade, todas esperando o momento de serem imortalizadas por seu pincel.

— Gostei mais dos croquis dele do que de seus retratos — comentou Richard Lomax.

— Concordo. Todos aqueles cavalheiros e damas alongados, vestidos para caçar... Com três metros de altura e impossivelmente arrogantes... — Lawrence estendeu a mão para a garrafa ornamental em que despejara o vinho do Porto, encheu seu copo e passou a garrafa a seu convidado. — Diga-me, você joga gamão?

— Sim, jogo.

— O que acha de uma partida?

— Eu ficaria encantado!

Quase escurecera de todo. Penelope levantou-se da mesa, fechou as janelas e cerrou as cortinas, aquelas horríveis de tecido negro e as outras, as belas cortinas de veludo. Dizendo algo sobre café, saiu da sala, desceu o corredor e foi à cozinha. Fez o black-out da cozinha e então acendeu a luz, para a já esperada desordem de tigelas, pratos sujos e talheres. Colocou a chaleira no fogo. Ouviu os homens passarem para a sala de estar, ouviu o carvão que era atirado ao fogo e depois o contínuo e amistoso murmúrio da conversa.

Papai estava em seu elemento, divertindo-se bastante. Se gostasse do jogo, era provável que convidasse Richard Lomax para outra sessão. Encontrando uma bandeja limpa, tirando xícaras do armário, ela sorriu.

O jogo terminou precisamente quando o relógio dava onze horas. Lawrence tinha ganho. Aceitando a derrota com um sorriso, Richard Lomax ficou em pé.

— Creio que é hora de eu ir andando.

— Não pensei que fosse tão tarde assim! Gostei muito do jogo.

Poderíamos repetir a dose. — Lawrence pensou a respeito, depois acrescentou: — Se for do seu agrado.

— Seria um prazer, senhor. Entretanto, receio não poder fazer planos específicos, pois meu tempo não me pertence...

— Tudo bem! A qualquer anoitecer que quiser. É só chegar. Estamos sempre aqui!

Lawrence começou a esforçar-se para sair da poltrona, porém Richard Lomax o deteve, pousando a mão em seu ombro.

— Por favor — disse. — Não precisa levantar-se...

— Bem... — Agradecido, o velho tornou a recostar-se no encosto. — Talvez eu não consiga. Penelope o acompanhará.

Enquanto eles jogavam, ela ficara sentada junto à lareira, tricotando. Agora, enfiou as agulhas no novelo de lã e levantou-se. O visitante se virou e sorriu-lhe. Ela foi abrir a porta, ouvindo-o dizer:

— Boa-noite, senhor e, mais uma vez, muito obrigado...

— Não tem de quê.

Ela o conduziu pelo vestíbulo escuro e abriu a porta da frente. Lá fora, o jardim estava banhado de luz azulada, impregnado com o cheiro de troncos. Uma pequena meia-lua pendia no céu. Muito abaixo, na praia, o mar sussurrava. Ele emergiu para ficar ao lado dela, nos degraus da porta, com a boina na mão. Ambos olharam para o alto, para os fiapos de nuvens e o fraco fulgor da lua. Não havia vento, mas um frio úmido emanava da grama, e Penélope encolheu-se, tiritando.

— Mal falei com você, a noite inteira — disse ele. — Espero que não me considere muito descortês.

— Você veio conversar com papai.

— Não tanto, mas parece que acabou sendo assim.

— Haverá outra oportunidade.

— Assim espero. Como disse, mal posso dispor de meu tempo... impossível fazer planos ou marcar encontros...

— Eu sei.

— Contudo, virei quando puder.

— Faça isso.

Ele colocou a boina, ajeitou-a na cabeça. O luar arrancou reflexos do distintivo prateado.

— Foi um jantar delicioso. Jamais uma cavalinha foi tão gostosa. — Ela riu. — Boa-noite, Penelope.

— Boa-noite, Richard.

Ele se virou e afastou-se, foi engolido pela forte penumbra do jardim e desapareceu. Ela esperou para ouvir o clique do portão se fechando atrás dele. Parada ali, em sua blusa fina, sentia os braços arrepiados. Tornou a tiritar e entrou na casa, fechando a porta.

Passaram-se duas semanas, antes de tornarem a vê-lo. Por alguma extraordinária razão, isto não perturbou Penelope. Ele havia dito que voltaria quando pudesse, não havia motivos para duvidar disso. Ela esperaria. Pensava muito nele. Durante a agitação do dia, ele nunca estava inteiramente fora de sua mente e, à noite, invadia-lhe os sonhos, fazendo-a acordar com sonolento contentamento, sorrindo, apegada à lembrança do sonho, antes que ela se diluísse e morresse.

Lawrence pareceu mais preocupado.

— Não tenho tido notícias daquele simpático rapaz Lomax — resmungava de quando em quando. — Eu estava ansiando por outra sessão de gamão.

— Oh, ele virá, papai — afirmava ela, tranqüila em sua certeza.

Estavam em setembro. Havia um veranico. Entardeceres e noites frios, dias de céu límpido e sol dourado, brilhante. As folhas começavam a mudar de cor, a cair, revoluteando no ar parado, salpicando a relva. O canteiro diante da casa estava colorido de dálias, e as últimas rosas do verão abriam suas faces aveludadas, enchendo o ar com uma fragrância que, por ser tão preciosa, parecia duas vezes mais forte do que a de junho.

Um sábado, durante o almoço, Clark e Ronald anunciaram que iam descer até a praia, para nadar com um grupo de colegas do colégio. Doris, Penelope e Nancy não foram convidadas a ir com eles. Assim, os dois partiram,

precipitando-se pelo caminho do jardim, como se não houvesse um momento a perder, carregados de toalhas e pás, um pacote de sanduíches de presunto e uma garrafa de limonada.

Com os meninos fora do caminho, a tarde cálida ficou silenciosa e vazia. Lawrence foi tirar uma soneca perto da janela aberta, na sala de estar. Doris levou Nancy para o jardim. Com os pratos lavados e a cozinha arrumada, Penelope foi até o pomar e recolheu do varal o enorme volume de roupa lavada naquele dia. De volta à cozinha, dobrou as pilhas de colchas, lençóis e toalhas docemente perfumadas, deixando de lado as camisas e fronhas para serem passadas a ferro. Mais tarde. Isso poderia ser feito mais tarde. O dia lá fora era convidativo. Saiu da cozinha e caminhou até o vestíbulo onde somente o relógio de pé tiquetaqueava, e uma abelha sonolenta zumbia em uma vidraça. A porta da frente estava aberta, e a claridade dourada penetrava, banhando o tapete gasto. No gramado, Doris estava sentada em uma velha cadeira de jardim, tendo ao colo uma cesta com peças para cerzir, enquanto Nancy brincava alegremente em seu cercado de areia. O cercado tinha sido construído por Ernie. A areia viera da praia, na carroça de verduras do Sr. Penberth. Com o tempo estável, Nancy divertia-se ali, interminavelmente. Estava agora usando um macacão remendado e nada mais, construindo tortas de areia com um velho balde de lata e uma colher de madeira. Penelope juntou-se a elas. Doris espalhara um lençol velho no chão e ali ela se sentou, contemplando Nancy divertida pela concentração no rosto da criança, fascinada pelo bater das pestanas escuras nas bochechas arredondadas, as mãozinhas de covinhas socando a areia.

— Você esteve passando roupa? — perguntou Doris.

— Não. Está quente demais.

Doris ergueu uma camisa amarrotada, o colarinho rasgado de lado e aberto como um sorriso.

— Será que adianta remendar isto?

— Acho que não. Transforme a camisa em trapo para polir.

— Já temos mais trapos para polir do que roupas, nesta casa. Sabe de uma coisa? Quando esta maldita guerra terminar, a melhor coisa que farei será comprar roupas. Roupas novas! Dúzias e dúzias! Estou farta e cansada de remendar. Veja esta blusa de malha de Clark. Remendei-a semana passada e já tem outro enorme buraco no cotovelo. Raios, como será que eles fazem tantos buracos?

— Os dois estão crescendo. — Indolente, Penelope deitou-se de costas desabotoou a blusa e puxou a saia acima dos joelhos nus. — Nada podem fazer, se estão explodindo dentro das roupas. — Fechou os olhos contra o clarão do sol. — Lembra-se de como eram magricelas e pálidos, quando vieram para cá?

Mal seriam reconhecidos agora, tão fortes e queimados, verdadeiros nativos da Cornualha.

— Fico contente por não serem mais velhos. — Doris partiu um pedaço de linha e enfiou a agulha. — Não gostaria de que fossem soldados. Não suportaria...

Ela parou de falar. Penelope esperou.

— O que é que não suportaria? — insistiu.

A resposta de Doris foi um agitado sussurro:

— Temos visitas.

O sol escureceu. Uma sombra caiu sobre seu corpo deitado. Ela abriu os olhos e viu, em pé aos seus pés, o contorno escuro da forma de um homem. Com certo pânico, sentou-se, endireitou as pernas esparramadas começou a abotoar a blusa...

— Sinto muito -disse Richard. — Não queria assustá-las.

— De onde foi que brotou? — exclamou Penelope, já em pé, tendo abotoado o último botão e agora afastando o cabelo do rosto.

— Vim pelo portão de cima, depois cruzei o jardim.

O coração dela disparava. Esperou não ter enrubescido.

— Não o ouvi chegar.

— O momento é inoportuno para uma visita?

— De maneira alguma! Não estamos fazendo nada.

— Estive preso no escritório o dia inteiro e, de repente, não pude suportar mais. Pensei que, com alguma sorte, poderia encontrá-la aqui. — Seus olhos foram de Penelope a Doris, que permanecia sentada em sua cadeira como hipnotizada, a cesta de costura ainda no colo, a agulha com linha segura nos dedos, como alguma espécie de símbolo. — Creio que ainda não nos conhecemos. Richard Lomax. Você deve ser Doris.

— Ela mesma. — Os dois apertaram-se as mãos. Ligeiramente afogueada, Doris acrescentou:

— É um prazer conhecê-lo, sem dúvida.

— Penelope me falou sobre você e seus dois filhos. Não estão por aqui?

— Não. Foram nadar com seus amigos.

— Garotos sensatos. Vocês tinham saído na outra noite, quando vim para o jantar.

— Sim. Levei os garotos para ver The Mikado.

— Eles gostaram?

— Oh, adoraram! Músicas excelentes. Também foi divertido. Não se fartavam de rir.

— Folgo em saber. — Ele voltou a atenção para Nancy, que erguia os

olhos para ele, nem um pouco perturbada pela chegada daquele alto estranho em sua vida. — É a sua filhinha?

Penelope assentiu.

— Sim. Esta é Nancy.

Ele se agachou, para ficar à altura da menina.

— Olá. — Nancy encarou-o fixamente. — Que idade ela tem?

— Quase três anos.

Havia areia no rosto de Nancy e o fundilho do macacão estava molhado.

— O que você está fazendo? — Richard perguntou a ela. — Bolos de areia? Vamos, deixe-me ajudar...

Ele pegou o baldinho e tirou da mãozinha passiva de Nancy a colher de madeira. Encheu o balde, pressionou a areia, virou-o para baixo e o suspendeu, mostrando uma perfeita torta de areia. Nancy imediatamente a demoliu. Ele riu, tomando a devolver-lhe os brinquedos.

— Ela tem todos os instintos corretos — comentou.

Então, sentando-se na relva, tirou a boina e desabotoou o colarinho apertado do uniforme cáqui de combate.

— Parece sentir calor — disse Penelope.

— Acertou! Está quente demais, para este tipo de vestimenta.

Desabotoando os botões restantes, ele despiu o blusão, enrolou para cima as mangas da camisa de algodão e prontamente assumiu uma aparência bastante comum e à vontade. Talvez encorajada por isto, Nancy abandonou seu cercado de areia e foi sentar-se no joelho de Penelope, de onde tinha uma boa visão do recém-chegado e podia olhar fixamente para seu rosto.

— Jamais consigo adivinhar a idade de filhos de outras pessoas — comentou ele.

— Você tem filhos? — perguntou Doris, inocentemente.

— Não que eu saiba.

— Como assim?

— Não sou casado.

Penelope baixou a cabeça e encostou a face contra os cachos sedosos do cabelo de Nancy. Richard reclinou-se para trás, sobre os cotovelos, o rosto virado na direção do sol.

— Quente como meados de verão, concordam? Onde mais alguém poderia estar, senão em um jardim? E seu pai, onde está?

— Tirando uma soneca. Imagino que já tenha acordado. Vou dar uma espiada e dizer a ele que você está aqui. Está ansioso por vê-lo e jogar mais uma partida de gamão.

Doris olhou para seu relógio, espetou a agulha na costura e pousou a cesta

no chão.

— São quase quatro horas. — disse. — Por que não vou eu e preparo uma xícara de chá para todos nós? Aceitaria uma, não, Richard?

— Não desejaria outra coisa agora!

— Direi a seu pai, Penelope. Ele gosta de tomar chá no jardim.

Ela os deixou. Eles a espiaram entrar na casa.

— Que moça simpática... — disse Richard.

— Tem toda razão.

Penelope começou a colher margaridas e tecer com elas uma guirlanda para Nancy.

— O que esteve fazendo todo este tempo? — perguntou.

— Escalando os penhascos. Sacolejando-me nos vagalhões, naquela maldita barcaça de tropas. Encharcando-me até os ossos. Redigindo ordens, planejando exercícios e escrevendo longos relatórios.

Houve silêncio entre eles. Ela acrescentou outra margarida à guirlanda. Após um instante, ele perguntou, abruptamente:

— Conhece o General Watson-Grant?

— Sim, claro. Por que pergunta?

— Eu e o Coronel Mellaby fomos convidados para um drinque com ele, na segunda-feira.

Ela sorriu.

— Eu e papai também. A Sra. Watson-Grant telefonou esta manhã, convidando-nos. O Sr. Ridley, o merceeiro, apareceu com duas garrafas de gim, e eles decidiram que era uma boa desculpa para uma pequena reunião.

— Onde é que moram?

— A uns dois quilômetros daqui; no alto da colina, fora da cidade.

— E como chegarão até lá?

— O general enviará seu carro para nos levar. Seu velho jardineiro sabe dirigir. Ele consegue gasolina, entenda, por trabalhar na Guarda Nacional. Tenho certeza de que é absolutamente ilegal, porém acho muita gentileza dele, pois, do contrário, não poderíamos ir.

— Eu esperei que você estivesse lá.

— Por quê?

— Bem, seria alguém que eu já conhecia. E porque imaginei que, mais tarde, poderia levá-la para jantar.

A guirlanda de margaridas tinha ficado bastante comprida. Penelope a ficou segurando, pendendo no ar entre suas duas mãos.

— Está convidando papai e eu... ou o convite é só para mim?

— Só para você. Entretanto, se seu pai quiser ir...

— Ele não iria. Não gosta de ficar acordado até tarde;

— Você iria?

— Sim.

— E onde iremos?

— Não sei.

— O que acha do Sands Hotel...?

— Foi requisitado, desde o começo da guerra. Agora está cheio de feridos em convalescença.

— E o Castle?

O Castle... O ânimo de Penelope baixou, só em pensar no lugar. Durante a primeira e infeliz visita de Ambrose a Carn Cottage, em desespero e procurando alguma forma de distrair o marido, ela sugerira que fossem ao Castle, para o jantar-dançante da noite de sábado. O evento não havia sido mais feliz do que o resto do fim de semana. O salão de refeições, gelado e formal, tinha apenas metade das mesas ocupadas, a comida era insossa, e os demais convivas, idosos. De tempos em tempos, uma banda desanimada tocava uma seleção de melodias antigas, mas eles nem puderam dançar, pois, então, Penelope estava enorme em sua gravidez, e Ambrose não conseguia enlaçá-la.

— Não, eu não gostaria de ir lá — objetou rapidamente. — Os garçons são velhos como tartarugas, e a maioria dos hóspedes usa cadeira de rodas. É terrivelmente depressivo. — Ela considerou o assunto e encontrou uma sugestão bem mais animadora. — Podíamos ir ao Gaston's Bistrô.

— Onde fica isso?

— Logo acima da Praia do Norte. É pequenino, porém tem boa comida. Às vezes, em aniversários e coisas assim, papai nos leva lá. Eu e Doris.

— Gaston's Bistrô. Francamente inesperado. Tem telefone?

— Sim.

— Então, telefonarei reservando uma mesa.

— Doris, ele me convidou para jantar fora.

— Não me diga! Quando?

— Na segunda-feira. Depois da festinha dos Watson-Grant.

— Você disse que iria?

— Disse. Por quê? Acha que eu devia ter recusado?

— Recusado? Então, seria preciso mandar examinar sua cabeça. Acho que ele é encantador. Sei lá, de certa maneira, faz-me recordar Gregory Peck.

— Oh, Doris, ele não se parece com Gregory Peck nem um pouquinho!

— Não me refiro à aparência, mas àquele seu jeitão quieto. Sabe o que quero dizer, não? E o que vai usar?

— Ainda não pensei. Encontrarei alguma coisa.

Doris exasperou-se.

— Sabe de uma coisa? Você às vezes me deixa louca! Vá comprar alguma roupa nova! Nunca a vi gastar nada consigo mesma! Vá até a cidade, a Madame Jolie, veja o que ela lhe arranja.

— Não tenho mais cupom para roupas. Gastei o último em horríveis toalhas para chá e uma camisola quente para Nancy.

— Pelo amor de Deus, só precisará de sete! Garanto como, entre nós seis, podemos juntar sete cupons para roupas. E se não for possível, sei onde posso comprar cupons no mercado negro.

— Isso é contra a lei!

— Para o diabo com a lei! Esta é uma ocasião única! Sua primeira saída com um homem, em anos! Viva perigosamente, menina! Na manhã de segunda-feira, vá à cidade e compre alguma coisa bem bonita para vestir.

Ela não recordava a última vez em que entrara numa loja de roupas femininas, mas como Madame Jolie na realidade era a Sra. Coles, esposa do guarda-costeiro, gorda e bonachona como a avó de todo mundo, não havia motivo para sentir-se intimidada.

— Minha querida, há anos que não a vejo por aqui! — comentou ela, quando Penelope cruzou a entrada.

— Preciso de um vestido novo — disse-lhe Penelope, sem perda de tempo.

— Não tenho nada muito especial em estoque, meu bem, a maioria não passa de roupas comuns. Não se consegue mais nada atualmente! Entretanto, há um belo vestido vermelho que talvez lhe sirva. Vermelho sempre foi a sua cor. Este é estampado com margaridas. De raiom, naturalmente, porém o tecido é sedoso ao toque.

Ela trouxe o vestido. Fechada em um cubículo encortinado, Penelope despiu suas roupas e passou o vestido vermelho pela cabeça. Ele caiu macio, desprendendo um excitante cheiro de novo. Emergindo de trás do cortinado modesto, ela abotoou os botões e afivelou o cinto de couro vermelho.

— Oh, ficou perfeito! — exclamou Madame Jolie.

Ela caminhou até o espelho de corpo inteiro e olhou para sua imagem, tentando ver-se com os olhos de Richard. O vestido tinha gola quadrada e ombros acolchoados com uma saia de pregas fundas. O cinto largo fazia sua cintura parecer diminuta e, ao virar-se para inspecionar as costas, a saia se abriu em leque com o movimento; o efeito foi tão feminino, tão sedutor, que a deixou deliciada com a própria aparência. Nenhum vestido jamais lhe infundira tanta confiança em si. Era mais ou menos como apaixonar-se por ele, e Penelope soube que precisava obtê-lo.

— Quanto custa?

Madame Jolie remexeu nas costas do decote, em busca da etiqueta com o preço.

— Sete libras e dez xelins. E sete cupons receio.

— Fico com ele.

— Tomou a decisão acertada, meu bem. Curioso, não? O primeiro vestido que experimentou. Pensei nele, no momento em que a vi entrar. Poderia ter sido feito especialmente para você. Que golpe de sorte!

— Gosta de meu vestido novo, papai?

Penelope o tirou da sacola de papel, sacudiu-o para desfazer as dobras e o suspendeu à frente do corpo. Em sua poltrona, ele tirou os óculos e reclinou-se nas almofadas do encosto, com olhos semicerrados, para ver melhor o efeito.

— É uma cor que lhe fica bem... sim, gosto dele. Bem, mas por que resolveu, subitamente, comprar um vestido novo?

— Porque vamos esta noite à reunião dos Watson-Grant. Esqueceu?

— Não, mas esqueci como chegaremos lá.

— O general mandará seu carro apanhar-nos.

— É muita gentileza dele.

— E alguém virá trazê-lo de volta. Porque eu vou jantar fora.

Ele tornou a colocar os óculos e, por um longo momento, perscrutou a filha por sobre as lentes. Então disse:

— Com Richard Lomax.

Não era uma pergunta.

— Exatamente.

Lawrence estendeu a mão para seu jornal.

— Muito bem.

— Ouça, papai. Você acha que devo ir?

— Por que não deveria?

— Sou uma senhora casada.

— Mas não uma desmiolada burguesa.

Ela vacilou.

— Suponhamos que eu fique envolvida.

— Acha provável?

— Poderia acontecer.

— Tudo bem. Fique envolvida!

— Sabe de uma coisa, papai? Eu gosto realmente de você!

— Fico gratificado. Por quê?

— Por mil motivos, mas, principalmente, porque sempre podemos conversar.

— Seria um desastre se não pudéssemos. E quanto a Richard Lomax, você

não é mais uma criança. Não gostaria de vê-la magoada, porém deve saber o que faz. Você é que toma suas decisões.

— Eu sei — disse ela.

Não respondeu "eu tomei".

Eles foram os últimos a chegar à festa dos Watson-Grant. Isto aconteceu porque quando John Tonkins, o velho jardineiro do general, chegou para apanhá-los, Penelope continuava diante de seu toucador, angustiada e sem saber que jeito dar em seu cabelo. Finalmente decidiu penteá-lo para cima. No último instante, entretanto, com certa exasperação, arrancou todos os grampos e o deixou solto. Depois disso, precisou encontrar algum tipo de agasalho, porque o vestido novo era fino, e as noites de setembro ficavam gélidas. Não tinha casaco, apenas seu poncho de manta xadrez, mas o efeito foi tão desolador, que mais momentos foram perdidos, em busca de um velho xale de caxemira que fora de Sophie. Agarrada a ele, correndo escada abaixo em busca do pai, ela o encontrou na cozinha, por ter subitamente decidido que precisava lustrar os sapatos.

— Papai! O carro está lá fora. John nos espera!

— Não há outro jeito. Estes são meus melhores sapatos e não são polidos há quatro meses.

— Como sabe que foram quatro meses?

— Porque há quatro meses fomos pela última vez à casa dos Watson-Grant.

— Oh, papai! — As mãos deformadas dele lutavam com a lata de graxa para calçados. — Deixe. Eu faço isso.

Ela os engraxou o mais rapidamente que pôde, manejando escovas e sujando as mãos com graxa marrom. Lavou-as enquanto ele calçava os sapatos, depois ajoelhou-se a fim de amarrá-los para o pai. Por fim, nas passadas lentas de Lawrence, eles saíram da casa e cruzaram o jardim até o portão de cima, onde John Tonkins e o antigo Rover os esperavam.

— Lamento tê-lo feito esperar, John.

— Não tem importância, Sr. Stern.

Ele manteve a porta aberta e Lawrence introduziu-se penosamente dentro do carro, no banco dianteiro. Penelope acomodou-se no traseiro. John assumiu seu lugar ao volante, e eles partiram, mas não muito depressa, porque aquele motorista era cauteloso com o carro de seu empregador e dirigia como se uma bomba-relógio pudesse explodir, caso fizesse mais de cinqüenta quilômetros por hora. Finalmente, às sete horas, subiram laboriosamente a alameda do invejável jardim do general, onde surgia uma profusão de rododendros, azaléias, camélias e fúcsias. O carro parou diante da porta principal da casa, com um rangido. Três ou quatro carros mais já estavam estacionados na alameda de cascalho. Penelope

reconheceu o velho Morris dos Trubshot, mas não o veículo regulamentar de cor cáqui, com a insígnia da Marinha Real. Um jovem motorista marinheiro sentava-se ao volante, ocupando o tempo em ler o Picture Post. Ao sair do Rover, ela se viu sorrindo secretamente.

Entraram. Antes da guerra, uma empregada uniformizada os teria recebido, mas agora não havia ninguém. O saguão estava vazio e um murmúrio de conversa os guiou através da sala de visitas até a estufa de plantas do general, onde a reunião já se encontrava em pleno andamento.

Era uma grande e elaborada estufa, construí da pelos Watson-Grant quando o general finalmente deixara o Exército e eles haviam partido da Índia para sempre. Ali havia palmeiras envasadas, cadeiras de vime com alto espaldar, banquetas em pele de camelo, tapetes de pele de tigre e um gongo de bronze, suspenso entre as presas de marfim de algum elefante há muito falecido.

— Oh, finalmente chegaram! — exclamou a Sra. Watson-Grant, aproximando-se para recebê-los. Era uma mulher miúda e magra, de cabelos curtos, a pele curtida como couro pelo sol cruel da Índia, fumante inveterada e insistente jogadora de bridge. Se fosse dado crédito aos boatos, em Quetta ela passara a maior parte da vida no dorso de um cavalo e, certa vez, enfrentara um tigre atacante baleando-o friamente na cabeça. Agora, vira-se reduzida a dirigir a Cruz Vermelha local e a cultivar sua Horta da Vitória, porém sentia falta da movimentação social dos velhos tempos, e era típico que, tendo posto as mãos em duas garrafas de gim, imediatamente desse uma festa. — Atrasados como sempre — acrescentou, porque era daquelas que não tinham papas na língua. — O que vão beber? Gim com laranja ou gim com limão? Naturalmente, já conhecem todos, exceto, talvez, o Coronel Mellabye o Major Lomax...

Penelope olhou em volta. Avistou os Springbum, de St. Enedoc, e a Sra. Trubshot, alta e espectral, envolta em chiffon lilás e usando um enorme chapéu com uma fita de veludo e uma fivela. Com ela estava a Srta. Pawson, calçando os inexoráveis sapatos masculinos, com solado de borracha espesso como a roda de um tanque. Avistou o Coronel Trubshot, que monopolizara o desconhecido Coronel Mellabye assim permaneceria, como de hábito, sem dúvida expondo suas opiniões sobre a condução da guerra. O coronel da Marinha Real era bem mais alto do que o Coronel Trubshot, um homem atraente, com um bigode eriçado e cabelo rareando, que precisava inclinar-se ligeiramente, a fim de ouvir o que lhe era dito.

Por sua expressão de polido e atencioso tédio, Penelope adivinhou que não devia ser nada fascinante. Avistou Richard, em pé no lado extremo do aposento, de costas para o jardim. A Srta. Preedy estava com ele. Ela vestia uma blusa húngara bordada e uma saia camponesa pregueada, dando a impressão de estar

prestes a iniciar alguma dança folclórica. Ele lhe tinha dito algo e ela prorrompera em uma enfiada de contidas risadinhas, bandeando a cabeça recatadamente. Richard ergueu os olhos, viu Penelope e enviou-lhe uma levíssima piscadela.

— Penélope! — O General Watson-Grant materializou-se ao seu lado. — Aceita um drinque? Graças a Deus vocês chegaram! Receei que não viessem.

— Sim, nós nos atrasamos. Deixamos o pobre John Tonkins esperando.

— Não importa. Eu estava um pouco ansioso, por causa destes membros da Marinha Real. Pobres coitados, convidados para uma festinha, vendo-se em uma sala cheia de velharias. Eu teria convidado pessoas mais animadas para lhes fazerem companhia, porém não conseguia imaginar nenhuma. Apenas você.

— Se fosse o senhor, eu não me preocuparia. Eles parecem bem satisfeitos.

— Vou apresentá-la.

— Nós já conhecemos o Major Lomax.

— É mesmo? Quando foi que o conheceram?

— Papai esteve conversando com ele na Galeria.

— Parecem excelentes pessoas. — O General apertou os olhos, preocupado em seu papel de anfitrião. — Vou salvar Mellaby. Já teve dez minutos contínuos de Trubshot, o que é suficiente para qualquer homem.

— Deixou-a tão abruptamente como tinha surgido e, abandonada, Penelope foi falar com a Srta. Pawson e ouvir sobre seus extintores de incêndio. A reunião prosseguiu. Durante algum tempo, Richard não a procurou nem a reclamou, porém isto não importava, já que apenas alongava a antecipação de finalmente ver-se ao lado dele, de estar de novo com ele. Como se executassem alguma dança ritual, eles circularam, um nunca estando nas proximidades do outro; permaneciam sorridentes, ouvindo conversas alheias. Por fim, Penelope, se viu junto à porta aberta que dava para o jardim. Ela se virou para largar o copo vazio, mas foi atraída pela vista do jardim do general. O gramado ondulado estava salpicado de claridade dourada, nuvens de mosquitos dançavam à sombra penumbrosa das árvores. O ar parado estava animado pelos arrulhos dos pombos silvestres e adocicado com os aromas de um cálido anoitecer de setembro.

— Olá.

Ele havia parado ao seu lado.

—Olá.

Richard tirou o copo vazio de sua mão.

— Quer outro drinque?

— Não — respondeu ela, balançando a cabeça.

Ele encontrou espaço em uma mesa que suportava o vaso de uma palmeira e ali depositou o copo.

— Passei meia hora de ansiedade, imaginando que vocês talvez não viessem.

— Sempre chegamos atrasados em tudo.

— Ele olhou em volta.

— Estou maravilhado por este ambiente fascinante. Poderíamos estar em Poona...

— Eu devia tê-lo avisado.

— Por que deveria? É simplesmente delicioso.

— Acho que uma estufa de plantas é o mais desejável dos aposentos. Um dia, se chegar a ter minha própria casa, mandarei construir uma. Tão grande, espaçosa e ensolarada como esta.

— E quererá enchê-la de peles de tigres e gongos de bronze?

Ela sorriu.

— Papai costuma dizer que aqui falta apenas o punkah wallah[{14}].

— Ou talvez uma horda de dervixes, irrompendo do matagal, dispostos a matar e destruir. Acha que o tapete foi produto de uma caçada de nosso anfitrião?

— Mais provavelmente, foi a Sra. Watson-Grant o caçador. A sala de estar contém fotos dela usando um espetacular capacete, tendo aos pés a caça abatida.

— Já foi apresentada ao Coronel Mellaby?

— Não. Ele está sendo monopolizado. Não pude aproximar-me dele.

— Venha e eu a apresentarei. Acho que, então, ele dirá que chegou a hora de nos retirarmos. Ele nos levará até o QG no carro oficial, e depois teremos que caminhar. Você se importa?

— Nem um pouco.

— E quanto a seu pai...?

— John Tonkins o levará para casa.

Ele pousou a mão debaixo de seu cotovelo.

— Então, vamos...

Aconteceu como ele previra. Apresentado a Penelope, o Coronel Mellaby manteve uma breve e polida conversa. Depois olhou para seu relógio e anunciou que chegara a hora de partir. Foram feitas as despedidas. Penelope certificou-se de que Lawrence seria levado a Carn Cottage e deu-lhe o beijo de boa-noite. O general conduziu os três à porta, e Penelope recolheu seu xale da poltrona onde o deixara. No exterior, o motorista da Marinha Real guardou apressadamente seu Picture Post, saltou do carro e manteve a porta aberta. O coronel sentou-se na frente, enquanto Penelope e Richard ocupavam o assento traseiro. Afastaram-se solenemente, porém o motorista-marinheiro não era tão tímido como o pobre John Tonkins, de maneira que em pouquíssimo tempo eles chegavam ao velho

Hotel White Caps, onde desceram do carro.

— Vocês dois vão jantar fora? Se quiserem, levem o carro e meu motorista.

— Obrigado, senhor, mas iremos caminhando. É uma linda noite.

— Sem dúvida. Oh, bem, divirtam-se!

O coronel ofereceu-lhes um assentimento paternal, despediu o motorista, deu meia-volta e subiu os degraus da entrada, desaparecendo atrás da porta.

— Vamos indo? — sugeriu Richard.

Era de fato um belo anoitecer, perolado e quieto; o mar calmo estava translúcido, cintilando como o interior de uma concha. O sol já se pusera, porém o amplo firmamento continuava manchado com o róseo de sua partida. Eles caminharam, descendo para a cidade por calçadas vazias e passando por casas comerciais já fechadas.

Havia pouca gente à vista, mas, misturados aos habitantes, havia grupos incertos de Rangers americanos, com o passe de licença sob o cinto e nenhuma forma aparente de se estarem divertindo. Um ou dois haviam encontrado parceiras, risonhas jovens de dezesseis anos, que se penduravam aos seus cotovelos. Outros faziam fila diante do cinema, esperando que abrisse, ou palmilhavam as ruas com suas botas de solado macio em busca de prováveis pubs. Quando percebiam a aproximação de Richard tais grupos tinham o dom de desaparecer misteriosamente de vista.

— Sinto pena deles — disse Penelope.

— Está tudo bem com eles.

— Seria bom se também fossem convidados a festas.

— Não creio que tivessem muito em comum com os convidados do General Watson-Grant.

— Ele estava um pouco constrangido, por ter convidado vocês para uma reunião de gente idosa.

— Foi o que disse? Pois estava muito enganado. Achei todas aquelas pessoas fascinantes!

Isto parecia uma exagerada afirmativa.

— Eu gosto dos Springbum. Ele é fazendeiro em St. Enedoc. E aprecio imensamente os Watson-Grant.

— O que me diz da Srta. Pawson e da Srta. Preedy?

— Oh, elas são lésbicas.

— Foi o que pensei. E quanto aos Trubshot?

— Eles são uma cruz que todos nós carregamos. Ela não é das piores, porém o marido é pura carne-de-pescoço; é chefe da PAA, vive acusando as pessoas de deixarem escapar frestas de luz em suas casas, de modo que são

obrigadas a comparecer ao tribunal e pagar multas.

— Admito que não seja a melhor maneira de conquistar amigos e influenciar pessoas, porém imagino que ele esteja apenas fazendo o seu trabalho.

— Você é muito mais benévolo com ele, do que eu e papai. Uma outra coisa que nunca chegamos a compreender, é por que um homenzinho daqueles casou com uma mulher tão alta. Ele mal lhe chega à cintura.

Richard refletiu nisto.

— Meu pai tinha um amigo baixinho que fez a mesma coisa. Quando meu pai lhe perguntou por que não escolhera uma mulher de sua própria altura, ele disse que, se tivesse feito isso, seriam sempre conhecidos como "aquele casalzinho engraçado". Talvez o Coronel Trubshot tenha escolhido sua esposa pelo mesmo motivo.

— Sim, é possível. Eu nunca havia pensado nisso...

Ela o conduziu à Praia do Norte pela rota mais curta, através de ruelas dos fundos e praças lajeadas, subindo uma ladeira incrivelmente íngreme e então descendo uma aléia serpenteante, tão empinada quanto a subida. Emergindo dali, chegaram à rua encurvada e lajeada que bordejava a costa norte. Uma fileira de compridos chalés caiados tinha a fachada voltada para a baía, o mar e as longas ondas da rebentação.

— Vi esta baía freqüentemente do mar — comentou ele — porém, jamais havia estado aqui...

— Gosto mais desta praia do que da outra. Sempre foi vazia e brava, de certa forma muito mais bonita. Bem, estamos chegando. É aquele chalezinho com o cartaz e as janelas abauladas.

— Quem é Gaston?

— Um francês legítimo, da Bretanha. Costumava pescar nos arredores de Newlyn, em um lagosteiro. Casou com uma moça da Cornualha e, mais tarde, perdeu a perna em um terrível acidente no mar. Depois disso, foi impossível continuar pescando, de maneira que ele e Grace, sua esposa, abriram este lugar, faz quase cinco anos. — Penelope esperava que ele não achasse tudo aquilo um tanto humilde. — Como eu disse, não é muito pomposo.

Ele sorriu, enquanto estendia a mão para abrir a porta.

— Não gosto de lugares pomposos — disse.

Acima deles tilintou uma sineta. Viram-se em um corredor ladrilhado e imediatamente sentiram o cheiro de comida apetitosa, temperada com alho e ervas, ouviram o som da música amortecida. Um alegre acordeão. Paris, nostalgia. Um arco levava ao pequeno refeitório, de vigas no teto e caiado de branco, as mesas arrumadas com toalhas de xadrez vermelho e guardanapos brancos, dobrados. Havia velas e canecas com flores frescas em cada mesa. Em

uma lareira gigantesca, lenhos atirados pelo mar faiscavam e crepitavam.

Duas mesas já estavam ocupadas. Um jovem e pálido tenente-aviador com sua namorada... ou talvez sua esposa... e um casal idoso, parecendo ter escolhido o Gaston's como uma variação para o tédio do Hotel Castle. Não obstante, a melhor mesa, a que ficava perto da janela, permanecia vazia.

Enquanto eles hesitavam, Grace ouvira o toque da sineta e aparecia pela porta de vaivém no fundo da sala, em passos vivos.

— Boa-noite. Major Lomax, não? O senhor reservou uma mesa. Vou colocá-lo ao lado da janela. Imaginei que gostaria da vista e... — Por cima do ombro, ela espiou Penelope. Seu rosto sardento e queimado de sol, sob a massa de cabelos oxigenados, mostrou um sorriso atônito. — Olá! O que está fazendo aqui? Não sabia que você viria!

— É, acho que não sabia. Como vai, Grace?

— Muitíssimo bem. Trabalhando duro como sempre, é claro, mas não vamos falar nisso. Trouxe seu pai?

— Não. Não esta noite.

— Oh, bem, é interessante sair sem ele de vez em quando, para variar.

Os olhos dela se viraram para Richard, com algum interesse.

— Você ainda não conhece o Major Lomax.

— É um prazer conhecê-lo. E agora, onde querem sentar-se? Contemplando a vista? Terão tempo suficiente para apreciá-la, embora logo tenhamos que fazer o lamentável black-out. Certamente vão querer algo para beber. Depois, então, trarei o cardápio e farão sua escolha.

— O que poderemos beber?

— Não muita coisa... — Ela franziu o nariz. — Temos algum sherry, mas é sul-africano e com gosto de uvas-passas. — Inclinando-se diante de Richard, ela fingiu arrumar seus talheres. — Gostaria de vinho? — sussurrou em seu ouvido. — Sempre reservamos uma ou duas garrafas para o Sr. Stern, quando vem cá. Tenho certeza de que ele não objetaria, se eu lhe servisse uma delas.

— Oh, mas é esplêndido!

— Bem, não faça muitas demonstrações a respeito, por favor. Há outros por perto. Farei com que Gaston o decante e, desta maneira, ninguém verá o rótulo.

Grace deu uma forte piscadela para ele, entregou o cardápio e os deixou fazendo a escolha. Depois que ela se foi, Richard recostou-se na cadeira, parecendo admirado.

— Que tratamento! Isto sempre acontece?

— Geralmente. Gaston e papai são amicíssimos. Ele nunca sai da cozinha, mas quando papai está aqui e os outros clientes se vão, emerge com uma garrafa

de conhaque. Então, os dois ficam conversando e bebendo até altas horas, enquanto endireitam o mundo. A música foi idéia de Grace. Ela diz que o ambiente é acanhado e, assim, a música impede que uns ouçam a conversa dos outros. Sei bem o que ela pretendia. No refeitório do Castle, ouvem-se apenas sussurros e talheres roçando os pratos. Prefiro a música. Dá a sensação de estarmos em um filme.

— Você gosta disso?

— Cria uma ilusão.

— E quanto ao cinema?

— Adoro! Eu e Doris vamos duas vezes por semana, em certas ocasiões, quando chega o inverno. Nunca perdemos um filme novo. Nessas épocas, não há grande coisa para se fazer em Porthkerris.

— Antes da guerra era diferente?

— Oh, sem dúvida, tudo era diferente! Por outro lado, nunca ficávamos aqui no inverno, sempre estávamos em Londres. Tínhamos uma casa na Rua Oakley. Ainda a temos, porém não vamos mais para lá. — Ela suspirou. — Compreenda, uma das coisas que mais odeio. Desta guerra é ficar enfiada em um lugar. Já é difícil sair-se de Porthkerris, com apenas um ônibus diário e nenhuma gasolina para o carro. Creio ser o preço que pagamos, quando somos criados para uma vida nômade. Papai e Sophie nunca ficaram muito tempo em um só lugar. Sem qualquer justificativa, de uma hora para outra, arrumávamos as malas e partíamos, para a França ou a Itália. Isto tornava a vida maravilhosamente excitante.

— Você foi filha única?

— Sim. E muito mimada.

— Não consigo acreditar.

— É verdade. Sempre convivi com gente crescida e era tratada como adulta. Meus melhores amigos eram os amigos de meus pais. Entretanto, não parece tão estranho, se pensarmos no quanto minha mãe era jovem. Na verdade, era mais como uma irmã para mim.

— Além de muito bonita.

— Oh, está pensando no retrato dela... Sim, Sophie era encantadora. Entretanto, mais do que isso, era cordial, divertida e amorosa. Furiosa em um momento, dando risadas no outro. Conseguia transformar qualquer lugar em um lar. Irradiava uma espécie de segurança. Não conheço ninguém que não a amasse. Ainda penso nela, todos os dias de minha vida. Há vezes em que parece estar morta, mas, em outras, fico achando que deve estar em qualquer lugar da casa, que uma porta se abrirá e ela estará ali. Somos tremendamente auto-suficientes -egoístas, imagino. Nunca quisemos outras pessoas, nunca

precisamos delas. No entanto, quando reflito nisto, recordo que nossas casas viviam cheias de visitas, muitas vezes conhecidos casuais que, simplesmente, não tinham outro lugar qualquer para ficar. Havia amigos também. E parentes. Tia Ethel e os Clifford costumavam vir todos os verões.

— Tia Ethel?

— É a irmã de papai. Uma personalidade, tão aloucada quanto o chapeleiro de Alice. Entretanto, há anos que não vem a Carn Cottage, em parte porque Doris e Nancy apoderaram-se de seu quarto, mas também porque ela se mudou de Londres, foi morar na zona rural de Gales, com alguns amigos do peito, que criam cabras e fazem tecelagem manual. Pode rir, mas é verdade. Ele sempre teve os amigos mais excêntricos.

— E os Clifford? — perguntou ele, querendo ouvir mais.

— Aqui cessa a graça. Os Clifford não vêm, porque estão mortos. Foram mortos pela mesma bomba que matou Sophie...

— Sinto muito. Não sabia disso.

— Por que saberia? Eram os mais queridos amigos de papai. Dividiam a casa da Rua Oakley conosco. Quando tudo aconteceu, quando ele ouviu a notícia pelo telefone, mudou da água para o vinho. Ficou muito velho. Foi de repente. Diante dos meus olhos.

— Seu pai é um homem fantástico.

— Ele é muito forte.

— Solitário?

— Sim, mas creio que a maioria das pessoas idosas é solitária.

— Ele tem muita sorte em contar com você.

— Eu jamais o deixarei, Richard.

Foram interrompidos pela chegada de Grace, que irrompia das portas de vaivém com dois jarros para água, contendo vinho branco.

— Aqui estamos. — Ela depositou os dois jarros na mesa, com outra significativa piscadela, cuidadosamente escondida à os olhos dos demais clientes. — E agora, lamento, mas está ficando escuro e tenho que fazer o black-out. -Ela manejou destramente camadas de cortinas, enfiando-as com força nas laterais, a fim de que nenhum raio de luz se infiltrasse. — Já decidiram o que vão comer?

— Nem mesmo lemos o cardápio. O que nos recomendaria?

— A sopa de mexilhões e depois a torta de peixe. A carne está imprestável esta semana. Dura como sola, mais parecendo cerdas de escova.

— Muito bem, ficamos com o peixe.

— E que tal um gostoso brócolis fresco e feijões verdes? O sabor é excelente. Ficariam prontos em um momento.

Ela saiu, retirando pratos vazios das outras mesas, enquanto Richard servia o vinho. Ergueu o copo.

— Saúde! — brindou.

— Santé!

O vinho era leve, fresco e delicioso. Tinha um sabor da França, de outros verões, outras épocas. Penelope pousou seu copo na mesa.

— Papai aprovaria este.

— Muito bem, conte-me mais.

— Sobre o quê? Tia Ethel e suas cabras?

— Não. Sobre você.

— É enfadonho.

— Não acho. Fale-me sobre sua passagem nas Wrens.

— É a última coisa que eu gostaria de comentar.

— Não gostou?

— Odiei cada momento.

— Então, por que se alistou?

— Oh, por um impulso idiota. Estávamos em Londres e... aconteceu uma coisa...

Ele esperou.

— O que aconteceu? — quis saber.

Penelope encarou-o. Depois disse:

— Vai pensar que sou uma tola.

— Duvido que isso aconteça.

— É uma longa história.

— Temos tempo de sobra.

Ela então, respirando fundo, começou a contar. Iniciou o relato com Peter e Elizabeth Clifford, e chegou à noite em que ela e Sophie tinham subido ao apartamento dos amigos para um café, e lá conheceram os Friedmarm.

— Eram muito jovens, refugiados de Munique. Judeus. — Do outro lado da mesa. Richard ouvia, com os olhos fixos nela, impassível. Penelope viu-se falando coisas que jamais se animaria a contar para Ambrose. — Então, Willi Friedmarm começou a falar sobre o que estava acontecendo com os judeus na Alemanha nazista. Era aquilo que os Clifford vinham tentando dizer ao mundo durante anos sem que ninguém quisesse ouvir. Para mim isso tornava a guerra uma coisa pessoal. Horrorizante. Aterradora, mas pessoal. Assim, no dia seguinte saí e fui ao primeiro posto de recrutamento que encontrei, alistando-me nas Wrens. Fim da história. Na realidade, patético.

— Patético? De maneira nenhuma!

— Bem, nada haveria de patético se, quase imediatamente, eu não me

arrependesse de minha atitude. Sentia saudades de casa, não fazia amizade com ninguém e odiava ter de viver com um bando de estranhas.

Richard se mostrou compreensivo.

— Você não seria a única a se sentir assim. Para onde a designaram?

— Para Whale Island. Para a Real Escola de Artilharia Naval.

— Foi onde conheceu seu marido?

— Foi. — Ela baixou os olhos, pegou o garfo e, com seus dentes, começou a desenhar riscos cruzados na toalha xadrez da mesa.

— Ele era um subtenente, fazendo o curso.

— Como se chamava?

— Ambrose Keeling. Por que pergunta?

— Pensei que talvez pudesse tê-lo conhecido. Não conheci.

— Não acredito que pudesse conhecê-lo — replicou ela, friamente. — Ele é muito mais novo do que você. Oh, bem... — Ela ergueu a voz, aliviada. — Aí vem Grace com a nossa sopa. — Acrescentou, rapidamente: — Só agora percebi a fome que sinto!

Assim, Richard pensaria que ficara aliviada com a chegada da sopa e não por haver bons motivos para interromper o comentário sobre Ambrose.

Eram onze da noite, quando finalmente saíram do restaurante, caminhando de volta para casa em alamedas escuras de casas com janelas trancadas, depois subindo a colina. O frio aumentara bastante, e Penelope aconchegou-se no xale de Sophie, grata por seu perfumado conforto. Muito acima, as nuvens corriam por um céu salpicado de estrelas e, enquanto eles subiam, deixando para trás e bem abaixo as torcidas ruas de Doumalong, o vento se fez sentir, fresco e forte, soprando do Atlântico.

Por fim, chegaram à Garagem de Grabney e à última colina. Penelope fez uma pausa para afastar o cabelo do rosto e firmar o xale mais seguramente em volta dos ombros.

— Eu sinto muito — disse ele.

— O quê?

— Toda esta caminhada. Devia ter chamado um táxi.

— Não estou cansada. Já me acostumei a andar. Faço isso duas ou três vezes ao dia.

Ele lhe tomou o braço, entrelaçando os dedos nos dela, e recomeçaram a caminhar.

— Vou ficar bastante ocupado nos próximos dez dias — explicou — mas, havendo oportunidade, talvez passe em sua casa para vê-la. E jogar gamão novamente.

— Apareça quando quiser — disse ela. — É só chegar. Papai adoraria

tornar a vê-lo. E sempre há alguma coisa na mesa para se comer, nem que seja apenas sopa e pão!

— É muita gentileza sua.

— De maneira nenhuma. Você é que tem sido gentil. Há anos não tenho uma noite tão boa... Já tinha esquecido como era ser convidada para jantar fora.

— E após quatro anos de vida militar, eu já havia esquecido como é estar em outro lugar que não uma cantina de oficiais, com um bando, de homens que só sabem falar sobre seu serviço. Assim, talvez estejamos nos prestando uma gentileza mútua.

— Haviam chegado ao muro, ao por tão alto. Ela parou e se virou para ele.

— Quer entrar para uma xícara de café?

— Não. Tenho que ir andando. Vou começar muito cedo amanhã.

— Pois é como falei, Richard. Venha quando quiser.

— Eu virei — disse ele. Pousou as mãos nos ombros dela e inclinou-se para beijar-lhe o rosto. — Boa-noite.

Ela cruzou o portão, atravessou o jardim e entrou na casa adormecida. Em seu quarto, parou diante do toucador e contemplou a jovem de olhos escuros refletida no espelho comprido. Afrouxou o nó do xale e o deixou cair no chão, a seus pés. Lentamente, foi desabotoando os botões de seu vestido vermelho com estamparia de margaridas, mas então parou e inclinou-se para a frente, a fim de examinar seu rosto. Com dedos leves, tocou a face que ele beijara. Viu-se enrubescendo, viu a coloração rósea invadir-lhe o rosto. Rindo de si mesma, ela se despiu, apagou as luzes, puxou as cortinas para trás e se deitou. Ficou espichada na cama com olhos abertos, contemplando o céu escuro além da janela escancarada, ouvindo o murmúrio do mar, sentindo as batidas de seu coração; mentalmente, repassou cada palavra que ele havia dito durante as últimas horas.

Richard Lomax foi fiel à sua promessa. Nas semanas seguintes, ele ia e vinha, e suas chegadas ao acaso, inesperadas e sem anunciar, logo se tornaram inteiramente uma certeza para os ocupantes de Carn Cottage. Inclinado à melancolia, no início de outro longo inverno preso em casa, Lawrence alegrava-se assim que ouvia a voz de Richard. Doris já decidira que ele era encantador, e o fato de ele estar sempre disposto a jogar futebol com seus filhos ou ajudá-los a consertar as bicicletas, em nada esfriava seu entusiasmo. Ronald e Clark, a princípio um tanto acanhados diante de tão respeitável figura, logo perderam todas as inibições, chamavam-no pelo primeiro nome e faziam perguntas intermináveis sobre em quantas batalhas tomara parte, se já saltara de pára-quedas de um avião e quantos alemães tinha abatido. Ernie gostava dele por achá-lo despretensioso, sempre disposto a sujar as mãos e, sem lhe pedirem, serrar, cortar e empilhar uma gigantesca montanha de toras para o fogo. Até

Nancy finalmente entregou os pontos e, certo entardecer, quando Doris havia saído e Penelope se ocupava da cozinha, permitiu que Richard a levasse para o andar de cima e lhe desse um banho.

Para Penelope, aquela foi uma época extraordinária — uma época de redespertar, como se, até onde pudesse recordar, tivesse estado viva apenas a meio. Agora, dia a dia, sua visão interior clareava, e suas percepções eram aguçadas por uma nova conscientização. Uma manifestação disto era o súbito significado das canções populares. Na cozinha de Carn Cottage havia um rádio que raramente ficava desligado, porque Doris apreciava sua companhia. Colocado a um canto do aparador, ele irradiava Workers Playtime, a hora de lazer do trabalhador, tornava públicos boletins noticiosos, falava e cantava para si mesmo, para o mundo inteiro ouvir, como algum parente lunático, ouvido, mas não seguido. Uma manhã, no entanto, enquanto descascava cenouras na pia, Penelope ouviu Judy Garland cantar.

Parece que antes já nos falamos assim,
Que então, do mesmo jeito, olhamos um para o outro,
Mas não sei recordar onde nem quando.
As roupas que estás usando são aquelas que usavas,
O sorriso que sorris, então sorrias também...

Doris irrompeu na cozinha.

— O que há de errado com você?

— Hum?

— Parada aí diante da pia, com uma faca na mão e uma cenoura na outra, espiando pela janela... Está se sentindo bem?

Havia outros exemplos, menos banais, de sua acentuada sensibilidade. A perspectiva mais rotineira a fazia parar e ficar olhando fixamente. As últimas folhas caíram das árvores, e os galhos nus formaram rendilhados contra o céu pálido. O sol, depois da chuva, tomava as ruas lajeadas azuis como escamas de peixe, ofuscando a vista. Os ventos de outono, fustigando a baía em um torvelinho de ondas coroadas de espuma branca, traziam com eles não o frio, mas um crescente senso de vitalidade. Ela se sentia impregnada de energia física, atirava-se a tarefas que levara meses adiando, polia talheres e pratas, trabalhava no jardim e, nos fins de semana, reunia as crianças e as levava em caminhadas homéricas, subindo à charneca e descendo até os penhascos além da Praia do Norte. O melhor, porém, e talvez mais estranho de tudo, era que não mergulhava em ansiosa especulação se Richard não aparecia durante vários dias. Penelope sabia que cedo ou tarde ele estaria lá, trazendo consigo a mesma aura de proximidade e familiaridade que percebera tão instantaneamente, na ocasião da primeira visita dele. Então, quando ele chegava, era como uma dádiva

maravilhosa, um bônus de alegria.

Tentando analisar, encontrar um motivo para sua tranqüila aceitação da situação, ela descobriu que nada havia de efêmero, fosse em seu relacionamento com Richard Lomax ou na rara e nova qualidade de seus dias. Pelo contrário sentia — se cônscia apenas de uma espécie de intemporalidade, como se aquilo tudo fizesse parte de um plano, de um desígnio predestinado, concebido no dia de seu nascimento. O que lhe acontecia agora estava predeterminado para acontecer, ia continuar acontecendo. Sem qualquer início discernível, parecia impossível que um dia tivesse fim.

— ...havia um dia, em meados de cada verão, chamado Dia da Visitação. Todos os artistas limpavam seus estúdios... e alguns deles precisavam realmente de uma limpeza em regra... e expunham seu trabalho e suas telas inacabadas. Então surgia o público em geral, visitando, indo de um estúdio para outro, inspecionando, às vezes comprando. Claro que alguns visitantes simplesmente faziam aquela ronda por curiosidade... era como se bisbilhotassem casas alheias... porém também surgiam muitos compradores autênticos. Como falei, alguns estúdios eram encardidos e básicos, mesmo naquele tempo, mas Sophie sempre fazia uma tremenda faxina da primavera no de papai, enchia-o de flores, distribuía biscoitos amanteigados e copos de vinho aos visitantes. Ela dizia que uma gentileza ajudava nas vendas...

Estavam agora em fins de outubro, era domingo, a tarde mal começara. Em suas visitas esporádicas a Carn Cottage, Richard insistira várias vezes no desejo de visitar o estúdio de Lawrence Stern mas, fosse como fosse, não surgira ainda a oportunidade para tanto. Neste domingo, contudo, ele estava de folga e, impulsivamente, Penelope abandonou outros planos, a fim de levá-lo ao estúdio. Agora, estavam indo para lá, caminhando como sempre e, no bolso de seu cardigã, pesava a grande e antiga chave da porta.

O tempo era frio e fresco, o vento oeste soprava rajadas ensolaradas e sombras através do mar, as nuvens baixas se formavam e dispersavam-se, revelando vislumbres de um céu muito azul. A rua do porto estava quase deserta, os poucos veranistas há muito tendo partido. Todas as lojas tinham as portas fechadas, e os moradores, sendo metodistas que guardavam o sétimo dia, ficavam entregues a si mesmos, dormindo após os ajantarados domingueiros ou talvez cuidando de jardins escondidos.

— Ainda há telas de seu pai no estúdio?

— Céus, não! Bem, talvez apenas alguns esboços ou telas inacabadas, nada mais. Quando trabalhava, ele gostava se vendia tudo quanto produzia, às vezes com a tinta ainda secando. Era o nosso sustento, compreenda. Ele vendeu tudo, exceto “Os catadores de conchas”. Este jamais foi exposto. Por algum

motivo, era um quadro muito pessoal, que ele nunca pensou em vender.

Eles haviam saído da rua do porto e agora subiam para o confuso labirinto de ruelas e aléias que ficava mais além.

— Fiz este mesmo trajeto — prosseguiu ela — no dia em que foi declarada a guerra. Vinha buscar papai, levá-lo para almoçar em casa. Quando o relógio da igreja bateu onze horas, todas as gaivotas encarapitadas na torre debandaram, voando pelo céu.

Eles dobraram a última esquina, e a Praia do Norte revelou-se. Como sempre, a força do vento chegou como um choque, fazendo com que vacilassem um segundo, recuperando o fôlego, antes de continuar descendo pela sinuosa alameda que levava ao estúdio.

Penelope enfiou a chave na porta maciça e a girou. A porta se abriu, ela entrou e foi imediatamente tomada de vergonha, porque há meses não estivera ali, e o enorme recinto ventilado apresentava uma imediata impressão de desmazelo e negligência. O ar era frio, mas, mesmo assim, confinado; tudo cheirava a terebintina, fumaça de lenha, alcatrão e mofo. A fria claridade do norte, penetrando em jorros pelas janelas altas, retratava em cruéis detalhes a dilapidação e a desordem gerais.

Atrás dela, Richard fechou a porta.

— Que confusão! — suspirou ela, desanimada. — E está úmido aqui dentro...

Cruzou o piso, puxou o fecho da janela e, com alguma dificuldade, forçou-a a abrir-se. O vento penetrou como uma inundação de água gelada. Ela viu a praia deserta, a maré muito baixa, a linha das ondas, esfumando-se em nevoenta espuma.

Richard chegou ao seu lado. Disse, com certa satisfação:

— “Os catadores de conchas...”

— Exatamente. Foi pintado desta janela. — Ela se virou, para supervisionar o ambiente do estúdio. — Sophie teria um ataque, se visse o estúdio de papai desse jeito!

O piso, assim como cada superfície horizontal, estava cobertos por uma fina camada de areia. Sobre uma mesa havia uma pilha de revistas muito manuseadas, um cinzeiro por esvaziar, uma toalha de banho esquecida. A cortina de veludo, que fazia fundo para a cadeira do modelo, estava desbotada e empoeirada. Na lareira diante da estufa bojuda e antiquada amontoava-se uma boa quantidade de cinzas. Mais além, dois divãs estavam dispostos no ângulo da parede, cobertos de mantas listradas e salpicados de almofadas. Estas, no entanto, estavam flácidas, e um camundongo aventureiro estivera em uma delas, tendo feito um buraco no canto e deixado uma trilha de recheio.

Mal sabendo por onde começar. Penelope tentou remediar um pouco a situação. Encontrou um velho saco de papel, dentro do qual esvaziou a almofada furada e o conteúdo do cinzeiro. Colocou o saco a um lado, para mais tarde ser depositado na lata de lixo mais próxima. Jogou as outras almofadas ao chão desnudou os divãs e levou as mantas até a janela aberta, onde foram vigorosamente sacudidas no ar fresco e frio. Excrementos de camundongos e pedacinhos de recheio foram levados pelo vento. Depois que mantas e almofadas — estas sacudidas e afofadas — foram recolocadas, o ambiente logo pareceu ficar um pouco melhor.

Enquanto isso e aparentemente pouco ligando para a desordem, Richard vistoriava, espiava tudo, fascinado pelas pistas e indicadores da vida inteira de outro homem, eventos dignos de serem recordados e objets trouvés, dos quais ali havia uma profusão. Conchas, seixos marinhos e pedaços de madeira trazidos pelo mar, colecionados e preservados por sua cor e formato; fotografias pregadas com percevejos às paredes; o molde em gesso de uma mão; uma caneca de cerâmica cheia de penas de aves marinhas e relvas secas, frágeis como poeira. Os cavaletes de Lawrence, montes de telas e cadernos de esboços, mostrando as marcas do tempo; as bandejas de tubos de tinta com o conteúdo ressequido; as velhas paletas e potes repletos de pincéis, manchados com o vermelhão, ocre, cobalto e siena queimada que ele adorava usar.

— Há quanto tempo seu pai deixou de trabalhar?

— Oh, anos...

— No entanto, tudo isto continua aqui!

— Ele jamais atiraria alguma coisa fora, e eu não teria coragem para isso.

Richard parou diante da estufa bojuda.

— Por que não acendermos o fogo? Isto ajudaria a secar o lugar, não acha?

— Sem dúvida, mas não tenho fósforos.

— Eu tenho.

Ele se agachou, abriu cautelosamente as portas da estufa e espalhou as cinzas da lareira, com a extremidade de um atiçador.

— Há um bocado de papel de jornal aqui — anunciou — além de alguns gravetos e madeira recolhida na praia.

— E se alguma gralha fez ninho na chaminé?

— Se fez, logo saberemos.

Endireitando-se, ele tirou a boina verde, jogou-a para um lado e desabotoou o blusão de campanha. Enrolando as mangas, meteu mãos à obra.

Enquanto Richard limpava as cinzas e fazia pequenas torcidas com retalhos de jornal, Penelope desencavou uma vassoura de trás de uma pilha de pranchas de natação e começou a varrer a areia das mesas e pisos. Encontrou

uma folha de papelão, recolheu a areia nela e esvaziou tudo pela janela. A praia não estava mais deserta. À distância, brotando de algum lugar, surgiram duas figuras diminutas. Um homem e uma mulher, acompanhados de um cão. O homem atirava um pedaço de pau, e o cão corria nas ondas para recuperá-lo. Ela estremeceu. O ar estava frio. Fechou metade da janela e aferrolhou-a. Nada mais havendo para ser feito, enrodilhou-se no canto do divã, como fazia em criança, no sonolento final de um longo e ensolarado dia de natação e brincadeira recostada ao lado de Sophie para ler um livro ou ouvir uma história.

Agora, espiava Richard, e havia aquela mesma sensação de paz e segurança. De algum modo, ele conseguiu acender o fogo. Gravetos estalaram e crepitaram. Uma chama brotou. Ele a alimentou com um pouco de madeira, cautelosamente. Ela sorriu, porque ele lhe parecia tão concentrado como um colegial, acendendo uma fogueira de acampamento. Erguendo os olhos ele notou o sorriso.

— Você já foi escoteiro? — perguntou ela.

— Fui. Aprendi a dar nós e fazer uma padiola, usando dois pedaços compridos de madeira e uma capa de chuva.

Ajeitou na lareira um ou dois troncos, e a madeira ressequida imediatamente pegou fogo. Ele fechou as portas da estufa, ajustou o registro da chaminé e se levantou, limpando as mãos nos fundilhos da calça.

— Pronto, está aceso!

— Se tivéssemos um pouco de chá e leite, poderíamos ferver uma chaleira, para uma xícara quente de chá.

— É como dizer que, se tivéssemos bacon, poderíamos preparar bacon com ovos, se tivéssemos ovos. — Puxando uma banqueta, ele se sentou diante dela. Havia uma mancha de fuligem em sua face direita, porém Penelope não lhe falou sobre isso. -É o que vocês costumavam fazer? Preparavam chá aqui?

— Sim, depois de nadarmos. Não há nada melhor, quando se está com o corpo enregelado e tiritando. Aliás, sempre havia biscoitos de gengibre para molhar no chá. Em alguns anos, quando havia temporais durante o inverno, a areia chegava até a janela, em dunas enormes. Em outros anos, no entanto, era como hoje, uma descida de seis metros, obrigando-nos a usar uma escada de corda para chegar à praia. — Ela rearranjou as pernas, acomodou-se mais confortavelmente entre as almofadas. — Nada como a nostalgia... Sou como uma velha, não? Pareço falar o tempo todo sobre como eram as coisas. Você deve achar isso extremamente tedioso.

— Nada é tedioso, de maneira alguma. Às vezes, no entanto, fico com a impressão de que sua vida terminou no dia em que estourou a guerra. E isso está errado, porque você é muito jovem.

— Estou com vinte e quatro anos. — Ela emendou: — Recém-feitos.

Ele sorriu.

— Quando foi o seu aniversário?

— O mês passado. Você não estava lá.

— Setembro. — Ele pensou nisto por um momento, depois assentiu, com ar satisfeito. — Sim. Tem razão. Isso se ajusta.

— O que quer dizer?

— Já leu Louis MacNeice?

— Nunca ouvi falar nele.

— É um poeta irlandês. O melhor. Vou apresentá-lo agora a você, recitando de cor e, provavelmente, deixando-a muito embaraçada.

— Não fico embaraçada com facilidade.

Ele riu. Sem mais rodeios, começou:

"Setembro chegou, e é dela,
Cuja vitalidade salta para o outono,
Cuja natureza prefere
Árvores sem folhas e um fogo na lareira.
Assim, eu lhe dei este mês e o seguinte,
Embora meu ano inteiro devesse ser dela, que já tornou
Intoleráveis ou perplexos tantos de seus dias,
Mas tantos tão felizes.
Ela que deixou um perfume em minha vida,
Que deixou minhas paredes sempre dançando com sua sombra,
Cujos cabelos se entrançam nas minhas cataratas
E toda Londres, alastrada de beijos recordados.

Um poema de amor. Inesperadamente, um poema de amor. Ela não ficou embaraçada, mas profundamente comovida. As palavras ditas na voz tranqüila de Richard, despertaram um jorro de emoções, mas também de tristeza. E toda Londres, alastrada de beijos recordados. Ela pensou em Ambrose e na noite em que tinham ido ao teatro, jantado fora e retornado à casa da Rua Oakley. Entretanto, as recordações eram insossas e descoloridas, em nada espicaçavam seus sentidos, como tinham feito as palavras do poema. Enfim, para dizer-se o mínimo, isso era algo deprimente.

— Penelope.

— Hum...?

— Por que nunca fala em seu marido?

Ela ergueu o rosto bruscamente, por um terrível instante imaginando que

estivera pensando alto.

— Você quer que eu fale sobre ele?

— Não particularmente. No entanto, seria natural. Conheço vocês... deixe-me ver... há quase dois meses e, durante todo esse tempo, você nunca falou nele espontaneamente e nem mencionou seu nome. Digo o mesmo sobre seu pai. Sempre que nos aproximamos do assunto, mesmo remotamente, a conversa muda de rumo.

— O motivo é muito simples. Ambrose o aborrece. Ambrose também aborrecia Sophie. Eles nada tinham em comum. Nada para dizer um ao outro.

— E você?

Ela soube que teria de ser sincera não apenas com Richard, mas também consigo mesma.

— Não falo nele porque é algo de que não me sinto muito orgulhosa. Não me saí muito bem nisso.

— Seja o que quer que isto signifique, acha que eu pensaria mal de você?

— Oh, Richard, não tenho a menor idéia do que você pensaria!

— Experimente.

Ela deu de ombros, como se não encontrasse palavras.

— Casei com ele.

— Você o amava?

Mais uma vez, ela se forçou a ser verdadeira.

— Não sei. Entretanto, ele era atraente e gentil, foi o primeiro amigo que fiz após meu alistamento e ao ser enviada para Whale Island. Nunca havia tido um... — Ela hesitou, buscando a palavra correta, porém o que mais dizer, exceto namorado? — Eu nunca havia tido um namorado antes, qualquer tipo de relacionamento com um homem de minha idade. Ele era uma boa companhia, gostava de mim, tudo era novo e diferente.

— Isso foi tudo?

Richard não parecia nem um pouco perplexo, após esta explanação tão truncada.

— Não. Houve outro motivo. Fiquei grávida de Nancy. — Ela forçou um sorriso. — Isso o deixa chocado?

— Pelo amor de Deus, não me chocou em absoluto!

— Você pareceu chocado.

— Apenas porque, de fato, você casou com o homem.

— Eu não precisava casar com ele. — Era importante assegurar-lhe isto pois, do contrário, Richard estaria representando Lawrence com uma arma e Sophie em lágrimas de recriminação. — Papai e Sophie jamais fizeram questão disso. Eles eram as almas livres originais. As convenções sociais normais nada

representavam para eles. Eu estava de folga, quando lhes contei sobre a vinda do bebê. Em circunstâncias normais, poderia simplesmente ficar em casa e ter Nancy, sem que Ambrose tomasse qualquer conhecimento do fato. No entanto, eu continuava nas Wrens, Minha folga terminou e precisei voltar a Portsmouth e, naturalmente, tinha de ver Ambrose de novo. Tive que falar a ele sobre o bebê. Era a atitude mais justa. Disse-lhe que não tinha qualquer obrigação de casar comigo... mas... — Ela hesitou, achando impossível recordar exatamente o que acontecera. — Na verdade... após acostumado à idéia, ele pareceu pensar que nos devíamos casar. Confesso que fiquei emocionada, porque não esperara dele semelhante decisão. Assim, uma vez decididos, não havia tempo a perder, porque ele já terminara seus cursos e estava prestes a ser enviado ao mar. Marcamos a data, e foi só. O Cartório de Registros em Chelsea, em uma bela manhã de maio.

— Seus pais já o tinham conhecido?

— Não, e tampouco foram ao casamento, porque papai adoeceu com bronquite. Assim, só o ficaram conhecendo meses mais tarde, quando ele teve uma folga de fim de semana e veio a Carn Cottage. E, no momento em que entrou em casa, percebi que estava tudo errado. Aquele havia sido o mais terrível, mais horrível erro. Ele não pertencia a nós. Não pertencia a mim. E eu me portei pessimamente com ele. Estava enorme com a gravidez, entediada e irritável. Nem mesmo procurei tomar a permanência dele agradável. Isto é algo de que me envergonho. Fiquei envergonhada, porque sempre me considerei madura e inteligente, mas acabara tomando a decisão mais tola que uma mulher poderia tomar.

— Refere-se ao casamento?

— Exato. Admita, Richard, você jamais faria algo tão tolo!

— Não tenha tanta certeza. Estive bem perto disso três ou quatro vezes, mas, no último momento, o bom-senso sempre me fez ver claro.

— Então, sabia que não estava apaixonado que um casamento não era o certo para você?

— Em parte. Também em parte porque, nestes últimos dez anos, eu já sabia que esta guerra se aproximava. Estou com trinta e dois anos agora. Tinha vinte e dois, quando Hitler e o Partido Nazista entraram em cena. Tive um grande amigo na Universidade, Claus von Reidorp. Era bolsista em Oxford e aluno brilhante. Não era judeu, mas membro de uma das antigas famílias germânicas. Conversávamos muito sobre o que estava acontecendo em sua pátria, já então, ele tinha lúgubres pressentimentos. Certo verão fui à Áustria fazer alpinismo no Tirol e pude sentir a temperatura pessoalmente, ver a escrita na parede. Seus amigos, os Clifford, não foram os únicos a perceber que

teríamos tempos horrendos pela frente.

— O que aconteceu a seu amigo?

— Não sei. Ele voltou para a Alemanha. Durante algum tempo, trocamos correspondência, mas depois as cartas cessaram. Ele simplesmente desapareceu de minha vida. A esta altura, imagino que certamente esteja morto.

— Odeio esta guerra — disse ela. — Odeio-a tanto quanto qualquer um. Quero vê-la terminada, para que cessem as matanças, os bombardeios e as batalhas. No entanto, receio também o seu fim. Papai está cada vez mais idoso, não terá vida para muito tempo. Sem ele para cuidar e sem uma guerra, não terei alternativa senão voltar para meu marido. Vejo-me vivendo, juntamente com Nancy, em alguma horrível casinha em Alverstoke ou Keyham, uma perspectiva que me enche de terror.

A admissão fora feita. As palavras ficaram suspensas no silêncio entre eles. Penelope suspeitou de desaprovação e, mais do que tudo, precisava de reafirmação. Um tanto angustiada, virou-se para ele.

— Você me odeia por ser tão egoísta?

—Não. — Inclinando-se para diante, Richard pousou a mão na palma dela, virada para cima sobre a manta listrada. — É exatamente o contrário.

A mão de Penelope estava gelada, mas o toque da dele era quente. Fechou os dedos em torno do pulso de Richard, necessitando daquele calor, desejando que se espraiasse a cada parte de seu ser. Instintivamente, ergueu a mão dele e a pressionou contra o rosto. Então os dois falaram, precisamente no mesmo momento:

— Amo você.

Ela ergueu o rosto, fitou-o nos olhos. Havia sido dito. Havia sido feito. Jamais poderia ser desdito ou desfeito.

— Oh, Richard!

— Amo você — repetiu ele. — Acho que a amei desde o primeiro momento em que a vi, parada com seu pai no outro lado da rua, com seus cabelos esvoaçando ao vento, parecendo alguma cigana fascinante.

— Eu não sabia... Sinceramente, não sabia...

— Desde o começo sabia que era casada, porém isto não fazia a menor diferença. Eu não conseguia tirá-la do pensamento. Aliás, nem mesmo tentei. E quando me convidou para ir a Carn Cottage, pensei que fosse por causa de seu pai, porque ele apreciava minha companhia e os jogos de gamão. Então fui, depois voltei a vê-lo, naturalmente, mas também porque, estando com ele, sabia que você andaria por perto. Cercada de crianças e incessantemente ocupada, mas ali, nada mais importava.

— Para mim, também nada mais importava. Nem tentei analisar o que

acontecia. Sabia apenas que tudo mudava de cor, quando você atravessava aquela porta. Era como se sempre o tivesse conhecido. Como se o melhor de tudo, no passado e no futuro, estivesse acontecendo ao mesmo tempo. Entretanto, não ousava chamar a isto de amor...

Richard agora estava ao lado dela, não mais a um metro de distância, mas bem junto, abraçando-a, mantendo-a tão apertada contra si, que ela podia ouvir-lhe as batidas fortes do coração. Penelope apertava o rosto contra o ombro dele, sentia os dedos que se introduziam e envolviam-se em seus cabelos.

— Oh, minha querida, minha garotinha querida...

Ela afastou o rosto, ergueu os olhos para ele e se beijaram, como apaixonados que haviam levado anos separados. E era como voltar para casa, ouvir uma porta sendo fechada e saber-se em segurança com o mundo intruso fechado lá fora e nada, ninguém intrometendo-se entre ela e a única pessoa no mundo com quem desejaria estar. Penelope se deitou de costas, os cabelos escuros espalhados sobre as velhas e desbotadas almofadas.

— Oh, Richard... — Era um sussurro, porque não se sentia capaz de mais do que isso. — Eu nunca soube... nunca imaginei que pudesse sentir-me assim... que pudesse ser assim...

Ele sorriu.

— Pode ser ainda melhor.

Olhando-o de frente, ela soube o que ele dizia como soube que nada mais desejava. Começou a rir, e a boca de Richard desceu sobre seus lábios ainda entreabertos no riso, e as palavras, por mais doces que fossem, imediatamente se tornaram inúteis e não mais suficientes.

O velho estúdio não desconhecia o amor. A estufa bojuda. ardendo bravamente. confortou-os com seu calor; o vento que penetrava em haustos pelas janelas abertas a meio já vira tudo aquilo antes. Os divãs cobertos de mantas, onde um dia Lawrence e Sophie haviam partilhado sua mútua alegria, acolheram este novo amor como cúmplices generosos. E mais tarde na profunda paz da paixão saciada, tudo foi tranqüilidade, e eles ficaram quietos, nos braços um do outro, olhando as nuvens que rolavam através do céu e ouvindo o estrondo imemorial das ondas quebrando na praia vazia.

— O que irá acontecer? — perguntou ela.

— O que quer dizer?

— O que faremos?

— Continuaremos a nos amar.

— Não quero voltar. Para coisas como eram antes.

— Nunca faremos isso!

— Oh, mas teremos que fazer! Não podemos fugir à realidade! No entanto,

quero que haja um amanhã, outro amanhã e outro, quero saber que em todos esses amanhãs posso passar cada hora de minha vida com você.

— Eu também quero isso. — A voz dele era tristonha. — Entretanto, não pode ser.

— Esta guerra! Como a odeio!

— Talvez devêssemos ser gratos. Foi o que nos uniu.

— Oh, não! Nós nos encontraríamos. De algum modo. Em algum lugar. Estava escrito nas estrelas. No dia em que nasci, algum funcionário civil celeste pôs um carimbo em você, com meu nome nele, em grandes letras maiúsculas. Este homem está reservado para Penelope Stern!

— Exceto que, no dia em que você nasceu, eu não era um homem. Era um menino colegial, lutando com as obscuras dificuldades de minha gramática latina.

— Não faz diferença. Mesmo assim, éramos um do outro. Você sempre esteve lá.

— Sim, eu sempre estive lá... — Ele a beijou então, depois ergueu o punho com relutância, para consultar o relógio. — São quase cinco horas...

— Odeio a guerra, mas também odeio relógios.

— Infelizmente, minha querida, não podemos ficar aqui para sempre.

— Quando tomarei a vê-lo?

— Vai demorar um pouco. Terei de ausentar-me.

— Por quanto tempo?

— Três semanas. Eu não devia contar, portanto, não diga uma palavra a ninguém.

Ela ficou alarmada.

— Oh, e para onde é que vai?

— Não posso dizer...

— O que irá fazer? É perigoso?

Ele riu.

— Não, sua tolinha, claro que não é perigoso. Trata-se de um exercício de treinamento... parte de meu trabalho. Portanto, chega de perguntas.

— Fico aterrada, pensando que pode acontecer algo a você.

— Nada irá acontecer comigo.

— Quando voltará?

— Em meados de novembro.

— Nancy aniversaria em fins de novembro. Fará três anos.

— Até lá, já estarei de volta.

Ela pensou nisso.

— Três semanas! — suspirou. — Parece uma eternidade...

"A ausência é o vento que apaga a pequenina vela, mas que atiça as brasas, transformando-as em esplêndida fogueira."

— Ainda assim, eu preferiria dispensá-la.

— Acha que irá ajudá-la a recordar quanto a amo?

— Sim. Um pouco.

O inverno estava em cima deles. Cortantes ventos do leste fustigavam a zona rural e gemiam através da charneca. Turbulento e enfurecido, o mar adquiria uma tonalidade de chumbo. Casas, ruas, o próprio céu estavam desbotados pelo frio. Em Carn Cottage, as lareiras eram acesas assim que amanhecia e acesas permaneciam o dia inteiro, alimentadas por pequenas rações de carvão e tudo o mais que houvesse para queimar. Os dias ficavam mais curtos e, com as cortinas de black-out já fechadas à hora do chá, as noites alongavam-se. Penelope retomou a seu poncho e às grossas meias pretas. Levar Nancy para as caminhadas à tarde implicava um enorme envolvimento da criança em suéteres de lã, meias compridas, bonés e luvas.

Com os velhos ossos enregelados, Lawrence aquecia as mãos no fogo e ficava inquieto, rabugento. Estava entediado.

— Para onde foi Richard Lomax? Há três semanas ou mais que ele não aparece!

— Três semanas e quatro dias, papai — disse Penelope, que começara a contar o tempo.

— Antes, ele nunca ficou tanto tempo sem vir!

— Ele ainda virá jogar gamão com você.

— O que terá feito de si mesmo?

— Não consigo imaginar.

Mais outra semana passou, sem qualquer sinal dele. A despeito de si mesma, Penelope começou a se preocupar. Talvez ele nunca mais voltasse. Talvez algum almirante ou general, comodamente refestelado em seu gabinete, decidisse que Richard deveria incumbir-se de outras coisas e o designara para longe, para o norte da Escócia. Então, ela jamais tornaria a vê-lo. Ele não escrevera, mas talvez não lhe fosse permitido. Ou então... e isto era quase inconcebível...com a Segunda Frente assomando no futuro, o tivessem despejado de pára-quedas na Noruega ou Holanda, como observador avançado, a fim de aplainar o caminho para as tropas Aliadas... Sua imaginação ansiosa, atormentada, não quis aceitar tal perspectiva.

O aniversário de Nancy estava iminente, o que era uma boa coisa, porque dava a Penelope algo mais em que pensar. Ela e Doris planejavam uma festinha. Convites para o chá foram enviados a dez amiguinhas. Cupons de racionamento para alimentos foram esbanjados em biscoitos de chocolate e, com alguns

gramas economizados de manteiga e margarina, Penelope fez um bolo.

Nancy já tinha amadurecimento suficiente para ansiar por seu aniversário; pela primeira vez em sua curta vida, entendia o motivo de toda aquela movimentação. Também havia os presentes. Após o desjejum, sentou-se no tapete diante da lareira da sala de estar e abriu seus embrulhos, contemplada com certo divertimento pela mãe e pelo avô e, adorativamente, por Doris. Não foi desapontada. Penelope deu-lhe uma boneca nova, e Doris, roupas para a boneca, amorosamente confeccionadas com retalhos de tecido e pedaços de lã para tricotar. Havia um rústico carrinho de mão em madeira, de parte de Ernie Penberth, e um jogo de quebra-cabeças dado por Ronald e Clark. Sempre vigilante por sinais de talento herdado, Lawrence comprara para a neta uma caixa de lápis de cor. Entretanto, o melhor presente de Nancy foi enviado por sua avó, Dolly Keeling. Era uma grande caixa a ser aberta, camadas e camadas de papel de seda a serem rasgadas e, finalmente, um vestido novo. Um vestido de festa. Camadas de organdi branco, arrematadas com renda e sombreadas em seda rosa. Nada poderia deixar Nancy mais encantada.

Largando a um lado os outros presentes, "quero vestir ele agora", conforme anunciou, ali mesmo começou a esforçar-se para despir seu macacão.

— Não, é um vestido de festa! Poderá vesti-lo esta tarde, para a sua festa. Veja, aqui está sua boneca, vista-a com suas roupinhas novas. Olhe o vestido de festa que Doris fez para ela. Também tem uma anágua com rendinhas...

Mais tarde, nessa manhã, Penelope disse ao pai:

— Vai ter que sair da sala de estar, papai. Faremos a festa aqui e precisamos de espaço para as brincadeiras.

Ela empurrara a mesa para um canto da sala.

— E para onde irei? O depósito de carvão?

— Nada disso. Doris acendeu o fogo do estúdio. Você pode ficar lá, tranqüilo e sem ser perturbado. Nancy não quer homens à vista. Deixou isto bem claro. Até Ronald e Clark ficarão fora do caminho. Os dois vão tomar chá com a Sra. Penberth.

— Não tenho permissão para vir comer um pedaço de bolo?

— E claro que tem! Não vamos permitir que Nancy fique mandona demais.

As pequenas convidadas chegaram às quatro horas, conduzidas até a porta da frente por mães ou avós. Durante uma extenuante hora e meia, Penelope e Doris foram as únicas tomando conta do bando. A festa seguiu os padrões costumeiros. Todas haviam trazido pequenos presentes para Nancy, os quais tinham de ser abertos. Uma menina chorou, dizendo que queria voltar para casa, e uma outra, uma imperiosa senhorita de cabelos encaracolados, perguntou se ia

haver um mágico. Penelope respondeu, decididamente, que não haveria.

Chegou o momento dos jogos. Sentadas de pernas cruzadas, formando um círculo no chão da sala de estar, as menininhas cantaram em coro:

Mandei uma carta
Pro meu namorado,
E no meio do caminho
Ela me caiu no chão...

Uma das pequeninas convidadas, talvez superexcitada, terminou molhando os fundilhos das calças compridas e teve que ser levada ao andar de cima, para vestir outras de empréstimo.

O fazendeiro tá no seu canto,
O fazendeiro tá no seu canto,
Oh, que pena, papaizinho,
O fazendeiro tá no seu canto!

Já exausta, Penelope olhou para o relógio, mal acreditando que eram apenas quatro e meia. Ainda teria que sobreviver por uma hora, antes que mamães e vovós reaparecessem para reclamar suas queridinhas e levá-las para casa.

Brincaram depois de "passar o embrulho". Tudo foi muito bem, até que a tiranazinha encaracolada acusou Nancy de lhe ter tomado o embrulho, quando era a sua vez de abrir o papel. Nancy objetou, tendo recebido da encaracolada um sopapo em cima do ouvido, o qual foi prontamente revidado. Penelope em seguida procurou ajeitar a situação e separou as duas diplomaticamente. Doris surgiu à porta, anunciando que o chá estava pronto. Nenhuma comunicação seria mais bem-vinda.

As brincadeiras foram alegremente abandonadas e precipitaram-se todas para a sala de refeições, onde Lawrence já estava sentado em sua cadeira de encosto lavrado, à cabeceira da mesa. Puxadas as cortinas, a claridade do dia penetrou e tudo ficou festivo. Por um momento, as crianças mantiveram-se silenciosas, talvez atemorizadas pela visão do velho, sentado ali como um patriarca, ou ante a perspectiva de comer. Ficaram espiando para a toalha branca engomada, as reluzentes canecas e pratos, os canudinhos para a limonada e as balas de estalo{15}. O festim incluía gelatinas e sanduíches, biscoitos glaçados ou com recheio de geléia, além do bolo, naturalmente. Acomodaram-se todas à volta da mesa e, por um longo momento, houve profundo silêncio, interrompido

apenas pelo som de mastigação. Aconteceram acidentes, como era de prever: sanduíches derrubados no carpete e uma caneca de limonada que tombou, molhando a toalha da mesa, mas tudo rotineiro, rapidamente consertado. Então, as balas de estalo foram puxadas, chapéus de papel desdobrados e enfiados nas cabeças, alegres broches e quinquilharias presos às roupas. Finalmente, Penelope acendeu as três velas do bolo e Doris apagou a luz do teto. A sala em penumbra transformou-se em uma espécie de palco, um lugar mágico, as chamas das velas refletidas nos arregalados olhos das crianças à volta da mesa.

No lugar de honra ao lado do avô, Nancy ficou em pé em sua cadeira, e ele ajudou a cortar o bolo.

“Parabéns pra você...”.

Parabéns pra você!

Parabéns pra Nancy...””.

A porta se abriu, e Richard entrou.

— Eu não conseguia acreditar! Quando você apareceu, pensei que estivesse vendo coisas. Não acreditava que fosse verdade. — Ele parecia mais magro, mais velho, morto de cansaço. Precisava fazer a barba, seu uniforme de campanha estava sujo e amarrotado. — Por onde foi que andou?

— Pelos confins do além...

— Quando foi que voltou?

— Há cerca de uma hora.

— Você parece exausto.

— E estou — admitiu ele — mas havia prometido estar aqui para o aniversário de Nancy.

— Seu tolo! Isso não tinha importância! Você agora devia estar na cama.

Estavam sozinhos. As pequeninas visitantes de Nancy já tinham ido embora, cada uma levando um balão de gás e um pirulito. Doris levara a menina para cima, a fim de lhe dar um banho. Lawrence sugerira uma dose de uísque e fora em busca da garrafa. A sala de estar continuava em desordem, com os móveis fora do lugar, mas eles se sentaram em meio a tudo aquilo, despreocupadamente. Richard arriado em uma cadeira de braços e Penelope no tapete da lareira, aos pés dele.

— Todo o exercício demorou mais tempo... foi mais complicado do que... tínhamos imaginado. Nem pude escrever-lhe uma carta.

— Foi o que pensei.

Houve silêncio. Ao calor do fogo, as pálpebras dele caíram. Lutando contra o sono, ele se sentou ereto, esfregou os olhos, correu a mão pelo queixo com a barba despontando.

— Devo estar parecendo um destroço. Não fiz a barba e não durmo há três

noites. Estou absolutamente incapaz, neste momento. O que é uma pena, pois planejara sairmos juntos e tê-la para mim pelo resto do anoitecer, com esperanças de que fosse também pelo resto da noite. Enfim, agora não me sinto em condições para isso. Estou imprestável. Cairia dormindo no meio da sopa. Você se importa? Pode esperar?

— Naturalmente! Nada mais importa agora, desde que você está de volta, são e salvo outra vez. Tive visões aterrorizantes, vendo-o praticar temeridades e sendo morto ou capturado.

— Você me superestima.

— Quando você partiu, tive a sensação de que era para sempre, mas agora que voltou, que posso vê-lo e tocá-lo... é como se nunca tivesse partido. Aliás, não fui eu apenas a sentir sua falta. Papai também, ansiando por seu gamão.

— Voltarei qualquer anoitecer e jogaremos uma partida. — Inclinando-se para a frente, ele lhe tomou o rosto nas mãos. Disse: — Você está tão sedutoramente bela como eu a recordava. — Seus olhos fatigados se franziram, divertidos. — Talvez ainda mais.

— O que há de tão engraçado?

— Você. Esqueceu que está usando um chapéu de papel inteiramente deslocado neste momento?

Ele demorou apenas mais um pouco, o suficiente para beber o uísque que Lawrence lhe trouxera. Depois disso, a exaustão foi mais forte e, contendo bocejos, ele se forçou a ficar em pé, desculpou-se por ser tão má companhia e disse boa-noite. Penelope o acompanhou à porta. Na escuridão além da porta aberta, eles se beijaram. Depois ele a deixou, atravessou o jardim e tornou para uma ducha quente, seu beliche e o sono.

Ela entrou, fechando a porta. Vacilou um momento, precisando de tempo para ordenar os pensamentos esvoaçantes, e por fim foi à sala de refeições, encontrou uma bandeja e entregou-se à tediosa tarefa de limpar os remanescentes da festa de Nancy.

Estava na cozinha, lavando na pia, quando Doris aproximou-se.

— Nancy já dormiu. Queria ir para a cama com o vestido novo. — Ela suspirou. — Estou mais morta do que viva! Pensei que a festa nunca chegaria ao fim... — Pescou uma toalha no cabide e começou a enxugar. — Richard já foi?

— Já.

— Pensei que fosse levá-la para jantar fora esta noite.

— Não. Ele antes precisa pôr o sono em dia.

Doris enxugou, e empilhou um monte de pratos.

— Mesmo assim, foi muita gentileza dele, aparecer de repente... Você o esperava?

— Não.

— Fala sério?

— Por que diz isso?

— Porque a estava espiando. Seu rosto ficou branco como cal. Os olhos eram um brilho só. Como se fosse desmaiar.

— Apenas fiquei surpresa.

— Oh, não é bem assim, Penelope! Não sou nenhuma tola. Quando os dois estão juntos, é como se explodisse um relâmpago. Pude reparar na maneira como Richard a olha. Está caído por você. E a julgar por sua aparência, depois que ele entrou em sua vida, a coisa e mútua...

Penelope lavava uma caneca Peter Rabbit. Girou-a nas mãos, dentro da água com sabão.

— Não pensei que transparecesse tanto.

— Ora, não precisa ficar tão desolada por causa disto! Não há de que se envergonhar, ter um flerte com um sujeito tão atraente como Richard Lomax.

— Não creio que esteja apenas tendo um flerte. Sei que não é. Estou apaixonada por ele.

— Fuja disso.

— E não sei ao certo o que fazer...

— E tão sério assim?

Penelope virou a cabeça e olhou para Doris. Os olhos de ambas encontraram-se e, naquele momento, ocorreu a ela que, no correr dos anos, as duas se tinham tornado muito íntimas. Partilhando responsabilidades e angústias, frustrações, segredos, alegrias e brincadeiras, tinham montado um relacionamento que ia além dos limites da mera amizade. De fato, mais do que qualquer outra pessoa, Doris... conhecedora do mundo, prática e infinitamente gentil... preenchera o dolorido vácuo deixado pela morte de Sophie. Por isto era tão fácil fazer-lhe confidência.

— Sim, é.

Houve uma pausa. Então Doris perguntou, maravilhosamente casual:

— Está dormindo com ele, não?

— Estou.

— Ora, e como, afinal, conseguiram?

— Oh, Doris, não foi tão difícil assim.

— Não... quero dizer... bem, onde?

— No estúdio.

— Raios me partam! — exclamou Doris, sem saber o que dizer.

— Ficou chocada?

— Por que deveria? Nada tenho a ver com isso, tenho?

— Bem... eu sou casada.

— Sim, infelizmente é casada.

— Você não gosta de Ambrose?

— Sabe que não. Eu nunca disse isto, porém uma pergunta direta merece uma resposta direta. Acho que ele é imprestável como marido e imprestável como pai. Mal apareceu para vê-las e não me venha dizer que foi por falta de folga. Também mal escreve para você. E nem mandou um presente de aniversário para Nancy! Francamente, Penelope, ele não a merece. Para mim, continua sendo um mistério, o motivo de ter casado com ele.

Penelope respondeu, desalentada:

— Eu estava esperando Nancy.

— Essa é a desculpa mais esfarrapada que já ouvi na vida.

— Nunca pensei que você dissesse isso.

— O que acha que sou? Alguma santinha?

— Quer dizer que não desaprova o que estou fazendo?

— Não, de jeito nenhum! Richard Lomax é um cavalheiro de fato, um cavalheiro de alto a baixo, e Ambrose Keeling nem lhe chega aos pés. Afinal, por que você não deveria divertir-se um pouco? Só tem vinte e quatro anos e, Deus é testemunha, vem levando uma vida francamente monótona, nestes últimos anos. Chego a ficar surpresa por você ainda não ter saído dos trilhos, sendo a mulher que é. Enfim, encaremos a realidade, antes da chegada de Richard, andávamos bem escassas de talentos locais...

A despeito de si mesma, e despeito de tudo, Penelope começou a rir.

— Doris, não sei o que seria de mim sem você!

— Seria muita coisa, imagino. Pelo menos, agora sei de que lado o vento sopra. E acho que é formidável.

— E como terminará?

— Temos uma guerra em andamento. Não sabemos como qualquer coisa irá terminar. Cabe-nos apenas agarrar firmemente cada momento de alegria que passar ao nosso lado. Se ele a ama e se você o ama, então, vão em frente! Estarei logo atrás dos dois e farei tudo que puder para ajudá-los. E agora, pelo amor de Deus, vamos tirar esses pratos do caminho, antes que os meninos voltem para casa e seja hora de começar a fazer o jantar.

Estavam em dezembro. Quase sem perceberem, o Natal caía sobre eles, com todos os seus preparativos por fazer. Nas lojas desguarnecidas de Porthkerris, era difícil comprar-se algo conveniente para quem quer que fosse, mas de algum modo os presentes foram reunidos, embrulhados e escondidos, da mesma maneira que em outro ano qualquer. Valendo-se de uma receita do Ministério da Alimentação, Doris preparou um Pudim de Natal para Tempo de

Guerra, enquanto Ernie prometia torcer o pescoço de alguma ave, em substituição ao peru tradicional. O General Watson-Grant forneceu alguns espruces de sua horta e, da caixa dos enfeites para a árvore de Natal, Penelope desencavou os enfeites e penduricalhos que vinham de sua infância, os cones dourados de pinheiro, estrelas de papel e guirlandas de ouropel sem brilho.

Richard teria folga no Natal, mas viajaria para Londres, a fim de passar alguns dias com a mãe. Antes de partir, no entanto, foi a Carn Cottage, levando presentes para todos. Estavam embrulhados em papel castanho e amarrados com fitas vermelhas, etiquetadas com brilhantes adesivos de tordos e azevinhos. Penelope ficou profundamente comovida. Imaginou-o fazendo as compras, escolhendo a fita; talvez sentado na cama, em seu austero cubículo no QG da Marinha Real, embrulhando desajeitadamente e dando laços nas fitas. Tentou imaginar Ambrose fazendo algo tão pessoal e demorado, mas não conseguiu.

Para Richard, ela havia comprado um cachecol escarlate, em lã de carneiro. Custara-lhe não apenas dinheiro, mas também preciosos cupons para roupas. No fim, talvez fosse uma peça totalmente inútil para ele, já que não poderia ser usada com o uniforme, e Richard nunca estava à paisana. Entretanto, era um excelente cachecol, tão alegre e natalino, que ela foi incapaz de resistir. Embrulhou-o em papel de seda e encontrou uma caixa para acondicioná-lo. Quando Richard empilhou seus presentes debaixo da árvore, ela lhe entregou o embrulho, para levá-lo em sua viagem a Londres.

Ele o revirou entre as mãos.

— Por que não abri-lo agora mesmo?

Penelope horrorizou-se.

— Oh, não, não deve abri-lo! Terá que guardá-lo até a manhã do dia de Natal.

— Está bem. Se você quer assim...

Ela não queria despedir-se, mas desejou-lhe um "Tenha um feliz Natal". com um sorriso. Richard a beijou.

— Para você também. minha querida. — Era como ser dilacerada. — Feliz Natal!

A manhã do Natal começou mais cedo do que nunca e houve a costumeira confusão de excitação, com eles seis reunidos no quarto de Lawrence, os adultos bebendo canecas de chá, as crianças amontoadas na enorme cama do velho, abrindo suas meias com presentes. Cornetas foram tocadas, fizeram brincadeiras e comeram maçãs. Lawrence colocou um nariz postiço com um bigode de Hitler e todos se torceram de rir. O desjejum veio a seguir e então, tradicionalmente, trotaram todos até a sala de estar, para a abertura dos presentes colocados debaixo da árvore. A excitação aumentou. Logo, o chão estava juncado de papel

e barbantes prateados, o ar cheio de gritos esganiçados, de risos e alegria.

— Oh, obrigado, mamãe, era justamente o que eu queria! Olhe só. Clark, uma buzina para a minha bicicleta!

Penelope pusera de lado o presente de Richard, reservando-o para ser aberto por último. Os outros não exigiam muito esforço de imaginação. Doris rasgou o papel do seu e, do envoltório, retirou uma echarpe de seda, de tamanho e riqueza extravagantes, em um padrão que ostentava todas as cores do arco-íris.

— Jamais tive nada igual antes! — cantarolou, começando a dobrá-la em triângulo, jogá-la por sobre a cabeça e atá-la debaixo do queixo. — Que tal fiquei?

Ronald lhe disse.

— Você parece a Princesa Elizabeth em seu pônei.

—Ooh! — exclamou. deliciada. — Muito elegante!

Para Lawrence, havia uma garrafa de uísque; para os meninos, catapultas profissionais, adequadamente letais. Para Nancy, um aparelho de chá para bonecas, em porcelana branca, orlada de ouro e pintada com diminutas florezinhas.

— O que foi que ele lhe deu. Penelope?

— Ainda não abri.

— Pois abra agora!

Ela assim fez, sentindo-se alvo de todos os olhares. Desatou o laço e puxou para trás o quebradiço papel castanho. No interior havia uma caixa branca, com bordas negras. Chanel Nº 5. Erguendo a tampa da caixa, ela viu o frasco quadrado acondicionado em dobras de cetim, a rolha de cristal, o precioso líquido ali contido.

Doris estava boquiaberta.

— Nunca vi um frasco de perfume tão grande! Fora das lojas, quero dizer. E Chanel Nº 5! Você jamais vai ficar tão cheirosa na vida! Ao lado da tampa havia um envelope azul, dobrado apertadamente. Em gestos furtivos, Penelope o apanhou e enfiou no bolso do cardigã. Mais tarde, enquanto os outros recolhiam a confusão de papel de presentes espalhada pela casa, ela subiu a seu quarto e abriu a carta.

Minha querida garota.

Feliz Natal! Isto veio através do Atlântico para você. Um amigo meu encontrava-se em Nova York, enquanto reparavam seu cruzador, e o trouxe ao voltar para a Inglaterra. Para mim, a fragrância de Chanel Nº 5 evoca tudo que existe de fascinante e sensual, de despreocupação e alegria. Almoço no Berkeley. Londres em maio, com os lilazes desabrochando; riso, amor e você. Você nunca está fora dos meus pensamentos. Nunca está fora de meu coração.

Richard.

Era o mesmo sonho. Ela pensava naquele lugar como sendo o país de Richard. Sempre a mesma coisa. O terreno comprido e arborizado, com a casa no final, de teto achatado, uma casa mediterrânea. A piscina e Sophie nadando lá. Papai sentado diante de seu cavalete, o rosto sombreado pela aba do chapéu. E então, a praia vazia, a certeza de que não catava conchas, mas procurava uma pessoa. Ele chegou, ela o viu chegando, vindo de muito longe, sentiu-se tomada de alegria. Entretanto antes de poder chegar junto dele, a neblina rolou do mar, era um nevoeiro escuro, subindo como a maré, a ponto de primeiro ele parecer vadeá-la, afogando-se então.

— Richard!

Despertou, com os braços estendidos para ele. Entretanto, o sonho se dissolvera e ele se fora. Suas mãos sentiram apenas as cobertas geladas, no outro lado da cama. Podia ouvir o mar murmurando na praia, porém não havia vento. Tudo estava silente e imóvel. Então, o que a tinha perturbado, o que jazia na borda da consciência? Abriu os olhos. A escuridão se desfazia e, além da janela aberta, o céu pálido do alvorecer iminente, a meia claridade tornavam discerníveis os detalhes familiares de seu próprio quarto. O balaústre de latão aos pés da cama, sua mesa de cabeceira, o espelho em ângulos, refletindo o céu. Viu a pequena cadeira de braços, a mala aberta, no chão a seu lado, arrumada a meio...

Era isso. A mala. Hoje. Vou partir hoje. Em férias, durante sete dias. Com Richard.

Ficou deitada e pensou nele por algum tempo, então recordou o sonho enigmático. Nunca diferente. Sempre a mesma seqüência. Imagens nostálgicas de contentamento perdido; depois a busca. O todo esmaecendo para a incerteza e o senso final de perda. Entretanto, analisando, talvez tudo aquilo não fosse tão enigmático, porque o sonho primeiro invadira seu sono logo depois de Richard retomar de Londres, no início de janeiro, tendo recorrido a intervalos regulares, durante os dois últimos meses e meio. Aquele fora um período da mais dolorosa frustração, porque ele ficara tão ocupado e envolvido com suas funções, que não tinha tempo para vê-la. Os treinamentos, em proporção com o tempo ruim, haviam-se intensificado visivelmente. Isto se tornava evidente, pelo número crescente de tropas e veículos do Exército vistos por ali. Agora, era comum as ruas estreitas da cidade e do porto ficarem congestionadas por comboios. Além do mais, a sede dos Comandos, no Pier do Norte, fervilhava de atividade militar.

Obviamente, a situação estava esquentando. Helicópteros sobrevoavam o mar e, depois do Ano Novo, uma companhia de sapadores surgiu da noite para o dia, rumando para a charneca abandonada, além dos Penhascos Boscarben, lá

estabelecendo uma área para treino de fogo de artilharia. O lugar parecia sinistro, com arame farpado, bandeiras vermelhas de perigo e enormes avisos do Departamento de Guerra, advertindo a população de que a entrada era proibida, ameaçando com morte e destruição quem não obedecesse àquelas normas. Quando o vento soprava na direção certa, podiam ser ouvidos em Porthkerris, dia e noite, os estrondos esporádicos do fogo de artilharia. Aquilo se tomava particularmente inquietante à noite, quando a pessoa despertava com um sobressalto e o coração disparando, sem nunca ter certeza sobre o que realmente acontecia.

Richard aparecia de quando em quando, inesperadamente como sempre. Suas passadas no vestíbulo, sua voz alta, nunca deixavam de enchê-la de alegria. Em geral, tais visitas aconteciam depois do jantar, quando então ele se sentava com papai, bebia café e, mais tarde, jogava gamão até altas horas. Certa vez, telefonando e tomando providências no último momento, ele a levara ao Gaston's para jantar, onde beberam uma garrafa do excelente vinho do francês e puseram seus assuntos em dia, após semanas sem se verem.

— Fale-me sobre o Natal, Richard. Como foi?

— Sossegado.

— O que vocês fizeram?

— Fomos a concertos. Assistimos ao Serviço da Meia-Noite na Abadia de Westminster. Conversamos.

— Apenas você e sua mãe?

— Apareceram alguns amigos, mas em geral éramos sempre os dois.

Aquilo denotava afetividade. Ela ficou curiosa.

— Sobre o que conversaram?

— Uma infinidade de coisas. Você.

— Você falou a ela sobre mim?

— Falei.

— O que contou a ela?

Ele estendeu o braço através da mesa e lhe tomou a mão.

— Que havia encontrado a única pessoa no mundo com quem desejava passar o resto de minha vida.

— Disse para ela que sou casada, que tenho uma filha?

— Disse.

— E como reagiu ela a semelhante informação?

— Ficou surpresa. Depois entendeu, foi compreensiva.

— Ela deve ser uma pessoa generosa.

Ele sorriu.

— Eu gosto dela.

Então, antes mesmo de perceberem o que sucedia, o longo inverno estava chegando ao fim. A primavera chega cedo na Cornualha. Tornava-se evidente um perfume no ar, um calor no sol, enquanto o restante do país continuava a tiritar. Aquele ano não foi diferente. Por entre preparativos bélicos, fogo de artilharia e helicópteros revoluteando, as aves migratórias deram o ar de sua presença, em vales abrigados. A despeito das enormes manchetes nos jornais, da especulação e boatos sobre a iminente invasão da Europa, o primeiro daqueles dias balsâmicos os envolveu, com céu azul, ar perfumado, tranqüilo. Os brotos intumesciam nas árvores, a charneca estava enevoada de verde com plantas tenras, e as margens da estrada apareciam pontilhadas pelas faces cremosas das prímulas silvestres.

Precisamente em um desses dias, Richard viu-se livre, sem quaisquer demandas prementes sobre seu tempo. Por fim, eles puderam voltar ao estúdio. Puderam acender o fogo e deixá-lo iluminar seu amor. Novamente tomaram a habitar seu mundo secreto e particular; mitigaram suas separadas carências e voltaram a tornar-se uma única e rutilante entidade.

Mais tarde, ela quis saber:

— Quanto tempo demoraremos a voltar aqui outra vez?

— Eu gostaria de saber.

— Sou cobiçosa. Sempre quero mais! Sempre quero um amanhã!

Estavam sentados junto à janela. Mais além, tudo era ensolarado, as areias tinham um brilho ofuscante, o mar azul-forte dançava pontilhado de moedas de sol. Arrastadas pelo vento, as gaivotas batiam asas e grasnavam. Logo abaixo delas, perto de uma piscina em uma rocha, dois meninos pescavam camarões.

— Neste momento, os amanhãs são um dividendo.

— Está falando da guerra?

— Como o nascimento e a morte, ela é parte da vida.

Penelope suspirou.

— Tentarei não ser egoísta. Aliás, tento. Lembro-me de milhões de mulheres no mundo que dariam tudo o que possuem para estar em meu lugar, segura, aquecida, alimentada e com a família à minha volta. Entretanto, não adianta muito. Continuo ressentida, porque não posso ficar com você o tempo todo. O que de certa forma ainda piora isto é saber que você realmente está aqui. Não se encontra custodiando Gibraltar, lutando nas selvas de Burma ou em algum destróier no Atlântico. Está aqui. Não obstante, a guerra intromete-se entre nós, mantém-nos afastados. Bem, com todos esses boatos fervilhando, os rumores incessantes da invasão, tenho a terrível sensação de que o tempo está fugindo. Que tudo quanto posso agarrar são algumas poucas horas roubadas.

— Terei uma semana de folga no fim do mês — disse ele. — Você partiria

comigo?

Enquanto falava, ela estivera olhando para os dois meninos e suas redes de pescar camarões. Um deles encontrara qualquer coisa, misturada à alga esverdeada. Ficou de cócoras para examiná-la, molhando os fundilhos da calça. Uma semana de folga. Uma semana! Virando a cabeça, ela olhou para Richard, certa de não ter ouvido bem ou de que talvez ele estivesse brincando com sua insatisfação. Vendo a expressão em seu rosto, Richard sorriu.

— Eu falei sério — tranqüilizou-a.

— Uma semana inteira?

— Isso mesmo.

— Por que não me disse antes?

— Estava guardando. O melhor para o final.

Uma semana! Longe de tudo e de todos... Apenas eles dois...

— E para onde iríamos? — perguntou, cautelosamente.

— Para onde você quiser. Poderíamos ir a Londres. Ficar no Ritz e fazer a ronda dos teatros e clubes noturnos.

Ela considerou a sugestão. Londres. Pensou na casa da Rua Oakley. Londres, no entanto, significava Ambrose, e a casa da Rua Oakley estava habitada pelos fantasmas de Sophie, de Peter e Elizabeth Clifford.

— Não quero ir para Londres — respondeu. — Existe alternativa?

— Sim. Uma antiga casa chamada Tresillick, no litoral sul, na península Roseland. Não é grande nem pomposa, mas tem jardins descendo até a água e uma enorme glicínia púrpura, espalhada por toda a fachada.

— Você conhece a casa?

— Conheço. Fiquei lá um verão, quando ainda estava na universidade.

— Quem mora lá?

— Uma amiga de minha mãe, Helena Bradbury. É casada com um homem chamado Harry Bradbury, capitão da Marinha Real, comandante de um cruzador com a Esquadra Metropolitana. Minha mãe escreveu a ela depois do Natal e há uns dois dias recebi uma carta dela, convidando-nos a ficar lá.

— Convidando-nos?

— Sim. Nós dois.

— Ela sabe a meu respeito?

— Evidentemente.

— Entretanto, se formos ficar com ela, não teremos que dormir em quartos separados, não precisaremos ser terrivelmente discretos?

Richard riu.

— Jamais conheci uma mulher como você, para criar dificuldades.

— Não estou criando dificuldades. Estou sendo prática.

— Não creio que surgissem tais problemas. Helena é conhecida por suas idéias abertas. Foi criada no Quênia e, por algum motivo, as senhoras criadas no Quênia raramente são adeptas das convenções.

— Você aceitou o convite dela?

— Ainda não. Queria primeiro falar com você. Há outras considerações. Seu pai é uma delas.

— Papai?

— Ele objetaria à minha idéia de viajarmos sozinhos?

— Oh, Richard! Pensei que o conhecesse melhor...

— Já falou a ele sobre nós?

— Não. Não em tantas palavras. — Penelope sorriu. — Mas ele sabe.

— E Doris?

— Eu direi a ela. Doris acha tudo esplêndido. Acha você fascinante. Como Gregory Peck.

— Neste caso, nada há para nos deter. Então... — Ele se levantou. — ... vamos. Ponha seus patins e comece a rodar. Temos muito o que fazer.

Havia uma cabine telefônica na esquina perto da loja da Sra. Thamas. Os dois comprimiram-se em seu interior, fecharam a porta, e Richard fez uma chamada para Tresillick. Estando tão perto dele, Penelope pôde ouvir o telefone tilintando na outra extremidade da linha.

— Alô? — A voz de mulher, soando alto e claro, era perfeitamente audível para Penelope e quase ensurdeceu Richard. — Aqui é Helena Bradbury!

— Helena! Aqui é Richard Lomax.

— Richard, seu demônio! Por que não ligou para mim antes?

— Sinto muito, mas, sinceramente, não houve oportunidade e...

— Recebeu minha carta?

— Sim. Eu...

— Vocês vêm?

— Se você não se importar.

— Maravilhoso! Estou admirada em pensar que você ficou todo este tempo em um lugarejo perdido. Só fiquei sabendo, quando sua mãe me contou... Quando virão?

— Bem, consegui uma semana de folga no fim de março. Seria conveniente para você?

— Fim de março? Oh, que pena! Eu não estarei aqui. Irei até Chatham, ficar um pouquinho de tempo com o meu velho. Não poderia transferir para outra época? Oh, é claro que não poderia. Droga de pergunta idiota! Bem, não importa. Venham assim mesmo. A casa é de vocês, basta tomarem posse! Há uma Sra. Brick, que mora no chalé. Ela tem uma chave. Entra e sai. Deixarei

mantimentos na despensa. Fiquem à vontade...

— É muita gentileza...

— Não me venha com essa agora! Se quiser pagar a estadia, poderá aparar a grama para mim. Fico doente em pensar que não vou estar aqui. Não importa, fica para outra vez! Escreva um bilhete, dizendo quando a Sra. Brick deverá esperá-los. Preciso desligar agora. Gostei de falar com você. Adeus!

Ela desligou. Deixado como fone zumbindo na mão. Richard o pendurou lentamente no gancho.

— Uma senhora de poucas palavras e muita ação — disse ele.

Passou os braços em torno de Penelope e a beijou. Pela primeira vez, em pé na comprimida e pouco cheirosa cabine telefônica, ela se permitiu acreditar que aquilo ia realmente acontecer. Eles iam viajar sozinhos, não durante uma folga, aquela horrível palavra regulamentar, mas em férias.

— Nada pode impedir que isto aconteça, pode, Richard? Nada pode dar errado, não é mesmo?

— Exatamente.

— Como chegaremos lá?

— Teremos que estudar isso. Um trem para Truro, talvez. Um táxi.

— Não seria mais divertido irmos de carro? — Ela acabara de ter uma brilhante idéia. — Podemos ir no Bentley. Papai nos emprestaria o Bentley!

— Não esqueceu nada?

— O quê?

— A insignificante questão da gasolina.

De fato, ela havia esquecido.

— Sim, esqueci, mas... falarei com Sr. Grabney.

— O que pode ele fazer?

— Ele nos conseguirá gasolina. De algum lugar. De alguma forma. Até no mercado negro, se preciso.

— Por que ele faria isso?

— Porque é meu amigo e eu o conheci a vida inteira. Você se incomodaria de me levar a Roseland em um Bentley emprestado, movido a gasolina do mercado negro?

— Não. Desde que eu tenha uma garantia de empréstimo por escrito, para não acabarmos na cadeia.

Ela sorriu. Sua imaginação voava. Já se via partindo com ele, rodando para o sul em estradas marginadas de altas sebes. Com Richard ao volante e a bagagem de ambos empilhada no banco traseiro.

— Sabe de uma coisa? Quando formos, será novamente primavera. De fato, será primavera!

Era uma casa escondida, de difícil localização, enterrada em um recanto inacessível e remoto do país que, durante séculos, não havia alterado seus costumes ou sua aparência. Ficava invisível da estrada, protegida de todos os olhos por bosques e uma estradinha quase intransitável, marginada por altos barrancos de hortênsias. Finalmente, descoberta, revelou-se como uma casa que permanecera quadrangular durante séculos, reunindo à sua volta outras construções, estábulos e muros protetores, tudo verdejante de floridas trepadeiras, hera, musgos e samambaias.

Diante da casa, o jardim entre selvagem e cultivado, descambava em uma série de gramados e terraços até as margens de um riozinho serpenteante e boscoso, funcionando ao sabor da maré. Trilhas estreitas convidavam sedutoramente, esgueirando-se por entre maciços de camélias, azaléias e rododendros Pérola Rosada. Na beira d'água, a relva não cuidada se mostrava amarelada por profusões de narcisos silvestres, havendo um desconjuntado cais de madeira, ao qual estava amarrado um pequeno bote de remos.

A glicínia que encobria a fachada da casa ainda não florira, mas havia brotos por todos os lados e, ao longo da varanda, erguia-se uma frondosa cerejeira branca. Quando o vento a tocava, as pétalas voavam como flocos de neve.

Conforme o prometido, a Sra. Brick estivera lá para recebê-los, emergindo da porta da frente, assim que o velho Bentley rodou para os fundos da casa e ali fez sua gratificante parada. A Sra. Brick tinha emaranhados cabelos brancos e era estrábica, calçava meias grossas e exibia um avental atado à cintura.

— São o Major e a Sra. Lomax?

Penelope foi silenciada por aquela maneira de ser chamada, porém Richard continuou imperturbável.

— Exatamente — respondeu, descendo do carro. — E a senhora deve ser a Sra. Brick — acrescentou, aproximando-se dela com a mão estendida.

— Sim, senhor. — Era difícil decidir, exatamente, qual dos olhos estrábicos espiava. — Fiquei aqui apenas para recebê-los. Foi o que disse a Sra. Bradbury. Não estarei aqui amanhã. Querem trazer as malas?

Eles a seguiram para o interior da casa, entrando em um vestíbulo ladrilhado, com uma escadaria de pedra que se encurvava para o andar de cima. Os degraus da escada estavam gastos pelo uso dos anos e, no ambiente, pairava um cheiro úmido e abafado, não desagradável, recordando vagamente as lojas de antiguidades.

— Eu lhes mostrarei a casa. A sala de refeições e a de estar...bem, estão com os móveis cobertos por protetores de poeira. A Sra. Bradbury não tem usado mais os dois aposentos, desde a guerra. Ela usa a biblioteca, esta sala aqui. A

lareira precisa ficar acesa, se quiseram aquecer-se. E se houver sol, podem abrir as janelas francesas e sair para a varanda. Agora, venham, e mostrarei a cozinha...

— Eles a seguiram obedientemente. — Precisarão tirar a cinza do fogão e enchê-lo a cada anoitecer, pois do contrário não haverá água quente... — Como demonstração, ela empunhou o puxador de cobre de uma gaveta, que puxou e empurrou uma ou duas vezes, provocando uma sinistra perturbação nas entranhas do antiquado fogão. — Há um presunto frio na despensa. Eu trouxe leite, ovos e pão. Como a Sra. Bradbury disse.

— Foi muita gentileza sua.

Ela, entretanto, não tinha tempo para trivialidades.

— Agora, vamos lá em cima. — Eles recolheram malas e sacolas, tornando a segui-la. — O banheiro e o lavatório ficam aqui, dando para o corredor. — A banheira sustentava-se em pés e tinha torneiras de cobre. O vaso sanitário exibia uma cisterna da qual pendia uma corrente e uma empunhadura, sobre a qual estava escrito a palavra PUXE. — Uma privada antiga e emperrada, esta aqui. Se não funciona da primeira vez, a gente precisa esperar um pouco e depois tentar novamente.

— Obrigado por nos explicar.

Entretanto, não havia tempo para se demorarem nas complexidades do encanamento. porque ela já se movimentava à frente deles, para abrir uma outra porta no alto da escada, com isto deixando passar para o patamar uma rajada de vento ensolarado vindo do aposento além.

— Aqui estamos! Botei os senhores no melhor quarto de hóspedes, posso garantir que terão uma bela vista daqui. Espero que as camas estejam a contento. Se botarem um saco de água quente, acabarão com a umidade. E tomem cuidado quando chegarem ao balcão. A madeira dos gradis está apodrecida. Poderiam cair. Bem, isto é tudo. — Ela havia cumprido a sua obrigação. -Agora vou embora.

Pela primeira vez. Penelope conseguiu dizer alguma coisa.

— Tornaremos a vê-la por aqui. Sra. Brick?

— Oh, eu estou sempre indo e vindo. A qualquer momento. Cuide deles, foi o que a Sra. Bradbury disse!

Com isto, ela se foi.

Penelope não podia olhar para Richard. Ficou parada, com a mão tapando a boca, de alguma forma conseguindo conter o riso até ouvir a batida da porta, sinal de que a Sra. Brick não os ouviria mais. Agora podia desabafar. Caiu de costas na cama enorme e bem-arrumada, depois começou a enxugar as lágrimas de hilaridade nas faces. Richard sentou-se ao seu lado.

— Vamos ter que descobrir qual é o olho são dessa senhora. Caso contrário, isso pode originar complicações intransponíveis.

— "Uma privada antiga e emperrada, esta aqui." Ela era o vivo retrato do Coelho Branco, dizendo "mais depressa, mais depressa!"

— Que tal se sente como a Sra. Lomax?

— É inacreditável.

— Imagino que foi a Sra. Bradbury quem disse isso.

— Entendo agora o que você queria dizer sobre senhoras que foram criadas no Quênia.

— Acha que será feliz aqui?

— Creio que posso dar um jeito.

— O que posso fazer para tomá-la feliz?

Ela começou a rir novamente. Estendendo-se ao seu lado, ele a tomou nos braços, carinhosamente e sem pressa. Além da janela aberta, pequenos sons se tomavam evidentes. O grasnido de gaivotas distantes. Mais perto, o arrulhar suave de um pombo silvestre. Uma brisa passou, roçando a galharia da cerejeira florida de branco. Lentamente, as águas da maré enchente ganharam volume, inundando as margens vazias e lodosas do riacho.

Mais tarde, eles desfizeram as malas e arrumaram suas coisas. Richard vestiu calças velhas de brim, um suéter branco com gola de pólo e calçou sapatos de couro cru, já muito usado. Penelope pendurou o uniforme dele na parte mais funda do guarda-roupa e depois chutaram as malas para debaixo da cama, onde ficaram fora de vista.

— Isto dá uma sensação de início de férias escolares — disse Richard. — Vamos explorar os arredores.

Primeiro inspecionaram a casa, abrindo portas, descobrindo passagens e corredores insuspeitados, sondando o ambiente. No andar térreo, na biblioteca, abriram as portas-janelas, olharam o título de alguns dos livros, encontraram um antiquado gramofone de corda e uma pilha de deliciosos discos. Delius, Brahms, Charles Trenet, Ella Fitzgerald.

— Podemos ter serões musicais!

O fogo ardia na enorme lareira. Richard inclinou-se para alimentá-la com mais troncos encontrados na cesta ao lado e, endireitando-se, deparou-se com um envelope dirigido a ele, recostado contra o relógio pousado no meio do aparador da lareira. Apanhou-o, abriu-o e, no interior, encontrou uma mensagem de sua ausente anfitriã.

Richard. O aparador de grama está na garagem, com uma lata de gasolina ao lado. A chave para a adega de vinhos está pendurada acima da porta do porão. Sirva –se à vontade do que encontrar lá dentro. Divirtam-se. Helena.

Em seguida, eles saíram da casa, passando pela cozinha e por uma verdadeira coelheira de despensas, copas, paióis de víveres e lavanderias lajeadas, que jaziam além. Chegando à última porta, emergiram em um pátio de cavalariças pavimentado com pedras redondas, cruzado por varais para roupa lavada. As antigas cavalariças agora funcionavam como garagens, depósitos de ferramentas e de lenha para o fogo. Encontraram o aparador de grama, assim como dois remos e uma vela enrolada.

— Devem ser do bote — observou Richard, com ar satisfeito. — Quando a maré encher, podemos sair velejando.

Mais tarde, chegaram a uma antiga porta de madeira, incrustada em um muro de granito coberto de liquens. Richard a forçou com o ombro e ela se abriu. Viram-se no que um dia havia sido uma horta. Descobriram as desconjuntadas estufas envidraçadas e um gradil quebrado para pepinos se alastrarem, mas as garras do tempo tinham-se apoderado de tudo, e só o que se podia discernir da exuberância anterior era um punhado de ruibarbos com altura exagerada, um tapete de hortelã e uma ou duas velhas macieiras, retorcidas como homens muito idosos, mas, ainda assim, exibindo brotos de um rosa pálido. O ar cálido estava impregnado do perfume das flores.

Era entristecedor constatar-se tamanho abandono. Penelope suspirou, penalizada.

— Que tristeza! Isto aqui deve ter sido maravilhoso um dia. Com canteiros e sebes bem aparadas...

— Era assim, quando fiquei aqui antes da guerra. Só que naquela época, havia dois jardineiros. Hoje é impossível manter-se em funcionamento uma propriedade como esta, à própria custa.

Por uma segunda porta, chegaram a uma trilha que descia para o riacho. Penelope colheu um ramo de narcisos e os dois se sentaram no cais, espiando a maré que subia. Quando sentiram fome, retomaram à casa e comeram pão com presunto, acompanhados de algumas maçãs enrugadas que encontraram na despensa. Mais tarde, quando a maré estava alta, apanharam capas de oleado no armário dos Bradbury, recolheram os remos, a vela, e encaminharam-se para o pequeno bote. No abrigo do riacho, o progresso foi lento, mas quando chegaram em espaço aberto, foram apanhados pela brisa. Richard baixou a quilha móvel e içou a vela principal. A pequenina embarcação avançou de maneira alarmante, mas controlada. Eles começaram a deslizar, impelidos pelo vento e encharcados de borrifos d'água, cruzando as águas fundas e picadas do estreito.

Aquela era uma casa secreta e, igualmente, uma casa que parecia dormitar no passado. Era evidente que ali a vida sempre fora quieta e indolente, vivida a passo de tartaruga. Como um relógio muito antigo e errático ou talvez uma

pessoa muito idosa e errática, ela havia perdido todo o senso de tempo. Esta suave influência era muito forte. Ao fim do primeiro dia, sonolentos e entontecidos pelo ar brando da costa sul, Richard e Penelope não resistiram à sedução do modorrento feitiço de Tresillick e, depois disso, o tempo deixou de ter importância ou mesmo de existir. Não viram jornais, nunca ligaram o rádio, e, se o telefone tocava, deixavam que tocasse, sabendo que a chamada não era para eles.

Os dias e as noites fundiram-se lentamente entre si, não sendo interrompidos pela necessidade de refeições regulares, de compromissos urgentes ou da tirania dos relógios. Seu único contato com o mundo exterior era a Sra. Brick que, fiel à sua palavra, ia e vinha. Suas visitas eram irregulares, para dizer-se o mínimo, de maneira que os dois nunca tinham idéia de quando ela apareceria. Às vezes, encontravam-na às três da tarde, polindo, esfregando ou passando um antiquado aspirador de pó sobre os tapetes surrados. Certa manhã, ainda muito cedo, eles continuavam na cama, quando ela irrompeu no quarto com uma bandeja de chá. Entretanto, antes que ambos se refizessem do sobressalto e encontrassem palavras para agradecer, ela já tinha puxado as cortinas, emitido comentários sobre o tempo, e desaparecido.

Conforme acentuou Richard, aquela chegada intempestiva poderia ter sido muito constrangedora.

Ao mesmo tempo, como algum gnomo benevolente, ela os mantinha providos de alimento. Indo à cozinha providenciar uma refeição, eles encontravam, na prateleira lajeada da despensa, um prato com ovos de pata, uma ave assada no espeto, um pote de manteiga caseira ou um pão recentemente assado. As batatas ficavam descascadas, e as cenouras, raladas. Em certa ocasião, ela lhes deixara duas tortas da Cornualha tão grandes, que até Richard não conseguira terminar a sua.

— Nem mesmo entregamos a ela nossos cartões de racionamento — comentou Penelope, com certo espanto. Tinha vivido tanto tempo à custa de cartões de racionamento, que aquela abundância lhe parecia algo miraculoso. — Afinal, de onde vem tudo isto?

Eles jamais chegaram a descobrir.

Naquele início de primavera, o tempo se mostrou caprichoso. Se chovia, era uma espécie de dilúvio, e precisavam vestir impermeáveis quando saíam para longas caminhadas molhadas, ou então ficavam à beira da lareira, lendo um livro ou disputando uma partida de piquê. Alguns dias eram azuis e cálidos como o verão. Então, saíam para o ar livre, faziam piquenique na relva ou espichavam-se em antigas e surradas espreguiçadeiras de jardim. Certa manhã, sentindo-se com energia, entraram no Bentley e cobriram o pequeno trajeto até St. Mawes,

perambulando pela aldeia, inspecionando os barcos a vela e encerrando com um drinque na varanda do Hotel Idle Rocks.

Era um dia ensolarado e com nuvens, o sol aparecendo e desaparecendo, o vento oloroso e suave condimentado pelo frescor da brisa salitrada. Recostada em sua cadeira, Penelope contemplava um barco de pesca que, com sua vela castanha, abria caminho para o mar aberto.

— O que você pensa sobre luxo, Richard?

— Não anseio por ele, se é o que quer saber.

— Em minha opinião, luxo é a satisfação total dos cinco sentidos ao mesmo tempo. Estou aquecida e, se quiser, posso estender a mão e tocar a sua. Sinto o cheiro do mar e também que, dentro do Hotel, alguém está fritando cebolas. Um cheiro delicioso. Estou saboreando cerveja fria e posso ouvir as gaivotas, a água batendo e o motor do barco de pesca, fazendo tchuc-tchuc-tchuc, de uma forma plenamente satisfatória.

— E o que vê?

Ela virou a cabeça para fitá-lo, sentado ali com os cabelos em desalinho, usando o velho suéter, o casaco de tweed Harris, com reforços de couro nos cotovelos e cheiro de turfa.

— Vejo você. — Ele sorriu. — Agora é a sua vez. Diga-me qual o seu luxo!

Ele ficou calado, penetrando o espírito do jogo, considerando.

— Acho que talvez seja o contraste — disse-lhe por fim. — Montanhas e o frio cortante da neve, tudo cintilando sob um céu azul e um sol infernal. Ou estar deitado de costas, em uma rocha quente, sabendo que a qualquer momento, quando o calor ficar insuportável, o mar profundo e frio está a apenas um metro de distância, esperando que eu mergulhe.

— E o que me diz de voltar para casa em um dia enregelante e chuvoso, sentindo frio nos próprios ossos e poder mergulhar em uma banheira cheia, imensamente quente?

— É uma boa pedida. Ou passar um dia em Silverstone, ensurdecido pelos carros de corrida e então, a caminho de casa, parar em alguma vasta, incrivelmente bela catedral, e entrar, apenas para ouvir o silêncio.

— Que horrível seria, ansiar-se por arminhos. Rolls-Royces e esmeraldas, tão enormes quanto vulgares! Porque de uma coisa tenho certeza: assim que possuíssemos tais artigos, eles se tornariam diminuídos, apenas por serem nossos. Então, não os quereríamos mais, não saberíamos o que fazer com eles!

— Seria uma espécie errada de luxo, sugerir que almocemos aqui?

— Não, seria maravilhoso! Eu me perguntava quando você iria fazer a sugestão. Podemos comer cebolas fritas. Fiquei com a boca cheia d'água, nesta

última meia hora.

Seus serões, no entanto, eram a melhor parte de tudo. Com as cortinas fechadas e o fogo crepitando, eles ouviam música, percorriam a coleção de discos de Helena Bradbury e revezavam-se, levantando para trocar a agulha e dar corda no velho gramofone de madeira. De banho tomado e roupas limpas, jantavam junto à lareira, arrastavam uma mesa baixa, preparavam-na com copos e talheres, comendo o que quer que a Sra. Brick houvesse deixado para eles e bebendo a garrafa de vinho que Richard, seguindo instruções da dona da casa, tinha ido buscar na adega. Lá fora, o vento noturno que vinha do mar fustigava as janelas e as fazia chocalhar, mas isto apenas servia para acentuar o isolamento deles, sua intimidade e imperturbada solidão.

Certa noite, já bem tarde, ouviram integralmente a Sinfonia do Novo Mundo. Richard se deitara no sofá, e Penelope estava sentada sobre um monte de almofadas no chão, com a cabeça apoiada na coxa dele. O fogo se reduzira a um monte de cinzas, mas quando as últimas notas finalmente morreram, eles continuaram imóveis. Simplesmente do jeito como estavam. Richard com a mão pousada no ombro dela. Penelope perdida em sonhos.

Ele por fim espreguiçou-se, quebrando o encanto.

— Penelope.

— Sim?

— Precisamos conversar.

Ela sorriu.

— Não temos feito outra coisa.

— É sobre o futuro.

— Que futuro?

— O nosso futuro.

— Oh, Richard...

— Não. Não pareça tão preocupada. Apenas ouça. Porque é importante. Compreenda, um dia poderei casar com você. Acho impossível imaginar um futuro sem você e, segundo penso, isto significa que devemos casar.

— Já tenho um marido.

— Eu sei, minha querida. Sei disso perfeitamente, mas, ainda assim, preciso perguntar-lhe. Quer casar comigo?

Ela se virou, tomou-lhe a mão e a pressionou contra o rosto.

— Não devemos tentar a Providência — disse.

— Você não ama Ambrose.

— Não quero falar a respeito. Não quero falar sobre Ambrose. Ele não faz parte deste lugar. Nem mesmo quero dizer o nome dele em voz alta.

— Eu a amo mais do que as palavras poderiam dizer.

— Eu também o amo. Richard. Você sabe disso. E não posso pensar em nada mais perfeito do que ser sua esposa, saber que nada jamais nos poderá separar outra vez. Só que, agora, não. Não falemos sobre isto agora.

Ele ficou calado por um longo momento. Depois suspirou.

— Tudo bem — disse. Inclinando-se, beijou-a. — Vamos dormir.

O último dia deles foi límpido e ensolarado. Cumprindo sua obrigação e retribuindo por sua permanência. Richard tirou o aparador da garagem e aparou a grama. Levou nisto muito tempo, e Penelope ajudou, transportando em um carrinho de mão a relva cortada até a pilha de adubo orgânico, no fundo do estábulo. Também aparou todas as margens, valendo-se de uma tesoura de comprida empunhadura. Só terminaram às quatro da tarde, porém a visão do relvado na encosta que descia, liso como veludo e estriado em dois matizes diferentes de verde, valia todo o esforço, era amplamente gratificante. Depois que limparam e azeitaram o aparador de grama, tomando a guardá-lo em seu lugar, Richard anunciou que estava sedento e ia preparar uma xícara de chá para eles. Penelope, então, retomou à frente da casa, sentou-se no meio da grama recém-aparada e esperou que ele lhe trouxesse o chá.

O cheiro da relva recém-cortada era delicioso. Apoiando-se nos cotovelos, ela ficou espiando um par de gaivotas da espécie pequena, que se empoleirara na extremidade do cais. Contemplou-as com admiração, considerando o quanto eram pequeninas e belas, comparadas às grandes e selvagens gaivotas pescadoras de arenques, que havia no norte. Suas mãos moveram-se sobre a grama, afagando-a, como se afagasse o pêlo de um gato. Seus dedos encontraram um dente-de-leão, que escapara ao aparador de grama. Puxou-o, forcejando com as folhas e a haste, tentando arrancá-lo pela raiz. Entretanto, era uma raiz vigorosa, como toda raiz de dente-de-leão. A haste se partiu, deixando-a com apenas metade da raiz na mão. Penelope olhou para ela, sentiu seu cheiro acre e ao mesmo tempo o cheiro fresco da terra úmida, que aderira às suas mãos e as sujara.

Ouviu as pisadas na varanda.

— Richard?

Ele chegou com o chá, duas canecas em uma bandeja. Agachou-se ao lado dela.

— Encontrei um novo luxo — disse-lhe Penelope.

— Qual é?

— É sentar-se sobre a grama recém-aparada, sozinha, sem a pessoa amada. Estou sozinha, mas sei que não ficarei só por muito tempo, porque meu amado afastou-se apenas por um momento, dentro em pouco estará de novo voltando para mim. — Ela sorriu. — Acho que este é o melhor luxo de todos.

Seu último dia! Amanhã, bem cedo, estariam partindo, voltariam a Porthkerris. Ela não quis pensar nisso, fechou a mente a tal perspectiva. Sua última noite. Como sempre, ficaram diante da lareira, Richard no sofá e Penelope enrodilhada no chão, ao lado dele. Não ouviram música. Em vez disto, ele leu para ela, em voz alta, o Autumn Journal, de MacNeice. Não apenas o poema de amor que lhe recitara naquele dia distante, no estúdio de papai, mas o livro inteiro, do começo ao fim. Era muito tarde, quando chegou às últimas palavras.

> Dormir ouvindo a água corrente
> Que amanhã será cruzada por funda que seja;
> Não há um rio dos mortos ou Letes.
> Esta noite dormiremos
> Às margens do Rubicão — a sorte está lançada.
> Para o exame das contas, mais tarde haverá tempo.
> Mais tarde haverá sol
> E a equação, afinal, surgirá.

Ele fechou o livro lentamente. Ela suspirou não desejando que tivessem chegado ao fim.

— Tão pouco tempo! — disse Penelope. — Ele sabia que a guerra era inevitável...

— Creio que, pelo outono de novecentos e trinta e oito, quase todos nós já sabíamos disso. — O livro escorregou da mão dele para o chão. — Eu vou embora.

O fogo havia morrido. Virando a cabeça, ela fitou o rosto de Richard e o viu tomado de tristeza.

— Por que está assim?

— Porque sinto que a estou traindo.

— Para onde é que irá?

— Não sei. Não posso dizer.

— Quando será?

— Assim que retomarmos a Porthkerris.

O coração dela ficou opresso.

— Amanhã...

— Ou no dia seguinte.

— Você voltará?

— Não imediatamente.

— Eles o designaram para outro posto?

— Sim.

— Quem ficará em seu lugar?

— Ninguém. A operação acabou. Terminou. Tom Mellaby e seu pessoal administrativo permanecerão no Q.G da Marinha Real para encerrar tudo, mas os Comandos e os Rangers estarão partindo dentro de umas duas semanas. Assim, Porthkerris recuperará seu Pier do Norte e, tão logo o campo tenha sido desmilitarizado, os garotos de Doris voltarão a jogar futebol.

— Então, terminou tudo?

— Esta parte das operações, sim.

— O que acontecerá em seguida?

— Teremos de esperar para ver.

— Há quanto tempo você sabia disto?

— Duas, três semanas.

— Por que não me contou antes?

— Por dois motivos. Primeiro, porque isto ainda é segredo, informação sigilosa, embora dentro em breve não o seja mais. Segundo, porque eu não desejava que nada estragasse este pouco tempo que ficamos juntos.

Ela se sentiu inundada de amor por ele.

— Nada o estragaria. — Penelope pronunciou as palavras, e percebeu que eram verdadeiras. — Não devia ter guardado essa notícia com você. Não devia manter-me na ignorância. Nunca deverá guardar segredos de mim!

— Deixar você será a coisa mais difícil que já enfrentei na vida.

Ela pensou na partida dele e no vazio que resultaria. Tentou imaginar a vida sem ele e, melancolicamente, não conseguiu. Apenas uma coisa era certa.

— O pior será dizer adeus.

— Então, não o digamos.

— Não quero que isto termine.

— Não terminou, minha querida. — Ele sorriu. — Ainda nem começou.

— Ele partiu?

Penelope estava tricotando.

— Sim, papai.

— Nem veio aqui para se despedir.

— Seja como for, ele veio vê-lo; trouxe-lhe uma garrafa de uísque. Richard não queria despedir-se.

— Ele se despediu de você?

— Não. Apenas foi embora, cruzando o jardim. Foi como combinamos.

— Quando voltará?

Ela chegou ao fim da carreira tricotada, trocou de agulha e iniciou outra.

— Não sei.

— Está guardando segredos de mim?

— Não.

Ele ficou calado. Suspirou.

— Sentirei falta dele. — Através da sala, seus olhos escuros e compreensivos pousaram sobre a filha. — Mas não tanto quanto você.

— Estou apaixonada por ele, papai. Nós nos amamos.

— Eu sei. Sabia disso há meses.

— Somos amantes.

— Também sei disso. Eu a vi desabrochar, ficar radiosa. Havia um brilho em seus cabelos. Desejei ser capaz de segurar um pincel, pintar essa radiosidade, capturá-la para sempre. Além disso... — Ele se tornou prosaico. Você não partiria por uma semana com um homem e ficaria o tempo todo falando sobre o tempo. — Penelope sorriu para o pai, mas nada disse. — O que será de vocês dois?

— Eu não sei.

— E Ambrose?

Ela deu de ombros.

— Também não sei.

— Você terá problemas.

— Uma dedução maravilhosa.

— Lamento por você. Lamento pelos dois. Merecem uma sorte melhor do que um encontrar o outro no meio de uma guerra.

— Você... você gosta dele, não é, papai?

— Jamais gostei tanto de um homem. Passei a querê-lo como a um filho. Penso nele como um filho.

Penelope, que nunca chorava, imediatamente sentiu lágrimas ardendo no fundo dos olhos. Entretanto, aquele não era o momento mais adequado para sentimentalismos.

— Você é um malvado — disse ao pai. — Já lhe falei isto muitas vezes antes. — Misericordiosamente, as lágrimas recuaram. — Não devia estar aprovando isto. Devia estar estalando seu chicote e rangendo os dentes, desafiando Richard Lomax a ousar sujar sua soleira novamente.

Ela foi recompensada com um sorriso divertido.

— Você me insulta — respondeu seu pai.

Richard tinha partido, era a vanguarda de um êxodo geral. Por volta de meados de abril, ficou claro para os moradores de Porthkerris que o esquema de treinamento da Marinha Real, seu próprio e pequeno envolvimento na guerra, havia terminado. Os Rangers americanos e os Comandos tão sossegados e inconspicuamente como haviam chegado partiram de vez, e as ruas estreitas da

cidadezinha ficaram vazias, estranhamente silenciosas, não mais ecoando com as pisadas de botas militares ou com o ruído de veículos oficiais. A barcaça de transporte de tropas desapareceu do porto, afastando-se dali certa noite, sob a cobertura da escuridão; barreiras de arame farpado foram removidas do Pier do Norte, e o Quartel General dos Comandos foi devolvido ao Exército da Salvação. No alto da colina, os galpões temporários da base americana levantavam-se abandonados e vazios e, dos campos de tiro, agora desertos, nos Boscarben, não mais vinha o som do fogo de artilharia.

Finalmente, tudo que permaneceu como evidência da atividade militar naquele longo inverno foi o Q.G da Marinha Real, no velho Hotel White Caps. Ali, no mastro principal ainda flutuava a bandeira do Corpo de Fuzileiros Navais, os jipes continuavam estacionados no pátio frontal, a sentinela permanecia montando guarda junto ao portão, e o Coronel Mellaby ia e vinha com seu pessoal. Sua presença continuada era um lembrete e dava crédito a tudo quanto havia acontecido.

Richard se fora. Penelope aprendeu a viver sem ele, porque não havia alternativa. É impossível dizer-se "não posso suportar isto", porque, quando não suportamos a situação, a única outra coisa a fazer é parar o mundo e desembarcar dele, porém não existe qualquer maneira prática de se fazer tal coisa. Para preencher o vazio, ocupar mãos e mentes, ela fazia o que as mulheres, quando tensas e em épocas de ansiedade, levaram séculos fazendo: imergir na domesticidade e na vida familiar. A atividade física revelou-se uma terapia mundana, mas consoladora. Ela limpava a casa, do sótão ao porão, lavava cobertas, trabalhava na horta. Isto não a impediu de sentir falta de Richard, mas, pelo menos, no fim de tudo, ficava com uma casa reluzente e cheirando bem, não se falando nas duas fileiras de repolhos novos, plantados recentemente.

Além disso, passava muito tempo com as crianças. O mundo deles era mais simples, tinham uma conversa básica e sem complicações, ela sentia conforto em sua companhia. Aos três anos, Nancy já se tornara uma pessoinha; sedutora, teimosa e determinada; seus comentários e observações acertadas eram uma fonte de permanente admiração e divertimento. Clark e Ronald, no entanto, estavam crescidos e ela achava incrivelmente amadurecidas as suas discussões e opiniões. Dava inteira atenção a eles, ajudava-os em suas coleções de conchas, ouvia seus problemas e respondia às perguntas que lhe faziam. Pela primeira vez, ela os viu como iguais, não apenas como dois garotos turbulentos, com duas bocas famintas que precisavam ser alimentadas. Eram pessoas por direito próprio. A geração futura.

Certo sábado, Penelope levou as três crianças à praia. Voltando a Carn Cottage, encontrou lá o General Watson-Grant, que já estava de saída. Ele fora

visitar Lawrence. Haviam tido uma agradável conversa. Doris lhes dera chá. Agora, ele voltava para casa. Penelope acompanhou-o ao portão. Ele fez uma pausa, para tocar com a bengala e admirar uma moita de hostas, cerrada, com suas folhas carnudas e brancas flores pontudas.

— Coisas lindas — comentou ele. — Uma cobertura maravilhosa para o solo.

— Também gosto delas. São muito exóticas. — Eles seguiram em frente, ao longo da sebe de escalônias, que já explodiam em botões rosa-escuro. — É difícil acreditar que o verão esteja à porta. Hoje, quando estava na praia com as crianças, vimos o velho com cara de nabo limpando da areia os destroços trazidos pelas ondas. Também já há tendas sendo armadas, e a sorveteria foi aberta. Penso que, dentro em breve, estará chegando a primeira leva de visitantes. Como andorinhas.

— Teve notícias de seu marido?

— ...Ambrose? Acho que está bem. Faz algum tempo não tenho notícias dele.

— Sabe onde se encontra?

— No Mediterrâneo.

— Então, ele irá perder o espetáculo.

Penelope franziu a testa.

— Como disse?

— Eu disse que ele perderá o espetáculo. Ir para a Europa. A invasão.

— É verdade — respondeu ela, em voz fraca.

— Ele deu um maldito azar. Vou lhe dizer uma coisa, Penelope. Daria meu braço direito para ser jovem novamente, poder estar participando ativamente disto tudo. Levamos muito tempo para chegar a esta altura. Tempo demais. Agora, no entanto, o país inteiro está preparado e esperando o momento certo para atacar.

— Sim, eu sei... De repente, a guerra voltou a ser terrivelmente importante. Quando passamos por uma rua em Porthkerris, podemos ouvir o boletim noticioso inteiro, de uma casa para a outra. E todos compram jornais, todos os lêem, aqui e acolá, diante da papelaria. É como se estivéssemos na época de Dunquerque, da Batalha da Grã-Bretanha ou de El Alamein.

Tinham chegado ao portão. Tornaram a parar, com o general apoiado em sua bengala.

— Foi bom ver seu pai. Vim por um impulso súbito. Queria mexericar um pouco.

— Ele tem precisado de companhia estes dias. — Ela sorriu. — Sente falta de Richard Lomax e seu gamão.

— Sim, ele me disse. — Os olhos deles encontraram-se. A expressão do general era gentil e ela encontrou tempo para se perguntar o quanto Lawrence julgara adequada contar a seu velho amigo. — Para ser franco, eu não tinha percebido que o jovem Lomax se fora. Tem notícias dele?

— Tenho.

— E como está indo?

— Ele não diz ao certo.

— Era de imaginar. Acho que a segurança nunca foi tão rígida.

— Nem mesmo sei onde ele está. O endereço que me deu consta apenas de iniciais e números. E quanto ao telefone, é como se nunca tivesse sido inventado.

— Bem, sem dúvida logo terá notícias dele. — O general abriu o portão. — Agora tenho que ir mesmo. Adeus, minha querida. Cuide bem de seu pai.

— Obrigada por ter vindo.

— Foi um prazer.

De repente, ele ergueu o chapéu e inclinou-se para diante, a fim de beijá-la de leve na face. Penelope ficou sem palavras, porque o general jamais fizera semelhante coisa antes. Ficou quieta, vendo-o afastar-se, caminhando animadamente com sua bengala.

O país inteiro esperando. A espera era o pior. À espera da guerra: à espera de notícias: à espera da morte. Ela estremeceu, fechou o portão e tornou a cruzar o jardim lentamente, de volta à casa.

A carta de Richard chegou dois dias mais tarde. A primeira a descer para o térreo, ainda manhã cedo, Penelope a viu jazendo onde o carteiro a deixara, em cima da cômoda do vestíbulo. Viu a caligrafia negra em itálico, o envelope volumoso. Foi com ele para a sala de estar, aninhou-se na grande cadeira de papai e o abriu. Eram quatro folhas de fino papel amarelo, dobradas apertadamente.

> De algum lugar da Inglaterra.
> 2O de maio de 1944.
> Minha querida Penelope,
>
> Nestas últimas semanas, por umas doze vezes me dispus a escrever para você. E, de cada vez, não fui além das primeiras quatro linhas, quando então era interrompido por algum telefonema, um chamado em voz alta, batidas à porta ou convocações urgentes, de um tipo ou de outro.
>
> Finalmente encontrei um momento, neste obscuro lugar, em que posso ter alguma certeza de uma hora de quietude. Suas cartas chegaram sãs e salvas, tendo sido uma fonte de alegria para mim. Carrego-as comigo

como um colegial apaixonado e as releio, vezes incontáveis. Já que não posso estar com você, pelo menos ouço a sua voz.

Bem, tenho muitas coisas a dizer-lhe. Na verdade, é difícil saber por onde começar, recordar o que falamos e quando ficamos calados. Esta carta é sobre o que não foi dito.

Você nunca quis falar sobre Ambrose e isto pareceu pouco importante quando estivemos em Tresillick, habitando nosso mundo particular. Entretanto, nestes últimos tempos ele raramente me sai da cabeça, ficando claro que é o único bloqueio entre nós e nossa eventual felicidade. Isto talvez soe terrivelmente egoísta, mas um homem não pode tirar a mulher de outro e continuar um santo. E minha mente, parecendo por volição própria, tem feito planos. Vivo pensando em confrontos, admissões, culpas, advogados, tribunais e um eventual divórcio.

Sempre existe a possibilidade de que Ambrose aja cavalheirescamente e lhe conceda o divórcio. Com franqueza, não vejo qualquer motivo pelo qual devesse agir assim, de maneira que estou inteiramente preparado para apresentar-me no tribunal como co-réu e, então, permitir que ele se divorcie de você. Se isto acontecer, ele deverá ter acesso a Nancy, porém essa é uma ponte que precisamos cruzar quando chegarmos a ela.

Importa apenas que fiquemos juntos e que eventualmente nos casemos — segundo espero, o mais cedo possível. Um dia, a guerra terminará. Serei desmobilizado e retomarei à vida civil, com agradecimentos e uma pequena indenização. Você pode encarar a perspectiva de ser esposa de um professor? Porque isto é tudo quanto quero ser. Não sei dizer para onde iremos, onde viveremos e como será, mas se me couber alguma escolha, eu gostaria de voltar para o Norte, a fim de ficar perto dos Lagos e das montanhas do distrito de Peak.

Sei que tudo isto parece muito distante. Há uma difícil estrada à frente, pontilhada de obstáculos que deverão ser transpostos, um por um. Entretanto, viagens de mil quilômetros começam com o primeiro passo e, quando pensamos um pouco, nenhuma expedição é a pior.

Ao reler o que escrevi, esta me parece a carta de um homem feliz, que espera viver para sempre. Por algum motivo, tenho esperanças de sobreviver à guerra. A morte, o último inimigo, ainda me parece muito longe, além da velhice e da enfermidade. Por outro lado, não é possível acreditar que o destino, após ter-nos reunido, não queira que continuemos assim.

Penso em todos vocês em Carn Cottage, tento imaginar o que estarão

fazendo e desejaria estar aí com vocês, convivendo com o riso e afazeres domésticos daquele que passei a pensar como meu segundo lar. Foi tudo muito bom, em cada sentido da palavra. E, nesta vida, nada que seja bom é realmente perdido. Fica fazendo parte de uma pessoa, torna-se parte de seu caráter. Assim, uma parte sua acompanha-me a todo canto. E uma parte minha é sua, para sempre.

O meu amor, minha querida,
Richard.

Na terça-feira, seis de junho, as Forças Aliadas invadiram a Normandia. Iniciava-se a Segunda Frente e começara a ultima longa batalha. A espera havia terminado.

O dia onze de junho foi um domingo.

Tomada por um acesso de zelo religioso, Doris tinha levado seus meninos à igreja e Nancy à escola dominical, deixando a Penélope a tarefa de preparar o almoço. Por aquela vez, o açougueiro tivera mais sorte do que o esperado e, de sob o balcão, produzira um pequeno pernil de cordeiro de primavera. Agora, o pernil estava no forno, assando e exalando um aroma delicioso, circundado por crocantes batatas. As cenouras cozinhavam, e o repolho fora cortado. Como sobremesa, teriam pudim de ruibarbo e creme de leite.

Era quase meio-dia. Ela pensou em molho de hortelã. Ainda usando o avental da cozinha, saiu pela porta dos fundos e subiu a encosta que ia dar no pomar. Havia brisa. Doris lavara uma montanha de roupa e a estendera no varal, onde toalhas e lençóis agitavam-se e sacudiam-se ao vento como velas mal colocadas. Patos e galinhas, presos em seu galinheiro, viram Penelope chegando e iniciaram um coro de grasnidos e cacarejos, esperando comida.

Ela encontrou a hortelã, colheu rapidamente um molho perfumado. Entretanto, quando voltava para a casa por entre a relva alta, ouviu o som do portão de baixo, sendo aberto e fechado. Ainda era cedo para a volta dos que tinham ido à igreja, de maneira que ela tomou a direção dos degraus de pedra que levavam ao gramado à frente da casa e ficou lá, esperando para ver quem chegava.

O visitante apareceu, em passos lentos. Um homem alto, uniformizado. De boina verde. Por uma fração de instante, suficientemente longa para que seu coração saltasse, ela pensou que fosse Richard, mas logo viu que não era. O Coronel Mellaby chegou ao alto do caminho e parou. Erguendo a cabeça, viu que ela o espiava. De repente, tudo ficou muito quieto. Como um filme, emperrado em um só quadro, porque o projetor avariou-se. A própria brisa

parou. Nenhum pássaro trinou. O gramado verde jazeu entre eles, como um campo de batalha. Ela permaneceu imóvel, esperando que ele fizesse o primeiro movimento.

Ele o fez. Com um clique e um zumbido, o filme recomeçou. Penelope foi ao encontro dele. O coronel parecia mudado. Ela não havia percebido o quanto estava pálido e abatido.

Penelope falou primeiro.

— Coronel Mellaby...

— Minha querida...

Ele soava como o General Watson-Grant, exibindo suas maneiras mais gentis e, a partir daquele segundo, Penelope adivinhou o que o coronel viera dizer-lhe, sem a menor sombra de dúvida.

— E sobre Richard? — perguntou.

— Sim, é. Eu sinto muitíssimo.

— O que aconteceu?

— São más notícias.

— Pode dizer.

— Richard... foi morto. Ele morreu.

Ela esperou sentir alguma coisa. Nada sentiu. Somente o molhinho de hortelã, apertado firme em sua mão; uma mecha de cabelo contra o rosto. Erguendo a mão, Penelope a afastou. Seu silêncio continuou jazendo entre eles, como um grande abismo intransponível. Ela sabia disto e lamentava por ele, mas nada podia fazer.

Por fim, com enorme e visível esforço, ele prosseguiu:

— Fiquei sabendo esta manhã. Antes de partir, ele me pediu... disse que se alguma coisa lhe acontecesse, que eu viesse imediatamente comunicar a você.

Ela por fim encontrou voz.

— Foi muita gentileza sua. — Era uma voz que não parecia a sua. — Quando foi que aconteceu?

— No Dia D. Ele acompanhou os homens que havia treinado aqui. O Second United States Rangers.

— Ele tinha que ir?

— Não, mas quis estar com eles. E eles sentiram-se orgulhosos em tê-lo junto.

— O que aconteceu?

— Eles desembarcaram no flanco da Praia de Omaha, com a Primeira Divisão dos Estados Unidos, em um lugar chamado Pointe de Hué, perto do fundo da península de Cherburgo. — A voz dele era mais segura agora e falava sem emoção, de assuntos que entendia. — Do que posso deduzir, tiveram

alguma dificuldade com seu equipamento. Os arpéus lançados por foguete ficaram molhados durante a travessia, deixando de funcionar adequadamente. No entanto, eles escalaram o penhasco e assaltaram o ninho de artilharia alemã no alto. Alcançaram seu objetivo.

Ela pensou nos jovens americanos que haviam passado o inverno ali, em Porthkerris, a um oceano de distância de seus lares, de suas famílias.

— Houve muitas baixas?

— Sim. No decorrer do assalto, pelo menos metade deles pereceu.

E Richard com eles. Ela disse:

— Ele não achava que seria morto. Disse que a morte, o último inimigo, ainda parecia muito longe. Foi bom ter pensado assim, não?

— Sem dúvida. — Ele mastigou o lábio. — Ouça, minha querida, você não precisa ser corajosa. Se quiser chorar, não tente sufocar suas lágrimas. Sou um homem casado e com filhos. Eu compreenderia.

— Também sou casada e tenho uma filha.

— Eu sei.

— E há anos que não choro.

Ele erguia a mão para o bolso do peito, desabotoava a aba. Desse bolso, tirou uma fotografia.

— Um de meus sargentos deu-me isto. Estava com a máquina fotográfica e bateu a foto certo dia, quando estavam todos nos Boscarben. Ele achou... eu achei... que você gostaria de possuí-la.

Entregou-lhe a foto. Penelope observou-a. Viu Richard, virando-se como que para olhar por sobre o ombro, para ser apanhado despercebido e sorrindo para o fotógrafo. De uniforme, mas com a cabeça nua, tendo um rolo de corda de escalar pendendo do ombro. Devia ser um dia de brisa, como agora, porque tinha o cabelo desarrumado. No fundo jazia o longo horizonte do mar.

— Foi muita consideração — disse ela. — Obrigada. — Eu não tinha um retrato dele.

O coronel ficou calado. Os dois permaneceram ali, parados, sem saber o que dizer mais.

— Você está bem? — perguntou ele finalmente.

— Sim, claro.

— Então, vou deixá-la. A menos que haja algo que eu possa fazer.

Ela pensou a respeito.

— Sim. Sim, há uma coisa. Meu pai está lá dentro. Na sala de estar. Poderá encontrá-lo sem dificuldade. Quer ir lá, agora, e dar-lhe a notícia sobre Richard?

— Quer mesmo que eu faça isso?

— Alguém tem que dizer a ele. E não sei se eu teria coragem suficiente.

— Muito bem.

— Estarei lá em um momento. Eu lhe darei tempo para comunicar a notícia e então chegarei.

Ele foi. Seguiu o caminho até os degraus da porta da frente e cruzou a porta. Não era apenas um homem gentil, mas também corajoso. Penelope ficou onde ele a deixara, com seu molhinho de hortelã entre os dedos e a fotografia de Richard na outra mão. Recordou a manhã espectral do dia em que Sophie morrera, lembrou-se de como havia ficado furiosa e chorara. Agora, ansiava pelo mesmo fluxo de emoção, porém nada acontecia. Estava simplesmente entorpecida, fria como gelo.

Olhou para o rosto de Richard. Nunca mais. Nem mais uma vez. Nada restara. Viu o sorriso dele. Recordou-lhe a voz, lendo para ela.

Evocou as palavras. De repente, lá estavam elas, enchendo-lhe a mente como uma canção um dia esquecida.

&n;

...a sorte está lançada,
Para o exame das contas, mais tarde haverá tempo,
Mais tarde haverá sol
E a equação, afinal, surgirá.

Mais tarde haverá sol. Devo dizer isso a papai, pensou ela. Então, isto lhe pareceu um meio tão bom como qualquer outro, a fim de reiniciar o resto de vida que tinha pela frente.

12. Doris

Podmore's Thatch. Um pássaro trinou, seu trinado varando o silêncio do alvorecer acinzentado. O fogo havia morrido, porém a luz acima de “Os catadores de conchas” continuava brilhando, como brilhara a noite inteira. Penelope não havia dormido, porém agora espreguiçava-se, como o adormecido despertando de um sono profundo e tranqiiilo. Espichou as pernas por baixo da espessa manta de lã, estendeu os braços e esfregou os olhos. Espiou em volta; à claridade suave, viu sua própria sala de estar, a tranqüilidade de seus bens, flores, plantas, escrivaninhas, quadros; a janela aberta para seu próprio jardim. Viu os galhos mais baixos do castanheiro, os brotos que ainda não haviam despontado como folhas. Não dormira, porém a vigília não a deixara fatigada. Pelo contrário, sentia uma espécie de calmo contentamento, uma tranqüilidade que talvez se originasse da rara auto-indulgência da evocação total.

Agora, ela tinha chegado ao fim. A peça terminara. A ilusão do teatro era forte. As luzes da ribalta amorteciam-se e, à claridade agonizante, os atores se viravam, para sua saída do palco. Doris e Ernie, jovens como nunca mais seriam. Também os velhos Penberth, os Trubshot e os Watson-Grant. E papai. Todos mortos. Mortos havia muito. O último a se retirar do palco fora Richard. Recordou-o sorrindo e percebeu que o tempo, aquele grande e velho curador finalmente cumprira sua tarefa. Agora, através dos anos, a face do amor não mais despertava agonias de pesar e amargura. Ao contrário, o sentimento que restava era simplesmente de gratidão. Porque sem Richard para recordar, o passado seria indescritivelmente vazio. Era melhor ter amado e perdido, ela disse para si mesma, do que jamais ter amado. E Penelope sabia que isto era verdade.

No aparador da lareira, seu relógio de corda dourado bateu as seis horas. A noite se fora. Agora era amanhã. Outra quinta-feira. O que tinha acontecido aos dias? Tentando decifrar o enigma, ela descobriu que haviam escoado duas semanas desde a visita de Roy Brookner, quando ele levara consigo os painéis e os esboços. E até agora não dera notícias.

Ela tampouco tivera notícias de Noel ou de Nancy. Com aquela última briga ainda azedando entre todos eles, os dois simplesmente haviam preferido distanciar-se da mãe e permanecer incomunicáveis. Isto a preocupava bem menos do que seus filhos talvez imaginassem. Com o tempo, sem dúvida, voltariam a estabelecer contato, não apresentando desculpas, mas agindo como se nada de anormal tivesse acontecido. Até lá, Penelope tinha muita coisa em

que pensar e não dispunha de energias para desperdiçar em rixas infantis e sentimentos feridos. Havia coisas melhores em que se entreter e muitíssimo mais a fazer. Segundo o costume, casa e jardim haviam reclamado a maior parte de sua atenção. Como era típico, os dias de abril alteravam-se continuamente. Céu cinzento, folhagens lívidas, chuvaradas de encharcar os ossos e, então, sol novamente. As forsítias chamejavam amarelo-manteiga; o pomar se tomou um tapete de narcisos, violetas e prímulas.

Quinta-feira. Danus viria esta manhã. E, talvez hoje, Roy Brookner telefonasse de Londres. Considerando esta possibilidade, Penelope teve certeza de que hoje ele telefonaria. Era mais do que uma sensação. Era mais forte do que isso. Uma premonição.

A esta altura, o pássaro solitário cantava em coro com mais uma dúzia de outros, e o ar estava cheio de seus trinados. Era impossível pensar em dormir. Ela se levantou do sofá, apagou a luz e foi ao andar de cima, preparar para si mesma um banho bem quente e com muitíssima água.

Sua premonição era acertada. Ele ligou durante o almoço.

O doce alvorecer transformara-se em um dia cinzento, com nuvens baixas e carregadas, não oferecendo qualquer perspectiva para um piquenique ao ar livre ou na estufa de plantas. Assim, ela, Antonia e Danus acomodaram-se à mesa da cozinha, dispostos a consumir uma enorme terrina de espaguete à bolonhesa e uma travessa de frios. Por causa do tempo, Danus passara a manhã fazendo uma faxina na garagem. Indo até sua escrivaninha para encontrar um número de telefone, Penelope acabara ficando por lá, apanhada de surpresa pela papelada amontoada, saldando contas vencidas, relendo cartas antigas e jogando fora uma boa quantidade de envelopes com relatórios comerciais, que nunca se dera ao trabalho de tirar dos envelopes. Antonia preparara o almoço.

— Você não é apenas um excelente ajudante de jardineiro, mas uma cozinheira de primeira classe — disse-lhe Danus, espalhando queijo parmesão sobre seu espaguete.

O telefone tocou.

— Quer que eu atenda? — perguntou Antonia.

— Não é preciso. — Penelope largou o garfo e levantou-se. — Seja lá quem for, deve ser mesmo para mim.

Em vez de responder à chamada na cozinha, foi para a sala de estar, fechando portas à sua passagem.

— Alô?

— Sra. Keeling?

— Ela mesma.

— Aqui fala Roy Brookner.

— Pois não, Sr. Brookner?

— Lamento ter ficado tanto tempo sem me comunicar com a senhora, mas o Sr. Ardway estava visitando amigos em Gstaad, só tendo voltado a Genebra há dois dias. Foi quando encontrou minha carta, esperando em seu hotel. Voou para Heathrow esta manhã e agora está aqui, em meu escritório. Mostrei os painéis a ele e ficou muito grato pela oportunidade. Ofereceu cinqüenta mil por cada um deles. Serão cem mil pelo par. Em libras esterlinas, naturalmente, não dólares. Seria uma soma aceitável para a senhora ou gostaria de algum tempo para pensar a respeito? Ele pretendia retornar a Nova York amanhã, porém está disposto a adiar a viagem, se for preciso, a fim de que a senhora tenha tempo para chegarem a um acordo. Pessoalmente, acho uma oferta bastante razoável, mas se...Sra. Keeling? Está ouvindo?

— Sim. estou ouvindo.

— Perdão, pensei que a ligação houvesse caído.

— Não. Continuo ouvindo bem.

— A senhora tem algum comentário a fazer?

— Nenhum.

— A soma que mencionei seria aceitável para a senhora?

— Sim. É perfeitamente aceitável.

— Então, gostaria que eu fosse em frente e finalizasse a venda?

— Faça isso. Por favor.

— Nem preciso dizer-lhe que o Sr. Ardway está encantado.

— Fico satisfeita em saber.

— Entrarei em contato com a senhora. E, claro, o pagamento será efetuado assim que a transação for encerrada.

— Obrigada, Sr. Brookner.

— Talvez este não seja o momento mais apropriado para mencionar, porém é claro que haverá consideráveis impostos a pagar. — A senhora compreende, não?

— Sem dúvida.

— A senhora tem algum contador ou alguém que cuide de seus negócios?

— Tenho o Sr. Enderby, de Enderby, Loosebye Thring. São advogados, na Gray's Irm Road. O Sr. Enderby cuidou de tudo, quando vendi a casa da Rua Oakley e comprei esta em que moro hoje.

— Sendo assim, talvez fosse conveniente a senhora entrar em contato com ele e colocá-lo a par da situação.

— Sim. Sim, farei isso...

Houve uma pausa. Penelope perguntou-se se ele iria desligar.

— Sra. Keeling?

— Diga, Sr. Brookner.
— A senhora está bem?
— Por quê?
— Não estará um pouco... atordoada?
— Deve ser porque acho difícil parecer outra coisa.
— Está inteiramente satisfeita com o arranjo?
— Estou. Inteiramente satisfeita.
— Neste caso, até outra ocasião, Sra. Keeling...
— Um momento, Sr. Brookner! Por favor. Há algo mais.
— Estou ouvindo.
— É sobre “Os catadores de conchas”.
— Sim?
Ela lhe disse o que queria que ele fizesse.

Penelope tornou a depositar o fone no gancho, muito lentamente. Estava sentada à sua escrivaninha recentemente arrumada e ali permaneceu por alguns momentos. Estava tudo muito quieto. Da cozinha, podia perceber o murmúrio de vozes. Antonia e Danus pareciam nunca ficar sem assunto para conversar um com o outro. Voltou ao encontro deles e os viu ainda à mesa, já tendo terminado seu espaguete e agora passando às frutas, queijo e café. Seu próprio prato havia desaparecido.

— Coloquei seu prato no forno, para não esfriar — disse Antonia.

Ela se levantou para apanhá-lo, mas Penelope a deteve.

— Não. Não se preocupe. Não quero mais comer.
— E que tal uma xícara de café?
— Não. Nem mesmo café.

Sentou-se em sua cadeira, com os braços dobrados em cima da mesa. Sorriu, porque não podia deixar de sorrir, porque amava os dois jovens e porque estava prestes a oferecer-lhes o que considerava a mais preciosa dádiva no mundo inteiro. Era um presente que oferecera a cada um de seus três filhos, mas que eles haviam recusado, um a cada vez.

— Tenho uma proposta a fazer — disse ela. — Vocês iriam à Cornualha comigo? Iriam à Cornualha, para passarmos lá a Páscoa? Juntos. Apenas nós três?

Podmore's Thatch.
Temple Pudley.
Gloucestershire.
17 de abril de 1984.
Minha querida Olivia.

Escrevo a você para contar-lhe várias coisas que aconteceram e outras que

estão prestes a acontecer. Nesse último fim de semana, quando Noel trouxe Antonia e fez a faxina no sótão, tendo Nancy vindo para o almoço do domingo, tivemos uma forte discussão, e estou certa de que você de nada ficou sabendo. Inevitavelmente, foi acerca de dinheiro e sobre o fato de eles considerarem que eu devia vender os quadros de meu pai imediatamente, agora, quando o mercado está em alta. Eles me garantiram que estavam preocupados apenas comigo mesma, porém a verdade é que os conheço bem demais. Eles é que precisam do dinheiro.

Depois que finalmente partiram, tive tempo para refletir em tudo que aconteceu e, na manhã seguinte, decidi telefonar para o Sr. Roy Drookner, da Boothby's. Ele veio até aqui, viu os painéis e os levou consigo. Encontrou para mim um comprador particular, um americano, que me ofereceu cem mil libras pelo par. Aceitei a oferta.

Há muitas maneiras pela quais eu poderia gastar este dinheiro caído do céu, mas no momento vou fazer uma coisa que venho desejando há muito tempo, que é voltar à Cornualha. Já que nem você, Noel ou Nancy encontraram tempo ou vontade de ir comigo, convidei Antonia e Danus. Danus hesitou a princípio, mas terminou aceitando o meu convite. Para ele, foi algo inteiramente inesperado e acho que ficou constrangido, talvez achando que, de certa forma, eu sentia pena dele e me mostrava um tanto protetora. Imagino que seja um rapaz muito orgulhoso. Finalmente o convenci de que nos estaria prestando um favor; nós duas precisaríamos de um homem forte para lidar com bagagens, carregadores e garçons. Por fim, ele concordou em falar com seu empregador e saber se poderia tirar uma semana de folga. Foi o que fez e, desta maneira, estaremos partindo amanhã cedo, eu e Antonia revezando-nos na direção. Não pretendemos ficar com Doris, porque em sua casinha não há espaço para três hóspedes. Assim, reservei acomodações no Hotel The Sands, e lá chegaremos por volta da Páscoa.

Escolhi The Sands, porque recordo esse hotel como sendo despretensioso e aconchegante. Quando eu era criança, famílias inteiras iam de Londres para as férias do verão. Elas continuavam indo, ano após ano, levavam seus filhos, motoristas, babás e cachorros. Todos os verões, a gerência do hotel organizava um pequeno torneio de tênis e havia uma festa ao anoitecer, quando os adultos dançavam foxtrotes em trajes a rigor, com as crianças dançando Sir Roger de Coverley{16} e ganhando balões de gás. Durante a guerra, o hotel foi transformado em hospital e se encheu de pobres rapazes feridos, envoltos em mantas vermelhas; lá, bonitas auxiliares voluntárias ensinavam a eles como confeccionar cestas.

Entretanto, quando falei a Danus para onde íamos, ele pareceu um pouco

surpreso. Aparentemente, The Sands agora é muito caro e pomposo, acho que ele ficou preocupado, da maneira mais delicada possível, com a questão do dinheiro. Evidentemente, o que agora menos importa é o preço. É a primeira vez na vida que escrevo esta frase. Com isto, experimento a sensação mais extraordinária e tenho a impressão de que, repentinamente, me tornei uma pessoa diferente por completo. Aliás, tal coisa não me provoca a menor objeção, e estou excitada como uma criança.

Ontem, eu e Antonia fomos de carro a Cheltenham e fizemos compras. Esta nova Penelope é quem manda agora, e você não teria reconhecido sua mãe, sempre tão econômica, mas creio que a teria aprovado. Foi como se houvéssemos enlouquecido. Comprei vestidos para Antonia, uma linda saia de cetim creme, jeans e pulôveres de algodão, bem como um impermeável amarelo e quatro pares de sapatos. Em seguida, ela desapareceu em um salão de beleza, para que lhe aparassem a franja, enquanto eu continuei sozinha a gastar dinheiro em coisas deliciosas e desnecessárias para as minhas férias. Um novo par de sapatilhas de lona, com cordéis amarrando no peito do pé, talco e um frasco enorme de perfume. Filmes fotográficos e cremes faciais, além de um pulôver de caxemira cor de violeta. Comprei uma garrafa térmica e uma toalha xadrez (para piqueniques), bem como uma pilha de livros de bolso para me distrair (incluindo O sol também se levanta — há anos não leio Hemingway). Comprei um livro sobre pássaros britânicos e um outro cheio de mapas, maravilhoso.

Quando encerrei minha orgia de compras cheguei até o banco, depois ofereci-me uma xícara de café, para então ir apanhar Antonia. Quando a vi, era uma pessoa inteiramente estranha e muito bonita. Não somente mandara aparar o cabelo, como tingira as pestanas. Tal medida modificou inteiramente sua aparência. A princípio, ficou um pouco constrangida pela mudança, mas agora está acostumada à idéia, podendo ser observada lançando olhares admirativos ao espelho, de quando em quando. Há muitíssimo tempo não me sinto tão feliz.

Quando vier amanhã, a Sra. Plackett limpará e trancará a casa, depois que partirmos. Voltaremos no dia vinte e cinco, quarta-feira.

Falta apenas um coisa. “Os catadores de conchas” já se foi. Doei-o à Galeria de Arte de Porthkerris, em memória de meu pai, que ajudou em sua fundação. Curiosamente, não preciso mais dele e gosto de pensar que outros — pessoas comuns — poderão partilhar o prazer e a delícia que ele sempre me proporcionou. O Sr. Brookner tomou providências para seu transporte até lá; um furgão chegou, como programado, e o levou. O vazio acima da lareira ficou bastante visível, mas um dia voltarei a preenchê-lo com alguma outra coisa. Nesse ínterim, anseio ter o quadro pendurado em seu novo lar, para que todos o vejam.

Não escrevi a Nancy e nem a Noel. Eles acabarão sabendo tudo, mais cedo ou mais tarde; provavelmente ficarão muito ressentidos e aborrecidos, mas nada posso fazer para remediar isso. Dei a eles tudo o que pude, mas estão sempre querendo mais. Talvez agora parem de importunar-me e cuidem de suas próprias vidas.

Acredito que você, no entanto, compreenderá.

Aceite o meu amor, como sempre, Mamma.

Nancy não se sentia muito bem consigo mesma. O motivo disto era não ter tido contato com sua mãe desde aquele malogrado domingo, quando ocorrera a terrível discussão sobre as pinturas, com Penelope se voltando contra eles dois, dizendo a ela e a Noel palavras tão desagradáveis e constrangedoras.

Não que Nancy se sentisse culpada. Pelo contrário, ficara profundamente ofendida. Sua mãe fizera acusações que jamais deveriam ter sido pronunciadas, e ela fora deixando que os dias corressem, em frígida incomunicabilidade, pois esperava que Penelope fizesse o primeiro movimento. Ela poderia telefonar, se não para se desculpar, então para conversar, indagar dos netos, talvez sugerir uma reunião. Isto provaria a Nancy que tudo fora esquecido, que as relações entre ambas estavam novamente seguindo o curso normal.

Entretanto, nada acontecera. Não houve telefonema algum. No início, Nancy se manteve decididamente ofendida, acalentando seu ressentimento. Não gostava da sensação de ter caído no desagrado materno. Afinal de contas, nada fizera de errado. Apenas dissera o que pensava, preocupada com o bem de todos eles.

Aos poucos, no entanto, foi ficando preocupada. Sua mãe não costumava guardar ressentimentos. Seria possível que não estivesse bem? Ela parecera ficar muito transtornada e, certamente, isso não poderia ser bom para uma mulher de idade, que sofrera um ataque cardíaco. A discussão tivera repercussões? Nancy estremecia a tal idéia, procurava expulsar a ansiedade da mente. Claro que não. Se tivesse acontecido alguma coisa, certamente Antonia comunicaria. Ela era jovem e talvez irresponsável, mas sua irresponsabilidade não chegaria a tais extremos.

A preocupação transformou-se em idéia fixa e Nancy não conseguia afastá-la da mente. Durante os últimos poucos dias, aproximara-se algumas vezes do telefone e de fato o erguera do gancho, a fim de discar o número de Podmore's Thatch, porém tornava a recoloca-lo, sem saber o que iria dizer e não encontrando qualquer razão para falar. Então, teve uma inspiração súbita. A Páscoa se aproximava. Convidaria a mãe e Antonia para o almoço da Páscoa, no velho vicariato. Isto não envolveria constrangimento de sua parte e, durante o cordeiro assado com batatas frescas, as duas chegariam à reconciliação total.

Ocupava-se da não muito árdua tarefa de limpar os móveis da sala de refeições, quando lhe ocorreu o brilhante plano. Largando o espanador e a lata de lustra-móveis, ele foi diretamente para a cozinha e o telefone. Discou o número e esperou, sorrindo socialmente, de todo decidida a colocar em sua voz o mesmo sorriso. Ouviu a campainha retinindo no outro extremo do fio. Ninguém respondeu. Seu sorriso esmaeceu. Esperou bastante tempo. Por fim, vendo que ligava inutilmente, desligou.

Tomou a ligar às três da tarde e, mais uma vez, às seis. Pediu o auxílio de "Consertos", solicitando que checassem o número.

— Está chamando — informou o encarregado.

— Eu sei que está chamando. Ouvi o toque da campainha o dia inteiro. Deve haver algo errado.

— Tem certeza de que a pessoa para quem liga está em casa?

— Claro que ela está em casa! Trata-se de minha mãe. Ela sempre esta em casa.

— Se aguardar um momento, farei uma checagem e ligarei para a senhora.

— Obrigada.

Nancy esperou. O homem ligou para ela. Nada havia de errado com a linha. Ao que tudo indicava, sua mãe, simplesmente, não estava lá.

A esta altura, a preocupação de Nancy se tornara realmente angustiosa. Ligou para Olivia, em Londres.

— Olivia?

— Alô?

— Aqui é Nancy...

— Sim, foi o que pensei.

— Escute, Olivia, estou tentando ligar para mamãe, porém ninguém atende em Podmore's Thatch. Tem alguma idéia do que aconteceu?

— É claro que ninguém atenderia. Ela foi à Cornualha.

— À Cornualha?

— Exatamente. Foi passar a Páscoa lá. Foi de carro, juntamente com Antonia e Danus.

— Antonia e Danus?

— Não fique tão horrorizada! — A voz de Olivia estava cheia de divertimento. — Por que ela não iria? Há meses vinha querendo ir e, como nenhum de nós a acompanharia, então levou eles dois.

— Bem, mas certamente não vão ficar todos em casa de Doris Penberth, não? Lá não haveria espaço.

— Oh, não! Não foram ficar com Doris. Estão hospedados no The Sands.

— No The Sands?

— Oh, Nancy, pare de repetir tudo quanto digo!

— Bem; o The Sands é o melhor. Um dos melhores hotéis do país. Está anunciado em toda parte. Custa os olhos da cara!

— Você não sabia? Mamãe pode pagar os olhos da cara. Vendeu os painéis a um milionário americano, por cem mil libras.

Nancy ficou em dúvida se iria passar mal ou desmaiar. Provavelmente desmaiaria. Podia sentir o sangue refluindo de seu rosto. Os joelhos ficaram bambos. Ela estendeu a mão para uma cadeira.

— Cem mil libras... Não é possível! Eles não podiam valer tanto! Nada vale cem mil libras!

— Nada vale, a menos que alguém o queira. Também existe o valor da raridade. Tentei explicar tudo isto a você, no dia em que almoçamos no L'Escargot. As obras de Lawrence Stern raramente aparecem no mercado, e esse americano, seja lá quem for, provavelmente queria aqueles painéis, mais do que tudo no mundo. E não se preocupou com o que pagaria por eles. Felizmente para mamma. Eu não poderia ficar mais satisfeita por ela.

A mente de Nancy, entretanto, galopava. Cem mil libras!

— Quando foi que tudo isto aconteceu? — conseguiu finalmente perguntar.

— Oh, não sei ao certo. Sei apenas que foi bem recente.

— E como é que você sabe?

— Ela me escreveu uma longa carta, contanto tudo. Falou-me sobre a briga que teve com você e Noel. Vocês não se emendam! Já cansei de dizer para que a deixem em paz, mas não adianta. Insistem em importuná-la incessantemente e, por fim, ela não suportou mais! Acho que foi isso que a levou a negociar os painéis. Provavelmente percebeu que seria a única maneira de acabar com os atenzamentos intermináveis de vocês.

— Isto é absolutamente injusto!

— Oh, Nancy, pare de fingir para mim e pare de fingir para si mesma!

— Eles é que passaram a dominá-la!

— Eles, quem?

— Danus e Antonia! Você nunca devia ter mandado essa garota ficar com mamãe! E não tenho um pingo de confiança nesse Danus!

— Noel também não.

— E isso não a preocupa?

— Nem remotamente. Tenho grande confiança no julgamento de mamma.

— E o que me diz do dinheiro que está desperdiçando com eles? Neste exato momento. Hospedada com toda pompa no hotel The Sands. E com seu jardineiro!

— Por que ela não deveria desperdiçar o dinheiro? Afinal, é dela, não? E por que não deveria gastá-lo consigo mesma e dois jovens que aprecia? Como falei, ela pediu a todos nós que a acompanhássemos, porém nenhum aceitou o convite. Tivemos nossa chance e a rejeitamos. Só podemos culpar a nós mesmos.

— Quando ela me convidou, o hotel The Sands não foi mencionado. Seria para ficarmos comendo e dormindo na casa de Doris Penberth. Ocupando seu quarto vago.

— Foi isso que a impediu de aceitar? A idéia de ficar hospedada em um quarto apertado na casa de Doris? Você aceitaria, se o hotel The Sands fosse acenado diante de seu nariz, como uma cenoura diante de um jumento?

— Você não tem o direito de falar assim!

— Tenho todo o direito! Sou sua irmã, que Deus me perdoe! E ainda há mais uma coisa que devia saber. Mamma foi a Porthkerris, porque era o seu sonho de anos e anos, mas também porque foi ver “Os catadores de conchas”. Ela o doou para a Galeria de Arte de lá, em memória de seu pai. Então, quis vê-lo ocupando seu novo lar.

— Ela o doou? — Por um momento, Nancy pensou ter ouvido mal ou não ter entendido bem as palavras da irmã. — Está querendo dizer que o deu?

— Isso mesmo.

— Oh, mas ele talvez valha milhares. Centenas de milhares!

— Tenho certeza de que todos os envolvidos fazem a mesma avaliação.

“Os catadores de conchas”. Perdido para sempre. O senso da injustiça perpetrada contra ela e sua família deixou Nancy lívida de raiva.

— Ela sempre nos disse que não poderia viver sem esse quadro — falou, em tom amargo. — Repetia que era parte de sua vida.

— E foi. Foi mesmo, durante anos. Entretanto, acho que ela agora se sente capaz de viver sem ele. Mamma quer partilhá-lo. Quer que outras pessoas possam também vê-lo e apreciá-lo.

Era evidente que Olivia estava do lado da mãe.

— E quanto a nós? Quanto à sua família? Seus netos! Noel! Noel já sabe disto?

— Não sei. Creio que não. Nunca mais o vi nem soube dele, depois que levou Antonia a Podmore's Thatch.

— Eu contarei a ele — disse Nancy, em tom de ameaça.

— Conte mesmo — respondeu Olivia, e desligou.

Nancy deixou o fone cair no gancho com força. Maldita Olivia! Maldita! Tornou a erguer o fone, e foi com mãos trêmulas que discou o número de Noel. Que se lembrasse, nunca estivera tão perturbada.

— Noel Keeling falando.

— Aqui é Nancy.

Ela falava em voz firme, sentindo-se importante, convocando uma conferência familiar.

— Oi — disse ele, não parecendo nem um pouco entusiasmado.

— Acabei de falar com Olivia. Tentei ligar para mamãe, mas ninguém atendia, de maneira que falei com Olivia, porque ela talvez soubesse o que estava acontecendo. Ela sabia, porque mamãe lhe escreveu uma carta. Escreveu para Olivia, mas não se deu o trabalho de entrar em contato comigo ou com você.

— Não faço a menor idéia do que está falando.

— Mamãe viajou para a Cornualha. Levou Danus e Antonia a com ela.

— Santo Deus...

— Os três estão hospedados no hotel The Sands.

Isto chamou a atenção dele.

— No The Sands? Pensei que ela fosse ficar com Doris. E com que vai pagar a hospedagem no The Sands? É um dos mais infernalmente caros hotéis do país!

— Eu lhe direi com quê. Mamãe vendeu os painéis. Por cem mil libras. E, diga-se de passagem, sem discutir o assunto com qualquer de nós. Cem mil libras, Noel! Uma soma que, segundo parece, ela pretende esbanjar. E isso não é tudo. Ela se desfez de “Os catadores de conchas”. Doou o quadro à Galeria de Arte de Porthkerris, sim, senhor! Simplesmente, deu-o de mão beijada — e Deus sabe o quanto valeria. Acho que ela deve estar louca. Não creio que mamãe saiba o que está fazendo. Falei a Olivia sobre isso. Aqueles dois jovens, Antonia e Danus, devem ter adquirido um sinistro domínio sobre ela... Entenda, isso às vezes acontece. A gente lê a respeito nos jornais. E um ato criminoso! Não deveria ser permitido. Deve haver algo que possamos fazer para acabar com isto, Noel! Noel? Está me ouvindo?

— Estou.

— E o que você acha?

— Merda! — respondeu ele, e desligou.

Hotel The Sands,
Porthkerris,
Cornualha.
Quinta-feira, 19 de abril.

Querida Olivia,

Bem, aqui estamos nós e já passamos um dia inteiro neste lugar. Não saberia dizer-lhe o quanto tudo isto é lindo. O tempo parece o auge do

verão, e há flores por todo canto. Também há palmeiras, ruelas pavimentadas de lajes redondas, o mar do mais maravilhoso azul. Um azul mais esverdeado do que o do Mediterrâneo, passando a azul muito escuro no horizonte. É como Ibiza, só que melhor, porque tudo está verde e exuberante, mas também porque, quando anoitece, depois que o sol se põe, tudo fica úmido, com cheiro de folhagem.

Fizemos uma viagem maravilhosa. Dirigi a maior parte do tempo, e depois Penelope dirigiu um pouco; Danus não, já que ele não dirige. Assim que pegamos a auto-estrada, a viagem quase não demorou, e sua mãe mal acreditava o quanto estávamos indo rápido. Chegando a Devon, pegamos a antiga estrada sobre Dartmoor e almoçamos em piquenique no topo de uma rocha, com vista para todas as direções. Lá havia uns pôneis felpudos, que ficaram encantados em comer as crostas de nossos sanduíches.

O hotel é fora de série. Jamais estive em um hotel antes e, como acho que Penelope também nunca tenha estado, então tudo se toma uma nova experiência.

Ela insistia em contar como ele era confortável e aconchegante, mas quando finalmente manobramos para a entrada (entre maciços de hortênsias), imediatamente ficou óbvio que tínhamos vindo para uma existência de luxo. Havia um Rolls e três Mercedes no pátio do estacionamento e um porteiro uniformizado para cuidar de nossa bagagem. Danus a chama de nossa bagagem equivalente, porque cada uma de nossas malas é tão surrada e vergonhosa como as outras.

Penelope, no entanto, logo acostumou-se a tudo. Por tudo, quero dizer tapetes incrivelmente espessos, piscinas de natação, banheiras jacuzzi, banheiros privados, televisão ao lado da cama, enormes terrinas de frutas frescas e flores por todo o canto. Nossos lençóis e toalhas são mudados diariamente. Nossos quartos ficam no mesmo corredor e têm balcões adjacentes, dando para os jardins e para o mar. De vez em quando, saímos ao balcão e conversamos uns com os outros. Bem como em Vidas Privadas, de Noel Coward.

Quanto ao refeitório, é como sermos levados para jantar fora no mais dispendioso restaurante de Londres. Tenho certeza de que ficarei esnobe sobre ostras, lagostas, morangos frescos, creme da Cornualha e bifes de filé. É esplêndido Danus estar conosco, porque ele se incumbe perfeitamente de decidir o que iremos beber com esta comida deliciosa. Ele parece muitíssimo entendido em vinhos, porém nunca bebe álcool. Não sei por quê; da mesma forma como não sei por que não dirige um carro. Há muita coisa para se fazer aqui. Esta manhã fomos até a cidade, e

nosso primeiro passeio foi a Carn Cottage, onde sua mãe havia morado. Entretanto, foi triste porque, como aconteceu a tantas outras casas aqui, Carn Cottage hoje é um hotel, demoliram o belo muro de pedras e nivelaram a maioria do jardim, que agora é um pátio de estacionamento para veículos. Entretanto, estivemos no que restou do jardim, e a senhora encarregada do hotel trouxemos uma xícara de café. Então, Penelope nos contou como era tudo antes, como sua mãe havia plantado todas as velhas roseiras e as glicínias. Depois nos contou como ela foi morta em Londres, durante a Blitz. Eu nada sabia a respeito. Quando ela nos contou, senti vontade de chorar, mas não chorei, apenas abracei-a, porque vi seus olhos brilhando, marejados de lágrimas. Enfim, foi só o que me ocorreu fazer.

Depois de Carn Cottage, prosseguimos o passeio, indo até o coração da cidadezinha, onde fica a Galeria de Arte, para ver “Os catadores de conchas”. A Galeria não é grande, mas tem um ar particularmente atraente, com paredes caiadas de branco e uma enorme clarabóia dando para o lado norte. Eles penduraram “Os catadores de conchas” na posição mais importante possível, e o quadro parece inteiramente à vontade, banhado pela fria e brilhante luminosidade de Porthkerris, onde foi originalmente concebido. A senhora encarregada da Galeria de Arte era idosa, e acredito que não se lembrasse de Penelope, mas certamente sabia quem ela era e não sabia mais o que fazer para agradá-la. Fora isto, parece não haver muitas pessoas ainda vivas que ela conheça ou que se lembrem dos velhos tempos. Com exceção de Doris, naturalmente. Ela pretende visitar Doris amanhã à tarde e tomar chá com ela. Está ansiosa por vê-la, parece excitada com a perspectiva da visita. No sábado, tomaremos a estrada de Lands End e faremos piquenique nos penhascos, em Penjizal. O hotel fornece piqueniques em enfeitadas caixas de papelão, com talheres de verdade, mas Penelope acha que assim não seria realmente um piquenique. Então, faremos uma parada no trajeto, para comprar pão e manteiga frescos, patê, tomates, frutas frescas e uma garrafa de vinho. Se o dia estiver tão quente como hoje, espero que eu e Danus possamos nadar.

Na segunda-feira, eu e Danus iremos até a costa sul, a Manaccan, onde um homem chamado Everard Ashely possui um jardim-horto. Danus foi colega dele na Faculdade de Horticultura. Pretende dar uma espiada no horto e talvez obter informações a respeito, pois e o que pretende fazer daqui a algum tempo. Entretanto, é difícil, porque isto exige um bom capital e ele nada tem ainda. Não importa, sempre vale a pena trocar idéias com alguém que entenda do assunto, além de ser divertido irmos até lá e vermos o outro lado desta região mágica.

Ao ficar sabendo de tudo isto, você pode adivinhar o quanto estou feliz. Jamais acreditaria que, tão cedo após a morte de Cosmo, eu poderia voltar a ser feliz. Espero não estar enganada. Não creio que esteja, porque tenho a sensação de que tudo isto é verdadeiro.

Obrigada por tudo. Por ser tão incansavelmente gentil e paciente, assim como por arranjar minha estada em Podmore's Thatch. Porque, se você não tivesse feito isso, eu não estaria aqui, levando a vida de Riley, ao lado das duas pessoas a quem mais aprecio em todo o mundo. Com exceção, naturalmente, de você.

Receba o meu abraço, Antonia

Seus filhos, Nancy, Olivia e Noel estavam... Penelope era forçada a admitir... absolutamente certos. Porthkerris havia mudado, em todos os sentidos. Carn Cottage não era a única casa com o jardim e a horta aplainados por tratores, uma tabuleta de hotel acima do portão e guarda-sóis listrados colocados no terraço recentemente construído. O velho hotel White Caps havia sido hediondamente ampliado e transformado em apartamentos para feriados. A estrada do porto, onde um dia os artistas tinham morado e trabalhado, transformara-se em uma feira com galerias de diversões, lojas de disco, restaurantes de comida rápida e lojas de souvenirs. No porto em si, desaparecera a maioria dos barcos de pesca. Agora somente havia lá um ou dois, e as amarras vazias estavam cheias de ofertas para viagens de recreio em barcos, por somas de dinheiro incrivelmente inflacionadas, viagens diárias para mostrar as focas e a atração adicional de algumas constrangedoras horas para a pesca de cavalinhas.

Curiosamente, no entanto, a mudança não havia sido total. Agora, na primavera, a cidade ainda se encontrava relativamente vazia, porque a primeira leva de turistas só chegaria na época do Pentecostes. Havia espaço para perambular, espaço para parar e espiar. E nada jamais poderia alterar aquele azul maravilhoso, a curvatura suave da baía ou a encosta do promontório e, tampouco, a embaralhada confusão das ruas com casas de teto de ardósia, descendo pela colina até a borda da água. As gaivotas continuavam enchendo o céu com seus grasnidos, o ar continuava pesado com o aroma do vento salitrado, alfenas e escalônias, as ruelas estreitas da cidade velha como um labirinto, eram tão confusas como sempre haviam sido. Penelope saiu a pé para visitar Doris. Era agradável estar sozinha. A companhia de Antonia e Danus havia sido uma total delícia, mas, ainda assim, por algum tempo, a solidão era bem-vinda. Ao sol do quente entardecer, ela caminhou por entre os perfumados jardins do hotel, saiu na rua acima da praia, passou por fileiras de casas vitorianas e desceu até a cidade.

Tentou encontrar um florista. Aquele de que se lembrava agora era uma loja de roupas femininas, exibindo todo o tipo de trajes que as turistas inevitavelmente comprariam, loucas para gastar seu dinheiro. Bustiês elásticos para banho de sol em rosa-choque, enormes camisetas enfeitadas com ilustrações de astros da música pop e jeans de fundilhos tão apertados, que se sentia dor, só em olhar para eles. Penelope finalmente encontrou uma loja de flores em uma esquina sinuosa onde, muito tempo atrás, um velho sapateiro com avental de couro pusera novas solas em seus sapatos, tendo cobrado um xelim e três pence pelo trabalho. Entrando, ela comprou um enorme buquê para Doris. Não de anêmonas ou narcisos, mas de flores mais exóticas. Cravos, íris, tulipas e frésias, uma braçada de flores, envoltas em papel de seda engomado, azul-pálido. Um pouco mais abaixo na rua, entrou em um estabelecimento de bebidas e comprou uma garrafa de uísque The Famous Grouse, para Ernie. Carregada com suas compras, ela seguiu em frente, internando-se em Doumalong, onde as ruelas eram tão estreitas, que não havia espaço para calçadas. as casas caiadas de branco amontoadas de cada lado, com íngremes degraus de granito subindo para portas pintadas em cores vivas.

A casa dos Penberth estava imprensada no próprio coração daquele labirinto. Ali Ernie residira com os pais. Penelope e Nancy haviam percorrido aquelas aléias nas tardes de inverno em tempo de guerra, quando visitavam a velha Sra. Penberth e ganhavam bolinhos de açafrão, com o chá forte contido em um bule cor-de-rosa.

Agora, recordando, parecia extraordinário a Penelope quanto tempo demorara a perceber que Ernie, à sua maneira tímida e silenciosa, cortejava Doris. Aliás, talvez não fosse tão extraordinário. Ele era uma pessoa de poucas palavras, e sua presença em Carn Cottage falando pouco e trabalhando como dez homens, acabara sendo, com a maior naturalidade, algo que todos aceitavam como garantido. Oh, Ernie dará um jeito nisso! era a exclamação quando algo realmente horrível precisava ser feito, como torcer o pescoço de uma galinha ou limpar os esgotos. E ele sempre dava conta do recado. Ninguém havia pensado nele como um pretendente; era alguém da família, sem exigências ou queixas, perpetuamente bem-humorado.

Somente no outono de 1944 é que aquilo finalmente foi entendido. Penelope entrava na cozinha de Carn Cottage, certa manhã, e encontrado Doris e Ernie tomando uma xícara de chá. Estavam sentados à mesa da cozinha, em cujo centro podia-se ver um buquê azul e branco, transbordando de dálias. — Oh, Ernie, não sabia que você estava aqui...

Ele ficou embaraçado.

— Apenas de passagem — respondeu, empurrando a xícara levantando-se.

Penelope olhou para as flores. Eles não cultivavam mais dálias em Carn Cottage, devido ao trabalho que davam.

— De onde vieram as dálias?

Ernie empurrou o boné para trás e coçou a cabeça.

— Meu pai as cultiva em seu loteamento. Trouxe algumas para vocês.

— Nunca vi dálias mais lindas. São enormes!

— Sim, são. — Ernie ajeitou o boné e arrastou os pés. — Tenho que cortar um pouco de lenha.

Quando caminhou para a porta, Doris lhe disse:

— Obrigada pelas flores.

Ele se virou, assentindo.

— Foi uma boa xícara de chá — respondeu.

Saiu. Momentos depois, elas podiam ouvir sons de lenha sendo cortada, no pátio dos fundos. Penelope sentou-se à mesa. Contemplou as flores. Olhou para Doris, que desviou o rosto.

— Tenho a curiosa sensação de que interrompi alguma coisa — falou.

— Como o quê?

— Não sei. Espero que me diga.

— Não há nada para dizer.

Ele não trouxe estas flores para nós, certo? Ele as trouxe para você.

Doris virou a cabeça.

— Que diferença faz, saber-se para quem ele trouxe as flores?

Foi quando a percepção surgiu, e Penelope não sabia imaginar por que não adivinhara antes.

— Acho que Ernie está caído por você, Doris.

Doris ficou imediatamente mordaz.

— Ernie Penberth? Oh, invente outra coisa!

Penelope, entretanto, recusou-se a desistir.

— Ele já lhe disse alguma coisa?

— Ernie nunca é de falar muito, concorda?

— Eu sei, mas você gosta dele, não gosta?

— Não desgosto...

As maneiras dela eram demasiado esquivas, para serem convincentes. Ali havia algo.

— Ele a está cortejando, Doris.

— Cortejando? — Doris levantou-se bruscamente, recolhendo xícaras e pires, com o máximo de espalhafato. — Ele não saberia cortejar uma mosca! — Ela colocou a louça na tábua de escorrer e abriu as torneiras. — Por outro lado — acrescentou, acima do ruído da água — ele é um sujeito de aparência muito

esquisita.

— Você jamais encontraria alguém mais gentil e...

— E francamente — cortou ela — não tenho a menor intenção de terminar meus dias com um homem que nem tem a minha altura!

— Só porque ele não é nenhum Gary Cooper, isto não é motivo para você torcer o nariz! Se quer saber, eu o acho bastante simpático! Gosto de seus cabelos negros e olhos escuros.

Doris fechou as torneiras e deu meia-volta, recostando-se contra a pia, de braços cruzados.

— Tudo bem, mas ele nunca diz coisa alguma, entendeu?

— Com você falando sem parar o tempo todo, nunca surge uma folga para ele dar uma palavrinha! Por outro lado, acho que atitudes falam mais alto do que palavras. Veja isto, trazendo-lhe flores! — Penelope rememorou. — Aliás, Ernie nunca pára de fazer coisas para você! Emenda o varal de roupas e lhe traz coisinhas apetitosas, tiradas do balcão da mercearia do pai...

— E daí? — Doris franziu a testa suspeitosamente. — Está querendo casar-me com Ernie Penberth? Tentando livrar-se de mim ou coisa assim?

— Estou simplesmente — declarou Penelope, com ar solene — pensando em sua felicidade futura!

— Nunca! Bem, é melhor pensar em outra coisa. No dia em que fiquei sabendo da morte de Sophie, prometi a mim mesma que não iria embora daqui enquanto esta maldita guerra não terminasse. E quando Richard foi... bem, isso apenas me deixou mais decidida do que nunca. Não sei o que você irá fazer... voltar para aquele Ambrose ou nunca voltar, mas o fim da guerra está próximo e você vai ter que decidir. E eu estarei por perto, dando-lhe um braço forte, seja qual for sua decisão. Se voltar para ele, então quem irá cuidar de seu pai? Pois eu lhe direi, neste momento. Eu vou! Portanto, não falemos mais em Ernie Penberth, muito obrigada. Ela manteve a palavra. Não casou com Ernie porque não pretendia deixar papai. Somente depois da morte do velho, ela finalmente se viu com liberdade para pensar em si mesma, em seus filhos e seu futuro. Havia tomado a decisão. Dentro de dois meses, tornava-se a Sra. Ernie Penberth e deixava Carn Cottage para sempre. O pai de Ernie tinha falecido pouco antes, e a velha Sra. Penberth fora morar com a irmã, de maneira que Doris e Ernie teriam uma casa para si próprios. Ernie assumiu a mercearia da família e também os filhos de Doris, mas eles dois jamais tiveram filhos.

E agora... Penelope fez uma pausa, olhando em volta e procurando orientar-se. Estava chegando ao seu destino. A Praia do Norte ficava perto. Podia sentir a força do vento, aspirar seu cheiro salgado. Dobrando uma última esquina, começou a descer uma empinada ladeira, em cujo final se erguia o chalé

branco, recuado da rua, tendo à frente um pátio lajeado. Ali, um varal tinha roupas lavadas agitando-se à brisa, vasos e recipientes espalhados pelo pátio estavam radiosos de narcisos, crocos, jacintos azuis e trepadeiras. A porta da frente era pintada de azul. Ela atravessou o pátio, abaixando-se ao passar pelo varal de roupas, e ergueu o punho fechado para bater. Entretanto, antes de poder fazer isto, a porta se abriu, e ali estava Doris.

Doris. Animada e com roupas vistosas; bonita e de olhos brilhantes como sempre, nem mais gorda e nem mais magra. Os cabelos estavam prateados, curtos e anelados; havia linhas em seu rosto, é claro, porém o sorriso não se alterara e nem a sua voz.

— Estive esperando por você. Espiando da janela da cozinha.

— Ela poderia ter chegado naquele mesmo dia, diretamente de Hackney. — Por que demorou tanto? Esperei quarenta anos por isto — Doris. De batom e brincos, um cardigã escarlate sobre uma blusa branca com babados. — Oh, pelo amor de Deus, não fique aí parada, vamos entrando!

Penelope entrou, diretamente na cozinha minúscula. Deixou as flores e o embrulho do uísque em cima da mesa da cozinha, e Doris fechou a porta atrás delas. Ela se virou. As duas encararam-se, sorrindo como idiotas, não encontrando palavras. Então, os sorrisos transformaram-se em risadas, caíram nos braços uma da outra, abraçando-se e abraçando-se, como duas colegiais que se encontrassem.

Ainda rindo e ainda sem palavras desfizeram o abraço. Foi Doris quem falou primeiro.

— Não posso acreditar, Penelope! Pensei que não a reconheceria, mas você continua tão alta, de pernas tão compridas e tão bonita como sempre. Tinha tanto receio de que tivesse ficado diferente, mas você não...

— É claro que fiquei diferente. Tenho cabelos grisalhos e estou idosa.

— Se está com cabelos grisalhos e idosa... então já me sinto com um pé na sepultura! Chegando aos setenta, é o que estou. Pelo menos, é o que Ernie sempre me diz. quando fico um pouco espevitada.

— Onde está Ernie?

— Ele achou que gostaríamos de ficar sozinhas algum tempo. Disse que não agüentaria estar presente. Resolveu ir até seu loteamento. É a sua higiene mental, desde que se aposentou do negócio da mercearia. Falei para ele que, se abandonasse as cenouras e nabos terminaria sofrendo dos sintomas da aposentadoria.

Ela riu, com a velha, ruidosa e familiar hilaridade.

— Eu lhe trouxe umas flores — disse Penelope.

— Oh, são lindas! Não era preciso... Bem. vou colocá-las em um jarro e,

enquanto isso, vá para a sala de estar, fique à vontade. Também porei a chaleira no fogo, acho que gostará de uma xícara de chá...

A sala de estar ficava além da cozinha, através de uma porta aberta. Entrar ali era um pouco como recuar ao passado porque tudo era aconchegante e atravancado, bem semelhante ao que Penelope recordava da época da velha Sra. Penberth, e os tesouros da idosa senhora continuavam em evidência. Viu a porcelana lustrosa, no armário de frente envidraçada, os cães Staffordshire e a cada lado da lareira, os sofás e poltronas encaroçados, com protetores de braços e espaldar orlados de rendas. Entretanto, também havia mudanças. O enorme aparelho de televisão reluzia de novo, assim como as cortinas de chintz, em vivo estampado. E, acima da lareira, onde um dia uma foto em sépia, muito ampliada do irmão soldado da velha Sra. Penberth, morto na Primeira Guerra Mundial, ocupara o lugar de honra, pendia agora o retrato de Sophie, pintado por Charles Rainier, que Penelope dera a Doris, — após o funeral de Lawrence Stern.

— Você não pode dar-me isto — havia dito Doris.

— Por que não?

— O retrato de sua mãe?

— Quero que ele fique com você.

— Sim, mas por que eu?

— Porque você amou Sophie tanto quanto qualquer um de nós. E porque também amou papai e cuidou dele por mim. Nenhuma filha teria feito mais.

— É demasiada bondade sua. Não mereço tanto!

— Não é suficiente! No entanto, é tudo o que tenho para lhe dar.

Ela ficou parada no meio da sala, olhando para o retrato. Concluiu que, após quarenta anos, ele nada perdera de sua beleza, encanto e alegria. Sophie aos vinte e cinco anos, com seus olhos amendoados, o sorriso fascinante e os cabelos curtos de garoto, uma echarpe franjada, de seda escarlate, atada descuidadamente sobre os ombros queimados de sol...

— Contente em tornar a vê-lo? — perguntou Doris.

Penelope se virou, quando ela cruzou a porta, trazendo o jarro com as flores já arranjadas, que depois colocou com certo cuidado no centro de uma mesa.

— Sim. Já tinha esquecido o quanto é bonito.

— Aposto como gostaria de não se ter separado dele.

— Nada disso. Apenas, é bom tornar a vê-lo.

— Dá a esta sala um toque de classe, não acha? Tem sido muito admirado. Já me ofereceram uma fortuna por ele, mas eu não o venderia. Não trocaria esse quadro por todo o chá da China. Bem, agora vamos sentar um pouco, ficar à vontade e conversar, antes que o velho Ernie volte. Desejava muito que viesse

ficar uns tempos aqui, convidei-a tantas vezes... Está mesmo hospedada no The Sands? Com todos aqueles milionários! O que aconteceu? Ganhou na loteria ou coisa assim?

Penelope explicou-lhe a mudança de sua situação. Contou a Doris a gradual e miraculosa reavaliação da obra de Lawrence Stern, no mundo do mercado de arte; falou-lhe sobre Roy Brookner e a oferta pelos painéis. Doris estava estupefata.

— Cem mil libras por aqueles dois quadrinhos! Nunca ouvi nada semelhante. Oh, Penelope, fico felicíssima por você!

— E doei "Os catadores de conchas" à galeria de Porthkerris.

— Eu sei. Li a respeito em nosso jornal local. Depois, eu e Ernie fomos até lá, dar uma espiada. Curioso, ver aquele quadro lá...Trouxe-me um mundo de recordações. E você não sentiu falta dele?

— Um pouco, mas a vida continua. Estamos todos envelhecendo. E hora de colocar a casa em ordem.

— Vejam só quem fala! E já que a vida continua, o que me diz de Porthkerris? Aposto como não reconheceu a casa antiga. Nunca se sabe o que as pessoas farão em seguida, embora Deus saiba que os promotores da modernização pintaram e bordaram, por um ou dois anos depois da guerra. O antigo cinema agora é um supermercado... Espero que tenha reparado. O estúdio de seu pai foi demolido, construíram exatamente no local um bloco de apartamentos para veranistas, dando para a Praia do Norte. E nós tivemos alguns anos de hippies, o que foi bastante desagradável, posso garantir. Dormiam na praia, urinavam em qualquer lugar que bem entendessem. Era nauseante!

Penelope riu.

— E o velho White Caps também virou um prédio de apartamentos. Quanto a Carn Cottage...

— Não fez você chorar? Aquele jardim maravilhoso de sua mãe... Pensei em escrever-lhe, avisando como andavam as coisas por aqui.

— Foi bom não ter escrito. Enfim, não importa. De algum modo, isso deixou de ter importância.

— Eu não pensaria assim, vivendo com todo o luxo no The Sands! Lembra-se de quando era um hospital? Ninguém se aproximava de lá, a menos que estivesse com duas pernas quebradas.

— Ouça, Doris, não é apenas por me sentir rica que decidi ficar no The Sands, em vez de com você. Acontece que trouxe dois jovens amigos e sei que você não teria espaço para todos nós.

— Tem razão. E quem são eles, esses amigos?

— A moça chama-se Antonia. Seu pai faleceu recentemente e ela agora

está morando comigo. O rapaz chama-se Danus. Ajuda-me no jardim e na horta, em Gloucestershire. Você irá conhecê-los. Os dois acham que é esforço demais para uma velha senhora voltar subindo a colina, de maneira que prometeram vir buscar-me de carro.

— É muita consideração. Bem, eu gostaria que você tivesse trazido Nancy. Adoraria ver a minha Nancy novamente! E por que não voltou a Porthkerris antes? Não se pode esperar que, em apenas duas horas, ponhamos em dia o acontecido em quarenta anos...

Não obstante, conseguiram fazer um bom resumo dos acontecimentos, quase perdiam o fôlego falando, faziam perguntas, davam respostas, mencionaram filhos e netos.

— Clark casou com uma moça de Bristol e tem dois filhos...lá estão eles, na lareira: aquela é Sandra, e aquele é Kevin. Ela é uma garotinha muito viva. E aqueles são os de Ronald... Ele mora em Plymouth. Seu sogro dirige uma fábrica de móveis e o colocou no negócio... Eles vêm aqui nas férias de verão, mas não há espaço para todos, de maneira que ficam hospedados em uma pensão, mais acima na rua. Agora, fale-me sobre Nancy. Que amorzinho de criança ela era!

Então, foi a vez de Penelope, mas, naturalmente, ela não trouxera quaisquer fotos. Falou a Doris sobre Melanie e Rupert; com algum esforço, conseguiu dar a impressão de serem atraentes.

— E moram perto de você? Consegue vê-los sempre?

— Vivemos a trinta quilômetros de distância.

— Oh, mas é muito longe, não? E você gosta de morar no campo? Acha melhor do que Londres? Fiquei francamente horrorizada, quando escreveu me contando sobre Ambrose, saindo de sua vida daquele jeito. Que coisa! Enfim, ele sempre foi um sujeito mais ou menos inútil. De bela aparência, claro, mas nunca achei que fosse o melhor para você. E, ainda por cima, abandonando-a! Sujeito egoísta! Os homens só pensam neles mesmos. É o que digo a Ernie, quando larga as meias sujas no chão do banheiro.

Então, com maridos e famílias já devidamente postos em dia, as duas começaram a recordar, relembrando os longos anos da guerra que tinham vivido juntas, partilhando não apenas as tristezas, os medos e o tédio, mas também os acontecimentos bizarros e engraçados que, analisados agora, tinham sido histericamente hilariantes.

O Coronel Trubshot, com seu capacete de metal e a braçadeira com as iniciais PAA, caminhando cautelosamente pela cidade e perdendo o rumo em meio ao black-out, com o que, havia transposto o muro do porto e caído no mar. A Sra. Preedy, falando sobre a Cruz Vermelha para um bando de mulheres desinteressadas e ficando enredada em suas próprias ataduras: O General

Watson-Grant treinando a Guarda Nacional no pátio de recreio da escola, e o velho Willie Chirgwin furando o dedão do pé com uma baioneta, após o que, teve que ser levado de ambulância para o hospital.

— E as idas ao cinema — recordou Doris, enxugando do rosto as lágrimas da hilaridade. — Lembra-se de nossas idas ao cinema? Costumávamos ir duas vezes por semana, nunca perdíamos um filme novo... Lembra-se de Charles Boyer em Hold Back the Daum? Não havia um olho seco no cinema inteiro! Molhei três lenços e ainda chorava quando saímos...

— Sim, era maravilhoso, não? Suponho que também pouco mais havia para se fazer. Exceto ouvirmos A hora de lazer do trabalhador, no rádio, e o Sr. Churchill injetando-nos doses de coragem, de quando em quando.

— O melhor era Carmem Miranda! Nunca perdi um filme de Carmem Miranda! — Doris levantou-se e colocou a mão na cintura, com os dedos bem abertos. “Ai-ai-ai-ai-ai, I love you very much! Ai-ai-ai-ai-ai, I think you're grrrand...”“.

A porta bateu, e Ernie entrou. Achando aquela interrupção ainda mais engraçada do que sua imitação de Carmem Miranda, Doris caiu de costas no sofá e ficou lá, incapaz de conter as lágrimas em seu acesso de riso. Embaraçado, Ernie olhou de uma para a outra.

— O que há com vocês duas? — perguntou.

Percebendo que a esposa dele não tinha condições para responder, Penelope procurou compor-se, levantou-se de sua poltrona e foi cumprimentá-lo.

— Oh, Ernie... — Ela enxugou os olhos, procurando conter o riso. — Eu sinto muito! Que dupla idiota somos nós duas! Estivemos recordando coisas e rindo de morrer. Por favor, perdoe-nos...

Ernie parecia ainda mais baixo do que antes, além de mais velho também, com os antigos cabelos negros agora inteiramente prateados. Usava uma velha blusa de pescador, tirara as botas de trabalho e calçara as sapatilhas de sola de corda para andar em casa. Sua mão na dela tinha um toque rude e calejado como sempre, e Penelope ficou tão alegre em vê-lo, que quis abraçá-lo, mas percebeu que isso só o tornaria ainda mais constrangido.

— Como vai? — perguntou então. — É formidável tornar a vê-lo!

— Também é muito bom ver você novamente. — Eles apertaram-se as mãos com solenidade. Os olhos de Ernie se voltaram para a esposa, agora já sentada, assoando o nariz e mais ou menos controlada. — Ouvi aquele barulho chiado e pensei que alguém estivesse matando o gato, já tomaram chá?

— Não, ainda não. Nem tivemos tempo para o chá. Estivemos conversando sem parar!

— A chaleira acabou de secar no fogo. Tornei a enchê-la quando entrei.

— Oh, céus, sinto muito! Eu tinha esquecido! — Doris levantou-se. — Vou fazer agora mesmo um bule de chá. Penelope lhe trouxe uma garrafa de uísque, Ernie.

— Que ótimo! Fico muito agradecido. — Ele puxou o punho da blusa de pescador e olhou para seu grande relógio de pulso. — Cinco e meia. — Ergueu o rosto com um brilho estranho no olhar.

— Por que não esquecemos o chá e vamos direto ao uísque?

— Ernie Penberth! Seu velho beberrão! Que idéia!

— Pois eu acho — declarou Penelope com firmeza — que o momento não podia ser melhor. Afinal de contas, há quarenta anos não estamos juntos. Se não comemorarmos agora, quando iremos comemorar?

Assim, o encontro dos três transformou-se em uma espécie de festa. O uísque teve o dom de afrouxar a língua de Ernie, e eles poderiam ter continuado a tagarelar até noite alta, se não fosse a chegada eventual de Danus e Antonia. Penelope havia perdido toda a noção de tempo, de maneira que o toque da sineta da porta a deixou tão surpresa quanto Ernie e Doris.

— Ora, quem poderá ser? — exclamou Doris, ressentida com a interrupção.

Penelope olhou para seu relógio.

— Santo Deus, já são seis horas! Não pensei que fosse tão tarde. Devem ser Danus e Antonia, que vieram para me buscar...

— O tempo passa depressa, quando estamos nos divertindo — comentou Doris, levantando-se para ir até a porta. Penelope e Ernie a ouviram dizer: — Entrem, ela está pronta para vocês. Um pouquinho alta, mas ainda dando para o gasto...

Rapidamente, Penelope terminou sua bebida e colocou o copo vazio na mesa, para os recém-chegados não pensarem que estavam interrompendo alguma coisa. Entraram todos na pequenina sala e Ernie esforçou-se para ficar em pé. Foram feitas as apresentações. O dono da casa foi até a cozinha e volto com mais dois copos. Danus coçou as costas da cabeça e olhou em volta, parecendo divertido.

— Pensei que iam tomar chá.

— Oh, chá! — exclamou Doris, rejeitando a idéia de algo tão monótono. — Até esquecemos o chá! Estivemos falando e rindo tanto, que esquecemos inteiramente o chá...

— Que sala encantadora! — disse Antonia. — É exatamente o tipo de casa que mais aprecio. Adorei todas as suas flores no patiozinho.

— Eu o chamo de meu jardim. Seria ótimo ter um jardim de verdade, mas, como se diz, a gente não pode ter tudo.

Os olhos de Antonia caíram sobre o retrato de Sophie.

— Quem é a moça do quadro?

— Aquela? Oh, e a mãe de Penelope. Nota a semelhança?

— Ela é linda!

— Sim, era encantadora. Jamais houve alguém como ela. Era francesa... não, Penelope? Falava de uma maneira tão sexy, parecia Maurice Chevalier. E quando estava zangada...ooh! Deviam ouvi-la! Parecia uma mulher de pescador, se parecia!

— Está tão jovem no retrato...

— Oh, sim, ela era muito jovem. Anos e anos mais nova do que o pai de Penelope. Vocês eram como irmãs, não é mesmo Penelope?

Querendo chamar a atenção, Ernie pigarreou ruidosamente.

— Aceita um drinque? — perguntou a Danus.

Danus sorriu e negou com a cabeça.

— É muita gentileza sua, e espero que não me considere descortês, mas a verdade é que não bebo.

Naquele momento, Ernie pareceu absolutamente pasmo.

— Não está bem de saúde?

— Estou ótimo. Apenas a bebida não combina comigo.

Sem dúvida, Ernie não conseguia acreditar no que ouvia. Sem muita esperança, virou-se para Antonia.

— E você? Também não aceita?

Antonia sorriu.

— Não, obrigada. E também não estou sendo descortês, mas tenho que dirigir o carro na subida da colina e depois enveredar com ele por todas aquelas curvas íngremes. Acho melhor não beber.

Ernie balançou a cabeça tristemente e tornou a colocar a tampa na garrafa. A reunião terminara. Era tempo de irem embora. Penelope levantou-se, alisou os vincos de sua saia, checou os grampos na cabeça.

— Precisa mesmo ir agora? — Doris relutava em terminar tudo.

— Temos que ir, Doris, embora fosse meu último desejo no mundo. Já fiquei tempo demais aqui.

— Onde deixou o carro? — Ernie perguntou a Danus.

— No alto da colina — respondeu Danus. — Não encontramos nenhum lugar mais próximo daqui, sem uma linha amarela dupla.

— Um aborrecimento, não? Regras e regulamentos por toda parte. É melhor eu subir até lá com vocês e ajudar na manobra. Não há muito espaço por lá e não vão querer começar a discutir com um muro de granito...

Danus aceitou a oferta, agradecido. Ernie colocou o boné e tornou a calçar

as botas. Danus e Antonia despediram-se de Doris.

— Foi um prazer conhecê-los — disse ela.

Os três partiram juntos, para trazer o Volvo. Novamente, Doris e Penelope ficaram juntas. Agora, no entanto, por algum motivo o riso desaparecera. Houve um silêncio entre elas. Era como se, após terem falado tanto, tivessem ficado sem assunto. Penelope sentiu que Doris a fitava e virou a cabeça, a fim de encarar aquele olhar fixo.

— Bem, onde foi que você o encontrou? — perguntou Doris.

— Danus? — Penelope procurou parecer casual. — Já lhe contei. Ele trabalha para mim. É meu jardineiro.

— Um jardineiro de categoria superior.

— Sem dúvida.

— Ele parece Richard.

— Sim. — O nome dele saíra. Fora dito. — Percebe que ele foi a única pessoa que não mencionamos, a tarde inteira? Falamos de todo mundo, menos dele.

— Não parecia fazer sentido. Só falei o nome agora, porque aquele rapaz é muito parecido com ele.

— Eu sei. Também notei, assim que o vi pela primeira vez. Levei... algum tempo para me acostumar.

— Ele tem algo a ver com Richard?

— Não. Pelo menos, acho que não. E originário da Escócia. A semelhança é apenas uma extraordinária coincidência.

— Foi por isso que se apegou tanto a ele?

— Oh, Doris! Você me faz parecer uma velha tristonha, com um gigolô a reboque.

— Ele a enfeitiçou, não?

— Gosto muito dele. Gosto por sua aparência e pela maneira como é. Tem uma natureza gentil. É uma boa companhia. Faz-me rir.

— Trazê-lo aqui... a Porthkerris... — Doris olhou com ansiedade para sua amiga. — Não estaria... tentando reviver velhas lembranças? — Não. Pedi a meus filhos que viessem comigo. Pedi a cada um deles, separadamente, porém nenhum podia ou queria. Nem mesmo Nancy. Eu não pretendia dizer-lhe isto, mas agora tenho que dizer. Assim, Danus e Antonia vieram no lugar deles.

Doris nada comentou. Por um momento, as duas ficaram em silêncio, cada uma ocupada com seus pensamentos.

— Francamente — disse Doris — Richard ser morto daquela maneira... foi cruel! Sempre achei difícil perdoar Deus por permitir que semelhante homem fosse morto. Se já houve alguém que devesse ter vivido... é uma coisa que não

esqueço, o dia em que ficamos sabendo. Foi uma das piores coisas que aconteceram durante a guerra. E jamais me saiu da cabeça que, quando morreu, ele levou parte de você junto, sem deixar parte de si mesmo para trás.

— Ele deixou parte de si mesmo.

— Sim, mas nada que você pudesse tocar, sentir, segurar. Seria melhor se tivesse tido um filho dele. Assim, haveria uma boa escusa para nunca mais ficar com Ambrose. Você, Nancy e o bebê teriam tido uma boa vida juntos.

— Também pensei nisso muitas vezes. Jamais fiz alguma coisa para não ter um filho de Richard; simplesmente, não concebi nenhum. Olivia foi meu consolo. Foi o primeiro bebê que tive depois da guerra, era filha de Ambrose, mas, por algum motivo, sempre a considerei especial. Não diferente, mas especial. — Ela prosseguiu cuidadosamente, escolhendo as palavras, admitindo para Doris algo que mal admitira para si mesma e, certamente para nenhuma outra pessoa viva. — Foi como se alguma parte física de Richard tivesse permanecido dentro de mim. Preservada, como uma comida saborosa em uma geladeira. E quando Olivia nasceu, algum átomo, algum corpúsculo, alguma célula de Richard se tomasse parte dela, através de mim.

— Sim, mas ela não era dele.

Penelope sorriu, balançou a cabeça.

— Não.

— No entanto, era como se fosse.

— Exatamente.

— Posso compreender.

— Eu sabia que você compreenderia. Por isso é que lhe falei. E compreenderá também, quando eu lhe disser que fiquei satisfeita por demolirem o estúdio de papai, fazendo-o desaparecer para sempre, a fim de que em seu lugar construíssem um prédio de apartamentos. Sei agora que tenho forças suficientes para manejar quase tudo, porém acho que não seria forte o bastante para voltar lá.

— Sim. Posso compreender isto também.

— Há mais uma coisa. Quando voltei a morar em Londres, entrei em contato com a mãe dele.

— Eu me perguntava sobre isso.

— Levei muito tempo reunindo coragem, mas finalmente telefonei para ela. Almoçamos juntas. Foi uma provação para ambas. Era muito simpática, muito amistosa, porém nada mais tínhamos para falar além de Richard e, por fim, compreendi que isso também era demais para ela. Assim, eu a deixei em paz; nunca mais tomei a vê-la. Se me tivesse casado com ele, poderia tê-la confortado e consolado. Da maneira como estavam as coisas, acho que eu

simplesmente aumentava seu senso pessoal de tragédia.

Doris nada disse. Do exterior, além da porta aberta, chegou até elas o som do Volvo, descendo cautelosamente a rua íngreme e estreita. Penelope inclinou-se e recolheu sua bolsa.

— O carro está chegando. Tenho de ir agora...

As duas saíram juntas, através da cozinha, para o patiozinho ensolarado. Abraçaram-se e beijaram-se, com grande afeição. Havia lágrimas nos olhos de Doris.

— Adeus, Doris querida. E obrigada por tudo.

Doris esfregou as lágrimas que teimavam em aparecer.

— Volte breve — disse. — Não espere outros quarenta anos, pois talvez não estejamos mais por aqui...

— No ano que vem. Virei no ano que vem, sozinha, e ficarei aqui com você e Ernie.

— Como nos divertiremos!

O carro surgiu, parou a um lado da rua. Ernie desembarcou e, como um motorista, ficou empertigado, mantendo a porta aberta para Penelope.

— Adeus, Doris.

Ela se virou para ir, porém Doris ainda não terminara.

— Penelope!

Ela se virou para trás.

— Sim?

— Se ele é Richard, então quem seria Antonia?

Doris nada tinha de tola. Penelope sorriu.

— Eu?

— Eu tinha sete anos, quando vim aqui pela primeira vez. Foi uma grande ocasião, porque papai havia comprado um carro. Nunca tínhamos tido um antes, e aquela era a nossa primeira excursão. Foi a primeira de muitas, mas sempre me lembro daquela porque, simplesmente, era para mim espantoso o fato de papai saber como ligar o motor e depois dirigir o carro.

Os três estavam sentados nos penhascos de Penjizal, muito alto acima do Atlântico azul, em um vão relvoso e abrigado da brisa por um enorme paredão de granito, coberto de liquens. Por toda parte, despontando da relva exuberante, havia moitas e maciços de prímulas silvestres e os botões penugentos e azul-pálido das escabiosas. O céu era sem nuvens, o ar se enchia com o estrondo dos vagalhões e os grasnidos das aves marinhas. O dia estava a meio e, em abril, tão quente como em meados de verão. O calor era tal, que tinham estendido a nova manta xadrez sobre a qual se reclinavam indolentemente, e encontrado uma sombra fresca para a cesta do almoço.

— Que tipo de carro era? — perguntou Danus, apoiado em um cotovelo.

Ele havia tirado a suéter e enrolara as mangas da camisa. Os braços musculosos estavam queimados pelo sol, e seu rosto, virado para ela, estava entretido e interessado,

— Um Bentley quatro litros e meio — respondeu ela. — Já era bem velho, mas ele não podia comprar um carro novo. O Bentley, afinal, se tomou o orgulho de seu coração.

— Que esplêndido! Devia ter correias de couro para firmar o capô, não?

— Exatamente. Também tinha estribos e uma capota que jamais conseguimos manejar, de maneira que nunca a levantávamos, mesmo chovendo torrencialmente!

— Um carro assim valeria uma fortuna hoje. O que foi feito dele?

— Quando papai morreu, eu o dei para o Sr. Grabney. Não podia imaginar que outra coisa fazer com o carro. Por outro lado, o Sr. Grabney sempre fora muito bondoso, guardando-o para nós em sua garagem durante toda a guerra, sem nunca nos cobrar um penny de aluguel. E em certa ocasião... uma ocasião realmente importante... ele arranjou uma boa quantidade de gasolina para mim, no mercado negro. Jamais pude agradecer-lhe suficientemente por isso.

— Por que não ficou com o carro?

— Eu não podia manter um carro em Londres e, na realidade, não precisava de um. Estava sempre andando por todo canto, empurrando carrinhos cheios de bebês e compras. Ambrose ficou furioso, quando soube que eu havia dado o Bentley. Foi a primeira coisa que perguntou, assim que retomei do funeral de papai. Quando lhe disse o que tinha feito, ele ficou emburrado uma semana.

Danus foi compreensivo.

— Sinceramente, eu não o censuraria.

— Eu sei. Pobre homem! Deve ter ficado terrivelmente desapontado.

Penelope sentou-se, a fim de espiar pela borda do penhasco e verificar o estado da maré. Estava refluindo, mas não em vazante completa. Quando isto acontecesse, conforme prometera a Danus e Antonia, seria finalmente revelada a grande piscina na rocha, como uma enorme jóia azulada, cintilando à luz do sol e perfeita para nadar e mergulhar.

— Mais uma meia hora — anunciou — e poderão tomar banho!

Ela voltou a reclinar-se sobre a manta, apoiada na rocha, tornando a ajeitar as pernas. Usava sua velha saia de brim, uma camisa de algodão, os tênis novos e um surrado chapéu de palha para jardinagem. O sol era tão brilhante que se sentia grata por aquela sombra pintalgada da aba. Ao lado dela, Antonia estivera deitada de olhos fechados, aparentemente cochilando, mas agora rolava sobre o

estômago e descansava a face sobre os braços cruzados.

— Conte mais, Penelope. Você vinha sempre aqui?

— Não sempre. Era um longo trajeto de carro e depois uma boa caminhada desde a casa da fazenda em que o deixávamos. Naquele tempo não havia alguma estrada para os penhascos. Assim, tínhamos que abrir caminho entre tojos, samambaias e amoreiras silvestres, até chegarmos a este ponto. Além disso, sempre precisávamos ter certeza de que era maré baixa, a fim de que eu e Sophie pudéssemos nadar.

— Seu pai não nadava?

— Não. Ele dizia que era velho demais. Ficava sentado aqui em cima, com seu chapéu de aba larga, o cavalete e o banquinho dobrável, pintando ou desenhando. Depois de, naturalmente, ter aberto uma garrafa de vinho, enchido um copo, acendido um charuto e, de um modo geral, ficar à vontade.

— E durante o inverno? Também vinham aqui?

— Nunca. No inverno, íamos para Londres. Ou Paris, Florença... Porthkerris e Carn Cottage pertenciam ao verão.

— Que perfeito!

— Não menos perfeito do que a divina casa de seu pai, em Ibiza.

— Imagino que sim. Tudo é relativo, não? — Antonia rolou de lado sustentando o queixo na mão. — E você. Danus? Aonde ia no verão?

— Esperava que ninguém me perguntasse isso.

— Ora, vamos! Conte para nós.

— Bem, eu ia para North Berwick. Meus pais ocupavam uma casa lá, todos os verões; eles jogavam golfe, enquanto eu, meu irmão e minha irmã ficávamos sentados na praia frígida, com nossa babá, construindo castelos de areia em meio ao vento uivante.

Penelope franziu a testa.

— Seu irmão? Não sabia que você tinha um irmão. Pensei que havia apenas uma irmã.

— Sim, eu tive um irmão. Ian. Era o mais velho dos três. Morreu de meningite aos quatorze anos.

— Oh, céus, que tragédia!

— Sim. Realmente, foi uma tragédia. Minha mãe e meu pai nunca conseguiram superar o trauma. Ele era o menino de ouro, inteligente e bonito, um disputador natural de jogos — o filho que todos os pais sonham possuir. Para mim, era uma espécie de deus, porque sabia como fazer tudo. Quando teve idade suficiente, passou a jogar golfe. Eventualmente, minha irmã começou a jogar também, mas eu sempre fui um desastrado e nem mesmo sentia interesse em jogar. Costumava ausentar-me sozinho, de bicicleta, a fim de observar pássaros.

Achava isso infinitamente mais interessante do que lutar, com as complexidades do golfe.

— North Berwick não me parece um bom lugar para ir — comentou Antonia. — Você nunca ia a outro lugar?

Danus riu.

— É claro que ia. Meu maior amigo na escola chamava-se Roddy McCrae. Seus pais possuíam um Croft, bem ao norte de Sutherland, perto de Tongue. Além disso, tinham direitos de pesca no Naver, e o pai de Roddy ensinou-me a pescar com rede. Quando superei a época de North Berwick, passava a maioria de minhas férias com eles.

— O que é um croft? — perguntou Antonia.

— Uma casinhola de dois aposentos, com um a mais no exterior. Era uma espécie de cabana de pedras. Contendo apenas o básico. Nada de encanamento, eletricidade, telefone. O fim da linha, o fundo do além, fora de contato com o mundo. Era formidável- Houve silêncio. Ocorreu a Penelope que talvez aquela fosse somente a segunda vez que ouvia Danus falar de si mesmo. Sentiu pena dele. Perder um irmão muito amado em tão tenra idade devia ter sido uma experiência traumatizante. E, possivelmente, sentir que jamais chegaria à altura daquele irmão era ainda pior. Ela esperou, imaginando que, após quebrado o gelo de sua reserva e sentindo-se confiante, ele pudesse continuar. Entretanto, Danus ficou calado. Espreguiçou-se, estirou-se e finalmente se pôs de pé.

— A maré baixou — disse para Antonia. — A piscina na rocha está nos esperando. Tem coragem bastante para nadar?

Eles tinham ido, escalando com dificuldade a borda do penhasco e depois tomando a estreita trilha que levava aos rochedos mais abaixo. A piscina esperava, imóvel como vidro, cintilante e rutilantemente azul. Esperando para vê-los reaparecer, Penelope pensou em seu pai. Recordou-o com o chapéu de aba larga, o cavalete, o vinho e sua solidão, satisfeita e concentrada. Uma das frustrações de sua vida era o fato de não ter herdado o talento paterno. Não sabia pintar, nem mesmo desenhar, mas a influência dele havia sido incrivelmente forte; convivera com ela por tanto tempo que, com a maior naturalidade, era capaz de observar qualquer perspectiva, com seu olho penetrante de artista que tudo vê. E tudo permanecia exatamente como antes, exceto pela sinuosa fita verde da estrada do penhasco, palmilhada por andarilhos, que afundava e subia através do verdejante matagal novo, seguindo os contornos da costa.

Olhou para o mar, tentando decidir como, se fosse papai, se incumbiria de pintá-lo. Porque, embora ele fosse azul, era um azul composto de mil matizes diferentes. Cobrindo a areia, era raso e translúcido, um verde-jade estriado de água-marinha. Sobre as rochas e algas, escurecia para o índigo. Mais além, onde

um pequeno barco pesqueiro abria caminho através das ondas, transformava-se em forte azul-da-prússia. Havia pouco vento, porém o oceano vivia e respirava; intumescia-se desde profundidades distantes, formando ondas. O sol, brilhando com seus raios através delas quando se encurvavam para rebentar, transformava-nos em esculturas móveis de vidraçaria verde. E, finalmente, tudo era afogado em luz, aquele único e ofuscante brilho que atraíra pintores à Cornualha, que instigara os impressionistas franceses à paixão pela criatividade. Uma composição perfeita. Faltavam apenas figuras humanas que infundissem proporção e vitalidade. Elas surgiram. Muito abaixo e miniaturizados pela distância. Antonia e Danus faziam uma lenta travessia por sobre as rochas, em direção à piscina. Ela os viu avançando. Danus carregava as toalhas de banho. Quando finalmente alcançaram a rocha achatada que ficava acima da piscina, ele as deixou cair e caminhou até a borda da rocha. Flexionou o corpo e mergulhou, mal espalhando água, quando se infiltrou nela. Antonia o seguiu. Nadando, eles rompiam a superfície da piscina em estilhas ensolaradas. Ela ouviu suas vozes altas, seus risos. Outras vozes, outros mundos. Foi bom, e nada que é bom jamais ficará perdido. A voz de Richard. Ele se parece com Richard.

Penelope jamais havia nadado com Richard porque seu amor acontecera em tempos de guerra, fora um amor de inverno. Agora, no entanto, observando Danus e Antonia, voltou a sentir, com uma intensidade física que ficava além da mera recordação, aquele choque entorpecente da água fria. Recordou a euforia, a sensação de bem-estar, tão claramente como se seu corpo ainda fosse jovem, intocado pela doença ou pela passagem dos anos. E havia outros prazeres, outras delícias. O doce contato de mãos, braços, lábios, corpos. A paz da paixão saciada, a alegria de acordar para sonolentos beijos e risos irracionais...

Fazia muito tempo, quando ainda era bem pequena, papai a apresentara às fascinantes delícias de um compasso e um lápis de ponta aguçada. Ensinara-lhe a desenhar padrões, botões de flores, pétalas e curvas, porém nada lhe dera tanto prazer como simplesmente desenhar um círculo, em uma folha branca de papel. Tão belo, tão preciso... O lápis se movendo, desenhando uma linha na retaguarda e terminando, com maravilhosa precisão, exatamente onde havia começado.

Um anel era o signo aceito de infinito, eternidade. Como se sua vida tivesse sido aquela linha feita a lápis, cuidadosamente desenhada, de repente ela compreendeu que as duas extremidades aproximavam-se. Fiz o círculo completo, disse para si mesma, perguntando-se o que tinha acontecido com todos aqueles anos. Era uma pergunta que, de tempos em tempos, dava-lhe certa ansiedade e a deixava atormentada por terrível sensação de perda. Agora, no entanto, a pergunta se tomava irrelevante e, quanto à resposta, fosse ela qual fosse, não mais encerrava qualquer importância.

— Olivia!

— Mamma! Que agradável surpresa!

— Percebi que nunca lhe havia desejado uma feliz Páscoa. Sinto muito, porém talvez ainda não seja demasiado tarde. Aliás, não tinha certeza de encontrá-la; pensei que se poderia ter ausentado.

— Voltei este anoitecer. Estive na Ilha de Wight.

— Com quem você ficou?

— Com os Blakison. Lembra-se de Charlotte? Era a editora de alimentação na Venus, mas depois saiu para se casar e ter filhos.

— Foi bom?

— Divino! Sempre é bom ficar com eles. Foi uma reunião de muita gente em casa dela. E tudo feito sem qualquer esforço visível.

— Aquele americano simpático estava com você?

— Americano simpático? Oh, está falando de Hank. Não, ele voltou para os States.

— Pensei que ele fosse uma pessoa muito querida.

— E foi. Aliás, é. Irá procurar-me novamente, da próxima vez em que vier a Londres. Bem, mamma, fale-me sobre você. Como estão indo as coisas?

— Estamos tendo momentos maravilhosos. Vivendo no maior luxo.

— Já não era sem tempo, após tantos anos. Recebi uma longa carta de Antonia. Ela parecia infinitamente feliz.

— Ela e Danus vão ficar fora o dia inteiro. Foram com o carro até a costa sul. Vão procurar um rapaz que possui um horto. A esta altura já devem ter voltado.

— E como Danus está se portando?

— Ele tem sido um enorme sucesso.

— Ainda o aprecia da mesma forma?

— Sem dúvida, talvez até mais. Entretanto, nunca conheci um homem tão reservado. Talvez seja assim mesmo, entre os escoceses.

— Ele já lhe contou por que não bebe nem dirige?

— Não.

— Provavelmente é um alcoólatra regenerado.

— Se for, isso é com ele.

— Conte-me o que tem feito. Já esteve com Doris?

— É claro! Parece estar desabrochando. Animada como sempre. No sábado, passamos o dia nos penhascos, em Penjizal. E ontem de manhã, ficamos todos muito devotos e fomos à igreja.

— A cerimônia foi bonita?

— Linda! A igreja de Porthkerris é particularmente bela e, claro, estava

inundada de flores, os bancos cheios de pessoas com chapéus incríveis, a música e o coral francamente excepcionais. Havia um bispo bastante tedioso em visita, que pregou para nós, porém a musica compensou o tédio de seu sermão. No final, houve uma volumosa procissão, todos ficamos em pé e cantamos "Por todos os santos que de seus labores descansam". Na volta para casa, eu e Antonia decidimos que era realmente um de nossos hinos favoritos.

Olivia riu.

— Oh, mamma! Isso, partindo de você! Eu nem mesmo sabia que tinha um hino favorito!

— Meu bem, eu não sou precisamente uma descrente. Não posso negar que seja um tanto cética. Enfim, a Páscoa é sempre algo perturbador, com a Ressurreição e a promessa do após-vida. Com franqueza, jamais consegui acreditar nisto. E, embora adorasse tornar a ver Sophie e papai, há dúzias de outras pessoas que eu passaria muito bem sem nunca mais voltar a ver. Além disso, imagine o aperto! Ser convidada para o maior, mais tedioso cocktail-party, onde passaria o tempo todo procurando as pessoas amigas que realmente quisesse ver...

— E quanto a “Os catadores de conchas”? Você o viu?

— Ficou maravilhoso. Absolutamente em casa. Como se tivesse estado lá a vida inteira!

— Não se arrepende de o ter doado?

— Nem por um segundo!

— E agora, o que esteve fazendo? Neste momento?

— Tomei um banho, espichei-me na cama, lia “O sol também se levanta” e liguei para você. Depois vou ligar também para Noel e Nancy, trocar de roupa e descer para jantar. Aqui é tudo sempre muito pomposo e, no restaurante, há um homem que fica dedilhando um piano de cauda. Como no Savory.

— Quanto refinamento! O que você vai usar?

— Meu cáftan. Está praticamente no fim, mas, semicerrando os olhos, a gente não enxerga os buracos.

— Você vai ficar fantástica, mamma. Quando voltam para casa?

— Na quarta-feira. Chegaremos a Podmore's Thatch ao anoitecer de quarta-feira.

— Darei um telefonema para lá .

— Faça isso minha querida. Que Deus a abençoe!

— Até lá, mamma!

Penelope discou o número de Noel, esperou um momento, ouviu o telefone tocar, mas ninguém atendeu. Ela desligou. Provavelmente ele fora para algum lugar, qualquer lugar no campo, em um de seus prolongados e sociais fins

de semana. Tornou a erguer o fone, discando então o número de Nancy.

— O velho Vicariato!

— George?

— Ele mesmo.

— Aqui é Penelope. Feliz Páscoa!

— Obrigado — disse George, mas não retribuiu.

— Nancy está aí?

— Deve estar em algum lugar. Você quer falar com ela?

— Se for possível. (Por que mais eu ligaria, sujeito idiota?)

— Espere um instante. Vou chamá-la.

Ela esperou. Era agradável ficar ali, relaxada e aquecida, recostada em enormes e macios travesseiros, mas Nancy demorou tanto a responder, que Penelope começou a se impacientar. O que estaria ela fazendo? Para passar o tempo, pegou seu livro e já até conseguira ler um ou dois parágrafos, quando ouviu a voz da filha.

— Alô?

Penelope baixou o livro.

— Nancy? Onde é que estava? No fim do jardim?

— Não.

— Teve uma boa Páscoa?

— Tive, obrigada.

— O que foi que fez?

— Nada de particular.

— Teve visitas?

— Não.

A voz era frígida. Nancy exibia seu aspecto mais desagradável, parecendo extremamente ofendida. O que teria acontecido agora?

— O que há de errado, Nancy?

— Por que deveria haver algo errado?

— Não sei, mas evidentemente houve alguma coisa. — Silêncio. — Acho melhor me dizer o que há, Nancy.

— Eu apenas... estou um pouco magoada e perturbada. Nada mais.

— Sobre o quê?

— Sobre o quê? Ora, você ainda pergunta, como se não soubesse perfeitamente o que há!

— Se soubesse, eu não perguntaria.

— Não ficaria magoada, se estivesse em meu lugar? Há semanas que não tenho notícias suas. Nem uma palavra! E quando ligo para Podmore's Thatch, querendo convidar você e Antonia para virem passar a Páscoa conosco, descubro

que viajou. Foi para a Cornualha, levando Antonia e o jardineiro em sua companhia, e tudo sem uma só palavra a mim ou a George!

Então era isso.

— Se quer saber francamente, Nancy, não pensei que você estivesse interessada.

— Não é uma questão de estar interessada, mas de me deixar preocupada. Ausentar-se sem mais nem menos, sem avisar a ninguém! Poderia acontecer-lhe alguma coisa, e nós nem saberíamos onde é que estava.

— Olivia sabia.

— Oh, Olívia... Sim, claro que ela sabia, e aposto como deve ter ficado bem satisfeita, ao me dar a informação. Acho incrível que você considere necessário dizer a ela o que pretende fazer, esquecendo de me dar qualquer notícia. — Ela agora estava a pleno vapor. — Tudo que acontece parece chegar até mim em segunda mão, através de Olivia. Tudo que você faz! Tudo que você decide! Contratar aquele jardineiro! Ter Antonia morando com você, quando levei semanas gastando um bom dinheiro em anúncios no jornal, à procura de uma governanta! Depois, a venda dos painéis e a doação de “Os catadores de conchas”! Sem uma palavra de consulta, a mim ou a George! Afinal de contas, sou sua filha mais velha. Se não me deve nada, pelo menos podia pensar em meus sentimentos. Em seguida, desaparece para a Cornualha desse jeito, com Antonia e o jardineiro a reboque. Dois perfeitos estranhos! No entanto, quando sugeri que Melanie e Rupert fossem, você rejeitou firmemente a idéia. Seus próprios netos! E leva dois estranhos! Duas pessoas sobre as quais nada sabemos. Eles estão tirando proveito de você, mamãe! Pode ter certeza disso. Claro, você sempre teve coração mole, mas não pensei que fosse tão cega. É tudo tão ofensivo... tão desconsiderado de sua parte...

— Nancy...

— ... se foi assim que se portou com o pobre papai, não é de admirar que ele a tenha abandonado. Ninguém gosta de se sentir rejeitado e indesejável. Vovó Keeling sempre dizia que jamais conheceu mulher tão insensível como você. Eu e George tentamos assumir responsabilidades em seu nome, porém você não torna as coisas fáceis para nós. Viajar, sem uma palavra... e gastando todo esse dinheiro. Todos sabemos o que essa hospedagem no The Sands irá custar-lhe... e desfazer-se de “Os catadores de conchas”... quando sabe o quanto todos nós estamos necessitados... Oh, é muito doloroso...

Os ressentimentos acumulados efervesciam. A esta altura, quase incoerente, Nancy perdera o fôlego. Penelope conseguiu uma brecha. — Terminou? — perguntou polidamente. Nancy não respondeu. — Posso falar agora?

— Se quiser.

— Liguei para você a fim de lhe desejar Feliz Páscoa. Não para ter uma discussão. Entretanto, se quer uma, farei sua vontade. Ao vender os painéis, simplesmente fiz o que você e Noel vinham insistindo comigo para que fizesse, durante meses. Obtive cem mil libras por eles, como Olivia provavelmente lhe contou e, pela primeira vez em minha vida, decidi gastar um pouco desse dinheiro comigo mesma. Você sabe que eu planejava voltar a Porthkerris, porque a convidei para vir comigo. Convidei Noel e também convidei Olivia. Vocês todos apresentaram escusas, nenhum de vocês quis vir comigo.

— Mamãe eu lhe disse meus motivos...

— Escusas — repetiu Penelope. — Eu não tinha a menor intenção de vir sozinha. Queria uma companhia alegre para partilhar o meu prazer. Assim, Antonia e Danus vieram comigo. Não estou tão senil, a ponto de não poder escolher meus próprios amigos. E quanto "Os catadores de conchas", aquele quadro era meu! Jamais esqueça isto! Papai o deu para mim, como presente de casamento. E agora, vendo-o pendurado na Galeria de Arte em Porthkerris, tenho a sensação de, simplesmente, tê-lo devolvido a ele. A ele e a milhares de pessoas comuns, que agora poderão ir lá e ver o quadro, talvez sentindo parte do consolo e prazer que ele sempre me deu.

— Você não pode ter idéia do quanto ele vale.

— Tenho muito mais idéia de seu valor, do que vocês jamais tiveram. Viveram com "Os catadores de conchas" a vida inteira e mal olharam para o quadro.

— Não foi isto que eu quis dizer.

— Não, eu sei que não foi.

— E que... — Nancy ficou à cata de palavras. — E como se você realmente quisesse magoar-nos... como se não gostasse de nós...

— Nancy!

— ... e por que você sempre conta tudo para Olivia, nunca para mim?

— Talvez porque você sempre pareça ter tanta dificuldade em compreender qualquer coisa que eu faça.

— Como posso compreender, se você se porta de maneira tão extraordinária, nunca querendo confiar em mim...tratando-me como se eu fosse uma tola. É sempre tudo com Olivia. Você sempre gostou mais dela! Quando éramos crianças, Olivia era apontada como o máximo, tão inteligente e tão interessante. Você jamais procurou compreender-me... e se não fosse por vovó Keeling...

Nancy atingira aquele ponto em que, transbordando de auto-piedade, estava pronta a evocar qualquer erro de um remoto passado, que imaginava lhe

ter sido infligido. Esgotada pela conversa. Penelope subitamente decidiu que não suportava mais. Já havia levado uma carga demasiado pesada e ainda tinha que ouvir os desabafos adolescentes de uma mulher de quarenta e três anos? Oh, era mais do que podia agüentar.

— Acho que devemos encerrar esta conversa.

Nancy — disse não sei o que teria sido de mim sem vovó Keeling. Poder contar com ela é que tornou minha vida apenas suportável...

— Adeus. Nancy.

— ... porque você nunca teve nenhum tempo para mim... nunca me deu nada...

Desligando cuidadosamente. Penelope encerrou a conversa com a filha. A voz irada e alterada foi, misericordiosamente, silenciada. Nas janelas abertas, cortinas transparentes agitaram-se à brisa. Seu coração como sempre acontecia nestas ocasiões perturbadoras, estava batendo em desencontradas palpitações. Ela estendeu a mão para suas pílulas, tomou duas, que engoliu com água, e recostou-se nos travesseiros fofos, fechando os olhos. Pensou em, simplesmente, entregar os pontos. Sentia-se exaurida por completo e, naquele momento, pronta a sucumbir à exaustão, até mesmo às lágrimas. Só que não admitia ser perturbada por Nancy. Não choraria.

Após um momento, depois que seu coração voltou a ficar estável, ela afastou as cobertas e saiu da cama. Usava um robe leve e fresco, estava com os compridos cabelos soltos. Foi ao toucador e sentou-se espiando a própria imagem sem muita satisfação. Depois pegou a escova e começou a escovar o cabelo, em longos e lentos movimentos.

Sempre tudo com Olivia. Você sempre gostou mais dela.

Era verdade. Desde que ela nascera e Penelope a vira pela primeira vez, um bebezinho moreno, com um nariz grande demais para o pequenino rosto, sentira aquela indescritível proximidade com a filha. Por causa de Richard, Olivia era especial. No entanto, isso era tudo. Jamais a amara mais do que amara Nancy e Noel. Amara todos eles, seus filhos. Amara mais cada um deles, mas por motivos diferentes. Ela descobrira que o amor tinha um curioso meio de se multiplicar. De duplicar-se, triplicar-se. À medida que cada filho chegava, sempre havia amor mais do que suficiente para dar. E Nancy, a primogênita, recebera mais do que o seu devido quinhão de amor e atenção. Pensou em Nancy pequena, tão teimosa e sedutora, caminhando aos tropeções pelo jardim em Carn Cottage, sobre as perninhas curtas e gordas. Correndo atrás das galinhas, empurrando o carrinho de mão que Ernie lhe tinha feito, mimada e idolatrada por Doris, perpetuamente cercada de braços amorosos e rostos sorridentes. O que acontecera àquela garotinha? Seria mesmo possível que Nancy não guardasse a

menor recordação daqueles primeiros tempos?

Infelizmente, parecia que assim era.

Você nunca me deu nada.

Não era verdade. Penelope sabia que não era verdade. Dera a Nancy o que tinha dado a todos os seus filhos. Um lar, segurança, conforto, interesse, uma casa aonde levar amigos, uma robusta porta da frente para os manter a salvo do mundo lá fora. Pensou no grande porão da Rua Oakley, cheirando a alho e ervas, aquecido pela enorme estufa e pela lareira aberta. Recordou todos eles, tagarelando como andorinhas e famintos como cães de caça, irrompendo da escola nos escuros crepúsculos dos invernos; livrando-se das mochilas, despindo os agasalhos e instalando-se para consumir enormes quantidades de salsichas, massas, bolos de peixe, torradas amanteigadas, bolo de ameixas e chocolate. Recordou daquele aposento maravilhoso na época do Natal, com o cheiro resinoso da árvore e cartões de Natal espalhados por toda parte, pendurados em varais de fita vermelha como roupa lavada na corda. Pensou nos verões, nas portas-janelas que se abriam para o jardim mais além, na sombra das árvores, no perfume dos pés de tabaco e das trepadeiras. Pensou nas crianças que brincavam naquele jardim, gritando garrulamente. Nancy fora uma delas.

Ela dera tudo isto a Nancy, porém não lhe fora capaz de dar o que ela queria (Nancy jamais dizia "queria" dizia "precisava"), pois nunca houvera dinheiro suficiente para comprar os bens materiais e presentes luxuosos que a menina cobiçava. Vestidos de festa, carrinhos de boneca, um pônei, estudo em internatos, saídas para dançar e uma temporada londrina de debutante. Um grande e ostentoso casamento havia sido o pico de suas ambições, mas só obtivera este desejo de seu coração através da oportuna intervenção de Dolly Keeling, que providenciara (e custeara) todo o dispendioso e constrangedor assunto.

Penelope finalmente largou a escova. Ainda estava irritada com Nancy, mas aquele ato simples de escovar os cabelos a tinha acalmado. Uma vez mais composta, sentiu-se melhor, mais fortalecida, dona de si mesma, capaz de tomar decisões. Apanhou e torceu os extremos da cabeleira, pegou suas travessas de tartaruga e firmou o coque no lugar, com certa força, de maneira perfeita.

Meia hora mais tarde, quando Antonia veio procurá-la, já tinha voltado para a cama. Sentada, com os travesseiros afofados, os pertences ao alcance e seu livro no colo.

Houve uma batida à porta, depois a voz de Antonia.

— Penelope?

— Entre.

A porta se abriu e Antonia assomou com a cabeça.

— Eu só vinha... — Ela entrou e fechou a porta. — Você está na cama! — Sua expressão era da maior preocupação. — Alguma coisa errada, Penelope? Não se sente bem?

Penelope fechou o livro.

— Não, eu estou bem. Sinto-me apenas um pouco cansada e sem vontade de descer para jantar. Sinto muito. Estavam à minha espera?

— Não esperamos muito tempo. — Antonia inclinou-se acima da borda da cama. — Descemos até o bar, mas como você não aparecia, Danus pediu que eu subisse, para saber o que estava acontecendo.

Penelope viu que Antonia se vestira para a noite. Usava uma estreita saia negra, juntamente com a folgada blusa de cetim creme que elas duas, juntas, haviam comprado em Cheltenham. Seus cabelos cobre-alourados pendiam reluzentes e perfeitos sobre os ombros. O rosto mostrava a pele limpa de uma suave maçã, sem sinais de artifícios. Excetuando-se, é claro, aquelas pestanas negras, admiravelmente longas.

— Quer comer alguma coisa? Gostaria que eu ligasse para a copa, pedindo que lhe enviem uma bandeja?

— Talvez. Mais tarde. Enfim, eu mesma posso fazer isso.

— Eu espero — disse Antonia, acusadoramente — que você não tenha exagerado, caminhando além da conta, sem que eu e Danus estivéssemos por perto.

— Não exagerei em nada. Apenas estou aborrecida.

— Ora, mas o que houve para deixá-la aborrecida?

— Liguei para Nancy, a fim de lhe desejar Feliz Páscoa, mas recebi uma enxurrada de acusações, em retribuição.

— Oh, que lamentável da parte dela... E como foi isso?

— Houve de tudo. Nancy parece achar que estou senil. Que não lhe dei importância quando era criança e que fiquei perdulária na velhice. Que guardo segredos dela, que sou uma irresponsável e não sei escolher meus amigos. Penso que tudo isto levou algum tempo fermentando dentro dela, e que o fato de haver trazido você e Danus comigo a Porthkerris foi a gota que fez o copo transbordar. Então, tudo ferveu e foi despejado em cima de mim. — Ela sorriu. — Oh, ainda bem! É melhor soltar do que reter, como costumava dizer meu querido pai.

Não obstante, Antonia ficou indignada.

— Como foi possível ela perturbá-la tanto?

— Não permiti que me perturbasse. Em vez disto, fiquei furiosa! É muito mais saudável. E, convenhamos, toda situação sempre tem seu lado cômico. Desliguei com ela ainda falando e posso imaginá-la correndo para o marido, em um dilúvio de lágrimas destoantes, para descarregar sobre ele todas as

iniqüidades de sua mãe irresponsável. Imagino também George refugiando-se atrás do jornal, sem abrir a boca. Ele sempre foi o menos comunicativo dos homens. Por que Nancy decidiu casar com ele, antes de mais nada, é algo que me foge à compreensão. Portanto, não admira que os filhos deles sejam tão antipáticos. Rupert, com seus modos descorteses, e Melanie, com aquele olhar funesto, sempre mascando a ponta do rabo-de-cavalo!

— Acho que não está sendo muito gentil.

— E não estou mesmo! Estou sendo malévola. No entanto, até foi bom que acontecesse, porque me ajudou a tomar uma decisão.

Sua volumosa bolsa de couro estava sobre a mesa de cabeceira. Penelope remexeu fundo em seu interior, vasculhando as vastas entranhas da bolsa. Por fim, seus dedos encontraram o que buscavam, apanharam o surrado estojo de couro para jóias.

— Tome — disse, entregando-o a Antonia. — É para você.

— Para mim?

— Sim. Quero que fique com eles. Pegue! Abra o estojo!

Quase relutante, Antonia obedeceu. Pressionou o diminuto fecho e a tampa se abriu com um estalido. Penelope observou-lhe o rosto. Viu-a arregalar os olhos em descrença, ficar boquiaberta de espanto.

— Oh, mas... eles não podem ser para mim!

— São seus. Eu os estou dando para você. Quero que fique com eles. São os brincos da Tia Ethel. Ela os deixou para mim quando a morreu, e os levei a Ibiza, daquela vez que fiquei com vocês. Usei-os na festa de Cosmo e Olivia. Lembra-se?

— É claro que me lembro! Mesmo assim, não os pode dar para mim! Tenho certeza de que são muito valiosos.

— Não mais do que nossa amizade. Não mais do que o prazer que você me deu.

— Eles devem valer milhares de libras. Penelope!

— Creio que valem quatro mil. Como nunca tive dinheiro suficiente para segurá-los, deixava-os guardados no banco. Apanhei-os naquele dia em que fomos a Cheltenham. Como acho que você tampouco terá dinheiro sobrando para o seguro, provavelmente terão que retomar ao banco. Pobres coisas, não têm levado uma vida muita boa, concorda? Entretanto, você pode usá-los agora, esta noite. Suas orelhas são furadas, não os irá perder. Coloque-os e deixe-me ver como ficam.

Antonia, no entanto, ainda hesitava.

— Ouça, Penélope, se eles valem tanto, não seria melhor guardá-los para Olivia ou Nancy? Ou para sua neta? Talvez Melanie é que devesse ficar com

eles.

— Olivia desejará que você fique com os brincos, posso garantir. Eles a fariam recordar Ibiza e Cosmo. Ela concordará comigo que nada melhor do que ficarem com você. Quanto a Nancy, tornou-se tão tediosamente ambiciosa e materialista, que nada merece. E duvido muito que Melanie um dia chegasse a apreciar o quanto são belos. Vamos, coloque-os!

Antonia continuava duvidosa, mas fez o que ela pedia. Retirou os brincos, um de cada vez, do veludo gasto em que repousavam, depois deslizou os finos aros de ouro nos lóbulos de suas orelhas. Jogou o cabelo para trás.

— Que tal ficaram?

— Perfeitos! Exatamente o que faltava como acessório para seu traje tão bonito. Vá até o espelho e veja você mesma.

Antonia assim fez, levantando-se da beira da cama, cruzando o quarto e parando diante do espelho do toucador. Penelope viu seu reflexo e pensou que nunca vira alguma jovem parecer tão sensacional.

— De lato, são perfeitos para você. Uma mulher precisa ter altura bastante para usar jóias tão belas. E, se algum dia ficar apertada de dinheiro, sempre os poderá empenhar. Será um pequeno pé-de-meia para os momentos difíceis.

Antonia, entretanto, permanecia silenciosa, sem palavras diante da magnificência do presente. Então, após um momento, afastou-se do espelho e voltou para junto da cama de Penelope. Sacudindo a cabeça, disse:

— Estou sem palavras. Não imagino por que deveria ser tão generosa, tão gentil comigo...

— Um dia, quando tiver a minha idade, acho que encontrará a resposta para isso.

— Farei um trato com você. Usarei os brincos esta noite, mas amanhã cedo talvez você tenha mudado de idéia. Se mudar, eu os devolverei!

— Não vou mudar de idéia, fique certa. Agora que os vi em suas orelhas, fiquei mais certa do que nunca de que lhe deveriam pertencer. Bem, não falemos mais disto. Sente-se outra vez e conte-me como foi seu dia. Danus não se incomodará. Ele pode esperar mais dez minutos. Quero ouvir tudo. Não adorou aquela costa sul? Tão diferente daqui, cheia de florestas e água... Certa vez, durante a guerra, passei lá uma semana. Em uma casa com um jardim que descia para um riacho. Lá havia narcisos silvestres por toda parte e pequenas gaivotas pousadas no final do ancoradouro. Às vezes me pergunto o que terá sido feito daquela velha casa e quem morará lá agora. — Isso, entretanto, agora não vinha ao caso. — Muito bem. Aonde foram? Com quem estiveram? Foi divertido?

— Sim, foi maravilhoso. Uma viagem fascinante. E interessante também. Estivemos em um imenso mercado de plantas, com estufas envidraçadas,

prateleiras de mudas e uma loja, onde se pode comprar plantas, regadores e coisas assim. Eles cultivam tomates, batatas prematuras e todo tipo de vegetais exóticos, como ervilhas mange-tout.

— Quem é o dono?

— Umas pessoas chamadas Ashley. Everard Ashley freqüentou a Faculdade de Horticultura com Danus. Por isso é que fomos lá.

Ela se calou, como se nada mais houvesse a ser dito. Penélope esperou por mais, porém Antonia continuou em silêncio. Tal reticência era inesperada. Olhou fixamente para a jovem, mas ela baixara os olhos, e suas mãos ocuparam — se com o estojo de jóias vazio, abrindo-o e tornando a fechá-lo. Alguma coisa estava errada. Ela insistiu, delicadamente:

— Onde foi que almoçaram?

— Com os Ashley, na cozinha de sua casa.

Agradáveis visões de um almoço íntimo em um pub, em alguma deliciosa estalagem, esmaeceram e morreram.

— Everard é casado?

— Não. Mora com os pais. A fazenda é de seu pai. Eles dirigem o negócio juntos.

— E Danus pretende fazer alguma coisa no mesmo ramo?

— Ele diz que sim.

— Você já discutiu o assunto com ele?

— Sim. Até certo ponto.

— Antonia... o que há de errado?

— Eu não sei.

— Vocês brigaram?

— Não.

— Ora, mas alguma coisa aconteceu!

— Não aconteceu nada. Eis o que está errado. Consigo chegar até um certo ponto, mas dali não passo. Fico pensando que o conheço, que estou próxima dele, mas então me vejo diante de um muro de retraimento. Como ter uma porta fechada na minha cara.

— Você gosta dele, não gosta?

— Oh, sim!

Uma lágrima surgiu por baixo das pestanas descidas, começando a deslizar pela face de Antonia.

— Apaixonada por ele, imagino.

Houve um longo silêncio. Antonia assentiu.

— E você acha que ele não a ama?

As lágrimas agora caíam rapidamente. Erguendo a mão, Antonia as

limpou.

— Não sei. É possível. Ficamos tanto tempo juntos, nestas últimas semanas... a esta altura, ele certamente saberia, de um modo ou de outro... a situação atinge um ponto de não retorno, e creio que já o ultrapassamos.

— A culpa é minha — disse Penelope. — Tome...

Apanhou um monte de lenços de papel na mesa de cabeceira e os passou para Antonia. Ela assoou o nariz ruidosamente, depois perguntou:

— Por que deveria ser culpa sua?

— Porque estive pensando apenas em mim mesma. Eu queria companhia, velha egoísta que sou! Então, convidei você e Danus para virem aqui comigo. Talvez até estivesse interferindo um pouco. Bancando a casamenteira, algo sempre fatal. Imaginei estar sendo inteligente, mas, talvez, este tenha sido o mais terrível engano.

Antonia parecia em desespero.

— O que há com ele, Penelope?

— É do tipo reservado.

— É algo mais do que reserva.

— Então orgulho, talvez.

— Seria orgulhoso demais para amar?

— Não é bem isso. Enfim, acho que ele não tem dinheiro. Sabe o que quer, porém não tem dinheiro para empregar. Qualquer tipo de negócio requer um bom capital, atualmente. Assim, ele fica sem perspectiva e talvez não se sinta em condições de ficar envolvido.

— Um envolvimento não significaria necessariamente a responsabilidade do casamento.

— Acho que, em se tratando de um homem como Danus, provavelmente significaria.

— Eu podia apenas ficar com ele. Trabalharíamos em alguma coisa, juntos. Nós nos entendemos bem trabalhando. Em todos os sentidos.

— Já lhe disse isto?

— Não pude. Tentei, mas não pude.

— Sendo assim, creio que deveria tentar novamente. Em benefício de ambos. Diga-lhe como se sente. Ponha suas cartas na mesa. Afinal, pelo menos são bons amigos. Acha que poderia ser sincera com ele?

— Está querendo dizer, confessar que o amo, que quero passar o resto de minha vida com ele, que não me importo se não tem dinheiro algum em seu nome e que nem mesmo me importo se não casar comigo?

— Dito desta maneira, admito que ficaria um pouco rude. Bem... sim. Acho que foi o que eu quis dizer.

— E se ele responder que devo ir cuidar de minha vida?

— Você ficará machucada e ofendida, mas, pelo menos, saberá onde está pisando. E, por algum motivo, não creio que ele lhe dirá para ir cuidar de sua vida. Acredito que será honesto com você, e acabará descobrindo que a explicação para a atitude dele é algo inteiramente distinto e separado do relacionamento entre ambos.

— Como seria possível tal coisa?

— Não sei. Gostaria de saber. Também gostaria de saber por que ele não bebe e nem dirige. Eu nada tenho com isso, claro, mas confesso que me intriga. Ele esconde algo, disso tenho certeza, mas, após conhecê-lo, não creio que seja alguma coisa vergonhosa.

— Na realidade, eu não me incomodaria se fosse — disse Antonia, agora tendo cessado as lágrimas. Ela tornou a assoar o nariz e acrescentou: — Eu sinto muito. Não pretendia fazer toda esta choradeira.

— Às vezes, é o melhor. É melhor soltar do que reter.

— Acontece que ele é o primeiro homem por quem já me senti realmente atraída ou com afinidades. Se tivesse havido muitos outros, talvez fosse mais fácil manejar a situação. Entretanto, nada posso fazer sobre a maneira como me sinto e acho que não suportaria a idéia de perdê-lo. Quando o vi a primeira vez, em Podmore's Thatch adivinhei que ele era especial, soube que seria alguém muito importante em minha vida. E, de certa forma, enquanto estávamos lá, tudo ia bem. Havia naturalidade, podíamos conversar e trabalhar juntos, plantar coisas, sem qualquer tensão. Aqui, no entanto é diferente. Formou-se uma situação irreal, há qualquer coisa sobre a qual pareço não ter controle algum...

— Oh, minha querida, sou eu a culpada! Sinto muito. Pensei que este passeio seria romântico para você, especial. Ora, não recomece a chorar. Acabará estragando seu rostinho bonito e também o resto da noite...

— Eu gostaria de não ser eu... — soltou Antonia. — Gostaria de ser Olivia. Ela jamais se meteria em tal confusão!

— Você não é Olivia. Você é você. É bonita e jovem. Tem tudo pela frente. Jamais deseje ser outra pessoa, nem mesmo Olivia!

— Ela é tão forte, tão sensata...

— Você também será. Agora, vá lavar o rosto, penteie o cabelo e desça para dizer a Danus que prefiro ficar aqui no quarto, tranqüila e comigo mesma. Depois, tome um drinque com ele, vá jantar e, enquanto estiverem comendo, diga-lhe tudo o que me disse. Você não é uma criança. Nenhum dos dois é. Esta situação não pode continuar, e não permitirei que se sinta infeliz. Danus é um rapaz educado. O que quer que aconteça, o que quer que ele diga, jamais a magoaria e delideradamente.

— Sim, eu sei disso.

Elas se beijaram. Antonia levantou-se da cama e foi ao banheiro, lavar o rosto. Quando emergiu, parou diante do toucador e usou o pente de Penelope para ajeitar o cabelo.

— Os brincos lhe darão sorte — disse-lhe Penelope. — E lhe darão coragem. Agora, apresse-se, é hora de ir. Danus deve estar perguntando-se o que terá acontecido a nós duas. E, lembre-se: diga o que pensa e não tenha medo. Jamais tenha medo de ser sincera e verdadeira!

Tentarei ser corajosa.

— Boa-noite, minha querida.

— Boa-noite.

13. Danus

Penelope acordou para outra manhã de céu claro e puro, para os sons agradáveis e conhecidos — o mar, quebrando-se suavemente na praia muito abaixo; gaivotas grasnando, e um tordo, logo abaixo de sua janela, fazendo um grande escarcéu sobre qualquer coisa; um carro subindo a rua, mudando a marcha, depois parando na entrada de cascalho; um homem assobiando.

Eram oito e dez. Ela havia dormido oito horas corridas. Sentia-se repousada, cheia de energia, faminta. Era terça-feira. O último dia das férias. Tal certeza a encheu de melancolia. Amanhã de manhã, deviam arrumar as malas e preparar-se para a longa viagem até Gloucestershire. Penelope se sentiu instigada por uma sensação de urgência egoísta, porque havia várias coisas que ainda não fizera e que gostaria de fazer. Ficou elaborando uma lista mental, por aquela vez colocando as próprias prioridades antes de tudo. Danus e Antonia, o dilema em que se encontravam, por ora ficavam em segundo lugar. Mais tarde, ela pensaria nos problemas dos dois. Mais tarde falaria com eles. Por ora, o tempo precisava ser seu apenas.

Levantou-se, tomou um banho, arrumou o cabelo, vestiu-se. Então, refrescada e perfumada, enfiada em roupas limpas, sentou-se à secretária em seu quarto e escreveu uma carta para Olivia, no espesso e caro papel timbrado, fornecido pelo hotel. Não era muito longa, quase um bilhete, informando a Olivia que dera para Antonia os brincos da Tia Ethel. Por algum motivo, era importante que Olivia ficasse a par disto. Enfiou a carta em um envelope, endereçou-o, selou-o e o fechou. Depois, recolhendo sua bolsa e as chaves, saiu do quarto.

Encontrou o saguão deserto, as portas giratórias abertas para o ar puro e os frescos aromas matinais. Somente o recepcionista estava atrás de seu balcão, e uma mulher de macacão azul passava o aspirador no carpete. Disse bom-dia para os dois, postou sua carta e foi para o refeitório vazio, pedir o desjejum. Suco de laranja, dois ovos cozidos, torradas, geléia e café preto. Quando ia chegando ao fim, um ou dois hóspedes entraram, acomodaram-se e abriram seus jornais, para discutir o novo dia. Foram planejados jogos de golfe e excursões turísticas. Penelope ouvia a conversa, satisfeita por não ter que considerar qualquer outra pessoa mais. Ainda não havia qualquer sinal de Danus ou Antonia, pelo que se sentiu vergonhosamente grata.

Saiu do refeitório. Agora eram quase nove e meia. Quando cruzava o

saguão, parou junto ao balcão do recepcionista.

— Vou até a Galeria de Arte. Sabe a que horas abre?

— Creio que por volta das oito, Sra. Keeling. Vai dirigindo?

— Não. Irei andando. Está uma manhã muito bonita. Enfim, quando eu quiser voltar, se ligar para o senhor, gostaria que mandasse um táxi apanhar-me.

— Perfeitamente.

— Obrigada.

Ela o deixou, encaminhando-se com consciente prazer para a claridade do sol e as doces rajadas de ar fresco, o que intensificava seu senso de liberdade e irresponsabilidade. Quando era criança, as manhãs de sábado infundiam a mesma sensação de vazio e falta do que fazer, a perspectiva de que as horas seriam preenchidas por delícias inesperadas. Caminhou devagar, saboreando odores e sons, parando para contemplar jardins, a cintilante expansão da baía, um homem passeando com seu cão pela praia. Assim, quando finalmente abandonou a rua do porto e começou a subir a inclinada rua lajeada que conduzia à Galeria, viu que as portas do prédio estavam abertas. Entretanto, àquela hora e àquela época do ano, descobriu que estava compreensivelmente deserto, com exceção do jovem sentado à sua mesa, na portaria. Era um indivíduo cadavérico, de comprido cabelo anelado, usando jeans remendados e uma folgada suéter pintalgada. Bocejava como se não houvesse dormido, mas, quando Penelope surgiu, ele engoliu o bocejo, empertigou-se na cadeira e prontificou-se a vender-lhe um catálogo.

— Não, não preciso de um catálogo, obrigada. Mais tarde, talvez compre alguns cartões-postais.

Mortalmente fatigado, ele tomou a afundar em sua cadeira. Penelope gostaria de saber quem o empregara como encarregado, mas então decidiu que ele provavelmente executava aquele trabalho por amor.

“Os catadores de conchas” esperava por ela, magnífico em seu novo lar, pendurado no centro da comprida parede sem janelas. Ela caminhou pelo piso ecoante e acomodou-se confortavelmente no antigo sofá de couro onde anos antes, costumava sentar-se com papai. Ele tinha razão. Eles tinham vindo, aqueles jovens artistas, como seu pai havia dito. “Os catadores de conchas” estava flanqueado, emoldurado, por abstratos e primitivos, todos explodindo de colorido, de luz e vida. Os pintores menores que, nos tempos antigos, haviam preenchido os grandes espaços haviam desaparecido (Barcos de pesca à noite; Flores em minha janela). Agora, ela identificava as obras de outros pintores, dos novos artistas que os tinham vindo substituir. Ben Nicholson. Peter Lanyon, Brian Winter. Patrick Heron. Entretanto, de maneira alguma eles superavam “Os catadores de conchas”. Pelo contrário, intensificavam os azuis e cinzas, os

brilhantes reflexos do quadro favorito de papai. Ela imaginou que era como entrar em um aposento mobiliado com belos móveis, tanto tradicionais como gritantemente modernos, onde nenhuma peça desmerecia sua vizinha nem contrastava com ela, simplesmente porque cada uma era a criação de um artesão habilidoso e o melhor de sua época.

Ela ficou ali, contente e em paz, alegrando e enchendo os olhos.

Quando ocorreu a interrupção e chegou outro visitante, entrando pela porta atrás dela, mal percebeu o sucedido. Houve uma conversa murmurada. Depois passos, caminhando devagar. E, de repente, foi como havia sido antes, naquele ventoso dia de agosto durante a guerra, e ela novamente estava com vinte e três anos, tinha buracos nos tênis e papai sentado ao seu lado. E Richard entrara na galeria e em suas vidas. E papai dissera a ele, “Eles virão... pintar o calor do sol e a cor do vento". E assim é que tudo começara.

Os passos aproximaram-se. Ele estava ali, aguardando sua atenção. Ela virou a cabeça. Pensando em Richard, viu Danus. Desorientada, perdida no tempo, olhou para ele; um estranho.

— Eu a estou perturbando — disse ele.

A voz familiar rompeu o estranho feitiço. Ela procurou compor-se, expulsou o passado, ajeitou as feições em um sorriso.

— É claro que não. Eu estava em um sonho.

— Devo deixá-la sozinha?

— Não, não. — Ele estava só. Usava uma blusa de pescador azul-marinho. Voltados para ela, os olhos de Danus pareciam estranhamente brilhantes, intensamente azuis, fixos. — Estou me despedindo de “Os catadores de conchas”. — Penelope mudou de posição, deu um tapinha no couro gasto do assento ao seu lado. — Venha e junte-se a mim, em minha comunhão solitária.

Ele assim fez, sentando-se meio de lado para ela, com um braço ao longo das costas do sofá, as pernas compridas cruzadas.

— Está melhor esta manhã?

Ela não recordava ter-se sentido indisposta.

— Melhor?

— À noite passada, Antonia disse que a senhora não se sentia muito bem.

— Oh, isso! Eu estava apenas um pouco cansada. Sinto-me perfeitamente bem esta manhã. Como sabia onde encontrar-me?

— O recepcionista do hotel me disse.

— Onde está Antonia?

— Arrumando as malas.

— Arrumando as malas? Tão cedo? Ora, só partiremos amanhã de manhã!

— Ela está arrumando minhas malas. Foi isto que vim dizer-lhe. Isto e

muitas outras coisas mais. Tenho que ir embora hoje. Vou embarcar no trem para Londres e depois, ainda esta noite, tomarei o que vai para Edimburgo. Tenho que ir em casa.

Ela só podia imaginar um motivo para atitude tão precipitada e urgente.

— Sua família. Aconteceu alguma coisa. Há alguém doente?

— Não. Não se trata disso.

— Então, por quê?

Seus pensamentos voaram para a noite anterior e para Antonia. Antonia em lágrimas, sentada na beira de sua cama. Você deve ser sincera e verdadeira, tinha dito a ela, certa, com toda a arrogância da experiência, de estar dando somente o conselho mais sensato. No entanto, tudo parecia indicar que simplesmente se intrometera, interferira e destruíra. O plano dera errado. O gesto corajoso de Antonia, pondo as cartas na mesa, de maneira alguma esclarecera a situação; a franqueza resultara em um confronto — talvez uma briga irremediável — e agora, ela e Danus haviam decidido que a única solução era o afastamento. Não podia haver outra explicação. Sentiu-se próxima das lágrimas.

— Eu sou a culpada — censurou-se. — Foi tudo culpa minha.

— Ninguém tem culpa. O que aconteceu nada tem a ver com a senhora.

— Oh, mas eu é que disse para Antonia...

Ela a interrompeu.

— E estava certa! E se, ontem à noite, ela nada tivesse dito, eu diria. Porque ontem, o dia que passamos juntos, foi uma espécie de catalisador. Tudo mudou. Foi como vadear um rio. Tudo ficou muito simples e muito claro.

— Ela o ama, Danus! Certamente, você percebeu isso.

— Daí o motivo de minha partida.

— Antonia significa tão pouco para você?

— Pelo contrário, justamente o contrário. É mais do que amor. Ela se tomou parte de mim. Dizer-lhe adeus será como dilacerar minhas próprias raízes, mas será preciso.

— Estou estupefata.

— Não a censuro.

— O que aconteceu ontem?

— Acho que nós dois subitamente amadurecemos. Também pode ser que tenha amadurecido o que vinha ocorrendo entre nós. Até ontem, tudo quanto havíamos feito juntos tinha sido sem importância, muito trivial e inofensivo. Trabalhar no jardim e na horta em Podmore's Thatch, nadar na piscina rochosa em Penjizal... Nada importante. Nada sério. Creio que isto provavelmente tenha sido culpa minha. Eu não procurava um relacionamento significativo. Era a última coisa que desejava. Então, ontem fomos a Manaccan. Já havia falado

antes sobre meus sonhos de um dia ter meu próprio negócio, e Antonia discutira tudo isso comigo, porém da maneira mais casual e impessoal. Nunca percebi o quanto se interessava por aquelas discussões. Então, Everard Ashley começou a mostrar-nos o que tinha feito e, enquanto o acompanhávamos, aconteceu uma coisa extraordinária. Nós dois nos tornamos um casal. Era como se, o que quer que fizéssemos, fôssemos fazê-lo juntos. Antonia parecia tão entusiasmada e interessada como eu, fervilhava de perguntas, idéias e planos. Foi quando de repente, bem no meio de uma estufa cheia de tomateiros, eu soube que ela era parte de meu futuro. Parte de mim agora. Não consigo imaginar a vida sem ela. Seja lá o que eu for fazer, quero fazê-lo com ela, e o que quer que aconteça a mim, quero que aconteça a nós dois.

— E por que isso não pode acontecer?

— Há dois motivos. O primeiro é estritamente prático. Nada tenho para oferecer a Antonia. Estou com vinte e quatro anos e não tenho dinheiro, uma casa, rendimentos privados, nada. Meu salário semanal é o de um jardineiro-operário. Um horto, um negócio só meu, é apenas um sonho distante, talvez irrealizável. Everard Ashley entrou no negócio com o pai, mas eu teria de comprá-lo e não disponho de capital.

— Há bancos que emprestam dinheiro. Não seria possível uma subvenção do governo? — Penelope pensou nos pais dele. Por alguns fiapos de informação soltados por Danus de quando em quando, a impressão deixada era de uma família, se não nadando em dinheiro, pelo menos com um razoável quinhão de bens materiais.

— Seus pais não poderiam ajudá-lo?

— A tal ponto, creio que não.

— Já perguntou a eles?

— Não.

— Já discutiu seus planos com eles?

— Ainda não.

Tamanho derrotismo era inesperado e sumamente irritante. Decepcionada com ele, Penelope acabou perdendo a paciência.

— Sinto muito, mas não consigo entender qual é o problema. Você e Antonia encontraram-se, amam-se e querem passar juntos o resto de suas vidas. Vocês têm que agarrar a felicidade, segurá-la bem firme, nunca deixá-la fugir! Agir de outro modo é moralmente errado. Tais oportunidades nunca aparecem duas vezes. Que diferença faz, se tiverem que viver com aperto? Antonia pode arranjar um emprego; é o que faz a maioria das esposas jovens. Outros casais jovens mantêm a cabeça acima d'água, simplesmente encaminhando suas prioridades no rumo certo. — Ele nada objetou a isto e ela franziu o cenho. —

Imagino que seja o seu orgulho. O estúpido, obstinado orgulho escocês. Se for, acho que está sendo tremendamente egoísta. Como pode ir embora e deixá-la, tomá-la tão infeliz? O que há de errado com você, Danus, para virar as costas ao amor?

— Eu disse que havia dois motivos. Só lhe contei um deles.

— E qual é o outro?

— Eu sou epiléptico — disse ele.

Ela se sentiu gelada e imóvel, sem palavras, impotente. Fitou o rosto dele, olhos nos olhos, e a expressão de Danus permaneceu imperturbável. Não baixou os olhos. Ela desejou abraçá-lo, apertá-lo contra si, confortá-lo, porém não fez nada disto. Pensamentos ao acaso ganharam forma, voaram desordenados em todas as direções, como aves espantadas. A resposta a todas aquelas perguntas não respondidas. Este homem é Danus.

Ela respirou fundo. Perguntou:

— Você já contou para Antonia?

— Já.

— Quer contar para mim?

— Por isto vim aqui. Antonia enviou-me. Ela disse que a senhora, mais do que ninguém, tinha que saber. Antes que eu parta e a deixe, preciso dizer-lhe os meus motivos.

Penelope pousou a mão no joelho dele.

— Estou ouvindo.

— Creio que tudo começou com meu pai e minha mãe. E com Ian. Já lhe disse, imagino, que meu pai é advogado. A família dele tem sido de advogados há três gerações, e o pai de minha mãe foi um jurista, membro dos tribunais escoceses. Ian estava destinado a imitar o exemplo de meu pai, juntando-se à firma familiar e, de modo geral, seguindo a tradição. E ele teria sido um bom advogado, porque tudo em que punha as mãos era sempre um sucesso. Entretanto, aos quatorze anos, Ian morreu. Inevitavelmente, competia a mim tomar-lhe o lugar. Eu ainda nem havia pensado no que queria fazer. Sabia apenas que aquela era a minha obrigação. Como se eu fosse programado, como um computador. Bem, fui estudar e, embora jamais tivesse sido tão brilhante como Ian, consegui ser aprovado nos exames necessários e obtive um lugar na Universidade de Edimburgo. Contudo, sendo ainda muito novo, antes de ir para a Universidade decidi tirar dois anos de folga para viajar, ver um pouco do mundo. Fui para a América. Vaguei de costa a costa, fazia qualquer trabalho que me surgisse pela frente e fui terminar no Arkansas, trabalhando em um rancho de gado, para um homem chamado Jack Rogers. Ele possuía terra como quê, estendendo-se por quilômetros e quilômetros. Tornei-me um dos vaqueiros,

ajudando a recolher o gado e a consertar cercas. Vivia em um galpão, juntamente com mais três trabalhadores.

“O rancho era incrivelmente distante. Sleeping Creek, a cidade mais próxima, ficava a sessenta e cinco quilômetros, não muito longe, para quem estivesse acostumado àquelas distâncias. Eu costumava dirigir até lá algumas vezes, levando Sally Rogers para compras nas lojas ou recolhendo mantimentos e equipamentos para Jack. Era um dia inteiro de viagem, com o caminhão sacolejando por uma estrada de terra e terminando coberto por uma poeira da marrom”.

“Certo dia, quando já chegava ao fim de minha temporada no rancho, fiquei doente. Sentia-me péssimo, comecei a vomitar e tiritar, depois tive uma febre altíssima. Devo ter ficado delirante, porque não recordo ter sido removido do galpão para a casa do rancho, mas foi onde me encontrei, com Sally Rogers cuidando de mim. Ela fez um bom trabalho e, após cerca de uma semana, consegui recuperar-me e ficar de pé novamente. Concluímos que eu sofrera alguma virose e, quando pude dar três passos sem ficar de pernas bambas, retomei ao trabalho”.

“Então, pouco mais tarde, sem qualquer aviso... nada... perdi os sentidos. Caí sobre um tronco abatido, bati com as costas e permaneci uma meia hora inconsciente. Parecia não haver qualquer motivo, mas uma semana mais tarde aquilo tomou a acontecer e fiquei passando tão mal, que Sally me botou no caminhão e levou-me ao médico, em Sleeping Creek. Ele ouviu meu relato dos fatos e fez alguns exames. Uma semana mais tarde voltei para vê-lo, quando então ele me disse que eu tinha epilepsia. Deu-me remédios para tomar, quatro vezes ao dia. Disse que tudo correria bem comigo, se não deixasse de tomar os remédios. Acrescentou que nada mais podia fazer por mim”.

Danus calou-se. Penelope sentiu que ele esperava algum comentário seu, mas não imaginava o que dizer, que não fosse cediço ou banal.

— Eu nunca havia estado doente na vida. Jamais tivera algo pior do que sarampo. Perguntei ao médico, por quê? Ele me fez algumas perguntas e finalmente chegamos a uma pancada que levei na cabeça, quando jogava rúgbi na escola. Havia sofrido uma concussão, porém nada pior. Até aquele momento. Agora, eu estava com epilepsia. Tinha quase vinte e um anos e era epiléptico.

— Contou isso às pessoas para quem trabalhava?

— Não. E fiz o médico prometer que honraria o sigilo profissional. Eu não queria que ninguém soubesse. Se não conseguisse lidar com aquilo sozinho, então não haveria mais qualquer jeito. Eventualmente, voltei para cá. Voei até Londres e tomei o trem noturno para Edimburgo. A esta altura, já decidira não aceitar aquele lugar na Universidade de Edimburgo. Com tempo para pensar a

respeito, acabara descobrindo a verdade, isto é, que jamais tomaria o lugar de Ian. Receava fracassar, decepcionar meu pai. Ao mesmo tempo durante aqueles últimos meses descobrira algo mais. Eu precisava trabalhar ao ar livre, com minhas mãos. Não queria ninguém observando-me de perto, esperando de mim uma coisa que eu jamais conseguiria realizar. Explicar tudo isto a meus pais foi uma das piores coisas que tive que fazer. A princípio, eles não acreditaram. Depois ficaram magoados, profundamente desiludidos comigo. Não os censurei. Eu estava destruindo todos os planos que tinham feito. Por fim, conformaram-se e aceitaram a situação, pois não havia alternativa. No entanto, foi impossível contar a eles sobre a epilepsia.

— Você nunca contou a eles? Como pôde ficar calado?

— Meu irmão morreu de meningite. Eu achava que, com uma coisa e outra, eles já tinham bastante para enfrentar. Não lhes faria bem algum se eu os sobrecarregasse com mais preocupações e angústias. Por outro lado, tudo estava bem comigo. Eu tomava a medicação e não perdia mais os sentidos. Estava perfeitamente normal. Tudo que tinha a fazer era procurar outro médico, um médico jovem... um homem que ignorasse meu histórico clínico. Ele me forneceu uma prescrição permanente para meus medicamentos. Depois disso, matriculei-me por três anos na Faculdade de Horticultura em Worcestershire. Lá, também, tudo correu bem. Eu era apenas mais um sujeito comum. Fazia tudo que faziam os outros alunos. Embriagava-me, dirigia, jogava futebol. No entanto, continuava epiléptico. Sabia que, deixando de tomar os remédios, tudo recomeçaria. Eu procurava não pensar nisso, mas ninguém consegue estancar o que nos vai dentro da cabeça. Era uma coisa que estava sempre lá. Um peso enorme, como uma mochila carregada, que nunca podemos arriar.

— Se você partilhasse seu problema, ele talvez não lhe parecesse tão pesado.

— Eventualmente, foi o que fiz. Por força das circunstâncias. Ao terminar os estudos, consegui o emprego com a Autogarden, em Pudley. Vi um anúncio no jornal, ofereci-me e fui aceito. Trabalhei até o Natal e então fui em casa, por umas duas semanas. Por volta do Ano Novo, peguei uma gripe e fiquei cinco dias de cama. Minha medicação esgotou-se. Era impossível sair para comprá-la, de maneira que finalmente precisei pedir a minha mãe que fizesse isso por mim. É claro que tive de contar tudo.

— Então, ela sabe! Graças a Deus por isso! Sem dúvida, deve ter desejado estrangulá-lo, por ser tão sigiloso.

— Curiosamente, acho que ela ficou aliviada. Já parecia desconfiar de alguma coisa e imaginara o pior, mas guardava seus temores para si mesma. Este é o problema com minha família: nunca fazemos confidências. Tem algo a ver

com ser escocês e independente, não querer ser considerado um estorvo. Fomos criados desta maneira. Minha mãe nunca foi muito demonstrativa, nunca o que se poderia chamar de particularmente afetuosa; entretanto, naquele dia, depois que trouxe minhas pílulas da farmácia, sentou-se à minha cama e conversamos durante horas. Ela chegou até a falar sobre Ian, uma coisa que jamais fizera antes. Recordamos os bons tempos e rimos. Então, falei -lhe que sempre me considerara um segundo-lugar, que nunca poderia substituir Ian. Com isto, ela voltou a seu antigo jeito enérgico e prático, disse-me que não devia ser um idiota tão emproado; eu era eu, ela não me queria de outra maneira; seu único desejo era ver-me bom novamente. Isto significava outro diagnóstico e uma segunda opinião. Assim que saí da cama, depois daquela gripe, vi-me sentado no consultório de um eminente neurocirurgião, respondendo a mil perguntas. Houve mais exames e um EEG... uma cintilografia cerebral... mas no fim do dia, fiquei sabendo que nenhum diagnóstico acurado poderia ser feito, enquanto eu permanecesse tomando medicamentos. Assim, eu teria que suspendê-los durante três meses e então voltar para uma segunda consulta. Se fosse cuidadoso, nada prejudicial aconteceria comigo, mas, em hipótese alguma, deveria dirigir ou ingerir álcool.

— E quando terminam os três meses?

— Já se esgotaram. Há duas semanas.

— Ora, mas que tolice! Você não deve perder mais tempo!

— Foi o que Antonia me disse.

Antonia. Penelope quase esquecera Antonia.

— O que aconteceu ontem à noite, Danus?

— A senhora já sabe a maior parte. Fomos para o bar e ficamos à sua espera, mas, como não aparecesse, Antonia foi ao seu encontro. Enquanto fiquei sozinho, fiz uma lista mental de cada coisa que diria a ela. Imaginei que fosse terrivelmente difícil, vi-me escolhendo as palavras acertadas, compondo frases ridiculamente formais. Então, ela voltou e vinha usando os brincos que a senhora lhe deu. Parecia tão sensacionalmente adulta e bonita, que todas aquelas frases preparadas com tanto cuidado voaram pela janela, e terminei dizendo a ela o que havia em meu coração. Eu estava falando, quando Antonia começou a falar também, e então começamos a rir, porque percebemos que ambos dizíamos a mesma coisa.

— Oh, meu querido rapaz...

— O que eu temia era magoá-la ou entristecê-la. Ela sempre me pareceu tão jovem, tão vulnerável... No entanto, foi admirável. Imensamente prática. E, como a senhora, ficou horrorizada em saber que as semanas iam passando, sem que eu marcasse a segunda consulta médica.

— E agora, já marcou?

— Já. Telefonei às nove horas desta manhã. Serei examinado pelo neurocirurgião na quinta-feira e, então, farei outro EEG. Os resultados serão quase imediatos.

— Ligue para nós em Podmore's Thatch e conte-nos tudo!

— Naturalmente.

— Se você ficou três meses sem medicamentos e sem perda dos sentidos, certamente o prognóstico é esperançoso.

— Não quero ficar pensando nisso. Não ouso ter esperanças.

— Seja como for, voltará para nós?

Pela primeira vez, Danus pareceu incerto sobre o que fazer.

— ... Ainda não sei. A questão é que talvez tenha que ser submetido a alguma espécie de tratamento. Isso pode durar meses. Então, terei que ficar em Edimburgo...

— E Antonia? O que acontecerá a Antonia?

— Não sei. Não sei nem o que acontecerá comigo. Neste exato momento, não vejo qualquer perspectiva de poder dar a ela a vida que merece. Antonia está com dezoito anos. Poderia fazer alguma coisa com sua vida, ter alguém. Basta ligar para Olivia e, dentro de alguns meses, estará na capa de cada revista de luxo do país. Não posso permitir que se comprometa comigo, enquanto eu não tiver certeza de um futuro de alguma sorte para nós dois. Realmente, não há alternativa.

Penelope suspirou. No entanto, contra sua opinião, respeitou o raciocínio dele.

— Se vocês tiverem que ficar separados por algum tempo, talvez fosse melhor Antonia voltar para Londres e ficar com Olivia. Ela não pode, simplesmente, ficar parada em Podmore's Thatch, comigo. A pobrezinha morreria de tédio. Será melhor ter um emprego. Novos amigos. Novos interesses...

— Acha que estará bem lá, sem ela para lhe fazer companhia?

— Oh, mas claro que estarei! — Ela sorriu. — Pobre Danus, lamento por você. A doença é algo odioso seja que forma assuma.

Eu sou doente. Sofri um ataque cardíaco, porém não admito isto para ninguém. Saí do hospital e disse para meus filhos que os médicos são uns idiotas. Insisti em que nada havia de errado comigo, mas é lógico que há. Se fico perturbada, meu coração salta no peito como um ioiô, e sou obrigada a tomar uma pílula. Ele pode descontrolar-se inteiramente a qualquer momento e, então, ficarei caída, com os dedos do pé virados para cima. Só que, enquanto isso não acontece, sou muito mais feliz fingindo que nada houve, absolutamente nada.

Você e Antonia não se devem preocupar por eu ficar sozinha. Conto com a minha querida Sra. Plakett. Entretanto, não vou fingir que não sentirei falta de vocês dois. Tivemos ótimos momentos juntos! Eu não poderia desejar companheiros melhores nesta última semana. Sou muito grata aos dois, por terem vindo a este lugar tão especial.

Ele balançou a cabeça, em sorridente perplexidade.

— Nunca soube por que a senhora sempre se mostrou tão excepcionalmente gentil comigo.

— A explicação é fácil. Apeguei-me a você desde o começo, devido aos seus traços físicos. É estranhamente parecido com um homem que conheci durante a guerra. Foi como se, logo no início, eu já o conhecesse. Doris Penberth também reparou na semelhança, naquele anoitecer em que você e Antonia foram apanhar-me em casa dela. Doris, Ernie e eu somos as únicas pessoas que ainda podem lembrar-se dele. Chamava-se Richard Lomax e foi morto no Dia D na Praia de Omaha. Dizer que alguém foi o amor de nossa vida soa como o clichê mais banal, porém é isso que ele significou para mim. Quando morreu, algo em mim morreu também. Nunca houve mais ninguém.

— E seu marido?

Penelope suspirou. deu de ombros.

— Receio que o nosso casamento nunca tenha sido muito satisfatório. Se Richard tivesse sobrevivido à guerra. eu deixaria Ambrose, levaria Nancy e iria viver com ele. Com Richard morto, voltei para Ambrose. Parecia a única coisa a fazer. Aliás, sinto-me um pouco culpada com ele. Eu era jovem e egoísta quando nos casamos, para nos separar quase em seguida. O casamento nunca teve uma chance antes. Achei que pelo menos, devia essa chance a Ambrose e, por outro lado, ele era o pai de Nancy. Além disso, eu queria mais filhos. Por fim, descobri que jamais amaria de novo, inteiramente. Não poderia haver outro Richard e assim pareceu-me sensato tirar o melhor proveito do que eu tinha. Devo admitir que eu e Ambrose nunca tivemos muito sucesso em nossa vida a dois, porém havia Nancy, depois tive Olivia e mais tarde, Noel. Filhos pequenos apesar do trabalho que dão podem ser um grande consolo.

— Nunca falou a seu filhos sobre este outro homem?

— Nunca. Jamais contei a eles, jamais pronunciei seu nome. Levei quarenta anos sem falar nele. Somente há dias, quando estive com Doris, ela falou em Richard, como se ele tivesse saído da sala naquele momento. Foi maravilhoso! Não havia mais tristeza. Vivi entristecida tempo demasiado. Em uma solidão que nada nem ninguém poderiam amenizar. Entretanto, no correr dos anos, acabei conformada com o sucedido. Aprendi a viver interiormente, a cultivar flores, a ver meus filhos crescendo, a olhar para quadros e ouvir música.

Os suaves poderes. Eles são admiravelmente consoladores.

— Sentirá falta de “Os catadores de conchas”.

Ela ficou comovida pela percepção dele.

— Não. Danus! Não sentirei mais. “Os catadores de conchas” se foi, como Richard se foi. Provavelmente, jamais tomarei a pronunciar o nome dele. E você guardará consigo o que lhe contei, para sempre.

— Tem a minha palavra.

— Ótimo. Agora como parece que já falamos tudo o que havia para falar, não será hora de irmos andando? Antonia irá pensar que desaparecemos para sempre. — Danus levantou-se e estendeu a mão, a fim de ajudá-la a ficar em pé. Penelope descobriu que seus pés doíam. — Estou cansada demais para subir a colina caminhando. Pediremos àquele rapaz de cabelos compridos, que telefone pedindo um táxi para nos levar ao hotel. Deixarei para trás “Os catadores de conchas” e todas as lembranças do meu passado. Bem aqui, nesta singular e pequenina Galeria, onde todos eles começaram e onde é inteiramente apropriado para terminar seus dias!

14. Penelope

Resplendente em seu uniforme verde-escuro, o porteiro do saguão do hotel The Sands bateu a porta do carro e desejou a elas um boa viagem. Antonia dirigia. O velho Volvo rodou para diante, dobrou a curva da entrada de carros, por entre os canteiros de hortênsias, e ganhou a rua. Penelope não olhou para trás.

Era um bom dia para partirem. O feitiço do tempo perfeito parecia temporariamente interrompido. Um nevoeiro surgira do mar durante aquela noite e envolvia tudo em neblina, dispersando-se e tornando a se juntar novamente, como fumaça. Somente uma vez, pouco antes de elas chegarem à auto-estrada, o nevoeiro rareou, admitindo uma difusa claridade solar, capaz de revelar o estuário. Era maré vazante. As praias lodosas apareciam vazias de vida, com exceção das eternas aves marinhas rapinantes. A distância, podiam ser vislumbrados os alvos vagalhões do Atlântico, quebrando-se contra os bancos de areia. Então, a íngreme rampa da nova estrada empinou-se em direção ao céu, e tudo se foi.

Desta maneira, a partida, a despedida, terminava. Penelope preparou-se para a longa jornada. Pensou em Podmore's Thatch e descobriu que ansiava chegar em casa. Com satisfação, viu-se chegando, entrando em sua casa, inspecionando seu jardim, desfazendo malas, abrindo janelas, lendo sua correspondência...

Ao seu lado, Antonia perguntou:

— Você está bem?

— Achou que eu devia debulhar-me em lágrimas?

— Não, mas é sempre doloroso deixar algum lugar que amamos. Você esperou tanto tempo para voltar... E, agora, estamos novamente indo embora.

— Sou uma mulher de sorte. Tenho meu coração em dois lugares, de maneira que fico contente, onde quer que esteja.

— Acho que deve voltar no ano que vem. Fique com Doris e Ernie. Isso lhe proporcionará algo por que ansiar. Cosmo sempre dizia que a vida não merece ser vivida, a menos que tenhamos uma expectativa.

— O querido homem, como tinha razão! — Penelope pensou nisto. — Receio que, por enquanto, seu futuro pareça um pouco triste e solitário.

— Só por enquanto.

— É melhor ser realista, Antonia. Se ficar preparada para ouvir o pior, em

relação a Danus, então, tudo que for melhor chegará como um maravilhoso bônus.

— Eu sei. Aliás, não tenho qualquer ilusão sobre ele. Percebo que isso talvez demore muito tempo e odeio tal perspectiva, por causa dele. Entretanto, quanto a mim, sei egoisticamente que o fato de ele estar doente torna tudo mais fácil. Nós nos amamos de verdade e nada mais importa... Isto é o principal e é a isto que me apegarei.

— Está sendo muito corajosa. Sensata e corajosa. Não que eu esperasse outra coisa de sua parte. Sinceramente, estou muito orgulhosa de você.

— No fundo, nada tenho de corajosa. Entretanto, nada é tão ruim, se podemos fazer alguma coisa. Na segunda-feira, voltando de Manaccan, sem nenhum de nós dizendo uma palavra e sabendo que havia algo errado, embora sem idéia do que fosse... bem, isso foi o pior. Achei que ele se cansara de mim, que não desejava a minha presença, que teria preferido ir ver seu amigo sozinho. De fato, foi terrível. O desentendimento não é a coisa mais horrível do mundo? Jamais permitirei que isso aconteça comigo outra vez. E sei que nunca mais acontecerá entre Danus e eu.

— Foi tanto culpa dele, como sua. No entanto, acho que essa dolorosa reserva é natural nele, foi herdada dos pais, sendo também grande parte devido à maneira como foi criado.

— Ele me disse que era isso o que tanto aprecia em você. Sua maneira de estar sempre mais do que disposta a discutir qualquer coisa. E, mais importante ainda, a ouvir. Danus me contou que, em criança, nunca de fato conversou com os pais, nunca se sentiu realmente próximo deles. Muito triste, não? Eles provavelmente o adoravam, mas nunca pensaram em dizer-lhe isto.

— Antonia, se Danus tiver que ficar em Edimburgo e submeter-se a um tratamento, talvez tendo que ficar hospitalizado algum tempo... já pensou no que pretende fazer?

— Já. Se possível, ficarei mais uma ou duas semanas com você. Até lá, deveremos saber para que lado o vento irá soprar. Se a ausência dele for prolongada, então ligarei para Olivia e aceitarei sua oferta de ajuda. Não que eu queira ser modelo fotográfico. Na realidade, não há um trabalho que eu detestasse mais, porém se puder ganhar algum dinheiro decente com isso, conseguirei sustentar-me e economizar um pouco. Assim, quando Danus ficar bem novamente, pelo menos teremos um pequeníssimo começo para iniciar vida nova. Isso será meu estímulo para trabalhar. Não irei sentir que estou desperdiçando meu tempo inteiramente.

Enquanto elas viajavam, subindo para a espinha dorsal do condado e deixando para trás o litoral, o nevoeiro se dissipara por completo. Em terras

altas, o sol batia em cheio nos prados, fazendas e charnecas, as antigas casas de máquinas de minas de estanho, em desuso, apontando para o céu límpido de primavera, irregulares como dentes quebrados.

Penelope suspirou.

— Que estranho! — exclamou.

— O que é estranho?

— Primeira foi a minha vida. Depois a de Olivia. Então, apareceu Cosmo. Depois você. E agora, é de seu futuro que falamos. É uma estranha progressão.

— Sem dúvida. — Antonia hesitou, depois prosseguiu. — Há uma coisa sobre a qual não precisa preocupar-se. Nem tudo está errado com Danus. Quero dizer, ele não é importante ou coisa assim.

O significado desta observação levou um instante para ser digerido. Penelope virou a cabeça e olhou para Antonia. O perfil sedutor da jovem estava voltado para a estrada diante delas, porém um leve rubor lhe aquecia as faces.

Tornando a virar-se para espiar pela janela, Penelope sorriu secretamente para si mesma.

— Fico satisfeita — respondeu.

O relógio da igreja de Temple Pudley batia as cinco horas, quando elas cruzavam o portão de Podmore's Thatch e logo depois paravam. A porta da frente estava aberta e uma coluna de fumaça desprendia-se da chaminé. A Sra. Plackett encontrava-se lá, esperando-as. A chaleira cantava e ela havia feito uma batelada de bolinhos. Nenhuma acolhida ao lar teria sido mais bem-vinda.

A Sra. Plackett falava ruidosamente, dividida entre querer ouvir as novidades delas e oferecer as suas.

— Vejam só, como estão queimadas! Lá deve ter feito o mesmo bom tempo que aqui. O Sr. Plackett teve que regar nossas verduras, de tão seco que o solo ficou. E, obrigada pelo cartão-postal, Antonia. Era do seu hotel, com todas aquelas bandeiras esvoaçando? Para mim, mais parecia um palácio! Tivemos vândalos no cemitério, quebraram todos os vasos de flores e escreveram palavras horríveis sobre as sepulturas, com tinta-spray. Trouxe algumas coisinhas para vocês; pão e manteiga, leite e umas duas costeletas para seu jantar. Fizeram uma boa viagem?

Elas finalmente conseguiram dizer-lhe que sim, tinham feito uma boa viagem, as estradas haviam estado ótimas e agora só pensavam em uma xícara de chá. Foi somente então que a Sra. Plackett reparou no detalhe; das três pessoas que haviam partido para a Cornualha, apenas duas retomavam.

— Onde está Danus? Na certa o deixaram na Sawcombe's, não foi?

— Não, ele não veio conosco. Teve que voltar à Escócia. Tomou o trem ontem.

— À Escócia? Um tanto inesperado, não é mesmo?

— Sem dúvida, mas ele precisava ir. De qualquer modo, tivemos cinco dias maravilhosos juntos.

— Isso é o que importa. Viu sua velha amiga?

— Doris Penberth? Sim, é claro. E posso dizer-lhe, Sra. Plackett, que conversamos até nos secar a bocal — A Sra. Plackett preparava o chá. Penelope sentou-se à mesa e pegou um bolinho. — A senhora foi muito bondosa, ficando aqui para nos receber.

—Bem, eu disse para Linda que achava melhor vir para cá. Arejar a casa. Colher algumas flores... Sei que não gosta de sua casa sem flores. Oh, temos mais uma novidade: o Darren, filhinho de Linda, começou a andar. Ainda outro dia, estava engatinhando pela cozinha... — Ela serviu o chá. — Ele faz anos na segunda-feira. Eu disse que daria uma ajudazinha a Linda; queria saber se não se incomoda se eu vier na terça-feira, em vez de na segunda. Já limpei as janelas, coloquei a correspondência em sua secretária... — Ela puxou uma cadeira e sentou-se também, os braços grossos e competentes cruzados sobre a mesa à sua frente uma pilha e tanto, acumulada em cima do capacho, atrás da porta...

Ela finalmente se foi para casa, pedalando majestosamente sua bicicleta, a fim de servir o chá do Sr. Plackett. Enquanto as duas bisbilhotavam, Antonia havia descarregado o carro e levado suas malas para cima. Presumivelmente estaria guardando tudo nos armários, porque não tornou a aparecer. Então, assim que a Sra. Plackett foi embora, Penelope fez o que desejava fazer, logo que entrara em casa. Primeiro sua estufa de plantas. Encheu um regador e regou todas as plantas nos vasos. Depois apanhou as tesouras de jardinagem e foi para o jardim. O gramado precisava ser aparado, as íris haviam despontado e, no extremo oposto do canteiro marginando o muro, havia uma massa de tulipas vermelhas e amarelas. Os primeiros rododendros tinham florido precoces, e ela colheu apenas uma das flores, maravilhando-se com sua perfeição rosa-pálido, emoldurada em rígidas folhas verde-escuro. Concluiu que nenhuma mão humana jamais conseguiria tão satisfatório arranjo de pétalas e estames. Após um momento contemplando a flor, com ela na mão vagou pelo pomar, cheio de fruteiras floridas. depois cruzou o portão para a margem do rio. O Windrush fluía sossegadamente, esgueirando-se por baixo dos ramos pendentes dos salgueiros. Havia primaveras desabrochadas e moitas de malva amarelo-pálidas. Enquanto ela caminhava, uma pata selvagem emergiu de um espesso de juncos e começou a nadar corrente acima, para encantamento de Penelope, seguida por meia dúzia de penugentos patinhos. Ela continuou andando até a ponte de madeira e, por aquele momento dando-se por satisfeita, fez lentamente o caminho de volta para casa. Quando cruzava o gramado, Antonia chamou, da

janela de seu quarto no andar de cima.

— Penélope! — Penelope parou e olhou para cima. A cabeça e os ombros de Antonia estavam emoldurados em um emaranhado de madressilvas. — Já passa das seis horas. Posso telefonar para Danus? Prometi a ele que telefonaria, para dizer que chegamos bem!

— Claro que pode. Use o telefone de meu quarto. E dê lembranças minhas a ele.

— Eu darei.

Na cozinha, encontrou um jarro de vidro, encheu-o de água e colocou dentro dele a flor do rododendro. Levou o jarro para a sala de estar, já profusamente decorada pelas mãos não profissionais, mas amorosas da Sra. Plackett. Depositou o jarro em sua secretária, recolheu a correspondência e instalou-se em sua cadeira de braços. Os enfadonhos envelopes pardacentos, sem dúvida contendo contas, foram deixados no chão. Os outros... ela os folheou. Um grosso envelope branco parecia interessante. Reconheceu a caligrafia comprida e fina de Rose Pilkington. Fendeu o envelope com o polegar. Ouviu um carro entrando no portão, aproximar-se e parar diante da porta da frente.

Não se moveu da poltrona. Um estranho tocaria a sineta da porta, e um amigo simplesmente iria entrando. Foi o que fez este visitante. Pisadas cruzaram a cozinha, o vestíbulo. A porta da sala de estar se abriu, e seu filho Noel entrou no aposento.

Dificilmente ela ficaria mais surpresa.

— Noel!

— Olá!

Ele usava calças de sarja castanho-claras, uma suéter azul-celeste e um lenço de algodão pintalgado de vermelho, atado ao pescoço. Estava muito queimado e parecia admiravelmente atraente. A carta de Rose Pilkington ficou esquecida.

— De onde foi que surgiu?

— De Gales. — Ele fechou a porta atrás de si. Penelope ergueu o rosto, esperando um dos beijos superficiais do filho, porém ele não se inclinou para tal, em vez disto, postando-se com alguma graciosidade diante da lareira, os ombros recostados no aparador, as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Atrás de sua cabeça, a parede onde “Os catadores de conchas” estivera pendurado agora estava nua e vazia. — Estive lá, para o fim de semana da Páscoa. Agora, estou indo para Londres e pensei em dar uma passada por aqui.

— Fim de semana da Páscoa? Bem, hoje já é quarta-feira!

— Foi um longo fim de semana.

— Muito conveniente para você. Divertiu-se?

— Bastante, obrigado. E como foi, na Cornualha?

— Uma viagem mágica. Chegamos por volta das cinco horas. Ainda nem desfiz as malas.

— E onde estão seus companheiros de viagem?

A voz dele tinha um tom cortante. Ela o fitou agudamente, mas ele evitou seu olhar, desviando o rosto.

— Danus está na Escócia. Foi para lá ontem, de trem. E Antonia está lá em cima, em meu quarto, telefonando para ele, a fim de dizer que chegamos bem.

Noel ergueu as sobrancelhas.

— A partir de tão pouca informação, é difícil adivinhar exatamente o que aconteceu. Essa volta à Escócia parece indicar que as relações ficaram tensas, enquanto desfrutavam do The Sands. Contudo, neste momento, Antonia fala com ele ao telefone. Você precisará explicar melhor.

— Nada há para explicar. Danus tinha um compromisso na Escócia, ao qual não podia faltar. Nada mais simples do que isso. — A expressão de Noel deixava entender que ele não acreditava.

Penelope resolveu mudar de assunto. — Quer ficar para o jantar?

— Não. Tenho que voltar a Londres.

Entretanto, ele continuou onde estava.

— Um drinque, então... gostaria de um drinque?

— Não, está tudo bem comigo.

Ela pensou. Não deixarei que ele me intimide. Falou:

— Pois eu gostaria de um. Gostaria de um uísque com soda. Poderia ter a gentileza de servi-lo para mim?

Ele hesitou, depois foi à sala de refeições. Ela ouviu armários sendo abertos, o retinir de copos. Reuniu as cartas que jaziam em seu colo e as colocou bem empilhadas na mesa ao lado da poltrona. Quando Noel voltou, Penelope viu que ele mudara de idéia sobre o drinque, pois trazia dois copos. Entregando-lhe um, ele retomou à posição anterior.

— E “Os catadores de conchas”? — perguntou ele.

Então era isso. Ela sorriu.

— Foi Olivia quem lhe falou sobre “Os catadores de conchas” ou foi Nancy?

— Nancy.

— Nancy ficou profundamente ofendida por eu ter feito tal coisa. Pessoalmente ofendida. É o que sente também? Foi isso que veio me dizer?

— Não. Eu só queria saber o que, em nome de Deus, a induziu a fazer semelhante coisa.

— Meu pai o deu para mim. Doando-o à Galeria, achei que simplesmente

o devolvia a ele.

— Tem alguma idéia do valor daquele quadro?

— Sei o quanto ele vale para mim. Quanto a uma avaliação financeira, como ele nunca foi exibido antes, nunca foi avaliado.

— Eu liguei para meu amigo Edwin Mundy e contei a ele o que você havia feito. Ele nunca viu o quadro, naturalmente, mas tinha uma noção bastante clara do preço que alcançaria em um leilão. Sabe em quanto ele o avaliou...?

— Não sei e nem quero saber. — Noel abriu a boca para dizer-lhe, mas se viu na outra extremidade de um olhar de advertência tão formidável, que tomou a fechá-la sem pronunciar palavra. — Você está com raiva — ela prosseguiu. — Porque, por algum motivo, como Nancy, acha que me desfiz de algo que, por direito, pertence a vocês. Não, Noel, não pertence! Nunca pertenceu! Quanto aos painéis, devia mostrar-se satisfeito por eu ter seguido o seu conselho. Você insistiu para que eu os vendesse, foi quem me apontou a Boothby's e o Sr. Roy Brookner. O Sr. Brookner encontrou-me um comprador particular, que me ofereceu cem mil por eles. Aceitei o preço. O dinheiro está aí, para ser incluído em meus bens, quando eu morrer. Isso não o satisfaz? Quer mais?

— Você devia ter discutido o assunto comigo. Afinal de contas, sou o seu filho.

— Já havíamos discutido o assunto. Vezes sem conta. E, a cada vez, a discussão dava em nada, quando não terminava em briga. Sei o que você quer, Noel. Você quer dinheiro, agora! Na sua mão! Para jogá-lo fora em alguma idéia louca, que com toda probabilidade dará em nada. Conseguiu um emprego perfeitamente bom, mas quer um melhor. Corretagem de ações. E quando se cansar disso e, no processo, perder cada penny que possuir, então será algo mais... algum outro caldeirão de ouro, no final de um arco-íris inexistente! Felicidade é tirar o máximo proveito do que se tem, e riqueza é tirar o máximo proveito do que se conseguiu. Você tem tanta coisa caminhando em sua direção! Por que não enxerga isto? Por que sempre deseja mais?

— Você fala como se eu pensasse apenas em mim mesmo. Não é verdade. Estou pensando também em minhas irmãs e em seus netos. Cem mil libras parecem uma montanha de dinheiro, mas depois de pagos os impostos, se você continuar a esbanjar com qualquer cão aleijado que cruze seu caminho e lhe caia no agrado...

— Não fale comigo como se eu estivesse senil, Noel! Estou absolutamente lúcida, na posse de todos os meus sentidos; posso escolher meus amigos e tomar minhas próprias decisões! Ir a Porthkerris, ficar no The Sands, levando Danus e Antonia para me fazerem companhia; foi a primeira vez em minha vida, a primeiríssima vez, que experimentei as alegrias de gastar dinheiro, de ser

generosa. Pela primeira vez na vida, não tive que pesar o valor de cada penny. Pela primeira vez, pude dar sem me preocupar com o custo. Foi uma experiência que jamais esquecerei e que tomou tudo mais gratificante, pela dignidade e gratidão com que foi recebido.

— É isso que você quer? Gratidão incessante?

— Não, mas penso que você devia tentar entender. Se não confio em você, em suas necessidades e esquemas, é porque já passei por tudo isto antes com seu pai, e não pretendo recomeçar agora.

— Certamente não pode censurar-me por meu pai.

— E não o censuro. Você era apenas um garotinho, quando ele abandonou todos nós. Entretanto, em você, ele deixou muita coisa de si mesmo. Boas coisas. A semelhança física, o encanto e suas indubitáveis aptidões. No entanto, deixou também outras características não muito recomendáveis... Grandes idéias, gostos extravagantes e nenhum respeito pela propriedade alheia. Sinto muito. Odeio dizer tais coisas, mas parece que chegou o momento, para nós dois, de sermos inteiramente francos um com o outro.

— Não pensei que você me detestasse tanto — disse ele.

— Noel, você é meu filho. Não pode compreender que, se não o amasse tanto, jamais me daria ao trabalho de dizer estas coisas?

— Você tem uma curiosa maneira de demonstrar amor. Dando a estranhos tudo o que possui... e nada para seus filhos.

— Você fala como Nancy. Ela me disse que nunca lhe dei nada. O que há de errado com vocês dois? Você, Nancy e Olivia foram a minha vida. Durante anos, vivi apenas para vocês. E, neste momento, ouvindo-o dizer tais coisas, encho-me de desespero. Sinto que, em algum ponto e de algum modo, falhei total e inteiramente com vocês!

— Acredito — disse Noel lentamente — que de fato falhou!

Depois disso, parecia nada mais haver a ser dito. Ele terminou seu drinque, virou-se e colocou o copo sobre a lareira. Evidentemente, estava disposto a ir embora, e a idéia de ele partir com a amargura da discussão pendendo entre eles era mais do que Penelope podia suportar.

— Fique para jantar conosco, Noel! Não demoraremos! Você estará em Londres por volta das onze horas...

— Não! Eu preciso ir.

Ele começou a andar para a porta. Penelope levantou-se da poltrona e o seguiu, através da cozinha e passando pela porta. Sem olhar para ela ou encontrar-lhe os olhos, ele entrou no carro, bateu a porta com força, afivelou o cinto de segurança e ligou o motor.

— Noel! — Ele se virou para a mãe, as feições atraentes sem sorrir,

antagonizantes, não demonstrando amor. — Eu sinto muito. — Ele assentiu brevemente, aceitando o pedido de desculpas. Ela forçou um sorriso. — Volte logo!

Entretanto, o carro já se movia, as palavras dela ficaram perdidas no rugido estrondoso do motor. Depois que ele se foi, Penélope tornou a entrar. Ficou parada junto à mesa da cozinha e pensou no jantar, mas não conseguia imaginar o que fazer. Com um esforço de vontade, procurou controlar-se. Foi até a despensa, apanhou batatas e caminhou com elas para a pia. Abriu a torneira de água fria. Ficou vendo a água correr e pensou em lágrimas, mas estava além do choro.

Permaneceu ali, incapaz, durante alguns momentos. Então, o telefone da cozinha tocou bruscamente uma vez, sobressaltando-a, trazendo-a de volta à realidade. Abriu uma gaveta e dela tirou sua faca pequena e afiada. Quando Antonia desceu a escada, correndo ao seu encontro, ela descascava batatas tranqüilamente.

— Sinto muito, mas conversamos durante séculos! Danus disse que pagará a ligação. Deve ter custado um monte de libras! — Antonia sentou-se à mesa e cruzou as pernas. Estava sorrindo, parecia doce e satisfeita como um gatinho. — Ele mandou mil lembranças para você, disse que irá escrever-lhe uma longa carta. Não uma carta tipo pão-com-manteiga ou torrada-com-marmelada. Oh, e irá ver o médico amanhã e telefonará para nós, assim que souber qual será o veredicto. Estava ótimo, não parecia nem um pouco preocupado. Disse que o sol está brilhando, mesmo em Edimburgo. Tenho certeza de que é um bom sinal, e você? Um sinal de esperança. Se estivesse chovendo, eu não ficaria tão alegre por ele. Terei ouvido vozes? Você teve algum visitante?

— Sim, tive. Era Noel a caminho de Londres, voltando de um fim de semana em Gales. Um longo fim de semana, conforme garantiu. — Estava tudo nos eixos, sua voz soava ótima, normal, com naturalidade e firmeza. — Convidei-o a ficar para o jantar, mas ele queria voltar para casa. Assim, tomou um drinque e foi embora.

— Que pena não o ter visto! Enfim, havia tanta coisa para dizer a Danus... Eu não conseguia parar de tagarelar. Quer que eu descasque essas batatas? Ou devo encontrar um repolho ou qualquer outra coisa? Ou prefere que eu ponha a mesa? Não é formidável estar em casa? Sei que não é a minha casa, mas ela me dá essa sensação e, francamente, só sei dizer que é ótimo estar de volta. Você também se sente assim, não é? Não se arrepende de alguma coisa?

— Não — respondeu Penelope. — Não me arrependo de nada!

Na manhã seguinte, às nove horas, ela deu dois telefonemas para Londres e marcou dois compromissos. Um deles era com Lalla Friedmarm.

A consulta de Danus seria às dez horas e, na noite anterior, haviam combinado que ele só conseguiria telefonar pelo menos às onze e meia, a fim de lhes comunicar qual fora o veredicto do médico. Entretanto, o telefonema foi dado pouco antes das onze, e Penélope atendeu, porque Antonia estava no pomar, pendurando à brisa um varal de roupa lavada.

— Podmore's Thatch.

— Aqui é Danus.

— Danus! Oh, céus, Antonia está lá fora, no jardim. Quais são as novidades? Conte-me imediatamente! O que tem para nos dizer?

— Não há novidade alguma.

O coração de Penelope contristou-se, desapontado.

— Você esteve no médico?

— Sim, estive. Depois fui ao hospital para o EEG, mas... você não vai acreditar nisto... o computador estava avariado, de maneira que não puderam dar-me os resultados.

— Não acredito! Oh, mas que coisa exasperante! E quanto tempo vai ter que esperar?

— Não sei. Eles não sabiam informar.

— E agora, o que irá fazer?

— Lembra-se de eu lhe ter falado sobre meu amigo Roddy McCrae? Estive com ele ontem à noite no "The Tilted Wig" e soube que está partindo amanhã para uma semana de pesca, em Sutherland. Ele me convidou a acompanhá-lo e ficar no croft, de maneira que decidi aceitar o convite e aguardar, enquanto isso. Se tenho que esperar dois dias para saber os resultados do cintilograma cerebral, posso perfeitamente esperar uma semana. Pelo menos, não estarei perambulando dentro de casa, roendo as unhas até o sabugo e deixando minha mãe fora de si.

— Então, quando voltará para Edimburgo?

— Provavelmente na quinta-feira.

— Não existe algum meio de sua mãe entrar em contato com você no croft e dar-lhe alguma notícia?

— Não. Como lhe disse, aquilo fica no fundo do além. E, para ser franco, já convivi tanto tempo com esta coisa, que posso muito bem esperar mais sete dias.

— Neste caso, talvez seja melhor você ir. E, enquanto isso, ficaremos cruzando os dedos. Não deixaremos de pensar em você um só momento. Promete telefonar, assim que voltar para casa?

— Naturalmente. Antonia está por aí...?

— Vou chamá-la. Aguarde um instante!

Ela deixou o telefone pendurado pelo fio e saiu pela estufa de plantas. Antonia vinha cruzando o relvado, com a cesta vazia da roupa lavada presa debaixo do braço. Usava uma blusa rosa, as mangas enroladas até os cotovelos, e uma saia de algodão azul-marinho, que se enfunava ao vento.

— Antonia! Depressa, é Danus...

— Já? — A cor lhe fugiu das faces. — O que foi que ele disse? O que aconteceu?

— Ainda não há novidades, porque o computador está avariado... mas espere ele mesmo dizer. Está no telefone. Vamos... Dê-me a cesta!

Antonia entregou-lhe a cesta e voou para dentro. Levando a cesta, Penelope foi sentar-se na cadeira de jardim que ficava do lado de fora da janela da sala de estar. Francamente, a vida era demasiado cruel. Se não era uma coisa, era outra. Entretanto, em vista das circunstâncias, era melhor que Danus se ausentasse com o amigo. A companhia de um velho companheiro por vezes era a resposta, em ocasiões semelhantes. Ela imaginou os dois jovens naquele mundo de charnecas intermináveis e montanhas muito altas, em meio ao frio cortante dos mares do norte e dos rios profundos, de águas castanhas e rápida correnteza. Eles pescariam juntos. Sim, Danus havia feito a melhor escolha. Diziam que pescar era imensamente terapêutico.

Um movimento prendeu sua atenção, pelo canto do olho. Espiou e viu Antonia emergir da estufa de plantas, depois cruzar o gramado, em direção a ela. A jovem parecia abatida, arrastando os pés como uma criança. Deixou-se cair ao lado de Penelope e disse:

— Que droga!

— Concordo. É tudo muito frustrante. Para todos nós.

— Maldito computador antigo. Por que eles não conseguem pôr essas coisas funcionando? E por que tinha de acontecer logo com Danus?

— Se quer saber acho que foi uma terrível má sorte. Entretanto, o que podemos fazer? Só nos resta esperar e torcer pelo melhor.

— Com ele está tudo bem; ficará fora uma semana, pescando.

Penelope teve de sorrir.

— Você está parecendo uma esposa abandonada — disse.

— É mesmo? — Antonia pareceu ressabiada. — Não era a minha intenção. Apenas acho que mais uma semana vai parecer interminável!

— Eu sei. No entanto, é muito melhor que ele não fique sem ter o que fazer, vagando de um lado para outro, enquanto espera o telefone tocar. Nada neste mundo é mais desmoralizador. Acho muito melhor que ele fique ocupado em alguma coisa que o deixe feliz. Tenho certeza de que não o censurará por isso. Assim, a semana passará. Nós duas também procuraremos ocupar-nos e

distrair-nos. Vou a Londres na segunda-feira. Gostaria de ir comigo?

— A Londres? Para quê?

— Quero apenas rever velhos amigos. Há muito que não vou lá. Se você for comigo, poderemos ir de carro. Entretanto, se preferir ficar aqui, me levaria de carro até Cheltenham e lá eu pegaria o trem.

Antonia pensou na sugestão. Depois respondeu:

— Não. Acho que vou ficar. Talvez eu tenha que voltar para Londres em breve, e seria uma pena desperdiçar um dia inteiro na cidade, em vez de aproveitar o campo. Além disso, a Sra. Plackett não virá na segunda-feira por causa do aniversário de Darren. Ficando aqui, farei os trabalhos domésticos e prepararei um jantar delicioso, para quando você chegar em casa. Por outro lado — ela sorriu, parecendo um pouco mais dona de si mesma — sempre existe a ligeira possibilidade de que Danus se veja a uns quinze quilômetros de algum telefone e resolva ligar para mim. Seria uma tragédia, se eu não estivesse aqui!

Desta maneira, Penelope foi a Londres sozinha. Conforme haviam combinado, Antonia a levou de carro até Cheltenham e ela tomou o trem das 9:15. Em Londres, visitou a Academia Real e almoçou com Lalla Friedmarm. Depois disso, tomou um táxi que a levou à Gray's Irm Road e aos escritórios de Enderby, Looseby & Thring, Advogados. Forneceu seu nome à jovem sentada atrás da mesa de recepção e foi conduzida por dois lances de uma estreita escada até o gabinete particular do Sr. Enderby. A jovem bateu à porta e depois a abriu.

— A Sra. Keeling deseja vê-lo, Sr. Enderby.

A recepcionista recuou. Quando Penelope cruzou a porta, o Sr. Enderby levantou-se e saiu de trás de sua mesa, a fim de recebê-la.

Nos velhos tempos de penúria, Penelope teria ido da Gray's Irm Road até a estação de Paddington de ônibus ou de metrô. Na verdade, era o que tinha planejado fazer agora, mas, quando eventualmente deixou o prédio dos escritórios de Enderby, Looseby & Thring, descobriu que a perspectiva de mover-se em Londres em um transporte público de repente se tornava insustentável. Um táxi vazio aproximava-se. Adiantando-se, ela lhe fez sinal.

No táxi, recostou-se no banco traseiro, satisfeita por estar sozinha, e absorveu-se em seus pensamentos, recordando a conversa com o Sr. Enderby. Muito havia sido discutido, decidido e realizado. Nada mais havia a ser feito. O empreendimento fora cumprido, porém tudo se revelara exaustivo demais, de maneira que se sentia no fim das forças, tanto física, como mentalmente. Sua cabeça doía; os pés pareciam grandes demais para os sapatos. Em adição, sentia-se também encardida e acalorada, porque embora nublada e sem sol, a tarde estava quente, o ar era pesado, abafado e poluído. Olhando pela janela do táxi, enquanto esperavam que as luzes do trânsito mudassem do vermelho para o

verde, ela subitamente se sentiu esmagada e deprimida por tudo que via. O tamanho da cidade, os milhões de seres humanos enxameando pelas ruas, seus rostos ansiosos e preocupados, todos caminhando apressadamente, como se receassem chegar atrasados a algum compromisso de vida ou morte. Um dia, também ela morara em Londres. Ali tivera seu lar. Ali criara sua família. Agora, no entanto, não podia imaginar como suportara todos aqueles anos.

Pretendia tomar o trem das 16:15, mas o trânsito em Marylebone Road assumira proporções tão assustadoras que, quando o táxi passou pelo museu de Madame Tussaud, ela já se conformava em perder esse trem e tomar um outro mais tarde. Em Paddington, precisou juntar várias notas para pagar a enorme e inflacionada corrida do táxi, depois checou os horários dos trens e, encontrando uma cabine telefônica, ligou para Antonia, a fim de informar que estaria chegando em Cheltenham às quinze para as oito. Feito isto, comprou uma revista, entrou no Hotel da estação, pediu um bule de chá e sentou-se para esperar.

A viagem desconfortável no trem quente e lotado pareceu durar uma eternidade, de maneira que foi imenso o alívio de finalmente chegar, desembarcar e saber que havia terminado. Antonia estava na plataforma quando ela desceu do trem, e era uma bênção ser acolhida, beijada, levada pelo braço, não mais responsável por si própria. Passaram pela roleta e saíram para o pátio de estacionamento. Penelope ergueu os olhos para o céu límpido do anoitecer, sentiu o cheiro das árvores e da relva, e então respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar puro e fresco.

— Tenho a sensação — disse para Antonia — de que fiquei fora algumas semanas.

Instalada em seu velho Volvo, ela e Antonia rodaram para casa.

— Teve um bom dia? — perguntou Antonia.

— Sim, mas estou absolutamente exausta. Sinto-me suja e cansada, exatamente como uma velha refugiada. Já tinha esquecido o pandemônio que Londres pode ser. Apenas ir-se de um lugar para outro consome a maior parte do dia. Daí eu ter perdido meu trem. Aquele em que consegui embarcar, vinha lotado de pessoas voltando do trabalho, e um homem com o maior traseiro do mundo decidiu sentar justamente ao meu lado.

— Teremos fricassê de galinha para o jantar, mas talvez você preferisse descansar um pouco antes.

— O que realmente quero é um banho quente e depois minha cama...

— Então, assim que chegarmos, é isso que terá! Depois que estiver na cama, irei perguntar-lhe se deseja comer alguma coisa e, se sentir fome, prepararei uma bandeja para você, poderá comer tranqüilamente.

— Você é uma criança adorável!

— Vou lhe dizer uma coisa. Podmore's Thatch fica esquisita, sem a sua presença.

— Como foi que passou seu dia solitário?

— Aparei a grama. Liguei o motor do aparador e fiz um trabalho que parece de profissional.

— Danus ligou?

— Não, mas era o que eu já esperava.

— Amanhã é terça-feira. Mais dois dias, e estaremos recebendo notícias dele.

— Sim — disse Antonia.

As duas silenciaram. A estrada à frente delas começava a subir para a região das Cotswold.

Ela pensou que dormiria, mas não foi assim. O sono repousante teimava em fugir-lhe; cochilava 'e voltava a acordar. Remexeu-se, virou-se e cochilou novamente. Sonhos aparentes eram apoquentados por vozes, palavras e fiapos de conversa que não faziam sentido. Ambrose estava ali, bem como Dolly Keeling, tagarelando sobre um certo aposento que pretendia decorar em tons magnólia. Depois Doris, falando pelos cotovelos, casquinando com suas risadas estridentes. Lalla Friedmarm, jovem novamente. Jovem e amedrontada, porque seu marido Willi estava perdendo o juízo. Você nunca me deu nada! Você nunca nos deu nada! Você deve estar insana! Eles estão tirando proveito de você! Antonia embarcava em um trem e ia embora para sempre, tentava dizer algo que Penelope não ouvia, porque soava o apito do trem e só podia ver-lhe a boca, que se abria e fechava. Ficou agitada, sabendo que Antonia queria dizer algo que era de imensa importância. Então, o antigo sonho entrou em cena: a praia vazia, o nevoeiro sepultando tudo, e a desolação, porque no mundo não havia ninguém mais além dela.

A noite escura não terminava. De vez em quando ela se soerguia na cama, acendia a luz e olhava e relógio. Duas da madrugada. Três e meia. Quatro e quinze. As cobertas da cama estavam enroladas e amarfanhadas, ali não havia consolo para os membros pesados por incômoda fadiga. Penelope ansiava pela luz do dia.

Por fim, chegou a claridade. Ela a viu chegar, e isso a acalmou. Imediatamente cochilou um pouco mais, depois abriu os olhos. Viu os primeiros raios baixos do sol, o céu pálido e sem nuvens. Ouviu os pássaros, trinando, chamando e respondendo. Depois, foi a vez do tordo no castanheiro.

Felizmente, a noite chegava ao fim. Às sete horas, desassossegada e, estranhamente, mais cansada do que nunca, saiu da cama com lentidão, calçou

os chinelos e vestiu o robe. Tudo parecia requerer um esforço enorme, a ponto de atos tão simples como aqueles exigirem pensamento e concentração. Foi até o banheiro, lavou o rosto e escovou os dentes, movendo-se com cautela, procurando evitar qualquer ruído capaz de perturbar Antonia. De volta ao quarto, vestiu-se, sentou-se à frente do espelho e escovou os cabelos, que depois enrolou em um coque e prendeu com grampos. Percebeu as manchas, semelhantes a equimoses abaixo dos olhos escuros, o pálido de sua pele.

Desceu para o térreo. Pensou em fazer uma xícara de chá, mas depois desistiu. Saiu da casa pela estufa de plantas, abrindo a porta envidraçada e chegando ao jardim. O ar era frio e cortante como lâmina afiada. Seu impacto a fez estremecer e aconchegar o cardigã à volta do corpo, porém também era refrescante, da maneira como é refrescante a água fria da primavera ou o mergulho em uma piscina de água gélida. A grama recém-cortada cintilava com o orvalho, porém os primeiros raios aquecidos do sol haviam tocado um canto e, ali, com o orvalho se derretendo, a relva mostrava uma diferente tonalidade de verde.

Sua disposição de espírito melhorou, como sempre acontecia ante a visão da relva, árvores, canteiros... seu próprio santuário, criado por ela mesma, no correr de cinco anos de árduo e satisfeito trabalho. Passaria ali o dia inteiro. Havia muito a ser feito.

Chegou ao terraço, onde ficava o velho assento de madeira. Nas fendas entre as lajes cinzento-escuras, tinham sido plantadas moitas de tomilho e aubriécias (que, mais adiante no ano, tornar-se-iam gordas almofadas de flores brancas e violetas) — mas também cresceriam as inevitáveis ervas daninhas. Um atrevido dente-de-leão atraiu-lhe o olhar e ela se inclinou para arrancá-lo, puxando-o pela teimosa e firme raiz. Entretanto, parecia que até mesmo este pequeno esforço físico era demasiado porque, ao endireitar o corpo, sentiu-se tão esquisita, de cabeça estonteada e desorientada, que lhe ocorreu a idéia de estar prestes a desmaiar. Instintivamente, sua mão apoiou-se no encosto da cadeira e, firmando-se nele, conseguiu abaixar-se até ficar sentada. Incerta, esperou o que aconteceria em seguida. Aconteceu quase instantaneamente. Uma dor, como uma corrente elétrica em brasa, subiu-lhe pelo braço esquerdo, circundou-lhe o tórax e se fechou ao redor do peito, como uma apertada fita de aço. Não conseguia respirar e jamais conhecera tamanha agonia. Fechou os olhos e abriu a boca para gritar, afugentar a dor, mas nenhum som lhe brotou dos lábios. A existência resumiu-se em dor. Em dor e nos dedos de sua mão direita, ainda engalfinhados em torno dos remanescentes do dente-de-leão. Por algum motivo, era imensamente importante continuar aferrada a ele. Podia sentir a terra fria e úmida que aderia às raízes; às suas narinas chegou a fragrância forte e pungente

daquela terra. Muito longe, fracamente, ela ouviu o tordo cantar.

E então, sobrepondo-se sub-repticiamente, chegaram outros cheiros e outros sons. A relva recém-cortada de um gramado de muito tempo atrás; um gramado que descia até a beira d'água, onde cresciam os narcisos silvestres. O cheiro salitrado da maré enchente, avolumando-se para encher o riacho. O grasnido das gaivotas pequeninas. As pisadas de um homem.

O luxo definitivo. Ela abriu os olhos. A dor desaparecera. O sol se fora. Talvez se houvesse escondido atrás de uma nuvem. Não importava. Nada importava.

Ele estava chegando.

— Richard...

Ele estava ali.

Em Ranfurly Road, às nove e quinze da manhã de terça-feira, quatorze de abril, Olivia estava em sua pequena cozinha, fazendo café, fervendo um ovo para seu desjejum e folheando a correspondência matinal. Já penteara o cabelo e se maquilara, como de costume, porém ainda não estava vestida para o dia de trabalho. Entre a correspondência, encontrou uma foto vivamente colorida de Assis, onde um dos editores de arte fora passar as férias. Virou-a para ler o jocoso bilhete do verso e, ao fazê-lo, o telefone tocou.

Ainda segurando o cartão-postal, cruzou a sala de estar para atender.

— Olivia Keeling.

— Srta. Keeling?

Era uma voz de mulher, uma voz do campo.

— Ela mesma.

— Oh, ainda bem que a encontro em casal Tinha tanto medo de que já houvesse saído para trabalhar...

— Não, eu só saio de casa às nove e meia. Quem está falando?

— A Sra. Plackett. De Podmore's Thatchl.

A Sra. Plackett. Com doloroso cuidado, como se aquilo fosse da máxima importância, Olivia colocou o jovial cartão-postal sobre o aparador da lareira, recostado à moldura dourada do espelho. Sua boca estava seca.

— Mamma está bem? — conseguiu perguntar.

— Srta. Keeling, eu receio que... bem, são notícias tristes. Eu sinto muito. Sua mãe faleceu, Srta. Keeling. Esta manhã. Ainda muito cedo, antes que qualquer de nós estivesse aqui.

Assis, sob o céu de um azul inteiramente impossível. Ela nunca estivera em Assis. Mamma estava morta.

— Como foi que aconteceu?

— Um ataque do coração. Deve ter sido de repente. No jardim. Antonia é

que a encontrou, apenas sentada lá, na cadeira do jardim. Tinha estado arrancando ervas daninhas. Havia um velho dente-de-leão em sua mão... Deve ter tido algum aviso antes, e então quis sentar-se. Ela... ela não parecia angustiada, Srta. Keeling.

— Ela andava indisposta?

— De maneira alguma. Voltou da Cornualha queimada como um bago, era a mesma pessoa de sempre. Só que ontem passou o dia todo em Londres...

— Mamma esteve em Londres? Por que não me contou?

— Não sei, Srta. Keeling. Não sei por que ela foi. Tomou o trem em Cheltenham e, quando Antonia foi apanhá-la na estação, ao anoitecer, disse que achou a Sra. Keeling muito cansada. Ela tomou um banho e foi para a cama, assim que chegou em casa, mas Antonia lhe levou uma refeição ligeira, em uma bandeja. Bem, talvez tivesse exagerado no que andou fazendo.

Mamma, morta! O terrível, o inimaginável tinha acontecido. Mamma se fora para sempre, e Olivia, que a tinha amado mais do que a qualquer outro ser humano, nada podia sentir, além de um frio horrível. Envoltos nas mangas largas do robe, seus braços estavam inteiramente arrepiados. Mamma tinha morrido. As lágrimas, a angústia e a sensação lancinante de perda estavam ali, mas ainda abaixo da superfície, pelo que ela era grata. Eu a chorarei mais tarde, disse para si mesma. Por enquanto, o pesar seria posto de lado, como um embrulho a ser aberto em momento mais conveniente. Era o velho artifício que aprendera através da dura experiência. O fechamento do compartimento estanque, a concentração focalizada inteiramente no problema prático, a prioridade máxima. As primeiras coisas primeiro.

— Fale-me a respeito. Sra. Plackett — pediu.

— Bem... Eu cheguei aqui esta manhã, às oito horas. Em geral, nunca venho às terças-feiras, mas ontem foi aniversário de meu neto, de maneira que troquei o dia. Cheguei bem cedo, porque nas terças-feiras também faço a faxina da Sra. Kitson. Entrei com minha chave e não vi ninguém pela casa. Estava começando a lidar com o boiler, quando Antonia desceu de seu quarto. Perguntou onde estaria a Sra. Keeling, porque vira a porta do quarto dela aberta e a cama vazia. Bem, não podíamos imaginar... Então, vi a porta da estufa de plantas aberta e falei para Antonia, "Ela está lá fora, no jardim". Antonia foi ver. Então, ouvi quando gritou meu nome e fui correndo. E vi.

Olivia reconheceu gratamente na voz da Sra. Plackett os tons de uma mulher do campo que já experimentara crises semelhantes antes. Era uma senhora de anos maduros. Provavelmente já enfrentara a morte e a manejara muitas vezes, de modo que isto não lhe infundia mais medos ou horrores.

— A primeira coisa que fiz foi acalmar Antonia. A coitadinha estava

chocada demais, chorando e soluçando e tremendo como um gatinho. Dei-lhe umas palavrinhas de consolo, fiz ela sentar à mesa com uma xícara de chá e acabou se revelando uma moça corajosa, agora está aqui sentada, na cozinha, comigo. Assim que ela ficou melhor, liguei para o doutor, em Pudley, e ele chegou aqui em dez minutos. Então, tomei a liberdade de também chamar o Sr. Plackett. Atualmente ele trabalha no último turno da fábrica de artigos eletrônicos, de modo que pôde vir de bicicleta. Ele e o médico trouxeram a Sra. Keeling para dentro, subiram a escada e a deixaram em seu quarto. Ela está lá agora, em sua cama, decente e em paz. A senhorita não precisa se preocupar com isso.

— O que disse o médico?

— Disse que foi um ataque do coração, Srta. Keeling. Provavelmente fulminante. Também assinou o atestado de óbito. Deixou ele comigo. Então, eu disse para Antonia, "É melhor ligar para a Sra. Chamberlain", mas ela falou que primeiro ia ligar para a senhorita. Eu talvez devesse ter dado a notícia mais cedo, mas não queria que a senhorita pensasse em sua pobre mãe morta e ainda lá fora, no jardim.

— Foi muita consideração sua, Sra. Plackett. Quer dizer que ninguém mais sabe?

— Não, Srta. Keeling. Apenas a senhorita.

— Muito bem. — Olivia olhou para seu relógio. — Ligarei agora para a Sra. Chamberlain e também para meu irmão. Depois irei de carro para Podmore's Thatch, assim que me organizar. Chegarei por volta da hora do almoço. A senhora ainda estará aí?

— Não se preocupe com isso, Srta. Keeling. Ficarei aqui o tempo que a senhorita quiser que eu fique.

— Deverei ficar aí alguns dias. Talvez pudesse preparar-me uma cama no outro quarto vago. E certificar-se de que há alimentos suficientes na casa. Se preciso, Antonia pode pegar o carro e fazer algumas compras em Pudley. Será bom para ela ter alguma coisa para fazer. — Uma idéia ocorreu-lhe de repente. — E sobre aquele jovem jardineiro... Danus? Ele está por aí?

— Não, Srta. Keeling. Está na Escócia. Foi direto da Cornualha para lá. Tinha um compromisso importante.

— Bem, é uma pena, mas nada se pode fazer. Dê lembranças minhas a Antonia.

— Quer falar com ela?

— Não — disse Olivia. — Não. Agora não. Isso pode esperar.

— Eu sinto muito, Srta. Keeling. Lamento ter sido eu a dar a notícia para a senhorita.

— Alguém teria que fazer isso. E, Sra. Plackett... muito obrigada.

Olivia desligou. Espiou pela janela e, só então, viu que era um lindo dia. Uma perfeita manhã de maio, e mamma estava morta.

Mais tarde, depois de tudo terminado, Olivia iria perguntar-se o que, afinal, eles teriam feito sem a Sra. Plackett. Apesar de toda a sua experiência de vida, jamais tivera antes que lidar com um funeral. Descobriu que havia muita coisa a ser feita. E que o obstáculo inicial, quando chegou a Podmore's Thatch, seria a tarefa de manejar Nancy.

George Chamberlain tinha atendido o telefone no velho vicariato, quando Olivia ligara de Londres. Pela primeira vez na vida, ela ficou profundamente grata em ouvir os tons lúgubres do cunhado. Comunicara a ele o ocorrido, da maneira mais simples e rápida que pôde, explicando que ia diretamente para Podmore's Thatch, em seguida desligando e deixando para o cunhado a incumbência de dar a triste nova a Nancy. Esperava que por ora aquilo fosse tudo, mas, ao cruzar os portões de Podmore's Thatch com seu Alphasud, viu o carro de Nancy e compreendeu que a situação não iria ser tão fácil quanto imaginara.

Mal havia saído do carro, Nancy já estava ali, irrompendo pela porta aberta, os braços estendidos, os olhos azuis brilhando, o rosto inchado de chorar. Antes que Olivia pudesse recuar, Nancy já a apertava nos braços, pressionando o rosto afogueado contra a face pálida e fresca da irmã, novamente dissolvendo-se em ruidosos soluços.

— Oh, minha querida... Vim imediatamente! Quando George me contou, vim em seguida! Tinha que estar com todos vocês! Eu... eu tinha que estar aqui...!

Olivia ficou rígida como pedra, suportando o desagradável e lacrimoso abraço pelo tempo que considerou aceitável. Então, desligou-se delicadamente da irmã.

— Foi muito bom ter vindo, Nancy, mas não havia necessidade...

— Foi o que George disse. Ele falou que eu só estorvaria. — Nancy tateou a manga de seu cardigã, encontrou um lenço ensopado, dedicou-se a assoar o nariz e controlar-se de maneira geral. No entanto, é lógico que eu não podia ficar em casa. Tinha que estar aqui. — Sacudiu-se ligeiramente, jogou os ombros para trás. Estava sendo resoluta. — Eu sabia que tinha de vir! A viagem foi um pesadelo; estava abaladíssima quando cheguei, mas a Sra. Plackett fez-me uma xícara de chá e já me sinto melhor agora.

A perspectiva de aturar Nancy em seu pesar e ter de suportá-la nas horas seguintes era quase mais do que Olivia podia agüentar.

— Você não devia ficar — disse à irmã, enquanto procurava algum motivo

indiscutível para tirá-la dali. Surgiu a inspiração. — Você precisa pensar em seus filhos e George. Não deve abandoná-los. Eu só tenho que pensar em mim mesma, portanto, sou a pessoa óbvia para ficar aqui.

— E seu trabalho?

Voltando ao carro, Olivia apanhou uma maleta no banco de trás.

— Tudo providenciado. Só voltarei ao escritório na manhã de segunda-feira. Venha, vamos entrar. Tomaremos um drinque e então você pode ir para casa. Se não está precisando de um gim-tônica, eu estou.

Começou a caminhar, e Nancy a seguiu. A cozinha familiar estava limpa e arrumada, aconchegante, mas terrivelmente vazia.

— E quanto a Noel? — perguntou Nancy.

— O quê?

— Comunicou-se com ele?

— Naturalmente. Assim que dei a notícia a George. Falei com ele, em seu escritório.

— E ele ficou muito, muito chocado?

— Sim, acho que ficou. Não falou muito.

— Ele virá aqui?

— Não por enquanto. Falei que o avisaria, se precisasse dele.

Como que incapaz de sustentar-se em pé por mais de dois minutos, Nancy puxou uma cadeira e sentou-se à mesa. Sua dramática viagem de casa até Podmore's Thatch aparentemente não lhe deixara tempo para pentear o cabelo, empoar o nariz ou encontrar uma blusa que combinasse com a saia.

Ela parecia não apenas abalada, mas totalmente fora de si, o que fez Olivia sentir renascer a velha e irritada impaciência. O que quer que acontecesse, de bom ou de ruim, Nancy sempre transformava em drama e, além disso, colocava-se no papel principal.

— Ela foi ontem a Londres — dizia Nancy. — Não sabemos por quê. Apenas tomou o trem, sozinha, ficando fora o dia inteiro. A Sra. Plackett disse que ela voltou para casa totalmente exausta.

Nancy soava ofendida como se, mais uma vez, Penelope lhe houvesse pregado uma peça. Olivia quase esperou vê-la acrescentar- E ela nunca nos disse que pretendia morrer! Tentando mudar de assunto, perguntou:

— Onde está Antonia?

— Foi a Pudley, fazer algumas compras.

— Você já esteve com ela?

— Ainda não.

— E a Sra. Plackett?

— Está lá em cima, acho que preparando seu quarto.

— Neste caso, vou subir com minha mala e ter uma palavrinha com ela. Fique aqui. Quando eu voltar, tomaremos aquele drinque, e então você pode voltar para George e as crianças...

— Oh, mas eu não posso, simplesmente, deixá-la sozinha...

— É claro que pode — replicou Olivia friamente. — Ficaremos em contato por telefone. Aliás, ficarei melhor estando sozinha.

Nancy finalmente partiu. Depois que ela se foi, Olivia e a Sra. Plackett por fim puderam tratar de coisas práticas.

— Teremos que chamar um agente funerário, Sra. Plackett.

— Joshua Bedway. É o melhor homem para a tarefa.

— E onde o encontraremos?

— Aqui mesmo, em Temple Pudley. E o carpinteiro da aldeia e faz sepultamentos como trabalho secundário. Trata-se de um bom homem, com muito tato e discrição. Faz um belo trabalho. — A Sra. Plackett olhou para o relógio. Quase quinze minutos para uma da tarde. — Ele agora deve estar em casa, almoçando. Quer que eu lhe telefone?

— Oh, faria este favor? Peça-lhe para vir o mais breve possível.

A Sra. Plackett assim fez, sem histrionismo, sem um baixar piedoso de voz. Forneceu uma explicação simples e fez um simples pedido. Foi como se lhe pedisse para vir consertar um portão. Quando desligou, tinha a expressão satisfeita de quem executou um bom trabalho.

— Tudo combinado, então. Ele estará aqui às três horas. Eu o acompanharei. Ficará mais fácil para a senhorita, se eu estiver aqui.

— Sim — concordou Olivia. — Ficará muito mais fácil.

As duas sentaram-se à mesa da cozinha e fizeram listas. A esta altura, Olivia estava em seu segundo gim-tônica, enquanto a Sra. Plackett aceitara um cálice de vinho do porto. Uma verdadeira delícia, confessou a Olivia. Tinha grande predileção por aquele tipo de vinho.

— A pessoa seguinte a ser chamada, Srta. Keeling, é o vigário. Naturalmente, a senhorita desejará uma cerimônia religiosa e um sepultamento cristão. Em seguida, deve ser escolhido um local no cemitério e marcados dia e hora para o funeral. Ainda há a questão dos hinos e coisas assim. Espero que queira hinos. A Sra. Keeling adorava seus concertos, e um pouco de música fica muito bem em um funeral.

A discussão de detalhes práticos deixou Olivia sentindo-se marginalmente melhor. Retirou a tampa de sua caneta.

— Como se chama o vigário?

— É o Reverendo Thomas Tillingham. Mais conhecido como Sr. Tillingham. Mora no vicariato, próximo à igreja. Seria bom dar-lhe um

telefonema e talvez convidá-lo para vir aqui, amanhã cedo. Tomaria uma xícara de café.

— Ele conhecia minha mãe?

— Oh, sim! Todos na aldeia conheciam a Sra. Keeling.

— Ela nunca foi uma freqüentadora regular de igrejas.

— Não. Talvez não. No entanto, estava sempre disposta a colaborar para o fundo de compra do órgão ou na quermesse do Natal. Além disso, de vez em quando convidava os Tillingham para almoçar. Colocava na mesa os melhores guardanapos rendados e uma garrafa de seu melhor clarete.

Não era difícil imaginar. Pela primeira vez naquele dia, Olívia se viu sorrindo.

— Receber amigos... Sim, era do que ela realmente gostava!

— Era uma dama encantadora, em todos os sentidos! A gente podia conversar com ela sobre qualquer coisa. — A Sra. Plackett bebericou elegantemente seu vinho. — Há mais uma coisa, Srta. Keeling. Deverá comunicar ao procurador da Sra. Keeling que ela não está mais conosco. Contas de banco, esse tipo de coisas. Tudo isso precisa ser feito.

— Sim, eu já havia pensado nesse ponto. — Olivia escreveu: Enderby, Looseby & Thring. — Também teremos que inserir comunicados nos jornais. The Times e The Telegraph, talvez...

— Há também as flores na igreja. É bonito ter flores e talvez a senhorita não disponha de tempo para isso. Há uma prestativa jovem em Pudley, que tem um pequeno furgão. Quando a idosa sogra da Sra. Kitson faleceu ela arranjou flores maravilhosas.

— Bem, depois veremos isto. Antes de mais nada, precisaremos decidir quando será o funeral...

— E depois do funeral... — A Sra. Plackett hesitou. — Hoje em dia, muita gente não considera necessário, mas creio que é agradável as pessoas virem à casa e terem uma xícara de chá com qualquer coisa para comer. Bolo de frutas ficaria muito bem. Naturalmente, tudo depende do tempo de cerimônia na igreja, mas quando os amigos vêm de longe — e, sem dúvida, haverá muitos que cobrirão grandes distâncias — pareceria descortês mandá-los embora sem ao menos uma xícara de chá. E, de certa forma, isto torna as coisas mais fáceis. A senhorita poderá conversar um pouco, e a conversa abranda parte da tristeza. Faz com que a gente não se sinta só.

O antiquado costume rural de um velório não tinha ocorrido a Olivia, mas compreendeu o senso-comum na sugestão da Sra. Plackett.

— Tem toda a razão, Sra. Plackett. Organizaremos alguma coisa. Entretanto, devo dizer-lhe que sou uma inutilidade como cozinheira. A senhora

terá de me ajudar.

— Deixe por minha conta! Bolo de frutas é a minha especialidade.

— Sendo assim, parece que isto é tudo. — Olivia largou a caneta e recostou-se na cadeira. Por sobre a mesa, ela e a Sra. Plackett entreolharam-se em silêncio durante um momento. Depois Olivia disse: — Acredito, Sra. Plackett, que provavelmente foi a melhor amiga de minha mãe. E, neste momento, sei perfeitamente que será a minha.

A Sra. Plackett ficou embaraçada.

— Não fiz nada mais do que deveria, Srta. Keeling.

— Antonia está bem?

— Creio que sim. Ficou abalada, mas é uma menina sensata. Foi uma boa idéia mandá-la fazer compras. Dei-lhe uma lista do comprimento de meu braço. Assim, ficará ocupada. Fará com que se sinta útil. — Com isto, a Sra. Plackett sorveu seu último gole de vinho, depositou o cálice na mesa e levantou-se. — Bem, se estiver tudo certo para a senhorita, vou em casa dar ao Sr. Placket alguma coisa para comer. Entretanto, voltarei às três, trazendo Joshua Bedway. Ficarei aqui, até ele terminar tudo e ir embora.

Olivia acompanhou-a a porta e a viu partir, solene como sempre, pedalando sua bicicleta. Parada ali, ouviu o som de um carro que se aproximava e, no momento seguinte, o Volvo cruzava o portão. Olivia continuou onde estava. Apesar da afeição que sentia pela filha de Cosmo e lamentando a jovem ainda pela morte do pai, sabia-se incapaz de enfrentar mais outro dilúvio de emoção, outro abraço molhado e lacrimoso. Por enquanto, a carapaça de reserva, forte como uma armadura, era sua única defesa. Viu o Volvo parar, viu Antonia desafivelar e cinto de segurança e sair de trás do volante. Enquanto ela fazia isto, Olivia cruzou os braços, um gesto de rejeição física, na linguagem corporal. Os olhos das duas encontraram-se, acima do teto do carro, através da pouca distância de cascalho que as separava. Houve uma pausa, Antonia fechou a porta do carro com uma batida suave e depois caminhou para ela.

— Você está aqui — foi tudo quanto disse.

Olivia descruzou os braços e pousou as mãos nos ombros dela.

— Sim, estou aqui.

Inclinou-se para diante e a beijou formalmente, tocando as faces. Tudo ia correr bem. Não haveria espalhafatos. Olivia ficou grata por aquela acolhida, mas também se sentiu triste, porque sempre é triste vermos alguém que conhecemos ainda criança finalmente tornar-se adulto, e saber que aquela pessoa jamais será, de fato, jovem novamente.

Às três horas em ponto, Joshua Bedway chegava lá, dirigindo seu pequeno furgão, com a Sra. Plackett ao lado dele. Olivia receara que ele aparecesse

trajando negro retinto, com uma expressão lúgubre que combinasse com a indumentária. No entanto, tudo que ele fizera tinha sido trocar o macacão por um terno decente e gravata preta, e seu rosto queimado de homem do campo dava a impressão de não poder permanecer sombrio por muito tempo.

No momento, contudo, ele se mostrava entristecido e solidário. Disse a Olivia que sentiriam muita falta de sua mãe na aldeia. Acrescentou que, nos seis anos em que ela morara ali, em Temple Pudley, havia-se tornado parte integrante da pequena comunidade.

Olivia agradeceu suas palavras gentis e, encerradas as formalidades, o Sr. Bedway tirou seu caderno de notas, de algum bolso. Ele lhe disse que havia um ou dois detalhes, e começou a enumerá-los. Ao ouvi-lo, ela percebeu que, em seu trabalho, era um verdadeiro profissional, ficando por isto profundamente grata. Ele falou sobre o terreno para a sepultura, o coveiro e o arquivista. Fez perguntas, às quais ela respondeu. Quando finalmente fechou o caderno de notas, tornou a colocá-lo no bolso, dizendo:

— Creio que é tudo, Srta. Keeling. Pode deixar o resto comigo, sem preocupações.

Ela assim fez e, reunindo-se a Antonia, saiu da casa. Não desceram até o rio, mas cruzaram o portão, atravessaram a estrada, subiram o degrau que permitia a passagem sobre uma cerca e seguiram por uma antiga trilha para cavalos que subia pela colina, atrás da aldeia. A trilha continuava através de campos com ovelhas e seus filhotes pastando; as sebes de pilriteiros começavam a florescer, e valas musgosas atapetavam-se de prímulas silvestres. No topo da colina havia algumas faias antigas, de raízes expostas, erodidas por séculos de vento e intempéries. Chegando ali, afogueadas e sem fôlego por causa da subida, sentaram-se, com a sensação de alguma façanha realizada, e então contemplaram a vista.

A paisagem estendia-se por quilômetros, uma vastidão de pura zona rural inglesa, aquecendo-se ao cálido sol de uma tarde excepcional de primavera. Fazendas, prados, tratores, casas, tudo ficava minimizado pela distância, do tamanho de brinquedos. Logo abaixo delas, Temple Pudley dormitava; um punhado de casas construídas de pedra dourada, dispostas ao acaso. A igreja ficava quase escondida pelos teixos, mas Podmore's Thatch e as paredes brancas do pub "Sudeley Arms" eram claramente visíveis. Como altas plumas cinzentas, a fumaça se erguia das chaminés e, em um jardim, um homem acendera uma fogueira.

Tudo era maravilhosamente sossegado. Os únicos sons ouvidos eram o balir das ovelhas e o roçar da brisa nos ramos das faias, acima delas. Então, muito alto no céu azul, como uma abelha sonolenta, surgiu um avião cortando os

ares preguiçosamente, mas nada fazendo para perturbar a paz.

Elas ficaram silenciosas por algum tempo. Desde que se tinham reunido, Olivia passara todo o tempo dando ou recebendo telefonemas (dois deles, ambos sem significado, provindos de Nancy), de maneira que ainda não haviam tido chance para conversar. Olhou para Antonia, sentada sobre a relva espessa, a apenas um metro de distância, em seus jeans desbotados e uma blusa cor-de-rosa de algodão. A suéter, despida durante a longa e calorenta subida da colina, jazia ao lado dela, e seus cabelos caíam para a frente escondendo-lhe o rosto. Antonia de Cosmo. A despeito de sua profunda infelicidade, Olivia sentiu o coração ficar com ela. Dezoito anos...Jovem demais para suportar tantas coisas terríveis. Entretanto, nada podia ser mudado, e Olivia sabia que, com a perda de Penelope, Antonia se tornara, mais uma vez, responsabilidade sua.

Perguntou, rompendo o silêncio:

— O que você pretende fazer?

Antonia se virou e olhou para ela.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, o que irá fazer agora? Com a morte de mamma, não tem mais motivos para ficar em Podmore's Thatch. Terá que começar a tomar decisões. Pensar em seu futuro.

Antonia tomou a virar-se, ergueu os joelhos e descansou o queixo sobre eles.

— Eu tenho pensado.

— Quer vir para Londres? Aceitar aquela minha oferta?

— Sim, se for possível. Eu gostaria, mas eventualmente. Não já.

— Não compreendo.

— Pensei que talvez... fosse uma boa idéia se pudesse ficar aqui, pelo menos um pouco mais. Quero dizer... o que será feito da casa? Vai ser vendida?

— Imagino que sim. Eu não poderia morar aqui, nem Noel. Tampouco acho que Nancy queira mudar-se para Temple Pudley. A aldeia não é suficientemente pomposa para ela e George.

— Neste caso, as pessoas quererão vir e dar uma espiada, não? E certamente conseguirão um preço muito melhor, se estiver mobiliada, com flores nos vasos e o jardim bem tratado. Pensei que talvez pudesse ficar e cuidar de tudo, mostrando a casa aos candidatos e mantendo a grama cortada. Então, quando ela for vendida e tudo estiver terminado, talvez eu pudesse voltar a Londres.

Olivia estava surpresa.

— Oh, Antonia, mas você ficará sozinha! Apenas você, morando na casa. Não se incomodaria?

— Não. Não me incomodaria nem um pouco. Não nesta casa! Não acho que chegasse a me sentir realmente sozinha nela.

Olivia considerou esta idéia e percebeu que, de fato, era bastante sensata.

— Bem, se estiver certa disso, creio que todos lhe ficaremos infinitamente gratos. Porque ninguém da família poderá ficar aqui, à disposição de prováveis compradores e, quando à Sra. Plackett, tem outros compromissos. Naturalmente, nada ficou decidido ainda, mas tenho certeza de que a casa será vendida. — Ela pensou em algo mais. — Entretanto, não vejo por que você deveria cuidar também do jardim. Sem dúvida, Danus Muirfield voltará a trabalhar.

— Não sei dizer — respondeu Antonia.

Olivia franziu o cenho.

— Ele não tinha ido a Edimburgo apenas por causa de um compromisso?

— Sim. Com o médico.

— Ele está doente?

— Ele tem epilepsia. É epiléptico.

Olivia ficou horrorizada.

— Epiléptico? Oh, mas que coisa terrível! E mamma sabia?

— Não. Nenhuma de nós sabia. Ele só nos contou no final daquela semana de férias na Cornualha.

Olivia sentiu-se intrigada. Nunca havia posto os olhos no rapaz, mas tudo que tinha ouvido dele, através da irmã, de sua mãe e de Antonia, apenas lhe tinha aumentado o interesse.

— Que pessoa reservada ele deve ser! — Antonia nada comentou, e ela pensou em algo mais. — Mamma me tinha contado que ele não bebia nem dirigia. Você também mencionou isso em sua carta. Suponho que a doença seja o motivo.

— E é.

— O que houve em Edimburgo?

— Ele foi ao médico e submeteu-se a outra cintilografia cerebral, mas o computador do hospital estava quebrado, de maneira que não pôde obter os resultados dos exames. Ligou para nós, contando isto. Foi na última quinta-feira. Então decidiu pescar com um amigo, durante uma semana. Achava que assim era melhor do que ficar em casa, vagando sem destino.

— E quando voltará dessa viagem de pesca?

— Na quinta-feira. Depois de amanhã.

— Então, já terá sabido do resultado da cintilografia?

— Já.

— E depois disso, como será? Ele pretende voltar a Gloucestershire para trabalhar?

— Não sei. Acho que depende da extensão de sua doença.

Tudo aquilo soava bastante triste e desesperançado. No entanto, ao refletir melhor, Olivia não achou tão surpreendente. Desde que se podia lembrar, uma sucessão de pessoas esquisitas e incapazes fizera parte da sua vida de sua mãe — eram como abelhas atraídas pelo mel. Mamma jamais deixara de apoiá-las e sustentá-las, e esta generosidade de energia — às vezes também de dinheiro sonante — era uma das coisas que enfureciam Noel. Talvez, por isto ele sentira tão instantânea antipatia por Danus Muirfield.

— Mamma gostava dele, não? — perguntou.

— Sim, acho que gostava muito dele. E Danus era amável com ela, cuidava dela.

— Ela ficou muito preocupada, quando ele falou da doença?

— Ficou. Não por si mesma, mas por causa dele. Foi um choque, ficar sabendo. Algo inimaginável. A Cornualha era mágica, estávamos nos divertindo tanto... era como se nada ruim pudesse acontecer. E isto, faz apenas uma semana. Quando Cosmo morreu, pensei que nada seria pior. No entanto, creio que nenhuma semana já foi tão terrível ou tão longa quanto esta.

— Oh, Antonia, eu sinto muito...

Olivia receou que Antonia terminasse sucumbindo às lágrimas, porém ela se virou para fitá-la e, com alívio, reparou que tinha os olhos secos e que o rosto, embora sério, estava composto.

— Não se deve lamentar, mas ficar contente por ter havido tempo suficiente para ela voltar à Cornualha, antes de morrer. Penelope adorou cada momento lá! Acho que, para ela, foi como ficar jovem outra vez. Nunca lhe faltou energia ou entusiasmo. Os dias eram cheios. Ela não perdeu um só momento!

— Mamma tinha grande afeição por você, Antonia. Tê-la aqui, deve ter-lhe duplicado o prazer.

Antonia disse, doloridamente:

— Há mais uma coisa que preciso contar-lhe. Ela me deu os brincos. Os brincos que a Tia Ethel lhe deixou. Eu não queria aceitá-los, mas Penelope insistiu. Estão agora em meu quarto, em Podmore's Thatch. Se achar que devo devolvê-los...

— Por que você os devolveria?

— Porque são muito valiosos. Valem quatro mil libras. Na minha opinião, deviam ficar para você ou para Nancy. Ou para a filha de Nancy.

— Se mamma não quisesse que fossem seus, não os teria dado. — Olivia sorriu. — Aliás, não precisava falar sobre os brincos, porque eu já sabia. Ela me escreveu uma carta, para dizer o que tinha feito.

Antonia ficou perplexa.

— Ora, mas por que ela fez isso?

— Suponho que estaria pensando em você e em seu bom nome. Evidentemente, não queria que ninguém a acusasse de os ter tirado de sua caixa de jóias.

— Estranho, não? Poderia ter-lhe contado a qualquer momento.

— Certas coisas ficam melhor por escrito.

— Você não acha que Penelope tinha alguma espécie de premonição? Que sabia que ia morrer?

— Todos nós sabemos que vamos morrer.

O Reverendo Thomas Tillingham, vigário de Temple Pudley, chegou a Podmore's Thatch às onze horas da manhã seguinte. Olivia não ansiava pela entrevista. Seu relacionamento com vigários era escasso e não tinha bem certeza de como lidariam um com o outro. Antes da chegada dele, decidiu preparar-se para qualquer exigência, porém era difícil, sem saber que espécie de homem seria ele. Talvez fosse um indivíduo idoso e cadavérico, de voz anasalada e conceitos arcaicos. Ou jovem e avançado, a favor de esquemas bizarros para modernizar a religião, convidando sua congregação a apertar as mãos uns dos outros e esperando que todos cantassem hinos alegres e inovadores, acompanhados pelo grupo pop local. Qualquer das perspectivas era aterradora. Seu maior temor, no entanto, era que o vigário pudesse sugerir que, juntos, ele e Olivia se ajoelhassem em oração. Ela decidiu então que, se tão tenebrosa eventualidade surgisse, fingiria uma leve dor de cabeça, alegaria uma indisposição qualquer e desapareceria da sala.

Todos os seus receios, no entanto, misericordiosamente não se realizaram. O Sr. Tillingham não era jovem nem velho, mas apenas um amável e comum homem de meia-idade, com um paletó de tweed e colarinho eclesiástico. Agora, compreendia perfeitamente por que Penelope gostara de convidá-lo para almoçar. Recebeu-o à porta e o levou para a estufa de plantas, certamente o lugar mais agradável em que poderia pensar. Isto se revelou acertado, porque discutiram as plantas envasadas de Penelope, em seguida o seu jardim e, com naturalidade, a conversa chegou ao assunto principal.

— Todos nós sentiremos terrivelmente a falta da Sra. Keeling -disse o Sr. Tillingham. Suas palavras tinham um toque de sinceridade, e Olivia acreditou sem dificuldade que ele não se referia nostalgicamente aos deliciosos almoços que não mais saborearia. — Ela era muitíssimo amável e adicionou grande qualidade à nossa vida de aldeia.

— Foi o que disse o Sr. Bedway. Achei-o um homem muito gentil. E foi especialmente amável comigo, pois, compreenda, nunca me vi envolvida em um

funeral antes. Quero dizer, jamais tive que providenciar algum. Entretanto, a Sra. Plackett e o Sr. Bedway cuidaram de tudo para mim.

Como se isto fosse uma deixa, a Sra. Plackett surgiu em cena, trazendo uma bandeja com duas canecas de café e um prato de biscoitos. O Sr. Tillingham misturou uma boa dose de açúcar ao seu café e, em seguida, passou a tratar dos assuntos da igreja. Não demorou muito. O funeral de Penelope seria no sábado, às três da tarde. Eles combinaram a formula da cerimônia, e então chegaram à questão da música.

— Minha esposa é a organista — o Sr. Tillingham informou a Olivia. — Ela ficaria feliz em tocar, se a senhorita assim desejar.

— É muita gentileza... Sim, eu gostaria que ela tocasse, mas não música de luto. Alguma coisa bonita, que as pessoas conheçam. Deixarei que ela decida quanto a isso.

— E sobre os hinos?

Eles chegaram a um acordo sobre um hino.

— Uma leitura de alguma passagem da Bíblia?

Olivia hesitou.

— Conforme lhe disse, Sr. Tillingham, sou absolutamente novata neste tipo de coisa. Talvez fosse melhor ficar a seu critério.

— Seu irmão não gostaria de ler a passagem?

Olivia respondeu que não, não achava que fosse algo da vontade de Noel. O Sr. Tillingham abordou mais um ou dois detalhes, que foram rapidamente resolvidos. Então, terminou seu café e levantou-se. Olivia acompanhou-o, através da cozinha e pela porta da frente, até onde o surrado Renault do visitante estava parado, no caminho de cascalho.

— Adeus, Srta. Keeling.

— Adeus, Sr. Tillingham. — Eles apertaram-se as mãos. — O senhor foi muito amável — disse ela.

O vigário sorriu, um sorriso de inesperado encanto e cordialidade. Não havia sorrido antes, mas agora suas feições despretensiosas se tinham transformado a tal ponto, que de repente Olivia parou de pensar nele como um vigário e, em decorrência, não sentiu qualquer constrangimento em expor algo que lhe fermentava no fundo da mente, desde que ele havia entrado na casa.

— Não entendo, sinceramente, por que o senhor deveria ser tão amável e obsequioso. Afinal, ambos sabemos que minha mãe não era uma assídua freqüentadora da igreja. Jamais foi uma mulher muito religiosa. Para ela era difícil acreditar na idéia da ressurreição e no após vida.

— Eu sei disso. Certa vez discutimos o assunto porém não chegamos a nenhum acordo.

— Nem mesmo tenho certeza de que ela acreditasse em Deus.

Ainda sorrindo, o Sr. Tillingham balançou a cabeça, enquanto estendia a mão para a maçaneta da porta do carro.

— Em seu lugar eu não me preocuparia muito com isso. Ela pode não ter acreditado em Deus, mas tenho absoluta certeza de que Deus acreditava nela.

Perdida a sua dona, a casa era uma casa morta, o invólucro de um corpo, cessadas suas batidas do coração. Desolada, estranhamente silenciosa, ela parecia esperar. A quietude era uma coisa física, inescapável, sufocando como um peso. Nenhum rumor de passos, de vozes, de panelas na cozinha. Nenhum Vivaldi ou Brahms, murmurejando de maneira confortadora no toca-discos sobre o aparador da cozinha. Portas fechadas, permanecendo fechadas. A cada vez que subia a escada estreita, Antonia se via face a face com a porta fechada do quarto de Penelope. Antes, ela sempre ficara aberta, permitindo vislumbres de roupas jogadas sobre uma cadeira, rajadas de ar soprando pela janela aberta, o cheiro suave que era da própria Penelope. Agora, apenas uma porta.

No andar térreo não era melhor. Sua cadeira de braços, vazia junto à lareira da sala de estar. O fogo apagado, cerrado o tampo da secretária. Não mais conversas amistosas, risos, abraços cálidos e espontâneos. No mundo em que Penelope vivera, existira, respirara, ouvira e recordara, tinha sido possível acreditar que nada tão terrível um dia pudesse acontecer. Ou que algo errado ocorresse. E se ocorresse... se Penelope passasse por isso... então haveria meios de enfrentar, de aceitar, de recusar-se a admitir a derrota.

Ela estava morta. Naquela manhã espectral, ao sair da estufa e chegar ao jardim, ao ver Penelope estirada na velha cadeira de madeira do jardim, com as pernas compridas espichadas e os olhos fechados. Antonia havia dito rispidamente para si mesma que ela estava apenas descansando por um momento; saboreava o ar rijo da manhã, o débil calor do sol nascido pouco antes. Por um insano instante, o óbvio era demasiado horrificante e final para ser considerado. Era impensável a existência sem aquela fonte de constante delícia, aquela rocha de segurança. No entanto, o impensável acontecera. Ela se fora.

O pior era atravessar cada dia. Dias que anteriormente nunca eram longos o bastante para conter suas várias atividades, agora estendiam-se à eternidade — uma era contada entre o nascer do sol e a escuridão. O próprio jardim não infundia mais conforto, porque Penelope não estava lá para trazê-lo à vida, e constituía um enorme esforço sair da casa e encontrar algo para fazer, como arrancar ervas daninhas ou colher uma braçada de narcisos, que seriam arranjados em um jarro e colocados em algum lugar. Qualquer lugar. Não importava agora. Nada mais importava.

Estar tão só era uma experiência aterradora. Ela jamais soubera o que era

sentir-se tão sozinha. Antes, sempre houvera alguém. A princípio, Cosmo; então, quando Cosmo morrera, a confortadora certeza de que Olivia estava lá. Em Londres, talvez, a muitos e muitos quilômetros de Ibiza, mas lá, mesmo assim. No final de uma ligação telefônica, dizendo-lhe, "Está tudo bem, venha ficar comigo, eu cuidarei de você". Entretanto, por ora Olivia era inacessível. Prática, organizada, fazendo listas, falando ao telefone — parecia que ela nunca largava o telefone. Sem precisar dizer nada, deixara perfeitamente claro para Antonia que aquele não era o momento para longas e íntimas conversas, não havia tempo para confidências. Antonia teve a sagacidade de perceber que, pela primeira vez, estava presenciando o outro lado de Olivia: a mulher de negócios, calma e competente, que lutara para abrir caminho na profissão, subir ao posto de editora de Venus e, no processo, aprendendo a ser impiedosa ante as fragilidades humanas, intolerante com o sentimentalismo. A outra Olivia, aquela que Antonia conhecera em uma época que já considerava "os velhos tempos", com toda probabilidade estava vulnerável demais para se expor e, por ora, fechava-se em si mesma. Antonia compreendia e respeitava isto, porém tal situação não tornava as coisas mais fáceis para si própria.

Em vista da barreira que se erguera entre elas e também por ser evidente que Olivia já tinha mais do que o suficiente em seu prato, Antonia pouco lhe confiara sobre Danus. Tinham-no mencionado com naturalidade, no alto ventoso da colina, enquanto o Sr. Bedway se desincumbia das coisas inimagináveis que fora fazer em Podmore's Thatch, porém nada de importante fora dito. Pelo menos, nada realmente importante. Antonia dissera, ele tem epilepsia, ele é epiléptico, mas não tinha dito, eu o amo. Ele é o primeiro homem que já amei e sente o mesmo por mim. Ele me ama e fomos para a cama juntos. Isso não foi amedrontador, do jeito que sempre imaginei que fosse, mas pura magia, o tempo todo. Não me incomodo com o que o futuro nos reserva, não me importa se ele não tem dinheiro algum. Quero que volte para mim tão depressa quanto seja possível e, se estiver doente, esperarei até que fique bom de novo. Eu cuidarei dele, iremos morar no campo e plantar repolhos juntos.

Ela nada havia dito sobre isto, sabendo que Olivia tinha a mente concentrada em outras coisas... havendo ainda a possibilidade de que não estivesse interessada em suas confidências, não as quisesse ouvir. Morar na mesma casa que Olivia era como sentar-se ao lado de um estranho em um trem. Não existia qualquer ponto real de contato, de modo que Antonia se sentia isolada na própria infelicidade.

Antes, sempre houvera alguém. Agora, não havia nem mesmo Danus. Ele estava longe, muito distante, no norte de Sutherland, inatingível por telefone, telegrama ou qualquer meio normal de comunicação. Disse para si mesma que

ela não se desligaria dele mais completamente, do que se houvesse decidido subir o Amazonas de canoa ou guiar uma matilha de cães pela gelada calota polar. Era quase insuportável não poder entrar em contato com ele. Penelope estava morta, e Antonia precisava dele. Como se a telepatia fosse alguma espécie de sistema confiável de radar, ela ficava enviando-lhe mensagens positivas, durante a maioria de suas horas de vigília. Insistia para que Danus as recebesse e fosse impelido a estabelecer contato. A ir de carro, se preciso, cobrindo trinta quilômetros até a cabine telefônica mais próxima, a discar o número de Podmore's Thatch e descobrir o que havia de errado.

Contudo, nada acontecia e isso não a surpreendia. Para se consolar, dizia a si mesma que ele ligaria na quinta-feira. Danus voltará para Edimburgo na quinta e então telefonará, na primeira oportunidade. Ele prometeu. Vai ligar para me contar... a nós?... os resultados do cintilograma cerebral e o prognóstico do médico. (Como era extraordinário que, agora, isso parecesse ser de menor urgência!) Então, direi a ele que Penelope está morta, e Danus virá, de um jeito ou de outro, estará aqui e conseguirei ser forte novamente. Antonia precisava daquela força, a fim de suportar a provação que seria o funeral de Penelope. Sem Danus ao seu lado, não sabia se conseguiria enfrentar a situação.

As horas passaram lentamente. Lentíssimas. A quarta-feira chegou ao fim, amanheceu a quinta-feira. Ele vai telefonar hoje. Na manhã de quinta-feira. Ao meio-dia de quinta-feira. À tarde de quinta-feira.

Não houve telefonema algum.

Às três e meia da tarde. Olivia saiu. Foi andando até a igreja encontrar-se com a jovem de Pudley que prepararia as flores para a cerimônia do funeral. Deixada sozinha. Antonia vagou sem rumo pelo jardim, sem fazer coisa alguma, depois foi até o pomar, recolher do varal um monte de toalhas de chá e fronhas. O relógio da igreja bateu as quatro horas e, imediatamente, como uma revelação, ela soube que não podia esperar um só momento mais. Chegara a hora de agir positivamente e, se não fizesse isso logo, teria um ataque histérico ou rolaria pela encosta das margens do Windrush afogando-se no rio. Abandonou a cesta da roupa lavada, cruzou o jardim, entrou pela porta da estufa, chegou à cozinha e, pegando o telefone, discou o número de Edimburgo.

Era uma tarde quente e modorrenta. As palmas de sua mão estavam pegajosas, ela sentia a boca seca. O relógio da cozinha tiquetaqueava os segundos em ritmo mais rápido do que as batidas de seu coração. Enquanto esperava que alguém atendesse, viu-se indecisa, sem saber ao certo o que dizer. Se Danus não estivesse lá, se a mãe dele é que chegasse ao telefone, então teria que deixar uma mensagem para ele. A Sra. Keeling morreu. Por favor, pode dizer isto a Danus! E peça-lhe que ligue para mim. Antonia Hamilton. Ele sabe o

número. Até aí, tudo bem. Como teria coragem de prosseguir, de perguntar à Sra. Muirfield se havia alguma notícia do hospital? Não seria uma intromissão, uma enorme insensibilidade? Supondo-se que já houvesse um diagnóstico e que este fosse negativo, a mãe de Danus dificilmente partilharia sua natural angústia com uma perfeita estranha, uma voz incorpórea, ligando das profundezas de Gloucestershire. Por outro lado...

— Alô?

Com os pensamentos voando em todas as direções. Antonia foi apanhada desprevenida e quase deixou o fone cair.

— Eu... oh... é a Sra. Muirfield?

— Não. Sinto muito, mas a Sra. Muirfield não está aqui no momento.

A voz que falava era de mulher, muito escocesa e imensamente refinada.

— Bem... Sabe quando ela voltará?

— Lamento, mas não faço idéia. Ela foi a uma reunião do Fundo de Ajuda à Criança, e penso que depois irá tomar chá com uma amiga.

— E o Sr. Muirfield? -O Sr. Muirfield está trabalhando. — A resposta foi enérgica, como se Antonia houvesse feito uma pergunta idiota — e fizera — cuja resposta fosse óbvia. — Ele só chegará a casa às seis e meia.

— Quem está falando?

— Sou a diarista da Sra. Muirfield. — Antonia vacilou. A voz, cuja dona talvez quisesse prosseguir com a limpeza, tornou-se impaciente. — Quer deixar algum recado?

Com certo desespero, Antonia perguntou:

— Danus está aí?

— Danus está fora, pescando.

— Eu sei; mas ele ficou de voltar hoje e pensei que já tivesse chegado.

— Não. Ele não veio e não imagino quando chegará.

— Bem, sendo assim... — Não havia alternativa. — ...a senhora podia anotar um recado?

— Espere um momento, enquanto apanho papel e lápis. — Antonia esperou. Passou-se algum tempo. — Pode dizer.

— Escreva apenas que Antonia ligou. Antonia Hamilton.

— Dê-me um momento, enquanto anoto. An-To-Nia Ha-Mil-Ton.

— Sim, é isso mesmo. Diga apenas... diga a ele... que a Sra. Keeling faleceu terça-feira de manhã. E que o funeral é em Temple Pudley, às três horas da tarde de sábado. Ele compreenderá. É possível que — disse ela, rezando para que ele pudesse, para que estivesse ali — ele queira vir.

Em Podmore's Thatch, o telefone tocou às dez horas da manhã de sexta-feira. Era o quarto telefonema após o desjejum e todos tinham sido atendidos por

Antonia, que voava de onde quer que estivesse, para ser a primeira pessoa a pegar o fone. Agora, no entanto, ela estava fora, tinha ido à aldeia recolher os jornais do dia e o leite, de maneira que foi Olivia, sentada à mesa da cozinha, quem se levantou para atender.

— Podmore's Thatch.

— Srta. Keeling?

— É ela quem fala.

— Aqui é Charles Enderby, de Enderby, Looseby & Thring.

— Bom-dia, Sr. Enderby.

Ele não ofereceu as condolências usuais, porque já o tinha feito quando Olivia lhe telefonara para comunicar formalmente que sua mãe falecera, uma vez que era o procurador de Penelope.

— Srta. Keeling, naturalmente viajarei até Gloucestershire no sábado, a fim de comparecer ao funeral da Sra. Keeling, mas ocorreu-me que talvez fosse conveniente, para todos os interessados, que após terminado o sepultamento, eu promovesse uma reunião com a senhorita, seu irmão e sua irmã. Será apenas para abordarmos os pontos do testamento de sua mãe, os quais talvez precisem ser explicados, além de fornecer a todos o quadro geral. Parece-me talvez um tanto precipitado e, sem dúvida, a senhorita tem toda a liberdade de sugerir uma data alternativa. No entanto, acredito que essa seja uma boa oportunidade, com toda a família sob um mesmo teto. Não levaria mais do que meia hora.

Olivia considerou a sugestão.

— Não posso imaginar por que recusaríamos. Quanto mais cedo melhor, não sendo freqüente estarmos nós três juntos.

— A senhora sugeriria uma hora oportuna?

— Bem, a cerimônia começa às três e, depois disso, haverá uma xícara de chá para aqueles que quiserem vir até a casa. Imagino que por volta de cinco horas esteja tudo encerrado. O que acha de cinco horas?

— Esplêndido. Anotarei a hora. A senhorita poderia informar à Sra. Chamberlain e ao seu irmão?

— Sim, é claro.

Olivia ligou para o velho Vicariato.

— Nancy? Aqui é Olivia.

— Oh, Olivia, eu ia mesmo ligar para você! Como está? E como vão as coisas aí? Precisa de mim em Podmore's Thatch? Poderei ir sem problema algum. Não imagina o quanto me sinto inútil e...

Olivia a interrompeu de súbito.

— Nancy, o Sr. Enderby acabou de telefonar. Ele quer uma reunião de família após o funeral de mamma, para pôr o testamento dela em ordem. Cinco

da tarde. Poderá estar aqui?

— Cinco da tarde? — A voz de Nancy soou estridente e alarmada. Olivia poderia ter sugerido algum compromisso clandestino e suspeito. — Oh, não, cinco horas, não! Será impossível para mim.

— Pelo amor de Deus, por que não?

— George tem uma reunião com o vigário e o arquidiácono. Sobre a remuneração do coadjutor. É terrivelmente importante. Teremos que voltar para casa diretamente, após o funeral...

— Isto também é importante. Diga a ele para esquecer a reunião.

— Olivia, eu não poderia fazer isso!

— Sendo assim, vocês terão que vir ao funeral em dois carros. Depois, você voltará sozinha para casa. É imperioso que esteja aqui...

— Não podemos marcar outra data com o Sr. Enderby?

— Sim, claro que podemos, porém não seria tão conveniente. Por outro lado, já disse ao Sr. Enderby que estaremos aqui, de maneira que, sinceramente, você não tem alternativa. — A voz de Olivia, mesmo para ela própria, soava rude e ditatorial. Acrescentou, em tom mais amável: — Se não quiser dirigir sozinha para casa, à noite, pode dormir aqui e voltar de manhã. O principal é que esteja aqui.

— Oh, está bem! — cedeu Nancy, embora relutante. — Entretanto, não dormirei aí, obrigada. Será o dia de folga da Sra. Croftway e terei eu mesma que preparar o jantar das crianças.

A malandra da Sra. Croftway. Olivia parou de tentar ser gentil.

— Neste caso, ligue para Noel e diga-lhe que também deverá estar presente. Será uma coisa a menos para eu fazer e espero que assim você pare de se sentir inútil!

Após um longo período de seca, durante o qual o nível do rio havia baixado desastrosamente, deixando rasas e quietas as charcas dos salmões, as chuvas chegaram a Sutherland. Foram sopradas em gordas nuvens cinzentas que rolavam do oeste, encobrindo o céu e o sol, instalando-se no topo das montanhas, afundando nas ravinas, transformando-se de névoa em ligeiros afagos de pingos de chuva caindo. Ressecada como mecha, a urze bebia a umidade, absorvia-a e expelia o excesso em riachinhos que se escoavam para riachos menores depois para riachos maiores que desciam as encostas das montanhas, ao encontro do rio. Um sólido dia de chuva tinha sido suficiente para revitalizar o fluxo da água. Ela inchou, ganhou força, alvamente vomitada sobre fundos lagos naturais, inundou-os, desceu a encosta suave da ravina e encaminhou-se para mar aberto. Na manhã de quinta-feira, a perspectiva de pescaria que até então se mostrara inteiramente improdutiva, imediatamente se

encheu de excitantes possibilidades.

Quinta-feira era o dia em que os dois rapazes pretendiam retornar a Edimburgo. Agora, parada à porta aberta do desolado croft , eles contemplavam a chuva e discutiam. Após uma semana de indiferente permanência ali, era difícil resistirem à tentação de adiar a volta. No entanto, havia obstáculos.

— Só terei que ir trabalhar na segunda-feira — disse Roddy eventualmente. — Portanto no que me diz respeito, tanto posso estar aqui como acolá. A decisão é sua, meu velho. Você é que quer voltar para casa e descobrir o que resolveram os malditos médicos. Se não pode esperar um dia mais para ouvir o veredicto, arrumamos as mochilas e partimos agora! Entretanto, já que esperou tanto, acho que não faria diferença esperar um dia mais e, enquanto isso, divertir-se pescando. Não creio que sua mãe vá ter um acesso de nervos, caso não o veja aparecer por lá ainda hoje. Você já é bem crescidinho e, se ela tiver ouvido a previsão do tempo, na certa adivinhará o que aconteceu.

Danus sorriu. A maneira casual com que Roddy ia direto ao âmago de seu dilema o deixava tomado de gratidão. Eram amigos há anos, mas nos últimos dias, tendo apenas um ao outro por companhia, haviam-se tornado imensamente próximos. Ali, naquela remota e inacessível parte do mundo, os divertimentos eram poucos e, ao anoitecer, após terem preparado seu jantar e feito fogo com carvão de turfa, conversar era a única alternativa. Falar fazia bem a Danus, porque desabafava tudo o que, infeliz e envergonhadamente, guardara consigo por tanto tempo. Contou a Roddy sobre a América e o início de sua repentina doença. Agora, expostas livremente, suas experiências tinham perdido muito do antigo terror. Falou a Roddy sobre seu trabalho em Podmore’s Thatch. Descreveu a idílica semana na Cornualha. Finalmente, falou a respeito de Antonia.

— Case com ela — havia sido o conselho de Roddy.

— É o que desejo fazer. Um dia. Entretanto, primeiro quero ter certeza.

— Certeza de quê?

— Se casarmos, teremos filhos. Não sei se a epilepsia é hereditária.

— Ah, droga, claro que não é!

— Além disso, meu trabalho não é o que se poderia chamar de lucrativo. De fato, não tenho duas moedas tilintando juntas.

— Peça um empréstimo ao seu velho. Ele não deve andar apertado de finanças.

— Eu poderia fazer isso, claro, mas não farei.

— O orgulho não o levará a parte alguma, rapaz!

— Acho que tem razão. — Danus pensou a respeito, mas não se comprometeu. — Verei o que vou fazer — foi tudo o que disse.

Agora, com o rosto voltado para o céu gotejante, ele pensava em voltar para casa, para o veredicto final que aguardava a sua chegada. Pensou também em Antonia, enchendo dias vazios em Podmore's Thatch, atenta ao telefone, aguardando sua ligação.

— Prometi a Antonia que telefonaria hoje para ela, assim que voltasse para Edimburgo.

— Poderá telefonar amanhã. Se ela for a garota que imagino, sem dúvida compreenderá. — A esta altura, o rio era uma enxurrada. Mentalmente, Danus sentiu o peso e o agradável equilíbrio de seu caniço para salmão, ainda por usar. Ouviu o giro do carretel, sentiu o puxão da mordida. Havia uma certa lagoa natural onde ficavam os peixes maiores. Roddy ficou impaciente. — Vamos, decida-se de uma vez! Vivamos perigosamente, concedamos mais um dia a nós mesmos! Até agora só pegamos trutas e as comemos. O salmão está lá embaixo, à nossa espera. Devemos a eles uma chance de serem apanhados.

Evidentemente, Danus ardia em desejo de pescar. Virou a cabeça e encarou o amigo. As feições sardentas de Roddy ofereciam a expressão de um garotinho ansiando pelo deleite sonhado a vida inteira. Soube que não teria coragem de lhe recusar aquele prazer.

— Está bem — sorriu, entregando os pontos. — Vamos ficar!

No dia seguinte, bem cedo, eles partiram para o sul. A traseira do carro de Roddy estava lotada de sacolas, caniços, arpões, botas impermeáveis de cano longo, cestos de pescaria e também os dois enormes salmões que haviam capturado durante a tarde anterior, pois a decisão de ficarem mais um dia valera a pena. O pequeno croft, arrumado, limpo e seguramente fechado, desapareceu nas montanhas atrás deles. À frente, estendia-se a longa e estreita estrada, serpenteando e mergulhando na desolada charneca de Sutherland. A chuva cessara, mas o céu continuava manchado de nuvens aquosas, cujas sombras eram impelidas através dos quilômetros intermináveis de turfeiras e urzes. Finalmente cruzada a charneca, os dois chegaram ao Lairg e cruzaram o rio pela ponte Bonar, em seguida contornando as águas azuis do Dornoch Firth. Dali, recomeçaram a subir as serpenteantes e íngremes encostas de Struie, até a Ilha Black. Agora, a estrada era ampla e permitia que ganhassem velocidade. Antigos marcos rodoviários corriam ao lado deles, eram alcançados e ultrapassados em incrível rapidez. Inverness. Culloden, Carrbridge, Aviemore, e então a estrada se curvava ao sul de Dalw. Hirmie, para escalar as Cairngorms pelas áridas montanhas de Glengarrie. As onze horas haviam deixado Perth para trás e ganhavam a auto-estrada, deslizando através de Fife como um bisturi de cirurgião. Surgiram as duas pontes que se estendem sobre o Forth, cintilando à radiosa luz da manhã, parecendo terem sido construídas de fios. Cruzaram o rio

e aproximaram-se da estrada para Edimburgo. Observadas a distância, as espiras e torres da antiga cidade, o alcantil e a massa do Castelo, com sua bandeira agitando-se no mastro principal, apresentavam, como sempre, uma silhueta imemorial e imutável, como uma velha gravura.

A auto-estrada terminou. O carro diminuiu para sessenta, depois cinqüenta quilômetros horários. O trânsito intensificou-se. Eles chegaram a casas, lojas, hotéis, sinais de trânsito. Mal haviam falado, durante toda a viagem. Agora, Roddy rompia o silêncio.

— Foi formidável — disse. — Voltaremos a repetir a dose.

— Sim. Uma outra vez. Não sei como agradecer-lhe.

Roddy tamborilou com as unhas no volante.

— Como se sente?

— Estou bem.

— Apreensivo?

— Não tanto. Realista. Se tiver que conviver com esta coisa pelo resto da vida, então não tenho alternativa.

— A gente nunca sabe. — As luzes ficaram verdes. O carro rodou para diante. — Talvez haja boas novas!

— Não estou pensando nisto. Antes, espero o pior e quero estar pronto para enfrentá-lo.

— Seja o que for... o que quer que eles tenham encontrado...você não permitirá que isso o abata, não é mesmo? Quero dizer, se as coisas parecerem demasiado negras, não as guarde para si mesmo. Se não houver mais ninguém com quem possa falar, estarei sempre aqui, pronto e disponível.

— O que pensa sobre visitas a um doente hospitalizado?

— Café pequeno, rapaz. Sempre tive queda por uma enfermeira bonita. Eu lhe levarei uvas e comerei todas sozinho.

Rua Queensferry, a Ponte Dean. Agora, rodavam por ruas espaçosas e os terraços perfeitamente proporcionais da Cidade Nova. Recentemente limpas, banhadas pela luz do sol, sua cantaria tinha da cor do mel; em Moray Place, as árvores ficavam indistintas, com sua profusão de folhagem verde e nova e as cerejeiras estavam carregadas de flores.

Heriot Row. A casa alta e estreita que era o seu lar. Roddy freou junto ao meio-fio e desligou o motor. Os dois saíram e descarregaram os pertences de Danus, incluindo-se o cesto que continha seu precioso peixe. Ficou tudo empilhado na calçada.

— Muito bem — disse Roddy em seguida, mas ainda hesitante, como se relutasse em abandonar o velho amigo. — Quer que eu entre com você?

— Não — respondeu Danus. — Estarei ótimo.

— Ligue para meu apartamento ao anoitecer.

— Eu ligarei.

Roddy deu um tapa afetuoso no ombro de Danus.

— Então, adiós, meu velho.

— Foi muito legal, Roddy.

— Desejo-lhe boa sorte.

Roddy tomou a entrar no carro e afastou-se. Danus o viu ir, depois enfiou a mão no bolso do jeans e apanhou a chave da maciça porta pintada de negro. Abriu-a. Viu o tão familiar vestíbulo, a graciosa escadaria encurvada que levava ao segundo andar. Tudo imaculado e ordenado, o silêncio rompido apenas pelo tiquetaquear do alto relógio que, um dia, pertencera a seu bisavô. Os móveis reluziam com polidor e anos de cuidados, e um jarro de jacintos estava sobre a cômoda, junto ao telefone, enchendo o ar com seu aroma forte e sensual.

Ele vacilou. No alto, uma porta se abriu e fechou. Passos. Danus ergueu os olhos, quando sua mãe surgiu à vista, pronta para descer.

— Danus!

— A pescaria ficou boa. Resolvi ficar mais um dia.

— Oh, Danus...

Ela tinha a aparência de sempre, bem tratada e elegante. Usava uma saia lisa de tweed e um suéter de lã de carneiro, sem um fio dos cabelos grisalhos fora de lugar. No entanto, parecia diferente. Descia a escada em direção a ele... descia os degraus correndo, o que, em si, era extraordinário. Danus olhou fixamente para ela. No último degrau ela parou, os olhos no mesmo nível dos dele, a mão fechando-se sobre a polida balaustrada no final da escada.

— Você está bem — disse ela. Não chorava, mas seus olhos azuis brilhavam, como que marejados. Ele nunca a vira antes em tal estado de excitamento emocional. — Oh, Danus, está tudo bem! Não há nada de errado com você! Nunca houve! Eles telefonaram ao anoitecer de ontem e tive uma longa conversa com o especialista. O diagnóstico que fizeram na América estava inteiramente errado. Todos estes anos... e você jamais teve epilepsia, em absoluto! Nunca foi epiléptico!

Ele nada conseguia dizer. Seu cérebro deixara de funcionar, ficara opaco, não conseguia ter um pensamento coerente. Então, um único pensamento.

— Bem, mas... — Precisou esforçar-se para falar, e o som de sua voz parecia um grasnido. Engoliu em seco, começou de novo.

— E as perdas de sentido?

— Foram causadas pelo vírus que você contraiu e por sua febre alta, altíssima. Aparentemente isso pode acontecer. Aconteceu com você. Entretanto, não se trata de epilepsia! Nunca foi epilepsia, entende? E se você não agisse

como um idiota retraído, guardando tudo para si mesmo, teria poupado todo estes anos de angústia!

— Eu não queria preocupá-los. Pensava em Ian... Não queria vê-los passando por um transe semelhante mais uma vez.

— Eu preferia arder no fogo do inferno, a ver você infeliz. E tudo por nada! Sem nenhum motivo! Você está em perfeita saúde!

Perfeita saúde. Jamais houvera epilepsia. Nunca fora epiléptico. Era tão atordoante como um pesadelo, porém jamais acontecera realmente. Ele era saudável. Nada mais de pílulas, de incertezas. O alívio pareceu deixá-lo sem peso, como se a qualquer momento pudesse flutuar e chegar ao teto. Agora podia fazer qualquer coisa. Tudo. Podia casar com Antonia. Oh, bom Deus, eu posso casar com Antonia, nós poderemos ter filhos e, simplesmente, não sei como agradecer-lhe. Obrigado por seu milagre. Sou tão agradecido! Jamais deixarei de ser grato. Jamais esquecerei. Eu lhe prometo que jamais esquecerei. Eu...

— Oh, Danus, não fique aí parado, como um tolo! Não endendeu?

— Entendi — respondeu ele. Depois disse: — Eu a amo!

Embora fosse verdade, sempre tivesse sido verdade, ela não recordava já ter dito antes semelhante coisa para ela. Sua mãe imediatamente debulhou-se em lágrimas, o que era uma outra nova experiência. Danus pousou os braços em torno dela, abraçou-a tão apertadamente, que após um instante, sua mãe parou de chorar, começou a fungar e buscou seu lenço. Os dois finalmente separaram-se, ela assoou o nariz e enxugou os olhos, depois tocou o cabelo, ajeitando-o no lugar.

— Que tolice a minha — disse ela. — A última coisa que eu pretendia era chorar. No entanto, foi uma notícia tão maravilhosa! Eu e seu pai ficamos doentes de frustração, por não podermos entrar em contato com você e dar-lhe a notícia, encerrando assim sua preocupação. Bem, agora que já lhe contei, penso que precisa saber de mais uma coisa. Ontem à tarde, deixaram um recado telefônico para você. Eu havia saído, mas foi anotado pela Sra. Cooper. Ela o deixou à vista, para que eu o encontrasse. Receio que sejam notícias tristes, mas espero que não fique demasiado perturbado...

Ali, diante de seus olhos, ela retomava as maneira práticas de sempre. Por enquanto, estavam encerradas as demonstrações de emoção e afeto. Enfiando o lenço na manga, ela afastou Danus gentilmente do caminho e foi até a cômoda em que ficava o telefone, a fim de apanhar o bloco de recados, junto ao aparelho, como de hábito. Folheou as páginas.

— Aqui está. O recado é de alguém que se chama Antonia Hamilton. É melhor você mesmo ler.

Antonia.

Ele pegou o bloco e viu a caligrafia floreada da Sra. Cooper.

Antonia Hamilton telefonou 4 da tarde quinta. dizendo que a Sra. Keeling faleceu terça funeral 3 da tarde sáb Temple Pudley acha que você talvez quisesse estar lá espero ter anotado direito. L Cooper.

A família reuniu-se para o funeral de sua mãe. Os primeiros a chegar foram os Chamberlain, Nancy em seu próprio carro, e George dirigindo seu pesado e antiquado Rover. Nancy usava um conjunto azul-marinho, com um chapéu absolutamente destoante. Suas feições, abaixo da aba protuberante, mostravam-se cheias de consternação e coragem.

Procurando ânimo e compostura, Olivia envergou seu Jean Muir favorito, cinza-escuro. Cumprimentou e beijou a irmã e o cunhado. Beijar George era como beijar um osso saliente, e ele recendia a naftalina e desinfetante brando, como um dentista. Como se fossem visitantes e estranhos, ela os conduziu à aconchegante e florida sala de estar. E, também como se os dois fossem visitantes, Olivia se viu tentando manter uma conversa, justificando-se.

— Sinto muito, mas não pude convidá-los para o almoço. Enfim, como provavelmente viram, a Sra. Plackett preparou a mesa da sala de refeições para o chá e colocou lá todas as cadeiras. Eu e Antonia passamos a manhã fazendo sanduíches. Almoçamos as crostas.

— Não se preocupe. Comemos alguma coisa, em um pub no caminho. — Com um suspiro de alívio, Nancy instalou-se na poltrona de mamma. — A Sra. Croftway tira sua folga hoje, de maneira que levamos as crianças para ficarem com amigos, na aldeia. Deixamos Melanie em lágrimas. Ficou terrivelmente abalada por Vovó Pen. Pobre criança, é sua primeira experiência com a morte! Frente a frente com a morte, por assim dizer! — Olivia não imaginou o que responder a isto. Nancy descalçou as luvas pretas. — Onde está Antonia?

— Lá em cima. Trocando de roupa.

George olhou para seu relógio.

— Seria bom ela se apressar. Faltam apenas vinte e cinco minutos para as três.

— Leva-se exatamente cinco minutos a pé daqui até a igreja, George.

— Talvez, mas não queremos chegar correndo, no último momento. Não ficaria bem.

— E mamãe? — perguntou Nancy, em um cochicho. — Onde está mamãe?

— Está lá na igreja, pronta e esperando por nós — respondeu Olívia, com certa rispidez. — O Sr. Bedway sugeriu uma procissão familiar partindo da casa, mas, de certo modo, a perspectiva não me agradou. Espero que vocês concordem.

— E Noel? Quando é que chega?

— Espero que a qualquer momento. Virá de carro, de Londres.

— Em um dia de sábado, o trânsito é sempre congestionado — declarou George. — É provável que ele se atrase.

Sua soturna profecia, entretanto, revelou-se infundada. Cinco minutos mais tarde, a quietude do campo foi abalada pelos sons familiares da chegada de Noel; o rugido do motor do Jaguar, o chiado de pneus no cascalho, quando ele pisou no freio. a batida estrondosa de uma porta de carro. Um momento mais tarde ele se juntava aos outros, parecendo imensamente alto, moreno e elegante, em um terno cinza que, sem dúvida, mandara fazer tendo em mente dispendiosos almoços de negócio, mas que de certo modo era demasiado ostentoso para um simples funeral no campo.

Fosse como fosse, ele estava ali. Sentados, Nancy e George olharam para ele, mas Olivia levantou-se e foi dar-lhe um beijo. Ele cheirava a Eau Sauvage, não a desinfetante, um pequeno alívio pelo qual ela ficou grata.

— Como foi a viagem?

— Não de todo ruim, mas o trânsito estava infernal. Olá, Nancy. Oi, George. Olivia, quem é o velhote de terno azul, nas imediações da garagem?

— Oh, deve ser o Sr. Plackett. Ficará por aqui, enquanto estivermos todos na igreja.

Noel ergueu as sobrancelhas.

— Estaremos esperando bandidos?

— Não, mas é o costume local. A Sra. Plackett insistiu. Deixar a casa vazia durante um funeral pode dar má sorte e não é comme il faut. Assim, ela designou o Sr. Plackett para ficar aqui com a incumbência de manter os fogos acesos, colocar chaleiras para ferver, coisas assim.

— Tudo muito bem organizado...

George tornou a consultar seu relógio. Estava ficando inquieto.

— Francamente, acho que devíamos ir andando. Vamos, Nancy!

Nancy levantou-se e foi até o espelho acima da secretária de mamma, a fim de checar o ângulo de seu terrível chapéu. Feito isto, calçou as luvas.

— E quanto a Antonia?

— Irei chamá-la — disse Olivia.

Antonia, no entanto, já tinha descido e esperava por eles na cozinha, sentada à mesa de tampo muito bem esfregado, conversando com o Sr. Plackett, que havia entrado e assumira seu posto de zelador. Quando eles cruzaram a porta da cozinha, ela se levantou e sorriu polidamente. Usava uma saia de algodão listrada de azul-marinho e branco e uma blusa branca de gola franzida, sobre a qual pusera um cardigã azul-marinho. O cabelo reluzente fora repuxado para trás

em um rabo-de-cavalo, amarrado com uma fita azul-marinho. Parecia jovem e tímida como uma colegial, além de terrivelmente pálida.

— Você está bem? — perguntou Olivia.

— Sim, claro.

— George acha que está na hora de irmos...

— Estou pronta.

Olivia encabeçou a fila e saíram todos para a luminosidade pálida do sol. Os outros a seguiram, um grupo pequeno e sombrio. Estavam seguindo pelo caminho de cascalho, quando começou um novo som. Era o sino da igreja, dobrando gravemente. Badaladas medidas ressoavam pela tranqüila região rural e, perturbadas, as gralhas fugiram do topo das árvores, dispersando-se. Estão tocando o sino por mamma, pensou Olivia e, subitamente, tudo ficou gélido, real. Fez uma pausa, esperando que Nancy a alcançasse, para caminharem lado a lado. Ao fazer isto, virou-se, e então viu que Antonia parava de repente. Ela estivera pálida antes, mas agora ficara branca como um lençol.

— O que foi, Antonia?

Antonia parecia tomada de pânico.

— Eu... eu esqueci uma coisa.

— O que foi que esqueceu?

— Eu... um... lenço. Estou sem lenço. Vou apanhar um... não me demoro nada. Não precisam esperar. Vão andando... logo os alcanço...

Ela disparou de volta à casa.

— Que extraordinário — comentou Nancy. — Ela está bem?

— Creio que sim. Está apenas perturbada. Talvez fosse melhor eu a esperar...

— Você não pode esperar — disse-lhe George, em tom firme. — Não há tempo para esperar. Acabaremos chegando atrasados! Antonia estará bem. Guardaremos um lugar para ela. Ande, Olivia, vamos...

Entretanto, enquanto estavam ali parados, hesitantes, ocorreu mais uma interrupção: o som de um carro, sendo dirigido a demasiada velocidade pela estrada que cortava a aldeia. Ele surgiu pela esquina junto ao pub, diminuiu a marcha e freou a apenas alguns metros de distância, ao lado do portão aberto de Podmore's Thatch. Era um Ford Escort verde-escuro e não familiar. Silenciados pela surpresa, eles ficaram olhando enquanto o motorista saía de trás do volante, descia do carro e batia a porta. Um rapaz que, como seu carro, não conheciam. Um homem que Olivia nunca vira antes na vida.

Ele ficou parado. Todos o fitavam e, como ninguém dissesse nada, por fim foi ele quem rompeu o silêncio.

— Sinto muito — disse — por chegar tão precipitadamente e tão atrasado.

Foi uma longa viagem. — Olhando para Olivia, notou a total perplexidade em todo o seu rosto. Sorriu. — Acho que não nos conhecemos. Você deve ser Olivia. Eu sou Danus Muirfield.

Oh, mas é claro! Alto como Noel, porém mais corpulento, de ombros largos e um rosto profundamente bronzeado pelo sol. Um jovem muito bem-apessoado e, em seguida, Olivia percebeu por que, exatamente, mamma se apegara tanto a ele. Danus Muirfield. Quem mais poderia ser?

— Pensei que você estivesse na Escócia — foi tudo quanto lhe ocorreu dizer.

— E estava mesmo. Até ontem. Somente ontem fiquei sabendo sobre a Sra. Keeling. Não sabe o quanto lamento...

— Estamos a caminho da igreja. Se você...

Ele a interrompeu:

— Onde está Antonia?

— Entrou em casa novamente. Tinha esquecido alguma coisa- Creio que não irá demorar. Se você quiser esperar, o Sr. Plackett está na cozinha...

A esta altura tendo chegado ao fim de sua paciência, George não quis ouvir mais.

— Olivia, não temos tempo para ficar parados conversando. E não se trata de esperar mais. Temos que ir! Agora! Este jovem pode apressar Antonia e fazê-la não chegar atrasada. Vamos, já perdemos tempo demais!

Ao falar, ele começou a instigar os outros para a frente, como se fossem carneiros.

— Onde encontrarei Antonia? — perguntou Danus.

— Acho que em seu quarto — disse Olivia. Depois falou, por sobre o ombro, elevando a voz: — Guardaremos lugar para os dois! Danus encontrou o Sr. Plackett sentado tranqüilamente à mesa da cozinha, lendo seu Racz'ng News.

— Onde está Antonia, Sr. Plackett?

— Foi lá para cima. Achei que estava chorando.

— Posso ir procurá-la?

— Fique à vontade — disse o Sr. Plackett.

Danus o deixou e subiu a escada estreita. correndo, de dois em dois degraus.

— Antonia! — Não conhecendo a geografia da casa no segundo andar, abriu portas, encontrou um banheiro e um armário para vassouras. — Antonia!

Desceu ao pequeno patamar e viu uma terceira porta dando para um quarto, obviamente ocupado, mas, no momento vazio. No outro lado desta porta havia uma outra, levando ao extremo oposto da casa. Sem bater ele irrompeu no aposento e lá a encontrou, sentada tragicamente na beira da cama e lavada em

lágrimas.

O alívio o deixou delirante.

— Antonia!

Em duas largas passadas estava ao lado dela, sentava-se, tomava-a nos braços, apertava-lhe a cabeça contra seu ombro, beijava o topo daquela cabeça, a testa, os olhos lacrimosos e inchados. As lágrimas tinham um sabor salgado, e as faces de Antonia estavam molhadas, mas nada importava, exceto que ele a encontrara, que a abraçava, que a amava mais do que qualquer ser humano na terra e que nunca, jamais se tornariam a separar.

— Você me ouviu chamá-la? — perguntou por fim.

— Ouvi, mas não pensei que fosse verdade. Aliás, eu nada mais ouvia direito, além daquele terrível sino. Estava tudo certo, até o sino começar, e então... de repente, eu soube que era como desfazer em pedacinhos. Não podia ir com os outros. Sinto tanta falta dela! Tudo é terrível sem ela... Oh, Danus, ela está morta, e eu a queria tanto! E sinto falta dela. Sinto falta dela o tempo todo...

— Eu sei — disse ele. — Eu sei!

Ela continuou soluçando contra o ombro dele.

— Tudo tem sido tão horrível... Desde que você partiu. Horrível demais... Não havia ninguém...

— Eu sinto muito...

— E estive pensando demais em você. O tempo todo. Ouvi você chamando, mas não podia acreditar... que estivesse aqui. Era apenas aquele sino horrível, fazendo-me ouvir coisas. E eu queria tanto que você estivesse aqui!

Ele nada disse. Antonia continuou a chorar, mas os soluços foram diminuindo, cessava o pior de sua tormenta de pesar. Após um momento, Danus afrouxou o abraço e ela recuou, erguendo o rosto para ele. Um anel de cabelo escorregara-lhe para a testa, ele o empurrou de volta e depois, tomando seu lenço limpo, entregou-o a ela. Contemplou Antonia ternamente, vendo-a enxugar os olhos e então, vigorosamente como uma criança, assoar o nariz.

— Oh, Danus, mas onde é que estava? O que aconteceu? Por que não telefonou?

— Só chegamos a Edimburgo ontem ao meio-dia. A pescaria estava boa demais para ser abandonada e, por outro lado, não tive ânimo de estragar o prazer de Roddy. Quando cheguei em casa, minha mãe deu-me seu recado. No entanto, sempre que eu tentava ligar para cá, o telefone dava sinal de ocupado.

— Ele não parou de tocar...

— Por fim, mandei tudo ao diabo, peguei o carro de minha mãe e dirigi até aqui.

— Você dirigiu até aqui — repetiu ela. Demorou um segundo a digerir o

significado daquilo. — Você dirigiu? Você mesmo?

— Sim. Posso voltar a dirigir. E também embriagar-me como um idiota, se quiser. Está tudo bem comigo! Não sou epiléptico e jamais fui! Tudo começou com um diagnóstico falho daquele médico do Arkansas. Estive doente. Fiquei muito doente por algum tempo, mas nunca foi epilepsia!

Durante um terrível momento, Danus pensou que ela fosse explodir em lágrimas novamente. No entanto, tudo que Antonia fez foi passar os braços em seu pescoço e apertá-lo com tanta força, que ele receou morrer sufocado.

— Oh, Danus, meu querido, é um milagre!

Ele se soltou delicadamente, mas continuou a segurar-lhe as mãos.

— Isto não é o fim, mas apenas o começo. De um começo inteiramente novo. Para nós dois. Porque, faça eu o que fizer, quero que façamos juntos. Não sei que diabo vai acontecer e ainda nada tenho para lhe oferecer, mas, por favor, se me ama, não permita que nos separemos outra vez.

— Oh, não! Jamais nos separaremos. Nunca! — Ela havia parado de chorar, as lágrimas tinham sido esquecidas, era novamente a sua amada Antonia. — Teremos aquele horto. De algum modo. Algum dia. E encontraremos o dinheiro em algum lugar...

— Com franqueza, não quero que você vá para Londres ser modelo.

— Eu não iria, mesmo você querendo. Devem existir outros meios. — Imediatamente ela teve uma idéia brilhante. Já sei! Posso vender os brincos! Os brincos da Tia Ethel! Eles valem pelo menos quatro mil libras... Sei que não é muito, mas já poderia ser um começo, não? Esse dinheiro significaria algo para começarmos. E Penelope não se incomodaria. Quando os deu para mim, disse que eu poderia vendê-los, se quisesse.

— Você não pretende conservá-los? Como recordação dela?

— Oh, Danus, não preciso dos brincos como recordação. Tenho mil motivos para recordar Penelope!

O tempo todo em que conversavam, o sino da igreja continuara a tanger. Blão, blão, blão, através da região rural. Agora, de repente, ele parava. Os dois entreolharam-se.

— Precisamos ir — disse ele. — Temos que estar lá. Não podemos chegar atrasados.

— Sim, claro...

Levantaram-se. Depressa, refeita, ela ajeitou o cabelo, passou os dedos pelas faces, limpando-as.

— Parece que estive chorando?

— Só um pouquinho. Ninguém irá reparar.

Ela afastou-se do espelho.

— Estou pronta — disse para Danus.

Ele lhe tomou a mão e, juntos, saíram do quarto.

Enquanto a família caminhava para a igreja, o toque do sino ficou mais alto, ecoando acima deles, silenciando todos os demais sons da aldeia. Olivia viu os carros estacionados junto ao meio-fio, a pequena corrente dos que compareciam à cerimônia religiosa, passando pelo portão do cemitério e subindo a trilha sinuosa entre as vetustas e inclinadas lajes das sepulturas.

Blão!... Blão!... Blão!...

Ela parou um instante, a fim de trocar uma palavra com o Sr. Bedway, e depois seguiu os outros, entrando na igreja. Após a cálida luz solar do exterior, ali dentro estava frio, um frio que se irradiava do piso lajeado e das pedras não aquecidas. Era mais ou menos como entrar em uma cave, e havia um forte cheiro de mofo, sugerindo, um bolor de besouros e de órgão. Entretanto, nem tudo era soturno, porque a moça de Pudley havia feito seu trabalho e, para onde quer que se olhasse, lá estava uma profusão de flores da primavera. Também a igreja, sendo tão pequena, ficara apinhada. Isto confortou Olivia, que sempre achara profundamente depressiva a visão de bancos de igreja vazios.

Quando começaram a caminhar pelo corredor central, as badaladas do sino cessaram abruptamente. No silêncio que se seguiu, sua pisadas repicaram nas lajes nuas. Os dois bancos frontais permaneciam vazios e eles ali se acomodaram, ocupando as vagas. Olivia, Nancy, George e depois Noel. Este era o momento que ela temera, pois o ataúde esperava, nos degraus do altar. Pontilhando o mar de rostos do campo, não familiares... os moradores de Temple Pudley, supôs ela, vindo prestar seus últimos respeitos... Olivia descobriu outros, conhecidos durante anos, que tinham vindo de muito longe. Os Atkinson, de Devon; o Sr. Enderby, de Enderby, Looseby & Thring; Roger Wimbush, o retratista que, anos atrás, quando ainda estudante de arte, fizera seu lar no velho estúdio de Lawrence Stern, no jardim da casa da Rua Oakley. Viu Lalla e Willi Friedmarm, distintos como sempre, com seus rostos cultos e pálidos de refugiados. Viu Louise Duchamp, imensamente chique em um vestido inteiramente negro — Louise, a filha de Charles e Chantal Rainier, uma das mais antigas amigas de Penelope, que fizera a longa viagem de Paris à Inglaterra, a fim de estar ali. Louise ergueu o rosto, seus olhos encontraram os de Olivia, e ela sorriu. Olivia retribuiu o sorriso, emocionada por ela sentir-se impelida a vir de tão longe, grata por sua presença.

Com os sinos em silêncio, a música começou espalhando-se pela poeirenta quietude da igreja. Conforme prometera, a Sra. Tilligham tocava o órgão. O órgão de Temple Pudley não era um instrumento excelente, mas idoso e ofegante como um velho, porém nem mesmo tais defeitos conseguiram prejudicar a

serena perfeição de Eine Kleine Nacht Musik, Mozart. A favorita de mamma. A Sra. Tilligham estaria a par do detalhe ou simplesmente fizera uma inspirada escolha?

Olivia viu também a idosa Rose Pilkington, já beirando os noventa anos, mas garbosa como nunca, usando uma pelerine negra de veludo e um chapéu de palha, em tom violeta, tão surrado, que parecia ter viajado duas vezes ao redor do mundo. E, provavelmente, viajara mesmo. Franzido como uma noz, o rosto de Rose estava tranqüilo. Daquela face, seus olhos cansados mostravam uma pacífica aceitação do que acontecera e estava prestes a acontecer. Apenas olhar para Rose deixou Olivia envergonhada de sua covardia. Olhou para diante, ouviu a música, contemplou o ataúde de mamma. Entretanto, mal conseguia vê-lo, porque estava coberto de flores. Dos fundos da igreja, da porta aberta, chegaram os sons de uma pequena alteração, de vozes sussurradas. Depois, passos apressados soaram rapidamente no corredor central e, virando-se, Olivia viu Antonia e Danus deslizando para o banco vazio atrás deles.

— Oh, chegou a tempo...

Antonia inclinou-se para a frente. Parecia recuperada, novamente com cores no rosto.

— Lamento estar atrasada — sussurrou.

— Chegou na hora exata.

— Olivia... este é Danus.

Olivia sorriu.

— Eu sei — respondeu.

Acima deles, bem acima, o relógio da torre bateu três horas.

Com a cerimônia quase encerrada e após prestado um breve tributo falado, o Sr. Tilligham anunciou o hino. A Sra. Tillingham executou os primeiros compassos, e a congregação se levantou, com seus hinários abertos.

> Por todos os santos que de seus labores repousam,
> Aqueles que diante do mundo, pela fé confessaram
> Seus nomes, Ó Jesus. abençoados sejam para sempre!
> Aleluia!

Os moradores de Temple Pudley estavam familiarizados com a melodia e, elevadas, sua vozes fizeram estremecer as vetustas vigas comidas pelo cupim. Aquele talvez não fosse o hino mais adequado para um funeral, mas Olivia o escolhera por ser o único que sabia ser do agrado de mamma. Ela não devia esquecer qualquer uma das coisas que sua mãe realmente apreciava; não apenas a bela música, não apenas receber visitas, cultivar flores e telefonar para longas

conversas, quando mais se esperava que ela fizesse isso. Havia também outras coisas — como rir, ter fortaleza de espírito, tolerância e amor. Olivia sabia que não podia deixar estas qualidades fugirem de sua vida, apenas porque mamma se tinha ido. Porque se deixasse, então o lado mais belo de sua complexa personalidade se encolheria e pereceria, só lhe restariam sua inteligência nata e sua incansável, impelente ambição. Jamais contemplara a segurança do casamento, mas precisava dos homens — se não como amantes, então como amigos. Para receber amor, devia permanecer uma mulher preparada para dá-lo, pois do contrário terminaria como uma velha amarga e solitária, com língua ferina e provavelmente nenhum amigo no mundo.

Os próximos meses, entretanto, não seriam fáceis. Enquanto mamma vivia, Olivia sabia que alguma pequenina parte de si mesma continuava sendo uma criança, mimada e adorada. Talvez uma pessoa jamais crescesse inteiramente, enquanto tivesse mãe viva.

> Tu foste sua rocha, sua fortaleza e seu poder,
> Tu, Senhor, foste seu capitão na batalha bem ganha!
> Ela cantou. Alto. Não porque tivesse uma voz particularmente retumbante, mas porque, como aquela criança assobiando no escuro, aquilo a ajudava a ganhar coragem.
> Na temida escuridão, tu foste sua verdadeira luz,
> Aleluia!

Nancy sucumbira às lágrimas. Durante toda a cerimônia conseguira mantê-las sob controle, resolutamente, mas de repente não se importava mais, deixava que fluíssem. Seus soluços eram ruidosos e certamente embaraçantes para os outros, porém nada havia que ela pudesse fazer a respeito, exceto assoar fortemente o nariz de quando em quando. Logo teria gasto todos os lenços de papel que, precavidamente, enfiara em sua bolsa.

Acima de tudo o mais, ela desejaria ter podido ver sua mãe outra vez... Pelo menos falar com ela... após aquela última e terrível conversa telefônica, quando mamãe ligara da Cornualha para desejar feliz Páscoa a todos eles. Entretanto, mamãe se portara da maneira mais extraordinária e, sem qualquer dúvida, era melhor que certas coisas fossem ditas, ventiladas, expostas francamente. Por fim, mamãe havia desligado quando ela ainda falava, não quisera ouvi-la mais. Então, antes que Nancy tivesse tempo ou oportunidade de conciliar a situação entre elas, mamãe morrera.

Nancy não se censurava. Ultimamente, no entanto, acordando no meio da noite, ela se sentira estranham ente só na escuridão, e havia chorado. Tornava a

chorar agora, não se incomodando se os outros vissem, não se importando se ouvissem seu pesar. Esse pesar era evidente e ela não estava envergonhada. As lágrimas correram, Nancy não fez qualquer esforço para estancá-las, deixando que fluíssem como água, umedecendo as duras e quentes brasas de seu próprio remorso não reconhecido.

> Ó, possam teus fiéis, sinceros e audazes soldados
> Lutar como os santos que nobremente lutaram outrora
> E com eles conquistar a dourada coroa da vitória!
> Aleluia!

Noel não se juntou ao canto, nem mesmo procurou segurar um hinário aberto. Permaneceu em pé no final do banco, imóvel, com uma das mãos no bolso do paletó e a outra repousada no anteparo de madeira à sua frente. Seu rosto atraente não mostrava qualquer expressão, sendo impossível alguém imaginar o que estaria pensando.

Ó, abençoada comunhão! Divinas hostes!

Enquanto fracamente lutamos, em glória eles cintilam!

Perto dos fundos da igreja, a Sra. Plackett elevou a voz, em jubiloso louvor. Mantinha seu hinário bem alto, o busto considerável empinado para diante. Era uma cerimônia encantadora. Música, flores, e agora um hino vibrante... justamente o que a Sra. Keeling teria apreciado. E houvera uma bela afluência também. Toda a aldeia comparecera. Os Sawcombe, o Sr. e a Sra. Hodgkins, do pub "Sudeley Arms". O Sr. Kitson, gerente do banco de Pudley, Tom Hadley, dono do estabelecimento de jornais e revistas mais uma dúzia ou coisa assim de outros. E a família se portava muito bem, exceto aquela Sra. Chamberlain, soluçando sem controle, a ponto de todos ouvirem. A Sra. Plackett não era adepta de demonstrações emocionais. Mantenha-se reservada, sempre fora o seu lema. Este era um dos motivos pelos quais ela e a Sra. Keeling sempre tinham sido tão amigas. Sim, a Sra. Keeling fora uma verdadeira amiga. Ia deixar um enorme vazio na vida da Sra. Plackett. Agora, relanceando os olhos pela igreja repleta, ela fez alguns cálculos mentais. Quantos deles iriam até a casa para o chá? Quarenta? Talvez uns quarenta e cinco. Com um pouco de sorte, o Sr. Plackett não teria esquecido de colocar as chaleiras no fogo.

No entanto, são todos um em ti, porque todos são teus.

Aleluia!

Ela esperava que houvesse bolo de frutas suficiente.

15. Sr. Enderby

Às cinco e quinze da tarde o chá do funeral terminara, os últimos retardatários se tinham despedido e voltado para casa. Levando-os até a porta, Olivia espiou o último carro dobrar a esquina perto do portão e então, com certo alívio, deu meia-volta, tornando a entrar na casa. A cozinha fervilhava de atividade. O Sr. Plackett e Danus, que na última meia hora tinham ficado dirigindo o trânsito e ordenando vários carros estacionados inadequadamente, agora haviam entrado e ajudavam a Sra. Plackett e Antonia a recolher e lavar todos os utensílios do chá. A Sra. Plackett estava diante da pia, com a água espumosa de sabão lhe chegando aos cotovelos. Prestimoso como sempre, o Sr. Plackett estava ao seu lado e enxugava o bule de prata do chá. A lavadora de pratos zumbia, Danus cruzou a porta com mais uma bandeja de xícaras e pires, e Antonia tirava o aspirador de pó do armário em que era guardado.

Olivia se sentiu inútil e perdida.

— O que há para eu fazer? — perguntou à Sra. Plackett.

— Coisa nenhuma. — A Sra. Plackett não se virou da pia. Suas mãos avermelhadas colocavam pires na prateleira aramada, com a velocidade e a precisão de uma esteira transportadora. — É como sempre digo, muitas mãos tornam o trabalho ligeiro.

— Foi um chá fantástico! Não sobrou uma migalha do seu bolo de frutas!

A Sra. Plackett, no entanto, não estava com tempo ou disposição para tagarelar.

— Por que não vai para a sala de estar e tira o peso de cima de seus pés? A Sra. Chamberlain, seu irmão e o outro cavalheiro estão lá agora. Em mais dez minutos, a sala de refeições estará arrumada e pronta para sua pequena reunião.

Era uma excelente sugestão, e Olivia decidiu segui-la. Estava muito cansada e suas costas doíam, por ficar em pé tanto tempo. Ao cruzar o vestíbulo, pensou em esgueirar-se pela escada, mergulhar em um banho bem quente e depois ir para a cama, com lençóis frescos, travesseiros macios e um livro absorvente. Mais tarde, prometeu a si mesma. O dia ainda não terminara. Mais tarde. Na sala de estar, na qual não havia mais qualquer sinal da reunião para o chá, encontrou Noel, Nancy e o Sr. Enderby, todos acomodados à vontade e abordando trivialidades, polidas e ligeiras. Nancy e o Sr. Enderby sentavam-se nas poltronas aos lados da lareira, mas Noel assumira sua postura habitual, de costas para o fogo, os ombros apoiados contra o aparador da lareira. Quando

Olívia apareceu, o Sr. Enderby ficou em pé. Era um homem de quarenta e poucos anos mas, com sua cabeça calva, óculos sem aros e roupas sóbrias, parecia muito mais velho. A despeito disto, suas maneiras eram naturais e relaxadas e, durante o correr da tarde, Olivia o observara fazendo-se conhecido dos demais presentes, tornando a encher xícaras de chá, oferecendo sanduíches e bolo. Também passara algum tempo conversando com Danus, o que fora grande amabilidade sua, porque Nancy e Noel tinham preferido ignorar o rapaz. A viagem à Cornualha por conta de mamma e a louca extravagância da hospedagem no hotel The Sands certamente continuavam efervescendo.

— Lamento, Sr. Enderby. Acho que passamos um pouco da hora...

Ela se sentou gratamente no canto do sofá, e o Sr. Enderby tornou a se sentar.

— Não tem importância. Não estou com pressa.

Da sala de refeições, chegaram sons do aspirador de pó em funcionamento.

— Eles estão apenas limpando as migalhas, e então poderemos começar. E você, Noel? Tem algum compromisso premente em Londres?

— Não esta noite.

— Nancy? Acha que haverá tempo para você?

— Mais ou menos. Terei que recolher as crianças e prometi a elas que não chegaria muito tarde. — Após ter-se debulhado em lágrimas durante a maior parte da cerimônia na igreja, Nancy já se recuperara e agora parecia perfeitamente controlada e jovial. Talvez porque houvesse tirado o chapéu. George já se fora, separando-se deles no cemitério, com advertências em voz alta da esposa para dirigir com cuidado e apresentar seus cumprimentos ao arquidiácono, tendo ele prometido fazer ambas as coisas. — Aliás, eu gostaria de voltar antes de escurecer. Não gosto de dirigir sozinha e à noite.

O som do aspirador de pó cessou. No momento seguinte, a porta se abriu, e a Sra. Plackett assomou a cabeça, ainda usando seu chapéu do funeral.

— Já está tudo em ordem, Srta. Keeling.

— Muito obrigada, Sra. Plackett.

— Se não se incomodar, eu e o Sr. Plackett iremos agora para casa.

— Claro. E não sei como agradecer suficientemente a ambos!

— Foi um prazer para nós. Vejo-a amanhã.

Ela partiu. Nancy franziu o cenho. Amanhã é domingo. Por que ela viria amanhã?

— Porque irá ajudar-me a pôr em ordem o quarto de mamma. Olivia levantou-se.

— Vamos?

Conduziu-os à sala de refeições. Ali estava tudo em ordem, e uma toalha

de reps verde fora estendida sobre a mesa. Noel ergueu as sobrancelhas.

— Dá a impressão de uma reunião de diretoria — falou.

Ninguém comentou sua observação. Sentaram-se todos — o Sr. Enderby à cabeceira, tendo Noel e Olivia a cada lado seu. Nancy acomodou-se perto de Noel. Abrindo sua pasta, o Sr. Enderby retirou dela vários papéis, que depositou à sua frente. Tudo muito formal, com ele presidindo. Os outros esperavam que começasse.

O Sr. Enderby pigarreou.

— Para começar, quero dizer que fico muito grato a todos, por haverem concordado em ficar após o funeral de sua mãe. Espero que isto não lhes traga inconvenientes. Sem dúvida, não é estritamente necessária uma leitura formal do testamento, porém já que estão todos juntos sob um mesmo teto, pareceu-me uma fortuita oportunidade de os pôr a par de como sua mãe desejou dispor dos próprios bens e, sendo necessário, explicar-lhes quaisquer pontos que não compreendam inteiramente. Muito bem...

Entre os papéis à sua frente, o Sr. Enderby escolheu um envelope, do qual retirou um documento volumoso e dobrado. Desdobrando-o, ele o estendeu sobre a mesa. Olivia viu Noel desviar os olhos, inspecionar as unhas, como que ansioso em não ser visto espiando de esguelha, à maneira de um colegial colando nos exames. O Sr. Enderby ajustou os óculos.

— Aqui estão o testamento e as últimas vontades de Penélope Sophia Keeling, nascida Stern, datado de oito de julho de 198O. — Ele ergueu os olhos. — Se não se importam, não farei uma leitura textual, mas simplesmente um esboço em linhas gerais dos desejos de sua mãe, à medida que chegarmos a eles. -Todos concordavam com a sugestão. Ele prosseguiu. — Para começar, temos dois legados não pertinentes à família. Para a Sra. Florence Plackett, 43 Hodges Road, Pudley, Gloucestershire, a soma de duas mil libras. E para a Sra. Doris Penberth, 7 Wharf Lane, Porthkerris, Cornualha, cinco mil libras.

— Muito justo — disse Nancy, por aquela vez aprovando a generosidade da mãe. — A Sra. Plackett é um verdadeiro tesouro. Não posso imaginar o que mamãe faria sem ela.

— E Doris também — disse Olivia. — Doris foi a mais querida amiga de mamãe. Passaram juntas o período da guerra; tomaram-se muito íntimas.

— Acredito que tenha conhecido a Sra. Plackett — disse o Sr. Enderby — porém acho que a Sra. Penberth não esteve hoje conosco.

— Não. Ela não podia vir. Telefonou explicando. Seu marido está doente e era impossível deixá-lo sozinho. No entanto, ficou profundamente abalada.

— Neste caso, escreverei a estas duas senhoras, comunicando-lhes os respectivos legados. — Ele fez uma anotação. — Muito bem. Com isto

resolvido, passemos a assuntos familiares. — Noel recostou-se em sua cadeira, apalpou o bolso do peito do paletó e retirou sua caneta de prata. Começou a brincar com ela, liberando o topo com o polegar, depois tornando a apertá-lo para fechar-se. — De início, existem itens específicos do mobiliário que ela desejava ver na posse de cada um. Para Nancy, a mesa-sofá do quarto de dormir. Acredito que sua mãe o usava como toucador. Para Olívia, a escrivaninha da sala de estar, outrora propriedade do pai da Sra. Keeling, o falecido Lawrence Stern. E, para Noel, a mesa da sala de refeições, com seu jogo de oito cadeiras, que, imagino, sejam estas em que nos sentamos agora.

Nancy se virou para o irmão.

— Onde irá colocá-las, naquele apartamento que mais parece uma casinhola de coelhos? Lá não há espaço para se atirar um gato!

— Talvez eu compre outro apartamento.

— Que precisará ter uma sala de refeições!

— Terá — disse ele lacônico. — Por favor, continue, Sr. Enderby.

Nancy, entretanto, ainda não terminara.

— Isso é tudo?

— Não entendi, Sra. Chamberlain.

— Quero dizer... e sobre as jóias dela?

Pronto, lá vamos nós, pensou Olivia.

— Mamma não possuía jóias. Nancy. Vendeu seus anéis há anos, a fim de pagar dívidas de nosso pai.

Nancy refreou-se, como sempre fazia, quando Olivia falava naquela voz dura sobre o querido e falecido papai. Não havia motivos para ser tão rude, para dizer aquelas coisas diante do Sr. Enderby.

— E o que diz dos brincos da Tia Ethel? Aqueles que Tia Ethel deixou para ela? Devem valer pelo menos quatro ou cinco mil libras. Aí não há referência a eles?

— Ela já tinha dado os brincos — informou Olivia. — Para Antonia.

Houve silêncio após suas palavras. Foi rompido por Noel, que colocou o cotovelo sobre a mesa e correu os dedos através do cabelo, em um gesto de desespero.

— Oh, santo Deus! — exclamou.

Por cima do reps verde, Olivia encontrou os olhos da irmã. Muito azuis, fixos, cintilando de ultraje. O rubor ganhou as faces de Nancy.

Ela disse, finalmente:

— Isto não pode ser verdade!

— Receio que seja — declarou o Sr. Enderby, em voz pausada.

— A Sra. Keeling deu os brincos a Antonia, enquanto estavam juntas na

Cornualha, passando aquelas férias. Ela me falou sobre o presente, no dia em que me procurou em Londres, na véspera de sua morte. Foi inflexível, quanto a desejar que não houvesse qualquer discussão sobre os brincos ou questionamentos sobre direitos de posse.

— Como é que você sabia que mamãe fez tal coisa? — perguntou Nancy a Olivia.

— Porque ela me escreveu, contando.

— Aqueles brincos deviam ficar para Melanie!

— Antonia foi muito bondosa para mamãe, Nancy. E mamãe sentia grande afeição por ela. Antonia tomou suas últimas semanas de vida imensamente felizes. Além disso, acompanhou-a à Cornualha e lhe fez companhia, o que nenhum de nós se preocupou em fazer.

— Quer dizer que devíamos ser gratos por isso? Se quer saber, acho que devia ser exatamente o contrário...

— Antonia é grata...

A discussão se teria prolongado indefinidamente, se mais uma vez o Sr. Enderby não a interrompesse, pigarreando com discrição. Nancy se fechou em ultrajado silêncio, e Olivia soltou um suspiro de alívio. No momento, o assunto fora encerrado, mas tinha certeza de que tornaria a ser discutido, que o destino dos brincos da Tia Ethel ainda seria abordado e dissecado por muito tempo no futuro.

— Sinto muito, Sr. Enderby. Nós o estamos estorvando. Por favor, continue.

Ele enviou a Olivia um olhar de gratidão e voltou a falar.

— Agora, passaremos ao montante líquido da herança. Quando a Sra. Keeling redigiu este testamento, deixou bem claro para mim que não queria qualquer desentendimento entre os três filhos sobre a transmissão de seus bens. Diante disto, decidimos que tudo deveria ser vendido, e a soma obtida dividida igualmente entre os três. A fim de que isto fosse feito, tomou-se necessária a indicação de curadores de seus bens, ficando resolvido que os executores testamentários, Enderby, Looseby & Thring cuidariam disto. Está tudo bem claro e perfeitamente aceitável? Ótimo. Neste caso... — Ele começou a ler: — "Eu lego e transmito à custódia de meus curadores toda minha propriedade, tanto real como pessoal, a fim de que vendam, resgatem e transformem a dita propriedade em dinheiro." Entendido, Sra. Chamberlain?

— Não sei o que isso significa.

— Significa o montante líquido dos bens da Sra. Keeling, aí estando incluídos esta casa e respectivo conteúdo, sua carteira de títulos e ações e sua conta — corrente bancária.

— Tudo vendido, depois somado e dividido em três?

— Exatamente. Claro está que após terem sido pagos débitos pendentes, taxas, impostos e despesas do funeral.

— Parece terrivelmente complicado.

Noel enfiou a mão no bolso e tirou sua agenda. Abriu-a em uma página em branco e pressionou o topo da caneta.

— Talvez o senhor pudesse elucidar-nos, Sr. Enderby, a fim de efetuarmos um cálculo aproximado.

— Perfeitamente. Comecemos pela casa. Podmore's Thatch, com suas construções anexas e plantações produzindo, valerá, se não me engano, não menos de duzentas e cinqüenta mil. Sua mãe a comprou por cento e vinte mil, porém isso foi há cincos anos, tendo o valor da propriedade aumentado consideravelmente, desde então. Além do mais, trata-se de um imóvel altamente agradável, dentro de uma distância de Londres que pode ser facilmente coberta. Sobre o conteúdo da casa, não posso ter tanta certeza. Dez mil libras, talvez? Temos ainda a carteira de títulos e ações da Sra. Keeling, no presente momento orçando em cerca de vinte mil.

Noel assobiou.

— Tudo isso? Eu não fazia idéia.

— Nem eu — disse Nancy. — De onde veio todo esse dinheiro?

— Foi o montante líquido da venda da casa da Rua Oakley. Cuidadosamente investido, após sua mãe ter comprado Podmore's Thatch.

— Entendo.

— E sua conta-corrente?

Noel havia registrado todos estes números em sua agenda e, obviamente, ardia em desejos de somá-los, para chegar a um total geral.

— No momento, sua conta-corrente está alta, após a injeção das cem mil libras que ela recebeu pela venda dos dois painéis pintados por seu pai, Lawrence Stern, adquiridos por um comprador particular, através da Boothby's. Tudo isto, naturalmente, será sujeito a taxas e impostos.

— Ainda assim... — Noel efetuou seus rápidos cálculos. — Temos um total de trezentas e cinqüenta mil libras. — Ninguém fez qualquer comentário sobre tão perturbadora soma. Em silêncio, ele tornou a pressionar o topo da caneta, deixou-a sobre a mesa e recostou-se em sua cadeira. — Consideradas todas as circunstâncias, meninas, é uma boa contagem!

— Fico contente — disse secamente o Sr. Enderby — em saber que está satisfeito.

— Então era isso! — Noel estirou-se inteiramente e fez menção de levantar-se da cadeira. — O que acham de um drinque para todos? Aceitaria um

uísque, Sr. Enderby?

— Com prazer, porém não agora. Receio que nossos negócios ainda não estejam encerrados.

Noel franziu a testa.

— E o que mais há para discutir?

— O testamento de sua mãe possui um codicilo, datado de 13 de abril de 1984. Naturalmente, isto implica uma nova data para o testamento anterior, porém em nada modifica o que já ficou estipulado, isto é irrelevante.

Olivia refletiu.

— Treze de abril... O dia em que ela foi a Londres. Na véspera de sua morte.

— Exatamente.

— Ela foi — expressamente para vê-lo, Sr. Enderby?

— Acredito que sim.

— Procurou-o para que redigisse este codicilo?

— Sim.

— Então, talvez fosse melhor lê-lo para nós.

— É o que farei agora, Srta. Keeling. Entretanto, antes disso, creio dever mencionar que foi escrito na caligrafia da Sra. Keeling e assinado por ela, na presença de minha secretária e meu funcionário. — Ele começou a ler em voz alta: — “Para Danus Muirfield, Chalé do Tractorman, Fazenda Sawcombe, Pudley, Gloucestershire, deixo quatorze esboços a óleo de obras importantes, pintados por meu pai, Lawrence Stern, entre os anos de 1890 e 1910. Tais esboços têm os seguintes títulos: O jardim do terazzo, A chegada do amante, O galanteio do barqueiro, Pandora...Os esboços a óleo! Noel suspeitara de sua existência, confidenciara tais suspeitas a Olivia; revistara a casa da mãe atrás deles, sem nada ter encontrado. Agora. virando a cabeça, ela olhava para o irmão através da mesa. Viu-o sentado e petrificado. Intensamente pálido. Um tique nervoso repuxava o ângulo de seu maxilar. Olivia perguntou-se quanto tempo ele continuaria calado. antes de explodir um furioso protesto”.

— “... As aguadeiras, Um mercado em Túnis, A carta de amor...”

Onde é que haviam estado os esboços durante todos aqueles anos? Quem os tinha possuído? De onde tinham vindo?

— “... O espírito da primavera, Manhã do pastor; Jardim de Amoretta..."

Noel não se conteve mais.

— Onde é que eles estavam? — perguntou, em tom que claramente indicava o quanto se sentia ultrajado.

Apesar de tão rudemente interrompido o Sr. Enderby continuou mostrando uma calma admirável. Sem dúvida, já esperava uma explosão semelhante. Olhou

para Noel, por sobre os aros dos óculos.

— Se permitir que eu termine, Sr. Keeling, poderia explicar em seguida.

Houve uma pausa desconfortável.

— Está bem, prossiga.

Foi o que fez o Sr. Enderby, sem demonstrar qualquer pressa.

— "O deus do mar, O souvenir, As rosas brancas e O esconderijo. No momento, tais esboços encontram-se em poder do Sr. Roy Brookner, da casa Boothby's, Negociantes de Belas Artes, New Bond Street, Londres Wl, porém programados para serem postos à venda em Nova York, na primeira oportunidade possível. Caso eu venha a falecer antes que essa venda aconteça então os ditos esboços deverão ser entregues a Danus Muirfield, seja para que os conserve ou os venda, segundo seu desejo pessoal."

Recostando-se na cadeira, o Sr. Enderby esperou algum comentário.

— Onde é que eles estavam?

Ninguém disse nada. O ambiente se tornara desconfortavelmente tenso. Então, Noel repetiu sua pergunta:

— Onde é que eles estavam?

— Durante vários anos, sua mãe os manteve escondidos nas costas do guarda-roupa do quarto em que dormia. Ela própria os colocou lá, encobrindo-os depois com papel de parede, a fim de que não fossem encontrados.

— Ela não queria que soubéssemos?

— Não creio que ela tivesse feito isso pensando nos filhos. A Sra. Keeling escondeu os esboços para que o marido não os encontrasse. Ela os tinha achado no velho estúdio do pai, na casa da Rua Oakley. Naquela época, a família atravessava certas dificuldades financeiras, mas ela não queria que os esboços fossem vendidos apenas para conseguir algum dinheiro.

— Quando foi que eles finalmente vieram à luz?

— Ela solicitou ao Sr. Brookner que viesse a Podmore's Thatch, a fim de avaliar e possivelmente comprar duas outras obras pintadas pelo avô dos senhores. Foi então que mostrou a ele a pasta dos esboços.

— E quando foi que o senhor ficou sabendo de sua existência?

— A Sra. Keeling relatou-me toda a história no dia em que redigiu o codicilo. Na véspera de sua morte. Deseja dizer alguma coisa, Sra. Chamberlain...?

— Sim, desejo. Não entendi uma palavra do que o senhor está dizendo! Não sei do que estão falando! Ninguém jamais mencionou esses esboços para mim, sendo esta a primeira vez que ouço falar neles. E por que toda esta agitação? Por que Noel parece considerá-los tão importantes?

— Eles são importantes — disse-lhe Noel, com saturada paciência —

porque são valiosos.

— Meros esboços? Pensei que coisas assim fossem jogadas fora.

— Não, quando se tem alguma sensatez.

— Pois bem, e quanto valem?

— Quatro, cinco mil libras cada um. E há quatorze deles. Quatorze! — repetiu, gritando a palavra como se Nancy fosse surda. Basta fazer a soma, caso você tenha capacidade para tão avançada aritmética, uma coisa que duvido muito!

Mentalmente, Olivia já tinha efetuado a soma. Setenta mil. Apesar do estarrecedor comportamento de Noel, sentira uma pontada de pena dele. Estivera tão certo de que os esboços estariam ali, em algum lugar, em Podmore's Thatch... Chegara a passar um longo e lugubremente chuvoso sábado encarcerado no sótão, a pretexto de fazer uma faxina nas velharias que a mãe guardava lá, mas, na realidade, procurando os esboços. Ela se perguntou se Penélope adivinhara o verdadeiro motivo daquela atividade inusitada e, em caso afirmativo, o que a induzira a calar-se. Provavelmente, a resposta era que Noel se tornara uma cópia fiel do pai, de maneira que Penelope não confiava de todo nele. Assim, nada dissera, preferindo entregar os esboços à custódia do Sr. Brookner para, finalmente, na véspera de sua morte, legá-los a Danus.

Entretanto, por quê? Por que motivo agira assim?

— Sr. Enderby... — Era a primeira vez que ela falava, após ter sido levantada a questão do codicilo. Ele pareceu aliviado ao ouvir sua voz tranqüila e dedicou-lhe inteira atenção. Ela explicou algum motivo que a fizesse deixar os esboços para Danus Muirfield? Quero dizer — Olivia procurou escolher as palavras com cuidado, não querendo parecer ressentida ou ambiciosa — evidentemente, eles eram muito especiais, além de bens pessoais... e ela só conhecia Danus há pouco tempo.

— Claro está que não poderei responder a isto, porque ignoro a resposta. Não obstante, era óbvio que a Sra. Keeling sentia grande apreço pelo rapaz e creio que desejaria ajudá-lo. Parece-me que ele pretende iniciar um pequeno negócio e, assim, ficaria grato por esse capital.

— Podemos contestar? — perguntou Noel.

Olivia se virou para o irmão.

— Não vamos contestar coisa alguma! — disse-lhe, em tom categórico. — Mesmo que fosse legalmente possível, nada quero ter a ver com isso!

Nancy, que estivera às voltas com sua aritmética mental, agora tomava a entrar na discussão.

— Ora, mas cinco vezes quatorze é setenta! Está querendo dizer que esse rapaz ficará com setenta mil libras?

— Se ele vender os esboços, ficará, Sra. Chamberlain.

— Não há dúvida de que isto é um tremendo erro! Ela mal o conhecia! Ele era seu jardineiro! — Nancy precisou apenas de alguns momentos, para ficar em estado de grande agitação. — Isto é ultrajante! Eu estava certa sobre ele, o tempo todo! Sempre disse que esse rapaz tinha alguma influência sinistra sobre mamãe! Eu disse isso para você, não foi, Noel? Lembra-se? Naquele dia em que lhe falei sobre ela ter doado "Os catadores de conchas". E os brincos da Tia Ethel... dados! Agora isto! É a última gota. Tudo! Simplesmente, dado! Ela não podia estar em seu juízo perfeito! Já estivera doente, seu julgamento ficou afetado. Não há outra explicação possível. Deve existir alguma coisa que possamos fazer!

Por esta vez, Noel estava do lado de Nancy.

— Quanto a mim, não vou ficar de braços cruzados, deixando que tudo isto aconteça...

— ... sem a menor dúvida, ela não estava em seu juízo perfeito...

— ... há multa coisa em jogo...

— ...tirando proveito dela...

Olivia não agüentou mais.

— Parem com isto. Calem a boca!

Ela falou em voz baixa, mas com a fúria controlada que a equipe editorial de Venus, no correr dos anos, aprendera a temer e respeitar. Quanto a Noel e Nancy, jamais lhe tinham ouvido aquele tom de voz antes. Ficaram olhando fixamente para ela, com certo espanto e, apanhados desprevenidos, não souberam o que dizer. No silêncio que se seguiu, Olivia começou a falar.

— Não quero ouvir mais nem uma palavra sobre isto. Está tudo encerrado. Mamma está morta. Nós a sepultamos hoje. Quem os ouvisse discutindo como dois cães sarnentos, pensaria que esqueceram isso. Não conseguem pensar ou falar em outra coisa que não seja o que vão extrair dela. Agora já sabemos, porque o Sr. Enderby acabou de dizer-nos. E mamma nunca esteve menos lúcida... pelo contrário, foi a mulher mais inteligente que já conheci. Era prática, sabia planejar com antecedência. O que mais pensam que ela fazia, durante todos aqueles anos em que estávamos crescendo, mal tendo dois pennies tilintando um no outro e com um marido que jogava cada moeda em que podia pôr as mãos? No que me diz respeito, estou mais do que satisfeita e acho que vocês deviam estar também. Mamma proporcionou a todos nós uma infância mágica, um incrível impulso na vida, e agora que está morta fica evidente que deixou cada um de nós confortavelmente aquinhoado. Sobre os brincos — ela olhou para Nancy, em gélida acusação — se ela quis que Antonia ficasse com eles, em vez de você ou Melanie, tenho certeza de que possuía bons motivos. — Nancy baixou os olhos. Recolheu um pequenino cisco na manga do casaco. — E se foi

Danus quem ficou com os esboços, em vez de Noel, tenho certeza de que ela também possuía bons motivos para agir assim. — Noel abriu a boca, então mudou de idéia e tornou a fechá-la, sem dizer uma palavra.

— Ela fez seu próprio testamento. Fez o que queria fazer. E isto é tudo que importa, ninguém vai dizer mais uma só palavra!

Sem levantar a voz uma só vez, ela havia dito tudo. Na desconfortável pausa que se seguiu, Olivia ficou esperando que Noel ou Nancy oferecessem objeções às chicotadas verbais que desferira contra eles. Após um momento, no outro lado da mesa, Noel remexeu-se na cadeira. Olivia lançou-lhe um olhar furibundo, preparou-se para um posterior combate, mas parecia que ele nada tinha a dizer. Em um gesto que admitia a derrota, mais claramente do que qualquer palavra expressa, ele ergueu a mão para esfregar os olhos, depois alisou para trás os cabelos escuros. Endireitando os ombros, ajeitou o nó da gravata de seda preta. Estava de novo controlado. Chegou a esboçar um sorriso de banda.

— Após este pequeno desabafo — disse a todos em geral — penso que merecemos aquele drinque. — Ele se levantou. — Um uísque, Sr. Enderby?

Desta maneira, maciamente, ele conduziu a reunião a um final e, ao mesmo tempo, rompeu a tensão. Obviamente muito mais aliviado, o Sr. Enderby aceitou a oferta e começou a recolher seus papéis, recolocando-os em seguida na pasta. Murmurando algo sobre empoar o nariz, Nancy reuniu sua esfarrapada dignidade, pegou a bolsa e saiu da sala. Noel foi atrás dela, em busca de gelo. Olivia e o advogado ficaram sozinhos.

— Eu sinto muito — disse ela.

— Não há motivos. Foi um esplêndido discurso!

— O senhor não acha que mamma estivesse fora de seu juízo perfeito, acha?

— Nem por um só instante!

— Esteve conversando com Danus esta tarde. Ele lhe pareceu ser de caráter desonesto?

— Exatamente o contrário. Eu diria que é um rapaz íntegro.

— Ainda assim, eu gostaria realmente de saber o que a impulsionou a deixar para ele um legado tão significativo.

— Acho que jamais ficaremos sabendo, Srta. Keeling.

Ela aceitou esta resposta.

— Quando irá dizer a ele?

— Assim que encontrar um momento oportuno.

— Acha que agora seria um momento oportuno?

— Sim, caso pudesse falar com ele em particular.

Olivia sorriu.

— Quer dizer, depois que Noel e Nancy partirem.

— Seria melhor esperar até então.

— Isso não atrasaria muito sua volta para casa?

— Talvez, mas eu poderia telefonar para minha esposa.

— Naturalmente. Quero que Danus fique a par o quanto antes, uma vez que ele talvez esteja por aqui amanhã. Então as coisas poderiam ficar algo tensas entre nós, se eu soubesse, mas ele não.

— Compreendo perfeitamente.

Noel voltou, trazendo o balde de gelo.

— Há um recado para você na mesa da cozinha, Olivia. Danus e Antonia foram tomar um drinque no "Sudeley Arms". Voltarão as seis e meia.

Ele falou com naturalidade, pela primeira vez pronunciando seus nomes sem ressentimento ou veneno. Dadas as circunstâncias, era algo bastante animador. Olivia se virou para o Sr. Enderby:

— Acha que poderia esperar até lá?

— Naturalmente.

— Fico-lhe muito grata. O senhor foi infinitamente paciente conosco.

— Faz parte de meu ofício, Srta. Keeling. Apenas parte de meu ofício...

Tendo passado algum tempo no segundo andar, arrumando o cabelo, empoando o nariz e recompondo-se de um modo geral, Nancy tornou a juntar-se a eles na sala de refeições e anunciou que ia para casa.

Olivia ficou surpresa.

— Não fica para um drinque conosco?

— Não. É melhor eu ir andando. Tenho um longo trajeto pela frente e não quero arriscar-me a um acidente. Adeus, Sr. Enderby, e obrigada por sua ajuda. Não se levante, por favor. Adeus, Noel. Tenha uma boa viagem para Londres. Fique onde está, Olivia, não precisa acompanhar-me.

Olivia, no entanto, largou o copo e saiu com a irmã. Fora da casa, as duas viram que o incomparável dia de primavera mergulhava num crepúsculo fresco e fragrante. O céu estava sem nuvens, manchado de rosa na direção oeste. Uma brisa roçava os galhos mais altos das árvores e, da colina atrás da aldeia, chegaram claramente até elas os balidos das ovelhas e seus cordeiros.

Nancy olhou em torno.

— Que sorte tivemos com o tempo. Permitiu que tudo fosse possível. Saiu-se muito bem, Olivia! Arranjou tudo perfeitamente.

— Obrigada — disse Olivia.

— Foi um bocado de trabalho. Posso perceber isso.

— Sem dúvida. Exigiu alguma organização. Ainda há um ou dois detalhes a providenciar. Uma lousa para a sepultura de mamãe... Enfim, podemos falar

sobre isso em outra ocasião.

Nancy entrou no carro.

— Quando volta para Londres?

— Amanhã à noite. Tenho que estar no escritório na manhã de segunda-feira.

— Entrarei em contato com você então.

— Faça isso. — Olivia hesitou, mas então recordou suas boas resoluções daquela tarde. Mamma jamais deixaria um filho seu partir sem um beijo de despedida. Inclinando-se pela janela aberta do carro, beijou Nancy na face. — Dirija com cuidado — disse para a irmã, e então, sentindo-se imprudente (já que começara, devia ir até o fim), acrescentou: — Lembranças minhas a George e às crianças.

Tornando a entrar, viu que os dois homens haviam trocado a sala de refeições pelo aconchego da sala de estar. Noel puxara as cortinas e tinha acendido o fogo, mas assim que terminou seu uísque com soda, olhou para o relógio, levantou-se e anunciou que era hora de ir embora. O Sr. Enderby sugeriu que aquele podia ser um momento oportuno para telefonar à esposa, de maneira que Olívia o deixou fazendo a ligação e acompanhou Noel até a porta da frente.

— Tenho a sensação de não ter feito outra coisa, o dia inteiro, senão levar pessoas à porta — disse ela.

— Você deve estar cansada. É melhor ir dormir cedo.

— Acho que, provavelmente, todos estamos cansados. Foi um longo dia. — Estava esfriando e ela cruzou os braços, contra um arrepio. — Lamento pela maneira como as coisas resultaram, Noel. Teria sido bom você ficar com os esboços. Deus sabe que trabalhou duro, procurando por eles. Entretanto, do jeito como estão as coisas, nada há que um mortal possa fazer a respeito. E, admita, nenhum de nós ficou de mãos abanando. Esta casa alcançará um preço fenomenal. Portanto, não fique cismando sobre injustiças imaginárias. Caso contrário, terminará com a pior espécie de indigestão espiritual, confuso e amargo.

Ele sorriu. Sem muita alegria, mas mesmo assim era um sorriso.

— É uma pílula dos diabos para ser engolida, mas parece que não há alternativa. No entanto, eu bem gostaria de saber por que ela nunca falou sobre aqueles esboços conosco, jamais nos disse que existiam. E por que os teria deixado para esse rapaz?

Olivia deu de ombros.

— Será que ela o apreciava? Sentia pena dele? Queria ajudá-lo?

— Tem que haver algo mais do que isso.

— É possível — admitiu ela. Deu-lhe o beijo de despedida. — Entretanto,

acho que jamais descobriremos.

Ele entrou em seu Jaguar e afastou-se. Olivia ficou parada, ouvindo o barulho do motor diminuir, esperou até que o ruído do imperfeito cano de descarga desaparecesse na quietude da noite, e que nada mais ouvisse. Os sons rurais novamente ganharam ímpeto os balidos das ovelhas nos ondulados prados do outro lado da estrada, o vento aumentando e fustigando os galhos altos, um cão latindo. Ouviu um rumor de passos lépidos, aproximando-se da direção da aldeia, misturado a vozes jovens. Danus e Antonia, retornando do pub "Sudeley Arms". Suas cabeças surgiram acima do muro, enquanto caminhavam para o portão aberto, ela viu Danus com o braço passado pelos ombros de Antonia, que tinha um cachecol escarlate à volta do pescoço e as faces rosadas. Erguendo os olhos, ela viu Olivia esperando-os.

— Olívia! O que faz sozinha aqui fora?

— Noel acabou de partir. E então, divertiram-se?

— Fomos apenas tomar um drinque. Espero que não tenha se importado. Eu nunca havia entrado no pub antes. É interessantíssimo! Realmente antiquado, e Danus lançou dardos com o carteiro.

— Você venceu? — perguntou Olivia a ele.

— Perdi. Não havia jeito. Tive que pagar meio litro de Guinness para ele.

Entraram juntos na casa. Na cozinha aquecida, Antonia tirou seu cachecol.

— A reunião de família já terminou?

— Sim. Nancy também já foi embora, mas o Sr. Enderby continua aqui. — Ela se virou para Danus. — Ele quer falar com você.

Danus pareceu achar difícil acreditar.

— Comigo?

— Exatamente. Ele está na sala de estar. Talvez seja melhor não o deixar esperando. O pobre homem quer ir para casa, sua esposa o espera.

— Sim, mas o que ele tem para me dizer?

— Não faço a menor idéia — mentiu Olivia. — Por que não vai lá e tira as dúvidas?

Danus foi, parecendo perplexo. A porta se fechou atrás dele.

— Ora, mas o que ele quereria falar com Danus? — perguntou Antonia, com um ar de profunda apreensão. — Você acha que é alguma coisa terrível?

Olivia recostou-se contra a borda da mesa da cozinha.

— Não, não creio que seja qualquer coisa assim. — Antonia, entretanto, não parecia convencida. Querendo encerrar o assunto, Olivia perguntou: — Muito bem, o que iremos jantar? Danus comerá conosco?

— Sim, se você não se importa.

— É claro que não me importo. Aliás, seria melhor também que ele

passasse a noite aqui. Nós lhe encontraremos uma cama em algum lugar.

— Isso tomaria tudo bem mais fácil. Há duas semanas que ele está ausente de seu chalé. Lá deve estar úmido e solitário...

— Conte-me o que aconteceu em Edimburgo. Danus foi declarado em bom estado de saúde?

— Sim, foi. Está tudo bem com ele, Olivia. Danus não tem nada! Não é epiléptico nem nunca foi!

— Ora, mas são excelentes notícias!

— Sim. Até parece um milagre...

— Ele significa muito para você, não é?

— Sim.

— E você para ele, imagino.

Antonia assentiu, radiante.

— Então, que planos já fizeram?

— Danus quer começar um horto... trabalhar por conta própria. E eu irei ajudá-lo. Vamos fazer isso juntos.

— E quanto ao emprego dele na Autogarden?

— Ele voltará a trabalhar na segunda-feira, dando a eles um mês de aviso prévio. Foram todos muito bons para ele, sobre essa temporada que precisou faltar. Danus acha que abandoná-los repentinamente seria a última coisa que podia fazer.

— E depois disso?

— Iremos embora, procurar um local para alugar ou comprar, que esteja ao nosso alcance. Em Somerset, talvez. Ou Devon. Entretanto, confirmo o que lhe disse sobre ficar aqui, e não iremos embora enquanto Podmore's Thatch não for vendido e retirados os móveis. Como disse, posso mostrar a casa e o terreno aos interessados. Enquanto isso, Danus cuidaria do jardim.

— Uma idéia muito boa. Entretanto, ele não devia voltar para seu chalé, mas ficar aqui com você. Eu me sentiria bem melhor sabendo-o por aqui, não a deixando sozinha. Aliás, ele pode ficar usando o carro de mamma, e você manterá contato comigo, sobre o número de candidatos que forem aparecendo. Também manterei a Sra. Plackett, se ela quiser, até que a casa seja vendida. Ela pode fazer uma boa faxina de primavera por aqui e seria uma companhia para você, enquanto Danus estiver aparando o gramado de outras pessoas. — Ela sorriu, como se houvesse planejado tudo aquilo sozinha. — Tudo vai funcionar direitinho.

— Há só uma coisa. Não voltarei para Londres.

— Foi o que deduzi.

— Você foi muito generosa, querendo ajudar-me. Fiquei sinceramente

agradecida, mas sei que não seria grande coisa como modelo. Sou inibida demais.

— Talvez tenha razão. Deve sentir-se muito mais feliz calçando botas e com as unhas cheias de terra. — As duas riram. — Você está feliz, não está, Antonia?

— Sim. Nunca pensei que pudesse voltar a ser tão feliz... Este dia me pareceu muito singular. Tremendamente feliz e horrivelmente triste ao mesmo tempo. Entretanto, de certo modo acho que Penelope teria entendido. Eu estava aterrada com a idéia do funeral. O de Cosmo foi o único a que já havia comparecido, e foi tão dolorosamente terrível, que eu temia ir a outro. Esta tarde, contudo, se tornou bem diferente. Na realidade, pareceu mais uma comemoração.

— Exatamente como desejei que fosse. Como planejei. E agora... — Olivia bocejou... — felizmente já terminou. Acabou!

— Você parece cansada.

— Você é a segunda pessoa a dizer-me isto esta noite. Em geral, significa que estou parecendo velha.

— Você não parece velha! Vá lá para cima e tome um banho. Não se preocupe com o jantar. Eu faço isso. Há um pouco de sopa na despensa e costeletas de carneiro na geladeira. Se quiser, posso levar-lhe uma pequena bandeja e poderá comer na cama.

— Não estou tão velha e cansada assim! — Afastando-se da mesa, Olivia arqueou as costas doloridas. — De qualquer modo, vou tomar um banho. Se o Sr. Enderby for embora antes que eu torne a aparecer, poderia desculpar-se com ele por mim?

— É claro!

— E despeça-se dele por mim. Diga-lhe que depois telefonarei.

Cinco minutos mais tarde, quando Danus e o Sr. Enderby entraram na cozinha, já encerrada a sua conversa. Antonia raspava cenouras diante da pia. Ela se virou e sorriu para eles, esperando que algo fosse dito, que um dos dois explicasse o que tinham estado falando. Contudo, nenhum deles disse qualquer coisa e, ante tamanha solidariedade masculina, ela ficou sem coragem de perguntar. Preferiu dar ao Sr. Enderby o recado de Olivia.

— Ela estava muito cansada e subiu para tomar um banho. Pediu que me despedisse do senhor em seu nome e que apresentasse suas desculpas. Olivia espera que o senhor compreenda.

— Sim, é claro que compreendo.

— Ela disse que depois entrará em contato com o senhor.

— Obrigado por dizer-me. Bem, agora devo pôr-me a caminho. Minha

esposa espera-me em casa para o jantar. — Ele transferiu a pasta para a mão esquerda. — Adeus, Antonia.

— Oh... — Apanhada desprevenida, ela enxugou rapidamente a mão no avental. — Adeus, Sr. Enderby.

— Desejo-lhe muito boa sorte.

— Obrigada.

Ele saiu cruzando a porta em largas passadas, seguido por Danus. Sozinha. Antonia voltou às cenouras, porém seu pensamento não estava no que fazia. Por que ele lhe desejara boa sorte e, afinal de contas, o que estava acontecendo? Danus não parecera particularmente abatido, portanto, isto significava que a conversa fora amável entre eles. Talvez — uma feliz idéia — o Sr. Enderby houvesse simpatizado com Danus, enquanto conversavam durante o chá, e lhe tivesse oferecido ajuda para levantar algum dinheiro, possibilitando a compra do horto de ambos. Isto não parecia muito provável, mas que outro motivo teria ele para querer aquela entrevista...? Ouviu o carro do Sr. Enderby afastar-se. Parou de raspar as cenouras e recostou-se na pia, esperando, com a faca em uma das mãos e a cenoura na outra que Danus tomasse a entrar.

— O que foi que ele lhe disse? — perguntou, ainda antes de ele haver cruzado a porta. — Por que queria falar com você?

Danus tirou-lhe a faca e a cenoura das mãos, colocou ambas sobre o secador e a tomou nos braços.

— Tenho uma coisa para contar-lhe.

— O que é?

— Você não precisará vender os brincos da Tia Ethel.

— Iu-huuur!

— Sra. Plackett?

— Onde é que está, Srta. Keeling?

— Aqui em cima, no quarto de mamma!

A Sra. Plackett subiu a escada.

— Quer dizer que já começou?

— Ainda não. Estava apenas tentando decidir como é que faremos. Acho que por aqui não há nada que mereça ser guardado. Todas as roupas de mamma eram tão velhas e fora de moda que, tenho certeza, ninguém irá querê-las! Trouxe para cá estes sacos de lixo. Vamos enchê-los e deixá-los lá fora, para os lixeiros levarem.

— A Sra. Tillingham fará um bazar no mês que vem. Em benefício do Fundo para a Compra do Órgão.

— Bem, veremos... Deixarei que a senhora decida. Poderia começar esvaziando o guarda-roupa, enquanto faço a limpeza na cômoda.

A Srta. Plackett lançou mãos à obra, escancarando as portas do guarda-roupa e começando a tirar de lá braçadas de peças de roupa, surradas e amorosamente familiares. Enquanto as depunha sobre a cama. Algumas tão usadas que estavam no fio, Olivia desviou o rosto. Parecia-lhe indecente até mesmo espiá-las. Havia temido tão triste tarefa, a qual parecia ser ainda mais penosa do que imaginara. Estimulada pela presença prática da Sra. Plackett, ela ficou de joelhos e puxou a última gaveta. Suéteres e cardigãs, muito cerzidos nos cotovelos. Um xale branco de Shetland, para crianças; uma blusa de marinheiro, azul-marinho, que mamma costumava usar quando trabalhava no jardim.

— O que irá acontecer agora a esta casa? — perguntou a Sra. Plackett, enquanto trabalhavam.

— Será posta no mercado e vendida. Foi desejo de mamma e, por outro lado, nenhum de nós desejaria morar aqui. No entanto, Antonia e Danus continuarão na casa, a fim de mostrá-la aos interessados e mantendo tudo em funcionamento, até quando ela for vendida. Depois disso, daremos um fim nos móveis.

— Antonia e Danus? — Assentindo sabidamente para si mesma, a Sra. Plackett considerou as implicações de fato. — Será muito bom!

— Quando tudo estiver terminado, eles partirão e procurarão algum pedaço de terra que possam alugar ou comprar. Os dois querem iniciar um horto juntos.

— A mim, isso dá a impressão de que eles estão juntando seus pauzinhos — disse a Sra. Plackett. — Por falar nisto, onde é que estão? Não vi nenhum dos dois quando cheguei aqui.

— Eles foram à igreja.

— Foram?

— Parece aprovadora, Sra. Plackett.

— Acho bonito, quando jovens vão à igreja. Hoje em dia é uma coisa que não acontece com muita freqüência. E fico satisfeita em saber que vão ficar juntos. Um se dá maravilhosamente bem com o outro, foi o que sempre achei! Afinal, os dois são jovens. De um modo geral, eles parecem ter a cabeça no lugar. O que faremos disto? Olivia olhou. A velha pelerine da Marinha, de mamma. Houve um súbito relance de dolorosa recordação. Mamma chegando ao aeroporto de Ibiza, em companhia de Antonia ainda praticamente menina; mamma usando a pelerine, Antonia correndo para atirar-se aos braços de Cosmo. Tudo aquilo parecia ter acontecido há muito, muitíssimo tempo atrás.

— Acho que está boa demais para ser jogada fora — respondeu. — Separe-a para a quermesse da igreja.

A Sra. Plackett, no entanto, pareceu relutar em fazer isto.

— Grossa e quente como poucas... Ainda tem muitos anos de uso!

— Então, fique com ela. A pelerine a manterá aquecida e confortável em sua bicicleta.

— É muita bondade sua, Srta. Keeling. Fico imensamente agradecida. — Ela deixou a pelerine sobre uma cadeira. — Pensarei em sua mãe, cada vez que a usar.

Outra gaveta. Roupas íntimas, camisolas, malhas de lã, cintos, echarpes; um xale de seda chinesa, fartamente franjado e bordado com peônias escarlates. Uma mantilha de renda negra.

O guarda-roupa estava quase vazio. A Sra. Plackett remexeu em suas profundezas.

— Veja só isto! — exclamou. — Eu nunca o vi antes!

Suspendeu o vestido, ainda em seu cabide acolchoado. Era um traje jovem, sem fartura de tecido, feito de alguma fazendinha barata, que pendia flacidamente. Um vestido vermelho, estampado de margaridas brancas, com decote quadrado e volumosas ombreiras — Nem eu — disse Olivia. — Gostaria de saber por que mamma guardou isso. Deve ter sido algum vestido que usou durante a guerra. Jogue-o fora, Sra. Plackett.

A gaveta de cima. Cremes e loções, lixas para unhas, frascos antigos de perfume, uma caixa de pó, um pufe em penugem de cisne. Um colar de contas de vidro cor de âmbar. Brincos. Peças desencontradas e bijuteria barata.

Por fim, os sapatos. Todos os sapatos dela. Os sapatos eram o pior de tudo, mais intensamente pessoais do que qualquer outra coisa. Olivia se tomou cada vez mais impiedosa. As sacolas de lixo avolumaram-se.

Finalmente, em meio a tantas recordações penosas, tudo foi feito. A Sra. Plackett amarrou fortemente a boca dos sacos de plástico e, em seguida, elas duas os arrastaram escada abaixo e para fora da casa, até onde ficavam as latas do lixo.

— Haverá coleta amanhã cedo. Então, será o fim disto para a senhorita.

De volta à cozinha, a Sra. Plackett vestiu seu casaco.

— Não sei como agradecer-lhe por tanta gentileza, Sra. Plackett — disse Olivia, espiando enquanto ela dobrava cuidadosamente a pelerine da Marinha e a bolsa-bagageira. — Eu não teria coragem de fazer esta tarefa sozinha.

— Fiquei muito feliz em poder ajudar. Bem, tenho que ir agora. Preparar o almoço do Sr. Plackett. Desejo-lhe uma boa viagem de volta a Londres, Srta. Keeling. Procure se cuidar, experimente descansar um pouco. Foi um fim de semana muito agitado.

— Manterei contato com a senhora, Sra. Plackett.

— Tudo bem. E volte para nos visitar! Não gosto de pensar que nunca

mais tornarei a vê-la.

Ela montou em sua bicicleta e afastou-se, uma figura robusta e ereta, com a sacola-bagageira pendurada do guidom.

Olivia retornou ao quarto de sua mãe. Despojado de todos os bens pessoais, ele parecia incrivelmente vazio. Antes que se passasse muito tempo, Podmore's Thatch seria vendido, e aquele quarto pertenceria a outra pessoa. Haveria outros móveis, outras roupas, outros cheiros, outras vozes, outros risos. Sentando-se na cama, ela viu, além da janela, as novas folhas verdes do castanheiro florido. O tordo estava cantando, escondido em algum lugar entre os galhos.

Ela olhou em torno. Viu a mesa de cabeceira, com seu abajur de louça branca e a cúpula de pergaminho pregueado. A mesa tinha uma pequena gaveta. Haviam esquecido de revistá-la, durante a limpeza do quarto. Olivia abriu e encontrou um vidro de aspirinas, um botão solitário, o toco de um lápis e uma agenda antiquada. E, no fundo, um livro.

Enfiando a mão na gaveta, ela o apanhou. Era um livro fino, encadernado em azul. Autumn journal, de Louis MacNeice. Estava estufado por algum marcador volumoso e, onde este havia sido inserido, o livro se abriu espontaneamente. Ali ela encontrou um maço de fino papel amarelo, dobrado apertadamente... uma carta, talvez? E também uma fotografia.

A foto mostrava um homem. Olivia a olhou de relance e então, colocando-a de lado, começou a desdobrar a carta, mas seus olhos foram atraídos por um trecho de poesia que pareceu saltar das páginas do livro, mais ou menos como um nome recordado saltaria de uma folha de jornal...

> Setembro chegou, e é dela,
> Cuja vitalidade salta para o outono,
> Cuja natureza prefere
> Árvores sem folhas e um fogo na lareira.
> Assim, eu lhe dei este mês e o seguinte.
> Embora meu ano inteiro devesse ser dela. que já tornou
> Intoleráveis ou perplexos tantos de seus dias,
> Mas tantos tão felizes.
> Ela que deixou um perfume em minha vida.
> Que deixou minhas paredes sempre dançando com sua sombra.
> Cujos cabelos se entrançam em todas as minhas cataratas
> E toda Londres alastrada de beijos recordados.

As palavras não eram novas para ela. Quando estudava em Oxford, Olivia

descobrira McNeice, ficara encantada e havia devorado vorazmente tudo que ele já escrevera. E ainda agora, após a passagem de tantos anos, percebia-se tão tocada e emocionada, como em seu primeiro encontro com o poema. Tornou a lê-lo e então largou o livro. Qual teria sido seu significado para mamma? Apanhou a foto novamente.

Um homem. Usando algum tipo de uniforme, mas de cabeça nua. Virava-se para o fotógrafo e sorria, como se houvesse sido apanhado de surpresa, com um rolo de corda para escalar pendurado ao ombro. Tinha os cabelos desarrumados e, bem ao fundo, muito distante, via-se a linha do horizonte marinho. Um homem. Alguém que Olivia desconhecia, mas que, de alguma curiosa maneira, também parecia familiar. Ela franziu o cenho. Uma semelhança? Aquela semelhança era como um lembrete. Sim, mas de quem? De alguém que...?

Oh, mas claro! Após efetuada a identificação, tornava-se obvio. Danus Muirfield. Não suas feições nem os olhos, porém uma semelhança mais sutil. Devia ser o formato da cabeça, a maneira de levantar o queixo. O calor inesperado do sorriso.

Danus.

Seria este homem, portanto, a resposta à pergunta que nem o Sr. Enderby, Noel ou ela própria tinham podido descobrir?

A esta altura profundamente intrigada, ela pegou a carta e desdobrou as páginas frágeis. Era um papel pautado, coberto por uma caligrafia culta, as letras perfeitamente formadas por uma pena de escrever de bico largo.

De algum lugar da Inglaterra.

2O de maio de 1944.

Minha querida Penelope,

Nestas últimas semanas, por umas doze vezes me dispus a escrever para você. E, de cada vez, não fui além das primeiras quatro linhas, quando então era interrompido por algum telefonema, um chamado em voz alta, batidas à porta ou convocações urgentes, de um tipo ou de outro.

Finalmente encontrei um momento, neste obscuro lugar, em que posso ter alguma certeza de uma hora de quietude. Suas cartas chegaram sãs e salvas, tendo sido uma fonte de alegria para mim. Carrego-as comigo como um colegial apaixonado e as releio, vezes incontáveis. Já que não posso estar com você, pelo menos ouço a sua voz...

Ela estava muito cônscia de encontrar-se sozinha. À sua volta, a casa jazia silenciosa e vazia. O quarto de mamma estava silente, a quietude perturbada apenas pelo sussurro das páginas, que após lidas eram postas de lado. O mundo, o presente ficaram esquecidos. O que Olivia agora desvelava era o passado, o

passado de mamma, até então insuspeitado e jamais imaginado.

Sempre existe a possibilidade de que Ambrose aja cavalheirescamente e lhe conceda o divórcio... Importa apenas que fiquemos juntos e que eventualmente nos casemos — segundo espero, o mais cedo possível. Um dia, a guerra terminará... Entretanto, viagens de mil quilômetros começam com o primeiro passo e, quando pensamos um pouco, nenhuma expedição é a pior.

Ela deixou a página de lado e passou para a seguinte.

...Por algum motivo, tenho esperanças de sobreviver à guerra, A morte, o último inimigo, ainda me parece muito longe, além da velhice e da enfermidade. Por outro lado, não é possível acreditar que o destino, após ter-nos reunido, não queira que continuemos assim.

Entretanto, ele havia sido morto. Somente a morte poderia ter posto um ponto final em semelhante amor. Ele fora morto e nunca voltara para mamma. Todas as esperanças daquele homem e seus planos para o futuro tinham dado em nada, finalizados para a eternidade por alguma bala ou granada. Havia sido morto e ela, simplesmente, seguira em frente. Retomara para Ambrose, batalhara pelo resto da vida sem remorso ou amargura, sem qualquer traço de autopiedade. E seus filhos jamais tinham sabido, tampouco imaginado. Ninguém ficara sabendo. De algum modo, isto parecia o mais triste de tudo. Você devia ter falado sobre ele, mamma. Falado comigo. Eu compreenderia. Eu desejaria ouvi-la. Para sua surpresa, descobriu que tinha os olhos marejados de lágrimas. Lágrimas que agora deslizavam por suas faces, produzindo uma sensação estranha e não familiar, como se aquilo estivesse acontecendo a outra pessoa, não a ela. Não obstante, chorava por sua mãe. Eu queria que você estivesse aqui. Agora, queria falar com você. Eu preciso de você...

Talvez fosse bom chorar. Não havia chorado por mamma quando ela morrera, mas chorava agora. Reservadamente, sem ninguém para zombar de sua fraqueza, permitiu que as lágrimas continuassem caindo à vontade. A severa e intimidante Srta. Keeling. Editora-chefe da Venus, parecia nunca ter existido. Era novamente uma colegial, irrompendo pela porta daquele enorme aposento do porão, na casa da Rua Oakley, chamando "Mamma!” e sabendo que, de algum lugar, mamma responderia. E, enquanto ela chorava, a armadura que erigira em torno de si mesma — aquela rígida concha de autocontrole — se quebrava e desintegrava. Sem essa armadura, não conseguiria atravessar os primeiros dias de existência em um mundo onde mamma deixara de viver. Agora, liberada pelo pesar, voltava a ser humana e novamente ela própria.

Após um instante, mais ou menos recomposta, Olivia apanhou a última página da carta e a leu até o fim.

...e desejaria estar aí com você, convivendo com o riso e afazeres

domésticos daquele que passei a pensar como meu segundo lar. Foi tudo muito bom, em cada sentido da palavra. E, nesta vida nada que seja bom é realmente perdido. Fica fazendo parte de uma pessoa, torna-se parte de seu caráter. Assim, uma parte sua acompanha-me a todo canto. E uma parte minha é sua, para sempre. O meu amor, minha querida, Richard.

Richard. Ela pronunciou o nome em voz alta. Parte minha é sua, para sempre. Olivia dobrou a carta e tornou a colocá-la entre as páginas de Autumn Journal, juntamente com a fotografia. Fechou o livro e, recostando-se aos travesseiros, ficou espiando para o teto e pensando, agora que sabia tudo. Entretanto, sentia que faltava saber mais, que precisava, acima de tudo, ficar a par de cada detalhe mínimo do que tinha acontecido. Como eles se haviam conhecido; como ele entrara na vida de Penelope; como eles haviam ficado tão inevitável e profundamente apaixonados; como ele tinha sido morto.

Quem poderia contar-lhe? Apenas uma pessoa. Doris Penberth. Doris e mamma tinham passado juntas todo o período da guerra. Sem dúvida, não haveria segredos entre elas. Excitadamente, Olívia fez planos. Em alguma oportunidade... talvez em setembro, quando o movimento no escritório em geral se aquietava tiraria alguns dias de folga, tomaria o carro e partiria para a Cornualha. Primeiro, escreveria a Doris, sugerindo uma visita. Era quase certo que Doris a convidaria a ficar em sua casa. Então, Doris falaria, recordaria Penelope e, pouco a pouco, traria o nome de Richard à conversa. Eventualmente, Olivia ficaria sabendo de tudo. Tudo, no entanto, não se resumiria em conversas. Doris lhe mostraria Porthkerris e todos os lugares que possuíam tanto significado na vida de mamma, lugares que ela, Olivia, jamais conhecera. Doris a levaria para conhecer a casa onde mamma vivera um dia, visitariam a pequena Galeria de Arte que Lawrence Stern ajudara a fundar e, lá, tornaria a ver “Os catadores de conchas” mais uma vez. Olivia pensou nos quatorze esboços, executados por seu avô na virada do século, agora propriedade de Danus. Recordou Noel, no anoitecer do dia anterior, à hora da despedida. Por que ela os teria deixado para esse rapaz.? Será que ela o apreciava? Sentia pena dele? Queria ajudá-lo? Tem que haver algo mais do que isso. É possível. Entretanto, acho que jamais descobriremos. Sua suposição fora errada. Mamma deixara os esboços para Danus por vários motivos. Atazanando-a incessantemente, Noel a impelira para além dos limites da paciência, mas, em Danus ela encontrara uma pessoa que merecia ser ajudada. Enquanto estavam em Porthkerris, Penelope vira crescer e florescer o amor que ele sentia por Antonia, adivinhara que, no decorrer do tempo, Danus provavelmente casaria com a jovem. Os dois eram especiais para ela e estava ansiosa por proporcionar-lhes algum tipo de começo de vida. Entretanto, o motivo mais importante de todos, era que Danus a fazia recordar

Richard. Ela devia ter notado — da primeira vez em que pusera os olhos nele -a extraordinária semelhança física, e então sentira uma imediata e íntima proximidade com o rapaz. Talvez, através de Danus e Antonia, sua mãe sentisse que lhe estava sendo oferecida uma espécie de segunda chance de felicidade. ..uma identificação substitutiva com eles. Fosse o que fosse, os dois jovens tinham tornado imensamente felizes suas últimas semanas de vida e, por isto, ela procurara agradecer-lhes, à sua maneira geralmente espetacular. Olivia olhou para seu relógio. Quase meio-dia. Dentro em pouco, Danus e Antonia voltariam da igreja. Levantando-se da cama, ela foi fechar e aferrolhar a janela do quarto pela última vez. Ao passar diante do espelho, parou para inspecionar sua imagem e certificar-se de que o rosto não delataria qualquer sinal de lágrimas. Então, apanhando o livro com a carta e a fotografia presas entre as páginas, saiu do quarto e fechou a porta. No térreo, na cozinha deserta, ela pegou o pesado atiçador de ferro e o usou para erguer a tampa do boiler. Um calor de fornalha subiu com ímpeto, fazendo suas faces arderem. Olivia deixou que o segredo de mamma caísse bem no centro das vivas brasas vermelhas e ficou espiando, enquanto era queimado.

Foram apenas alguns segundos e, então, tudo desapareceu para sempre.

16. Srta. Keeling

Era meados de junho, o verão estava no apogeu. A cálida e prematura primavera havia mantido a promessa, de maneira que o país inteiro era assolado por uma onda de calor. Olivia deleitava-se com isto. Saboreava o calor e as ruas de Londres, tostadas ao sol; a visão de multidões de turistas, perambulando em trajes leves; os guarda-sóis listrados que eram instalados nas calçadas, diante dos pubs; os namorados que se deitavam abraçados à sombra das árvores do parque. Tudo conspirava para gerar a sensação de viver perpetuamente no estrangeiro e, enquanto outros feneciam, sua própria vitalidade intensificava-se. Ela era novamente a Srta. Keeling, exibindo seu maior dinamismo, com Venus reclamando sua inteira atenção. Olivia era grata à terapia do trabalho absorvente e satisfatório que, no momento, contribuía para deixar a família e tudo que acontecera fora de sua mente. Desde o funeral de Penelope, não tornara a ver Nancy ou Noel, embora houvesse falado com eles por telefone, de quando em quando. Colocado no mercado, Podmore's Thatch fora abocanhado quase imediatamente e por uma soma exorbitante, muito além dos mais arrebatados sonhos de Noel. Concluída a transação, e vendido em leilão o conteúdo da casa, Danus e Antonia haviam partido. Danus comprara o antigo Volvo de mamma e os dois haviam colocado dentro do carro seus poucos pertences, em seguida tomando a direção do West Country[{17}], em busca de algum local onde pudessem estabelecer um pequeno horto de sua propriedade. Tinham-se despedido de Olivia por telefone, mas isto fora um mês atrás e, desde então, ela não tivera notícias deles.

Agora, era a manhã de uma terça-feira e ela estava sentada atrás de sua mesa de trabalho. Uma nova e jovem editora de modas se juntara à equipe, e Olivia lia as provas de seu primeiro trabalho. Seu melhor acessório é você. Isso era muito bom. Imediatamente intrigante. Esqueça echarpes, brancos, chapéus. Concentre-se nos olhos, na pele luminosa, no brilho de uma saúde radiosa...

O interfone zumbiu. Sem erguer os olhos, Olivia pressionou o botão.

— Sim?

— Srta. Keeling — disse sua secretária — há uma ligação de fora para a senhorita. Antonia está na linha. Quer falar com ela?

Antonia! Olivia hesitou, procurando assimilar aquilo. Antonia se fora de sua vida, confinada em algum lugar no West Country. Por que telefonaria agora, inesperadamente? Sobre que pretenderia falar? Olivia ressentiu-se da

interrupção. Afinal, que hora para telefonar! Suspirando, tirou os óculos e recostou-se na cadeira.

— Está bem, complete a ligação.

Enquanto falava, estendeu a mão para o telefone.

— Olivia? –perguntou a voz juvenil, familiar.

— Onde está você?

— Aqui, em Londres. Sei que você é terrivelmente ocupada Olivia, mas poderia dar um jeito de almoçarmos juntas?

— Hoje? — Olivia não pôde disfarçar o desalento em sua voz. Aquele era precisamente um dia congestionado de compromissos e tinha planejado uma hora de almoço no trabalho, com um sanduíche em sua mesa. — É um tanto em cima da hora, não?

— Eu sei e sinto muito, mas é realmente importante! Por favor, diga que virá, caso lhe seja possível!

A voz de Antonia retinia de urgência. O que, afinal, tinha acontecido agora? Relutante, Olivia verificou sua agenda para o dia.

Um encontro com o diretor às onze e meia e, às duas, uma reunião com o gerente de publicidade. Fez alguns cálculos rápidos. O diretor provavelmente não reclamaria mais de uma hora de seu tempo, mas isso não permitiria...

— Oh, Olivia, por favor!

Ela acabou cedendo, ainda com relutância.

— Está bem, mas terá que ser um almoço razoavelmente rápido. Preciso estar de volta ao escritório às duas da tarde.

— Você é um amor!

— Onde nos encontraremos?

— A escolha é sua.

— Pois bem, no L’Escargot.

— Reservarei uma mesa.

— Não, eu cuido disso. — Olivia não tinha a menor intenção de se sentar a alguma mesa indistinta, perto da porta da cozinha.

— Pedirei a minha secretária que faça a reserva. Uma da tarde e, por favor, não se atrase!

— Não me atrasarei...

— Ouça, Antonia, onde está Danus?

Antonia entretanto, já havia desligado.

O táxi abriu sua lenta caminhada sacolejando através do trânsito do meio-dia e das congestionadas ruas em pleno verão. Olívia seguia naquele táxi, vagamente apreensiva. No telefone, a voz de Antonia traía certa agitação, era difícil prever que acolhida teria, chegando ao restaurante. Imaginou o encontro

de ambas. Viu-se entrando e Antonia à sua espera. Ela estaria com os costumeiros jeans surrados e a blusa de algodão, parecendo inteiramente deslocada naquele luxuoso ponto de reunião de homens de negócios de alta representação. É realmente importante. O que poderia ser tão importante para reclamar-lhe uma hora de seu precioso dia, sem querer aceitar uma negativa como resposta? Era difícil acreditar que alguma coisa talvez tivesse dado errado para Antonia e Danus, mas sempre era melhor estar preparada para o pior. Teriam surgido eventualidades. Eles não haviam conseguido descobrir um lugar adequado para sua plantação de repolhos e, agora, Antonia queria discutir um plano alternativo. Os dois tinham encontrado o terreno, porém não gostavam da casa vendida com ele e queriam que Olivia viajasse a Devon, visse o imóvel e desse sua opinião. Antonia estava grávida. Ou então, talvez houvessem percebido que pouco tinham em comum e, sem um futuro a partilhar, tinham decidido separar-se. Desanimada com tal perspectiva. Olivia rezou para que não fosse este o caso.

O táxi parou à frente do restaurante. Ela desceu, pagou a corrida, cruzou a calçada e depois a entrada. O interior, como sempre, estava apinhado e quente, fervilhando de atividade. Também como sempre, exalava cheiros de deixar água na boca, de café fresco e charutos caros. Os prósperos homens de negócios estavam lá, contornando o bar. Lá igualmente, ocupando uma pequena mesa, estava Antonia. Entretanto, não se encontrava sozinha, pois tinha Danus ao lado. Olivia não os reconheceu, porque não usavam seus trajes costumeiros, casuais e confortáveis. Para aquela ocasião, tinham caprichado na indumentária. O brilhante cabelo de Antonia fora recolhido atrás da cabeça, ela usava os brincos da Tia Ethel e um delicioso vestido azul de Wedgwood, salpicado de enormes flores brancas. Quanto a Danus. estava elegante e arrumado como um cavalo de corrida, em um terno cinza-escuro de tão bom caimento, que encheria de inveja o coração de Noel, os dois tinham uma aparência sensacional: jovens, ricos e felizes. Eram belos.

Eles viram Olivia imediatamente, levantaram-se e foram ao seu encontro.

— Oh, Olivia...

Apalermada. Olivia procurou compor-se. Beijou Antonia e se virou para Danus.

— Isto é algo inesperado. Não sei por que, mas pensei que você não estaria aqui...

Antonia riu.

— Justamente o que eu queria que pensasse. Tinha que ser uma surpresa!

— Uma surpresa?

— Este é o nosso almoço de casamento! Por isso era tão importante que

você viesse. Nós nos casamos esta manhã!

Danus oferecia o almoço. Pedira champanha, e a garrafa descansava em um balde de gelo, ao lado da mesa. Afoita pela comemoração, por aquela vez Olivia infringiu sua norma de não beber à hora do almoço e foi ela quem ergueu a taça. brindando à felicidade do casal.

Conversaram. Muito havia para ser dito e ouvido.

— Quando foi que chegaram a Londres?

— Ontem de manhã — disse Antonia. — Passamos a noite no Mayfair, que é quase tão pomposo como The Sands. Quando voltarmos lá hoje à tarde, será para entrar no carro, viajar para Edimburgo e passarmos uns dois dias com os pais de Danus.

— E quanto aos esboços? — perguntou Olivia a Danus.

— Passamos a tarde de ontem com o Sr. Brookner, da Boothby's. De fato, foi a primeira vez que os vimos.

— Pretende vendê-los?

— Sim. Serão despachados no mês que vem para Nova York e leiloados lá, em começos de agosto. Irão treze esboços, pelo menos. Vamos ficar com um. O jardim do terrazzo. Achamos que devíamos ficar com um para nós.

— Sem dúvida. E sobre o horto? Tiveram alguma sorte?

Eles lhe contaram. Após muita procura, tinham encontrado em Devon o que buscavam. Três acres de terra, outrora a horta murada de uma grande casa antiga. A propriedade incluía um pequeno jardim e estufas envidraçadas, de bom tamanho e em razoável estado de conservação. Danus fizera uma oferta, que tinha sido aceita.

— Oh, mas isto é muito bom! E onde ficarão morando?

— Oh, também havia um chalé, não muito grande e bastante arruinado. Entretanto, devido ao seu mau estado, bem, isso baixou o preço e pudemos comprá-lo.

— O que estão usando como dinheiro, enquanto os esboços não forem vendidos?

— Conseguimos no banco um empréstimo para preencher a lacuna. Aliás, para poupar dinheiro, nós mesmos tentaremos restaurar o chalé, até onde nos for possível.

— E, nesse meio tempo, onde ficarão morando?

— Alugamos um trailer! — exclamou Antonia, mal contendo a excitação. — E Danus comprou um arado, vamos plantar uma boa lavoura de batatas, apenas para limpar o solo. Depois disso é que poderemos realmente começar. Eu vou criar galinhas e patos, vender os ovos...

— A que distância ficam da civilização?

— A apenas cinco quilômetros do mercado de uma cidadezinha... que é onde venderemos nossos produtos. Também teremos plantas e flores. A estufa ficará apinhada de flores prematuras. E também plantas em vasos, e... Oh, Olivia, mal posso esperar para mostrar tudo a você! Quando a casa ficar pronta, você irá ficar alguns dias conosco?

Olivia considerou o convite. Já havia bebido três taças do delicioso champanha e não tinha intenção de assumir compromissos precipitados, que mais tarde talvez lamentasse.

— Seu chalé terá aquecimento?

— Vamos instalar aquecimento central.

— E terá encanamento geral? Não terei que descer até a horta, sempre que tiver que ir ao banheiro?

— Tem a nossa palavra de que não precisará fazer isso!

— E haverá água quentíssima para o banho, a qualquer hora do dia?

— Fervendo!

— E vocês terão um quarto de hóspedes? Que eu não tenha de dividir com nenhum ser humano, gato, cachorro ou galinha?

— Terá um quarto só para você!

— E o quarto terá um guarda-roupa cheio, não com os bolorentos vestidos de noite de outra pessoa e casacos de pele comidos de traças, mas com vinte e quatro cabides, novos em folha?

— Todos eles acolchoados!

— Sendo assim — Olivia recostou-se na cadeira. — É melhor começarem a dar duro. Porque eu irei!

Mais tarde, na calçada, ficaram em pé ao calor do sol, esperando o táxi que conduziria Olivia de volta ao escritório.

— Foi muito bom estarmos juntos. Adeus, Antonia!

As duas abraçaram-se apertadamente e beijaram-se com grande afeição.

— Oh, Olivia... obrigada por tudo, mas, principalmente, obrigada por ter vindo hoje.

— Eu é que deveria agradecer por me terem convidado. Há anos não tenho uma surpresa tão agradável, nem tão delicioso almoço regado a bebida! Depois de tanto champanha, duvido muito que consiga agir com alguma sensatez, pelo resto da tarde...

O táxi parou junto deles. Olivia se virou para Danus.

— Adeus, meu caro rapaz. — Ele a beijou nas duas faces. Cuide bem de Antonia. E um mundo de sorte para os dois!

Danus abriu a porta do táxi para ela, Olivia entrou e ele bateu a porta.

— Vênus! — ordenou ela rapidamente ao motorista.

Quando o táxi se moveu, Olivia acenou furiosamente pela janela traseira. Antonia e Danus acenaram de volta. Antonia também jogou beijos e, então, os dois se viraram, começando a caminhar na direção oposta, distanciando-se de Olivia, de mãos dadas.

Ela se recostou no banco, com um suspiro de satisfação. Tudo terminara bem para Antonia e Danus. E mamma estivera certa em seu julgamento, porque eles eram o tipo de jovens que mereciam encorajamento e, caso necessário, também uma ajuda. Penelope fizera isso. Agora, o resto era por conta deles, com seu chalé arruinado, seu arado, galinhas e planos para o futuro, aliados ao seu maravilhoso, inabalável otimismo.

E quanto aos filhos de Penelope? Como conduziriam sua boa sorte e a parte da herança que lhes coubera? Nancy, decidiu ela, sem dúvida gastaria algo consigo mesma, de algum modo. Talvez comprasse um Range Rover, com o qual se tomaria a senhora absoluta entre as amigas íntimas, durante as corridas locais de point-to-point, porém não iria além disso. O restante seria investido integralmente no símbolo de status que era a mais dispendiosa educação em estabelecimentos particulares, para Melanie e Rupert. Só que, no final, ambos emergiriam mal-agradecidos e provavelmente sem qualquer aproveitamento.

Olivia pensou em Noel. Continuava trabalhando no mesmo emprego, mas assim que pudesse pôr as mãos em sua herança, ela podia imaginar, com bastante perspicácia, que seu irmão daria um chute na publicidade e maquinaria algum brilhante esquema no qual trabalhasse por conta própria. Corretagem de ações ou talvez algum altíssimo negócio imobiliário. O mais provável é que malbaratasse seu capital, para terminar casando com alguma rica, bem relacionada e horrorosa jovem, que o idolatraria e adoraria, embora ele lhe fosse consistentemente infiel. Olivia percebeu-se sorrindo. Noel era um rapaz impossível, mas afinal era seu irmão e, de todo coração, ela lhe desejava o melhor.

Restaria apenas ela, porém aqui não havia pontos de interrogação. Olivia saberia investir prudentemente o dinheiro de mamma, tendo em mente a velhice e a aposentadoria. Imaginou-se dali a vinte anos — sozinha e solteira, ainda morando na casinha de Ranfurly Road. Contudo, independente, até mesmo dispondo de mais do que o suficiente para viver. Capaz de permitir a si mesma os pequenos prazeres e luxos que sempre apreciara. Ir ao teatro e a concertos, receber amigos, passar férias no exterior. Como companhia, talvez tivesse um pequeno cão. Também iria a Devon, em visita a Danus e Antonia Muirfield. E quando eles viessem a Londres, trazendo consigo a penca de filhos que certamente teriam, iriam vê-la e ela levaria aquelas crianças a seus museus e galerias prediletos, ao balé e à pantomima no Natal. Seria como uma tia amável. Não, não uma tia, mas uma avó amável. Seria como ter netos. Então, ocorreu-lhe

que esses netos seriam também os netos de Cosmo. O que era estranho. Algo como ver um emaranhado de fios soltos se desenredarem para compor um cordão entrançado que se estendia para a frente, em direção ao futuro.

O táxi parou. Espiando para fora, ela viu com certa surpresa que já tinham chegado, estavam diante do imponente prédio que abrigava os escritórios de Venus. A pedra cremosa e os vidros laminados refletindo a luz do sol. com os pavimentos mais altos verrumando o céu muito azul.

Ela desceu e pagou a corrida.

— Fique com o troco.

— Oh! Muito obrigado, meu bem!

Ela subiu os amplos degraus brancos que levavam à sólida entrada e, ao fazê-lo, o porteiro uniformizado adiantou-se, a fim de manter a porta aberta.

— Está um lindo dia. Srta. Keeling!

Olivia fez uma pausa e ofereceu-lhe um sorriso, cuja radiosidade ele jamais vira antes.

— Sim — disse ela. — Está um dia particularmente lindo!

Olivia cruzou a porta. Para o seu reino, o seu mundo.

Fim

Impresso no Brasil por Sistema Cameron de Divisão Gráfica da DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Doc* feita por autor desconhecido ao grupo **Papilorantes**.

Junho de 2014
LeYtor

{1} Na Inglaterra, escola secundária particular (geralmente internato) mantida por doações e preparando alunos para o curso universitário ou para serviço público.
{2} Tropas que, na Inglaterra, são incumbidas de proteger a soberania.
{3} Thatch = telhado (de folhas, colmo. caniços etc.), tendo também o significado coloquial de cabeleira, bastos cabelos. Assim, o nome da casa poderia ser entendido como "Telhado do Podmore" ou "Cabeleira do Podmore".
{4} Corrida de homens a cavalo. através do campo e de um ponto a outro, estes reconhecidos apenas por determinados pontos de referência.
{5} Na Inglaterra, reunião de cavaleiros e cães de caça em um local determinado. em preparação para a caça à raposa.
{6} Operário que coloca cobertura de colmo em telhados.
{7} Mulher que faz parte do Women's Royal Naval Service.
{8} Obscurecimento de luzes, defesa antiaérea em tempo de guerra.
{9} Bandeira distintiva da Marinha Real Britânica, desde 1864.
{10} English Charmel, para os ingleses. Para nós, Canal da Mancha.
{11} Dialeto de um bairro londrino.
{12} Dignitário da Igreja. Alusão a The Kirk (of Scotland), Igreja Nacional da Escócia.
{13} Centro comercial e financeiro de Londres.
{14} Artefato antigamente usado na Índia, consistindo de um grande pedaço de tecido sobre uma estrutura, mantido em movimento por meio de uma corda e uma polia, com a finalidade de movimentar o ar, de maneira como faria um ventilador.
{15} Balas embrulhadas em papel vivamente colorido, que explodem inofensivamente, quando as pontas são puxadas.
{16} Música e dança rural.
{17} Oeste do país. Parte da Inglaterra que fica a oeste de urna linha partindo da ilha de Wight e chegando à foz do rio Severo.